



**UFRRJ** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM  
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**SINFONIA INACABADA:  
SEGREDO, IMAGINAÇÃO  
E A COMUNIDADE DE VIDA CANÇÃO NOVA**

**ELIANE MARTINS DE OLIVEIRA**

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor em Ciências**, no Curso de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

Dezembro  
2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM**  
**DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**ELIANE MARTINS DE OLIVEIRA**

Dissertação/Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor em Ciências**, no Curso de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

TESE APROVADA EM ...../...../.....

---

Dr. John Cunha Comerford, CPDA / UFRRJ  
(Orientador)

---

Dr. Emerson Alessandro Giumbelli, IFCS / UFRJ

---

Dr. Luiz Fernando Dias Duarte, Museu Nacional / UFRJ

---

Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima, UFJF

---

Dra. Renata de Castro Menezes, Museu Nacional / UFRJ

Dedico esta tese aos meus pais Edmilson e Maria José

## **Agradecimentos**

Pai, Mãe, Rosane, Alan, John, Lúcia, Rinaldo, Maurício, Valter, Ricardo, Silvana, Rejane, Letícia, Verônica: agradeço por me ajudarem a refletir sobre a Canção Nova enquanto ia vivendo as experiências de pesquisa.

Pai e Mãe, agradeço pelo carinho sempre manifestos durante todo o percurso pelo doutorado. Pelo incentivo e pela leitura da tese. Obrigada pelo seu colo.

Rosane, obrigada pelo carinho, pela amizade, pela escuta e pelo acolhimento em sua casa durante a escrita da tese.

Alan, agradeço por ter estado sempre ao meu lado, compartilhando idéias e emoções diversas acontecidas no período de doutorado, e também pela paciência e compreensão nos meus momentos de silêncio e distância durante a escrita da tese. Obrigada pela sua presença amorosa e saborosa com gosto de chocolate e notas musicais.

John, obrigada pelo rico debate que travamos durante o percurso pelo doutorado. Os frutos de pesquisa refletidos nesta tese se devem ao muito que aprendi com você sobre fazer e pensar antropologia. Obrigada pela sua amizade.

Lúcia, o seu trabalho comigo me conduziu a reflexões e atitudes importantes durante a pesquisa e a escrita desta tese. Obrigada pela sua amizade.

Rinaldo e Maurício, obrigada pelos bons momentos de conversa ao pé da mangueira da casa azul.

Silvana, reintero meus agradecimentos pelo incentivo e pelo debate de idéias, travados no CPDA/UFRRJ, desde que ingressei. Suas aulas de construção de textos foram grandemente responsáveis por desejar saborear a escrita na sociologia e na antropologia. Obrigada pela sua amizade.

Valter, Letícia, Ricardo, Rejane, Verônica, agradeço pela parceria e pela cumplicidade. Obrigada pela amizade e pela discussão de idéias que tivemos virtualmente, pessoalmente ou em grupo.

Agradeço a todos os informantes: membros da Comunidade de Vida Canção Nova, vocacionados, ex-vocacionados, ex-comunitários, moradores da cidade de Cachoeira Paulista, membros de outras Novas Comunidades Carismáticas, pelo relato de experiências e pela relação que estabelecemos.

Ao CNPq, agradeço pelo fornecimento de bolsa de estudo no período de março de 2004 a março de 2008, fundamental para a minha dedicação exclusiva ao curso de doutorado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade do CPDA/UFRRJ e para efetivação deste trabalho.

## RESUMO

Esta tese é uma etnografia sobre a Comunidade de Vida Canção Nova: agrupamento formado por católicos carismáticos, compreendendo homens, mulheres, solteiros, casados, celibatários e sacerdotes, que se dizem “chamados” por Deus a abandonarem seus planos pessoais (emprego, estudo, relacionamentos afetivos, família, propriedades) e a compartilharem o cotidiano em habitação comum, com o propósito de viverem a “vida no Espírito”. “Viver no Espírito” significa abandonar-se à ação direta de Deus na condução da vida comunitária diária (misticismo) e dedicar-se exclusivamente à missão evangélica para salvação do mundo, cumprida pela difusão dos preceitos católico-doutrinários nos meios de comunicação próprios e em megaeventos organizados para fiéis não-comunitários (ascetismo).

Segundo os membros dessa comunidade, “Canção Nova” é um dom especialmente criado por Deus para se materializar no mundo dos homens em forma de pessoas, de caráter, de espaço, de arquitetura, de mídia, de comunidade, de missão, de instituição, com a finalidade de “formar homens novos para um mundo novo”, em virtude do final dos tempos e da iminência da segunda vinda de Jesus ao mundo. Entretanto, crê-se que o dom Canção Nova, que está oculto no coração de Deus, somente é descoberto progressivamente pelos membros da Comunidade Canção Nova. Esse movimento de revelação e descoberta do dom Canção Nova constrói uma espécie de “história sagrada” ou “cosmologia” da Canção Nova, de fluxo aberto e incessante.

A etnografia narra duas histórias. A primeira história reconstitui as histórias “nativas” que compõem a “história da Comunidade Canção Nova”, da sua gênese até os dias de hoje. A segunda história expõe as histórias que vivi com os membros da Comunidade de Vida Canção Nova e com um conjunto de diferentes atores sociais indiretamente relacionados a ela. As duas histórias são narradas intercaladamente. A permanente interrupção de uma história para o recomeço de outra pretende simular, na escrita etnográfica, a dinâmica de ambivalência entre a promessa e a falta, a presença e a ausência, a revelação e o segredo, o dito e o não-dito contidos na cosmovisão e na prática religiosa-comunitária da Canção Nova.

## RESUME

This thesis is an ethnography about the Comunidade de Vida Canção Nova: a group that gathers charismatic Catholics, including men, women, singles, marrieds, celibacies and priests who believe to be called by God to leave their personal plans (jobs, studies, relationships, family, properties) and to share their daily life in a common habitation, with the purpose of living “the life in Spirit”. “To live in Spirit” means to let yourself be leaded by the direct action of God concerning the conduction of the daily communitarian life (mysticism) and the exclusive dedication to the evangelic mission of saving the world, what can be reached through the diffusion of the catholic and doctrinarian precepts trough their own means of communication and in huge events organized to non-communitarian members (asceticism).

According to the members of this community, “Canção Nova” (New Song) is a special gift created by God, it is something to be materialized, in the world of men, in the form of people, of character, of space, of architecture, of media, of community, of mission, of institution, with the purpose of “making new men for a new world” as the end of times and the imminence of Jesus’ second come to the world is about to come. It is believed, however, that the gift Canção Nova, hidden into God’s heart, is only progressively uncovered by the members of the Canção Nova community. This movement of revelation and discoveries of the Canção Nova gift builds a kind of “holy history” or “cosmology” of the Canção Nova, characterized by an opened and non-stop flux.

The ethnography narrates two stories. The first reconstitutes the native stories that structure the “History of the Canção Nova community”, from its genesis to the present days. The second story shows the stories that I lived with the members of the Canção Nova community and with a group of different social actors indirectly connected to it. The two stories are narrated in an alternated way. The permanent interruption of one story by the restart of another intends to simulate, through the ethnographic written, the ambivalent dynamic between promise and lack, presence and absence, revelation and secret, what is said and what is not said, all of them being included into the religious and communitarian practice as well as into the cosmovision of the Canção Nova.

## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>01</b>
---------------------------	-----------

<b>história 1</b>
-------------------

<b>Gêneses .....</b>	<b>9</b>
- “O início dramático da Renovação Carismática Católica” .....	10
<b>Gêneses (continuação).....</b>	<b>14</b>
<b>A descoberta do dom “Canção Nova” pelos Canção Nova.....</b>	<b>29</b>
<b>O dom “Canção Nova” feito comunidade e missão.....</b>	<b>36</b>
- Comunidade de Vida e Comunidade de Aliança.....	38
<b>O dom Canção Nova no coração do fundador.....</b>	<b>48</b>
<b>O dom Canção Nova surge do “interior” .....</b>	<b>61</b>
- “Caminho” .....	62
<b>Formar Homens Novos para um Mundo Novo.....</b>	<b>87</b>
- Pelos meios de comunicação social.....	90
<b>Escola de Santidade, Faculdade de Jesus, Pedagogia de Deus: Os princípios e regras de vida Canção Nova.....</b>	<b>103</b>

<b>Partilha, Transparência e Vida Fraterna.....</b>	135
- Reconciliar com os irmãos para receber de Deus.....	137
<b>Partilha, Transparência e Vida Fraterna.....</b>	168
- Não é “república”.....	169
<b>Autoridade e Submissão.....</b>	184
<b>Trabalho santificado.....</b>	200
- Deus é meu patrão.....	203
<b>A Providência Divina.....</b>	209
- O “caixinha”.....	212
- O Estatuto da Canção Nova dispõe sobre a posse de bens.....	213
<b>A Providência Divina (continuação).....</b>	220
- Sorvete.....	222
- Fundação João Paulo II.....	223
- Sabonete, papel higiênico e café.....	223
- Um vestido da cor dos olhos.....	224
<b>A eficácia sobrenatural da Canção Nova.....</b>	236
- Marina segue o Espírito.....	237
- O sobrenatural governa o Sistema Canção Nova de Comunicação.....	240
<b>A sadia convivência entre homens e mulheres.....</b>	256
- Estados de Vida.....	260
- A saída de Laura.....	262
- “Namoro à moda antiga”.....	262

- Marina e Otávio.....	263
- Enquanto faz caminho, não se namora.....	264
- Deus dá o frio conforme o cobertor.....	265
<b>Preparando homens novos para a segunda vinda de Jesus.....</b>	<b>273</b>
<b>Final dos tempos não é final do mundo.....</b>	<b>280</b>
<b>O tempo do Espírito Santo.....</b>	<b>288</b>
<b>O tempo da enganação: O movimento Nova Era e a Nova Ordem Mundial.....</b>	<b>293</b>
<b>O tempo da misericórdia de Deus.....</b>	<b>307</b>
<b>Canção Nova em 2006 – dados gerais e imagens.....</b>	<b>368</b>

<b>história 2</b>
-------------------

<b>Tem anjos voando neste lugar.....</b>	<b>19</b>
<b>Jesus Cristo pendido na Cruz.....</b>	<b>23</b>
<b>Por um estudo sobre a Canção Nova.....</b>	<b>32</b>
- Como nascem os anjos.....	35
<b>Por um estudo sobre a Canção Nova (continuação).....</b>	<b>39</b>
- Atentados a padre Jonas Abib e à Canção Nova contado por Alfredo.....	48
<b>Por um estudo sobre a Canção Nova (continuação).....</b>	<b>52</b>
<b>Conjecturas sobre o romantismo da Canção Nova.....</b>	<b>67</b>

- O Romantismo Alemão: notas.....	67
<b>A religiosidade do self.....</b>	<b>73</b>
- O individualismo humanista e o individualismo subjetivista: notas.....	75
<b>Comunidade como comunhão de objetivos.....</b>	<b>77</b>
<b>Por um novo estudo sobre a Canção Nova: O projeto de doutorado.....</b>	<b>96</b>
<b>Primeira ida à Canção Nova depois das pesquisas para o mestrado.....</b>	<b>106</b>
- O Novo Rincão e o Hosana Brasil.....	106
<b>Segunda ida à Canção Nova depois das pesquisas para o mestrado.....</b>	<b>110</b>
<b>A angustiante aproximação-não-aproximativa.....</b>	<b>138</b>
<b>Paulo.....</b>	<b>151</b>
<b>A angustiante aproximação-não-aproximativa.....</b>	<b>170</b>
- Notas sobre o duplo-vínculo.....	180
<b>A angustiante aproximação-não-aproximativa.....</b>	<b>192</b>
<b>Sinais de cansaço.....</b>	<b>195</b>
<b>“Entrar para dentro”.....</b>	<b>195</b>
<b>Encontros e desencontros com a “Comunidade de Vida”.....</b>	<b>204</b>
<b>As entrevistas.....</b>	<b>214</b>
- Francisco : “Você pensa que é uma pesquisadora”.....	216

<b>As entrevistas (continuação)</b> .....	225
- Sérgio: “Eu garanto que, até o final da sua pesquisa, você experimentará Deus”.....	233
<b>As entrevistas (continuação)</b> .....	241
- As vozes de Jesus e Nossa Senhora nos ouvidos de Gabriela.....	252
- “Tinha o meu anjo da guarda e tinha Nossa Senhora a meu lado”.....	255
<b>As entrevistas (continuação)</b> .....	266
<b>O acaso não existe</b> .....	269
- Deus protege a sadia convivência pela falta do café.....	271
<b>As entrevistas (continuação)</b> .....	273
<b>Mais pesquisas? Notas sobre o exame de qualificação de tese</b> .....	283
<b>Em busca de outros caminhos de pesquisa</b> .....	290
<b>Beth</b> .....	299
<b>Orkut</b> .....	308
<b>12ª Congresso Mundial das Novas Comunidades Carismáticas</b> .....	337
- Canção Nova, Novas Comunidades e reconhecimento canônico.....	338
<b>12ª Congresso Mundial das Novas Comunidades Carismáticas (cont)</b> .....	339
<b>Primeiro dia</b> .....	341
- No cabeleireiro.....	344

<b>Segundo dia : Manhã.....</b>	<b>355</b>
- Santo Agostinho.....	359
- Tempo cíclico, tempo mítico.....	360
- São Tomás de Aquino.....	361
- Canção Nova, o tempo e o final dos tempos.....	361
<b>Segundo dia: tarde.....</b>	<b>362</b>
<b>Terceiro dia: manhã.....</b>	<b>366</b>
<b>Entre a volta do Congresso e o retorno derradeiro.....</b>	<b>376</b>
<b>O retorno derradeiro.....</b>	<b>379</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>389</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>408</b>

## Apresentação

A Comunidade de Vida Canção Nova é identificada como a primeira das Novas Comunidades Carismáticas no Brasil. Trata-se de comunidades que reivindicam o vínculo de fé e de adesão à Igreja Católica, comprometendo-se particularmente com o catolicismo carismático. Reúnem sacerdotes ou religiosos celibatários, leigos, homens e mulheres jovens, que ou são casados (portanto, seguindo normas de castidade, baseadas na doutrina católica, podiam ter relações sexuais e procriar) ou solteiros até quando decidem, obrigatória e definitivamente, pelo casamento ou pelo celibato. Eles residem juntos em comunidade. Fazem assim não simplesmente por valorizarem e quererem resgatar um ideal de vida comunitária em si mesma, mas porque se dizem predestinados por Deus a viverem a “vida no Espírito”. “Viver no Espírito” significa abandonar-se à ação direta do Espírito de Deus na condução da vida diária, manifesta por fenômenos “espirituais” (mística)<sup>1</sup>, e dedicar-se exclusivamente à missão evangélica para salvação do mundo (ascetismo).

A Canção Nova foi fundada em 1978 é coordenada pelo padre Jonas Abib, sacerdote salesiano que teve sua iniciação da experiência no Espírito Santo<sup>2</sup> em 1972, quando participava de retiro ministrado pelo padre Haroldo Rahm, um dos expoentes

---

<sup>1</sup> É pertinente lembrarmos que, na qualidade de tipo “puro”, o misticismo foi conceituado por Weber (1982) em contraposição ao ascetismo. Indicando-os como orientações opostas de condutas renunciadoras do mundo, enquanto o místico procuraria minimizar sua ação no mundo, o asceta seria avaliado através de sua ação no mundo. Não obstante, segundo o autor, em ambos os casos, seria possível relativizar tal contraste quando o místico resolvesse viver o misticismo em meio às ordens do mundo e o asceta procurasse superar a condição maligna da criatura “na própria natureza do agente” (Weber, 1982:374), concentrando-se sobre as realizações redentoras prescritas por Deus, precisando, para isso, renunciar as ordens do mundo. O místico seria como o receptáculo do divino, baseando sua experiência religiosa na contemplação, e o asceta considerar-se-ia como um instrumento de Deus, assumindo uma atitude de controle de seus impulsos naturais e desejando controlar o mundo (ascetismo intramundano) para servir a Deus. Tanto o ascetismo quanto o misticismo poderiam ter conotação de intramundano (no mundo) ou extramundanos (fora-do-mundo).

<sup>2</sup> Experiência no Espírito ou “Batismo no Espírito Santo” refere-se ao fenômeno de “possessão” do Espírito Santo, o qual vem até à pessoa que o evocou, manifestando-se através da distribuição dos dons carismáticos já explicados anteriormente.

introdutores da Renovação Carismática Católica (RCC) no país (Abib, 2000). A sede da Comunidade Canção Nova está localizada na cidade interiorana de Cachoeira Paulista, São Paulo, e é cingida pelas montanhas da Serra da Mantiqueira e da Serra da Bocaina, no Vale do Paraíba. Inaugurada com 12 pessoas, os últimos dados somaram cerca de 300 membros em sua casa-sede e um total de mais de 600 membros, se contabilizados os participantes distribuídos nas 30 (trinta) casas-filiais de missão, dispostas em todo o território nacional e, também, em países como Itália, França, Portugal, EUA e Israel. A Canção Nova aponta como sua principal missão a evangelização de jovens, mediante a utilização dos meios de comunicação social e mediante grandes retiros temáticos, promovidos em fins-de-semana, chamados Acampamentos de Oração. Ela possui uma emissora de Rádio própria (Rádio Canção Nova); uma emissora de TV (TV Canção Nova) com programação 24 horas e retransmissoras em todo o país, podendo também ser sintonizada na Europa Ocidental, África do Norte e Oriente Médio, através do sistema de satélites e TVs a cabo; e um site na Internet ([www.cancaonova.com](http://www.cancaonova.com)) (Oliveira, 2003).

Há alguns anos, venho estudando sistematicamente a Comunidade Canção Nova. Na oportunidade do mestrado, desejando dialogar com os estudos que refletem sobre os sinais de novas configurações no catolicismo mundial, interessei-me em analisar as tendências de enraizamento (institucionalização, dogmatização) e desenraizamento (desinstitucionalização, experiência subjetiva) religioso na versão da Renovação Carismática Católica representada por essa comunidade. A pesquisa realizada observou a experimentação religiosa da proposta de “viver no Espírito”, ritualizada por carismáticos em geral e membros comunitários da Canção Nova nos Acampamentos de Oração. As análises sobre a “vida no Espírito” suscitaram a identificação de pontos

semelhantes e dessemelhantes entre certas concepções e práticas religiosas do catolicismo carismático atuado pela Canção Nova e do chamado movimento Nova Era.

Em prosseguimento àqueles estudos, para o doutorado propus-me a pesquisa da Comunidade de Vida Canção Nova propriamente dita. Interessava-me agora compreender a cosmovisão religiosa da Canção Nova a partir das suas relações comunitárias. Por isso, minha idéia era conhecer as experiências dos sujeitos no convívio comunitário, além de colher depoimentos e histórias de vida dos membros consagrados àquele agrupamento.

Entretanto, a ambivalência entre ocultação e revelação-ocultação sentidas nas tentativas de contato pessoal com os membros da Comunidade de Vida Canção Nova durante as pesquisas de campo levou-me a pensar sobre a importância do segredo (Simmel, 1999) e da imaginação (Crapanzano, 2005) para a construção social da Canção Nova. Observei que “segredo” e “imaginação” eram elementos que também estavam presentes na história do dom Canção Nova, contada pelos membros da Comunidade de Vida Canção Nova em entrevistas e narrada em livros escritos pelo seu fundador. Segundo eles, “Canção Nova” é um dom criado e terminado “espiritualmente” por Deus para se materializar no mundo dos homens em forma de pessoas, de caráter, de espaço, de arquitetura, de mídia, de comunidade, de missão, de instituição, com a finalidade de “formar homens novos para um mundo novo”, em virtude do final dos tempos e da iminência da segunda vinda de Jesus à Terra. Entretanto, o dom Canção Nova ainda não se manifestou totalmente na realidade dos homens porque ele está oculto no coração de Deus. Os portadores do dom Canção Nova não sabem tudo o que ele é. Eles vão descobrindo conforme Deus vai revelando a seu respeito. O segredo de Deus sobre o destino do dom Canção Nova, para o qual a Comunidade de Vida Canção Nova foi

criada, provoca horizontes imaginativos que coloca os Canção Nova a caminho, para frente e para trás: para frente, em direção à realização plena do dom Canção Nova, que acontecerá quando Jesus estabelecer o Reino de Deus entre os homens; e para trás, porque para caminhar para frente em direção da realização do seu dom, é preciso permanentemente descobrir o que ele já é nos planos de Deus.

Esta etnografia são duas histórias.

A primeira história é uma reconstituição das histórias que compõem a “história da Comunidade Canção Nova”, da sua gênese até os dias de hoje. São contadas em livros por padre Jonas Abib<sup>3</sup> – seu fundador – e foram repetidas em entrevistas<sup>4</sup> que realizei com membros da Comunidade de Vida Canção Nova durante o trabalho de campo para elaboração desta tese, no período de abril de 2005 a janeiro de 2007. Os livros a partir dos quais recomponho a história da Canção Nova são “Canção Nova, uma obra de Deus: Nossa história, identidade e missão” (Abib, 2000), “Nossos Documentos” (Comunidade Canção Nova 2002), “Nossos Estatutos” (Comunidade Canção Nova, sd), “Céus Novos e uma Terra Nova” (Abib, 2003), “Considerai como crescem os lírios” (Abib, 2000b). Dos cinco livros, o “Nossos Documentos” e “Nossos Estatutos” não são publicados e sua leitura é restrita aos membros consagrados da Comunidade de Vida Canção Nova. O “Nossos Documentos” trata-se de um livro escrito por padre Jonas Abib durante os anos 80 e início dos 90, baseado em inspirações “espirituais” de Deus que instrui orientações para a Comunidade de Vida. Padre Jonas Abib é considerado pelos membros da Canção Nova como um profeta. A ele é designada a missão de

---

<sup>3</sup> Em dezembro de 2007, padre Jonas Abib recebeu do Papa Bento XVI o título eclesiástico de Monsenhor.

<sup>4</sup> Nesta tese, mantenho os nomes próprios de pessoas da Comunidade de Vida Canção Nova que não entrevistei ou com quem não me relacionei, e troco, por pseudônimos, os nomes próprios de todos aqueles que entrevistei e me relacionei, inclusive os nomes dos informantes que não são membros da Comunidade de Vida Canção Nova.

traduzir para sua comunidade aquilo que Deus o inspira. O “Nossos Estatutos” são como um código de leis que organiza e estrutura o funcionamento da Comunidade Canção Nova. Ao “Nossos Documentos” e ao “Nossos Estatutos” tive acesso somente nos últimos meses do trabalho de campo. Naquela oportunidade, soube que esses documentos estavam passando por uma reformulação em seus termos que, se não afetaria o texto em sua maioria, os adequaria a determinados requisitos do Direito Canônico. A Canção Nova preparava o requerimento ao Conselho Pontifício para Leigos, da Santa Sé, para o seu reconhecimento como uma Comunidade Católica de Leigos<sup>5</sup>. O livro “Canção Nova: uma obra de Deus” (Abib, 2000) pode ser entendido como uma versão abreviada do “Nossos Documentos” (Abib, 2002). Os livros “Céus novos e uma Terra nova” (2003) e “Considerai como crescem os lírios” (2000b) apóiam a história da Canção Nova, pois tratam especificamente de dois assuntos nela presentes: o final dos tempos e a Providência Divina.

A segunda história exporá as histórias que vivi - da primeira visita que fiz à Canção Nova em 1995, passando pelo período do mestrado e seguindo pelos anos do doutorado - com os membros da Comunidade de Vida Canção Nova e com um conjunto de diferentes atores sociais indiretamente relacionados a ela ou ligados ao contexto acadêmico da pesquisa sobre ela: vocacionados<sup>6</sup> e ex-vocacionados; pré-discípulos<sup>7</sup>, discípulos<sup>8</sup> e membros consagrados<sup>9</sup> da Comunidade de Vida Canção Nova; ex-

---

<sup>5</sup> Em 03 de novembro de 2008, a Comunidade de Vida Canção Nova recebeu o reconhecimento pontifício como Associação Privada de Leigos.

<sup>6</sup> Jovens candidatos que fazem “caminho vocacional” para a Comunidade de Vida Canção Nova. Após serem escolhidos, passam à pré-discípulos. Para saber mais, ver história 1, seção “A descoberta do dom Canção Nova pelos Canção Nova”.

<sup>7</sup> Jovens que já foram escolhidos para ingressarem na Comunidade de Vida, mas ainda não são considerados membros. Para saber mais, ver história 1, seção “A descoberta do dom Canção Nova pelos Canção Nova”.

<sup>8</sup> Jovens que estão em fase de formação religiosa e doutrinária sobre a Comunidade de Vida. Retiram-se para uma casa de retiros da Canção Nova por um ano e, após esta fase, eles

membros da Comunidade de Vida Canção Nova; membro de uma outra “Nova Comunidade Carismática”<sup>10</sup>; e colegas antropólogos e sociólogos, especialistas ou não nas discussões específicas sobre fenômeno religioso. Considerei importante narrar nesta tese passagens etnográficas anteriores às vividas para elaboração de tese do doutorado porque, como elas se referem ao mesmo assunto em pauta, era possível desenhar um panorama histórico de pesquisas, mostrando as permanências e mudanças de perspectivas analíticas com que refleti a Canção Nova em diferentes momentos. Além disso, desejava sublinhar, nos contextos etnográficos de pesquisas passadas, a presença das questões teóricas do segredo e da imaginação, abordadas somente agora na ocasião da tese, sugerindo que eles representam eixos centrais organizadores da cosmovisão da Canção Nova e da sua atuação no mundo. Quero registrar que os casos e contextos etnográficos que serão apresentados foram extraídos de um conjunto mais amplo de casos e contextos acontecidos durante a pesquisa, os quais precisei suprimir para não tornar esta tese mais extensa do que ela já é. Mas, enfatizo que também nesses identifiquei relações constituídas a partir do segredo e da imaginação em torno da Canção Nova. Destaco a supressão do trabalho etnográfico que realizei nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2007 entre os moradores da cidade de Cachoeira Paulista/SP, onde está localizada a sede da Comunidade Canção Nova. Penso em retomá-lo noutra oportunidade.

---

passam a membros consagrados. Para saber mais, ver história 1, seção “A descoberta do dom Canção Nova pelos Canção Nova”.

<sup>9</sup> O “consagrado” é considerado membro efetivo da Comunidade de Vida. Para saber mais, ver história 1, seção “A descoberta do dom Canção Nova pelos Canção Nova”.

<sup>10</sup> Novas Comunidades Carismáticas são um movimento dentro do movimento católico carismático de vivência em comunidades independentes das paróquias. A Canção Nova é a primeira Nova Comunidade no Brasil. Para saber mais, ver história 1, seção “Canção Nova, as Novas Comunidades Carismáticas e o reconhecimento canônico”.

É preciso, por último, explicar que as duas histórias que compõem essa etnografia foram escritas intercaladamente. A narração tem um movimento: começa com a primeira história – que é indicada com o número “1” (um); após algumas páginas, essa é interrompida; começa a segunda história – que é indicada com o número “2” (dois); após algumas páginas, é interrompida; recomeça a primeira história no ponto onde ela havia sido interrompida – que é também indicada com o número “1”; é interrompida; recomeça a segunda história no ponto onde ela havia sido interrompida – que é também indicada com o número “2”, e assim sucessivamente até o final. Em outras palavras, uma história está sendo narrada e parece caminhar para um desfecho quando, subitamente, é interrompida por outra antes que chegue ao final. De forma que nenhuma das duas chega ao final, embora, ao mesmo tempo, a narração insinue que há um final. Um constante estado de suspensão de histórias e tensão sobre o que sucederá adiante constrói a tese. Será como seguir para frente, voltando para trás. O leitor só precisará estar atento à mudança dos números indicados nos títulos das duas histórias. A primeira história começará sempre com o número “1” e a segunda história começará sempre com o número “2”. As duas histórias vão se costurando uma à outra, de forma que o leitor poderá acompanhar as continuidades e descontinuidades entre uma e outra história que giram em torno do mesmo tema, identificando tanto a fala “nativa” quanto as minhas intervenções interpretativas. Dentro de cada uma das duas histórias haverá também interseções, desta vez, feitas entre asteriscos. Essas interseções representarão desdobramentos dentro das histórias que estão sendo contadas. No caso da história “1”, esses desdobramentos dirão respeito, em geral, a depoimentos de membros da Comunidade de Vida Canção Nova e a informações complementares mais objetivas sobre a Renovação Carismática Católica, sobre a estrutura e o funcionamento da Comunidade de Vida Canção Nova, entre outras coisas dessa natureza. No caso da

história “2”, esses desdobramentos dirão respeito a alguns episódios etnográficos particulares e a discussões teóricas que orientaram as reflexões antropológicas durante todo o processo de elaboração desta tese. Os espaçamentos de linhas oscilarão entre 2,0 cm, 1,5 cm e 1,0 cm para ajudar na demarcação dos desdobramentos. O leitor reparará também que, na história “1”, chamo os membros da Comunidade de Vida Canção Nova de “Os Canção Nova” e, na história “2”, começo chamando os mesmos de “cançãovistas” ou “comunitários cançãovistas” para, em determinado momento, adotar, nas duas histórias, a designação “Os Canção Nova”. Isto é proposital. Ao longo do texto, virá a explicação do porquê. Quero enfatizar que a arrumação dos textos dessa maneira não se deve a um mero “jogo literário”, adotado para causar impacto ou coisa do tipo. O que pretendo é tentar simular, na escrita etnográfica, a forma narrativa adotada por padre Jonas Abib no livro “Nossos Documentos”. A escrita daquele livro acompanha a “lógica de desdobramento” do movimento de segredo/revelação de Deus e da descoberta dos membros da Canção Nova sobre a realização do dom Canção Nova no mundo: todas as informações e todos os elementos que compõem o que é a Canção Nova – desde as suas origens, passando por seus princípios de vida comunitária, até suas estruturas físicas – irrompem conforme vai se desdobrando o relato de padre Jonas Abib sobre essa história. Esses elementos não estão separados em seções específicas do livro referido, mas estouram, de dentro de suas entranhas, como milho de pipoca, na medida em que aumenta o “calor” (movimento) da narração. Porque a narração é, ela própria, um mistério, uma revelação e uma descoberta. A história da Canção Nova é sempre incompleta, embora contenha a promessa de que, o que ela é, será revelado em breve, definitivamente. Nunca se descobre por inteiro, mas fica-se continuamente descobrindo. A intercalação das duas histórias – processo em que uma suspende a outra – favorece a percepção da ambivalência vivida pela Canção Nova entre a presença e a

falta, o segredo e a revelação, o dito e o não-dito. Portanto, nesta tese como naquele livro, irei desdobrando textos “nativos” e textos etnográficos que, por sua vez, também irão se desdobrando em outros textos. Resolvi assim fazer para que, no movimento de uma descoberta que salta subitamente como pipoca, o leitor conheça como eu fui descobrindo pela interpretação antropológica o que, ao longo de sua história, os Canção Nova foram e vão descobrindo pela revelação divina. A interrupção permanente de uma história para recomeçar a outra provocará, no leitor, a sensação de frustração por causa da incompletude e uma ansiedade pela completude. No espírito do segredo e da imaginação - duas das questões teóricas centrais desta tese -, reservarei para as considerações finais o motivo por que dei a ela o nome de Sinfonia Inacabada.

\*

## Gêneses

Quando padre Jonas Abib ainda era seminarista foi acometido por uma doença incompreensível (Abib, 2000:10): sentia muitas dores de cabeça, sua visão embaralhava, não podia ler. Foi a vários especialistas, tomou remédios de todos os tipos, mas nada o curava, nem era diagnosticado. Esse quadro o levou a buscar tratamento médico em hospital no Vale do Paraíba, São Paulo (Abib, 2000:10). Na mesma época em que estava na região para se submeter a tratamentos, haveria, numa cidade próxima, um retiro “espiritual” promovido pelo movimento Focolares<sup>11</sup>. Ele desejou participar do encontro, aproveitando a coincidência de estar na região. Mas, receou que os infortúnios daquela doença interferissem na sua disposição para acompanhar o encontro em toda sua dinâmica, que incluía palestras, histórias de vida e músicas. Pensou bem e decidiu que valia a pena comparecer ao encontro. Logo no primeiro dia, chegou atrasado e as atividades já haviam começado. Precisou esperar na porta de entrada do salão de palestras enquanto alguém acabava de contar um testemunho de vida. Era um jovem que, padecente de uma enfermidade, versejava sobre como Deus costuma “usar” a doença nos homens para a realização do seu plano espiritual (Abib, 2000:11). Padre Jonas se incomodou com o que fora dito. Então, à noite, sozinho em seu quarto, questionando Deus sobre o porquê daquela moléstia em sua vida, tomou o Evangelho, abriu-o ao acaso, “bateu com os olhos” em uma determinada passagem (Abib, 2000:11) e uma inspiração divina iluminou sua mente, trazendo-lhe a límpida compreensão sobre a interrogação que fizera a Deus. Teve,

---

<sup>11</sup>O movimento do Focolares foi fundado por Chiara Lubich em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, e teve o objetivo de contribuir para a fraternidade universal e para a unidade, respeitando a diversidade religiosa e cultural. Atualmente, o movimento está presente em mais de 180 países, tem cerca de cinco milhões de participantes cristãos, hebreus, muçulmanos, budistas e hindus, entre outros, inclusive pessoas de convicções não-religiosas ([www.focolares.org.br](http://www.focolares.org.br)).

naquele momento, seu “encontro pessoal com Jesus” (Abib, 2000:11). Tudo, então, ficou claro. Ele entendeu que estava ali por que Deus tinha alguma missão para ele. Não fora coincidência que estivera no Vale do Paraíba na ocasião daquele retiro. Não fora por mero acidente que se atrasara para a abertura do encontro e ouvira o testemunho daquele moço a respeito dos planos de Deus através das enfermidades. Fora Deus quem lhe dera aquela doença e que o “empurrara” para a região do Vale do Paraíba. Fora Deus quem o levara para fazer o retiro onde experimentaria um “encontro pessoal com Jesus”. Fora da vontade de Deus que esses fatos acontecessem antes da sua ordenação ao sacerdócio, pois, logo que se ordenou, “desapareceram as dores de cabeça, o “embaralhamento” da vista; tudo desapareceu! (Abib, 2000:11). Agora estava certo de que havia um grande significado em tudo isso, mas ele ainda não sabia qual era. A princípio, ele se sentiu impelido a “preparar um ambiente para que outras pessoas tivessem seu próprio encontro pessoal com Deus” (Abib, 2000:17)” e dedicar-se-ia a preparar retiros que favorecessem, particularmente, aos jovens chegarem a essa experiência. Durante esse percurso, no final de 1971, conheceu, num retiro ministrado por padre Haroldo Rahm<sup>12</sup>, a Renovação Carismática Católica (RCC).

\*

### **“O início dramático da Renovação Carismática Católica”<sup>13</sup>**

No Centro de Retiros “The Ark and the Dove” da Universidade de Duquesne, Pittsburg, EUA, em fevereiro de 1967, vinte e cinco jovens católicos invocavam as “manifestações do Espírito Santo”<sup>14</sup>, descritas no Novo Testamento bíblico. Subitamente, começaram a

---

<sup>12</sup> A referência está no próprio texto nas páginas seguintes.

<sup>13</sup> Expressão usada por Patti Mansfield como subtítulo de seu Livro “Como um novo Pentecostes” (1995). Patti Mansfield é uma das pessoas que viveu “experiências espirituais” durante o “Fim de Semana em Duquesne” – marco inicial da Renovação Carismática Católica.

<sup>14</sup> Refere-se aos fenômenos espirituais procedentes do Batismo no Espírito Santo, recebidos pelos apóstolos de Jesus aos cinquenta dias depois da páscoa dos judeus. Esse evento bíblico ficou conhecido como Pentecostes. No Batismo no Espírito Santo, o Espírito Santo vem até a pessoa que o evocou, manifestando-se através da distribuição dos dons carismáticos. Os dons carismáticos podem ser divididos em três grupos: 1º- os dons de manifestação verbal: profecia, línguas e interpretação das línguas; 2º- os dons de manifestação pela revelação: sabedoria, ciência e discernimento; 3º- os dons de manifestação pela ação: cura, o poder de

experimentar estranhas sensações e fenômenos que não sabiam explicar. “Não tínhamos uma noção clara e completa do que estava acontecendo conosco. As coisas foram se passando sem nos dar alternativas” (Mansfield, 1995:03). Algo maior e mais poderoso os invadia e os conduzia. Mãos ardendo em fogo, coração disparado, choro compulsivo ou riso frouxo, impressão picante na língua, olhos videntes de cachoeiras de luz, penetrantes em todos e no ambiente (Mansfield, 1995:47). Dessa sensibilidade imprevista, sobreveio-lhes “uma nova consciência do amor de Deus, uma vontade incomum de orar e glorificá-Lo, um notável interesse pelas Escrituras, uma força “interior” para testemunho de Cristo ressuscitado” (Mansfield, 1995: 24-25). Não duvidaram de que haviam sido presenteados pelo Espírito Santo com Seus dons e carismas, como em um novo Pentecostes. Provaram o “Batismo no Espírito Santo”: “Eu tinha provado o amor embriagador de Deus, quando o Espírito Santo se abateu sobre mim” (Mansfield, 1995:52). A experiência vivida dividiu o tempo e suas histórias individuais em termos de antes e depois do tal evento. Esse episódio ficou indicado como o marco inaugural do movimento de Renovação Carismática Católica (Mansfield, 1995; Machado, 1996).

As experiências com o Batismo no Espírito Santo, segundo Hebrard (1992), difundiram-se largamente nas igrejas cristãs dos EUA nos fins da década de 50 e começo da de 60, suscitadas por um fenômeno pentecostal revivalista por ela denominado “nebulosa dos born again”, os renascidos no Espírito Santo<sup>15</sup>. Despontado nos meados do século passado, o fenômeno pentecostal born again esteve representado, segundo Barret (apud Hebrard, 1992), por três tipos distintos de pentecostais: membros do pentecostalismo clássico ou tradicional, provenientes de classe popular e caracterizados pela severidade nos costumes; pentecostais carismáticos, representados pela classe média americana que têm a proposta de reavivamento mediante a ênfase do Batismo no Espírito e

---

operar milagres e libertação (Rahm,1972). Durante esta dissertação, a “oração em línguas” será também referida por “oração na linguagem dos anjos”. Esta última expressão foi mais usada nos retiros a que assisti na Comunidade de Vida Canção Nova.

<sup>15</sup> Se recorrermos à sociologia da religião weberiana, que verificou dois tipos ideais de busca de salvação nas religiões por ela estudadas – o misticismo e o ascetismo –, constataremos a ocorrência de outros movimentos de intensificação mística e emocional na história do cristianismo ocidental moderno, como foram, por exemplo, o pietismo e metodismo. Paul Freston (1994) apontou para a tendência cíclica ou de “ondas” de fenômenos revivalistas. Para o autor o pentecostalismo teria passado por processos três “ondas”: a primeira, marca o surgimento pentecostal e sua ruptura com as denominações históricas e ressalta o dom de línguas; a segunda, pentecostalismo fragmentado, enfatizava o dom de cura, e a terceira, neopentecostal, o do da libertação demoníaca. (Freston, 1994).

recebimento de dons e carismas, e, o último, assim chamado “terceira vaga”, grupo que congrega elementos dos dois grupos anteriores e representa o pentecostalismo dos anos 80 (Barret apud Hebrard, 1992:15-17). O movimento carismático católico, provavelmente originário do segundo grupo, germinou-se no transcurso desse processo. Entretanto, se, possivelmente, a Renovação Carismática Católica foi suscitada pelo “boom” pentecostal dos anos 60, construiu-se definindo distinções com o pentecostalismo protestante, principalmente no que tange à adesão e à obediência à instituição católica.

É nas deliberações do Concílio Vaticano II (1962-1965) que, em particular, a Renovação Carismática Católica acaba encontrando respaldo para constituir-se, paulatinamente, como movimento. O Concílio Ecumênico Vaticano II – aggiornamento – contemporâneo à “nebulosa born again”, é comumente considerado pelos estudiosos do catolicismo como o principal evento divisor de águas da história da Igreja Católica no século XX (Oliveira, 1978; Benedetti, 1988; Carranza, 2000). Revelou o empenho da Igreja em buscar diálogo com o mundo<sup>16</sup> moderno, técnico e científico, campo onde se confrontam ideologias, crenças religiosas e sistemas políticos contraditórios. Igualmente, redefiniu a orientação da Igreja em termos ritualísticos e doutrinário-espirituais (Prandi, 1997), sobretudo no que tange à descentralização hierárquica que dá autoridade ao leigo; à abertura para a renovação e uso da criatividade nas formas de celebração litúrgica e à ênfase dada à ação do Espírito Santo, distribuidor de dons e carismas (Lumen Gentium, 1975:22).

No Brasil, por volta de 1970, a Renovação Carismática Católica é apresentada e introduzida pelos padres jesuítas americanos Haroldo Rahm e Eduardo Dougherty, em Campinas, SP, principais responsáveis pela realização dos primeiros retiros e Seminários de Vida no Espírito<sup>17</sup>, a partir dos quais estruturam-se pequenos grupos de

---

<sup>16</sup> Deste ponto em diante, toda vez que a palavra “mundo” for mencionada sem aspas carregará o significado de “sociedade”. De outro modo, quando a mesma palavra estiver escrita com aspas será feito em referência ao significado nativo explicado na seção da história “2” chamada “Por um estudo da Canção Nova”.

<sup>17</sup> Seminário de Vida no Espírito são encontros que duram de dois a três dias consecutivos, cuja dinâmica é composta por palestras com temas como o Amor de Deus, pecado, salvação, fé, conversão, vida em comunidade, da pessoa de Jesus Cristo, e orações onde se estimula o Batismo no Espírito Santo. Segundo Carranza (2000), “são os Seminários de Vida no Espírito que permitem a formação de suas lideranças, treinando-as no desenvolvimento dos diferentes dons ou carismas, por exemplo, o dom de orar em línguas e o dom de cura. Ao mesmo tempo, os Seminários de Vida no Espírito são oportunidades de experiência de oração para seus

oração carismática. O grupo de oração carismática foi sempre classificado, no âmbito da Renovação Carismática, como a comunidade modelo, onde o fiel aprende a “viver a vida no Espírito” (Rahm, 1972; Prandi, 1997; Carranza, 2000) e, no âmbito dos pesquisadores, como a forma primária de organização do movimento, bem como a sua base social (Benedetti, 1988; Prandi, 1997; Carranza, 2000). Ali seriam provadas a “experiência com Deus” mediante as manifestações do Espírito (oração na linguagem dos anjos, o poder de profecias, recebimento de revelações, curas e milagres, inaugurados, sobretudo com o Batismo no Espírito Santo) e aprendidas as regras de conduta ético-morais (questões concernentes à sexualidade, à família, à fidelidade religiosa, entre outros), baseadas em preceitos doutrinários da Igreja, a serem aplicadas no âmbito privado da família e nos demais espaços da vida pública porque balizariam uma vida orientada para o que se considera santidade.

Confirmando seu pertencimento à instituição católica, mas, simultaneamente, desejando renová-la tendo por base os moldes pentecostal-evangélicos, a Renovação Carismática Católica vive a ambivalência de ser católica e a de ser carismática. O fiel católico-carismático quer usufruir as duas identificações ao mesmo tempo, sem precisar fazer uma escolha entre elas. Ele ratifica o simbolismo, a doutrina e a dogmática tradicional católica, ao mesmo tempo em que contesta o catolicismo de um tipo mais secularizado, questionando as barreiras institucionais às manifestações do Espírito Santo e às várias experimentações do sagrado, irrompidas na vida cotidiana, como os milagres, a Providência Divina, as visões ou sensações de Jesus ou da Virgem Maria (Machado & Mariz, 1994; 2003; Machado, 1996; Maués, 2000; Steil, 1998; 2003)<sup>18</sup>. Em outras palavras, o ideal, buscado pelo fiel católico-carismático e não concebido por ele como contraditório, seria que sua permanência na Igreja não interferisse na sua autonomia em relação a ela. Ou ainda, que, em última instância, as experiências vividas pelo movimento dentro da Igreja, transformassem a própria Igreja.

---

participantes. São os Seminários de Vida no Espírito que garantem a unidade e a continuidade ideológica do movimento” (Carranza, 2000: 52).

<sup>18</sup> Mariz & Machado (1994), Maués (2000), Steil (1998), entre outros, destacaram menos como ambígua e mais como ambivalente a relação entre viver a experiência carismática – que, por ser experiência, extravasa os limites dogmáticos da instituição - e pertencer à instituição católica, a ela permanecendo fiel.

A tensão entre instituição e carisma, realizada pelo catolicismo carismático, é, freqüentemente, creditada ao mito de origem no qual se inspira fundamentalmente: Pentecostes (Neto, E., 1997; Silveira, 2000; Camurça, 1999). A RCC se concebe como católica, aprovando a Igreja como uma totalidade nascida em Pentecostes e dada por Deus aos indivíduos. A condição de “carismática” é reputada, então, como o coração da Igreja (Sanchis, 1993:10). Em torno do mito de Pentecostes reúnem-se os mitos da encarnação e da ressurreição de Cristo. A Igreja é acolhida como “o corpo místico de Cristo”, campo onde simultaneamente atuam o divino e o humano, manifestos na mediação sacerdotal, ministerial e sacramental.

O surgimento da organização católico-carismática em Comunidades de Vida, posteriormente denominadas Novas Comunidades Carismáticas ou Comunidades Novas, remonta aos inícios da década de 70 - época da constituição da Renovação Carismática nos Estados Unidos - e está também, segundo Csordas (1997), historicamente situada no contexto cultural norte-americano dos anos 60/70 em que se observou a irrupção de desenvolvimentos comunitários - religiosos ou não - de diversos tipos organizacionais e visões de mundo (Csordas, 1997:77). Lá, estão fixadas Comunidades de Vida renomadas como a Word of God, em Ann Arbor, Estado de Michigan.

\*

**1**

### **Gêneses**

As explicações de padre Haroldo Rahm sobre o que era a Renovação Carismática Católica e o derramamento dos dons do Espírito Santo não foram o suficiente para que Padre Jonas os entendesse. Mas ele intuiu que, embora não entendesse, era isso que lhe faltava. Ao final do retiro, Padre Haroldo Rahm impôs-lhe as mãos<sup>19</sup> sobre sua cabeça, clamou a Deus para que eles recebessem o Batismo no Espírito Santo. Padre Jonas, que não sentira nada imediatamente, no dia seguinte deu-se conta de que orava como nunca

---

<sup>19</sup> Maués (2000) menciona a imposição de mãos como uma técnica corporal usada na Renovação Carismática Católica para evocar a efusão (batismo) no Espírito Santo. Funciona da seguinte maneira: uma pessoa, normalmente praticante há algum tempo da RCC e já batizada no Espírito Santo, posiciona as mãos sobre a cabeça, peito e/ou costas de outra pessoa, que está a sua frente sentada ou em pé, e faz orações de invocação a Deus para que ela receba o Batismo no Espírito Santo (Maués, 2000:125).

havia orado antes e concluiu que havia sido “batizado no Espírito Santo”: “Nem era ainda a oração em línguas; o que acontecia é que a oração vinha de dentro. Vinha gostoso, brotava espontânea” (Abib, 2000:16). Ele, que não compreendera racionalmente a Renovação Carismática Católica e o Batismo no Espírito Santo, podia agora os compreender no seu “interior” porque o havia experimentado. Passado um mês e meio, já no ano de 1972, iniciou encontros de “Experiência de Oração no Espírito Santo”<sup>20</sup> para jovens, os quais eram realizados num colégio religioso da cidade Lorena situada no Vale do Paraíba (Abib, 2000:16). Com o decorrer do tempo, ele entendera que não fora coincidência o fato de ter vivido o Batismo no Espírito Santo antes de começar os encontros para jovens: fora Deus quem agiu invisivelmente, sem que ele de nada soubesse, para que fosse exatamente assim. Deus desejava que ele conduzisse os jovens a experimentá-Lo tal como ele O havia experimentado. “Deus quis que eu vivesse antes [o Batismo no Espírito Santo] para depois me levar a realizar isso” (Abib, 2000:43).

Os encontros alcançaram muita popularidade e padre Jonas Abib se viu obrigado a achar um local mais amplo e exclusivo para realizá-los. Durante uma Experiência de Oração, uma amiga sua pediu a Deus em oração que lhe desse uma casa para os encontros com os jovens e, padre Jonas Abib, “no fundo de seu coração”, disse “amém” (Abib, 2000:17). Aconteceu, a partir daí, algo misterioso: uma jovem moça chamada Luzia Santiago<sup>21</sup>, que participara num dos encontros, disse-lhe que um parente seu era proprietário de uma fazenda na cidade de Areias, Vale do Paraíba, São Paulo, e que, talvez, cedesse a casa para os encontros. Padre Jonas não acreditou que alguém lhe

---

<sup>20</sup> Experiências de Oração foram as primeiras versões dos Seminários de Vida no Espírito. A partir desse ponto, a expressão será escrita sem aspas.

<sup>21</sup> Luzia Santiago é membro da Comunidade de Vida Canção Nova. Em 2006, época em que a pesquisa para esta tese estava sendo desenvolvida, Luzia Santiago era Superintendente do Sistema Canção Nova de Comunicação.

cedesse uma casa assim tão fácil (Abib, 2000:18). Contudo, eis que ele se encontra, por acaso, com um outro amigo seu que menciona a existência de uma fazenda em Areias que estava vazia e que talvez o dono cedesse para ele. Era a mesma fazenda que Luzia havia mencionado. Ou seja, dois amigos seus, que não se conheciam mutuamente, aludiram a possibilidade da compra, aluguel, empréstimo e, quem sabe, a doação de uma determinada casa de fazenda em Areias. Era surpreendente a coincidência. Desconfiou de que se tratava de um sinal de Deus: “Deus estava nisso” (Abib, 2000:18). Interpretou que isso queria dizer que estava na hora de seguir em frente com a missão e muito se empenhar para conseguir aquele local que tudo indicava ser do desejo de Deus. “Chegando à fazenda, antes de conversar com o dono, ‘fizemos a arte’ de jogar [no chão do terreno] a medalhinha [de Nossa Senhora das Graças], rezando: Se o Senhor quer esta casa, Nossa Senhora, faça o favor, tome posse dela e guarde-a para nós” (Abib, 2000:18). Ele confirmou a vontade de Deus quando, em conversa com os seus proprietários, não só recebeu a autorização para servir-se gratuitamente de todo espaço que necessitasse, como lhe foi dada a plena garantia de uso, registrada em contrato autenticado em cartório. Desta aquisição, foi criada, em 30 de outubro de 1974, a Associação Canção Nova, entidade jurídica (Abib, 2000:18).

Entretanto, após dois anos de retiros de fins-de-semana na fazenda de Areias, as más condições de acesso à fazenda em dias chuvosos e a precariedade de estadia dos participantes levaram padre Jonas a concluir: “Já entendi: o Senhor está nos mostrando que não quer que fiquemos mais aqui. O Senhor quer nos dar a casa que precisamos ter” (Abib, 2000:20). “Deus nos conduzia, pelos fatos, para que tivéssemos nossa própria casa de encontros, e quando Deus quer subverter a coisa, Ele faz por formas que nem imaginamos” (Abib, 2000:19). No final desse segundo ano, um jovem chamado

Wellington, vulgo Eto<sup>22</sup>, que participara de um dos encontros, perguntou a Padre Jonas Abib se, caso conseguisse a doação de um terreno na cidade de Queluz, também no Vale do Paraíba, ele pensaria na possibilidade de construir lá uma casa para encontros. Padre Jonas respondeu que pensaria, mas não levou muita fé de que o rapaz conseguisse. Para ele, “aquilo estava muito longe de acontecer. Seria impossível alguém doar um terreno para construirmos nossa casa” (Abib, 2000:20). Dias depois, Eto volta a encontrar padre Jonas para contar-lhe que conseguira o terreno. Muito admirado com a notícia, padre Jonas interpretou com esse fato que Deus tinha pressa e agia rápido para dar uma casa a eles (Abib, 2000:20). Os sinais eram cristalinos. Na manhã seguinte, foram ver o terreno, e padre Jonas, novamente, jogou no chão a medalhinha de Nossa Senhora das Graças, pedindo para que ela protegesse e conservasse para eles aquele lugar (Abib, 2000:20). Pois, segundo pensava, ainda demoraria muito para que construíssem algo no terreno, já que não tinham recursos para tanto. Mas, “foi aí que a Providência Divina entrou de cheio em nossa vida” (Abib, 2000:20). Sem dinheiro nenhum para dar início às obras no terreno, Deus providenciou um engenheiro: “Deus utilizou-se de Silvinha, uma menina de nosso grupo que começou a namorar um rapaz, Roberto, que era – imagine – o engenheiro encarregado das máquinas de terraplanagem e concedeu todo serviço de graça” (Abib, 2000:21). Ele e os que com ele estavam naquele começo, em seis meses, conseguiram recursos para erguer a casa em Queluz. Puseram o nome de Casa de Maria: a casa onde nascem os filhos de Deus (Abib, 2000:22).

Nessa época, o bispo de Lorena teve com padre Jonas uma conversa. Ele lhe apresentou o documento publicado pelo Papa Paulo VI, em 08 de dezembro de 1975,

---

<sup>22</sup> Wellington Silva Jardim é membro da Comunidade de Vida Canção Nova. Em 2006, época em que realizei o trabalho de campo na Canção Nova para elaboração de tese de doutorado, Eto – Wellington Silva Jardim – era vice-presidente da Fundação João Paulo II.

chamado Evangelii Nuntiandi - Evangelização no Mundo Contemporâneo - e disse-lhe: “O que o Papa fala aqui é totalmente verdade. É preciso evangelizar, a hora é de evangelizar. Já que você trabalha com jovens, é mais fácil fazer isso com eles” (Abib, 2000:29). As palavras do bispo pareceram a padre Jonas uma convocação divina. “Eu via Dom Antônio realmente tocado e inspirado [pelo Espírito Santo de Deus]” (Abib, 2000:28). “Eu disse para Dom Antônio que via em suas palavras uma inspiração [de Deus]” (Abib, 2000:28). Rezou e voltou ao bispo com um esquema de um curso de catequese para jovens que designou por “catecumenato” e, já em 1976, iniciava esses encontros (Abib, 2000:29).

Na viagem de trem para um desses catecumenatos, que aconteceria na Casa de Maria em Queluz, sobreveio-lhe, subitamente, uma idéia: por que ele não fazia um desafio aos jovens participantes do encontro para que deixassem sua família, sua casa e seus estudos para morar junto com ele, durante um ano, numa comunidade e trabalhassem somente para Deus? A idéia lhe pareceu absurda e ficou certo de que ninguém a aceitaria. Mas, por isso mesmo, resolveu lançá-la, porque assim, caso aceitassem, entenderia que aquilo não era apenas uma idéia, mas era um “chamado” de Deus (Abib, 2000:30). Quando chegou a Queluz, fez o desafio e, então, onze jovens o aceitaram. Eram oito leigos, dentre moças e rapazes, três irmãs religiosas e o padre Jonas Abib. Com padre Jonas, formavam doze pessoas, assim como os doze apóstolos de Jesus Cristo. Era evidente para ele que começar uma comunidade católica com doze pessoas não era uma mera coincidência, mas mais uma confirmação de um desejo divino. Assim, em 02 de fevereiro de 1978, nascia a Comunidade de Vida Canção Nova (Abib, 2000:30).

\*

**“Tem anjos voando nesse lugar”: Como tomei conhecimento da Canção Nova.**

“A gente sente até os anjos voando!”

A um passo de mim, como alguém que foi se aproximando pra cochichar um segredo, estava Felipe, sussurrando, misterioso, o que garantia ser “só um tiquinho” da Canção Nova. “Vou te contar ‘só um tiquinho’ sobre a Canção Nova” – avisava, causando-me a forte suspeita de que aquele diminutivo era mero recurso de linguagem para, a seguir, me flagrar com algum discurso surpreendente.

Assim foi. Palavras fortemente comovidas e investidas de puro deslumbramento - mistura, ao que me pareceu, de uma dose de fascínio e temor - puseram-se a desenhar, em poucos minutos, uma espécie de lugar sagrado por excelência, indubitavelmente privilegiado por Deus para a revelação permanente, incontestável e direta do sobrenatural. “Da Igreja Católica...Carismática, é claro!” - lembrava.. O Espírito Santo, a Virgem Maria, os anjos do céu costumavam fazer-se manifestos “de verdade”- asseverava - através de visões, aparições, profecias, curas, sensações. O “tiquinho” descritivo que o rapaz prometera anunciar sobre a Canção Nova tomou outro vulto. Ocorre que sua narração e o drama que construiu e o qual o vira atuar, criativos e cativantes – “carismáticos” - provocou-me tamanha curiosidade que, sem muito esforço, embarquei nas imagens descortinadas por ele, integrando-me imediatamente ao enredo e, como quem assistia um filme ou quem imaginava uma paisagem, improvisava mentalmente minha própria versão sobre o que poderia ser a tal da Canção Nova.

O episódio<sup>23</sup> se sucedia no intervalo para almoço de um encontro de grupos de oração da Renovação Carismática Católica em Madureira<sup>24</sup>, certo domingo de maio de

---

<sup>23</sup> Esse episódio foi registrado em diário de campo e serviu como dado para a elaboração de um trabalho escrito, solicitado na disciplina “Trabalho de campo em antropologia” do curso de Ciências Sociais.

<sup>24</sup> Madureira é nome de um bairro do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.

1995, onde eu estava para uma das minhas primeiras experiências etnográficas. Eu conhecia fração do repertório expressivo típico dos carismáticos que comumente inclui variação adjetiva, abuso de advérbios de intensidade, expressão corporal e facial e a recorrência a um padrão de linguagem transpassada por emoção. São características objetivadas freqüentemente em seus rituais, as quais já foram muito mencionadas por diversos estudiosos da religião (Prandi, 1997; Machado & Mariz, 1994, Maués, 2000). No entanto, posso dizer que realmente não esperava que as minhas palavras dirigidas a Felipe, logo após apenas termos sido formalmente apresentados por uma amiga em comum, conduzissem a desdobramentos com a proporção cênica e dinamismo verbal como aqueles. Num entusiasmo progressivo e culminante, Felipe concluiu sua narração com um convite: “Quer ir à Canção Nova com a gente?” Ele tinha dezoito anos de idade e queria ser padre<sup>25</sup>.

Se não está ao meu alcance saber quais impressões que causei em Felipe, considero imperativo para o prosseguimento do presente trabalho falar das minhas, contando brevemente com que olhar filtrei aquele simples episódio a partir do qual introduzi-me no aprendizado sobre a Canção Nova e comecei a aprofundar-me sobre a Renovação Carismática Católica. Isso será necessário para garantir ao leitor que, em conhecendo, de prévio aviso, parcela da trajetória desta investigadora, ponderar, no decorrer desta tese, sobre as mudanças do seu olhar sobre a mesma matéria.

Estava naquele Encontro em Madureira na condição de pelo menos duas “pessoas<sup>26</sup>”, no sentido mesmo conceitual elaborado por Mauss (1974): a militante e líder arquidiocesana na Pastoral da Juventude - informada pelas teses da Teologia da

---

<sup>25</sup> Tive notícias de que será ser ordenado Padre em 2003 pelo Seminário São José, no Rio de Janeiro, mas não consegui outro contato com ele.

<sup>26</sup>Mauss (1974) considera a noção de pessoa enquanto categoria de pensamento, construídas de maneira e intensidade variáveis culturalmente. Isto é, encara a função formadora que as categorias coletivas de uma sociedade desempenham sobre a prática concreta desta sociedade.

Libertação que concebia ser não só perfeitamente compatível, mas necessária a convivência entre fé e política para a concretização do “Reino de Deus” - ao lado da postulante na práxis das Ciências Sociais - então em pleno trabalho de campo etnográfico, exercício solicitado para uma disciplina específica sobre religião no curso de graduação. De um lado, engajava-me pela fundação de um mundo apoiado em valores como justiça, igualdade social e solidariedade que deveria iniciar em na Terra. Reconhecia-me como membro da chamada “Igreja Progressista” cuja opção preferencial era pelos pobres e marginalizados. Junto a isso, participava em grupos dos ditos movimentos sociais (estudantil e partidário). De outro, aprendia na academia os princípios epistemológicos e metodológicos sustentadores das Ciências Sociais que me orientavam para o reconhecimento, relativização e identificação de “verdades” construídas e reconstruídas nas rotineiras relações sociais. Como um dos princípios centrais da pesquisa acadêmica em antropologia é a consideração da alteridade, seria um desafio para mim, ao entrar em contato com fiéis da Renovação Carismática, familiarizar-me com eles para estranhar a mim mesmo, a fim de compreendê-los na sua cultura e também compreender a mim em minha cultura, e não somente estranhá-los para familiarizar-me comigo mesma (Da Matta, 1978). Confesso que nem sempre era simples fazer o diálogo entre os dois compromissos assumidos. Diante do relato de Felipe, por exemplo, inclinei-me a mais enxergar e reproduzir as habituais avaliações da Igreja “progressista” sobre a Renovação Carismática Católica, que incluíam conceitos como alienação política e religiosa (Oliveira, 1978); identificava nos rituais carismáticos o extravagante e o emocional dissociado do racional (Benedetti,1988; Prandi,1997), condenava o ethos carismático, acusando-o, entre vários atributos, de individualista, e questionava a consistência da formação teológica e sociológica de seus membros. Se os olhos – como diz o ditado – são as janelas da alma, a minha “alma”,

naquele primeiro momento, vislumbrou excentricidade e exagero na Canção Nova. Embora instigante e envolvente pela sua riqueza simbólica e imagética, a tradução teatral de Felipe com relação à Canção Nova acabava por corroborar minhas opiniões sobre “os carismáticos” – categoria que usava para aludir à Renovação Carismática Católica como um grupo uniformizado sem diversidades internas. Tais impressões permaneceram comigo por algum tempo, especialmente do tempo consecutivo à primeira visita em 1995 até o início do trabalho de campo sistemático em 2001 quando do meu ingresso no mestrado e da minha decisão em estudar a Renovação Carismática na Canção Nova. Nesse momento, já estava afastada da prática religiosa católica e das atividades político-religiosas. Não que não mais houvesse de minha parte nenhum outro tipo de religiosidade nem porque me houvesse “convertido” a visões políticas opostas àquelas. O que perdera fora a relação de pertencimento a essas instituições. Eu me “desinstitucionalizara”.

Mas, muito embora minha opção religiosa fosse a tal apresentada, havia convivido no meio católico com outros grupos de linhas teológicas diferentes, dentre deles, os da Renovação Carismática Católica. Tive a oportunidade de observar alguns grupos de oração carismáticos, dialogar com seus membros e conhecer sua forma singular de viver o catolicismo, que parecia aliar intimidade com o sagrado e animação ritual, com muita música e técnicas corporais. Além disso, pude acompanhar também dentro da minha própria família extensa a adesão ao movimento carismático. Portanto, a combinação entre minha posição religiosa dita “progressista” - que me afastava da Renovação Carismática - e o meu vínculo familiar e pastoral - que me aproximava dela e me fazia a conhecê-la desde dentro, suscitou meu interesse em adotá-la para uma pesquisa acadêmica durante a graduação em ciências sociais.

\*

**Jesus Cristo pendido na cruz:  
A primeira chegada da antropóloga à Canção Nova  
1995**

O altar é um palco. Lá está pendida uma estátua de Jesus Cristo crucificado tão plenamente ensangüentada que as áreas claras da pele são sobras da imagem, estreitos sulcos debaixo da enorme mancha vermelho-escarlate que toma todo o corpo exposto. Se não fossem os detalhes das chagas e os sinais de cortes precisos na pele, teríamos a impressão de que um balde de tinta acidentalmente derramara-se da cabeça aos pés da obra, preenchendo quase todos os seus espaços, irregularmente. Não seria “pecado” apostar que o autor quisesse retratar naquela figura a dor radical, o sofrimento estrito senso de um corpo torturado, agonizado e morto. Igualmente, é bem provável que ali estivesse sendo expressa boa parte das representações e convicções religiosas do próprio autor sobre Jesus Cristo. Qualquer olhar desprevenido é capaz de se inquietar e de reconhecer o realismo daquela estátua da morte de Cristo na cruz. Quem sabe um realismo que beirasse o exagero, tal como uma caricatura, não fosse preciso para consagrar algumas mensagens fortes, dentre as quais: que o corpo é frágil, destrutível, é finito, vulnerável à morte, é miserável, apenas um conjunto de carne - vê-se a destruição; que Cristo sentira uma dor incomensurável, e por extensão, a idéia da salvação via sofrimento, “da cruz” - vê-se o martírio?

É claro que não necessariamente o artista teve qualquer intenção ou alguma dessas em particular. Contudo, o local onde está dependurada a estátua é um templo católico. Este foi o detalhe que permitiu a mim, na condição pressuposta de quem estuda realidades sociais e cria hipóteses sobre elas a fim de entendê-las, prontamente fazer

associações e apologias à clássica oposição paulina<sup>27</sup> (Brown, 1990) e seus desdobramentos sobre o espírito e a carne, o permitido e o proibido, o sagrado e o profano, a morte e a vida. Não resisti à tentação de pensar que ali se sustentava a idéia de que para se ser legitimamente cristão seria preciso viver o sofrimento e o sacrifício. Ao mesmo tempo, aquele corpo mutilado do Cristo mostrava-me que quem sofre é a carne, que é frágil e passível de dor, não o espírito, que é vencedor. Uma tradução a la Durkheim (2000) me escapava: considerei ser intencional e reveladora a escolha por aquela imagem posta no altar. Ao lado do autor, que misturara ao gesso e à tinta algumas de suas visões de mundo, estava quem adotara a obra, vendo nela refletidos seus próprios valores, religiosos e culturais. Instituição. Totem.

Rodeando o altar, há um imenso ginásio coberto: a igreja. Muitos bancos compridos centrais, feitos de madeira, e cadeiras de praia trazidas pelos participantes organizam o cenário principal. Não há paredes, nem porta. A estrutura da construção permite a circulação de pessoas por entre os pilotis de sustentação. Capacidade para cerca de 10 mil pessoas sentadas. Uma espécie de torre de ferro para filmagens está posta na região central do ginásio. Faixas e cartazes amarrados nos pilotis anunciam eventos que vão se realizar naquele local, bem como a presença de caravanas e grupos que ali se encontram. Pois bem, após uma noite de sono embalado por reza do Rosário de Nossa Senhora, finalmente chegamos ao Rincão do Meu Senhor – um estádio para retiros de massa da Canção Nova, em Cachoeira Paulista/ SP - por volta das 8:00 de um sábado, em maio de 1995. Eu aceitara o convite de Felipe para me agregar à caravana que levaria os membros do grupo de oração de que participava até a Canção Nova.

---

<sup>27</sup> Trata-se da concepção dualista sobre a pessoa humana criada e propagada nos escritos de Paulo, apóstolo de Cristo, segundo a qual o corpo estaria sob jugo de um poder perverso: a carne. O corpo era o lugar propício para a manifestação da influência desagregadora da carne. Corrompendo o corpo, as tendências da carne bloqueariam o crescimento espiritual da humanidade (cf. Brown, 1990).

O som das guitarras e da bateria cortava o frio nevoento na Chácara de Santa Cruz<sup>28</sup> naquela manhã. Uma espécie de rock'in roll com letra religiosa era tocado e uma voz masculina convocava os presentes a se aproximarem e a participarem do retiro: “Você que está chegando agora nas caravanas, seja bem-vindo à Canção Nova. Venha logo pra cá, venha louvar o Senhor nesta manhã”. O Acampamento de Oração já havia começado. No Rincão do Meu Senhor, o ritual ia transcorrendo com traços semelhantes aos que antes havia presenciado em reuniões de grupos de oração carismáticos. Entretanto, aconteceu um episódio que me foi surpreendente. Enquanto tocava uma música em ritmo mais lento, o homem que liderava a animação evocou a todos que orassem “na linguagem dos anjos<sup>29</sup>”, pedindo a Deus “muita luz” para o padre Jonas Abib, que proferiria a primeira palestra do dia. Aproveitando a melodia dos últimos acordes e dando prolongamento a eles, conduziu o que resultou num coro de vozes em tom congruente, que começava em alto volume e ia diminuindo alguns segundos depois. Lembro-me de que fiquei impressionada com o que vi e ouvi: milhares de mãos levantadas e vozes entoando a “oração em línguas” (glossolalia). Nunca tinha visto a “oração em línguas” ser realizada e com tal amplitude. Ao contrário, sabia que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em documento pastoral<sup>30</sup> de 1994, havia identificado a glossolalia como um dos excessos da Renovação Carismática Católica e proibido sua manifestação nos rituais católicos. Nesse momento, já havia me perdido da caravana e de Felipe, pois, em meio à multidão – cerca de 10 a 15 mil pessoas – qualquer rápida separação do grupo ocasionava dificuldades para um reencontro.

---

<sup>28</sup> Chácara de Santa Cruz é o nome da chácara onde, em 1995, estava situado o estádio Rincão do Meu Senhor, e onde, a partir do final da década de 90, está situado um conjunto de estruturas físicas, construídas para abrigar participantes dos retiros de massa promovidos pela Canção Nova.

<sup>29</sup> Também chamada “oração em línguas” ou glossolalia.

<sup>30</sup> Refere-se o documento da CNBB intitulado “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica” (1994).

Não hesitei. Ao ver a cena, peguei a câmera filmadora que havia levado para registrar imagens do Acampamento, subi em uma escada que dava acesso ao palco e, alcançando uma visão ampla de todo o ginásio, dei início à filmagem. Quando a “oração em línguas” terminou, um rapaz, que parecia um segurança (vigilante), veio a mim e solicitou que eu desligasse a câmera e parasse de filmar. Surpresa, contra-arguntei que se tratava de uma câmera pessoal e que queria ter imagens da Canção Nova e o Acampamento de Oração para meu acervo. Então, ele apontou para a câmera de TV posicionada em cima de uma espécie de torre de armação de ferro, na região central do Rincão e me disse:

“Está vendo ali? Nós filmamos e retransmitimos ao vivo todos os Acampamentos, através de um canal de televisão. As palestras são gravadas e nós vendemos as fitas. Se quer imagens da Canção Nova é só comprar lá atrás, na banquinha”.

Nos fundos do Rincão do Meu Senhor, após os últimos bancos de madeira da igreja, situavam-se uma ou duas pequenas bancas onde eram vendidos livros religiosos, revistas, fitas cassetes e VHS com a gravação das palestras proferidas nos Acampamentos de Oração. Considerando que as filmagens dos Acampamentos vendidas pela Canção Nova reproduziam, estritamente, as imagens das palestras e não as imagens do ritual propriamente dito, entendi que a atitude do segurança traduzia uma preocupação de selecionar o que devia ser revelado e o que devia ser ocultado sobre um Acampamento de Oração. Uma vez que a lente da minha câmera – o meu olhar - não estava direcionada para o palco, mas do palco filmava a multidão, penso que lhe ficara evidente que eu via e queria registrar aquilo que ela mesma desejava ocultar, sobretudo, dos olhares estrangeiros a ela e à Renovação Carismática.

A censura àquela filmagem e o conteúdo da palestra proferida por padre Jonas a seguir serviram para que eu concluísse pela ortodoxia da Canção Nova: padre Jonas trazia em seu discurso um severo posicionamento contra o divórcio, contra o segundo

casamento após ao divórcio, contra sexo antes do casamento, contra o homossexualismo e contra o aborto, além de indicar a busca pelo prazer como uma deturpação da sociedade moderna que transgredia a castidade. Citava ele a Epístola de São Paulo aos Gálatas 5, 16-25, que pondera sobre a oposição entre a carne/corpo e o espírito, e refletia: “A carne procura coisas gostosas, prazerosas para ela, carne. Mas o que é gostoso para ela é maldição para Deus”. Ao final de sua palestra, o ministério de música<sup>31</sup> Canção Nova iniciou uma música de compasso lento chamada “Ou santos ou nada”<sup>32</sup>. A idéia geral dessa música era que o fiel deve manter condutas sempre dentro dos limites da santidade, cumprindo as regras morais da sexualidade anunciadas na palestra de padre Jonas Abib e outras prescritas na doutrina da igreja, senão ele nada valerá. Esta foi a música-tema a que se recorreu durante todo o Acampamento. Em várias ocasiões, ela era executada: antes, durante e depois das outras palestras, na missa e no show que houve na noite daquele sábado.

Ou santos ou nada mais queremos ser  
Ou santos ou nada,  
Ou santos ou nada mais (Refrão)

Em meu pensar, em meu sentir  
Quando eu falar, na hora de decidir  
Em todo meu proceder e acima de tudo  
Vivendo a dor e o sofrer  
Ou santos ou nada mais.

Num local onde se rezava o terço durante o Acampamento de Oração, consegui que uma coordenadora do retiro me atendesse a fim de me conceder algumas informações sobre a Canção Nova. Apresentei-me como católica, membro da pastoral da juventude e estudante de ciências sociais que pesquisava a RCC. Mas, isso não foi o suficiente para que ela autorizasse que eu gravasse a conversa que tínhamos. Ela não

---

<sup>31</sup> Ministérios de música são bandas que executam músicas católicas.

<sup>32</sup> Esta música chama-se “Ou Santos ou Nada” (2003).

somente não autorizou a gravação como pediu que eu parasse de filmar o Acampamento, pois não me conhecia nem as minhas intenções. Ela também não autorizou que eu anotasse nada do que ela narrasse. Acusou os meios de comunicação de estarem veiculando uma impressão negativa da Renovação Carismática e disse que não podia garantir o que eu faria com as informações dadas por ela e as imagens registradas do Acampamento. Lembro-me, contudo, que, quando começou a falar sobre a Canção Nova, uma nuvem de mistério e suspense se formou em torno do que ela dizia. Contou casos demonstrando como a Providência Divina nutria a vida da Canção Nova. Segundo ela, numa certa ocasião, padre Jonas precisava pagar uma enorme dívida que contraíra com trabalhos de evangelização e não tinha dinheiro algum. No dia anterior ao vencimento, indo ao banco para ver quanto dinheiro dispunha, padre Jonas constatou que tinha mais do que a quantia de que precisava. Algo extraordinário acontecera. Como o dinheiro fora parar lá? Ninguém sabia da dívida, senão o padre Jonas. Como isso acontecera então? Ela rematou: “Aqui nós não precisamos das coisas “do mundo”<sup>33</sup> para sobreviver. Deus é quem providencia”. O jeito misterioso de contar as coisas misteriosas que aconteciam na Canção Nova me recordou o tom misterioso que Felipe também usara para se referir à Canção Nova. Tendo eu experimentado na relação com membros da Canção Nova uma série de negações ativas, não avistei (ou avistei, mas não dei importância a) essa que, anos depois, eu perceberia como mais uma de suas características: a veia mística, manifesta, por exemplo, na crença da ação invisível (oculta), sobrenatural e misteriosa da Providência Divina e do Espírito Santo. Avistando, entretanto, o ascetismo religioso da Canção Nova, tive a impressão de que a censura de registro de imagem, de voz e de texto que vivi com os seus membros

---

<sup>33</sup> Refere-se à significação nativa para a palavra mundo que será discutida na seção da história “2” chamada “Por um estudo da Canção Nova”.

refletira o mesmo princípio que opunha a santidade ao pecado, bem notado na música “ou santos ou nada”: eu tivera uma atitude potencialmente pecadora, suspeita, inimiga, “do mundo” - e, portanto, proibida - quando resolvi empreender o registro por conta própria e independente de seu regramento, ao invés de uma atitude “santa”, confiável, amiga, “de Deus” - e, portanto, permitida - que teria sido a de procurar as imagens da Canção Nova feitas e vendidas por ela mesma. Concluí que Felipe estava enganado: a Canção Nova não era o lugar acolhedor e simpático que descrevera. Num lugar assim, os anjos não podiam voar.

\*

## 1

### **A descoberta do dom Canção Nova pelos Canção Nova**

Quando os membros da Comunidade de Vida Canção Nova iniciaram a vivência em comunidade, não faziam nenhuma idéia de como ela seria. Simplesmente começaram a viver juntos, orando, trabalhando e evangelizando, com a perspectiva de dedicar-se e empenhar-se exclusivamente ao serviço de Deus (Comunidade Canção Nova, 2002:09). No decorrer de um ano de comunidade, padre Jonas “sentiu em seu coração” que a Canção Nova era um projeto de Deus para toda a vida e não por um ano, como inicialmente sugerira àqueles jovens (Comunidade Canção Nova, 2002: 65). Ele pôde agora entender que a Canção Nova não fora criada naquela inspiração dentro do trem rumo ao catecumenato de 1978, mas vinha sendo despertada, dentro e fora dele, há muito tempo. Um fato se encaixava no outro, formando uma história: a sua vontade de ser padre, a presença de uma doença, a chegada ao Vale do Paraíba, a participação naquele retiro, a audição de um testemunho sobre Deus falando através da doença, o seu encontro pessoal com Jesus, a organização de encontros para Jovens, o conhecimento da Renovação Carismática Católica, o seu Batizado no Espírito, a aquisição da casa de

Lavrinhas e Queluz, o conhecimento de Luzia e Eto que o ajudariam na organização dos encontros, a conversa com o bispo, a leitura da Evangelii Nuntiandi (1975), nos catecumenatos, a inspiração divina pelo desafio da comunidade durante a viagem de trem, a aceitação ao desafio por onze jovens, a formação de uma comunidade com doze pessoas no Vale do Paraíba.

Conforme padre Jonas ia se abrindo ao transcendente e à vida de oração, sua atenção espiritual para com as inspirações de Deus amadurecia e sua percepção ficava mais apurada. Os acontecimentos da vida e sua intuição levaram-no a ir descobrindo que a Canção Nova consistia numa obra existente nos planos eternos e espirituais de Deus, mesmo antes de existir na realidade dos homens (Comunidade Canção Nova, 2002:34). A Canção Nova não nascera de uma mera idéia ou planejamento dele como também não nascera somente quando fora fundada na história dos homens. Ela já existia em realidade espiritual antes de ser fundada entre os homens e, aos poucos, ia sendo revelada por Deus. Houve um ato criador de Deus com um objetivo específico: criar a Canção Nova. Neste ato único, Deus reuniu pessoas, ser e missão (Comunidade Canção Nova, 2002:175). Segundo padre Jonas, Deus, quando cria uma obra, a cria para uma finalidade, para um objetivo, para uma missão. “Deus tem um objetivo quando cria uma obra e, porque tem esse objetivo, ele o imprime nela já ao criá-la. A obra já traz em si o seu objetivo. É criado com ela. Faz parte da sua essência, da sua natureza, é natural” (Comunidade Canção Nova, 2002:174). A missão é como uma semente viva no interior da obra. “Como uma planta que cresce, a obra se desenvolve e vai realizando aquilo para que foi criada: a sua missão” (Comunidade Canção Nova, 2002:174). A Canção Nova teve um lugar especial na mente criadora de Deus. Deus vai realizando continuamente o Seu projeto, até terminá-lo. “Ela tem um lugar só seu no coração do

Pai, que contempla a sua obra fazendo-se no tempo, e se alegra com a Sua realização” (Comunidade Canção Nova, 2002:175).

“Canção Nova” era um dom de Deus (Comunidade Canção Nova, 2002:34-84). Deus precisava de pessoas que fossem modelos desse dom e que trabalhassem para a materialização e perpetuação dos atributos e missão contidos nele (Comunidade Canção Nova, 2002:34). Deus, quando pensou a Canção Nova, pensou-a com as pessoas que haveriam de realizá-la no mundo dos homens ao longo do tempo. Seriam os “Canção Nova”. Os Canção Nova seriam homens e mulheres portadores do dom Canção Nova. Foram feitos por Deus para o serem. Nasceram “Canção Nova”, são essencialmente “Canção Nova”, são espiritualmente destinados por Deus à “Canção Nova”. “Borbulhava” (Comunidade Canção Nova, 2002:137) em padre Jonas a intuição de que os Canção Nova eram pessoas consagradas por Deus. “Consagrado”, segundo ele, significaria que alguém foi separado, escolhido, retirado do meio do povo por Deus para exclusiva e incondicionalmente servi-Lo (Comunidade Canção Nova, 2002: 137). “Consagrado” é aquele que foi eleito por Deus para ser instrumento da Sua graça no meio dos homens. Deus consagra nominalmente uma pessoa e a reserva para si. O consagrado permite que opere nele a força de Deus e que Ele o tome como Sua propriedade exclusiva. Ele não pertence a mais ninguém, nem a si mesmo (Comunidade Canção Nova, 2002:137-138). Ser consagrado a Deus não é escolha da pessoa. Deus a escolhe e a pessoa escolhida acolhe a escolha de Deus, ficando inteiramente a Seu dispor (Comunidade Canção Nova, 2002: 140). O consagrado se torna diferente dos outros porque é marcado pelo sinal da escolha divina, mas essa diferença não significa que ele seja melhor nem superior que os outros, mas porque foi escolhido pela iniciativa de Deus (Comunidade Canção Nova, 2002:138). “Queiramos ou não, somos diferentes. A diferença não está no exterior, está no âmago do nosso ser. Somos consagrados pelo

Senhor” (Comunidade Canção Nova, 2002:143). Portanto, os Canção Nova seriam propriedades de Deus, exclusivas de Deus, consagradas por Ele para serem “Canção Nova”, para serem o “rosto” desse dom.

Entretanto, quem é “Canção Nova” não sabe que é “Canção Nova”: vai se descobrindo “Canção Nova”. “Não é uma questão de esforço, de se esforçar para ser Canção Nova cá e lá, para promover a Canção Nova ou atrair para ela. Essa é a graça que nos é dada. Onde estamos, somos Canção Nova” (Comunidade Canção Nova, 2002:93). Alguém pode ter vontade de ser “Canção Nova”, mas sua vontade não o fará “Canção Nova”.

\*

2

### **Por um estudo sobre a Canção Nova: O projeto de dissertação de mestrado**

Iniciei o curso de mestrado em 2001 e quis estudar mais detidamente a Canção Nova. Mas, o que, nesse tempo, eu enxergava no que chamava genericamente por “Canção Nova”? Para mim, “Canção Nova” era o panorama arquitetônico e ritual que visitantes e fiéis encontravam preparado em dias de Acampamentos de Oração na grande área de acesso público chamada Chácara de Santa Cruz, situada em Cachoeira Paulista/SP. Com o decorrer da pesquisa, no contato que tive com pessoas que a freqüentavam com certa assiduidade, tomei conhecimento de que a Canção Nova era também uma comunidade e que as pessoas que organizavam os grandes Acampamentos de Oração moravam juntas nela, cotidianamente. Chamavam-na de Comunidade de Vida, Nova Comunidade Carismática ou Comunidade de Vida no Espírito<sup>34</sup>. Ela não estava fixada somente em Cachoeira Paulista. Em Cachoeira Paulista, estava localizada

---

<sup>34</sup> O termo Comunidade de Vida no Espírito será mais explicado na seção da história “2” chamada “Por um estudo da Canção Nova”.

sua casa-sede, mas havia casas-filiais de missão em outros estados do país e em outros países<sup>35</sup>. Lembro-me de que achei curioso o fato de essa realidade comunitária não estar evidente na comunicação da Canção Nova sobre ela mesma pela mídia. Quem não fosse adepto da Renovação Carismática Católica – o qual certamente conheceria as novidades organizativas nascentes dentro desse movimento - ou quem não freqüentasse, pelo menos algumas vezes, os retiros “espirituais” da Canção Nova, não podia deduzir que as pessoas que víamos conduzindo os retiros de massa habitavam juntas numa mesma residência. A vida comunitária na Comunidade de Vida Canção Nova não estava no discurso habitual dos seus membros na mídia ou em Acampamentos de Oração. Ela era, às vezes, referenciada de passagem, mas não era abordada comumente.

Embora fosse para mim uma novidade e me admirasse pela sua não evidência, a existência da Comunidade de Vida Canção Nova não me comovera a ponto de desviar minha atenção investigativa dos Acampamentos de Oração, que estavam cada vez mais superlotados de fiéis e espetaculares do ponto de vista tecnológico e ritual. Permaneci, pois, com a idéia de que “Canção Nova” eram os Acampamentos de Oração até que, nesse ínterim, tomei contato com um livro chamado “Canção Nova: Uma obra de Deus – Nossa história, identidade e missão”, escrito por padre Jonas Abib (2000), o fundador da Comunidade Canção Nova. Nesse, o autor narrava toda a trajetória da Comunidade de Vida Canção Nova, desde os seus inícios. Embora, de fato, fosse público o rigoroso discurso ascético da Canção Nova, que bradava a salvação do mundo, sobretudo, pelo cumprimento de valores da moral sexual e familiar, prescritos na doutrina da Igreja, e pela defesa do catolicismo como a verdadeira religião, o livro de padre Jonas deixava de lado o costumeiro e conhecido tom normativo e ortodoxo e expunha um ideal religioso e comunitário através de linguagem mística. Padre Jonas contava a história de um grupo

---

<sup>35</sup> A indicação desses estados e países estará no próprio corpo da tese na seção da história “1” chamada “Canção Nova em 2006”.

de pessoas que eram conduzidas diretamente pelo Espírito Santo de Deus como se estivessem mergulhados numa correnteza de rio. Eles eram levados por uma “maré divina”. Não faziam planejamentos, mas haviam sido planejados por Deus e seguiam os Seus planejamentos. Deus tinha dado uma missão para eles e eles, conforme foram percebendo esse “chamado” divino, deixaram empregos, família, relacionamentos, dinheiro, propriedades para realizá-la. Viveriam da Providência Divina. Sua missão era organizar Acampamentos de Oração e o trabalhar nos meios de comunicação social, evangelizando para salvar os homens do pecado. Deus se comunicava com eles através de fenômenos “espirituais” como profecias, visões, sensações, intuições. Eles aprenderiam a ler os sinais de Deus irrompidos na realidade para orientar suas ações e, através dessas ações, serviriam como um exemplo de humanidade e de organização humana para a sociedade pecadora.

Pelo que dizia padre Jonas Abib naquele livro, na cosmovisão da Canção Nova havia uma relação intrínseca entre vida em comunidade, experimentação místico-religiosa e missão de evangelização do mundo. Essa leitura iluminou o que eu via acontecendo em Acampamentos de Oração: experimentando os rituais junto aos fiéis “carismáticos” e com os comunitários da Canção Nova, em vários dias de variadas atividades (palestras, missas, adoração ao santíssimo, reza do terço, cursos, shows, entre outros), havia percebido que a rigidez e a ortodoxia - idéias que eu havia levantado acerca da Canção Nova anteriormente - não eram o único e, talvez, nem o maior traço discursivo e experiencial dela. Um discurso que falava da confiança na Providência Divina, da misericórdia de Deus, da entrega da vida à condução do Espírito Santo de Deus, e uma prática religiosa que atuava e estimulava experiências “espirituais” eram recorridos nesses rituais. Amiúde, eles eram mais intensos do que o discurso doutrinário e institucional. Portanto, mesmo que os membros da Canção Nova, com exceção de

padre Jonas Abib (2000) naquele livro, não mostrassem nem contassem publicamente sobre o que era e como era a vida comunitária dos membros da Comunidade de Vida, estava suposto que “Canção Nova” era principalmente a Comunidade de Vida. A descoberta de que a comunidade ocupava centralidade naquilo que eu conhecia genericamente por “Canção Nova” foi, pois, concomitante com a descoberta da forte tendência mística no discurso e na experimentação religiosa dos membros da Comunidade de Vida, exposta aos olhos e à sensação de todos, durante os retiros de massa.

\*

### **Como nascem os anjos**

**2002**

Por obra do acaso - ou do divino Espírito Santo, se quisermos uma interpretação carismática – eu retornava à Canção Nova exatamente sete anos depois da minha primeira visita. Ainda restava pendido no altar o crucifixo inteiramente ensanguentado. Mudou foi a disposição do meu olhar. Num dos bancos de madeira localizados ao centro do Rincão do Meu Senhor, acomodava-me para participar do retiro que já começara. Ajuntava-me a uma multidão de pessoas, acompanhando o encadeamento ritual, que somava animação musical, reflexão bíblica, oração em línguas e preparava os ânimos de todos nós reunidos para a primeira palestra do dia, que seria proferida por padre Jonas Abib.

Em certo momento, uma brisa repentina sobreveio-me. Fez-me imediatamente lembrar da narração de Felipe em 1995, que me garantiu ter sentido anjos voando na Canção Nova. “São os anjos”, associei com leve ironia. Pois não é que “anjos” compuseram mesmo a temática central das visões, das profecias e das palestras naquele “Acampamento de Músicos”? Vários comunitários da Canção Nova testemunharam terem recebido de Deus visões de anjos presentes ali nesse retiro, voando sobre e por entre nós. Não somente eu – vulgo representante da ciência social - “sentira” ou

interpretara a brisa súbita e passageira como a dinâmica dos anjos voando<sup>36</sup>. Então, estaria eu também experimentando fenômenos “espirituais” ou me sintonizando com a célebre áurea sagrada da Canção Nova?<sup>37</sup> O que posso afirmar é que ali percebi que, de algum modo, aprendera a empregar e passava a relativamente compartilhar de um conjunto de códigos simbólicos definidos e redefinidos na relação intersubjetiva dos presentes nos retiros da Canção Nova. A atmosfera misteriosa e sobrenatural da Canção Nova, a que várias pessoas se referiam, finalmente mostrava-se a mim. O ambiente interno ao ritual - composto de elementos propriamente simbólicos católico-carismáticos, como as “orações na linguagem dos anjos”, as pregações, as profecias, somados aos recursos musical e expressivo-corporal – e o ambiente externo ao ritual – composto de fenômenos naturais como a chuva, o sol, o vento, o calor, o frio - eram combinados para a definição de determinado contexto de realidade e então decifrados como sinais eruptivos do sobrenatural. Os sujeitos envolvidos eram, assim, os produtores de combinações de significados. E o fio condutor entre os sujeitos e a experiência religiosa era, fundamentalmente, a emoção e a percepção sensorial. Passava a ser compreensível a referência a Deus-Espírito como o ar que se respira, já que, naquele lugar, o sagrado a tudo englobava. Deus e os seres celestiais estavam presentes ali, podiam ser sentidos porque estavam misturados na realidade ordinária.

Será assim que nascem os anjos?

\*

1

### **O dom Canção Nova feito comunidade e missão**

Mas, Deus não fez os Canção Nova cada um de uma vez: concebeu-os todos juntos de uma só vez (Comunidade Canção Nova, 2002:25, 35-36, 38,57,74). Deus criou os Canção Nova “em cacho” como certos tipos de fruta. Assim como num cacho de bananas ou de uvas, as frutas não são todas iguais, mas possuem todas a mesma

---

<sup>36</sup> É importante aqui lembrarmos que o vento e a brisa são símbolos bíblicos usados para objetivar fenômenos espirituais. Ver, por exemplo, o episódio de Pentecostes em Atos dos Apóstolos 2, 1-4.

<sup>37</sup> Não posso deixar de associar essa experiência que tive à situação vivida e narrada por Goldman (2003) que ouviu os “tambores dos mortos” quando fazia trabalho de campo entre pessoas do movimento negro na Bahia, que eram adeptos do candomblé.

natureza, ou seja, são todas bananas ou todas uvas (Comunidade Canção Nova, 2002:57).

Aprendemos também a falar em Deus que “cria em cacho”, como certos tipos de fruta. Numa obra de Deus, as pessoas são criadas em cacho para se tornarem a estrutura humana dessa obra e para realizar os propósitos de Deus quando a suscitou. Assim como as frutas de um cacho são distintas, mas têm todas a mesma natureza (são todas uvas, ou bananas, e não somente são todas bananas, mas no mesmo cacho: ou são todas bananas prata, ou são todas bananas maçã) assim também, para atender a uma obra, Deus cria pessoas que são portadoras do mesmo chamado, do mesmo carisma e da mesma missão. Nisso elas se identificam. É isso que as atrai e as faz se unir e viver juntas: acabam descobrindo que essa é a sua vocação (Comunidade Canção Nova, 2002:57).

Esse “cacho” é a Comunidade de Vida Canção Nova. “Canção Nova” é a comunidade de pessoas criadas juntas com a mesma categoria de dom – o dom “Canção Nova”. O dom Canção Nova foi feito para se realizar plenamente numa comunidade. Deus os criou “em cacho” para serem a estrutura humana de um projeto de evangelização especialmente pensado para ela quando a gerou. A obra de Deus chamada Canção Nova vai se realizar através da missão Canção Nova que, por sua vez, vai se realizar só por meio dos Canção Nova. A obra, a missão e os Canção Nova são a materialização do dom Canção Nova dado por Deus.

Deus nos criou Canção Nova fomos pensados juntos. No decorrer do tempo, surgiríamos um depois do outro, mas já fomos pensados juntos. Fomos concebidos num único ato criador. Fomos criados Canção Nova, com o Ser Canção Nova. Com a missão Canção Nova; nós a trazemos como que embutida em nós, e somos nós que a vamos realizar. Fomos criados para a missão. Fomos criados juntos por causa da missão. Fomos criados tal qual somos em vista da missão (Comunidade Canção Nova, 2002:175).

Para que o dom Canção Nova se realizasse totalmente neste mundo era preciso que todas as partes do dom estivessem descobertas e reunidas. Entretanto, padre Jonas foi descobrindo que nenhuma parte está ainda totalmente descoberta nem todas as partes reunidas. Há vários níveis de descoberta: alguns portadores do dom Canção Nova já

conhecem parcela do dom que está em si, uns mais outros menos. Alguns não conhecem ainda nada da parcela do dom que está em si, ainda não sabem que são Canção Nova, e por isso, ainda não se ajuntaram à comunidade dos Canção Nova. Estão ainda se descobrindo e pouco a pouco se reúnem às demais partes.

Mas estamos diante de um mistério de Deus, que criou cada um de nós e nos destinou para essa missão, que a seu tempo trouxe cada um e nos reuniu. Sabemos que Deus tem outros e a seu tempo os trará e os reunirá a nós. Nós os contemplamos e acolhemos com grande respeito. Apenas verificamos com muita responsabilidade, se aqueles que vêm são realmente criados por Deus Canção Nova e por isso trazem em si o Dom (carisma) e a missão (Comunidade Canção Nova, 2002:185; Abib, 2000:105).

\*

### **Comunidade de Vida e Comunidade de Aliança**

A maneira original de vida comunitária da Canção Nova é a Comunidade de Vida. No decorrer do tempo, nasceu uma forma derivada: a Comunidade de Aliança. A Comunidade de Vida, também chamada Núcleo, é o centro donde irradia a missão Canção Nova. São membros da Comunidade de Vida aqueles que vivem a missão Canção Nova em regime de dedicação integral, morando em residências comunitárias e trabalhando na e para a Comunidade em serviços da missão Canção Nova. A Comunidade de Aliança, também chamada Segundo Elo, forma-se ao redor da Comunidade de Vida, depende dela para viver o dom Canção Nova. Seus membros carregam em si o dom Canção Nova, mas, não podendo viver em regime de dedicação integral, continuam a exercer sua profissão na sociedade e a morar em sua própria residência.

\*

**Por um estudo sobre a Canção Nova:  
O projeto de dissertação de mestrado  
- continuação -**

Se a vida comunitária ocupava centralidade na explicação do que era a Canção Nova, era importante conhecê-la. Até ali, eu só pudera imaginá-la a partir do que lera no livro de padre Jonas Abib (2000). Eu imaginava a vida na Comunidade de Vida mais ou menos assim: seus membros, a quem passava a designar por cançonovistas<sup>38</sup>, quando não estavam trabalhando nos fins-de-semana nos Acampamentos de Oração, se reuniam numa casa coletiva e, ali, grupalmente, estudavam a Bíblia e os documentos oficiais da Igreja, além de outros livros religiosos ou filosóficos; participavam juntos de orações, missas, adoração ao Santíssimo Sacramento; trabalhavam na faxina da casa; cozinhavam o almoço e o jantar; ajuntavam-se em mutirões para execução de alguma tarefa de necessidade coletiva; preparavam as palestras e a organização dos Acampamentos de Oração que haveria no fim-de-semana; alguns trabalhavam em programas diários de televisão e rádio; e viviam experiências “espirituais” semelhantes às daquelas que vivenciavam em Acampamentos de Oração, como visões e profecias. E, durante os fins-de-semana, os membros da Comunidade de Vida colocavam em prática aquilo que haviam preparado durante a semana, atuando na realização dos retiros e de outros eventos de massa, reproduzindo publicamente as experiências “espirituais” que viviam durante a semana no recôndito da comunidade e reproduzindo o discurso ascético que aprendiam nos documentos da igreja. Como seria a vida de uma Comunidade onde experiências místicas subjetivas e fenômenos sobrenaturais, reputados ao Espírito Santo de Deus, irrompessem no dia-a-dia? Como seria a vida

---

<sup>38</sup> Usei fartamente o termo “cançonovista” na dissertação de mestrado como recurso estilístico para fazer variação ao complemento nominal “da Canção Nova”. Deste ponto em diante, a palavra “cançonovista” será usada sem aspas.

numa comunidade em que se cresse que a sua fundação e seu funcionamento havia sido e era conduzida direta e invisivelmente pela “movimentação do Espírito Santo”<sup>39</sup> - uma energia “espiritual” imanente na realidade ordinária dos homens – e pelas instruções indicadas por Ele através de inspirações, profecias, visões, sensações, sonhos ou qualquer outro tipo de comunicação “espiritual”? Como seria uma comunidade que vivesse sob as regras ascéticas, sobretudo às da moral sexual, que severamente defendia em retiros?

A imaginação sobre o que era e como era a vida na Comunidade de Vida Canção Nova acontecia porque sobre ela havia anúncio e ocultação. Por um lado, havia o livro de padre Jonas que a anunciava. Por outro, não havia mais qualquer outro tipo de publicações escritas por qualquer outro membro da Comunidade de Vida Canção Nova, ou por outros autores, no âmbito da Renovação Carismática Católica ou da Igreja Católica, nem havia estudos do catolicismo contemporâneo, nas ciências sociais ou na teologia, nem havia discursos públicos da Canção Nova que registrassem a vivência na Comunidade de Vida Canção Nova<sup>40</sup>. Ela, como lugar de moradia também não podia ser vista facilmente por quem freqüentasse os Acampamentos de Oração. Somente posteriormente soube que a casa da Comunidade de Vida ficava situada na Chácara de Santa Cruz, mas numa área afastada, longe da parte em que circulava os freqüentadores de Acampamentos de Oração. Ela existia, mas não podiam ser acessada nem vista prontamente por quem não a pertencesse. A Comunidade de Vida Canção Nova,

---

<sup>39</sup> A expressão “movimentação do Espírito Santo”, usada pelo padre Eduardo Dougherty em entrevista dada à Carranza (2000) pode, igualmente, indicar a idéia de presença de Deus-Espírito na vida ordinária. Não só na vida ordinária do fiel, mas na vida ordinária em geral. A “movimentação do Espírito” existe independentemente da nossa vontade, sejamos adeptos ou não. Podemos ter menos ou mais consciência disso e, provavelmente, adquiriremos a plena consciência de tal fato após o recebimento do Batismo no Espírito e através do exercício da “vida no Espírito”.

<sup>40</sup> Antes de defender a dissertação, nas ciências sociais, as referências para os estudos das Novas Comunidades Carismáticas no Brasil eram Brenda Carranza (2000) e Júlia Miranda (1999). No meio carismático, havia o livro de padre Jonas Abib (2000). A CNBB e o Vaticano ainda não haviam se pronunciado a respeito.

dizendo-se sem-se-dizer, mostrando-se sem-se-mostrar, anunciando-se ao mesmo tempo em que se ocultando, criava uma aura de segredo em torno de si, que, por sua vez, era capaz de gerar imaginações, românticas ou sombrias, a seu respeito. Para refletir sobre aquele momento e também para entender o que eu vivenciara anteriormente com Felipe e nos episódios da primeira visita à Canção Nova em 1995, bem como, ainda, para preparar o campo analítico sobre os acontecimentos que sucederam posteriormente, penso que é proveitoso, desde já, acompanharmos as reflexões de Georg Simmel (1999;1939) sobre o segredo. Simmel considerou o segredo como um dos fundamentos da vida social, uma forma sociológica geral, neutra - portanto nem positiva nem negativa - e capaz de estruturar as ações recíprocas humanas (Simmel, 1999): “Toda relação humana é caracterizada, entre outras coisas, pela quantidade de segredo que nela se encontra e que a envolve” (Simmel, 1999:223).

A existência de um segredo entre dois indivíduos ou dois grupos e a sua medida, são questões que caracterizam as relações entre eles. Pois enquanto uma das partes não se dá conta da existência de um segredo, o comportamento daquele que o oculta, e assim toda a relação, são permeados por tal fato (Simmel, 1999: 221).

Simmel sugeriu que o segredo, mais do que a ocultação de um conteúdo, fosse compreendido como gerador do processo comunicativo e viabilizador das relações sociais, uma vez que as atitudes de silêncio, obscuridade, confiança, transparência, revelação, cooperação e mentira, intrínsecas nos contextos de segredo, são elementos instituidores de interação social. Nas palavras do autor: [A significação do segredo para a estrutura da interação humana] “não pode ser omitida, em vista do fato do segredo ser muitas vezes eticamente visto como negativo; pois o segredo é uma forma sociológica geral em situação de neutralidade, acima do valor e das funções dos seus conteúdos” (Simmel, 1999:221). Refletindo como Simmel (1999) através do fenômeno social do segredo, é possível entender a tendência à imaginação que me tomava quando pensava

na Comunidade de Vida Canção Nova. A aura do segredo estava na narração de Felipe sobre os mistérios sobrenaturais da Canção Nova; na atitude de revelação e de ocultação de determinadas imagens de Acampamentos de Oração pela Canção Nova; na desautorização de registro pessoal de imagens, de voz e de anotação por membros da Canção Nova; no suspense narrado sobre a ação da Providência Divina; na ocultação ou quase-revelação de que a Canção Nova era, fundamentalmente, uma Comunidade de Vida: “Diante do desconhecido, o impulso natural do homem em idealizar e o seu temor natural cooperam para com o mesmo objetivo: intensificar o desconhecido através da imaginação e dar-lhe uma ênfase que nem sempre corresponde à realidade patente” (Simmel,1999: 223). O segredo possui uma capacidade de sedução socialmente determinada, gera imaginação e contém uma tensão que somente se dissolve no momento da revelação (Simmel, 1999, 222-223). Ele inclui a consciência de que ele pode ser revelado: “de que alguém detém o poder das surpresas, das mudanças de destino, da alegria, da destruição - e até da autodestruição” (Simmel, 1999:223). Independente do conteúdo que ele guarda ou mesmo independente se ele existe, basta a possibilidade de ele existir para que, aquele que o supõe, mas não o detém, o cobice, bem como para aquele que o insinua, mesmo se não o detém, sinta que possui um grande poder em suas mãos. “A propriedade interior dos mais variados tipos, assim, alcança um acento de valor característico mediante a forma de segredo, em que a significação do que é ocultado se acresce diante do simples fato de que outros nada sabem sobre aquilo” (Simmel, 1999:222). A sensação de segredo em torno da Comunidade de Vida Canção Nova e, por conseqüência, a constatação de que, se ele existia, eu estava despossuída dele, aumentava a ansiedade por tê-lo, além de que criava a imaginação de que, o que é me era negado, devia ter um valor especial. Estaria eu

diante de uma comunidade que constrói a si mesma para si e para o outro a partir do segredo e da imaginação?

Acredito que, juntamente com a leitura simmeliana do segredo, as proposições de Crapanzano (2005) sobre fronteiras como horizontes imaginativos, que compõem uma antropologia da imaginação, já estão sendo e serão, no conjunto desta tese, imprescindíveis para uma experimentação da Canção Nova. Relembremos que, para Crapanzano, as fronteiras são horizontes “que se ampliam da insistente realidade do aqui e agora para aquele espaço ou tempo optativos – o espaço-tempo – do imaginário”. São horizontes imaginativos. Estes tipos de fronteiras não podem ser atravessados, pois balizam uma mudança de registro ontológico. Dessa maneira, são diferentes das divisas, que podem ser cruzadas (se estiverem abertas) e dos limites, que podem ser violados. O autor está pensando na fronteira que é o além do horizonte e que é a imaginação, construída socialmente, ao cogitá-lo: as possibilidades que ela proporciona, os desejos permitidos e censuráveis que desdobra, os jogos de poder que indica, o temor gerado pela incerteza, a sensação de contingência, de acaso que pode trazer, o entusiasmo, o encantamento, a sedução e o arrepio com o desconhecido que pode provocar. “Imaginado, sonhado, projetado, calculado, profetizado – logo, construído -, o além sempre depende de como o encaramos” (Crapanzano, 2005:365). A imaginação está num além e um aquém das fronteiras da facticidade e, por isso, consiste num lugar de prazer e dor, de paz e ansiedade, de desejo e de medo, de pura possibilidade. Ela é um não-ser, uma negação. É inacessível porque inexistente (Crapanzano, 2005:366). Um contexto da realidade que ilustra bem o que o autor quer dizer com horizontes imaginativos é o sertão: o sertão evoca as dimensões da experiência que se localizam além da percepção imediata de uma paisagem e abarcam a ansiedade que alguém sente na travessia. O sertão oferece uma possibilidade imaginativa ao mesmo tempo em que a

nega: “Lá, a dois passos do caminho que não trilhei e do qual já me distanciei, sim, é lá que se abre uma terra de essência mais elevada, onde poderia ter morado e que, desde então perdi” (Bonney apud Crapanzano, 2005, 366). Minha experiência, até então, com a Canção Nova gerava uma sensação de estar percorrendo o sertão, andando pelo deserto ou navegando em alto mar. A relação que eu estabelecia com ela era alimentada pela idéia de que havia algo entre o além e o aquém dos seus horizontes. Eu queria vê-la na realidade, mas como eu não a via e nada (ou pouco) dela eu sabia, era como se ela só se materializasse na realidade através da imaginação. Neste começo, embora só me restasse imaginar, quanto mais eu imaginava mais viscosa e enigmática me parecia a Comunidade de Vida Canção Nova, suscitando uma ansiedade por alcançar aquilo que, sobre ela, eu produzia em imaginação. Queria ver o que havia e que eu não via, ou antes, queria ver se havia o que eu não via. Eu queria des-cobri-la. Queria atingir o fim do trajeto até a Comunidade de Vida e chegar nela, finalmente. Minha ansiedade por resolver a ambivalência entre anúncio e ocultação da Canção Nova combinava com o que Crapanzano asseverou sobre a tendência cultural euro-americana em enfatizar os elementos que compõem uma relação e não a própria relação, constituída pelo além e o além, pelo “entre” fronteiras. Em nossa cultura – diz esse autor-, empregamos categorias e sistemas classificatórios fundamentados nessas categorias e sistemas classificatórios, em vez de nos concentrarmos em sistemas definidos pela relação e pela sintaxe. Comumente, salientamos a coesão e amenizamos a pausa, a elipse, a interrupção “De modo geral, não conseguimos ler em função do silêncio e do não-dito” (Crapanzano, 2005: 372). O não-dito e o não-visto que a Canção Nova me comunicava causavam em mim a impressão de que havia algo para além destes. Mas, se ela fosse exatamente aquilo que eu estava enxergando e achava que não estava? E se ela fosse a manifestação do não-dito e o não-visto neles mesmos? E se ela fosse uma combinação

não contraditória entre escuridão e claridade? E se ela somente existisse se estivesse envolta de nebulosidade e mediada pelo segredo e pela imaginação? E se, para ela, a imaginação fosse uma maneira de construir-se a si mesma e a sua ocultação ou sua quase-revelação servissem para instituir, quem sabe, uma cosmovisão segundo a qual, ao invés de “ver” a Comunidade de Vida pra “crer” na sua existência, era necessário “crer nela pra vê-la”? Considerando que o âmbito do imaginário é, como diz Crapanzano, “uma folga, às vezes dolorosa e angustiante, às vezes prazerosa e apaziguadora, do aqui e agora, em sua viscosa imediação” (Crapanzano, 2005:364), enquanto ela existisse na imaginação, não existiria na realidade tal como eu esperava, pois, naquele momento, o real da realidade estaria em suspensão. Mas, e se o real da realidade fosse feito da irrealidade da imaginação? É isso que pensa Crapanzano: “Assim estou particularmente interessado nas vias paradoxais pelas quais a irrealidade do imaginário imprime o real na realidade e por que o real da realidade compele a irrealidade do imaginário. Essas vias não podem ser separadas” (Crapanzano, 2005:365). Em outras palavras, a Comunidade de Vida Canção Nova podia ser real, mas provavelmente não existiria se não fosse mediada pela imaginação. Talvez eu não visse nem ouvisse a Comunidade de Vida Canção Nova porque sua forma de se materializar na realidade era pela imaginação produzida pela ocultação. Se ela se materializasse na realidade como eu desejava que fizesse, então, ela já não seria a mesma coisa, mas outra coisa. Crapanzano observa que, embora as imagens, sonhos, projeções, cálculos e profecias que realizamos, possam conformar e dar permanência ao além, ao fazê-lo, promovem a sua destruição, na medida em que, enquanto o constroem, asseguram seu deslocamento. Pois, o “além” não pode ser apreendido. Escorrega a qualquer conformação. Uma vez conformado, ele já é outra coisa. E esse deslocamento demove

nossas premissas acerca da realidade, base sobre a qual nossas construções são feitas (Crapanzano, 2005:365).

A justaposição entre ocultação e revelação que experimentava da Canção Nova era confusa para mim, embora não parecesse que era para a Comunidade de Vida Canção Nova. Nela, escuridão e claridade, ocultação e revelação, pareciam conviver simultaneamente sem o tom do paradoxo. Crapanzano observou que, em certos campos culturais, como o teatro e a religião, de sociedades como a japonesa e a marroquina, aquilo que está situado entre as coisas, entre as bordas, as divisas - o silêncio, o vazio, a pausa, os sonhos, a própria relação – é o que é enfatizado. Apesar de nós - eu e a Canção Nova - estarmos incluídas no contexto da cultura euro-americana, que estima, segundo Crapanzano, os parâmetros classificatórios, nesse momento, a Canção Nova se assemelhava mais a essas culturas orientais, onde a experiência do intersticial é o mais importante. Observemos que isso significaria que quaisquer parâmetros classificatórios, como, por exemplo, as fronteiras institucionais do catolicismo, ficariam postas em questão caso concluíssemos pela ambivalência da Canção Nova. Mas, ainda era bastante cedo para compor hipóteses como essas. Era preciso conversar com seus membros e pedir-lhes que me levassem para conhecê-la. Quem sabe eu não pudesse experimentar, junto deles, um pouco da sua proposta de vida em comunidade e, com isso, produzir uma compreensão do que é o fenômeno Canção Nova?

Mas, quem eram, para mim, os membros da Comunidade Canção Nova naquela ocasião? Eram aqueles que pregavam palestras, rezavam a missa, tocavam e cantavam em shows no Rincão do Meu Senhor e que podiam ser vistos e ouvidos, respectivamente, nas imagens da TV e nas ondas da Rádio Canção Nova. Eram também aqueles outros que serviam como atendentes nas lanchonetes espalhadas pela Chácara de Santa Cruz e no Shopping DAVI. Eram, por último, aqueles que trabalhavam com

serviços religiosos, como a confissão e o aconselhamento “espiritual”, durante os Acampamentos de Oração. Com aquela primeira categoria de membros – as personalidades a quem eu assistia pela televisão ou ouvia pelo rádio - era impossível a aproximação durante os fins-de-semana de eventos de massa, uma vez que eles não circulavam entre os fiéis e visitantes. Muitos deles eram músicos e, na medida em que tiveram suas imagens e suas músicas veiculadas na mídia, no decorrer da condução dos retiros, tornaram-se famosos, passando a ser assediados pelo público e a se posicionar com distância dele. Argumentavam que isso era uma medida de segurança para garantir sua integridade física. Queriam dizer que sua circulação pela multidão certamente provocaria tumultos e desencadearia acidentes a eles e a outros, além do que os exporia a toda sorte de pessoas, bem ou mal intencionadas. O contato pessoal que os comunitários da Canção Nova tinham com o público em Acampamentos de Oração se limitava à concessão de autógrafos. Ao final das palestras ou shows dessas celebridades, era comum vermos um grande ajuntamento de fãs a esperá-las atrás do palco com esse fim. Às vezes, havia celebridades no Shopping DAVI, sentadas na frente de uma mesa para dar autógrafa de seu último livro ou CD de músicas. Mas, o distanciamento mais curioso era o do padre Jonas Abib. Era misterioso e intrigante, para todos que acompanhávamos os Acampamentos de Oração, como era que ele deixava o palco do Rincão do Meu Senhor. Ele simplesmente estava ali, ministrando uma palestra e, dali a pouco, não era mais visto até o final das atividades do dia. Como era que ele ia embora? A casa dele seria embaixo ou atrás do palco? Ou haveria uma passagem subterrânea - um túnel - entre o palco e a sua casa na Comunidade de Vida, que também não se sabia onde estava? A ausência de contato direto de padre Jonas Abib com seus fiéis e a sua presença em cima do palco em Acampamentos de Oração e nas imagens de TV - seu aparecimento em determinadas ocasiões e seu “desaparecimento” inexplicável do palco

- suscitava em quem participava desses eventos muita especulação. Imaginação. Seria padre Jonas Abib um santo? Seria ele um ser sobrenatural? O que ele estaria escondendo de todos? Poderes “espirituais”? Ou será que ele se esconde porque tem muito dinheiro e teme ser assaltado? A política de ocultar para proteger acabava fortalecendo e alargando as imaginações a respeito de padre Jonas Abib, dos membros cançonovistas, da Comunidade de Vida Canção Nova e da Canção Nova de um modo geral. Nas suas reflexões sobre aura instaurada pelo segredo, Simmel observou que, “Para o homem comum, todas as pessoas e as realizações superiores e diferenciadas têm algo de misterioso. É como se o ser e o fazer humanos fluíssem de forças enigmáticas” (Simmel, 1999:222). A qualidade religiosa da Comunidade Canção Nova e, especialmente de seu fundador, somada à obscuridade que ela transmite, favorece a produção da idéia de que há algo sobrenatural e importante acontecendo naquele lugar e em torno da pessoa de padre Jonas Abib.

\*

### **Atentados a padre Jonas Abib e à Canção Nova contado por Alfredo**

Alfredo - O padre Jonas sofreu vários atentados. Foram coisas graves, horríveis mesmo. Tentativa de assalto. E houve um fato decisivo que realmente a Canção Nova teve que contratar equipe de segurança grande: umas duas ou três pick-ups entraram aqui na Canção Nova, foram à casa do Padre Jonas, mataram uma pessoa e foi um corre-corre. Vieram aqui no Clube do Ouvinte, pegaram uma pessoa daqui também, seqüestraram essa pessoa, levaram-na e depois disso - que eu não lembro direito, foi em dezembro - reforçamos a segurança. A pessoa que trabalha com mídia, ela sempre tem essa coisa, sempre tem um doido que vem, sempre tem alguém mal intencionado. O padre, certamente na história dele, já viveu muitas coisas. Então, sempre teve uma pessoa que o acompanhava, um membro da comunidade sempre ia junto para seu cuidado. Depois disso, [a Canção Nova] teve que colocar cachorros, câmeras. É perigoso. Isso foi traumático para todo mundo. Demoraram anos para a gente superar isso. Então, era uma coisa complicada (Alfredo, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, músico e filósofo, entrevistado em fevereiro, 2007).

\*

## O dom Canção Nova no coração do fundador

Padre Jonas, descobrindo que a Canção Nova foi feita em “cacho” por Deus, entendeu que Deus o quisera na frente para ser o principal canal, receptáculo e tradutor do dom Canção Nova para toda a comunidade dos Canção Nova e para o mundo. Embora, a princípio, se incomodasse como o título de fundador da Canção Nova - já que entendia que o verdadeiro fundador, arquiteto e o patrocinador da Canção Nova era Deus e não ele (Comunidade Canção Nova, 2002:35-36) -, teve a certeza de que “Canção Nova” era um dom e de que Deus precisava, neste mundo, de um homem responsável por ele. “Entre essas pessoas que ele cria juntas, por causa do Seu desígnio, e para a sua realização concreta, existe alguém a quem se dá o nome de fundador” (Comunidade Canção Nova, 2002:43). Padre Jonas rendeu-se à evidência de que esse alguém era ele (Comunidade Canção Nova, 2002:35-36). Ele receberia Suas orientações espirituais para os rumos da Canção Nova e aceitaria que fosse, assim, chamado de fundador (Abib, 2000:27):

Deus me pôs na origem, na raiz, no coração, no fundamento. (...) Deus me puxou e me empurrou muitas vezes. Penso que fui sempre muito “respeitado” em minha liberdade, mas que Deus andava com passos firmes à minha frente. Ele abria caminhos que eu não imaginava e pelos quais me via entrando. Dizendo hoje que a Canção Nova é uma “Fundação”, afirmo que foi Deus quem a fundou. Ele tinha desígnios a respeito dela; Ele a plantou, a fez crescer, a direcionou, podou, ampliou, a fez produzir frutos, a fez sinal, ponto de atração... Foi Ele, sempre Ele, tudo Ele, quem fez (Abib, 2000:27).

Se, no início da descoberta do dom Canção Nova, padre Jonas Abib acreditava que todos os Canção Nova, como ele, experimentavam e descobriam a certeza de que a Canção Nova era um dom dotado de características e desígnios - afinal eles tinham sido criados juntos por Deus -, depois que se aceitou e se assumiu como fundador, começou a tomar a consciência de que era ele quem precisava expressar com palavras o dom Canção Nova à Comunidade e ao mundo (Comunidade Canção Nova, 2002:37). Pois,

pela reação de surpresa dos demais membros quando o viam falar do dom Canção Nova, notava que ninguém nunca havia sentido, intuído, ponderado essas coisas na mesma intensidade e clareza que ele. Nele, elas simplesmente fluíam. Brotavam. A descoberta do dom Canção Nova em padre Jonas serviu para fazer alguns dos membros descobrirem que não possuíam o dom Canção Nova e resolvessem sair da Comunidade, ao mesmo tempo em que propiciou a descoberta do dom Canção Nova em outros membros que, quando ouviam as descobertas de padre Jonas, se sentiam profundamente contemplados naquilo que ele dizia. Eles percebiam em si a presença do mesmo dom que existia em padre Jonas. Muitos foram se firmando na certeza de serem criados por Deus para a Canção Nova e de serem chamados a permanecer na Comunidade, especialmente quando ele mesmo, padre Jonas, se declarara mais clara e completamente (Comunidade Canção Nova, 2002: 39). Contudo, para que descobrissem o dom que estava em si, eles dependiam que padre Jonas descobrisse primeiro e revelasse a eles.

Esses acontecimentos fizeram com que padre Jonas deduzisse que Deus infundira nele o dom Canção Nova por inteiro e parcialmente nos outros membros. Em outras palavras, embora todos eles tivessem sido criados juntos por Deus, fizessem parte do mesmo “cacho” e possuíssem a mesma categoria de dom – o dom Canção Nova -, não possuíam o dom Canção Nova em sua totalidade como ele possuía (Comunidade Canção Nova, 2002:37). Somente ele, o fundador, o possuía e o possuía porque era o fundador. O fundador, segundo ele, é como a lua que recebe a projeção da luz do sol (Deus). O fundador seria aquele que possuiria a “planta”, o projeto de Deus por inteiro para conduzir as partes à consumação do todo.

Entretanto, padre Jonas foi percebendo que, mesmo para ele, que era o fundador, o dom não era totalmente conhecido. O dom estaria oculto e unicamente realizado no coração de Deus. Só Deus o conheceria. Ninguém mais. Pois “a Canção Nova é, antes

de tudo, um desígnio do Pai, um querer d’Ele, um projeto que está n’Ele e só pode estar n’Ele” (Comunidade Canção Nova, 2002:42). Se o desígnio da Canção Nova, vivente no coração de Deus, estaria projetado no coração de padre Jonas, apenas em Deus o dom estaria na sua totalidade infinita (Comunidade Canção Nova, 2002:42). No fundador, o dom existiria em totalidade finita, “isto é, na totalidade que ele é capaz de conter como criatura e no quanto ele necessita ir para poder realizá-lo concretamente, no tempo e no espaço, tal qual o Pai quer” (Comunidade Canção Nova, 2002:42). A principal tarefa do fundador era, à luz e à condução do Espírito, ir descobrindo, lendo, decifrando o dom que Deus colocou em si e, na medida em que fosse descobrindo o dom em si, ir dizendo sobre ele aos outros membros da comunidade Canção Nova (Comunidade Canção Nova, 2002:43). “O pai colocou em meu “interior” um filão de ouro: o dom Canção Nova. Cabe a mim cavocá-lo, descobri-lo, fazê-lo emergir, colocá-lo à luz para que os outros o vejam e o descubram em si. Cabe a mim esta missão” (Comunidade Canção Nova 2002:43). Deus deu aos Canção Nova a mesma categoria de dom – o dom Canção Nova – mas, a cada um, uma parte desse dom e não o dom por inteiro, com exceção de padre Jonas que possui o dom por inteiro. Entretanto, eles também não conhecessem por inteiro o dom que lhes pertence. Eles possuem o dom, iniciam uma trajetória de descoberta do dom, mas, o que conhecem dele, nunca representará a sua totalidade. Deus vai revelando o dom Canção Nova progressivamente.

\*

**Por um estudo sobre a Canção Nova:  
O projeto de dissertação de mestrado  
- continuação -**

Se com as celebridades da Canção Nova era impossível de se conversar porque não se avizinhavam do público em Acampamentos de Oração, com membros que trabalhavam nas lanchonetes e nos serviços religiosos era impossível justamente pelo contrário: porque auxiliavam na infra-estrutura dos retiros, atendendo a demanda para alimentação e para a orientação e aconselhamento “espiritual” da aglomeração de fiéis que vão para aqueles encontros. Ainda assim, tentei diversas vezes conversar com esses, mas não obtive sucesso. Como conversaria com os comunitários cançãovistas?

Depois de meses de pesquisa de campo, já no final da pesquisa, conheci, em Acampamento de Oração, uma fiel carismática que me indicou Laura<sup>41</sup>, uma ex-comunitária da Comunidade de Vida, quem procurei e consegui que me concedesse uma entrevista. Laura vivera na Comunidade de Vida Canção Nova por cinco anos e havia se afastado há oito. Com exceção de uma amiga que deixara por lá, perdera quase todos os contatos com a Comunidade de Vida. Por isso, não se sentia à vontade de colocar-me em contato direto com ninguém da Canção Nova. Ela fora dizendo de pronto que me contaria coisas mais gerais da Comunidade de Vida para preservar a privacidade dos seus membros (Notemos que o não-dizer [ocultar] estava, mais uma vez, presente no que dizia respeito às questões da Canção Nova. A aura do segredo a rondava e produziria imaginação). Afinal, havia muitos problemas na Comunidade (Não dizendo quais eram esses problemas, Laura dizia que eles existiam. Ou seja, o não-dito sublinhava o dito, a ocultação promovia uma revelação), mas o padre Jonas Abib havia sido um pai para ela, ela sentia um grande carinho por ele e, por isso, não queria

---

<sup>41</sup> Laura é um codinome. Na dissertação de mestrado, ela está referida por Ruth.

prejudicar a reputação da Canção Nova (Percebamos que Laura ocultou informações sobre a Comunidade de Vida para não prejudicar a reputação da Canção Nova. Mas o que haveria que prejudicasse sua reputação? Sugeriria que havia algo sobre a Canção Nova ou sobre a Comunidade Canção Nova escondido pelos membros da comunidade). Segundo ela, havia episódios acontecidos na Comunidade de Vida que eram “abafados” (ocultados) entre os membros para que não chegasse ao conhecimento do fundador. Mas, com exceção disso, ela continuava sendo apaixonada pela proposta da vida em comunidade que achava muito bonita. Perguntei-lhe em que a Comunidade Canção Nova se diferenciava de outras comunidades de vida no sentido estrito do termo - comunidades onde se compartilha a vida diária em moradia comum (por exemplo, comunidades não-religiosas ou pertencentes a outros grupos religiosos como comunidades agroecológicas, budista, do Santo Daime, ou mesmo a comunidade familiar). Ela me explicou que a Canção Nova não era uma comunidade de vida “do mundo”, mas uma comunidade de vida “no Espírito”. Ela adjetivou a palavra “vida” com “no Espírito”. Posto de outra maneira, “no Espírito” era um predicado da vida vivida na Canção Nova. Assim, podíamos ler que os dois significados que adjetivavam “Comunidade”, juntos, compunham um terceiro significado: “Vida no Espírito”. Ou seja, na Canção Nova, não se vive em Comunidade unicamente porque se estima a vida comunitária por ela mesma. A vida comunitária da Canção Nova era diferente da vida comunitária de outros exemplos de comunidade porque na Canção Nova se vive “no Espírito”. “Viver no Espírito” – dizia Laura - era dispor a vida à condução imprevisível do Espírito de Deus num ato de entrega, abandono, intimidade e confiança absolutos. Era oferecer-se total e incondicionalmente à missão de evangelização do mundo, realizada através de encontros de massa e dos meios de comunicação social. Era depender da Providência Divina. Era viver somente para Deus. Era abdicar-se de si

mesmo – de propriedades, bens, família, emprego, relacionamentos, planos pessoais, medos, dúvidas – para descobrir a vontade de Deus mediante a interpretação de sinais divinos revelados nos fatos do cotidiano e confirmados por meio de fenômenos, dons, carismas espirituais como profecias, visões, sonhos prognósticos, inspirações (Oliveira, E. 2003). Era reconhecer sua impotência de ter o controle sobre os acontecimentos e rumos de sua vida. Era seguir ou buscar seguir o “ritmo” de Deus, sem definir ou cultivar definitivamente expectativas e planos, pessoais ou coletivos, considerando que a única coisa definitiva é a que está no plano de Deus. Era experimentar a presença pessoal de Jesus, de Nossa Senhora e dos anjos. Era silenciar para proposta de vida “do mundo”. Era experimentar e cultivar os dons do Espírito Santo: o poder da profecia, a oração na linguagem dos anjos, experiências visionárias, recebimento de revelações, curas e milagres. Era viver em comunidade, buscando e ensinando alcançar a santidade, através do seguimento de regras baseadas na doutrina da Igreja, especialmente as que dizem respeito à sexualidade, à família, ao consumo de drogas, à lealdade religiosa à Igreja Católica e à rejeição a manifestações religiosas não-cristãs.

Laura opôs “Vida no Espírito” à “vida do mundo”. É bom recordar que a Canção Nova e os fiéis da Renovação Carismática Católica de um modo geral empregam a palavra “mundo” ou as locuções “do mundo” e “no mundo” quando querem explicar quais são o lugar, o tempo ou a natureza do pecado e do mal. “Do mundo” provém a sexualidade vivida sem as regras da moralidade católica (sexo antes do casamento, homossexualismo, masturbação, uso de métodos contraceptivos), a degradação da família (aborto, divórcio), o hedonismo, o secularismo, o pluralismo, o relativismo, a diversidade religiosa. Além disso, compreende guerras, injustiça, individualismo, consumismo. “O mundo” representa tudo aquilo que é perecível, passível, corruptível, efêmero. É a não-vida ou “falsa” vida. Em oposição ao “mundo e ao tempo de Deus”

(lugar e ocasião da santidade, da “verdadeira” vida, da “Vida”), “o mundo” é um arranjo semântico que configura uma totalidade e, em última instância, denota o mal, a morte, o não-ser, a não-vida. Ao mesmo tempo, afirmam os Canção Nova que o “mundo de Deus”, não sendo “do mundo”, também se faz presente “no mundo” em realidade espiritual - manifesta na irrupção dos carismas do Espírito Santo e na ação da Providência Divina - e em realidade histórica - manifesta nas iniciativas de evangelização dos movimentos pastorais e comunitários da Igreja, mas particularmente na Renovação Carismática e nas Novas Comunidades Carismáticas. Dizendo assim, Laura construía uma fronteira entre o ideal comunitário da Canção Nova, que é “de vida no Espírito” (ou da “Vida”), e o ideal comunitário de quaisquer outras comunidades não católicas ou não religiosas, que são de vida, mas não são “no Espírito” (no sentido aqui sugerido, não são de “Vida”) porque ainda pertencem ao “mundo”. Em se tratando de âmbito católico, ao acrescentar “no Espírito”, Laura singularizava a “vida” da Comunidade de Vida Canção Nova - e das Novas Comunidades Carismáticas - em relação às demais “vidas” dos movimentos ou comunidades católicas, como as Comunidades Eclesiais de Base<sup>42</sup> e outras que não comungavam ou que não se estruturavam com a leitura teológica e cosmológica da Renovação Carismática Católica sobre a Igreja, os homens e o mundo.

Laura continuou narrando histórias que contavam sobre a ação da Providência Divina - uma das manifestações da “vida no Espírito” - na casa de missão da Comunidade de Vida Canção Nova em que vivera. Eram histórias parecidas como as que padre Jonas Abib (2000) contava em seu livro. Disse ela:

Fui da primeira equipe que veio pro Rio em missão. E aqui nós trabalhamos diretamente com a paróquia e nós vivíamos daquilo que as pessoas ofertavam pra gente. Lembro-me

---

<sup>42</sup> As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) definiram-se como a “igreja dos pobres”. Propunham-se ser uma igreja constituída de leigos, ligada ao movimento popular e voltada para a libertação dos oprimidos, em oposição ao *status quo* da igreja institucional (Steil, 1998).

bem que na primeira semana nós comemos muito arroz com bolinho de arroz. Claro, alternando, né? Tinha dia que primeiro era bolinho e depois o arroz. Nós vivíamos da Providência. Mas, o interessante é que mesmo que fosse o básico, nunca faltou nada pra gente (Laura, 28 anos, contabilista, ex-membro da Comunidade de Vida Canção Nova, entrevistada em 2002).

Laura narrava que “viver da Providência”, às vezes, “ficava muito pesado”. Segundo ela, na época em que viveu em missão na Canção Nova, todo dinheiro que era destinado à Comunidade ficava centralizado numa “caixinha”<sup>43</sup> coletiva. Se tivesse dinheiro em “caixa”, primeiro este seria utilizado para atender as prioridades estabelecidas no Conselho Geral<sup>44</sup> da Comunidade, composto, principalmente, por membros mais antigos. Não fazia parte das prioridades o consumo particular dos comunitários. Ou seja, se, por exemplo, um comunitário estivesse precisando de uma calça, ia-se procurar alguém que a doasse. Assim também era para o serviço médico: buscavam-se médicos voluntários que assistissem gratuitamente os comunitários, ou então seriam realizadas campanhas para arrecadar dinheiro, especialmente com a finalidade de pagar o tratamento<sup>45</sup>. Laura narrava que, certo dia, precisou sofrer uma cirurgia. Ela sabia que havia dinheiro na Comunidade, mas, no entanto, a ela não foi concedida quantia necessária para empreender o tratamento. No lugar, sugeriu-se uma campanha angariadora de fundos para tal fim. Sua mãe não aceitou que ela se submetesse a isso e resolveu pagar sua cirurgia.

Ela estava magoada com a Canção Nova por motivos que dissera que não me diria, mas acabara dizendo – pelo menos alguns. Ressentia-se de ter se submetido a coisas que foram contra a sua vontade pessoal. Por exemplo, ter jogado uma discografia da Janes Joplin no lixo porque, sem obrigá-la, as autoridades<sup>46</sup> da Comunidade

---

<sup>43</sup> Para saber mais sobre “caixinha”, ver história “1”, seção chamada “Providência Divina”.

<sup>44</sup> Sobre o Conselho Geral, ver história “1”, seção “Autoridade e Submissão”.

<sup>45</sup> Na época em que realizei a pesquisa para o doutorado em 2006, os membros da Comunidade de Vida afirmaram que já dispunham de assistência médica por plano de saúde.

<sup>46</sup> Sobre autoridade da Canção Nova, ver história “1”, seção “Autoridade e Submissão”.

convenceram-na a fazê-lo, afirmando que aquilo era música “do mundo” e não de Deus.

Disse ela:

Eu gosto muito de blues. Eu gosto muito de uma cantora chamada Janes Joplin. Mas a mulher morreu há ‘trocentos’ anos atrás. É estranho falar isso, né? E eu tive a biografia dela. Mas, como ela era de rock, blues, não era bem vista na Comunidade e, muitas vezes, nós tivemos que jogar as coisas fora. Não [éramos] obrigados, mas [as autoridades] diziam: ‘ah, isso aí não pode’. E eu cometi um dos maiores erros em relação ao meu gosto, porque eu joguei uma discografia dela no lixo. Eu vejo que isso é uma ignorância. Nada que ela cante – eu nem entendo em inglês, eu não sei o que ela está cantando - vai afetar meu coração, aquilo que eu sinto (Laura, 28 anos, contabilista, ex-membro da Comunidade de Vida Canção Nova, entrevistada em 2002).

O depoimento de Laura, “caído dos céus”, foi para a dissertação de mestrado um “pra não dizer que não falei das flores” – seria o único depoimento de um cançãoovista - mesmo que a “flor” em questão, àquela altura, não fosse mais do “jardim” da Comunidade de Vida. Laura, tendo sido cançãoovista, confirmava a existência da casa da Comunidade de Vida na Chácara de Santa Cruz, mas não me dizia em que ponto da Chácara ela estava. Ela também ficara muito admirada de que ninguém por lá tivesse me atendido para a pesquisa, mesmo em dias de Acampamentos de Oração, questionando a obscuridade da Canção Nova. Entretanto, compunha um discurso que igualmente vinha cheio de reticências e “ocultações declaradas”. Em outros termos, ela, tendo pertencido à Comunidade de Vida, conhecia a vida comunitária que eu desconhecia e, enquanto declarava que ocultaria várias coisas que havia vivido por lá, para não prejudicar a reputação da Canção Nova, revelava que havia coisas que precisavam ser ocultadas, mantendo a aura de segredo que já se constituía. Como nos diz Simmel (1999), a consciência de que o segredo pode ser rompido suscita a possibilidade e a tentação de confissão e boataria. É o que o autor chama de “tentação da traição”: “O segredo cria barreiras entre os homens, mas ao mesmo tempo traz à baila o desafio tentador de rompê-lo por boataria ou por confissão - e esse desafio o acompanha todo o tempo” (Simmel, 1999:223). Por isso, a significação sociológica do

segredo se realiza na capacidade de guardá-lo e na resistência ou fragilidade em face da tentação da traição, da revelação. Posso dizer que Laura, saudosa, agradecida, ao mesmo tempo em que chateada e chorosa com a Canção Nova viveu, em seu depoimento, a “tentação da traição” (Simmel, 1999:223), titubeava entre não revelar-revelando e revelar-não revelando sobre a Canção Nova no que diz respeito àquilo que, a princípio, ela desejava que permanecesse oculto. O que Laura dizia, talvez não dissesse sobre o que era a Canção Nova no presente, na medida em que estava afastada dela há quase dez anos. Mas, curiosamente, ao falar da Canção Nova, ela agia com um “padrão Canção Nova”.

Teria sido de grande proveito para a pesquisa e para a compreensão da Canção Nova se eu tivesse conseguido o contato pessoal e, quem sabe, a convivência com os cançãovistas na intimidade da Comunidade de Vida, aquela vida que, ao que parecia, só estava às vistas e ao experimento de seus próprios membros – pelo menos, isso é o que eu podia deduzir. Por isso, tendo em vista a dificuldade de contato direto com os membros da Comunidade de Vida Canção Nova; as novas percepções que tive com as observações de campo, sobretudo no que se refere à experimentação místico-religiosa; a descoberta do livro de padre Jonas Abib (2000) sobre a fundação da Comunidade de Vida; os contatos com vários fiéis frequentadores dos Acampamentos de Oração; e as hipóteses que surgiam com a combinação de todos esses elementos, desisti de explorar outras maneiras (maneiras menos evidentes) de buscar a Comunidade de Vida e resolvi que, na minha dissertação de mestrado, refletiria a Comunidade de Vida Canção Nova tomando por base as observações participantes nos Acampamentos de Oração, o material escrito e audiovisual produzido pela Comunidade que li, escutei e assisti<sup>47</sup>, e na análise das experiências e dos relatos de experiências de indivíduos frequentadores

---

<sup>47</sup> Ouvei 22 [vinte e duas] palestras proferidas por membros da Canção Nova, gravadas em fitas cassetes e fitas VHS e um repertório de músicas carismáticas produzidos pela comunidade.

daqueles megaeventos<sup>48</sup>. Em resumo, ressaltaria no trabalho dissertativo o que experimentara com essa no nível indireto (no sentido da distância pessoal) dos rituais e na mídia, com e como todos aqueles fiéis carismáticos e freqüentadores de eventos que estavam privados do seu contato direto. Com isso, estaria aceitando a idéia de que a Comunidade de Vida Canção Nova encontrava-se “encarnada” nos Acampamentos de Oração e, através deles, ela se mostrava, ainda que, ao mesmo tempo, não se mostrasse exatamente.

Uma peça importante para a formulação das hipóteses da dissertação de mestrado surgiu no bojo de entrevista que procedi com um fiel carismático, participante de Acampamentos de Oração: uma fita de vídeo chamada “Nova Era”, da coleção Batalha em Louvor<sup>49</sup>. Ela continha uma palestra ministrada pelo padre Jonas Abib, na casa filial da Canção Nova, em Queluz/SP, em que denunciava a cosmovisão Nova Era<sup>50</sup> como sendo um dos claros sinais das manifestações do anticristo (demônio) na Terra. A Nova Era seria a religião do anticristo. Por sua vez, a presença do anticristo na Terra consistiria num sinal do final dos tempos e da proximidade da segunda vinda de Cristo, pois, conforme o escrito no Apocalipse bíblico, antes do retorno de Cristo, o anticristo viria para tentar arrebanhar a maior quantidade de homens para o pecado e para os levar para o seu mundo, o inferno. Esses dados eram muito importantes porque eles traziam à tona uma ambivalência latente na identidade religiosa da Canção Nova: a combinação entre ascetismo e misticismo, desinstitucionalidade e institucionalidade religiosa. No começo dos estudos da Canção Nova em 1995, identifiquei nela, dentre outras coisas,

---

<sup>48</sup> Na ocasião, foram realizadas entrevistas abertas feitas com 09 (nove) fiéis carismáticos participantes dos Acampamentos de Oração, dentre mulheres e homens, entre 20 e 43 anos, ativistas em grupos de oração e, alguns deles, componentes em banda de música carismática.

<sup>49</sup> O conteúdo dessa fita VHS será tratada na história “1”, seção “O tempo da enganação: O movimento Nova Era e a Nova Ordem Mundial”.

<sup>50</sup> O movimento Nova Era foi caracterizado por Amaral (2000) como uma religiosidade caleidoscópica ou um “sincretismo em movimento”, ou seja, uma composição em se fazendo de múltiplos elementos de diversas tradições culturais religiosas ou não religiosas.

um discurso ortodoxo, defensivo do catolicismo, que produzia uma visão religiosa institucionalizada e institucionalizadora (Mariz & Machado, 1998), ou seja, que reforçava a instituição católica como a única religião verdadeira, sendo, portanto, contra-sincrética. Posteriormente, contudo, fora admirável perceber que ela atuava, discursava e estimulava uma religiosidade baseada na relação direta com o sagrado que, no limite, poderia culminar, paradoxalmente, numa desinstitucionalização religiosa. Em outras palavras, a experiência subjetiva e mística provada por seus membros tendia a um afrouxamento do poder regulador da instituição, abrindo espaço para uma relação religiosa pouco institucionalizada ou, em última instância, desinstitucionalizada. Por isso, fora interessante identificar que a crítica de padre Jonas Abib à Nova Era recaía exatamente sobre aquilo que os membros da Canção Nova também viviam na sua prática religiosa: a experiência mística e subjetiva do sagrado. A Canção Nova era e não era institucionalizada. E também o inverso: era e não era desinstitucionalizada. O que era? Era, numa formulação ambivalente, estranha e aparentemente impossível pela coincidência de opostos: institucionalizada-desinstitucionalizada. As fronteiras entre o que ela definia como “verdadeiramente católico” estavam permanentemente mudando de lugar (Barth, 2000). Se levada às últimas conseqüências a leitura da vida diária pelo olhar místico e holístico, era possível que os sujeitos que vivessem em Comunidade de Vida promovessem ressignificações subjetivas ao conjunto simbólico e doutrinário definido pelo catolicismo. Em havendo ressignificações e rearrumação contínua de fronteiras do que viria a ser ou não “católico”, ela abria brechas para que sua religiosidade se assemelhasse com outras religiosidades, cosmologias e valores que, a princípio, ela condenava - sobretudo, com as que se constroem pela recomposição contínua mediante a mística, como a Nova Era. Adotei, na dissertação de mestrado, a formulação de Laura – “a vida no Espírito” – e uma expressão corriqueira nos discursos

dos membros comunitários cançonovistas, apregoados em Acampamentos de Oração - “o mergulho no Espírito de Deus”<sup>51</sup> - para referir-me às configurações simultaneamente místicas e ascéticas da Canção Nova.

\*

**1**

### **O dom Canção Nova surge do “interior”**

Segundo descobriram padre Jonas e os Canção Nova, o processo de desvendamento do dom Canção Nova irrompe, em primeiro lugar, do “interior” da pessoa. A pessoa, que possui o dom sem o conhecer integralmente, está destinada a descobri-lo porque nela reside uma parte do dom que foi feita por Deus para constituir um todo dentro de si mesma (ser completamente parte, ser parte totalmente conhecida). Dispondo-se à descoberta de toda a parte que lhe cabe, o Canção Nova contribuirá para a realização de todo o dom, que foi feito para se manifestar em comunidade e não isoladamente em cada pessoa. O Canção Nova sente o “chamado” do dom dentro de si. No Canção Nova, é imanente o impulso de descobrir a essência do dom. Ele se sente impelido a isso, pois, o dom que está em si clama por conhecimento e completude. Não se trata de um esforço individual em descobrir. Descobrir o dom que está em si é ir ficando “atento aos sinais que, naturalmente, são emitidos pelo seu “interior”, que dizem o que a pessoa é. As qualidades, as suas capacidades, aquilo para que ela foi feita” (Comunidade Canção Nova, 2002:30).

\*

---

<sup>51</sup> Nos rituais da Canção Nova podemos sublinhar a recorrência à simbologia do “mergulho” e outras alegorias associadas especialmente à água para simbolizar “entrega a” e/ou “posse” do Espírito de Deus. A antropóloga Clara Mafra (1999), em estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, também já chamou a atenção para o uso recorrente de palavras e expressões relativas à água no discurso evangélico.

## “Caminho”

Todo aquele que se sente “chamado no seu interior” por Deus a ingressar na Comunidade de Vida Canção Nova percorrerá o que designam por “caminho vocacional”. O “caminho vocacional” - ou “caminho”, como é mais comumente conhecido - começa quando, homens e mulheres, entre 18 e 35 anos, que já cumpriram o pré-requisito da participação ativa num grupo de oração carismática por, pelo menos, três anos, são aprovados numa primeira seleção feita pela Comunidade de Vida e são aptos a participar do “Redão” - primeiro encontro vocacional - que é realizado nas casas de missão da Canção Nova distribuídas pelos estados do Brasil e de outros países. A partir desse encontro, os candidatos serão acompanhados individualmente por membros mais antigos da Comunidade de Vida. A estes, os candidatos mensalmente escrevem correspondências fazendo um “balanço” atualizado das várias dimensões das suas vidas: trabalho, afetividade, sexualidade, família, Igreja, “espiritualidade”. Os formadores lêem as correspondências dos candidatos e posteriormente os convocam para conversar a respeito. Durante um período de, no mínimo, dois anos, essa pessoa participará, junto com outros que pretendem ingressar na Comunidade, de encontros de discernimento promovidos pela Canção Nova e será acompanhada, através de cartas e conversas pessoais. Esse acompanhamento verificará a possibilidade dessa pessoa ser portadora legítima do dom “Canção Nova. Dir-se-á que ela está “fazendo caminho” para a Comunidade de Vida. Enquanto estiver “fazendo caminho”, ela será apenas uma candidata à Comunidade de Vida.

Grande parte dos que procuram a Canção Nova porque acham que são “Canção Nova”, no decorrer do período de “caminho” vocacional, sobretudo quando ouvem o depoimento dos membros da Comunidade de Vida sobre como é a realidade da vida em comunidade, descobrem que se equivocaram e não são “Canção Nova”. Então, abandonam o “caminho”. Outros descobrem que não são “Canção Nova” somente depois de já terem ingressado na Comunidade, quando não se adaptam aos princípios e às regras de vida da Comunidade<sup>52</sup>. Ninguém que seja legitimamente “Canção Nova” rejeitará ou descumprirá os princípios de vida comunitária, que pressupõem o convívio fraterno entre homens e mulheres, o entendimento, o consenso, o respeito das diferenças

---

<sup>52</sup> Trata-se dos princípios e regras de vida. São seis: viver sob a dependência da Providência Divina, o trabalho santificado, a sadia convivência entre feminino e masculino, a vida fraterna, autoridade e submissão, partilha e transparência. Ver mais detalhes em seções da história 1 mais adiante nesta tese.

culturais e sociais, a dedicação ao trabalho diário na manutenção de meios de comunicação social, a obediência a um “superior”, a autoridade sobre um “inferior”. Os princípios de vida são constituintes do dom Canção Nova. Rejeitá-los ou descumpri-los seria rejeitar e descumprir o próprio dom Canção Nova que está na pessoa e que, em última instância, é a própria pessoa. Não fora o dom feito para a pessoa, mas a pessoa feita para o dom. Sendo assim, o dom a precede e a constitui. Se alguém é capaz de rejeitar e descumprir o dom Canção Nova que está manifesto nos princípios de vida então é porque esse alguém nunca o possuiu. Os que entram, mas, em algum momento, desistem da vida da Comunidade Canção Nova, segundo os Canção Nova, nunca foram Canção Nova e tê-los afastados é bom para eles e para a saúde do “Corpo Canção Nova”.

Além dos casos de desistência da Comunidade de Vida Canção Nova por algum membro, há os casos em que o Conselho Geral da Comunidade indica membros para deixarem a Comunidade de Vida, se considerarem que a manutenção daqueles na Comunidade traz prejuízo, desequilíbrio e estorvo para o bem-estar da totalidade comunitária. Essa decisão somente é tomada após conversas, rezas, orientações dos formadores e outros responsáveis pelo aconselhamento “espiritual” com os indicados à saída compulsória da Comunidade.

Ainda, o ingresso na Comunidade de Vida está condicionado à aprovação do seu Conselho Geral para quem os acompanhadores encaminharão suas avaliações originadas do acompanhamento com os postulantes. Passados dois a três anos de “caminho”, a Canção Nova promove o Pré-Pertença, um encontro que demarca o final desse primeiro período de discernimento pessoal e acompanhamento vocacional, antes da entrada na Comunidade. O Pré-Pertença reúne os candidatos de todo o Brasil que perseveraram e que foram aceitos pelo Conselho Geral da Canção Nova para ingressarem na Comunidade de Vida. A partir de então, os candidatos se juntam ao corpo de membros da Comunidade de Vida, mas não são ainda reconhecidos como membros efetivos da comunidade. Numa escala hierárquica que mede o grau de pertencimento à Comunidade de Vida, eles ocuparão a categoria de pré-discípulos<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Quando iniciei as primeiras entrevistas com os membros da Comunidade de Vida em 2006, aos que se designam hoje por pré-discípulos e discípulos, bem como a fase do discipulado, chamava-se, respectivamente, noviços, pré-noviços e noviciado. No ano de 2007, houve uma

Quando pré-discípulos, os fiéis permanecem como candidatos, com a diferença de agora viverem juntos e trabalharem na missão com os membros consagrados da Comunidade de Vida e outros candidatos como ele.

O estágio seguinte da passagem do fiel rumo à consagração religiosa chama-se discipulado. Nesta etapa, os candidatos solteiros se retiram por um ano da sede da Canção Nova, em Cachoeira Paulista, para receberem de membros antigos na Comunidade uma formação intensiva dos princípios do “carisma Canção Nova”. Em regime fechado, os candidatos, agora alcunhados de “discípulos”, moram juntos nas propriedades administradas pela Canção Nova e destinadas especialmente aos propósitos do discipulado. Estão localizadas em duas outras cidades no Vale do Paraíba: Lavrinhas e Queluz. A casa<sup>54</sup> de Lavrinhas - antigo Seminário Salesiano para padres e propriedade sob jurisdição da Canção Nova - e a casa de Queluz - onde ficou estabelecido o primeiro domicílio da Comunidade Canção Nova, batizada de Casa de Maria - são pequenas fazendas cortadas por rio, com horta, criação de animais e a paisagem montanhosa do Vale do Paraíba. Na rotina dos discípulos, os afazeres domésticos da própria chácara estão previstos como parte do aprendizado do “dom Canção Nova”. Pela manhã, os discípulos cortam mato, plantam, cultivam e colhem alimentos da horta, cuidam de animais, cozinham, etc.

Entretanto, os estudos ocupam lugar importante no cotidiano do discípulo. Durante todas as tardes, assistem a palestras ministradas por comunitários consagrados mais antigos, sobretudo, a respeito dos documentos escritos pelo fundador e dos estatutos da Comunidade. Esses textos, designados por “Nossos Documentos” (2002) e “Nossos Estatutos” (sd) são cridos como a “escritura” da Canção Nova inspirada por Deus a seu fundador. Através deles, Deus teria indicado os fundamentos e princípios de vida exclusivos à comunidade e definido diretrizes específicas à Canção Nova para a missão de evangelização do mundo.

---

mudança nessa categorização em virtude das alterações no Estatuto da Comunidade de Vida. Adoto, pois, a designação mais recente.

<sup>54</sup>Os membros da Canção Nova chamam de “casa” as propriedades da Canção Nova onde estão fixados seus núcleos ou filiais de missão – por exemplo, a casa de Cachoeira Paulista ou a casa de Lavrinhas. Mas, também chamam de “casa” o apartamento ou a casa onde moram dentro da “casa” (núcleo) da Comunidade. Neste último sentido, normalmente se referem a “casa” com intimidade, usando pronomes possessivos “minha”, “tua”.

Os estudos dos discípulos abrangem ainda itens da doutrina católica, nomeadamente questões que se acercam da sexualidade e da família, tais como os preceitos condenatórios da prática de aborto e as orientações sobre os métodos de anticoncepção permitidos e proibidos pela Igreja. Além da formação mais estritamente religiosa, têm aulas de português, literatura e antropologia filosófica. O trabalho missionário é também exercitado pelos discípulos que prestam auxílio religioso em algum grupo de oração carismática de paróquias presentes nas redondezas dessas propriedades. No transcurso do período de discipulado, “o discípulo poderá livremente pedir o desligamento [da Comunidade] ou ser convidado a se desligar porque sua caminhada de formação não está se dando satisfatoriamente” (Comunidade Canção Nova, sd:45). Depois de ouvir a equipe de formação e a pessoa interessada, o Superior Geral e o Conselho Geral ponderarão sobre o desligamento do membro.

Decorrido um ano vivendo, estudando e trabalhando na casa de Lavrinhas ou de Queluz, os discípulos deverão manifestar ao Superior Geral, por escrito, “seu desejo de assumir sua pertença à Canção Nova com um primeiro compromisso de vida consagrada” (Comunidade Canção Nova, sd:45). Junto a isso, uma avaliação dos formadores, que acompanharam os discípulos durante essa fase, será levada ao Conselho Geral que, conferirá e aprovará, pelos indícios apresentados, se os discípulos estão aptos a assumir o primeiro compromisso de vida consagrada. Uma vez aprovado pelo Conselho, o Superior Geral dará sua decisão final pela admissão ou não dos discípulos à Comunidade de Vida.

Caso o pedido dos discípulos pela admissão na Comunidade e a avaliação dos formadores e do Conselho Geral sobre eles sejam aprovados pelo Superior Geral, voltam à sede da Canção Nova em Cachoeira Paulista e agora são reconhecidos como membros efetivos “juniores” da comunidade ou “irmãos mais novos”, status no qual permanecem por três anos. O Conselho Geral da Comunidade decide para qual casa da Canção Nova, no Brasil ou em outros países, enviará o “júnior” em missão. Alguns dos novos membros continuam na casa-sede, em Cachoeira Paulista, sobretudo os que são aspirantes ao sacerdócio, pois, a partir do Juniorato, cursam as primeiras disciplinas do Seminário sacerdotal. Ao final de cada ano de Juniorato, o “irmão mais novo” deve renovar seus compromissos de consagração, com a aprovação do Superior Geral e do Conselho.

Do Juniorato, o membro chega à Vida Consagrada, o último nível da escalada até a efetuação dos votos definitivos à Comunidade. Por três anos, os membros, chamados agora de “irmãos mais velhos”, experimentam e enfrentam mais de perto a idéia de viverem “pra sempre” dedicados exclusiva e integralmente à Canção Nova. Os “irmãos mais velhos” diferem dos “irmãos mais novos” pelo grau de responsabilidade e compromisso que passam a ter na Comunidade, especialmente no acompanhamento e formação “espiritual” dos “irmãos mais novos”.

A descoberta de ter ou não o dom Canção Nova não se conclui com a entrada da pessoa à Comunidade, mas vai se refinando. Ou seja, ao entrar para a Comunidade de Vida, o fiel inicia um outro processo de discernimento vocacional, mais aprofundado, mais longo, no seio da Comunidade, mas agora na condição de missionário. A cada ano, durante três anos, o consagrado renova, em celebração ritual, os votos temporários à Canção Nova até à “consagração para sempre”. A “consagração para sempre” é o auge do trajeto de sete a oito anos de formação da doutrina católica e bíblica, de experiência intensificada da “espiritualidade” carismática e de dedicação missionária pela qual atravessa o fiel que ingressa numa Comunidade de Vida. Os que se mantêm na Comunidade durante sete ou oito anos são finalmente membros consagrados à Canção Nova, pois descobriram em si fortes indícios de possuírem o dom “Canção Nova”, amadureceram e firmaram definitivamente seu compromisso de dedicação e entrega total e exclusiva da vida à Comunidade. O estado de “consagrado para sempre” oficializa a decisão de renúncia aos projetos de vida pessoais pela entrega “pra sempre” aos projetos de vida designados por Deus à pessoa. O consagrado assume categoricamente que seu plano pessoal de vida é o plano de Deus.

\*

## **Conjecturas sobre o romantismo da Canção Nova ou Por uma nova pesquisa sobre a Canção Nova?**

A imaginação sobre como era a Comunidade de Vida Canção Nova e a comparação estabelecida entre a Canção Nova e a Nova Era despertou-me, após a defesa da dissertação, para a cogitação de uma outra hipótese mais abrangente a respeito da Canção Nova: a de que sua cosmovisão, assim como a cosmovisão da Nova Era (Amaral, 2000; D'Andrea, 2000; Heelas, 1996), composta, entre outras coisas, pela experiência do sagrado pela via subjetiva (religiosidade do self) e mística e pela concepção de comunidade como comunhão de objetivos, possuía alguns traços fundamentais presentes no Romantismo Alemão dos séculos XVIII e XIX. Não desejo nesta tese aprofundar as discussões sobre o Romantismo Alemão, que é matéria vasta e cheia de matizes, mas indicar elementos constitutivos daquele movimento que, a meu ver, podiam ser relacionados à experiência comunitário-religiosa da Canção Nova.

\*

### **O Romantismo Alemão: notas**

Apesar do reconhecimento de que a palavra “romantismo” e suas derivações assumiram, na história ocidental, significados extensos, por vezes, polivalentes e contraditórios<sup>55</sup>, muitos autores (Duarte, 2004; Guinsburg, 1978; Lowy, 1995; Paz, 1984) consideram que, no que diz respeito ao Romantismo como um movimento histórico, social e cultural, a negação (moderna) da modernidade, em nome de valores predominantes antes do advento da sociedade capitalista, seria provavelmente a sua característica central. Segundo Duarte (2004), o Romantismo significou uma resistência ao universalismo e a suas proposições racionalistas e fisicalistas, embora nunca tenha derrubado o vigor desses ideais dentro do universo ideológico da modernidade. A nova ordem social moderna, que se caracterizava pela crença no futuro e no progresso,

---

<sup>55</sup> Segundo Lowy, por “romântico(a)s”, foram designado(a)s tanto a revolução, o indivíduo, o real, o retrógrado, a rebeldia, a democracia, o militante, o místico quanto a contra-revolução, a comunidade, o fantástico, a utopia, a melancolia, a aristocracia, o contemplativo e o sensual (Lowy, 1995: 09).

implicava a perda de “qualidades sensíveis a que muitos se sentiam profundamente apegados” (Duarte, 2004: 07) e provocava a emergência da representação de um passado perdido, quando o mundo era mais puro e harmônico. Recordemos que o ideário da modernidade, consolidado ao longo do século XVIII, foi resultado, dentre outras variadas causas, do extraordinário esforço intelectual iluminista pela expansão de formas racionais de organização social. Proclamou-se a libertação das “irracionalidades” da religião, a supressão da arbitrariedade do poder, a ruptura com a tradição. A religião era, então, cogitada como um atributo da experiência humana indubitavelmente oposto à modernidade. Doutrinas de igualdade e liberdade prosperavam e a crença na inteligência humana e na razão universal era disseminada. O Universalismo constituía o princípio ideológico moderno. Acreditava-se que as ciências poderiam promover não somente o controle da natureza, mas igualmente a compreensão do mundo e do “eu”, a evolução moral, a justiça, e, no bojo, garantir a felicidade e bem-estar dos seres humanos. O homem era idealizado como o sujeito de suas representações e ações, aquele que não mais admitia estar subordinado a leis naturais ou sobrenaturais, mas, em contrapartida, que pretendia encontrá-las a partir de sua razão e sua vontade. A grande transformação<sup>56</sup> estrutural da sociedade ocidental, situando o indivíduo no centro do cosmos, produziu radicais alterações no universo social. A religião – totalidade englobante nas sociedades tradicionais (holistas) – tem suas bases estremecidas em virtude da fragmentação da sociedade moderna em esferas. A despeito do prognóstico cético dos arautos da secularização, a esfera do religioso empreende um tenso diálogo com o mundo racionalizado, procurando uma nova re-totalização para não incorrer no que Weber chamou de “desencantamento” ou “burocratização do carisma” (Weber, 1982). Dentro da própria modernidade e “sem jamais abater a pujança do ideal universalista” (Duarte, 2004: 08), os românticos serão aqueles que evocarão um reencantamento ou uma ressacralização da vida (Ginsburg, 1978).

---

<sup>56</sup> Karl Polanyi (2000) chamou de “A grande Transformação” a ruptura balizada pela Revolução Industrial que dividiu a história ocidental em dois momentos: um primeiro, onde sociedades tribais, feudais ou mercantis fundavam o mercado em função de sua organização social, e um segundo, quando as sociedades passam a ser fundadas pelas leis do mercado (o mercado domina a vida social porque se separa dela). A sociedade do século XIX, segundo o autor, exibiria seu traço particular e inédito na história das sociedades, pois que a “atividade econômica foi isolada e imputada a uma motivação econômica distinta” (Polanyi, 2000:93). O surgimento de uma economia de mercado provoca a formação de uma sociedade de mercado: a sociedade fica subordinada às exigências do mercado. “A sociedade humana tornara-se um acessório do sistema econômico” (Polanyi, 2000:97).

A crítica moderna (romântica) da modernidade (Lowy, 1985: 34) esteve estreitamente ligada à experiência da perda de algo valioso, ao nível do indivíduo e da humanidade, causada pelos males da “civilização moderna”. O romântico sentia saudade de um passado pré-capitalista, quando as conseqüências funestas da modernidade ainda não existiam e os considerados “autênticos valores humanos” prevaleciam. Segundo Lowy (1995), o termo “romântico” era associado, nos começos do movimento, aos tempos da Idade Média. O romance cortês medieval teria sido uma das principais origens da palavra. Mas, mais comumente, a referência do romantismo fora o “passado mais longínquo”: o Éden, o paraíso perdido judaico-cristão, a Idade de ouro ou a Atlântida, as sociedades primitivas, o povo hebreu dos tempos bíblicos, a Antigüidade grega e romana, a Renascença inglesa (Lowy,1995:41-42). Perder o passado mais puro significava, para o romântico, estar expatriado, exilado do seu verdadeiro lar e, por isso, ele deseja, ardentemente, (re)encontrá-lo. Era, então, que, paradoxalmente, o “passadismo” romântico vislumbrava o futuro. O futuro estava além, mas também aquém. Ou melhor, o além se referenciava pelo aquém. O futuro consistia na possibilidade de reencontrar ou recriar o passado: “A nostalgia de um paraíso perdido é acompanhada, quase sempre, por uma busca do que foi perdido” (Lowy, 1995:42). “A recusa da realidade social presente, experiência de perda, nostalgia melancólica e busca do que está perdido: tais são os principais componentes da visão romântica” (Lowy, 1995:44). Contudo, o desejo do retorno ao passado não significava abandonar ou negar uma concepção de sociedade em que o indivíduo é um valor (Dumont, 2000:37). Portanto, o impulso pela volta significa a intenção de reaver, para a modernidade, elementos perdidos pela modernidade e não a vivência do passado exatamente tal como ele era.

Tudo o que era concebido pelos românticos como perda só pode germinar e se desenvolver plenamente no contexto moderno: a subjetividade do indivíduo, “o desenvolvimento da riqueza do ego, em toda a profundidade e complexidade de sua afetividade, mas também em toda a liberdade de seu imaginário” (Lowy, 1995:45). “Não há outro remédio senão afirmar, por mais surpreendente que pareça esta proposição, que só a modernidade pode realizar a operação de volta ao princípio original, pois só a idade moderna pode negar-se a si própria” (Paz, 1984:57). A valorização romântica da subjetividade é uma denúncia da reificação e padronização do

capitalismo que, para suprir funções sócio-econômicas, estimula indivíduos independentes, mas suprime o desenvolvimento de suas individualidades subjetivas. Segundo Duarte (2004), a ideologia do individualismo universalista caracteriza-se pela ênfase atribuída à “parte”: a idéia de que a sociedade é a articulação política de indivíduos movidos por “paixões” e “interesses” é semelhante à fórmula típica originária da cosmologia de Newton que conjecturava “elementos” isolados - os corpos celestes - estão sujeitas à ação de certas forças naturais. A segmentação dos elementos constitutivos de todos os entes gerou a denúncia básica no romantismo: a “perda, sobretudo, do sentido específico que a co-presença dos elementos na totalidade acarretaria” (Duarte, 2004:08). Isso faz com que, segundo Duarte, a mais abrangente das categorias de pensamento, originária das reações românticas, seja provavelmente a que se refere à totalidade. Comumente, no Romantismo, o valor do holismo - da totalidade - adquire, uma conotação de unidade (Duarte, 2004; Lowy, 1995).

Ora, o outro grande valor do romantismo - no pólo dialeticamente oposto ao primeiro - é a unidade ou a totalidade. Unidade do ego com duas totalidades englobantes: por um lado, com o universo inteiro, ou Natureza; por outro, com o universo humano, a coletividade humana. Se o primeiro valor do romantismo constitui sua dimensão individual ou individualista, o segundo revela uma dimensão transindividual (Lowy, 1995:46).

Segundo Duarte (2004), o conceito de “Espírito”, impregnado na categoria alemã de Geist, é uma das dimensões românticas da totalidade. Transmite a idéia de que a totalidade é algo maior do que o somatório ou a sobreposição das partes, como preconizou o modelo mecanicista. Geist representava a vida superior (“Vida”), “mais refinada, mais sublime, característica da experiência humana, individual ou coletiva” (Duarte, 2004, p. 09). Nesta perspectiva, “vida” e “espírito” se confundem.

Duarte pondera que, invariavelmente, a categoria da singularidade não é concebida como uma expressão da dimensão da totalidade. Apropriando-se das análises sobre o individualismo de Louis Dumont, esse autor usa o termo “singularidade” para manifestar a “idéia de que todo ente discreto pode ser considerado ao mesmo tempo individualidade, ou seja, um entre muitos outros de seus semelhantes, e ‘singularidade’, ou seja, uma unidade de totalidade em si” (Duarte, 2004:09). Ou seja, uma ambivalência é produzida quando se reconhece no mesmo indivíduo o caráter de parte e de todo. O todo e a parte de cada indivíduo imbricam-se. O individualismo romântico coloca a

ênfase no caráter único e singular de cada personalidade (Simmel, 1987). A integração do sujeito com a sua própria essência (self) provoca nele uma busca pela sua integração com a natureza e com os outros sujeitos. Nesse sentido, a estima da subjetividade favorece a estima pela comunidade. O paraíso perdido é a integração harmônica do homem com a natureza, e de cada indivíduo com a comunidade humana. Segundo Lowy (1995):

É o desejo de recriar a comunidade humana, encarada sob múltiplas formas: pela comunicação autêntica com outrem; pela participação no conjunto orgânico de um povo (Volk) e no seu imaginário coletivo manifestado através de mitologias e folclores; pela harmonia social ou por uma sociedade sem classes (Lowy, 1995: 47).

A categoria da “diferença” representaria, pois, uma outra reação frontal do pensamento romântico ao ideário individualista e universalista, especialmente pela importância que tem para eles a idéia da igualdade (Duarte, 2004: 09). A ênfase recai não só na totalidade desse indivíduo, mas também em sua propriedade (Eigenschaft) específica, distintiva, em relação às demais manifestações do espírito humano. A idéia de intensidade, um dos legados românticos mais importantes para as ciências humanas modernas (Duarte, 2004:09), é quase sempre associável à de singularidade e está intrínseca à dimensão diferença. Significa que um indivíduo ou um fenômeno experimenta intensidades não comparáveis àquelas vividas em outros tempos e espaços porque são particulares a cada momento.

Seguindo um primeiro momento de reação romântica sentimental, surgem sinais de reações intelectuais e políticas ao universalismo da modernidade (Duarte, 2004: 07). Por um lado, o que havia sido perdido era buscado no plano imaginário da literatura e da poesia. Schiller (apud Lowy, 1995:86) propõe, por exemplo, a invenção de um “estado estético” como forma de luta contra a fragmentação e alienação do homem moderno. Para Novalis (apud Lowy, 1995:42), a “romantização” do mundo, através do sobrenatural, do fantástico, do onírico ou do “sublime”, conspiraria para vivificar a vida banal, vazia e desencantada do homem moderno. Por outro lado, o “paraíso perdido” era redescoberto em tentativas de transformação da realidade social imediata e da própria vida individual, mesmo que continuando no interior da sociedade burguesa. Segundo Guinsburg (1978), “o grande sonho dos românticos é a inocência, a segunda inocência que englobe, ao mesmo tempo, todo o caminho percorrido através da cultura, isto é, uma inocência que não seria mais a primitiva, a do jardim do Éden, mas uma inocência

sábria. É a famosa criança irônica de Novalis” (Guinsburg, 1978:274). São exemplos disso as idéias de criação de comunidade de almas fraternas, do socialismo utópico dos discípulos de Saint-Simon, da paixão amorosa como uma doação de si sem limites, da infância como a época em que se está em contato com os valores mais essenciais do homem (época da inocência), da valorização da vida no campo como lugar onde está preservado, no presente, o passado mais remoto, em oposição à vida das cidades (Lowy, 1995:54).

A dimensão do “fluxo” é, ainda, apontada por Duarte (2004) como uma categoria estruturante do romantismo alemão. Diz respeito à propriedade constantemente móvel e dinâmica de todos os indivíduos e fenômenos. A idéia de “fluxo” é oposta à cosmovisão universalista que estima a estabilidade e a permanência do mundo. Segundo Duarte, os românticos temem a imobilidade ou a permanência porque ela representa a não-vida para quem busca o valor superior da vida. Para se ter a “Vida” é preciso movimento constante num fluxo progressivo. Segundo Duarte, o conceito de “cultura subjetiva” e “cultura objetiva” de Georg Simmel é a formulação mais completa da idéia de “fluxo”, visto que “As qualidades positivas da cultura subjetiva são justamente as que se instituem na temporalidade, no fluxo da mudança, na intensidade da criação interior” (Duarte, 2004, p. 10).

A propósito de Simmel, Jonatas Ferreira (2000) nos lembra que, no contexto romântico das ciências humanas, foi Simmel um dos que abordou a vida como problema filosófico e existencial pulsante no mundo moderno. Para Simmel, a vida é uma fronteira construída pelo compartilhamento do ser e do não-ser. O horizonte do não-ser (finitude, morte) potencializa a presença do ser (Vida), e a potencialização do ser nos faz perceber o horizonte do não-ser. Segundo Ferreira (2000), a vida é a transcendência “do finito na direção de sua própria finitude, e não na direção de sua superação” (Ferreira, 2000, p. 110). “Este é o ponto em que a idéia de morte, como nada que abarca a vida e o ser, como impossibilidade absoluta, apresenta-se como transgressão fundamental a partir da qual o self se estrutura” (Ferreira, 2000, p. 112). A consciência da finitude (morte) produz o desejo de viver como self. O sentido e finalidade última da vida não é algo que lhe é externo, mas é a própria vida.

\*

### **A religiosidade do self**

Um dos elementos caudatários da tradição romântica que, a meu ver, estaria presente na Canção Nova seria a “religiosidade do self. A “religiosidade do self” suporia o princípio da “interioridade do sagrado” ou a existência de uma realidade no “interior” dos sujeitos que é a fonte natural do amor, da sabedoria, da “iluminação”, da criatividade e do poder, o lugar da verdade e da vida real do homem: o “verdadeiro eu” (Amaral, 2000; D’Andrea, 2000; Heelas, 1996). Se esta realidade interna estivesse em sintonia com a “verdadeira essência da vida”, representaria a manifestação do Espírito, da divindade ou do Criador no mundo humano. A união com o divino implicaria a superação do “eu” individual ou da “personalidade externa” - que é contaminada pelo “pecado” ou pelo “mundo”, como dizem os fiéis carismáticos e cançonovistas - e a conseqüente libertação do self sagrado. Nesse sentido, a categoria “mundo” se oporia à categoria “interior” (self). Isso porque o “mundo” - representando a esfera das identidades fixas ou categorias socioculturais - é o “eu imperfeito” ou “eu inferior”, e o “interior” (self) – denotando abertura, essência, verdade, desenvolvimento, superação - é o “eu autêntico ou “eu superior” (Amaral, 2000; D’Andrea, 2000; Heelas, 1996). Em outras palavras, no “interior” do homem, mora dois “eus”: a centelha divina (“eu” superior, verdadeiro “eu”, verdadeira vida, o Ser, o dom de Deus, o Espírito de Deus, o self) e o pecado (o “eu” inferior, o falso eu, a falsa vida, o não-Ser, “o mundo”, a morte, o pecado, o mal, o ego). Os membros da Comunidade Canção Nova não costumam usar literalmente as categorias self e ego, originárias da psicanálise, como faz, por exemplo, o movimento Nova Era, mas usam os significados semelhantes a partir de outros termos como “interior” ou “coração” (self), e “mundo” e “pecado ” (ego). Deus é transcendente, mas também é imanente ao homem. O homem deve procurar o seu “Ser”

“interior”, que é divino. Mas, a existência permanente de um “eu” inferior (pecado), que representa limitação, morte, finitude, exige que ele se torne um eterno “buscador” do seu “Ser”. É necessário sacrifício e transformação constantes para que ele possa acessar o “todo” (Deus), já presente no seu interior. Para essa concepção, o “Ser” é um eterno emergir e devir”.

A acepção de “Vida no Espírito”, segundo entendi das explicações da ex-comunitária Laura, pareceu-me combinar com as acepções românticas expressas nas categorias “vida” e “espírito”. “Viver no Espírito” significava viver a experiência da “Vida”: um tipo de vida sublime, superior, intensa, “espiritual” (sobrenatural), moralmente “santificada”, movimentada (conduzida) pelo fluxo do Espírito num ritmo progressivo, essencialmente imprevisível para os humanos, embora eterna para Deus. “Vida” seria a lembrança de uma qualidade de “ser” contida nos sonhos de Deus para a humanidade, que foi vivida no início dos tempos, perdida pelo homem, mas prometida de ser recuperada no final dos tempos. Em resposta à vida “do mundo” - um tipo de vida inferior, condição do não-ser, da não-vida, do pecado, da previsibilidade e da estabilidade -, “viver no Espírito” é condição para a realização legítima do “Ser” e da “Vida”. Tendo como horizonte a finitude da vida “do mundo” - que representa, em última instância, a morte ou a “falsa vida” - em contraposição a “infinitude” da “Vida no Espírito”, a Canção Nova quer ser um sinal de esperança para a realização, neste mundo, da “vida verdadeira” ou da “Vida”. Isso não equivale a ser espiritualmente ou moralmente superior a outros indivíduos, dizem os Canção Nova. Eles se autodefinem como “miseráveis espirituais”, sujeitos a um processo “longo, duro e sofrido” (Abib, 2000, 102) de nascimento e crescimento, em seu “interior”, do “homem novo” à imagem de Jesus Cristo. Entretanto, os princípios e regras de vida por eles professados,

somados à sincera vontade de genuinamente praticá-los, são considerados suficientes para promover o desenvolvimento “espiritual” e a santidade.

\*

### **O individualismo humanista e o individualismo subjetivista: notas**

A modalidade de individualismo humanista estaria baseada na “liberdade” e na “igualdade”. Seria o Sujeito da Razão que articula e engloba os sujeitos moral e político (Duarte, 1983). Pressuporia que, por debaixo do homem definido historicamente e singular, existe uma natureza perfeita e universal – o homem em geral -, mas que, para fazer emergir essa essência, é necessário livrá-lo das influências históricas, dos entraves políticos e religiosos, das pressões institucionais – vistas como artificiais - para que possa manifestar o seu ser mais profundo (Amaral, 1994).

Não obstante, o século XIX assiste ao despertar de um sujeito que se distingue dos demais não por sinais externos de status e posição social, mas pela possibilidade de potencialização do seu “interior”. A referência de liberdade, exclusiva ao plano dos direitos e deveres sociais consentidos, amplia-se para incorporar o plano da interioridade autodesenvolvida. Podemos dizer que, grosso modo, a análise, por um lado, do racionalismo iluminista francês do século XVIII e, de outro, do romantismo alemão, do século seguinte, apresenta a oposição entre duas facetas do paradoxal homem moderno: o indivíduo jurídico da cidadania e dos direitos e deveres universais e o indivíduo psicológico, interiorizado e propenso ao “autocultivo”. O Romantismo modificaria a expectativa iluminista da autopreservação e autodeterminação para a perspectiva da auto-realização e do desenvolvimento da potencialidade individual (Klinger apud Breseke, 2004:29). O individualismo subjetivista representaria uma espécie de reação à versão individualista universalista. Diria respeito ao indivíduo psicológico que determina a si mesmo do “interior” para o exterior, procurando a diferenciação uns em relação aos outros. A noção de liberdade permaneceria como denominador comum, mas “para obter a individualidade autêntica pelo cultivo interior” do self (Amaral, 1994:15). O alargamento do self, o florescimento da subjetividade – ou da individualidade autêntica - e o auto-aperfeiçoamento são, nesse sentido, os valores de busca. A descoberta do self implica na união e na sintonia do sujeito com um Deus

“interior” que, se revelado, conduzi-lo-á a adquirir autenticidade, sabedoria, riqueza e prosperidade, criatividade, energia, poderes ocultos, saúde e harmonia (Amaral, 1994).

Até aqui, a religiosidade do self foi reputada à tradição romântica moderna. Entretanto, seguindo as análises de Luiz Fernando Duarte e Emerson Giumbelli (1995), perceberemos raízes mais profundas. Segundo os autores, a “cultura ocidental moderna” de um modo geral – nas suas expressões universalistas e românticas - herdou do cristianismo a combinação obrigatória entre os princípios da verdade, da interioridade e da vontade. Na tradição cristã, o sujeito moral denota a idéia da “alma individual e a sua relação direta com a Divindade através da consciência, a concepção ética do pecado (por oposição à transgressão ritual), o mecanismo da confissão privada” (Duarte, 1983, 10). Durkheim (1975) já observara que a originalidade do cristianismo consistiu justamente num extraordinário desenvolvimento do espírito individualista, e Marcel Mauss (1974), no seu clássico “Noção de “pessoa” e noção do eu”, evocou a “pessoa” cristã como um dos níveis de evolução entre as concepções moral e psicológica. O cristianismo conduziu do exterior para o “interior” do indivíduo o centro da vida moral: “O indivíduo fora elevado a juiz soberano do seu próprio comportamento, sem ter de prestar contas senão a ele próprio e ao seu Deus” (Durkheim, 1975:245). A identificação de princípios cristãos na constituição de princípios estruturantes da cultura moderna ocidental fortalecia a minha conjectura inicial de que, considerando o que se lia no livro de padre Jonas Abib (2000), a Comunidade Canção Nova, na condição de manifestação do cristianismo católico e de sujeito histórico no mundo moderno contemporâneo, podia ter-se constituído com aspectos legados da tradição romântica. Fortalecia ainda mais essa hipótese a relação originária da Renovação Carismática Católica, donde viera a Comunidade Canção Nova, com o protestantismo de cunho pentecostal, atuante nos anos 60 do século passado. Pois, como observam alguns autores como Joseph Eichendorff e Octavio Paz (apud Bruseke, 2004:28), o fato de a reforma protestante ter situado o indivíduo acima do dogma e de ter como princípio maior a libertação da subjetividade de quaisquer reduções hierárquicas, promovendo a interiorização da experiência religiosa, faz dela um forte responsável pelo florescimento do Romantismo no mundo ocidental. O movimento do Bildung (“construção de si”), formalizado na Alemanha em finais do século XVIII, representou uma outra tradição consagrada ao “cultivo do espírito” individualizado e laicizado da pós-Reforma. É a expressão máxima da interioridade ocidental observada na elaboração da teoria da

integral peculiaridade do espírito individual, distinguível, especialmente, pela elevada exploração da sensibilidade. Duarte e Giumbelli destacam a evidência dos elos que acoplam o centro da experiência romântica à interiorização protestante, particularmente o pietismo (Duarte & Giumbelli, 1995: 105).

Utilizando as categorias analíticas adotadas por Simmel (1987), o pensamento romântico alemão da Bildung, que desenvolve o tema da originalidade e do “cultivo interior” do sujeito, estaria mais próximo de um “individualismo qualitativo”. Simmel contrapôs "individualismo qualitativo" ao "individualismo quantitativo". Com o primeiro, referiu-se à singularidade, interioridade, intensidade, autenticidade e criatividade dos sujeitos da cultura. Com o segundo, referiu-se aos sujeitos sociais previstos no ideário universalista, iluminista, que afirmava a liberdade, a igualdade e a autonomia dos "cidadãos" das democracias modernas. Já as teses de Durkheim, defensoras do sujeito partícipe de uma humanidade abstrata e universal, sustentada pela idéia de uma lei natural, cujo tema central é a igualdade, de um homem que desfruta de liberdade, com autonomia, no plano da sociedade, estariam mais referidas a um “individualismo quantitativo”. Caberiam, nesta última, as idéias da cidadania, das liberdades públicas, da relação entre cidadão e ordem pública.

\*

2

### **Comunidade como comunhão de objetivos**

Como não convivi no seio da Comunidade de Vida Canção Nova como quisera, os primeiros conhecimentos sobre a Comunidade de Vida Canção Nova se deram, como disse anteriormente, sobretudo, a partir do que lera no livro escrito por padre Jonas Abib (2000). No que diz respeito à Comunidade de Vida, ao lê-lo, tive logo duas impressões: primeiro, que seu narrador buscava uma vinculação da Comunidade Canção Nova com a experiência comunitária do cristianismo primitivo, acontecida a partir de Pentecostes; e segundo, que ele parecia defender a vivência em uma comunidade autônoma como uma forma de garantir a autenticidade cristã. Era possível notar a referência às comunidades cristãs primitivas no texto de padre Jonas Abib, quando ele apresentava a

Canção Nova como uma comunidade de católicos que experimentavam, no cotidiano, as manifestações dos carismas do Espírito Santo e que abdicavam de bens materiais para viver somente da Providência Divina e da partilha, até a segunda vinda de Cristo.

O que contava padre Jonas Abib lembrava-me dos significantes que estão presentes nas raízes do movimento carismático católico, donde as Novas Comunidades Carismáticas surgem: o anseio pelo retorno à tradição - “ao tempo em que a instituição (Igreja) nasceu ‘pura’, sem mácula, das mãos do próprio criador” (Neto, E., 1997:17); o desejo de resgatar, à lembrança e à prática católica, os fenômenos mencionados no episódio bíblico de Pentecostes (Neto, 1997); o desejo de reformar a Igreja Católica para que esta reconhecesse como legítima, fundamental e mesmo prioritária a incorporação de vários aspectos do modelo religioso evangélico-pentecostal ao catolicismo (Oliveira,1978; Prandi,1997).

Entretanto, podíamos notar que a narração de padre Jonas Abib sobre a Comunidade de Vida ultrapassava o âmbito do fenômeno exclusivamente religioso, quando enfatizava a vida em comunidade local, autônoma, relativamente auto-sustentável, retirada dos grandes centros urbanos como um modelo de vida alternativo àquela da sociedade moderna capitalista. É bom lembrar que a sociedade moderna, também frequentemente chamada pela Canção Nova e por fiéis carismáticos em geral de “o mundo”, assume significações pejorativas ao significar o espaço e as relações da sociedade moderna vida social secular, típica das metrópoles, onde estão, em plena interação, indivíduos com crenças e valores heterogêneos e diversificados, nem sempre congregados pela filiação católica (e, sobretudo, de tendência carismática). A vida das grandes cidades seria um território mais favorável à produção e perpetuação do pecado. Em meio ao que chama de “mundo”, a Canção Nova, buscando a santidade e o combate do pecado, rejeitaria o próprio “mundo” e proporia a contrapartida: a comunhão, a

proximidade e intimidade relacional, a identificação, a homogeneidade, a compreensão, o consenso. Era provável que os membros da Comunidade de Vida Canção Nova acreditassem que a vida num tipo de comunidade em que se cultivasse valores opostos aos “do mundo” restabelecesse o bem-estar individual e social dos que nela estivessem e, por conseqüência, fosse um exemplo de comunidade para a comunidade humana como um todo. A crença religiosa - neste caso, motivação primordial para a instauração da Canção Nova - parecia depender necessariamente da (con) vivência numa comunidade para ser autêntica e plenamente experimentada. O desejo de pertencer e de permanecer em uma pequena comunidade, bem como o anseio por segurança ontológica e autoproteção, refletido nos sentimentos de “volta ao lar” e de “viver junto”, possivelmente estivesse compondo um ideal comunitário-religioso. Além disso, viveriam juntos em nome de um objetivo comum: a evangelização “do mundo” cumprido, fundamentalmente, por intermédio dos meios de comunicação social e da organização de megaeventos para não-comunitários, católicos ou não.

Essa idéia de comunidade como comunhão de objetivos, como fusão de sentimentos e pensamentos, como estabelecimento de relacionamentos sadios e fraternos é legatária das concepções de comunidade expressas pelo Romantismo do séc. XIX (Amaral, 2000). O Romantismo contrapôs o simbolismo da comunidade como comunhão de objetivos e como fusão do sentimento e do pensamento às relações de “competição, conflito, utilidade, consentimento contratual e individualismo despersonalizado nas cidades” (Amaral, 2000: 27). O convite romântico à tradição como prosseguimento da vida orgânica da comunidade confrontou “o individualismo atomista da Razão, o individualismo jusnaturalista dos séculos XVII e XVIII, o individualismo econômico e político do racionalismo utilitário e do industrialismo do *laissez faire*” (Amaral, 2000: 27). Segundo, Nancy (apud Amaral, 1996), a história da

modernidade pode ser definida como uma obsessão para recriar comunidade, expressando um sentimento de perda da comunidade, cujas raízes ele localiza na consciência da perda da comunidade cristã (Nancy apud Amaral, 1996:60)

Nas ciências sociais, os autores clássicos expressaram essa concepção através da utilização do antagonismo entre comunidade e sociedade, entre sociedade industrial e sociedade tradicional e, ainda, entre a cidade em oposição ao campo. Sociedade e cidade seriam sinônimos, pelo menos no que se refere à constituição do poder, além do que a cidade representaria o lugar da multiplicação dos papéis, da separação, da crise de identidade, onde se dá a fragmentação. Émile Durkheim (1999), em seu enfoque sobre a solidariedade mecânica e a orgânica dicotomizou, respectivamente, sociedades simples (lugar da homogeneidade, da vida coletiva, do consenso, clã) e sociedades complexas (lugar da heterogeneidade, da vida individual, da diferenciação e especialização, industrialização, cidades). Por sua vez, em sua tese a respeito da modernidade, Max Weber (1967) preconizou a instauração de um processo inelutável e progressivo de burocratização e racionalização da vida social, gerador de um desencantamento do mundo e responsável pelo esvaziamento das tradições e dos significados culturais. Ele apontaria a passagem de uma socialização "comunitária" dominante para uma socialização "societária" dominante (mas não exclusiva), vista como um processo crescente de racionalização das esferas econômica, social, política, cultural e religiosa. A socialização societária estaria fundamentada na conformidade voluntária dos atores a regras estabelecidas de forma racional, enquanto que a socialização comunitária estaria fundada num sentimento de pertença comum ou na solidariedade sentida, pressupondo uma coletividade de pertença. A comunidade familiar constituiria o exemplo mais expressivo. Para Max Weber (1984), "uma relação social deve ser definida como comunidade se, na disposição do agir social, apóia-se –

em um único aspecto, em alguma medida ou em maneira geral – sobre um sentimento comum de pertencimento afetivo ou tradicional dos indivíduos que a ela pertencem” (Weber, 1984:38).

Ferdinand Tönnies (1979) procedeu a uma conceituação antitética entre comunidade e sociedade. Segundo ele, as associações de indivíduos se dariam de acordo com dois modelos básicos ideais: a) a *Gemeinschaft* (equivalente à comunidade), onde as relações seriam estabelecidas de uma forma íntima, próxima, privada, exclusiva. Seria a comunidade de pequena escala, pré-industrial, baseada no parentesco, na amizade e na vizinhança, em que as relações sociais são duradouras e integradas. Nesse modelo, o que era ressaltado era uma espécie de vida real, orgânica, espontânea, homogênea, tendo como metáfora a figura do organismo vivo; b) a *Gesellschaft* (equivalente à sociedade), onde a associação se daria de uma forma artificial, mecânica, representando um modelo voluntário e teleológico de associação humana, sendo um produto da inteligência racional, promotora de relações estabelecidas na base das leis e dos contratos, característicos da sociedade industrial moderna. Sua obra “Comunidade e sociedade” (1979) consiste numa crítica à sociedade, fundamentada principalmente nas bases do racionalismo iluminista. Considerou que o progresso, tão almejado pelos primeiros iluministas, redundou num processo progressivo de atomização do indivíduo. De acordo com Tönnies, se na sociedade o que prevalece é a vontade individual, com seus membros fortemente individualizados, na comunidade, é a vontade comum e o interesse coletivo que predominam. Ele sugeriu que o que distinguia a comunidade antiga da sociedade moderna era um entendimento compartilhado por todos os seus membros. Para Tönnies, na comunidade não existiria o consenso. Um arranjo coletivo baseado no consenso pressuporia a realização de um contrato feito entre pessoas com opiniões distintas e, freqüentemente, opostas; implicaria que elas, a partir de muitas

disputas, negociações, trocas e conchavos chegassem a um acordo comum, sublimando descontentamentos e contrariedades. Um contrato coletivo seria buscado e construído pelas partes contratantes. Ao contrário, o entendimento compartilhado numa comunidade não poderia ser compreendido e, por isso, não poderia ser expresso, procurado ou construído pelos seus membros, pois que ele é tácito “por natureza”. Diferente da sociedade, que seria a arena da competição e da discórdia, a comunidade é um “círculo aconchegante” (Rosenberg apud Bauman, 2003) onde a união entre os homens não se baseia numa relação de custo-benefício, mas na gratuidade. Ele flui naturalmente e está, pronto e acabado para ser usufruído. É tão natural, espontâneo e gratuito como o ar que se respira. Ele é um sentimento mútuo que conecta. Aqueles que se unem em comunidade têm a vontade de entendimento. Na comunidade, o entendimento é anterior aos acordos e aos desacordos, às concordâncias ou às discordâncias. O entendimento é o ponto de partida da união e não o ponto de chegada, como seria num contrato.

A reflexão de Simmel (1987) sobre a vida mental do individualismo moderno definiu diferenças entre a sociedade moderna - representada pelo mundo urbano das grandes metrópoles - e as comunidades tradicionais - representadas pelas pequenas cidades do mundo rural. As grandes cidades são o lugar no qual o cidadão reivindica sua autonomia e sua singularidade diante dos grupos com que convive. As trocas rápidas e ininterruptas das impressões externas e internas a si, os estímulos visuais e auditivos, a excessiva quantidade de comunicações presentes nas metrópoles produzem nos indivíduos intensas e profusas instigações mentais, intensificando a “vida nervosa” no cotidiano. Nas pequenas cidades ou no campo, o ritmo é mais lento, menores são os estímulos mentais e há um número reduzido de pessoas na interação social, levando o homem a reagir de forma direta e emocional (Simmel, 1987: 170). “(...) a cada saída à

rua, com o ritmo e a diversidade da vida social, profissional e econômica, a grande cidade estabelece (...) uma profunda oposição com a cidade pequena e com o campo, cujos modelos de vida sensível e espiritual têm um ritmo mais lento, mais habitual e que se desenvolve de forma regular” (Simmel, 1987:170). Em meio às novas estimulações sensoriais da grande cidade, no encontro exterior e contínuo com um número incalculável de seres humanos, sentindo-se incapaz de, ao mesmo tempo, se afetar por tudo isso e preservar sua individualidade e sua intimidade, o cidadão se protege mascarando seus sentimentos, assumindo um ar blasé no cotidiano. As cidades conformavam novos complexos de percepções físicas e sensoriais, que produziam a perda do indivíduo em meio à multidão. A modernidade caracterizar-se-ia pela impessoalidade, pela indiferença, pelo distanciamento, pela reserva e desconfiança entre os indivíduos, pela pluralidade de formas diferenciadas de relações sociais. Em pequenas cidades, o inevitável conhecimento das individualidades estreitaria os laços sociais e imputaria uma coloração mais afetiva ao comportamento, superando as relações de troca baseadas nos interesses (Simmel 1987: 171). “Nós não conhecemos, muitas vezes mesmo de vista, nossos vizinhos próximos, e parecemos ser frios e sem coração ao olhar dos habitantes das pequenas cidades” (Simmel, 1987: 175).

Pensando a Canção Nova nos termos de um ideal comunitário romântico, conjecturei que o fato da sede da Comunidade de Vida Canção Nova estar localizada numa cidade de interior e na região do Vale do Paraíba traduzisse um processo ativo de atribuição de status de pureza às regiões interioranas e campestres, possivelmente considerados mais propícios ao desenvolvimento “espiritual” e ao florescimento de sentimentos, pensamentos e comportamentos sadios. Seguindo nessa conjectura, era plausível afirmar que habitar na Comunidade de Vida Canção Nova significasse uma atitude de maior radicalidade: não só rejeitar “o mundo”, desprezando-o em seus

valores, mas dele se destacar espacialmente e em direção à região interiorana ou a áreas precariamente urbanizadas, a fim de resguardar a vida e a religiosidade do contato com as perversões do pecado, presentes no modo de vida das cidades grandes. Assim, ela representaria o território favorável à manifestação imediata, intensificada, legítima e evidente do sagrado no cotidiano, devido tanto à áurea de pureza do ambiente em que se encontra fixada, quanto à correção do propósito ético-moral perseguido por ela. Segundo Thomas apud Duarte (2004), o movimento de revalorização da natureza e do mundo rural é inseparável da reação romântica, num momento em que o modo de vida urbano e industrialização abarcava cada vez mais rapidamente as populações européias. Otávio Paz (1984) observa que, para o Romantismo, a natureza representa o genuíno, o simples, a originalidade real, ante o artificial, o complexo, a falsa novidade. A exaltação romântica do mundo natural e tradicional “é tanto uma crítica moral e política da civilização como a afirmação de um tempo anterior à história” (Paz, 1984:56). A ascendência do natural está assentada em sua precedência. O romântico tem saudade de um tempo original em que o homem era reconciliado com a natureza (Paz, 1984:56).

Entretanto, se a Comunidade Canção Nova parecia uma “comunidade-fora-do-mundo” e crítica da modernidade e de suas conseqüências, ela, ao mesmo tempo, não evitava a franca comunicação com o mundo contemporâneo globalizado. Muito pelo contrário, estava inserida e se atualizava em meios de comunicação social, veiculando valores e produtos que tinham, ao mesmo tempo, características modernas e religiosas: possuía emissora e retransmissoras de TV e rádio; produzia e vendia material de mídia eletrônica em grande escala (fitas cassetes ou VHS e com palestras, cd’s de música religiosa, livros), assim como vários objetos religiosos (bíblia, terços, estátuas, etc) e vestuário (acompanhando a moda das grandes cidades, embora com símbolos católicos); tinha site na Internet; envolvia-se com a política, apoiando e lançando candidatos a

cargos eletivos<sup>57</sup>; promovia shows com bandas de música religiosa que tocavam os ritmos modernos de bandas não religiosas; suas estruturas possuíam formas arquitetônicas modernas e eram providas com aparelhagem e infra-estrutura tecnológica de última geração; seus membros não negavam a utilização de carros novos e modernos para seu transporte pessoal. Era, portanto, uma “comunidade-no-mundo”. Havia, então, uma ambivalência: ela era uma “comunidade-fora-do-mundo” e “comunidade-no-mundo”: quando recusasse as ofertas simbólicas e materiais da modernidade que, no seu entender, servissem para o cultivo e perpetuação do pecado, seria “comunidade-fora-do-mundo”; contudo, quando a mesma modernidade fosse empregada como veículo de propagação das concepções religiosas e comunitárias defendidas, seria permitida e até recomendada, fazendo-a “comunidade-no-mundo”. O profano, em umas ocasiões era o sagrado em outras. Com isso, os valores modernos eram tanto negados quanto afirmados.

O que sobrava das conjecturas produzidas a partir da leitura do livro de padre Jonas Abib (2000) e das reflexões advindas com a dissertação de mestrado sobre a Comunidade de Vida Canção Nova eram questões para uma possível nova pesquisa: o que motivara os membros da Comunidade de Vida Canção Nova a se retirarem das cidades grandes para experienciarem um tipo de religiosidade católica, fundada, paradoxalmente, numa vivência comunitária significativamente autônoma à instituição católica e auto-sustentável? Não haveria na base da constituição dessa comunidade uma concepção romântica refletida na expressão nostálgica pelas origens da sociedade humana, concebida como um tempo e um estado de coisas em que o entendimento entre

---

<sup>57</sup> Oswaldo Luis, membro da Comunidade Canção Nova, foi eleito vereador pelo PSDB em Cachoeira Paulista em 2004 e reeleito nas eleições de 2008. De acordo com as informações coletadas em observações de campo e confirmadas em entrevistas, o ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), o deputado Miguel Martini (PHS), o deputado Salvador Zimbaldi (PTN), entre outros, são personalidades políticas que costumam ser apoiadas pela Canção Nova.

indivíduos era perfeito, harmônico e natural, e a vida era mais pura, justa e verdadeira, onde havia abundância e fartura, fornecidas pela Providência Divina? Não estariam os comunitários cançonovistas buscando a vivência numa comunidade como forma de recuperar a vida do paraíso perdido, outrora buscada pelos primeiros cristãos? Haveria uma relação direta entre o ideal comunitário-religioso de “vida no Espírito” proposta pela Canção Nova e a localização de sua casa-sede na pequena cidade interiorana de Cachoeira Paulista? Não haveria entre membros da Comunidade de Vida a concepção de que a localização interiorana da Comunidade e seu distanciamento das grandes cidades garantiriam a preservação e o desenvolvimento da espiritualidade em seus membros? Considerando que, além de ser uma cidade de interior, Cachoeira Paulista é abraçada pela cadeia montanhosa do Vale do Paraíba, não estaria em curso uma concepção de que a manifestação legítima do sagrado é provável quanto mais próximo se está da natureza e distante da cultura e do modo de vida do mundo urbano? Não estaria suposto uma visão romântica de valorização da natureza, segundo a qual as realidades ordinárias (homem, vida social) e extraordinárias (Deus, sobrenatural) se comunicam, se integram e se confundem? A localização contígua de Cachoeira Paulista às cidades de Aparecida do Norte e Guaratinguetá, popularmente conhecidas como regiões de irrupção do sobrenatural (Aparição de Nossa Senhora e os milagres de Frei Galvão), logo, configurando o Vale do Paraíba como um “território sagrado”, não construiria a idéia de que isso era mais um traço confirmador de que a Canção Nova, no seio desta região, é cheia de graças de Deus, sendo um lugar propício para os acontecimentos sobrenaturais como profecias, intuições, inspirações, visões, audições, sensações de seres celestiais, entre outros fenômenos? Interiorizando-se espacialmente, não procurariam os cançonovistas alcançar a interiorização da “alma”, a busca pelo sagrado interior (self)? A Canção Nova não quereria consistir numa espécie encarnação

da “Cidade de Deus” (1990) agostiniana que, em meio à “Cidade do mundo” e em oposição a ela, tem a missão de preparar os homens para a segunda vinda de Cristo, que, segundo crê, é iminente? Como se processa a ambigüidade estabelecida entre aspectos de “comunidade-fora-do-mundo” e aspectos de “comunidade-no-mundo” reflexos nessa comunidade?

\*

**1**

### **Formar Homens Novos para um Mundo Novo**

No começo da comunidade, padre Jonas não sabia por qual motivo Deus os queria vivendo em comunidade. No contexto amplo da missão de evangelização do mundo, sabia que Deus tinha uma missão particular para eles, mas não suspeitava qual era. Para descobrir, ele começou prestando atenção em sua própria história e na história da Canção Nova até ali. Trazendo na lembrança que a maior consequência do seu encontro pessoal com Cristo havia sido a organização de encontros de formação (catequese) para jovens – os catecumenatos” -, a partir dos quais nasceu a Comunidade Canção Nova, ele viu que o trabalho de formação podia ser notado em toda a história da Canção Nova, mesmo antes de sua fundação. Ele, pois, intuiu que a essência da missão contida no dom Canção Nova e presente em embrião no seu “interior” era a formação (Comunidade Canção Nova, 2002:48).

Em 1968, “caiu” nas mãos de padre Jonas Abib um livro chamado “Homens novos para a novidade cristã” (Meo apud Comunidade Canção Nova, 2002). A tese central desse livro era que uma pequena comunidade qualquer só pode crescer e se realizar quando ela vive ideais e objetivos, e quando essa vida, pautada nesses ideais e objetivos, serve para transformar a grande comunidade (sociedade). Naquela ocasião, ele sentiu, de imediato, uma ressonância entre o conteúdo do livro e algo que existia em

seu coração de fundador da Canção Nova. “Em mim, vibrava tudo aquilo” (Comunidade Canção Nova, 2002:52). Essa filosofia ecoou em seu “interior” e permaneceu com ele até o lançamento do desafio no catecumenato de 1978: “quem queria dar um ano da sua vida ao Senhor?”: “A Canção Nova é essa comunidade-fermento que existe para [transformar] o todo [sociedade], exatamente como eu vi naquele livro” (Comunidade Canção Nova, 2002:47). Padre Jonas entendeu que ela era uma comunidade de vida para levar a “verdadeira vida” e transformação à grande comunidade que é a sociedade. Nos catecumenatos, donde surgiu a Comunidade Canção Nova, padre Jonas falava para jovens a respeito de uma nova geração, de homens e mulheres novos para um mundo novo. “Eu falava em termos muito concretos de trabalho, de estudo, de auto-disciplina, de assumir a própria formação, de perspectiva nova de namoro e casamento, de vocação de profissão assumida com verdadeira vocação” (Comunidade Canção Nova, 2002:53). Ou seja, mesmo antes da constituição da Comunidade Canção Nova, o dom Canção Nova já ressoava dentro de seu fundador, o qual praticava a missão contida no dom Canção Nova de “formar homens novos para um mundo novo”: “Formar homens novos, renová-los, transformá-los, fazê-los novos, fazê-los chegar à santidade original. É para um mundo novo: novas estruturas, novo sistema de vida, nova ordem. Um mundo dentro do projeto inicial de Deus” (Comunidade Canção Nova, 2002:52). “Creio que a Comunidade Canção Nova é uma sementeira em que Deus está investindo para formar Homens novos para um Mundo Novo (Comunidade Canção Nova, 2002:53). Como, de que maneira, através de que meios os Canção Nova exerceriam a missão divina destinada a eles? Padre Jonas ia percebendo, nos fatos da vida cotidiana, sinais de Deus que o meio pelo qual deveriam “formar homens novos para um mundo novo” era, prioritariamente, os meios de comunicação social e os Encontros (retiros “espirituais”).

Os Encontros (retiros “espirituais”) já estavam presentes na história pessoal de padre Jonas. Ele entendia que Deus suscitava no seu “interior” o dom e a missão Canção Nova, mesmo antes da fundação da Comunidade, até que esses irrompessem na realidade. “Encontros de jovens, de adultos, encontros de primeira conversão, experiência de oração, aprofundamentos de diferentes níveis, encontros de massa e encontros especializados com líderes e com outras comunidades” (Comunidade Canção Nova, 2002:75). O mais conhecido dos encontros promovidos pelos Canção Nova chama-se “Acampamentos de Oração”. A idéia de estimular os visitantes a levarem barracas para acampar na Chácara foi concebida pelos Canção Nova como “inspiração” de Deus. Essa inspiração estaria fundamentada em histórias bíblicas, que contam que o povo de Deus montava tendas (acampava) em locais onde algum profeta ou Jesus Cristo pregava.

Mas, o mais surpreendente foi a descoberta de que Deus lhes criara para a mídia. O passar do tempo lhes evidenciava que Deus, com o objetivo de “formar homens novos para um mundo novo”, colocara em suas mãos um “Sistema Canção Nova de Comunicação Social” (Comunidade Canção Nova, 2002:178), “um verdadeiro arsenal para evangelização pelos meios de comunicação” (Comunidade Canção Nova, 2002:178):

Hoje, Deus colocou em nossas mãos um verdadeiro Sistema Canção Nova de Comunicação Social. Sistema, porque utilizamos os diversos meios de comunicação de massa. Sistema, porque tudo é conduzido por uma idéia força: restaurar o homem, filho de Deus, e devolver-lhe a forma original de Homem Novo à imagem de Jesus Cristo. Sistema porque tudo vem impregnado do dom Canção Nova” (Comunidade Canção Nova, 2002:178).

Segundo padre Jonas, se vivesse hoje, Jesus usaria os mesmos meios para evangelizar: “Temos uma pedagogia. Temos uma linguagem. Inovamos em comunicação. Encarnamos a missão de Jesus, de Paulo, de João Bosco, que estariam

hoje usando todos esses meios de comunicação social para evangelizar” (Comunidade Canção Nova, 2002:178).

\*

### **Pelos meios de comunicação social**

A inserção da Canção Nova nos meios de comunicação social era uma novidade e, pouco a pouco, indicações disso iam sendo reveladas por Deus. Os fatos da realidade falavam qual era a vontade de Deus. “Deus estava nos empurrando para os meios de comunicação, mediante fatos bem concretos” (Abib, 2000:75). Um dos primeiros sinais de que Deus os encaminhava para os meios de comunicação foi a doação de um duplicador de cassetes feita por padre Eduardo Dougherty. Com esse aparelho, começaram a gravar e duplicar as palestras que proferiam. Outro sinal foi a doação de um gravador de rolo profissional feita por Dom Cipriano Chagas<sup>58</sup>, um monge beneditino amigo da comunidade. Dom Cipriano explicara aos Canção Nova que havia recebido de presente aquele gravador, mas que, todas as vezes que ia usá-lo, sentia fortemente que esse gravador não era para ele, mas sim para a Canção Nova. Ele não sabia por qual motivo sentia isso, mas, ficando intrigado com essa sensação, resolveu entregá-lo à Canção Nova (Abib, 2000:74-75).

Começaram ocupar algumas rádios, reproduzindo palestras ou programas gravados. Padre Jonas, contudo, intuía que Deus queria lhes dar mais do que programas de rádio. “Deus nos foi dando inúmeros sinais de que queria não só programas de rádio, mas uma Emissora de Rádio” (Abib, 2000:89-90). Pediu a Deus que confirmasse sua intuição, abrindo a Bíblia aleatoriamente. Através da primeira passagem bíblica que leu, ele entendeu que Deus lhe revelava que daria à Canção Nova uma emissora de rádio. Pouco tempo depois dessa revelação, um senhor da cidade de Cruzeiro foi procurá-lo para lhe dizer que, orando em sua casa, tivera uma experiência “espiritual” visionária: Deus lhe mostrara a Canção Nova com torres muito altas de Rádio. Esse homem dizia que sabia que era a Canção Nova porque, em sua visão, as torres continham as inscrições: “Rádio Canção Nova, a Rádio do Senhor” (Abib, 2000:76). Aquilo só podia ser um sinal de Deus porque, além de padre Jonas, ninguém mais sabia da sua intuição sobre ser da vontade de Deus que a Canção Nova tivesse uma Rádio.

---

<sup>58</sup> Dom Cipriano Chagas é fundador da Comunidade Emanuel e um dos introdutores da Renovação Carismática no Brasil.

Então, estava confirmado que Deus queria uma Emissora de Rádio. Mas, padre Jonas não deu tanta urgência a isso, até que entendeu que Deus queria uma Rádio logo. Estavam produzindo muito material impresso e precisavam de uma impressora offset. Disse a todos: “Olha gente, se Deus quer [a impressora offset], Ele vai nos dar. Mas precisamos saber se Ele quer mesmo. Vamos sair em oração e cada um de vocês reze perguntando a Deus se Ele quer nos dar essa offset. Se Ele quiser mesmo, nós vamos pedir e é certo que Ele nos dará neste Natal” (Abib, 2000:77). Quando voltaram da oração, embora todos fossem unânimes em dizer que Deus queria dar-lhes a impressora, um dentre eles disse que “sentiu claramente Deus dizendo” (Abib, 2000:77) que a impressora já estava garantida, não precisava mais pedir. Mas o que eles deveriam pedir mesmo era uma Rádio. Essa pessoa insistiria que Deus lhe dissera que queria dar-lhes mesmo uma Emissora de Rádio. Padre Jonas ficou muito assustado com essa manifestação porque pouca gente sabia da inspiração divina que ele tivera para a aquisição de uma Rádio, de tão recente que era. Perguntou-lhe se alguém lhe havia contado a respeito da inspiração que ele tivera sobre a Rádio e o homem lhe respondeu que não sabia (Abib, 2000:77). Enquanto o homem falava, chegou um membro da comunidade muito sobressaltado dizendo: “Padre, não dormi esta noite. Sonhei que estávamos com uma Rádio prontinha para entrar no ar e só faltava um cabo para ligar” (Abib, 2000:77). Foi então que o padre Jonas entendeu tudo claramente: não fora um simples sonho, mas sim Deus insistindo que queria uma Rádio e, pelo visto, era urgente. Uma nova confirmação da vontade de Deus pela Rádio foi a declaração de um padre que, muito sério, disse a padre Jonas: “Padre, na madrugada, Jesus me acordou e me falou longamente de duas coisas: da minha Congregação e de uma Emissora de Rádio. Depois, Jesus disse que a respeito da Congregação era comigo. Quanto à Rádio, era com o senhor [padre Jonas]” (Abib, 2000:78). Padre Jonas pensou que agora não tinha mais escapatória. “A Rádio não foi uma escolha minha, nem da Canção Nova. Foi uma imposição do Senhor” (Abib, 2000:78).

Deus “colocara em seu coração” que a quantia que sobrara era para a Canção Nova (Abib, 2000:78-79). Padre Jonas, encontrando, certo dia, com Dom Cipriano no Conselho da Renovação Carismática Católica contou-lhe sobre a inspiração que tivera da Rádio: “(...) Dom Cipriano me chamou num cantinho e disse: ‘Deus já me havia mostrado isso. Então na hora que você precisar, há um dinheiro disponível para que a

Rádio possa acontecer (Abib, 2000:79). Dom Cipriano Chagas havia feito uma campanha de arrecadação de dinheiro para trabalho missionário em sua comunidade e viu que, ao final, havia mais dinheiro do que precisava. Acreditando que Deus nunca dá dinheiro a mais, perguntou-Lhe, em oração, qual era a finalidade daquela sobra. Até ali, padre Jonas não entendia por que Deus mandara aquele dinheiro para a Canção Nova através de Dom Cipriano. Ele sabia que Deus estava agindo para a obtenção de uma Rádio, mas ainda não havia uma necessidade de gasto para usá-lo.

Aconteceu que Padre Jonas soube da abertura da concorrência para uma Rádio na cidade de Cruzeiro pelo Ministério das Comunicações e foi se informar como poderia participar (Abib, 2000:79). O diretor da Rádio Bandeirantes de Cachoeira Paulista, a quem foi pedir informações sobre os procedimentos para isso, opinou que não valia a pena entrar na concorrência pelos custos que teria, mas lhe perguntou se ele não se interessava de comprar aquela Rádio de Cachoeira Paulista. A Rádio custava dois milhões de cruzeiros, sem contar com a compra de um transmissor que custaria mais dois milhões, resultando num total de quatro milhões (Abib, 2000:80). Quando Padre Jonas soube do valor, estancou a conversa com aquele senhor porque não possuía esse dinheiro e achava impossível consegui-lo. Foi aí que ele descobriu a razão pela qual Deus mandara uma remessa de dinheiro a Dom Cipriano: era para pagar a maior parte das despesas com a Rádio. Com o dinheiro enviado por Deus à Canção Nova por intermédio de Dom Cipriano, somados ao empenho dos Canção Nova para conseguir tudo o que faltava para completar o valor estimado, conseguiram pagar a Rádio Bandeirantes. “Em 25 de maio de 1980, estávamos inaugurando a Rádio, não porque quiséssemos, mas porque Deus queria. Esta é a característica da Canção Nova: nós existimos para os meios de comunicação, não por um projeto nosso, mas porque Deus quer. Todos os fatos nos levaram a isso!” (Abib, 2000:81).

Nove anos depois, Deus começa a dar indicações de que, além da emissora de Rádio, ele queria dar à Canção Nova uma emissora de Televisão. Foi no Rebanhão<sup>59</sup> de 1989 que isso ficara flagrante para padre Jonas. Ele, que ia chegando para a missa, ficou perplexo com o que viu no painel no fundo do palco: era um desenho inspirado na torre da Rádio Canção Nova posta nos morros da cidade de Cruzeiro. Entretanto, da torre ia saindo imagem de Cristo que crescia até ficar em tamanho grande. O que o autor tinha

---

<sup>59</sup> Rebanhão é um evento religioso de massa realizado nos dias de carnaval.

feito não era uma torre de Rádio, pois torres de Rádio saem sons e não imagens. Aquilo era uma torre de televisão. Num estalo, ele compreendeu que era um sinal de Deus. Viu que “não dava mais para voltar” (Abib, 2000:90) e que Deus lhe mostrava que desejava uma emissora de televisão. Uma outra confirmação da vontade de Deus ocorreu ao final do Rebanhão, quando, ao contarem o dinheiro arrecadado em ofertas, encontraram uma nota de um dólar. Logo que ele viu a nota, pensou: “Sinto que essa nota é para o começo da televisão. Quando se entra para a televisão, não se compra nada em dinheiro brasileiro. Para esse tipo de compra, tudo é na base do dólar” (Abib, 2000:91). Tomou a nota e escreveu nela: “Semente de mostarda da TV Canção Nova que o Senhor vai fazer crescer na coleta – Rebanhão /89” (Abib, 2000:91).

Em passeio pela cidade de Campos de Jordão/ SP, uma pessoa que trabalhava com projetos de instalação de emissora e retransmissão de rádio e televisão no Rio de Janeiro, sintonizou, nessa época, a Rádio Canção Nova (Abib, 2000:90). Encantou-se pela programação da Rádio e, considerando-a como “educativa”, procurou a Comunidade Canção Nova para lhe propor que a Rádio fizesse parte do Sistema de Integração Nacional de Rádio Educativa (Sinred) (Abib, 2000:90). Além disso, insistiu com seus membros que a Canção Nova começasse uma retransmissora da TV Educativa (TVE). Não restava dúvida de que Deus colocara essa pessoa na vida da Canção Nova e seu aparecimento era mais um sinal de que Deus confirmava sua vontade pela prosperidade da Rádio Canção Nova e queria agora também a TV Canção Nova. Requereram, então, no órgão responsável, a licença para iniciar uma retransmissora da TVE em Cachoeira Paulista, mas o processo ficou parado por falta de um documento (Abib, 2000:91). Nas vésperas do dia marcado para a inauguração da TV, a situação não havia mudado. Mas, no dia anterior à inauguração, acreditando que, se Deus queria tanto a televisão, ele ia dar um jeito de resolver aqueles obstáculos, instalaram câmeras e toda aparelhagem para colocá-la no ar. A primeira programação seria a celebração de uma missa. Quando faltavam dez minutos da hora marcada para começar, toca o telefone. Era um amigo seu que dava a notícia de que ele conseguira a autorização para a entrada da televisão: “Coloque a televisão no ar. Não peça explicações, depois eu explico. Não perca tempo. Pode confiar!” (Abib, 2000:92). A TV Canção Nova foi ao ar exatamente na data e hora estimada. Somente a região de Cachoeira Paulista pôde ver a missa pela TV Canção Nova porque, até aquele momento, não possuíam transmissor. O transmissor tinha que ser importado e ele custaria 40 mil dólares. Mas, os Canção Nova

só tinham aquela nota de um dólar ofertada no Rebanhão. Ao chegar em sua casa na noite da inauguração da TV, padre Jonas soube que um homem lhe aguardava e queria conversar com ele em particular. Esse homem disse-lhe que tinha uma doação grande para fazer e abriu um pacote: era justamente a metade dos 40 mil dólares de que necessitavam para comprar o transmissor da TV. Ficaram todos maravilhados com essa situação. Era Deus providenciando o dinheiro para o prosseguimento da TV Canção Nova.

Tempos depois, a Canção Nova empenhar-se-ia para comprar um horário em uma rede de televisão do estado de São Paulo – a Rede Morada do Sol -, que abrangia a região de Araras a São José do Rio Preto e Barretos. Mas, como fariam, se era muito caro e não tinham dinheiro? Esteve na Comunidade uma senhora com um envelope que continha uma doação em dinheiro. Como ela não sabia desta demanda particular da Canção Nova, Padre Jonas entendeu tudo: era “Deus adiantando [o dinheiro] e dizendo: ‘vocês podem ir tranquilos. O primeiro mês, eu pago. Vocês vão pagar o resto’. De fato, pagamos, mas, foi Ele quem nos mandou mês a mês. O dono é Ele” (Abib, 2000:95). Com aquela quantia de dinheiro, era possível efetuar o pagamento do primeiro mês da TV. A certeza de que aquela era vontade de Deus se fortaleceu quando, no caminho para assinarem o contrato com a televisão, sofreram um acidente de carro, no qual ninguém se feriu, embora o carro ficasse destruído. Para os Canção Nova, esse acontecimento mostraria uma reação do demônio para impedir a realização do dom Canção Nova no mundo através dos meios de comunicação. Reuniram-se para orar, abriram a Bíblia aleatoriamente, leram uma passagem que falava de sete dias de oração diante do altar e compreenderam que Deus lhes pedia para entrarem em “batalha espiritual”<sup>60</sup> (Abib, 2000:96). Durante alguns anos, a Canção Nova produziu duas horas de programas na retransmissora da TVE do Rio de Janeiro para a região de Cachoeira Paulista e cidades vizinhas, e produziu um programa diário na rede Morada do Sol em São Paulo. Anos mais tarde, a programação foi sendo difundida por outros canais, até começar a ser exibida via satélite através da TV Executiva Embratel.

---

<sup>60</sup> Segundo Mariz & Machado (1998), a teologia da guerra espiritual contribui com um processo de institucionalização religiosa na medida em que, ao acusar de demoníacas outras religiões, exige a renúncia do fiel em freqüentá-las e, conseqüentemente, a adesão incondicional e circunscrita ao seu grupo.

No final dos anos 90, padre Jonas Abib ficou sabendo por um frei fundador da Fazenda da Esperança<sup>61</sup> que havia uma geradora de TV que estava à venda em Aracaju/SE. Padre Jonas disse-lhe que precisava de uma geradora para ter retransmissoras da Canção Nova pelo Brasil, mas que não tinha o dinheiro para comprá-la. O frei respondeu-lhe: "Se o Pai do Céu quer, dinheiro não vai faltar" (<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=240422>, em 31/08/07). Dois dias depois, o Arcebispo de Aracaju telefonou o padre Jonas para lhe comunicar da mesma Geradora de TV. Padre Jonas pensou que o frei havia conversado com o bispo para incentivar a Canção Nova a comprá-la, mas este afirmara que não. A ele, padre Jonas também explicara que queria, mas não podia porque não tinha dinheiro. E, para o seu espanto, o arcebispo disse o mesmo que o frei: "o Pai do Céu tem o capital; se o Pai quiser que essa televisão seja do Filho Dele, não faltará o dinheiro" (<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=240422>, em 31/08/07). "Seria um sinal? Deus estaria naquelas coincidências, pois Frei Hans e Dom Lessa usaram praticamente as mesmas palavras diante do questionamento de Padre Jonas?" (<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=240422>, em 31/08/07). A Receita da Canção Nova naquela época consistia em 300 a 400 mil (<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=240422>, em 31/08/07). A proprietária pediu para que o Vice-presidente da Fundação João Paulo II<sup>62</sup> – Eto - fizesse uma proposta. "O 'Eto', inspirado pelo Espírito Santo, diante da realidade financeira da Fundação, disse que o máximo que poderiam pagar seria 200 mil em 24 meses. Já era uma loucura para quem tinha uma receita como a nossa. Foi um momento de muita emoção para todos os que estavam ali. Pois não existia negócio como aquele no mundo dos negócios" (<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=240422>, em 31/08/07).

Padre Jonas reuniu a Comunidade para dizer-lhe que a compra da geradora requereria dela um empenho para conseguir pagar as prestações da compra. A partir dali, a Canção Nova "iria dar a vida, o tempo, dar tudo o que Deus investiu em cada um; iria na verdade se sacrificar pelos outros, dando a vida para que outros vivam. Por isso, foi o nome escolhido para o projeto: 'Dai-me Almas'". A retransmissão da programação da TV Canção Nova para vários estados e países "salvaria almas".

---

<sup>61</sup> Fazenda da Esperança é uma obra social dirigida por frei Hans Stapel que cuida da recuperação de jovens viciados em drogas.

[http://www.fazenda.org.br/quemsomos\\_historico.php](http://www.fazenda.org.br/quemsomos_historico.php)

<sup>62</sup> Para saber mais sobre a Fundação João Paulo II, ver história 1, seção Providência Divina.

\*

2

## **Por um novo estudo sobre a Canção Nova**

### **O projeto de doutorado**

Elaborei um projeto de doutorado, sugerindo dar prosseguimento e ampliação às investigações na e sobre a Comunidade de Vida Canção Nova, situada na cidade de Cachoeira Paulista<sup>63</sup>, interior do Estado de São Paulo. Como minhas questões de pesquisa traziam temas que anteriormente não me haviam ocorrido - tais como a questão da comunidade relacionada ao sagrado, à mística, à natureza, à região interiorana - ou que me haviam ocorrido, mas não haviam tomado espaço nas minhas análises, achei fundamental apresentar aquele projeto num Programa de Pós-graduação especialista em estudos culturais do mundo do interior regional e da natureza, e que tivesse um caráter interdisciplinar. Estava certa, naquela ocasião, de que se eu quisesse tratar a Comunidade Canção Nova com a complexidade que eu nela reparava precisaria articular na análise a sua característica religiosa àquelas outras propriedades surgidas. Acreditava na contribuição recíproca que estudos da religião e estudos do mundo das regiões interioranas poderiam oferecer um ao outro ao investigar a Comunidade de Vida Canção Nova, visto que ela tinha, na sua constituição, a combinação desses dois aspectos. Do diálogo instaurado, seguramente só poderia resultar a compreensão mais nuançada da realidade social construída por essa Comunidade. Por isso, não foi fortuita a escolha pelo Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA). Ali ingressei em 2004.

Nesse tempo, a literatura sociológica e antropológica a propósito das Novas Comunidades Carismáticas no Brasil era rara. A grande maioria dos estudos sobre os

---

<sup>63</sup> A cidade de Cachoeira Paulista possui uma área de 277 km<sup>2</sup> e cerca de 27.205 mil habitantes, pelos dados do IBGE 2000.

tipos de organização comunitária do movimento de Renovação Carismática Católica privilegiava análises a respeito dos grupos de oração carismática (Oliveira, 1978; Benedetti, 1988; Machado, 1996; Prandi, 1997; Silveira, 2000). Embora a organização de católicos carismáticos em Comunidades de Vida no Espírito acontecesse no Brasil desde o final da década de 70, só recentemente vinha despertando a atenção dos pesquisadores para o tema (Mariz, 2005, Braga, 2004; Carranza, 2000; Miranda, 1999). Isso provavelmente aconteceu porque as Comunidades de Vida no Espírito alcançaram maior visibilidade a partir da década de 90, quando presenciamos a ampla propagação da religiosidade católico-carismática, através dos grandes veículos de comunicação de massa<sup>64</sup> (Mariz, 1998).

Os trabalhos de Júlia Miranda (1999) e Brenda Carranza (2000) projetavam a discussão para dentro do campo religioso estritamente, além de não abordarem o tema da vida da Comunidade de Vida em si mesma, embora o tenham atravessado enquanto faziam considerações analíticas a outros recortes escolhidos. Miranda (1999), em pesquisa sobre o engajamento de lideranças católico-carismáticas em instituições políticas – Carisma, Sociedade e Política: Novas linguagens do religioso e do político - dirigira parte de suas apreciações analíticas à Comunidade de Vida no Espírito Shalom, Fortaleza/CE. Tomando por apoio informações obtidas de membros comunitários em entrevistas nessa Comunidade, avaliara as Comunidades de Vida no Espírito como organizações que teriam abandonado a característica carismática de “sopro pentecostal” (experimentação místico-espiritual). Segundo ela, sua estrutura organizativa – sustentada por rígidas normas de conduta e comportamento - sufocava a espontaneidade religiosa carismática. Entretanto, os depoimentos coletados nessa

---

<sup>64</sup> Muito representativo é o surgimento dos padres cantores dentre eles o paulista Padre Marcelo Rossi, aclamado no âmbito jornalístico como um dos maiores fenômenos midiáticos dos últimos tempos (Oliveira, E.; 2003; Carranza, 2000).

Comunidade e expostos por Miranda no mesmo trabalho contradiziam tal assertiva, mostrando o forte relevo do elemento religioso místico-experiencial, inclusive como critério determinante para a definição e o estabelecimento de regras de conduta e comportamento na vida comunitária. Ou seja, boa parte das normas estabelecidas para a vida em Comunidade de Vida era originada e validada pela experiência “espiritual” de comunicação direta com o divino, o que reafirmava o “sopro pentecostal”. Se, de fato, existia uma estrutura normativa orientando o cotidiano nas Comunidades de Vida no Espírito, não poderíamos afirmar que tal normatização determinava a superação do elemento “místico-espiritual”, distintivo do catolicismo carismático. Neste ponto, objetei as ponderações de Miranda em dissertação de mestrado, considerando não só improvável a asfixia do carisma no convívio interno comunitário das Comunidades de Vida no Espírito, como apostando na hipótese de que a proposta de “viver no Espírito” podia, em última instância, estimular um tipo de religiosidade mística desinstitucionalizada, tanto entre os membros da comunidade quanto entre os participantes dos eventos que promove. Um processo ativo de revitalização e ressignificação de aspectos simbólicos, doutrinários e rituais do catolicismo institucional parecia estar em curso e a subjetivação da experiência religiosa era um dos principais dinamizadores e intensificadores desse processo (Oliveira, E. 2003). A identificação da valorização da experiência mística sobre os parâmetros da instituição católica no sustento do ideal comunitário-religioso da Comunidade de Vida no Espírito Canção Nova poderia revelar outras motivações para a constituição de comunidades como a busca do sagrado e da experiência religiosa presenteísta em lugares onde elas são concebidas possíveis de acontecer na sua forma mais original, pura e essencial: o retorno ao interior regional para retornar ao interior de si mesmo (self), onde mora o Espírito de Deus.

Carranza (2000), em *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*, considerava que as Comunidades de Vida atuavam como o coração do movimento. Ou seja, assumiam a responsabilidade de assegurar o ideal profético do movimento carismático: “(...) sentem-se portadoras do carisma específico de guardiãs da identidade da Renovação Carismática, conseqüentemente, são as responsáveis para que o movimento, fiel a essa identidade, se espalhe” (Carranza, 2000:81). Para a autora, em Comunidades de Vida no Espírito o processo de burocratização do carisma era bem evidente, tendo em vista a “prestação de serviços religiosos” - cura, aconselhamento, oração, confissão, cursos (Carranza, 2000:70) -, seu investimento na mídia eletrônica - emissoras de TV, Rádio, produção de Cds e cassetes veiculadoras de palestras (Carranza, 2000:70) - e os encontros de massa que organizava - megaretiros como os “Acampamentos de Oração” (Carranza, 2000:67) -, incentivando o “mercado religioso” de fiéis. Carranza analisava a Canção Nova como uma espécie de empresa religiosa que oferecia, em seus retiros de massa, serviços especializados a grupos de consumidores específicos como “jovens, ‘turistas espirituais’ (perfilados nas peregrinações), casais, moradores de rua, profissionais liberais, pessoas aflitas (econômica e fisicamente)” (Carranza, 2000:82), fomentando uma religião de clientela. Em outras palavras, a autora acreditava que o posicionamento “empresarial” das Comunidades de Vida no Espírito era capaz de suscitar a atração de um público de “experimentadores religiosos”, isto é, pessoas que usufruíam os serviços oferecidos por elas, independentemente da filiação e da lealdade à instituição católica. Eram “consumidores” esporádicos e eventuais.

Em termos gerais, podemos observar uma estreita concordância entre as proposições de Carranza e Miranda quanto à institucionalização do carisma observado nas estruturas das Comunidades de Vida. Contudo, não era isso que eu via na Canção

Nova. Seria incompatível a convivência entre a experiência mística carismática e a institucionalização do carisma nessas comunidades?

Cecília Mariz (2005) vinha estudando e efetuando, a meu ver, análises mais abrangentes sobre Comunidades de Vida no Espírito estabelecidas na cidade do Rio de Janeiro. Cecília Mariz (2005), atenta para a relação entre comunidade e família, ou melhor, a concepção das Comunidades de Vida como uma família, sugeria no artigo “Comunidade de Vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?” que a “saída do mundo”, realizada por comunidades de vida carismática como a Canção Nova, poderia representar para os jovens um meio de sobrevivência no mundo, já que elas adotavam formas alternativas de vida familiar e de ocupação e de geração de renda (Mariz, 2005:273). Segundo ela, nas Comunidades de Vida, embora se valorizasse a família como instituição criada por Deus, a lealdade familiar devia se submeter à lealdade religiosa. A estimação pelo celibato por essas comunidades parecia indicar que elas propunham uma ruptura com a família de origem e um abandono do projeto familiar como um todo.

Antônio Braga (2004) havia se dedicado ao estudo da TV Canção Nova. Voltava-se para as análises da TV Canção Nova e propunha no artigo “TV Católica Canção Nova: ‘providência e compromisso’ X ‘mercado e consumismo’” que a Comunidade Carismática, ao mesmo tempo em que representava uma experiência transformadora dentro do catolicismo e da Igreja Católica – pois introduzia novas formas de ser e de sentir católicos a partir da experiência místico-religiosa –, também representava um movimento de conservação – já que não pretendia distanciar-se da dimensão institucional da Igreja Católica, propagando e reificando dogmas, doutrinas e práticas sacramentais da Igreja (Braga, 2004:119).

As análises de Mariz e Braga eram trabalhos mais recentes, revelavam mais os matizes das Comunidades de Vida e traziam dados etnográficos que desafiavam as classificações sociológicas usadas comumente para pensar a Renovação Carismática Católica, seus fiéis e seus grupos. Eu concordava com essa abordagem. Tanto o aspecto da comunidade como família quanto a investida na mídia eram propriedades fundamentais da Canção Nova. No meu entender, esses eram dois elementos que, ao lado de outros, compunham um fato social total maussiano (Mauss,1974). Cada elemento desdobrava-se em outro, em dependência recíproca, de modo que, se fosse possível dizer numa só palavra o que era a Canção Nova, diria que ela não era isso ou aquilo, mas isso e também aquilo. A Canção Nova, sem cada um dos itens que a constituía, não era Canção Nova.

Bem próxima às abordagens de Mariz e Braga, estava o estudo etnográfico realizado pelo antropólogo americano Thomas Csordas (1997) sobre a primeira Comunidade de Vida no Espírito a ser fundada na história do movimento carismático, a Comunidade Word of God. A obra *Language, Charisma and Creativity* (1997) do antropólogo americano Thomas Csordas - etnografia acerca da comunidade Word of God, EUA - ressaltava a dupla face das Comunidades de Vida no Espírito, qual seja a experiência mística e a normatização ascética. Observando que as comunidades carismáticas invocam o comunitarismo da Igreja primitiva, Csordas destacava que eram conhecidas tanto por terem desenvolvido a experimentação religiosa com base na espontaneidade e na inspiração divina, quanto pela sua missão de “salvar o mundo”. Seus adeptos estariam dispostos a se comprometerem com uma missão revelada diretamente por Deus. Por outro lado, o autor enfatizava a força do elemento místico-experiencial na constituição das comunidades locais quando sublinhava a prática da profecia e da oração em línguas, influenciando no estabelecimento das regras da

comunidade. Algumas comunidades, por exemplo, "recebiam" seu nome por revelação divina. Csordas, apresentando o movimento carismático católico norte-americano em sua história institucional, colocava em relevo que os experimentos coletivos implementados pelos carismáticos, como os grupos de oração, as Comunidades de Vida no Espírito, os centros teológicos, os centros administrativos virtuais, centros de mídia, formava uma rede que atravessa as fronteiras norte-americanas, tanto em função da necessidade de coordenação de um movimento, que, em fins da década de 70, já se expandia mundialmente, como em função da busca de reconhecimento da hierarquia da Igreja Católica. Segundo Csordas, a ambigüidade assistida nas Comunidades de Vida no Espírito é sintoma da condição pós-moderna que cria a tensão entre local e global, normatização religiosa e misticismo, instituição e experiência (Csordas, 1997:57).

Eu tinha notícia de colegas de pós-graduação no Rio de Janeiro e em outros estados do Brasil que estavam em fase de pesquisa e/ou ainda em elaboração de projeto de dissertação ou tese a respeito de Comunidades de Vida, mas desconhecia a existência de teses ou dissertações defendidas, ou artigos publicados sobre o tema que não fossem aqueles citados<sup>65</sup>. Mas, no que dizia respeito à Comunidade de Vida Canção Nova, não havia outros estudos no âmbito das ciências sociais, da teologia ou mesmo da Renovação Carismática Católica e da Igreja, a não ser o que eu mesma havia realizado na dissertação de mestrado. Para mim, isso era estranho do ponto-de-vista acadêmico porque julgava que a Canção Nova e as Novas Comunidades Carismáticas eram fenômenos sociais importantes não somente para o entendimento do catolicismo contemporâneo no Brasil e no mundo, mas para o entendimento de processos mais amplos do mundo moderno, como o impulso ambivalente dos indivíduos pela comunitarização (institucionalização) e por individuação (subjetivação), refletido no

---

<sup>65</sup> Edílson Pereira defendeu a dissertação de mestrado intitulada "O Espírito da Comunidade: Passagens entre o mundo e o sagrado na Canção Nova", pelo IFCS/UFRJ, em junho de 2008.

campo religioso, por exemplo, pela oscilação entre regulação e desregulação religiosa. Algumas vezes, reivindiquei dentre estudiosos da religião no Brasil, especialistas em catolicismo, pesquisas a respeito do tema pela sua relevância sociológica e antropológica. Mas, até começar o trabalho de campo da temporada do doutorado em 2004, não pude contar com nenhuma interlocução sobre o mesmo campo etnográfico que eu escolhera: a sede da Comunidade de Vida Canção Nova em Cachoeira Paulista.

\*

## 1

### **Escola de Santidade, Faculdade de Jesus, Pedagogia de Deus:**

#### **Os princípios e regras de vida Canção Nova**

Padre Jonas recordou que, antes da Canção Nova, durante todo o tempo que se envolveu com formação de jovens, sentia falta de uma pedagogia de formação. Ele “pressentia que os jovens precisavam de todo ‘um caminho’. De uma pedagogia de apoio e ajuda à graça. Pressentia que não se tratava de formação intelectual, não era dar bagagem conceitual. Mas se tratava de vida. De transformação de vida” (Comunidade Canção Nova, 2002:49). A descoberta da Renovação Carismática Católica foi, para padre Jonas, mais um passo no caminho inspirado por Deus para a descoberta dessa pedagogia.

Deus foi lhe mostrando pelos acontecimentos que o próprio modo de vida da Canção Nova era uma pedagogia de Deus através da qual eles mesmos eram formados enquanto a viviam e a partir da qual deveriam formar outros. Enquanto viviam em comunidade, iam capturando da própria vivência os princípios de vida da comunidade que iam sendo revelados conforme ia sendo revelado o dom Canção Nova. Os princípios e regras da vida da comunidade não eram criados por padre Jonas ou por membros da Canção Nova, nem inspirados em teorias sobre o convívio comunitário, mas irrompiam da história que iam vivendo. “Logo no início da comunidade, Deus foi

me mostrando pelos fatos que a formação devia se fazer na vida, no concreto do dia a dia, mais do que em conteúdos que eu devia apresentar. Eu sentia que a vida é que nos formava” (Comunidade Canção Nova, 2002:50). Tudo o que na Comunidade Canção Nova fora concebido não era obra dos homens, não era resultado de um projeto humano, mas vinha de Deus: “os nossos princípios de vida, as nossas regras de vida, a nossa história, o nosso modo de viver, o nosso trabalho específico, nossas conquistas, nossos bens materiais, tudo vem do Espírito Santo” (Comunidade Canção Nova, 2002:204). “Assim como na Bíblia existem princípios eternos – leis que regem o Reino de Deus e Seu povo – da mesma forma Deus foi suscitando princípios que dirigem a Canção Nova desde o início” (Abib, 2000:9). Bastava prestar atenção nos fatos da vida para aprender o que Deus tinha para os ensinar e ensinar o que iam aprendendo. Não precisavam buscar outro método. Os princípios de vida comunitária seriam elementos dados no dom Canção Nova para organizar, trazer harmonia e santidade à vida da Comunidade Canção Nova e a vida do mundo. Eram esses princípios que formariam os Canção Nova e, a partir dos Canção Nova, outras pessoas. Eles seriam o dom Canção Nova feito regra. A Canção Nova seria uma Faculdade de Jesus, onde os membros da Comunidade seriam formados pelos princípios de vida para formar para esses princípios de vida: “Canção Nova é uma Comunidade de Formação, formação permanente para os seus membros e instrumento de formação para muitos outros. Canção Nova é uma Pedagogia. Pedagogia de Deus” (Comunidade Canção Nova, 2002:52). Padre Jonas via que as regras de vida da Comunidade Canção Nova eram elas próprias uma Escola de Formação e de santidade (Comunidade Canção Nova, 2002:50).

Digo mais: a nossa regra de vida bem vivida é uma escola de santidade. A grande tentação seria deixar as nossas regras de vida porque são muito simples e buscar outros métodos de formação. Seria deixar o que Deus nos deu como dom e entrar por atalhos que, embora muito atraentes, não nos levariam à realização dos desígnios de Deus sobre a nossa identidade e nossa missão. Outro método nos formaria para ser outra coisa e

não para ser Canção Nova. Gosto de dizer que Deus nos forma na “oficina da vida (Comunidade Canção Nova, 2002:50).

São princípios e regras de vida da Comunidade Canção Nova: partilha e transparência, a vida fraterna, autoridade e submissão, o trabalho santificado, a sadia convivência e viver sob a dependência da Providência Divina. Eles são considerados como natos nos Canção Nova, mas ocultos no recôndito da sua alma, ou seja, também dependem de um processo de descoberta. Pessoas que vivam sob esses princípios serão consideradas “novas” e farão um mundo “novo”. Estando unidas no seu dom, a Comunidade de Vida possui a dupla missão de viver os princípios de seu dom e testemunhá-los ao mundo para que ele também os viva e vá se tornando “novo” como os Canção Nova vão descobrindo ser. Os princípios de vida são considerados divinos, santificados, sadios, fraternos, capazes de promover a santidade. Conforme os Canção Nova vão se tornando “novos”, vão se expondo ao mundo como “novos” e apresentando aos homens qual o meio de irem se tornando também “novos”. Os princípios de vida são o meio. Padre Jonas pressentia que a Canção Nova era como um campo experimental, uma “comunidade piloto”, uma “Fundação Matriz” a partir da qual outras comunidades de vida e pessoas inspiradas nos princípios da Canção Nova surgiriam (Comunidade Canção Nova, 2002: 52).

\*

**Primeira ida à Canção Nova depois das pesquisas para o mestrado  
Dezembro de 2004**

Eu precisava começar o trabalho de campo na sede da Canção Nova em Cachoeira Paulista com o objetivo de conhecer a Comunidade de Vida e sabia que deveria tentar maneiras de acesso a ela que não fossem por aquelas já tentadas anteriormente. Mas, não tinha a menor idéia de como e por onde começar. Resolvi, então, primeiro simplesmente a ela retornar. Participaria daquele que seria um dos grandes eventos da história da Canção Nova e do catolicismo carismático: a inauguração do Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes, vulgo Novo Rincão.

\*

**O Novo Rincão e o Hosana Brasil**

O cinza que permanece nessa imensa construção de estrutura metálica, arredondada e côncava, semelhante a uma gigantesca cuia virada para baixo, interrompe o verde dos vales esparramados lá ao longe no horizonte e também pela Chácara de Santa Cruz até os seus confins. Eis o Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes. Estádio-templo. Quem chega à Canção Nova por quaisquer de seus cantos, o vê de cima. Está pousado, soberano, num largo vão aplainado, ao final de um declive gramado com árvores plantadas, reservado para a fixação de barracas de camping de fiéis romeiros.

Largas rampas de acesso correm laterais a esse campo gramado. Descendo pela rampa do lado esquerdo, entramos no Centro de Evangelização ainda pelo alto. Isso porque esse acesso nos conduz aos últimos degraus das arquibancadas de concreto que estão erguidas no interior do estádio e fazem frente a outras carreiras de arquibancadas fixadas no seu lado oposto. Seiscentos metros de arquibancadas. Pela rampa do lado direito, mais íngreme, atingimos o nível do chão da arquitetura e nela adentramos pelos espaços formados entre uma coluna e outra que a sustentam. Os 20 (vinte) metros de altura que o Centro de Evangelização possui vão ficando definitivamente mais compreensíveis a cada passo da descida até ele, quando temos a sensação de que

estamos encolhendo. Sinto-me mais pequenina do que já sou quando, no término da descida, chego ao nível plano.

Uma multidão de pessoas sobe e desce as rampas de acesso ao Novo Rincão, parecendo um formigueiro se visto de cima. O fluxo ali é contínuo. São milhares de pessoas. Elas se apertam nas arquibancadas do Novo Rincão e disputam centenas de cadeiras brancas de plástico que são dispostas em fileiras ao centro do estádio, até o altar-palco. Centenas de ônibus de excursão causam engarrafamento dentro da Chácara de Santa Cruz. Nas lanchonetes, há filas gigantescas. Sob uma enorme lona situada atrás do Novo Rincão, foram instaladas barracas que funcionam como lanchonetes improvisadas. Os banheiros, não dando conta do número de pessoas que para lá acorreram, estão sujos e sempre cheios de gente. Uma pessoa fala com uma amiga no celular que a Canção Nova é parecida com a Disney. Caravanas inteiras chegam cantando, gritando, pulando, com cartazes e faixas anunciando seus grupos de oração e as cidades de onde vêm. Hoje é o primeiro dia de evento e, em cima do palco, alguém anuncia que já havia registro de cem mil pessoas na Canção Nova. Não sei se é tudo isso, mas, de fato, é muita gente. Eu estou participando do Hosana Brasil, o megaevento de inauguração do Novo Rincão. Vou ouvindo as palestras, participando, em meio aos fiéis carismáticos, dos rituais, das missas e dos shows, sentada ou em pé nas arquibancadas de ambos os lados - em seus primeiros degraus e em seu último degrau -, nas cadeiras brancas centrais - na frente e atrás, andando por todo o espaço da Chácara de Santa Cruz. Faço assim porque é isso que estão fazendo os fiéis ou visitantes que aqui estão. Ninguém permanece, por muito tempo, sentado. Eles transitam continuamente para dentro e para fora do estádio, mesmo durante as palestras. Estão todos deslumbrados. Os que estão sentados, nem sempre estão quietos ouvindo as palestras. Conversam entre si entusiasmadamente, de forma que, quem quer prestar atenção nas atividades do evento, precisa posicionar-se mais perto do palco. Esses vão ter que ficar em pé perto do palco, porque todos os assentos ali estão ocupados. Os participantes parecem querer esgotar todas as possibilidades de encantar-se com esse espaço e desfrutar todo o “calor” desse evento.

Na missa da manhã, alguns, temendo ficar sem almoço, antecipavam-se: saíam antes que ela terminasse para enfrentar uma fila menor no restaurante da Canção Nova, ou para procurar algum restaurante nas redondezas. Alguns compravam sua “marmita” e

levavam-na para comê-la, sentado nas arquibancadas do Novo Rincão, enquanto padre Jonas Abib celebrava a missa. Políticos ilustres, como o então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin<sup>66</sup>, filiado ao Partido Social Democrata do Brasil (PSDB), e o deputado federal Salvador Zimbaldi<sup>67</sup> (sem partido na época), estavam presentes e discursaram ao final da missa. Um carro som do tipo “trio elétrico” estava estacionado atrás do Novo Rincão e estampava um outdoor com o nome de Salvador Zimbaldi.

Centenas de holofotes presos nas vigas aéreas da abóbada prateada do teto, por causa do brilho das luzes que ostentam, atraem imediatamente os olhares dos que estão no recinto, para cima e para frente, em perspectiva e em direção ao fundo onde está posto o altar-palco, onde os membros da Comunidade de Vida Canção Nova e convidados palestram, fazem shows e rezam missas ao público de fiéis e de visitantes. Sobre esse palco, Nossa Senhora e Jesus Cristo - não pendido na cruz, mas com a bíblia em uma das mãos e a outra elevada em posição de quem pede a palavra - estão presentes lado a lado nos imensos painéis de pinturas bizantinas impressas, encostadas, do teto ao chão, à frente da cortina branca que funciona como uma parede. A cruz de madeira com uma escultura de Jesus crucificado não está fixada em região acima do altar, como é de costume nas igrejas, mas é móvel, como uma escultura, e tem estatura inferior às enormes figuras de Jesus e Maria bizantinos. Dois telões estão suspensos para reprodução de imagem simultânea das atividades do palco.

O Novo Rincão é uma área em torno de 22 mil metros quadrados, cujo vão livre mede 119 metros, com comprimento de 170 metros. A altura total varia em torno de 20 metros da área plana até a cobertura. O espaço central possui uma área plana de 13.800 metros quadrados. O palco mede 600 metros quadrados e possui dois camarotes para 140 pessoas. Os membros da Comunidade de Vida Canção Nova afirmam que esse estádio tem capacidade para reunir 80 até 100 mil pessoas.

---

<sup>66</sup> Geraldo Alckmin considera-se e é considerado pelos Canção Nova como cria da Canção Nova – porque acompanhou as origens da Comunidade de Vida - e representante político verdadeiramente cristão, sempre apoiado em eleições pela Canção Nova. Conforme <http://www.ascr.com.br/noticias/noticia2006009.asp> em 22/10/2006

<sup>67</sup> Salvador Zimbaldi é líder da Renovação Carismática Católica e depôs na CPI das sanguessugas, acusado de envolvimento com a Planam, empresa apontada como organizadora de esquemas fraudulentos de compras superfaturadas de ambulâncias em diversos pontos do País. [http://www.politicabr.com.br/index.asp?ref=noticias\\_ver&id=873](http://www.politicabr.com.br/index.asp?ref=noticias_ver&id=873)

O Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes recebeu a alcunha de Novo Rincão em referência ao Rincão do Meu Senhor, o primeiro estádio para retiros da Canção Nova, que, seguindo a mesma organização – também com um altar-palco, arquibancadas laterais e no fundo, e cadeiras brancas enfileiradas ao centro -, comporta de 15 a 30 mil pessoas. Perto do fausto e da grandiosidade do Novo Rincão, o Rincão do Meu Senhor tornou-se “velho”, pequeno, secundário, conveniente para eventos mais “modestos”. Não raro, quando um evento é realizado no Novo Rincão, o Rincão do Meu Senhor, estando vazio, é usado para o abrigo da chuva, do sol e do cansaço daqueles que percorrem toda a Chácara, subindo e descendo a sua encosta. Também é ocupado pelo Ministério de Música Canção Nova que, paralelamente às atividades no Novo Rincão, ali treina o repertório a ser executado em algum ritual.

Para a Canção Nova, os dois estádios foram desejados por Deus como recantos para vivência de experiências “espirituais” coletivas e em massa, desdobradas com o Batismo no Espírito Santo e o encontro pessoal com Jesus. Eles são considerados partes do cumprimento de um plano, no Plano de Deus, para a Canção Nova. O Novo Rincão foi profetizado pelo administrador da Canção Nova, Eto. Deus lhe orientou que construísse um enorme templo, financiado com as doações de bens pessoais, em ouro, de fiéis simpatizantes da Canção Nova. O montante de alianças ou anéis em ouro, jóias em geral de ouro, dentes de ouro, etc custeariam a edificação de um estádio com a dimensão de 22 mil metros. Em confirmação à profecia daquele membro da Canção Nova, padre Jonas Abib afirmou que o novo templo seria a manifestação visível do que se originou no invisível, pois Deus planejou o Novo Rincão quando criou a Canção Nova (Abib, 2004, 04):

Deus falou ao coração de nosso administrador: Eto, construa um novo templo, maior que puder. Este templo vai ser construído com a história de cada um: uma aliança, um anel de formatura, uma medalha, até ouro extraído de dentes vai servir’. O que hoje é visível nessa obra originou-se do invisível. Obedecendo a Deus, Eto iniciou a Campanha do Ouro para a execução da obra, e mais uma vez, estamos assistindo ao cumprimento da promessa de Deus na Canção Nova. A construção do templo está inacabada, mas ousando na fé, Eto marcou a inauguração: no Acampamento de Jovens PHN a ser realizado de 03 a 05 de dezembro, ainda este ano. Está programado um megaevento, que contará com a programação especial, com todos os cantores da Canção Nova e grandes nomes da música católica. A expectativa é reunir cerca de 100 mil pessoas para juntos celebrarmos essa vitória. Ajude-nos a concluir essa linda obra

enviando a sua doação de ouro para [endereço](...) (Abib, Revista Canção Nova, junho, 2004).

\*

2

## **Segunda ida à Canção Nova depois das pesquisas para o mestrado**

**Abril de 2005**

Novamente foi impossível me aproximar dos comunitários da Canção Nova no Hosana Brasil. Mas, ter estado lá serviu para que eu aprendesse, definitivamente, que, se quisesse encontrar com os membros da Comunidade de Vida, teria que procurar um outro caminho que não fosse aqueles dos eventos de massa. Tive a idéia de recorrer a Rodrigo - um amigo dos tempos da minha militância na pastoral da juventude que havia se vinculado à Renovação Carismática - para que me desse algum palpite de como encontrar uma passagem para a Comunidade de Vida Canção Nova<sup>68</sup>. Quem sabe ele não conhecesse algum membro com quem me pusesse em contato? A primeira coisa que Rodrigo me aconselhou foi que procurasse pelos membros da Comunidade de Vida não nos fins-de-semana de Acampamentos de Oração, mas durante a semana, quando, segundo ele, provavelmente estariam mais disponíveis ao contato com o público visitante. Essa sugestão me pareceu muito boa realmente. Como não havia pensado nisso antes? Rodrigo também me indicara o e-mail de Marcela, um membro da Comunidade Canção Nova, mas como eu desejava o contato pessoal com os membros da Comunidade de Vida e acreditava, como Rodrigo, que o conseguiria facilmente nos dias de semana, achei que não era necessário fazer ainda o contato virtual com ela.

---

<sup>68</sup> Rodrigo ajudou-me nas minhas pesquisas desde que eu comecei a estudar o movimento carismático católico em 1995: minha monografia de graduação, que tratou do discurso musicado da Renovação Carismática (Oliveira, E.; 1999), baseou-se nos depoimentos dos integrantes do Ministério de Música Conexão Vida, no qual ele era integrante como guitarrista; e vários desses depoimentos foram ainda resgatados na dissertação de mestrado (Oliveira, E.; 2003).

Seguindo o conselho de Rodrigo, alguns meses depois, em certa manhã de uma terça-feira de abril de 2005, fui à Canção Nova. Dessa vez, não viajei de madrugada e num ônibus de excursão com grupos de romeiros, como fiz nas vezes anteriores. Embarquei às 8:45 num ônibus interestadual com saída da Rodoviária Novo Rio, destino à cidade paulista de Guaratinguetá. Antes do ponto final, esse ônibus atravessaria a Serra das Araras e, chegando ao Vale do Paraíba, pararia nas cidades de Cachoeira Paulista, Lorena e Aparecida do Norte. Pela janela do ônibus, eu ia acompanhando o desmanche das paisagens urbanas, onde predominavam as cores cinzentas do concreto e do asfalto, e a composição de cenários rurais e interioranos, esverdeados, pelas montanhas, florestas e gramados, e ocreados, pela terra barrenta que coloria o chão e o rio. Esse panorama conspirava para que eu, enquanto viajava pela estrada, viajasse também pela imaginação acerca do que encontraria na Canção Nova em dias de semana. Olhando para o horizonte composto por montanhas, florestas e rios no primeiro plano, olhava através dele. Essa experiência era análoga a que Crapanzano (2005) descreveria sobre as possibilidades imaginativas suscitadas pela paisagem de montanha pintada pelo artista romântico alemão Caspar-David Friedrich:

Muitas vezes, como em sua pintura do *Reisengenbirge*, nossos olhos são conduzidos do primeiro plano para o horizonte, neste caso, para as montanhas coroadas de neve e o céu claro, luminoso. Mesmo em suas paisagens montanhosas mais íntimas, o que vemos no primeiro plano é percebido em função do que está situado além das montanhas: outras montanhas, um vale, uma aldeia, um agricultor lavrando a terra, uma celebração de colheita, um cortejo fúnebre. Não sabemos. Só podemos imaginar. Quando olhamos para o primeiro plano do quadro, contudo, geralmente não imaginamos de um modo concreto o que se situa além das montanhas, mas nossa percepção está, como estava, impregnada de possibilidades imaginativas (Crapanzano, 2005: 368)

Era como se, iluminados de possibilidades imaginativas, meus olhos, enquanto passavam pelas paisagens e através delas, recitassem os versos de Fernando Pessoa, codinome Alberto Caeiro (1997):

Da minha aldeia vejo quando da terra se pode ver no Universo....  
Por isso a minha aldeia é grande como outra qualquer  
Porque eu sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura...  
Nas cidades a vida é mais pequena  
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.  
Na cidade as grandes casas fecham a vista a chave,  
Escondem o horizonte, empurram nosso olhar para longe de todo o céu,  
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,  
E tornam-nos pobres porque a única riqueza é ver.

Não poderia ser diferente, porque tudo sobre a Comunidade Canção Nova era obscuro para mim. Era como na pintura que descreve Crapanzano que, não sendo (ou ainda não tendo sido) palpável na realidade, “só podemos imaginar”. Imaginei, pois, que veria os membros da Comunidade de Vida agrupados na Chácara de Santa Cruz, desenvolvendo algum trabalho coletivo ao ar livre, como reuniões, estudos ou orações, aproveitando a paisagem montanhosa para estimular a sua “espiritualidade”. E o que eu imaginava era romântico. Ou seja, eu via uma “imaginação romântica” na cosmovisão da Canção Nova, mas, o romantismo que eu percebia nela refletia também uma cosmovisão romântica que eu tinha. De tudo o que eu, até então, havia conhecido da Canção Nova, a questão da comunidade - sobretudo, a noção clássica de comunidade em oposição à sociedade moderna capitalista, ou a utopia da humanidade mais fraterna, que talvez acontecesse em experiências comunitárias auto-sustentáveis a esse sistema - me atraía pessoalmente. Eu tinha simpatia por todas e quaisquer comunidades de vida, religiosas ou laicas, fundadas na esperança e na busca de uma outra sociedade. Ou melhor, eu tinha simpatia por um ideal comunitário em que o religioso estivesse presente no sentido laico. Luiz Fernando Duarte (2005) tem cogitado em suas pesquisas recentes a hipótese de que existe nas sociedades ocidentais contemporâneas uma primazia por valores laicos, não-confessionais, tais como a liberdade individual e da “natureza” que demarcam as atitudes referentes ao ethos privado (a virgindade, a

contracepção, o aborto e a homossexualidade) e que abarcam tanto as orientações doutrinárias e pastorais das diversas religiões quanto disposições diferenciais de adesão religiosa dos sujeitos sociais. Por isso, o autor vem defendendo que, nas sociedades modernas, é imprescindível a compreensão do “religioso” no sentido abrangente de “visão de mundo” e não numa perspectiva nominalista, assinalando que o domínio da religiosidade compreender hoje “muitos valores e comportamentos oficialmente laicos ou, pelo menos, não confessionais” (Duarte, 2005:02). Essas análises de Duarte estão inseridas no contexto da formulação de que as sociedades modernas vivem uma retomada paulatina dos princípios românticos na forma de uma crítica do universalismo em nome da singularidade, da intensidade e da experiência (Duarte, 2005:16). Podemos encontrar paralelos entre “religiosidade laica” dos dias atuais, observada por Duarte, na idéia de “mística sem Deus” de que fala Bruseke (2004:30), presente no movimento romântico do século XIX. Segundo o autor, num contexto em que as ciências modernas, crenes na supremacia da razão, haviam banido o entendimento teológico da transcendência, surge uma nova onda mística que reinterpreta, sob parâmetros modernos, a mística tradicional. A experiência de união do Eu com o Todo divino é contemporizada para o domínio do mundo da vida secular e pode ser observada, por exemplo, nas ideologias revolucionárias marxistas e filosofias existencialistas de Nietzsche, Schopenhauer e Wittgenstein (Bruseke, 2004). Ainda nos fala Bruseke que a filosofia do progresso do século XIX é influenciada pela teleologia contida no judaísmo-cristianismo, com a diferença de que o telos – o fim de todas as coisas - deixou de ser extramundano para tornar-se intramundano. Essa perspectiva foi compartilhada por Karl Marx e pelos iluministas, para quem a história tinha uma direção – “que também podia significar marchar na direção do apocalipse, da decadência (Spengler) ou da gaiola racional (Weber)” (Bruseke, 2004: 38). No caso de

Marx, ele não vira somente direção na história, mas também salvação. Entretanto, a salvação era social. A salvação era a sociedade sem classes, “onde todos os homens tornam-se irmãos, e o homem verdadeiro, com os seus cinco sentidos emancipados, surge das cinzas da revolução mundial” (Bruseke, 2004:38). O marxismo pós-Marx de Ernst Bloch teria evidenciado uma escatologia política numa filosofia da esperança que é a espera daquilo que sempre não é, ainda. “Pois o sem-nome da mística é sempre, também, um ainda não” (Bruseke:2004:38), que traduz, simultaneamente, uma saudade sem fim e uma esperança de aproximação manifesto no “quase” (Bruseke:2004). O que estou querendo dizer é que se supostamente a Canção Nova tinha uma visão romântica da comunidade, dos homens e do mundo, eu também tinha. No seu romantismo e no meu, o “entre”, o “quase”, o “ainda não” manifestavam através das crenças da comunidade como comunhão de objetivos, da mística (a ênfase no “Espírito”) – com Deus ou sem Deus – e na esperança de um mundo novo - realizado pelos homens na história, como eu cria, ou por Jesus Cristo em sua segunda vinda, segundo a Canção Nova cria. De alguma forma, com outras palavras e sentidos, mas mantendo a mesma oposição central, eu, tal como a Canção Nova, também colocava a vida vivida em pequenas comunidades em contraposição (positiva) à vida da sociedade moderna contemporânea. A esta última, a Canção Nova chamava de “mundo” e carregava, principalmente, de sentido moral-sexual; enquanto eu, para o mesmo “objeto”, chamava de “sistema” ou de “mundo capitalista” e carregava, principalmente de sentido político. Mas, no final das contas, estávamos todos desejando um outro mundo - ou um mundo transformado – neste mundo. Embora eu não me fosse mais católica nem praticasse qualquer outro tipo de religião ou participasse de algum partido político, o enredo composto pela comunhão do religioso com o político ainda prevalecia fortemente em mim. Não institucionalmente, mas ideologicamente.

Entretanto, essa minha visão de mundo na condição de sujeito social em geral não estava descolada da minha visão de mundo como antropóloga. Muito pelo contrário: eu pretendia estudar (ou continuar estudando) a Canção Nova “incorporada” da Canção Nova, mas sem ser Canção Nova ou carismática ou católica, ou, em outras palavras, sem deixar de ser simplesmente uma antropóloga laica que pesquisa a Canção Nova. Desejava “incorporar” os membros da Comunidade de Vida Canção Nova no sentido de “ser possuída” pelo seu ‘espírito’ de cançonovista, deixar-me afetar (Favret-Saada, 2005) pelos cançonovistas enquanto fossem sendo cançonovistas em sua vida em comunidade, em sua missão evangelizadora e na minha relação com eles. Eu não desejava falar ou escrever sobre o “ponto-de-vista” dos comunitários da Canção Nova, mas “experimentar seu pensamento”, não no sentido de “entrada imaginária na experiência pelo (próprio) pensamento, mas o de entrada no (outro) pensamento pela experiência real: não se trata de imaginar uma experiência, mas de experimentar uma imaginação” (Viveiros de Castro, 2002:123). Experimentar a imaginação dos comunitários da Canção Nova significava tomar os objetos do pensar deles para que, na relação do meu pensamento - que não é de um cançonovista - com o seu pensamento de cançonovista, eu pudesse, não traduzi-la, mas compreendê-la-com-ela, sem precisar sê-la.

Para quem afirmou como eu o fizera que queria experimentar a imaginação da Canção Nova e deixar-me afetar para dizer sobre ela, não seria contraditório ter declarado que imaginara romanticamente que a Canção Nova imaginava romanticamente o mundo? Seria coerente começar (continuar) uma pesquisa cuja proposta era conhecer a Canção Nova a partir de suas próprias categorias, explicações e problemas, adotando a explicação romântica como sendo uma categoria, explicação e um problema da Canção Nova? Bem, é importante dizer que, nessa história, só se podia

ter certeza do meu próprio “romantismo” porque eu mesma o estou afirmando como uma categoria que, para mim, explica minha perspectiva pessoal e antropológica de pensar a Canção Nova e o mundo. Entretanto, “imaginar” o romantismo da Canção Nova não significava que eu tivesse imaginado os dados que podiam plausivelmente identificá-la como romântica, nem que eu fosse “imaginar” estar na Canção Nova para afirmar tal idéia. Em primeiro lugar, a pesquisa anterior me fornecera dados que me levaram a pensar essa idéia. Em segundo lugar, eu não imaginara ou imaginaria estar lá na Canção Nova, mas estive e estaria de fato. E estando eu lá de fato, não como observadora que está presente entre os “nativos”, mas como “experimentadora” deles, deixando-me afetar, nesse ínterim, qualquer hipótese explicativa poderia cair por terra, colocando, inclusive, em jogo todo o projeto de doutorado sugerido a priori, porque “Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer” (Favret-Saada, 2005:160). “Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível” (Favret-Saada, 2005:160). Ter imaginado a Comunidade de Vida Canção Nova como se ela fosse um fenômeno romântico não retirava a possibilidade de abandonar essa idéia durante a passagem pelo trabalho de campo: ou porque descobrisse que eu estava enganada sobre aquilo, pois os novos dados refutavam essa idéia; ou porque, independentemente se os dados confirmavam ou refutavam essa idéia, eu não quisesse mais apostar nessa chave como uma síntese explicativa da Canção Nova. Minha relação com a idéia do romantismo, em termos de usá-la exclusivamente para análise da Canção Nova, mudou. Penso que a maior das contribuições das categorias românticas para esta tese foi ter servido como veículo para a descoberta da importância da imaginação para a cosmovisão da Canção Nova. O olhar romântico que

nega a realidade moderna e enxerga “através” dela uma outra realidade está enredado em horizontes imaginativos. Independentemente se o conteúdo imaginativo da Comunidade de Vida Canção Nova era ou não era o romantismo, mais importante do que o conteúdo da imaginação era a própria imaginação como forma sociológica. A Canção Nova, dela para ela mesma, dela para fora dela, de fora dela para ela, parecia que evocava a imaginação, construía-se a si mesma imaginando e provocava imaginação mediante a aura do segredo.

Cheguei por volta das 13:30 na Chácara de Santa Cruz, mas não encontrei nada do que imaginara. Ela estava esvaziada. No lugar da multidão vista em Acampamentos de Oração, havia poucas pessoas. Seriam elas membros da Comunidade de Vida Canção Nova? Sentei-me num dos bancos de concreto que ficam espalhados pela Chácara e, à sombra de uma árvore em que o banco se recostava, fiquei observando essas pessoas, para onde iam, de onde vinham. Boa parte delas estava vestida com roupas estilo “executivo” e algumas usavam crachás. Umas se dirigiam para o prédio da Rádio Canção Nova, que fica bem no centro da Chácara, enquanto outras caminhavam para outros dois prédios que ficavam fora dela. Acompanhando seu trajeto, subitamente, dei-me conta de um fato que nunca havia percebido: em todo o redor da Chácara de Santa Cruz, na frente desses prédios, nas entradas da Chácara havia portões fechados, grades, guaritas e funcionários-seguranças. Provavelmente não os notara durante os Acampamentos de Oração porque a grande aglomeração de pessoas nesses dias e as atividades do evento teriam tomado toda a minha atenção. As pessoas que passavam por mim entravam, particularmente, em dois prédios guardados por guaritas com funcionários-seguranças e/ou portões trancados. Por entre as grades desses portões, era possível avistar, dentro de um primeiro prédio, uma bancada de recepção com uma atendente. Para alguém chegar até ela, era primeiro preciso passar pelos portões e

funcionários-seguranças. Através de um mecanismo eletrônico, esses vigilantes controlavam a abertura e o fechamento dos portões, somente liberando a entrada de pessoas que possuíssem um crachá-credencial ou para aqueles que eles já conheciam. O segundo prédio ficava na frente desse primeiro e do lado de uma das entradas principais da Chácara de Santa Cruz. Para entrar nesse segundo prédio, era preciso ter a autorização de outros dois funcionários-seguranças, uma moça e um rapaz, que ficavam a postos numa recepção. Esses eram vigilantes que guardavam o acesso a esse segundo prédio e que cuidavam da entrada e da circulação de pessoas que adentravam a área pública da Chácara de Santa Cruz. Havia no segundo prédio dois portões: um, não era eletrônico, ficava fechado ao lado desta recepção e entravam por ele, sob vigia dos funcionários-segurança-recepcionista, somente quem fosse conhecido ou portasse uma credencial. O outro era eletrônico, permanecia fechado e estava localizado em um ponto um pouco mais afastado, a alguns metros da recepção. Mas, quem controlava o acesso através dele não eram os funcionários-seguranças dessa recepção. O funcionário-segurança que ficava no primeiro prédio dentro de uma guarita com vidros escuros, bem em frente a esse portão, é quem o fazia. Ele, por detrás dos vidros, vendo da guarita quem se aproximava do portão a sua frente, liberava ou não a entrada, abrindo o portão eletronicamente.

Considerando que eu não encontrara a Comunidade de Vida reunida coletivamente na Chácara de Santa Cruz e supondo que aquelas pessoas que adentravam àqueles prédios pertencessem à Comunidade de Vida, como faria eu para conversar com elas? Se elas estavam dentro daqueles prédios, eu precisava entrar naqueles prédios. Como faria para atravessar aqueles portões se eu não possuía nem credencial nem era conhecida pelos seguranças? Eu poderia tentar conversar com eles e tentar convencê-los de me deixarem entrar porque eu era uma antropóloga e queria falar com os membros

da Comunidade de Vida, mas não acreditei que ficariam comovidos com o meu problema acadêmico, além do que não podia ter certeza de que aquelas pessoas eram realmente membros da Comunidade de Vida. Lembrei-me da amiga de meu amigo. O nome dela era Marcela. Mas não sabia mais nada sobre ela, nem seu sobrenome nem onde poderia encontrá-la. Arrependi-me de não ter enviado o e-mail para ela. Pelo visto, teria sido importante esse contato virtual anterior para que conseguisse um contato pessoal com os membros da Comunidade de Vida. Toda essa espécie de “fortaleza” constrangia-me, intimidava-me, excluía-me. Logo que enxerguei esse “gradeamento” e as guaritas, também reparei que havia também seguranças uniformizados circulando por toda a área da Chácara de Santa Cruz, monitorando, com seus rádios transmissores, todo o movimento por ali. Fiquei embaraçada de tentar uma conversa com aqueles seguranças também. Não era nada animadora nem agradável a idéia de que, para me comunicar com os comunitários da Canção Nova fosse necessário passar por esse tipo de barreira, que me pareceu, no limite, um policiamento. É bom enfatizar que para quem estivesse do “lado de dentro” ou quem possuísse uma credencial para adentrá-la, provavelmente essa barreira não lhe parecesse assim tão constrangedora, intimidadora, hostil ou policial, como sugeri. Mas para alguém que, como eu, estava no “lado de fora” dela, ao se deparar com ela, não creio que enxergasse, em sua fachada, uma mensagem de saudação dizendo: “Entre, sem bater. Seja bem-vindo”, mas, enxergaria, certamente, um sistema de segurança bem visível de separação. Aqueles prédios mais se pareciam com um centro empresarial. Cecília Mariz, quando ainda estudava a Canção Nova no Rio de Janeiro em 2004, dissera-me, em conversa pessoal, que a Comunidade de Vida Canção Nova lhe estava parecendo uma espécie de empresa, pois seus membros trabalhavam durante todo o dia na operação da Rádio Canção Nova. O que eu via agora combinava com essa análise. Seria a Comunidade de Vida Canção Nova, na verdade,

uma empresa? Será que aqueles prédios eram a Comunidade de Vida Canção Nova? Mas Laura e padre Jonas haviam falado de uma casa da Comunidade de Vida. Seria metafórico o termo “casa” e, na verdade, a “casa” da Comunidade de Vida era uma empresa? Lembremos que, no mundo moderno contemporâneo, os complexos empresariais e os condomínios residenciais de classe média há muito vem adotando os recursos eletrônicos e policiais de proteção, tornando-se verdadeiras fortalezas que pretendem garantir a segurança e a liberdade de seus negócios e de seus habitantes. A Canção Nova viveria segundo essa lógica? Mas, e aquela idéia de vida comunitária – “vida no Espírito” – exposta por padre Jonas Abib (2000) e Laura, que pretendia resgatar laços, estilo de vida, valores da tradição religiosa e cultural, existentes num tempo passado quando podíamos confiar nas pessoas, quando as relações eram “sadias”, quando a pureza das almas atraía “espiritualidade”, quando o dinheiro e o consumo não tomavam centralidade na vida dos homens, quando tudo era transparente e acolhedor? O que ela mostrava de longe sobre ela mesma era romântico, mas não era nada romântico o que ela mostrava de perto - pelo menos até aquela altura.

Em poucos minutos, aquelas poucas pessoas que eu inicialmente avistara haviam deixado a Chácara de Santa Cruz, que agora ficara completamente vazia. O conjunto dessa experiência me deixou meio atônita e perturbada. Senti uma profunda solidão. Estava ali às portas da Comunidade de Vida Canção Nova, mas não conseguia acessá-la porque não tinha “a chave” e não sabia onde procurá-la. Eu não podia atravessar aqueles portões nem conhecia ninguém para me ajudar no contato com os membros da Comunidade de Vida. Eu era, nesse momento, o forasteiro de Schutz (1974). O forasteiro de Schutz experimenta uma enorme tensão na adaptação e assimilação de uma pauta cultural quando tenta a inserção no grupo em que ele é o “outro”. O forasteiro, recém-chegado ao grupo, não conhecendo ou não conhecendo o suficiente a pauta

cultural em ação, ver-se-á diante da necessidade de adaptar-se a ela. A única hipótese de experimentá-la da mesma maneira que os membros do grupo no qual se inseriu seria adaptar-se a ela sem refletir sobre ela, quando, efetivamente, faria a passagem para outro nível de significatividade. Mas, aí, ele não seria mais um forasteiro e sim um “nativo”. A condição do forasteiro schutziano é, pois, estar sempre totalmente fora. Eu me sentia forasteira como em Schutz, porque, embora conhecesse bastante a pauta cultural cançãoovista, o que eu sabia não era suficiente para prosseguir nesse conhecimento sobre ela. Tudo o que dela eu sabia não me permitia ir mais além do que eu fora até ali. Frente às barreiras físicas que encontrei, tive a impressão de que, para alcançar âmbitos mais internos da Canção Nova somente sendo “nativo” ou “convidado de um nativo”. Eu ainda não podia ser o estrangeiro de Simmel (2002) porque sequer os membros da Canção Nova sabiam da minha existência. O estrangeiro de Simmel é ambivalente: mantém-se estrangeiro ao mesmo tempo em que pode ser absorvido pelo “outro”. Ou seja, podia ser que a Canção Nova me absorvesse como estrangeira (neste caso, uma “convidada”), mas, para isso ela precisava saber da minha existência. Contudo, nós ainda não “traváramos conhecimento”. Simmel (1939) observa que “travar conhecimento” não significa haver penetrado na personalidade de um indivíduo, mas somente que cada um dos dois conhecidos tem notícia da existência do outro. “É característico que o conhecimento se satisfaça com o nome do outro ou com a apresentação; supõe que temos tomado nota de que existe – mas não como é – a outra personalidade” (Simmel, 1939:368). “Travar conhecimento” se refere ao trato puramente social, em que conhecemos do outro somente aquilo que ele quiser nos mostrar: “O grau de conhecimento, que supõe o ser conhecido, não se refere ao que o outro é em si, não ao que é em seu interior, senão naquela parte que manifesta aos demais, ao mundo” (Simmel, 1939:368). Eu, individualmente, não ocupava lugar

nenhum para os comunitários cançonovistas, embora eles já ocupassem um lugar para mim: eles estavam “dentro” e eu “fora”. Entretanto, se, por um lado, eu pessoalmente, não me sentia ainda, aos moldes simmelianos, uma “estrangeira” em relação à Comunidade de Vida Canção Nova, porque sequer ela tinha conhecimento da minha existência individual, percebia que a Canção Nova como instituição, enxergava, a priori, como “estrangeiro” todo o resto do mundo para fora dela. É bom explorar um pouco mais as qualidades simmelianas do “estrangeiro”, pois elas serão essenciais para vermos os desdobramentos da relação que tivemos eu e a Canção Nova.

Para Simmel, o estrangeiro é uma forma de interação social gerada pelas oposições “dentro” (“nós”, “si mesmo”) e “fora” (“outro”, “eles”), amigo e inimigo, perto e longe. O estrangeiro não é “amigo-como-nós”, mas também não é necessariamente inimigo. Ele pode ser inimigo: alguém que é adversário a “nós”. Também pode ser um “amigo-conosco”: alguém que é amigo, mas não é amigo como “nós”, ou ainda, alguém que continua sendo “outro” para “nós” embora seja amigo. Mas o estrangeiro nunca será um “amigo-como-nós”: alguém que é “igual” a “nós”. O estrangeiro estabelece a oposição entre o “nós” e o “outro” e desperta a idéia de que, entre eles, afora as coisas que têm em comum por serem humanos, não há mais nada em comum. Em outras palavras, embora a natureza do estrangeiro seja ambivalente, sobretudo, devido a sua mobilidade – “ele está aqui, mas não permanece; ele não é um dos nossos, mas está entre nós” -, “a consciência de não ter em comum mais do que o geral faz com que se acentue especialmente o não comum” (Simmel, 2002:216). O que Simmel pensa sobre o estrangeiro reflete sua perspectiva sociológica de um modo geral: a oposição é o elemento produtor e propulsor da vida social. Simmel considera que a posição do homem no mundo, a estrutura formal de sua existência, se distingue pelo fato de que ela se acha, em todo momento, entre dois limites (Simmel, 2002:417). A

participação em realidades, tendências e idéias opostas entre si dá à vida dois valores que se complementam, ainda que freqüentemente estejam em conflito (Simmel, 2002:418).

No caso do tipo sociológico do estrangeiro, a incompatibilidade entre o “nós” e o “outro” pode ser traduzida pela oposição entre amigo, de um lado, e inimigos e estranhos, de outro. Se a oposição entre o amigo e o inimigo é definível mais facilmente, a oposição entre amigo e estranho é mais viscosa. Enquanto a oposição entre amigos e inimigos distingue o bem do mal, o certo e o errado, a verdade da falsidade, o próprio e o impróprio (Bauman, 1999), a pessoa “estranha” não é uma coisa nem é outra. O “estranho” é contra as oposições, colocando em risco a própria possibilidade de sociação que é fundada em oposições. As oposições são ordenadoras: “isso é isso, como aquilo é aquilo. Portanto, isso não é aquilo”. O “estranho” destrói o poder ordenador das oposições: “isso pode ser aquilo, ou não”. Enquanto as oposições permitem a ação, a clareza classificatória e o conhecimento, as imprecisões os detêm. Em um clássico trabalho, Mary Douglas (1990) indicou que a desordem é lugar do perigo. A desordem é perigosa porque ela nem é mais o estado passado e nem ainda é o que se estabelecerá futuramente, ela é o tempo para manifestação do imponderável, do indefinível e do imprevisível. Lembremos o caso citado pela autora de noviços que, em estando temporariamente proscritos em rituais de iniciação, assumem um comportamento criminoso e perigoso, como matar ou assaltar alguém, ou temem morrer nessas cerimônias. Ou seja, viver ou estar perto de quem vive a transição indica perigo por causa da natureza inconstante e desconhecida do que pertence à margem. Se os inimigos são perigosos porque não são amigos, os estranhos são perigosos justamente porque não são nem uma coisa nem outra não lutam por uma coisa ou outra, estão indefinidos ou são indefiníveis. Nesse sentido, a indefinição do “estranho” faz dele um inimigo-a

princípio, uma oposição a “nós”. Se não podemos ter a certeza de que o “outro” também é amigo, então será prudente considerá-lo, a princípio, como inimigo, até que se prove o contrário.

Na busca pela proximidade face-a-face com a Comunidade de Vida Canção Nova, em termos de estrutura física (casa onde moram) e de seus membros, deparei-me, nesse primeiro momento da temporada de pesquisa para o doutorado, com uma fronteira definida, interposta pela Canção Nova, que separava, genericamente, o “nós” (Comunidade de Vida) do “outro”, onde o “outro” era tudo aquilo que não era “nós” e não ser “nós” lançava todos os “outros” – onde eu estava incluída por não ser “nós” - na incógnita de quem eram: “aqui dentro”, portanto, estão os amigos, “lá fora”, os inimigos-a princípio (ou estranhos) e os definitivamente inimigos. Considerando as pesquisas anteriores (Oliveira, E. 2003; 2006; 2007) e estudos sobre Renovação Carismática (Carranza, 2000; Mariz & Machado, 1998; Machado, 1996), podemos dizer que, entre os carismáticos em geral e na Canção Nova em particular, a categoria preliminar para a demarcação do “nós”, a partir da negação do “outro”, era “o mundo”. Neste tipo de relação, estaria valendo a oposição sociológica clássica entre comunidade e sociedade: “aqui dentro” da “Comunidade de Vida” (fora-do-mundo), ao contrário das tensões, falsidades e ameaças “lá de fora” na sociedade (“no mundo”), encontramos a paz, a segurança, a lealdade e podemos relaxar. Isso não quer dizer que não aconteçam desentendimentos e brigas “aqui dentro”, mas significa que até as discussões “aqui dentro” são amigáveis. “Aqui dentro”, “nós” vivemos em cooperação, no entendimento; “lá fora”, “eles” vivem do conflito, na discórdia. “Aqui dentro”, “Não há perigos em cantos escuros, pois dificilmente um ‘canto’ aqui dentro é escuro” (Bauman, 1999:08). “Aqui dentro” é o reino da Vida (Comunidade de [da] Vida”), da santidade e do “novo”, enquanto que “lá fora” impera o pecado e o “velho”. “Aqui dentro” (fora-do-mundo)

sabemos que estão aqueles que não são “do mundo” ou que buscam não ser “do mundo”, mas, os que estão “lá fora”, são, predominantemente, “do mundo”.

Mas, o que a Canção Nova concebe como estando “lá fora” e sendo “do mundo”? Para sabermos, é preciso indicar quais são as qualidades dos que estão “aqui dentro” e não são “do mundo”. Com isso, entenderemos o que significa e como se alcança a Vida, a santidade, o “novo”, o distintivo de amigo e, conseqüentemente, o que sinaliza a não-Vida, o pecado e o “velho”. “Aqui dentro”, estão aqueles que pertencem e cumprem os preceitos religiosos e morais da instituição católica, que acreditam em Jesus Cristo como único salvador, que vivem a “espiritualidade” da Renovação Carismática Católica, que são castos, pobres, valorizam a família aos moldes católicos, que confiam na Providência Divina. “Lá fora”, “eles” pertencem a pseudo-religiões, chamam de religião o que é sincretismo religioso, são promíscuos e adúlteros, consumistas e capitalistas, são a favor do aborto, do uso de preservativos, do casamento entre homossexuais, do segundo casamento, da masturbação; são católicos que ainda não foram batizados no Espírito Santo, confiam na previdência social ao invés da Providência Divina. Em outras palavras, nos obstáculos imediatos dos muros, grades, funcionários-seguranças que retinham as tentativas de entrada “do mundo” na Comunidade de Vida estariam refletidos um exclusivismo religioso e os valores culturais que o compõem. “Aqui dentro”, nos submetemos às ordens de Deus, embora todos sejamos pecadores. “Lá fora”, “no mundo”, todos são pecadores como nós, mas com a diferença que, em geral, não se submetem a Deus e sim ao demônio. “Aqui dentro”, não somos perfeitos, mas os princípios de vida que professamos, somados à sincera vontade de genuinamente praticá-los, são suficientes para promover o desenvolvimento espiritual e a santidade. Essas fronteiras me fizeram lembrar a categoria weberiana de seita. Para Weber (1982), seita é religião de virtuosos. O

virtuoso “homem religiosamente qualificado e submetido à prova na vida diária” (Weber,1982:322), é aquele que, mediante a “provação” (de “colocar-se à prova”) de sua qualidade moral, é aprovado pela comunidade religiosa e sente-se a si próprio aprovado como fiel adepto à religião. A certificação ética das virtudes de um fiel lhe garantirá a sua admissão e permanência na comunidade religiosa, além de assegurar oportunidades sociais (Weber, 1982:350-351). Weber distingue a seita da igreja. Na seita, o sujeito precisa provar não somente seu pertencimento (participação costumeira), mas, sobretudo, sua adesão (interiorização de valor, sentir-se adepto) à comunidade religiosa. Numa seita, o sujeito se introduz voluntariamente – portanto, realiza uma escolha que o faz responsável por sua conduta, pelo cumprimento ou descumprimento de preceitos morais considerados corretos pela comunidade -, enquanto que, na igreja, o sujeito participa porque nela “nasceu”, seu vínculo com a igreja foi adquirido pela prática tradicional e habitual da religião, o pertencimento foi “herdado” (Weber, 1982:351). Enquanto a igreja é uma corporação organizadora da graça e administradora de dons religiosos da graça, a seita é regida pelo princípio do carisma pessoal. Na seita, somente o carisma deveria ser reconhecido e não o cargo de administrador da graça ou de autoridade espiritual (sacerdotes, pastores, pregadores oficiais). Predominantemente, a seita atribui poder disciplinador aos leigos, conduzindo a uma clericalização laica. Considerando as análises weberianas, seria a Canção Nova uma seita?

É interessante sublinhar que a Canção Nova e os fiéis carismáticos em geral, freqüentemente, chamam o demônio de “o Inimigo” ou de “o Encardido”. Quando chamam o demônio de “o Inimigo”, o significado atribuído à palavra possui relação direta com o adjetivo “inimigo”: traduz a oposição absoluta entre o bem e mal. O demônio, portanto, é “o Inimigo” quando suas qualidades se contrapõem às qualidades de Deus. Ele é um inimigo definido. Por exemplo, se Deus somente se revela através de

Jesus Cristo e da Igreja Católica, as religiões afro-brasileiras - que não têm Jesus Cristo como único salvador, não pertencem a Igreja Católica e ainda adoram outras divindades e seres “espirituais” não reconhecidos como tais pelo catolicismo - são manifestações do demônio ou estão mais vulneráveis à ação do demônio. Por outro lado, o demônio é o “Encardido” quando se disfaça de amigo, mas, na verdade, é inimigo. Dizemos que uma coisa é encardida quando, ao confrontá-la com outra totalmente branca, percebemos que está meio amarelada. Ela não é branca, mas também não é amarela. Está no meio termo. Quando não temos nenhuma referência de branco com que confrontar a coisa encardida, para todos os efeitos, ela se passa por branca. O demônio é um inimigo indefinido, indefinível, “encardido”, pois se passa por amigo, quando, no fundo, é inimigo. É um “lobo em pele de cordeiro”. No caso da amizade, aqueles que, a princípio, não estão entre os “certamente amigos”, mas aparentam ser amigos, podem ser amigos de fato ou podem estar disfarçados de “amigo”. Como nunca sabemos, consideramo-los inimigos em potencial – estranhos -, por via das dúvidas. O “Encardido” é um estranho, um inimigo latente, indefinido, indefinível. Ele é a ambivalência, a combinação de opostos. Por exemplo, Deus, segundo reza o “Encardido”, se revela através de Jesus Cristo, mas também através de Buda, de Krisna, de Olorum, de Maomé, de Mestre Irineu<sup>69</sup>, da natureza, de anjos, de caboclos, de orixás, de Nossa Senhora, de Wiccas<sup>70</sup>, de santos, do próprio homem, de seres divinos de todas as tradições religiosas e de todas as igrejas, de todas as combinações de tradições religiosas e igrejas. Uma religiosidade que nega a exclusividade de Jesus Cristo como a encarnação de Deus entre os homens e único salvador, mas, ao mesmo tempo, inclui Jesus Cristo como um dos elementos de sua combinação religiosa, estaria afirmando

---

<sup>69</sup> Mestre Irineu é fundador do Santo Daime e considerado por seus adeptos como a encarnação de Jesus Cristo.

<sup>70</sup> Wiccas é uma religião neopagã fundamentada nos cultos da fertilidade que se originaram na Europa Antiga.

que não existe oposição entre um e outro, quando um, segundo os cançonovistas, na verdade, é o joio (demônio) e o outro, na verdade, é o trigo (Deus). Essa confusão entre duas coisas opostas só pode ser coisa do demônio que quer perturbar os homens através da mentira. Por isso, a cosmologia Nova Era, que é um “sincretismo em movimento” (Amaral, 2000), seria sinônimo do demônio na acepção mais sofisticada de “Encardido”.

Esses são os verdadeiros híbridos, os monstros – não apenas não classificados, mas inclassificáveis. Eles não questionam apenas uma oposição aqui e ali, mas questionam o próprio princípio da oposição, a plausibilidade da dicotomia que ela sugere e a factibilidade da separação que exige (Bauman, 1999:68).

Portanto, o demônio não é somente inimigo porque se define, mas também porque ele não se define. Ele é inimigo porque é “estranho”: é enganador e sedutor. Se considerarmos ambas as acepções para o demônio – um inimigo definido, outro inimigo indefinível (estranho), e lembrarmos que, segundo os cançonovistas, no “mundo” reina o demônio, concluiremos como Simmel (2002) que a oposição entre o “nós” e o estrangeiro (o outro) pode chegar ao ponto extremo do “nós” não encontrar nada em comum com o estrangeiro, nem mesmo nas qualidades de ser humano que ambos teriam. Seria típica desta modalidade a relação do grego com o bárbaro e “todos os casos em que se negam ao “outro” as qualidades que se sentem como propriamente humanas” (Simmel, 2002:216). A relação com o estrangeiro consistiria, nesse sentido, num não-relacionamento (Simmel, 2002:207), pois não se suporia mais que ele é relativamente um membro do grupo. Ele, categoricamente, não só não é membro relativo do grupo como não é humano como “nós”. Seguindo essa formulação, para a Canção Nova, o demônio é o estrangeiro com quem é incogitável qualquer relação. Se “o Inimigo” / “o Encardido” é dono “deste mundo”, aqueles que não estão “aqui dentro” estão mais vulneráveis à ação do “Inimigo/Encardido” e devem ser considerados, por cautela, inimigos-a princípio. Desses, é necessário a distância e o cuidado. “Devem ser

transformados em tabu, desarmados, suprimidos, física ou mentalmente exilados – ou o mundo pode perecer” (Bauman, 1999:68).

Nesse começo, possivelmente eu não conseguia me aproximar da Comunidade de Vida porque eu estava entre os “lá de fora”, ainda mergulhada na massa indiscriminada dos desconhecidos, potencialmente não confiáveis, inimigos-a princípio. Eu, estando “fora” da Canção Nova, portanto, incluída na generalidade das avaliações preliminares, como qualquer um que é “do mundo” até que prove o contrário, para a Canção Nova seria uma inimiga. Ainda não havia nem uma tensão específica entre “nativos” e “a antropóloga que estuda os nativos”, que possivelmente surgisse quando (ou se) conseguisse o encontro com os cançonovistas. Eu não estava “proibida-a priori” da aproximação com a Comunidade de Vida porque seus membros não concordavam com o meu estudo antropológico sobre ela ou com minhas análises anteriores que desenvolvi sobre ela. Era algo anterior a isso. O primeiro filtro era indistintamente para todos. Ou seja, antes de uma avaliação de caso a caso, havia uma avaliação geral que dicotomizava “nós” (Canção Nova) do “outro” (eu e muitos comigo). Eu precisava primeiro me transformar num “caso” para ver se as fronteiras ficavam menos rígidas, mas, por enquanto, eu estava no âmbito do geral.

Entretanto, é muito importante ressaltar que, ao lado dessa grande separação sentida entre a Canção Nova e o “mundo”, no conjunto de seu trabalho missionário através da mídia, dos Acampamentos de Oração e da literatura produzida por ela, existiam também ambivalências e fronteiras que, de longe da sede da Comunidade de Vida, pareciam bem mais flexíveis do que pareciam de perto dela. De longe, a Comunidade Canção Nova era muito próxima e íntima, ao contrário do que era de perto. De longe, não era possível dizer que a Canção Nova construía uma barreira impermeável entre ela e o “mundo”, como eu sentira nas barreiras físicas vistas nessa

retomada de trabalho de campo. Mesmo considerando que, em seu discurso institucional, ela sempre se posicionasse contrária ao “mundo”, desde que iniciei os estudos da Canção Nova em 1995, nunca havia sentido uma oposição que se refletisse tão claramente como aquela em forma de muros de contenção. Primeiro, porque sua experiência religiosa, calcada na mística, levava os sujeitos a deslocarem as fronteiras institucionais e, mesmo à sua revelia, aproximava a Canção Nova de outras religiosidades, algumas que ela até reprovava. Segundo, porque a Comunidade de Vida não ficava todo o tempo “fora-do-mundo”. Ao contrário, ela se retirava “do mundo” e o negava para voltar ao “mundo” e evangelizá-lo de fora dele. Ela estava “fora” e “dentro” do mundo: “fora”, porque ela não é “do mundo” e sim de Deus; “dentro”, porque sua missão é levar pessoas “do mundo” para “fora” dele, onde ela, o catolicismo carismático e as Novas Comunidades de Vida estão. Para isso, é preciso estar junto com as pessoas “do mundo”, se apropriar da modernidade que o “mundo” oferece, se apropriar das instâncias políticas, mas somente para transformá-lo em “fora-do-mundo”. De longe, aqueles que estávamos “lá fora”, embora não fôssemos “amigos-como-nós”, podíamos ser “amigos-conosco” ou “amigos-mas-não-como-nós”. Os “amigos-como-nós” vivem “aqui dentro” da Comunidade de Vida, enquanto que os “amigos-conosco” permanecem “lá fora” “no mundo”, mas não são mais “do mundo”. De longe, os que estávamos “lá fora” podíamos até ser inimigos, mas isso não impedia a proximidade-distanciada com os “aqui de dentro”. Muito pelo contrário, os “aqui de dentro” teriam justamente a missão de estar, distanciadamente, na mídia e nos Acampamentos de Oração, com os seus “inimigos” – que se dividiam nos inimigos já definidos e nos estranhos (aqueles que não se sabe se são inimigos ou amigos) - para transformá-los em “amigos-conosco” ou “amigos-mas-não-como-nós”. Contudo, de perto, o que eu sentia

mesmo era a divisão, e nem a aproximação estratégica da Canção Nova ao “mundo” para salvá-lo podia ser sentida nesse nível de realidade.

Eu acreditava que essa relação dicotômica cançonovista com a realidade mudaria ou assumiria outros matizes em instâncias para além dessas cercas e obstáculos imediatos. Em formulação inversa, o que eu não acreditava era que a relação da Canção Nova com o mundo, principalmente no âmbito da Comunidade de Vida, fosse rigidamente dicotômica desse modo. Sobretudo porque, como disse, podíamos ver, também imediatamente, que ela não evitava o relacionamento com o mundo, de quem se apropriava em tecnologia, em mídia, em política, em moda, em estilo arquitetônico, entre outras coisas, para efetuar sua missão de evangelização. Foi, inclusive, pela natureza ambivalente da Canção Nova que concluí, quando, em meus estudos anteriores sobre ela (Oliveira, E. 2003), defendi que a ortodoxia e a reclusão, que, de fato, apareceram em sua face no primeiro momento da visita em 1995, não eram predominantes nem exclusivas, e indiquei, que, numa espécie de movimento oscilatório e compensatório, o que era sólido, ascético e institucional se “desmanchava” (transformava) em “ar”, “sopro”, “espírito”, mística e desinstitucionalidade (experiência). Uma hora, era ortodoxa, outra hora, heterodoxa. Neste caso, a experiência mística poderia ser vivida com regulação religiosa e não a despeito dela.

Penso hoje que a categoria de Schismogenesis proposta por Gregory Bateson (1958) em Naven teria sido apropriada para a interpretação do movimento de continuidades e descontinuidades constituinte da Comunidade Canção Nova, sendo o primeiro movimento, observado na sua tendência à institucionalização religiosa pelo cumprimento de preceitos doutrinários da Igreja católica e pela missão de salvação do mundo; e o segundo, observado na tendência à desinstitucionalização religiosa, sobretudo promovida pelo estímulo à “experimentação espiritual” de seus membros e de

frequêntadores. Vale recordar que Naven são cerimônias realizadas para celebração da primeira performance da vida de uma criança e das performances do sobrinho materno na sociedade Iatmul. A partir do estudo do ritual Naven, Bateson propôs o termo “gênese de cismas” ou Schismogenesis para nomear a tendência da sociedade Iatmul às ambivalências e ambigüidades. Naven é um instrumento relacional capaz de autorregular a sociedade. Atua em caráter complementar e descontínuo. A estrutura social para Bateson não é um bloco sólido e sem movimento. A estrutura é flexível e é justamente este elemento que a faz não sofrer dissoluções radicais, equilibrando-se a cada vez que situações extremas ameaçam sua estabilidade. Eu vi um quadro schismogênico refletido em momentos rituais dos Acampamentos de Oração, na mídia e no livro de padre Jonas Abib (2000) e deduzi que o mesmo acontecia em sua vida comunitária. Eu apostava em encontrar fronteiras bem mais dóceis e continuamente recolocadas pelas interações entre os sujeitos sociais nela envolvidos (Bath, 2000). Contudo, reparando na minha história de pesquisa na Canção Nova, considerando as dificuldades imediatas de “aproximação-aproximada” com a Comunidade de Vida em todas as vezes que a procurei, não podia deixar de observar que a sua ocultação prevaleceria sobre a sua revelação, dando-me mais a impressão de austeridade e fechamento do que de flexibilidade e abertura, comprometendo, pelo menos a princípio, a confirmação da ambivalência vista em rituais e na literatura nativa. Considerei que era preciso, por enquanto, duvidar daquela dedução sobre ambivalência e considerar a força deste dado etnográfico imediato que apontava noutra direção: a Comunidade de Vida era, no máximo, mencionada, mas não podia ser tocada, nem vista por quem estava do lado “de fora” dela. Não houvera ainda um “con-tato”.

Mergulhei em desapontamentos e eles jogaram-me de um lado para outro entre as oposições e as ambivalências da Canção Nova: onde estaria a Comunidade de Vida?

Aquelas pessoas que eu vira entrar em prédios ao redor da Chácara de Santa Cruz eram membros da Comunidade de Vida? Então, elas não ficavam, durante o dia, “dentro” da Comunidade de Vida? Estaria a Comunidade de Vida do lado de “dentro” daqueles portões? Aquelas grades, portões e guaritas significavam aversão ao “outro” e proteção de “si mesmo”? Mas, e aquela comunidade afável, confiante, sorridente e receptiva que, se não aparecia em estrutura física para qualquer um ver, transparecia mediante os seus membros quando se expunham em grandes eventos e na mídia, e fazia com que todos os espectadores se sentissem acolhidos e indiretamente se sentissem um membro da Comunidade Canção Nova com e como eles? E aquela comunidade romântica que atualizava o cristianismo primitivo descrita por padre Jonas Abib no livro sobre a história da Comunidade Canção Nova? O que ela dizia, não mostrava. Eu já sabia que, de longe, ela não se mostrava - ou quase se mostrava - como Comunidade de Vida, mas agora estava bem perto dela e ela, ainda assim, não aparecia. Uma vez estando lá, em dias em que não havia grandes eventos, tempo em que seus membros e estrutura, supostamente, ficavam mais palpáveis e acessíveis; estando disposta antropologicamente a ser-não sendo cançãoovista para experimentar o que é um cançãoovista; e embarcando na promessa cançãoovista de indiretamente pertencer à Comunidade de Vida Canção Nova com eles, esperava sentir como eles, as sensações que, segundo pensa Bauman (2003), são guardadas na própria palavra “comunidade”: uma “comunidade” é um lugar aconchegante, confortável, cálido (Bauman, 2003: 07). É o lugar da casa - da proteção, do acolhimento, do agrupamento, da segurança, da família, da intimidade, da claridade, da pessoa (Da Matta, 1997) - em oposição à rua – a falta de cuidado, ao abandono, à solidão, ao perigo, ao individualismo, à publicidade, à escuridão, ao indivíduo (Da Matta, 1997). Eu imaginava que sentiria o “aqui dentro” da Comunidade Canção Nova, mesmo estando “lá de fora”. Em primeiro lugar, porque sou

uma antropóloga que se propõe compreendê-la-com-ela, “desde dentro”, mesmo sem sê-la, e, em segundo lugar, porque era o sentimento do “aqui dentro” que era prometido aos “lá de fora”, quando os cançonovistas evangelizavam através da mídia e da literatura. A Canção Nova não se dava ao “con-tato” nem se expunha em termos de vida comunitária, mas emitia um sentimento romântico de comunidade. Se de “longe”, sentia que estava “perto” dos cançonovistas, mesmo que eles não falassem da Comunidade de Vida, achava que de “perto” sentiria mais “perto” e não mais longe como sentira. Eu estava bem perto e tão longe! A idéia de comunidade criara em mim a expectativa de que me sentisse “em casa”. Mas, não me sentira. Seus membros manifestavam pela mídia e nos retiros que eles se sentiam “em casa” na Canção Nova e estimulavam a todos os freqüentadores dos retiros, telespectadores e ouvintes da Canção Nova experimentassem estar “em casa” com eles. Se eu não me sentira “em casa” quando, pelo suposto, eu devia estar me sentindo, então, o sentimento de comunidade como a Canção Nova manifestava publicamente e em livro seria exclusivo para seus membros? Ou eles não possuíam aquele “sentimento de comunidade” que proclamavam? Então, quem não fosse membro dessa comunidade não podia se comunicar e compartilhar com ela? Mas, como não podia se estava manifesto que podia? Seria a Canção Nova uma “comunidade virtual” somente existente nas telas de televisão, nas ondas do rádio, nos livros publicados? Será que para conseguir uma aproximação com a Canção Nova era necessário, paradoxalmente, me afastar ou manter-me distante dela?

Minhas perguntas iam se costurando com o uso da conjunção “ou” e não “e” porque, definitivamente, esses constrangimentos físicos – grades, portões, funcionários-seguranças – com que me deparara na Canção Nova me faziam sentir mais as oposições do que as ambivalências entre ocultação e revelação que observei anteriormente. Por outro lado, a ambivalência permanecia e se intensificava quando eu pensava que a

Canção Nova configurava uma justaposição entre comunicação e não comunicação, perto e longe, dentro e fora, presença e ausência, familiar e impessoal, oculta como comunidade e revelada como instituição, excludente e comunitária. Se fosse isso, seria curioso percebê-la no mesmo estado intermediário do “quase” que estão aqueles a quem ela concebe como inimigo definido ou estranho, como a Nova Era e, talvez, a antropologia. Seria a Canção Nova estranha dela mesma?

\*

**1**

### **Partilha, Transparência e Vida Fraternal**

Assim, compreendeu padre Jonas que o “cacho” que constituía a Comunidade de Vida Canção Nova fora concebido por Deus como um corpo, um organismo com muitos e diferentes membros, órgãos e partes (Comunidade Canção Nova, 2002:26-29). Nesse organismo nenhum órgão (pessoa) poderia faltar: “Cada um precisa ser o que é e desempenhar com perfeição a sua função de órgão ao lado de outros órgãos de um único organismo” (Comunidade Canção Nova, 2002:26). Do mesmo modo que a vida de um organismo depende do grau, da qualidade de vida e da atividade de cada órgão, para que a Canção Nova existisse como uma totalidade seria imprescindível que cada um dos membros conhecesse o dom que está em si e que está no outro, além de que cada um se deixasse conhecer o seu próprio dom pelo outro (Comunidade Canção Nova, 2002:27-28). A comunidade seria o lugar privilegiado onde todas as pessoas colocariam em comum os dons particulares que receberam de Deus. “Daí a necessidade de cada um dar sempre o melhor de si e de valorizar o que o outro oferece” (Comunidade Canção Nova, sd: 19). Quando um crescente “dar-se a conhecer” está conjugado com um “dispor-se a ir conhecendo” aqueles com quem se convive, acontece a Comunidade Canção Nova (Comunidade Canção Nova, 2002:28). “Dar-se a conhecer” e “dispor-se a ir

conhecendo o outro” é outro nome para um princípio de vida dado por Deus no dom Canção Nova da Comunidade Canção Nova chamado “partilha e transparência”. A única maneira de descobrir e realizar o dom Canção Nova em si e no outro consistiria em abrir espaço para que ele viesse à tona através da “partilha” “transparente” (comunicação, exposição, revelação) de medos, opiniões, discordâncias, impressões, dúvidas, incertezas, alegrias, projetos, experiências pessoais de um membro a outro.

Na convivência do dia a dia e nas reuniões de comunidade e serviço, precisamos avançar na transparência uns para com os outros. É essencial partilhar o que pensamos e sentimos, nossas aspirações e desejos, nossas motivações, nossos projetos, nossas dificuldades. Nada deve ficar escondido, entulhado no coração. É assim que conquistamos relacionamentos profundos: nos damos a conhecer e conhecemos os outros em profundidade (Comunidade Canção Nova, sd: 21).

Entretanto, no descobrir-se e no revelar-se de si, e no conhecer do outro, deflagrar-se-iam as diferenças individuais e, com elas, muitas vezes, desentendimentos e conflitos. Esses são considerados “limitações” e “defeitos” de si e do outro, originários do pecado, que trazem desequilíbrio e inoperância à vida comunitária. Cada Canção Nova traria em si, e comunicaria através de sua personalidade, tanto o dom de ser Canção Nova, dado por Deus, quanto as marcas de pecado derivadas do pecado original, que assola todo e qualquer ser humano, inclusive os Canção Nova. Trazer à tona o dom Canção Nova através da “partilha e transparência”, traria também às claras a natureza pecadora do portador do dom. O que os tornaria diferentes era a sua busca pela perfeição e pela santidade através, dentre outras coisas, do perdão e da reconciliação. “É preciso terminar o dia reconciliado com todos. O compromisso de reconciliação diária é fundamental para a nossa vida fraterna: é o viver reconciliado” (Comunidade Canção Nova, sd: 20).

\*

## **Reconciliar com os irmãos para receber de Deus**

Eva às vezes não consegue se controlar diante de uma opinião ou atitude de um irmão ou irmã seu de comunidade e acaba brigando com eles. Os formadores aconselham à reconciliação, mas quem os convence mesmo é Deus, porque, enquanto os irmãos estiverem brigados e o corpo inteiro não estiver unido, Deus interrompe a Sua Providência e Ele, interrompendo a Providência, interrompe o trabalho de evangelização a que a Canção Nova se dedica, que é mantida pela Providência Divina. Padre Jonas descobriu isso nos fatos. Por isso, quando Eva se desentende com alguém, no mesmo dia, ela tem que fazer as pazes. “Nós só podemos dormir se fizermos as pazes com a Canção Nova. Então, se a pessoa brigou, mesmo que eu seja certa, eu vou ter que ir lá, se ela não teve a iniciativa, eu vou ter que ir lá. Se eu me dispus de estar aqui, eu tenho que me dispor a viver isso também. E se eu não fizer isso, a missão não acontece, entende?” (Eva, 21 anos, solteira, pré-discípula, entrevistada em Janeiro de 2006).

\*

2

### **A angustiante aproximação-não-aproximativa: a virtualidade dos contatos-não-contactantes**

Depois dessa ida à Canção Nova, não retomei logo o trabalho de campo. Precisei de algum tempo para elaborar o que havia sucedido e pensar como continuaria o que começara. Minha tentativa seguinte de busca à Comunidade de Vida Canção Nova seria, pois, mandar um e-mail para Marcela, a amiga de meu amigo Rodrigo. Como não fora possível encontrar os membros da Comunidade de Vida pessoalmente, quem sabe conseguiria virtualmente? Isso era estranho para mim, mas podia funcionar.

01 de outubro de 2005  
Cara Marcela,

Sou amiga de Rodrigo, guitarrista da banda (...), quem me deu seu contato. Estou cursando o doutorado no Centro de Pós-graduação em Desenvolvimento e Agricultura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ) e tenho me interessado por estudos sobre formações comunitário-religiosas em regiões interioranas no Brasil e no mundo. Na minha opinião, a Canção Nova é um dos acontecimentos mais

importantes no catolicismo contemporâneo justamente pela sua proposta de vida comunitária. Então, decidi escrever minha tese de doutorado sobre a Comunidade de Vida Canção Nova em Cachoeira Paulista, sobre a história de seus membros com a comunidade, o que os levou a optarem por viver nesta comunidade religiosa, etc. Mas, o que conheço dela e das “Novas Comunidades” em geral foi o que li no livro de padre Jonas Abib “Canção Nova: uma obra de Deus – Nossa história, identidade e missão”, além do que apreendi dos retiros em que estive em Cachoeira Paulista. Não é suficiente para preparar uma tese.

Para elaborar minha tese precisarei ter várias informações que não tenho. A metodologia que se costuma utilizar para isso é a entrevista, pois é a maneira de tomar o conhecimento necessário a partir, sobretudo, dos depoimentos e testemunhos dos membros comunitários. Mas também gostaria de conhecer como é o dia-a-dia na Comunidade, fazendo algumas visitas, para entender o desenrolar da vida comunitária.

Será que pode me ajudar? Com quem posso falar a respeito, me apresentar e iniciar esse trabalho? Preciso de orientação nesse sentido. Há algum coordenador com quem eu possa me comunicar, um telefone ou e-mail, através do qual possa agendar uma visita e conversar com seus membros?

Deixo meus telefones e endereço para contato (...)

Muito obrigada pela sua atenção e aguardo seu retorno. O que puder me ajudar, já será muito.

Eliane Martins de Oliveira

Essa correspondência mostraria bem claramente o quanto eu estava ansiosa e também temerosa pelo contato com os membros da Comunidade Canção Nova. Eu usara argumentos que envolviam desde a amizade – sou amiga de Rodrigo que é seu amigo -, passando pela formalidade institucional e pelo status acadêmico – sou doutoranda da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro -, e chegando até a colocação do problema etnográfico propriamente dito, apresentando a metodologia de trabalho de campo e rogando ajuda e acolhimento de mim e da pesquisa. Dentro do panorama de oposições prévias entre “dentro” (fora-do-mundo, amigo, proximidade) e “fora” (no mundo, inimigo, distanciamento), conseguir ser incluída como “amiga”, ou até como uma “estrangeira” amigável, era fundamental para estabelecer alguma comunicação com a Canção Nova. A natureza ambivalente do estrangeiro, segundo Simmel (2002), não produz somente negatividade pela sua oposição ao outro, mas

também positividade pela sua objetividade em relação ao outro. A objetividade suposta do olhar acadêmico também ajudaria na definição do tipo de estrangeira que eu era: alguém que, justamente porque não se encontra imersa nos limites daquela realidade social, precisamente porque está em posição objetiva a ela e possui em relação a ela um olhar distanciado, produz percepções sobre ela que podem ser úteis aos membros daquela comunidade. É disso que nos fala Simmel (2002: 213), em menção aos juízes estrangeiros: [a objetividade] enfatiza um tipo positivo especial de participação, como uma espécie utilitária de observação abstrata ainda não significada, através da qual o espírito parecia equivaler a uma passiva tabula rasa por meio da qual os fatos inscreveriam suas qualidades (Simmel, 2002:267). Para Simmel, a objetividade do estrangeiro não implica a sua falta de envolvimento. É mais uma manifestação ambivalente da distância-sem distância da sua “estrangeirice”. Assim, naquele meu e-mail, eu me empenhava para que a distância entre mim e a Canção Nova não configurasse uma inimizade. Obviamente que desejava, com esses argumentos, transmitir-lhes o maior grau possível de confiança sobre minha pessoa, seriedade no que diz respeito ao meu trabalho antropológico e zelo à Comunidade de Vida Canção Nova. Esperava que se familiarizassem comigo e não que me estranhassem.

Para não cometer nenhuma indiscrição e me aproximar da Comunidade de Vida sem causar inconveniências, ressaltai a realização de entrevistas mais do que a minha estada e permanência na Comunidade de Vida, como inicialmente desejei metodologicamente. Eu a visitaria e depois me afastaria, cumprindo meu acordo de estrangeira, tomando o cuidado de não fazê-la se sentir ameaçada ou incomodada com a minha presença, deixando-a me testar e me definir, até que o contato contínuo com ela, ainda que fosse passageiro, pudesse ir construindo um lugar para mim na relação com ela e, mostrando minha seriedade e amizade, quem sabe, ir me introduzindo no seio da

Comunidade de Vida. Nesse processo, haveria, pelo menos, três possibilidades de desdobramentos: primeira, e a que me era desejável, de alcançar um lugar de estrangeira amigável; segunda, de ser concebida como inimiga definida, alguém em que já se sabe que não se pode confiar; e terceira, de ser julgada como uma “estranha”, uma pessoa misteriosa que não se sabe muito bem quem é e que, por isso mesmo, com ela, é preciso ter cuidado - ou, alguém que já sabemos que não será nossa amiga, mas pode ser pior do que nossos inimigos. Podemos chamar essa categoria de amigo “encardido” para fazer referência a uma das faces do demônio: o “Encardido”. Ele é um inimigo indefinível e indefinido. Como refletiu Bauman (1999), ao contrário de outros inimigos “sinceros”, ou o que chamei de “inimigos definidos”, o estranho não só não é mantido a uma distância segura “do outro lado da linha de batalha”, quanto reivindica o direito de ser amigo (Bauman, 1999:68-69). Ele é mais perigoso do que os inimigos declarados porque não sabemos se ele é amigo ou inimigo, embora ele queira ser amigo. As possibilidades de a Canção Nova me considerar como inimiga ou estranha era tudo o que eu temia.

Visto que as dificuldades de comunicar-me com os membros da Comunidade de Vida e de conhecer o espaço da sua sociabilidade comunitária foram tomando uma dimensão cada vez maior e não esperada, temia que isso continuasse progressivamente, ameaçando o projeto de doutorado, que sugeria pesquisar a Comunidade de Vida, sobretudo, no seu âmbito interno. Além do mais, tudo ia ficando muito nebuloso pelo mistério que os obstáculos suscitavam. A essa altura, minhas imaginações românticas sobre a vida comunitária da Canção Nova haviam desaparecido e, no lugar, imaginações mais sombrias iam surgindo. As fantasias mais sórdidas, tenebrosas e ficcionais passavam pela minha cabeça, todas girando em torno da reação que os cançonovistas teriam quando conhecessem minha dissertação de mestrado. O segredo e a imaginação

iam tomando espaço. Se as barreiras pareciam intransponíveis até ali, o que eu não poderia esperar quando soubessem sobre o que eu analisara a respeito da Canção Nova? Como a dissertação tratava da comparação entre a Canção Nova e a Nova Era (Oliveira, E., 2003) – tida por ela como uma pseudo-religião que está a serviço do demônio - e conhecendo suas crenças sobre as ações “espirituais” sutis e mascaradas (“encardidas”) do demônio no mundo contemporâneo, imaginei que ela interpretasse que, por eu ter comparado uma “religião de Deus” com uma “religião do demônio”, certamente eu seria representante do demônio ou o próprio demônio ou, no mínimo, agia, sem saber, pela ação do demônio e não pela vontade de Deus. Considerando que a Nova Era é uma religiosidade constituída pela combinação permanente entre os opostos (Amaral, 2000) – ligados sempre pelas preposições “entre” ou “e” (ambivalência) e nunca “ou” (oposição) - cotejar a Canção Nova com a Nova Era atirava a Canção Nova também na ambivalência, no “entre”, lugar ocupado tradicionalmente pelo “Encardido”, pelo inimigo indefinível, pelo “mundo”. A vivência religiosa cançonovista, conforme observei (Oliveira, 2003, E.), é constituída pela ambivalência entre mística (experiência, ambivalência) e ascetismo (instituição católica, oposição). Através da mística religiosa, manifesta pela experimentação “espiritual”, a Canção Nova combina, soma, agrega, é ambivalente. Através do ascetismo religioso, manifesto pelo cumprimento de regras morais e religiosas na doutrina da Igreja, à Canção Nova opõem: o “mundo” e “fora-do-mundo”, “novo” e “velho”, catolicismo e outras religiões. Mas, como o vínculo institucional com o catolicismo, desejado por ela, é sustentado pelo seu ascetismo religioso, a associação dela à mística e à ambivalência, como eu fiz, não deveria ser muito bem vista por seus membros e pelos fiéis carismáticos em geral, na medida em que a coloca num estado liminar, no “entre”, nem aqui e nem ali, e, assim, para fora e para dentro da instituição católica. Diante do medo de que minha dissertação

ocasionasse dificuldades futuras com a pesquisa na Canção Nova, também experimentei a sedução do segredo: inicialmente, decidi pela ocultação da existência dela; depois, cogitei selecionar o que dizer sobre ela, caso perguntassem. Ainda, a atitude antropológica de não ser cançãoovista (amigo) nem ser contra os cançãoovistas e, ao mesmo tempo, querer experimentar ser um cançãoovista para compreendê-la podia me situar, no contexto das oposições bem definidas entre “aqui dentro” e “lá fora”, como uma “estranha”, um inimigo em potencial, uma pessoa que, como o “Encardido”, não está aqui nem ali, mas no “entre”. O reconhecimento da alteridade em si mesma - preceito antropológico - questiona metodologicamente a plausibilidade da dicotomia que o princípio da oposição institui. Os antropólogos chamam esse procedimento metodológico de “relativismo”. Acompanhando o relativismo antropológico, eu não seria só antropóloga quando pesquisasse na e sobre a Comunidade Canção Nova, nem só “nativa” nas comunidades a que pertença quando nelas submergisse para vivê-las. A interação entre mim – antropóloga inserida em mundo secular acadêmico - e os membros da Canção Nova – pessoas que compõem uma comunidade católica-carismática - não necessariamente nos converteria uns nos outros, mas certamente nos afetaria (Favret-Saada, 2005), seja para reafirmarmos nossas crenças e estranharmos as crenças do outro, seja para estranharmos nossas crenças e familiarizarmos com as crenças do “outro”, ainda que fosse relativamente (Da Matta, 1978).

Percebendo a ambivalência constitutiva da minha pessoa de “estrangeira” - um “outro” que está “lá fora” “no mundo” e, por que não está “aqui dentro” é, a princípio, alguém que não se pode confiar; observando a ambivalência constitutiva da minha pessoa de antropóloga - que não é “nativa”, mas deseja experimentar ser “nativo”, sem necessariamente tornar-se “nativo”-; considerando a ambivalência constitutiva da cosmovisão Nova Era, que é uma “espiritualidade” que se compõe pela soma e não pela

diminuição ou oposição, e sabendo que eu estabelecera uma comparação entre Canção Nova e Nova Era (Oliveira, E., 2003), possivelmente os cançonovistas concluíssem pela semelhança: 1- entre o estrangeiro e o antropólogo; 2- entre antropólogos e Nova Era – algo como uma “antropologia Nova Era”, talvez pós-moderna, quem sabe neo-romântica? (Duarte, 2004); 3- entre Nova Era e eu – a suspeita de que eu seria adepta da Nova Era. E, num arremate lógico, se a Nova Era é uma manifestação religiosa movida pelo demônio e eu, pessoalmente e antropologicamente, sou “Nova Era”, logo eu sou, pessoalmente e antropologicamente movida pelo demônio. A indeterminação da minha pessoa estabeleceria uma determinação: a de que, eu era, no mínimo, inimiga-a princípio, mas tinha tendências de inimigo definido. Entretanto, a rejeição da Canção Nova pela ambivalência era paradoxal porque, embora ela, às vezes, se configurasse pela oposição, outras vezes, se configurava pela ambivalência. Nas tentativas de contato pessoal com os membros da Comunidade de Vida Canção Nova, eu sentira, a princípio, de fato, mais as oposições do que as ambivalências dela. Era “sim” (para os convidados) ou era “não” (para os “do mundo”). Entretanto, eu sabia que, em outras instâncias - por exemplo, nos Acampamentos de Oração -, sua ambivalência predominava. A sua experiência religiosa mostrava-se ambivalente, quando reunia ascetismo e misticismo na mesma experiência, quando estava “entre” a liberdade da experiência e a regulação institucional, quando se localizava na região intermediária entre “dentro da instituição católica” e “fora da instituição católica”. Também, no seu trabalho de evangelização do mundo, a Canção Nova, utilizava as “coisas do mundo” - como a tecnologia, a mídia, a moda, a arquitetura, o consumo, a linguagem, a política - ao mesmo tempo em que as criticava (Oliveira, E., 2003). Ela afirmava o mundo enquanto o negava ou negava o mundo enquanto o afirmava. Era ambivalente, também, na relação de ocultação e (quase) revelação, aproximação e distanciamento, acolhimento e rejeição. Restava saber

se a mesma ambivalência, que eu percebia em rituais dos Acampamentos de Oração e na mídia, e, durante a minha (tentativa de) relação com a Comunidade de Vida Canção Nova, também aparecia na vida da Comunidade de Vida, ou se lá eram as oposições que predominavam. Por enquanto, como disse, em relação a mim, as oposições estavam mais presentes.

Sentia-me “pisando em ovos”. Se eu fosse concebida como “estrangeira” na mesma intensidade e proporção que o demônio é “estrangeiro”, minha pesquisa sobre a Comunidade de Vida estaria com dias contados, na medida em que, na lógica de Simmel (2002), não haveria nenhum relacionamento direto dela comigo. Essa imaginação ressaltava nada o misticismo, a ambivalência e a flexibilidade da Canção Nova e muito o ascetismo, a oposição e a intransigência da Canção Nova. Não era romântico pensar assim. Esse tipo de imaginação me causava uma grande agonia, ao invés de lirismo: o que fariam comigo caso pensassem sobre mim com disposições contrárias a mim? Exorcizar-me-iam? Reuniriam todos os membros e julgariam, em situação de exposição pública, a minha dissertação de mestrado? Dentro daquelas cercas e portões fechados, de tão complicado acesso, trancar-me-iam na comunidade para nunca mais sair, como naqueles filmes de ficção que narraram histórias de grupos religiosos fundamentalistas? Numa versão mais medieval – engraçada porque evidentemente exagerada - viriam em passeata à minha casa a noite, segurando tochas e gritando acusações de heresia por ter cotejado a Canção Nova com a Nova Era? Dentre essas imaginações mais assustadoras, provocadas pela ocultação-quase-revelação da Comunidade de Vida, a mais amena era a possibilidade do impedimento dos cançãovistas à realização do trabalho etnográfico entre os membros da Comunidade de Vida e na (casa da) Comunidade de Vida, caso ela existisse na realidade. Aquela concepção romântica da comunidade que eu tinha da Comunidade Canção Nova estava

se diluindo, porque ela não havia imediata na claridade dos fatos. Na claridade dos fatos havia obscurantismo. Ambivalência também havia nos meus sentimentos: medo e sedução; terror e lirismo. Curiosamente, o que eu sentia em termos de medo, desconfiança e ansiedade em relação aos cançãonovistas, a quem eu dedicava meu trabalho antropológico, provavelmente eles sentissem em relação ao público de fiéis - massa de desconhecidos, quem sabe, “perigosa” - a quem eles se dedicavam para evangelização.

Passaram-se duas semanas do envio da minha correspondência à Marcela e, sem uma resposta dela, reencaminhei-lhe o e-mail perguntando se havia recebido.

07 de outubro de 2005

Marcela,

Estou reencaminhando o e-mail que lhe escrevi anteriormente, pois não pude confirmar se você recebeu.

Obrigada pela atenção,

Eliane

E ela me respondeu em seguida:

07 de outubro de 2005

Eliane

Paz e Bem !!!

A pessoa mais apropriada para te ajudar se chama Beth, ela é da Assessoria de Imprensa da Fundação João Paulo II. Mande um e-mail para ela explicando tudo. Qualquer coisa me retorne.

Marcela

Fiquei dividida entre comemorar e desanimar com o primeiro contato virtual com um membro da Comunidade Canção Nova. Marcela, mesmo depois de muitos dias, comunicara-se comigo ao mesmo tempo em que não se comunicara. Sua resposta dizia, em outras palavras, que ela não podia me ajudar em me aproximar da Comunidade de Vida para realizar a minha pesquisa porque não se achava a “pessoa mais apropriada”, mas podia ajudar indicando Beth que era apropriada para tanto. O nome de Beth da Assessoria de Imprensa como “alguém mais apropriada para me ajudar” era

significativo: sugeria que a Assessoria de Imprensa era o canal de comunicação entre “os de dentro” da Comunidade de Vida e “os de fora” dela. Seria Beth um membro da Comunidade de Vida Canção Nova ou seria ela uma funcionária contratada pela Canção Nova para administrar as relações públicas com os membros da Comunidade de Vida? Marcela não dissera. Mas, era bom aceitar a dica de Marcela porque não havia outra opção. Ela me recomendara, pois, que eu mandasse um e-mail à Beth “explicando tudo”, entretanto não me disponibilizara o e-mail referido. Uma vez que eu não tinha mais nenhum contato (e-mails ou telefones) a não ser o dela, sua parcela de ajuda não ajudou muito. O recebimento do e-mail de Marcela, então, conduziu-me a procurar, no site Canção Nova ou em algum livro da Canção Nova, algum telefone ou e-mail da Comunidade Canção Nova, mais particularmente o da Assessoria de Imprensa. Essa era uma das ações que eu ainda não havia feito, pois, a princípio, acreditando no contato pessoal com a Comunidade de Vida, não pensei que precisaria, um dia, fazer. Qual não foi minha surpresa em descobrir que, a despeito do grande aparato midiático que essa Comunidade possui, o que sugere uma preocupação especial com a comunicação para além de suas fronteiras, não havia quaisquer e-mails ou telefones para contato disponibilizados em seu site da internet ou em seus impressos! Um sistema virtual de “fale conosco” listava todos os setores da comunidade como, por exemplo, Assessoria de Imprensa, Comunicação, Comunidade de Vida, Infra-estrutura, Recursos Humanos, TV, mas estava desativado, não funcionava. Não achando o e-mail da Assessoria de Imprensa, recorri novamente a Marcela:

07 de outubro de 2005

Marcela,

Obrigada por ter respondido e pela indicação de Beth. Mas, onde posso encontrar o e-mail dela? Você teria? Não encontrei nenhum e-mail pessoal no site da Canção Nova.

Um abraço,

Eliane

Como transcorreram alguns dias e Marcela não me respondia, busquei novamente o site da Canção Nova. Quem sabe o “fale conosco” já estava reativado? Não estava. Foi então que encontrei, não na página principal, mas em páginas secundárias do seu site, três e-mails que não eram propriamente de setores administrativos, mas de projetos por ela desenvolvidos, os quais, inclusive, traduzem muito o foco de sua missão evangelizadora no mundo: do Projeto Dai-me Almas, que arrecada doações em dinheiro de fiéis e simpatizantes da Canção Nova para a manutenção da Comunidade de Vida e dos trabalhos evangelizadores; do “vocacional”, que acolhe pessoas dispostas a fazerem o “caminho vocacional” para ingresso na Comunidade de Vida; e do PHN (sigla de “Por Hoje Não vou mais pecar”), programa de evangelização da juventude que recebe o contato e testemunho de jovens desejosos da mudança de vida preconizada pela Canção Nova ou que já aderiram a ela. A esses projetos enderecei exatamente a mesma correspondência que enviei à Marcela. Enquanto esperava o retorno desses, no final da segunda semana do envio da última correspondência de Marcela, ela me responde:

11 de outubro de 2005

Eliane,  
Não tenho o e-mail pessoal dela, vou procurar para você e depois te passo.  
Marcela

Após uma semana, como ela não respondera, eu replico:

16 de outubro de 2005

Marcela,  
Desculpe incomodar novamente. É que realmente estou tendo dificuldades de me comunicar com o pessoal da Canção Nova de Cachoeira. O e-mail geral da Canção Nova não está funcionando; no site, não há outros e-mails para que eu possa me corresponder; mandei um e-mail pro PHN e ninguém respondeu. Não sei o que fazer. Será que você encontrou o e-mail de Beth? Há algum telefone com que eu possa falar?  
Obrigada e um abraço, Eliane

Depois dessa minha carta, talvez porque lhe parecesse um tanto desesperada ou insistente de minha parte ou por outro motivo que não podia saber ainda, Marcela não

me respondeu mais. Quem respondeu à minha primeira correspondência, também depois de dez dias do envio, foi alguém do setor “vocacional”. Disse-me:

17 de outubro de 2005

Eliane

Temos uma casa de Missão da Canção Nova na cidade do Rio de Janeiro. Segue nosso telefone e nome da pessoa de contato.

[procurar] Teresa – tel: (...)

Endereço: (...)

O que me chamou a atenção nesse e-mail do setor “vocacional”, em primeiro lugar, foi a ausência do nome da pessoa que o escrevera. Ela não “assinara” o e-mail. Se ela atendia pelo setor “vocacional”, deduzi que certamente essa pessoa – a quem passo a chamar de “pessoa anônima” - pertencia à Comunidade de Vida, quem faz a seleção de vocacionados (candidatos) para nela ingressarem. Em segundo lugar, embora eu tivesse explicado que minha proposta era estudar a Comunidade de Vida Canção Nova em Cachoeira Paulista, a “pessoa anônima” me indicara telefone e endereço da casa-filial da Canção Nova no Rio de Janeiro, bem como o nome da pessoa a quem eu podia procurar. Ter-me-ia ela direcionado para a casa filial da Canção Nova no Rio de Janeiro por prestar mais atenção no fato de eu ser residente do Rio de Janeiro do que na minha intenção de estudar a Comunidade de Vida Canção Nova em Cachoeira Paulista? Haveria nisso a concepção de que a Comunidade de Vida Canção Nova era exatamente a mesma coisa em qualquer lugar do mundo, de forma que estudá-la no Rio seria o mesmo que estudá-la em Cachoeira Paulista? Ou haveria uma tentativa de desviar o curso da minha pesquisa para longe da Comunidade Canção Nova em Cachoeira Paulista? Por que ela não respondera minha pergunta nos termos que eu havia perguntado, ou seja, dizendo claramente sobre a possibilidade ou impossibilidade de pesquisar a Comunidade de Vida Canção Nova em Cachoeira Paulista? E por que nem Marcela nem a “pessoa anônima”, sendo ambas da Comunidade de Vida Canção Nova,

não eram “adequadas” para me introduzirem no seio da Comunidade de Vida?

Respondi-lhe:

17 de outubro de 2006

Prezado(a),

Obrigada pela resposta e pelo contato.

Entretanto, como meu trabalho é sobre comunidade no interior do país, escolhi estudar particularmente a Canção Nova de Cachoeira Paulista, e por isso entrei em contato com vocês. Conheço a comunidade aqui no Rio. Mas não me adianta ter o testemunho de missionários que atuam aqui na capital do Rio, visto que é um grande centro urbano e o doutorado pela Universidade Rural enfoca a região interiorana/rural.

Dessa maneira, precisaria de contatos com a sede em Cachoeira Paulista, pois ela está no Vale do Paraíba, uma das principais regiões interiorana de São Paulo, divisa com Rio. Conversei com Marcela da TV Canção Nova e ela me orientou que procurasse Beth da Assessoria de Imprensa, mas ainda não me passou o e-mail ou qualquer contato dela. Também não consegui mandar esta mensagem através do e-mail geral que está no site da Canção Nova.

Qual outra forma com que posso comunicar? Devo me apresentar pessoalmente aí em Cachoeira? Com quem posso falar? Pensei que o melhor fosse primeiro um contato por telefone ou e-mail, mas não estou conseguindo nem um nem outro. Como fazer?

Peço sua ajuda porque não tenho nenhum outro contato.

Novamente, muito obrigada,

Eliane

No dia seguinte, recebo a resposta da pessoa, que permanece anônima, do setor “vocacional”, revelando o e-mail e telefone de Beth, do setor “comunicação” da Assessoria de Imprensa. Dessa vez, ela além de não assinar, também não dizia meu nome ao referir-se a mim. Dizia direta e simplesmente:

18 de outubro de 2005

Segue e-mail da Beth - Canção Nova

E-mail: (...)

Telefone: (...)

Vibrei com a notícia, porque, finalmente, conseguira o contato virtual de Beth, quem, segundo esses cançãovistas, até agora encontrados virtualmente, era “a pessoa mais adequada a me ajudar”. Juntei àquela primeira carta fragmentos da segunda carta

enviada para “pessoa anônima” do setor “vocacional”, que deixavam claro o meu interesse pelo estudo na Comunidade de Vida Canção Nova em Cachoeira Paulista especificamente, e encaminhei à Beth, notificando, ainda, que a indicação para que eu a procurasse na Assessoria de Imprensa vinha de Marcela. Até aqui, afora as tentativas de contato pessoais relatadas, foram dois meses de buscas virtuais aos comunitários cançãovistas. Enquanto esperava o retorno de Beth e já apreensiva com sua demora em responder – será que responderia? - um colega do curso de doutorado do CPDA me encaminha, também por e-mail, um artigo que encontrara em revista acadêmica publicada on-line, de um antropólogo/sociólogo “nativo” da Renovação Carismática Católica – Paulo - que também era estudioso desse movimento.

\*

### **Paulo**

De Paulo tomei conhecimento porque li um artigo seu, publicado em ilustre revista acadêmica, onde expunha, de modo franco, sua dupla pertença – às ciências sociais e ao movimento carismático - e cogitava, baseando-se em fundamentos antropológicos, as implicações, por vezes positivas, que seu vínculo estreito com a Renovação Carismática trazia para uma pesquisa antropológica a propósito da mesma. Segundo suas considerações, uma grande vantagem para o pesquisador “nativo” seria a possibilidade de maior inserção no grupo estudado e, por consequência, a apreensão de informações não confiadas a pessoas estranhas ao grupo, o acesso a reuniões e encontros reservados aos adeptos das crenças e das estruturas do grupo, a conversa, a entrevista ou o contato pessoal com líderes e célebres que privilegiam ocasiões de caráter restrito a indivíduos previamente selecionados para dar-se à proximidade. Em defesa de seu argumento e como que para ilustrá-lo com um exemplo, menciona o episódio no qual tentou agendar uma entrevista com o padre Jonas Abib, fundador da Comunidade de Vida Canção Nova, e, num primeiro momento, obteve a recusa, para somente posteriormente e intermediado por amigos, membros da RCC, conseguir falar pessoalmente com o padre e marcar uma conversa formal.

Foi a conjunção dos vários traços que compunham a pessoa de Paulo - o antropólogo, o fiel carismático e o estudioso do movimento carismático - bem como, e especialmente, suas ponderações a respeito dos obstáculos encontrados na sua intersecção com a Comunidade de Vida Canção Nova, que me conduziram a procurá-lo. Quis saber como ele entendia e explicava as presenças-ausências da Canção Nova que, conforme estava sugerido em seu artigo, também havia vivido. Havia meses que minhas tentativas de contato com a Comunidade eram frustradas. Queria compartilhar toda a experiência de trabalho de campo até ali – para mim, confusa, exaustiva e, às vezes, constrangedora. Queria ouvir dele - que era alguém das ciências sociais, que estudava a Renovação Carismática, que havia vivido dificuldades com a Canção Nova - a confirmação de que a ocultação, o distanciamento e o retraimento sentidos por mim até agora na Comunidade de Vida Canção Nova não era uma miragem de minha parte, que eu não estava “vendo fantasmas”, pensando que via, mas não via o que via. Que ela existia de fato. Digo isso porque era muito confuso para mim o que estava experimentando na relação com a Canção Nova. Era algo como uma dupla mensagem ou uma coincidência de contrários: aparecia-não aparecendo; dizia-se-não-se-dizendo ou quase se dizendo; mostrava-se enquanto se ocultava; aproximava-se enquanto se distanciava; distanciava-se enquanto se aproximava. A Paulo, queria pedir ajuda. Afinal, se ele era atuante no movimento carismático e conseguira o contato com padre Jonas Abib – com quem o contato certamente era mais difícil – provavelmente conheceria outros membros cançãovistas. Por isso, pensei em Paulo como um interlocutor no caso, quiçá um auxílio na pesquisa, aproveitando o fato de que eu e ele, identificados pela antropologia e pelo objeto de estudo, experimentamos um drama semelhante: a dificuldade de acessar a vida da Canção Nova. Compus um texto a partir daquela primeira correspondência à Marcela, somando novos argumentos e experiências que a pesquisa me trazia e mandei a Paulo. Foi um desabafo, uma reclamação e um pedido de ajuda, que transcrevo com abreviações devido a sua extensão:

29 de outubro de 2005

Caro Paulo,  
Meu nome é Eliane,

(...) [continua a primeira parte da correspondência original à Marcela]

Escrevo-lhe porque li seu artigo publicado na Revista (...) que trata do conceito de alteridade, pensado no contexto da Renovação Carismática Católica, e onde expõe sua

singular relação com o “objeto” escolhido, pois que é membro do movimento e resolve colocá-lo em discussão acadêmica. Nisso, temos algo em comum: embora não freqüente o movimento carismático, sou católica e também estudo a RCC sob a perspectiva da sociologia e antropologia da religião. Nos últimos anos, venho acompanhando particularmente o crescimento das chamadas “Novas Comunidades Carismáticas” pelo país, as quais, na minha opinião, são hoje o acontecimento mais importante no catolicismo contemporâneo, especialmente pela sua proposta que reúne convívio comunitário, sobretudo leigo, e missão religiosa. Então, decidi escrever minha tese de doutorado sobre a Comunidade de Vida Canção Nova, enfocando particularmente a sua sede em Cachoeira Paulista que está localizada na região interiorana do Vale do Paraíba/ SP. Desse modo, o trabalho sobre a Canção Nova (comunidade) em Cachoeira Paulista (região interiorana) contemplaria as duas temáticas (comunidade e mundo interior/rural) a que essa Pós-Graduação da Universidade Rural se dedica. Além disso, contribuiria com os estudos já desenvolvidos sobre comunidades na medida em que acrescentaria o aspecto religioso.

Realizei, desde 2003, observações participantes em vários Acampamentos de Oração promovidos pela Canção Nova, assisti pela televisão os retiros e entrevistei participantes de grupos de oração e banda de música que estavam nesses eventos. No momento, entretanto, decorridos dois anos de doutorado, ocasião em que me preparo para a defesa da qualificação de tese, estou passando por uma fase muito crítica da pesquisa, muito semelhante ao fato narrado em um parágrafo de seu texto: a dificuldade de fazer entrevistas com os comunitários da Canção Nova em Cachoeira Paulista. Neste caso, não estou nem me referindo a entrevistar padre Jonas - o que, sem sombra de dúvida, seria maravilhoso e só abrilhantaria minha tese – mas a quaisquer dos membros comunitários que vivem na sede da Canção Nova. Considerando que defini como o recorte a Comunidade de Vida, acho imprescindível entrevistar membros da Comunidade, mas o contato que tenho tido com ela tem sido sempre muito truncado. O e-mail geral disponibilizado no site da Canção Nova não funciona; não há telefones para contato; não há outros e-mails. Consegui a indicação por e-mail de Beth da assessoria de imprensa da Canção Nova para quem encaminhei e-mail, mas não me respondeu. Estou com pés e mãos atados!

Como você sabe, para a elaboração de uma tese acadêmica é necessário o cumprimento de uma metodologia rigorosa que recolha informações, depoimentos, testemunhos sobre o assunto estudado. Nesse trabalho a respeito da Canção Nova, pretendia privilegiar os relatos dos próprios membros comunitários, enfatizando sua história e sua experiência na comunidade para um conhecimento mais amplo da mesma. Pensei em colher uma amostra de 20 a 30 entrevistas dentre comunitários missionários em diferentes setores da comunidade. Mas agora temo que não consiga cumprir o projeto de tese. Não esperava ser tão complicado assim. O que acho curioso é que a grande imprensa (Revista Veja, por exemplo) já conseguiu depoimentos de comunitários da Canção Nova e publicou matérias pouco escrupulosas, sem nenhum rigor metodológico ou profundidade analítica. E, àqueles que se propõem a utilizar instrumentos científicos de pesquisa, há mais obstáculos.

Enfim, resolvi abordá-lo porque, sendo simultaneamente ativo no movimento carismático e nas ciências sociais, e porque viveu experiência semelhante, talvez pudesse me indicar outros caminhos e contatos. Parece que, embora lhe tenham negado, num primeiro momento, uma entrevista com padre Jonas Abib, você conseguiu posteriormente. Como foi isso? Conhece alguém de Cachoeira Paulista com quem possa

me comunicar e iniciar a pesquisa?

Muito obrigada pela sua atenção e aguardo seu retorno,  
Eliane Martins de Oliveira  
Doutoranda pelo CPDA/UFRRJ  
e-mails:elianemartinss@yahoo.com.br

Nessa carta, como na primeira que escrevi à Marcela e na segunda à “pessoa anônima”, busquei identificar o que haveria em comum entre mim e o destinatário, a fim de que construíssemos uma relação que observasse o que nos era semelhante apesar das diferenças, que porventura houvesse entre nós: o vínculo universitário, o ofício de antropólogo/sociólogo, o estudo do movimento carismático católico e o pertencimento ao catolicismo. Como disse anteriormente nesta tese, nessa época, eu não mais praticava o catolicismo nem me identificava religiosamente como católica. Mas, nessa carta, me vi impelida a evocar, para o presente, o pertencimento que tivera por muitos anos com a instituição. Eu me desinstitucionalizara, mas mantinha uma religiosidade fundada na formação católica que tivera. Essa evocação ao catolicismo talvez me ajudasse a fazer-me confiável diante de um representante da Renovação Carismática Católica, quem possui um discurso afiado e severo de exclusivismo religioso, freqüentemente julgando religiosidades não-cristãs ou não-institucionalizadas como falsas e vulneráveis à ação do demônio, quando não representantes do próprio demônio. Em meio a todos esses receios, parece que eu abandonara ou não quisera manifestar, pelo menos temporariamente, a intenção de pesquisar a Comunidade de Vida Canção Nova no seu convívio comunitário e me conformava com a realização de entrevistas. Pensava que, se eu não lograra ainda conversar com os comunitários da Canção Nova, quanto menos conseguiria estar com eles na casa da Comunidade de Vida.

Paulo respondeu-me um dia depois. Introduziu a conversa, divulgando a publicação de sua dissertação de mestrado e ressaltou que, nela, havia refutado algumas teses tradicionais acerca do movimento carismático, defendidas por sociólogos como Reginaldo Prandi (1997) e Francisco Cartaxo Rolim (1995), cujas análises considerou “tendenciosas”. Continuou:

30 de outubro de 2005

Eliane,

(...) [o conteúdo do primeiro parágrafo está mencionado acima]

Acho que, coincidentemente, li um artigo seu sobre a Comunidade Canção Nova. Não foi você que publicou um artigo na revista *Religião e Sociedade*, num número dedicado à RCC? Aliás, ia exatamente passar um e-mail perguntando por que você chama a Comunidade Canção Nova de "Comunidade de Vida no Espírito". Se não foi você, por favor, ignore minha colocação.

Temos um ponto em comum. Tenho vontade de pesquisar sobre a Canção Nova. (...) Como você, acho que as comunidades novas são o maior fenômeno do catolicismo pós-moderno, sobre o qual a ciência social não pode fechar os olhos. Além disso, julgo importante que os primeiros estudos sejam elaborados por pessoas que tenham ética e rigor científico, para não imprimir um ritmo preconceituoso às pesquisas sobre essa experiência religiosa.

Entendo também sua angústia diante do desafio de concluir a tese. Gostaria muito de ajudar. Devo dizer que nem para mim é fácil entrevistar pessoas da Comunidade Canção Nova, sobretudo aquelas que estão mais em evidência. Compreendo que o tempo do pessoal é bem restrito e, como muitas pessoas procuram, acho que resistem - com razão - em alguns momentos.

Para mim, sempre foi mais fácil aproveitar oportunidades. Por exemplo, para conversar com o padre Jonas, consegui entrar nos bastidores de um Cenáculo e numa reunião de caráter mais fechado. Não gravei nada até então, até porque não me era exatamente imprescindível; mas as melhores oportunidades são nessas reuniões menores. Em maio, estive com o padre Jonas durante três dias, numa reunião de menos de 40 pessoas, numa casa de retiro afastada. Em maio/junho do ano que vem terei outra dessas oportunidades. Não sei se fica longe pra você. Em dezembro, estarei pregando um encontro da RCC com o Padre Edmilson, no Tocantins. Percebe porque para mim é mais fácil?

(...) Você quer colher todas as entrevistas em Cachoeira Paulista ou pode ser também em casas de missão? Qual a estrutura da entrevista? Você mesmo terá que fazer todas pessoalmente ou alguma eu posso fazer, aproveitando alguma oportunidade?

Quanto a pessoas que estão menos em evidência, não é tão difícil falar com elas em épocas "enxutas", ou seja, durante a semana, não muito próximo de acampamentos. Talvez possa convergir uma data em que eu esteja em São Paulo e irei com você lá. Adianto que não tenho tanto "cartaz" assim e que sou muito sem jeito para essas coisas, mas...

Talvez você possa elaborar um quadro, dizendo quem são ou qual o perfil das pessoas que você quer entrevistar. Dai, ajudo a escolher as pessoas, de acordo com a facilidade do contato e com os objetivos da pesquisa.

Quanto tempo você tem para ter esses dados em mãos? Se quiser me telefonar, fique à vontade: tel: Mas só estarei em casa a partir de quinta-feira, ok? Enquanto isso, pode se comunicar comigo por e-mail. Desejo sucesso e espero poder contribuir de alguma forma.

Atenciosamente,  
Paulo

Estado/cidade - Site da Comunidade de Vida em que é membro consagrado

A correspondência de Paulo fora igualmente extensa e, além disso, extremamente rica. Ele iniciava seu texto me examinando. Sua pergunta sobre se havia sido eu quem escrevera um tal artigo da revista *Religião e Sociedade* era, a meu ver, um crivo. Esse artigo, que eu, de fato, produzira, tratava da relação entre Nova Era e Canção Nova dissertada no trabalho final do mestrado e era possível que causasse polêmica no meio carismático de um modo geral. Dizendo-me ele que se preocupava com que os primeiros estudos das ciências sociais sobre as “comunidades novas”<sup>71</sup> fossem feitos sob o critério da “ética” e do “rigor científico”, “para não imprimir um ritmo preconceituoso às pesquisas sobre essa experiência religiosa”, e tendo já criticado análises “tendenciosas” de outros cientistas sociais sobre a RCC, possivelmente Paulo estivesse também abarcando como “preconceituoso” e “tendencioso” aquele meu artigo da *Religião e Sociedade*, que ele não tinha certeza ainda de que era de minha autoria.

Paulo confirmou-me que havia barreiras que inibiam o contato direto com a Comunidade de Vida Canção Nova e fez uma observação que considerei muito importante no sentido de seguir aprofundando no entendimento dessa: transpor suas barreiras não era somente difícil para os que estavam do lado “de fora” do meio carismático ou do catolicismo, mas também aos que eram católicos e carismáticos. Até lideranças do movimento, como ele, sentiam-nas. Essa notícia objetaria aquela hipótese dualista de que a Canção Nova fazia oposição a tudo e a todos a quem ela julgasse “do mundo”, mantendo os caminhos abertos àqueles que eram católicos praticantes e carismáticos militantes. Paulo, que além de ser uma liderança conhecida no movimento carismático, também pertencia a uma “comunidade nova”, sentira francamente esse embaraço. Ser carismático, liderança religiosa e pertencente a uma “comunidade nova” não fora o suficiente para que os cançonovistas concebessem Paulo como “amigo”. Ou, na hipótese de que o concebessem como “amigo”, a porção de “amigo” que Paulo era não fora o bastante para que se aproximasse dos membros da Comunidade de Vida, sobretudo dos que estavam em “evidência” (cançonovistas que são conhecidos na mídia). Talvez, não somente os inimigos definidos ou os inimigos em potencial (estranhos) fossem proibidos de se introduzir no seio da Comunidade de Vida e contatar

---

<sup>71</sup> Paulo chama de “comunidades novas” o que a Fraternidade das Novas Comunidades oficialmente chama de “novas comunidades” ([www.novascomunidades.org.br/](http://www.novascomunidades.org.br/)).

pessoalmente seus membros. Talvez, a categoria “amigos” fosse constituída por gradações: “Paulo é nosso ‘amigo’, mas não é ‘amigo’ do mesmo tipo de ‘amigo’ que somos ‘aqui dentro’. Paulo é “amigo”, mas não como nós”. Os “amigos-mas-não-como-nós” vivem “lá fora” “no mundo”, mas não são “do mundo”. Parecia que os “amigos” que existem “aqui dentro” seriam uma categoria exclusiva de pessoa maussiana (1974). De uma forma ou de outra, no mínimo, a ponderação de Paulo mostrava que eram bem mais sutis e mais complexas as fronteiras de significado entre “aqui dentro” e “lá fora, entre “amigo” e “inimigo”, entre “perto” e “longe”. Analisando desta maneira, as barreiras que sentiu Paulo demonstrariam que ele não estaria “aqui dentro”, mas também não seria inimigo. Ele não conseguira conversar com padre Jonas Abib em ocasiões que não fossem os encontros “de caráter mais fechado” – ou seja, onde somente têm acesso pessoas convidadas. Ele quis ressaltar que, mesmo assim, essas foram conversas informais, “de bastidores”, e não entrevistas marcadas com o objetivo de pesquisa e uso de um gravador para registro de voz. Certamente, com isso, Paulo me antecipava que, se fora assim tão limitado com ele, muito mais ainda seria comigo, que, embora já me apresentasse com franqueza, não possuía o status de “amiga-mas-não-como-nós” que Paulo possuía. Eu ainda habitava nas margens turvas dos “lá de fora”, onde vivem os inimigos-a priori. Paulo também mencionou uma outra oportunidade de conversa com padre Jonas Abib, numa reunião com um grupo seletivo, “numa casa de retiro afastada”. Falando assim, nesses termos - ou seja, sem falar onde era essa casa de retiro, mas, ao mesmo tempo, falando dela e desse “encontro fechado” nela -, Paulo deixava subentendido que, quando padre Jonas Abib se dava ao contato pessoal com os “lá de fora” era em situações quase secretas, em lugares afastados, não divulgados, para grupos pequenos e pessoas selecionadas. Dizendo-sem dizer, criando um mistério em torno do lugar onde padre Jonas Abib costuma, sigilosamente, “pregar”, deixava margem para imaginação e “sensações imaginativas” a respeito da Canção Nova e dos cançonovistas.

Paulo dizia-me que experimentara os entraves cançonovistas, mas que ele os superara “comendo pelas beiradas”: na condição de “amigo-mas-não-como-nós”, aproveitava oportunidades de “encontros fechados”, onde encontrava e conversava com os cançonovistas. Enquanto eu, não podia “comer pelas beiradas” porque nem via as beiradas. Eu estava à beira das beiradas. Veria as beiradas e, talvez conseguisse “comer” por elas quando (se) estivesse “mergulhada no caldo”, no lado “de dentro” dos

contornos da Canção Nova. A primeira oferta de ajuda objetiva de Paulo a mim e à minha pesquisa foi quando anunciou que, dali a um ano, teria uma outra oportunidade de estar com o padre Jonas Abib e os cançonovistas num “encontro fechado”, e perguntou se ficaria “longe para mim”. Certamente achando que eu defenderia minha tese por aquele período, quis consultar-me se ainda daria tempo para acompanhá-lo nessa viagem e “aproveitar essa oportunidade”, junto dele, para coletar entrevistas. Essa proposta, para mim, era mais compatível com a metodologia de pesquisa que eu pretendia. Eu queria a aproximação com a Comunidade de Vida para entrevistá-los e, posteriormente, experimentar a convivência junto com eles na casa da Comunidade de Vida, em cuja existência eu acreditava porque lera e ouvira de seus membros a menção sobre ela em livro e na mídia, mas, porque até agora não a vira, começava a temer que ela nem existisse na realidade.

À primeira proposta de auxílio de Paulo, seguiram outras que reforçavam o estilo hermético da Canção Nova. O que a “pessoa anônima” do setor “vocacional”, segundo penso, havia tentado fazer quando me (re) direcionou para a casa-filial de missão no Rio de Janeiro, vejo Paulo formular numa pergunta: “Você quer colher todas as entrevistas em Cachoeira Paulista ou pode ser também em casas de missão?” Percebo que, com isso, além de confirmar indiretamente a dificuldade que havia e haveria de conseguir o contato com os cançonovistas em Cachoeira Paulista, Paulo tentava me persuadir de desviar minhas atenções de pesquisa às casas de missão. Em minha correspondência a ele, eu dissera que meu propósito era pesquisar a Comunidade de Vida Canção Nova em Cachoeira Paulista, mas, mesmo assim, ele ainda arriscava a convencer-me para outro caminho. Sua pergunta me soou desta maneira: “Tem certeza que quer continuar insistindo nesse caminho? Por que não escolhe uma coisa mais fácil e procura as casas de missão?” Esses entraves e essa aura de mistério em torno da Canção Nova de Cachoeira Paulista, nesse momento, ao invés de me desestimular, me seduziam. O segredo é sedutor (Simmel, 1999). Quanto mais me era negada a comunicação e o contato com a Comunidade de Vida em estrutura física e pessoas, mais eu queria tê-los, como no ditado, “o fruto proibido é muito mais gostoso”.

Na seqüência, Paulo aprofunda ainda mais o enigma em torno da Comunidade de Vida Canção Nova quando me pergunta se eu mesma queria fazer as entrevistas com os cançonovistas ou ele poderia fazê-las por mim, “aproveitando alguma oportunidade”.

Paulo, que era sociólogo/antropólogo, sem dúvida, conhecia os ganhos adquiridos pela antropologia e pela sociologia com a prática da pesquisa participante e também as perdas para antropologia e para sociologia trazidas pela prática de pesquisas de campo não experimentadas diretamente pelo pesquisador, mas executadas por mediadores. Favret-Saada (2005), em seus estudos sobre a feitiçaria, teceu uma crítica afiada a pesquisadores que, tentando burlar o princípio da “observação participante”, mas, ao mesmo tempo, em nome dele, combinavam dois gêneros de comportamentos: “um, ativo, de trabalho regular com informantes, os quais eles interrogavam e observavam”; o outro, passivo, de observação de eventos ligados à feitiçaria (Favret-Saada, 2005:156). O primeiro comportamento, segundo Favret-Saada, não podia ser considerado “participante” porque quem participava eram os informantes e não o etnólogo. No segundo comportamento, a participação era a tentativa de estar lá, “sendo essa participação o mínimo necessário para que uma observação seja possível” (Favret-Saada, 2005:156). O que prevalecia, nesses dois casos, era a observação e não a participação. No meu caso antropológico com a Comunidade de Vida Canção Nova, era a afetação que eu buscava. A pergunta de Paulo, portanto, me pareceu descabida para um sociólogo/antropólogo e desconectada com que eu lhe descrevera que procurava metodologicamente. Eu havia lhe dito o que desejava, desejava o que lhe havia dito e não o que não lhe havia dito. Achei curioso o fato da pergunta de Paulo, tal como a resposta da “pessoa anônima” do setor “vocacional”, abordar sempre o que eu não havia perguntado ou mencionado, e não simplesmente abordado o que eu havia. Por que atropelavam o que eu perguntara e pedira como se não tivessem entendido o que eu perguntara e pedira, ou como se eu não tivesse perguntado e pedido o que perguntara? Será que eu ainda não teria perguntado e pedido com clareza? Ou será que ela desejava propositalmente manter oculto o seu entendimento sobre o que eu perguntara ou pedira? Não respondendo somente o que eu havia perguntado, deixavam-me na dúvida se eu estava errando na comunicação por insuficiência de explicação. Ou será que tinha eu perguntado a pergunta que não se devia perguntar, e pedido o pedido que não se devia pedir? Talvez eu tivesse incorrido numa indiscrição. Estaria eu sendo indiscreta com a intimidade do “outro”? Simmel (2002) observa que a discrição não consiste somente em respeitar a vontade do outro em nos ocultar tal ou qual coisa, mas consiste em evitar conhecer do outro o que ele não nos revela: “É uma forma especial do contraste típico que se assinala no imperativo: o que não está proibido está permitido, frente à fórmula:

o que não está permitido, está proibido” (Simmel, 2002:369). Se fosse isso, possivelmente não conseguisse mais o “con-tato” com a Comunidade de Vida, pois teria ferido a discrição e querido saber mais do que ela quereria me contar. Havia também a hipótese de que Paulo e os cançonovistas tivessem entendido exatamente o que eu propunha a eles, mas dissimulassem que não entendiam porque pensassem que eu não tinha ainda “ouvidos” (maturidade “espiritual” ou religiosa) para ouvir o que eles tinham para falar. Entretanto, quem sabe ela já dissesse algo pelo e no silêncio e pela manifestação de não entendimento?

Era a segunda vez que essa impressão me acometia. Na primeira vez, revi o texto, explicando mais francamente o foco de pesquisa na Comunidade de Vida em Cachoeira Paulista. Agora precisaria explicar mais ainda a Paulo o que eu pensava estar explicado o bastante: eu era uma antropóloga e desejava estudar a Comunidade de Vida Canção Nova, a partir da metodologia de observação participante, onde “participante” significa experimentar a realidade de vida da Comunidade de Vida Canção Nova e entrevistar seus membros pessoalmente. Na condição de carismático e membro de uma outra Comunidade de Vida, Paulo relativizara as ciências sociais e não percebera como era despropositada a idéia de ele aproveitar “oportunidades” de pesquisa por mim, quando eu é que era a pesquisadora e ansiava por “aproveitar oportunidades”. Acredito que Paulo queria realmente me ajudar, mas, a cada ajuda que oferecia, corroborava mais e mais o distanciamento, a resistência, o impedimento, a reclusão, a ocultação, o mistério da Comunidade de Vida Canção Nova, sobretudo na pessoa daqueles que “estavam em evidência”, embora dissesse que tudo isso somente ocorria “em alguns momentos”. Ou seja, enquanto ele negava as fronteiras da Canção Nova, dizendo que elas apareciam apenas em alguns momentos, ele afirmava essas fronteiras.

Como meu amigo Rodrigo, Paulo também afirmara que, quanto aos cançonovistas que não estavam na mídia, era fácil de achá-los durante a semana, em períodos não muito próximos de Acampamentos de Oração. Mas, ao mesmo tempo, demonstrou que não acreditava muito nessa facilidade quando, oferecendo-se para ir comigo à Canção Nova, disse que não tinha muito “cartaz” e “jeito” de me introduzir entre os membros da Comunidade de Vida Canção Nova. Paulo sabia que era preciso algum tipo de “credencial”, além de ter uma certa habilidade e ousadia para ultrapassar as barreiras imediatas e se aproximar de cançonovistas mesmo pouco conhecidos. Diante da

“evidência” (fama, sucesso, destaque) da Canção Nova, evidentemente que “ter cartaz” (prestígio, autoridade moral, ser amigo-mas-não-como-nós) devia ser uma “credencial” de alto valor para se inserir e ser aceito naquele meio. Paulo disponibilizara seu telefone para contato, mas, como achei que precisava explicar mais sobre a pesquisa, optei pelo e-mail para poupar a ligação interestadual, pois ele morava na região nordeste do país. A minha réplica a esse e-mail foi bastante extensa. Transcrevo apenas alguns fragmentos que considero mais importantes para dar continuidade à trama etnográfica:

03 de novembro de 2005

Prezado Paulo,

(...)

Sim, publiquei um artigo na edição sobre a RCC da Religião e Sociedade. Bem, você pergunta sobre a expressão “Comunidade de Vida no Espírito”: foi a expressão recorrida por uma ex-comunitária da Canção Nova que entrevistei na ocasião do mestrado para explicar o que era Comunidade de Vida.

(...)

Para colher dados, pensei em fazer algumas observações participantes no cotidiano da Canção Nova, pois, até então, só fiz trabalho de campo nos Acampamentos, e fazer entrevistas abertas onde os entrevistados narrassem um pouco de sua história com a comunidade e com a RCC (sua vida religiosa e secular antes de ingressar na comunidade; como o processo de decisão para viver em comunidade e dedicar-se à missão; suas experiências no convívio comunitário; como é o seu cotidiano na comunidade; as dificuldades da missão, etc). Também, preciso de mais informações sobre as Comunidades de Vida em geral e sobre a estrutura da Canção Nova especificamente. Enfim, quero conhecer o que é a Comunidade de Vida Canção Nova, entender sua proposta mais profundamente.

(...)

O ideal seria colher as entrevistas em Cachoeira Paulista, pois indago centralmente se a localização interiorana da comunidade e afastamento dos grandes centros urbanos é importante para a constituição da comunidade e para o crescimento da espiritualidade ali vivida. Neste sentido, gostaria de colhê-las pessoalmente, já que as entrevistas não valem somente pelo seu conteúdo. O processo da entrevista na interação de entrevistador e entrevistado é capaz de produzir outros dados e certos detalhes, somente apreensíveis se presenciados. Entretanto, aceito, muito grata, a sua ajuda, se puder me indicar pessoas ou estar comigo em alguma entrevista ou visita. (...)

Não pensei em pessoas específicas ou “famosas” para entrevistar. Acho que o fundamental é conhecer um pouco de cada “setor” para compreender mais amplamente a comunidade. Talvez entrevistar uma ou duas pessoas de cada setor... Entretanto, os setores de comunicação (TV, Rádio, música), vocacional, PHN, administrativo seriam,

no meu entender, os que certamente refletiriam melhor a comunidade, pois reúnem pontos chaves da vocação da Canção Nova que são, respectivamente, a mídia, formação de missionários, a juventude e administração.

(...)

Meu prazo para defesa da qualificação da tese é maio do ano que vem, o que não me priva de continuar fazendo as entrevistas. Muito pelo contrário. Mas, para a qualificação, é importante que já tenha novos dados, pois é justamente ali onde as primeiras críticas, indicações, sugestões serão feitas pela banca. Seria bom que as ponderações da banca já considerassem dados da pesquisa em processo. Ainda tenho mais dois anos de doutorado. Nesse sentido, não seria tarde para eu aproveitar qualquer oportunidade que você souber e puder me incluir. Por exemplo, se você achar que eu posso participar do encontro fechado a que referiu para maio/junho de 2006 com o padre Jonas Abib, gostaria muito de ir. Ou qualquer outro.

Muito obrigada novamente pela atenção e pela ajuda que oferece. Aguardo retorno.

Um abraço,  
Eliane

O que Paulo me escreveu em seguida foi o mais expressivo de todos os textos que trocamos. Foi tão importante que, na época, escrevi um artigo acadêmico<sup>72</sup> que tomou sua resposta como reflexão do processo de pesquisa da Comunidade de Vida Canção Nova que vinha vivendo.

10 de Novembro de 2005

Eliane,

Peço desculpas pela demora. (...). Devo dizer que a sua proposta de estudo sobre a Canção Nova é relativamente difícil. Pelo que entendi, você pretende entender a comunidade a partir de sua própria visão de mundo, ou seja, a partir de dentro. Não é fácil adquirir a confiança das pessoas para que respondam às nossas questões sem que elas receiem deturpações e omitam ou camuflem informações. Acho que vai ser mais difícil do que pensei.

Mas não vamos desistir. Creio que a maneira mais concreta de te ajudar será conseguindo um contato para você dentro da Canção Nova, alguém de lá que possa te ajudar. Gostaria que me fornecesse alguma referência sua (paróquia a que está vinculada, algum padre que te conhece). Desculpe, mas para conseguir alguma coisa, talvez precise indicar algo mais sobre você, para que o pessoal se sinta seguro. Além disso, em última análise eu estarei me responsabilizando frente à comunidade por

---

<sup>72</sup> O artigo referido é: “Comunidade Secreta? Labirintos na Comunidade Canção Nova”, In: *25º Reunião Brasileira de Antropologia*, 2006, Goiânia.

alguém que eu não sei quem é. Desculpe a sinceridade, mas você é alguém que eu não sei se posso confiar. Mas estou disposto a correr esse risco.

O que você chama de "observação participante no cotidiano da Canção Nova"? Se deseja conviver com eles internamente, acho muito difícil que eles estejam dispostos a isso. Se pensa em ver o cotidiano apostólico, ou seja, como trabalham em Cachoeira talvez seja mais fácil.

Quanto à reunião da Fraternidade [das Novas Comunidades], creio não ser possível que você participe. Trata-se da reunião dos fundadores e representantes das principais comunidades de vida e aliança do Brasil. Os assuntos discutidos são de caráter restrito e eu entro porque pertença ao grupo. O que posso tentar é que seja retirada uma noite, em que eles recebam você e respondam suas perguntas. Agora, se for questionários, posso conseguir aplicá-los para você.

Reflita e pense se está bom assim. Se esse é o melhor caminho ou se há algo mais que eu possa fazer. Me ligue se alguma coisa não ficou clara.

Que Deus a ilumine nessa trajetória. Vai dar tudo certo.

Atenciosamente,  
Paulo

Quando recebi essa correspondência de Paulo, percebi imediatamente que algo havia mudado na relação dele comigo. Era brusca e evidente a diferença entre as duas correspondências: a personalidade, a simpatia, o entusiasmo e a disposição de auxílio da primeira carta de Paulo foram abandonados pela impessoalidade, pela frieza e pela antipatia desta segunda. Seguramente não lhe agradei com alguma coisa que eu havia dito anteriormente. Penso que esse meu e-mail suscitou em Paulo uma imaginação sobre a pessoa e a antropóloga que eu era, sobretudo depois que assumi a autoria do artigo mencionado por ele e depois que reiterei a intenção de pesquisar, com observações participantes, a Comunidade de Vida em Cachoeira Paulista. Para ele, o que eu disse deve ter sido muito esclarecedor - ou o contrário, não deve ter sido nada esclarecedor - para que, em sua tréplica, ele mudasse completamente o tom de apoio e se mostrasse áspero, recusando algumas propostas que ele mesmo havia feito – como, por exemplo, acompanhá-lo, se não ficasse “longe para mim”, em encontro seletivo com padre Jonas Abib, que haveria no ano seguinte.

Diferente do anterior, do e-mail anterior, neste ficara evidente a desconfiança e a ambivalência transmitidas na narrativa de Paulo, a qual inspirava desconfiança,

fechamento, suspeita, defesa, ao mesmo tempo em que demonstrava preocupação e solicitude. Paulo sentia que “corria riscos”.

Ele estava receoso de mim embora disposto a ajudar:

(...) em última análise eu estarei me responsabilizando frente à comunidade por alguém que eu não sei quem é. Desculpe a sinceridade, mas você é alguém que eu não sei [grifo dele] se posso confiar. Mas estou disposto a correr esse risco. (...)(...) Gostaria que me fornecesse alguma referência sua (paróquia a que está vinculada, algum padre. que te conhece). Desculpe, mas para conseguir alguma coisa, talvez precise indicar algo mais sobre você, para que o pessoal se sinta seguro (...).

(...) a maneira mais concreta de te ajudar será conseguindo um contato para você dentro da Canção Nova, alguém de lá que possa te ajudar. (...)

Ele estava pessimista, mas também otimista com relação ao destino da pesquisa:

(...) Devo dizer que a sua proposta de estudo sobre a Canção Nova é relativamente difícil. (...). Não é fácil adquirir a confiança das pessoas (...). (...) Acho que vai ser mais difícil do que pensei (...). (...) Se deseja conviver com eles internamente, acho muito difícil que eles estejam dispostos a isso (...). (...) Quanto à reunião da Fraternidade (das Novas Comunidades) [grifo meu], creio não ser possível que você participe. (...).

(...) Mas não vamos desistir. (...) Que Deus a ilumine nessa trajetória. Vai dar tudo certo.

O que dizia Paulo, mantinha a ambivalência de negar e afirmar a sua ajuda na aproximação com a Comunidade de Vida Canção Nova. Suas palavras queriam ser desanimadoras, quando, só no primeiro parágrafo, repetiam por três vezes que minha proposta de estudo sobre a Canção Nova era difícil. Mas, a seguir, passavam a ser animadoras quando me estimulavam a não desistir e desejavam que tudo acabasse dando certo com a pesquisa. Entretanto, se a ambivalência permanecia nesta segunda correspondência de Paulo, ele agora mostrava com clareza que havia entendido a proposta de pesquisa: “entender a comunidade a partir de sua própria visão de mundo, ou seja, a partir de dentro”. Ele entendera, mas não parecia concordar muito com ela. Achava que estar “dentro” sem ser de “dentro” poderia levar alguém a falar do “outro” com deturpações, omitindo e camuflando informações. Em outros termos, ele não acreditava que era possível alguém que é de “fora” conhecer o “outro” que está “dentro” “desde dentro”. Era novidade para mim ler isso de um cientista social, mas entendia que

sua visão de mundo religiosa, nesse momento, estava abafando sua visão de mundo sociológica e antropológica. Seria essa uma opinião também da Comunidade de Vida Canção Nova e, por isso, ela se ocultava? Paulo usava palavras duras, mas, ao mesmo tempo, se desculpava pela sinceridade em dizê-las. Ele não revelava diretamente que acreditava que eu deturparia, omitiria e camuflaria, mas deixava explícito que, até que provasse o contrário, era provável que eu fizesse. Eu era inimiga-a priori, uma estranha, alguém que ele não sabia que era, alguém que ele não sabia se podia confiar e que o ameaçava. Agora era ele que devia estar se sentindo “pisando em ovos”.

Certamente Paulo reagia, com imaginação, às minhas próprias ambivalências. Eu havia dito que pertencia ao catolicismo, ao mesmo tempo em que confirmara a autoria do artigo que relaciona catolicismo carismático e Nova Era. Que tipo de católica eu seria afinal? Alguém que vira semelhança entre as duas não podia ser católica. Além disso, a antropologia “incorporada” que eu seguia trazia uma ambivalência constitutiva: eu queria experimentar o “outro” sem ser o “outro” em nome do entendimento do outro, queria estar dentro estando fora (estrangeira), queria permanecer no “entre”. Paulo, por sua vez, desejava me retirar do mundo sombrio da estranheza, do indefinível, da ambivalência, que produzia nele insegurança. E faria isso me classificando com a categoria de amigo ou inimigo ou estranho para saber se podia ou não se responsabilizar frente à Comunidade de Vida Canção Nova por mim. Para isso, primeiramente desejou confirmar se realmente eu era católica. Querendo me situar “dentro” (amigo) ou “fora” (inimigo definido ou inimigo-a priori) das fronteiras do catolicismo, pediu referências de padres e paróquias que me conheciam. Ele queria referências minhas vindas, não da universidade, mas da Igreja. A confirmação de minha inserção no catolicismo seria um primeiro critério para estimar se eu poderia ser ou não alguém confiável. Essa avaliação definiria uma relação direta entre confiança e exclusivismo religioso. Por outro lado, a indicação de padres e paróquias também definiria melhor qual era minha leitura do catolicismo, uma vez que eu afirmara que não pertencia ao catolicismo carismático. Ou seja, dentro da fronteira do catolicismo, abrir-se-iam outras fronteiras e definições que separariam o catolicismo carismático de outras tendências como o catolicismo ligado à Teologia da Libertação, por exemplo. Para Paulo, as explicações que eu dera até agora não eram ainda suficientes para desvendar quem eu era realmente. Como eu em relação à Canção Nova, ele provavelmente desconfiasse que eu ocultava alguma coisa, que eu

não falava toda a verdade sobre mim e sobre minha pesquisa e buscava desvendar o que havia. Minha resposta seria fundamental para o seu diagnóstico.

A seguir, Paulo enfatiza novamente que seria muito difícil que os cançonovistas estivessem dispostos a me aceitar conviverem com eles internamente na Comunidade de Vida e, indiretamente, me sugere que eu desista dessa idéia e me concentre no estudo de como eles trabalham apostolicamente em Cachoeira Paulista. Ele também nega, desta vez, o que, não eu, mas ele mesmo havia sugerido em seu primeiro e-mail: a minha participação junto com ele na reunião da Fraternidade das Novas Comunidades no próximo ano. Segundo ele, havia assuntos restritos que devem ser ocultados de quem não pertence ao grupo como ele pertence. O que ele poderia fazer era separar uma noite para que “eles” – os cançonovistas e membros das Novas Comunidades - me recebessem e respondessem às minhas perguntas. Fora isso, só se ele mesmo aplicasse questionários para mim. Com isso, Paulo intensificava a aura do segredo: ele não somente ocultava, mas anunciava que havia coisas que ele ocultava de mim. O “segredamento” e a declaração do “segredamento” de Paulo pareciam com a relação de segredo entre crianças, as quais, conforme lembrou Simmel (1999: 222), orgulhosas e ostentadoras do segredo, costumam dizer uma a outra “eu sei de uma coisa que você não sabe” (Simmel, 1999: 222). Essa atitude que o autor chama de “ciúme do conhecimento dos fatos” é recorrida como uma forma de exibição e de subordinação de outros, mesmo quando é inventada e nada há de realmente secreto (Simmel, 1999). Eu ouvia de Paulo algo parecido: “Você não sabe nem saberá aquilo que eu sei”. Paulo, ocultando ao mesmo tempo em que revelava a ocultação, erigia entre nós uma fronteira intransponível entre os “dentro” e os “fora”. Ele sabia de coisas que eu não sabia porque ele pertencia ao grupo (Renovação Carismática Católica e Fraternidade das Novas Comunidades). Logo, para eu saber o que ele sabia, eu precisaria pertencer ao grupo. Como eu não pertencia, continuaria sem ficar sabendo do que ele sabia. Quanto a mim, não me importava se havia segredos de fato e quais eram os conteúdos dos segredos que ele guardava da Canção Nova. Mas me importava que ele não visse nenhuma possibilidade de que eu, que estava de “fora”, compartilhasse das experiências que estavam guardadas no grupo e não saíam dele. Favret-Saada conta que os camponeses do Bocage na França proibiram-na de acessar a instituição da feitiçaria, construindo uma sólida barreira de mutismo que refletia algo do tipo: “Feitiço, quem não pegou não pode falar disso” ou “a gente não pode falar disso com eles [que estão de fora]” (Favret-

Saada, 2005:157). A autora só conseguiu que os camponeses falassem com ela sobre feitiçaria quando, inserida dentro do grupo e afetado por ele, seus membros reconheceram nela sinais de que havia sido “pega” pela feitiçaria (Favret-Saada, 2005:157). Será que, na Comunidade de Vida Canção Nova, as fronteiras entre os de “dentro” e os de “fora” não me permitiriam ser “pega” por ela?

A atitude de Paulo, que oscilava entre negação e negação-afirmação, entre oposição e ambivalência, me deixava confusa e irritada, além do que me fazia andar em círculos. Paulo não era cançãoovista, mas considere que as correspondências que trocamos a respeito da Comunidade de Vida Canção Nova foram importantes no contexto do processo de entendimento da Canção Nova. Pois iam confirmando - inclusive, com muita clareza nesta última carta - que, quando o assunto era “Canção Nova”, uma densa névoa de segredo e imaginação se formava em torno dela e em torno daqueles que a evocavam. Analisando o caso descrito a partir da perspectiva simmeliana (1999) e crapanzariana (2005), era possível entender que nós - eu, Paulo e a Canção Nova - nos relacionávamos impulsionados pelo segredo, e pela imaginação suscitada por ele, mesmo que um segredo não existisse de fato.

De qualquer maneira, tudo indicava que Paulo não podia me ajudar, ou não mais se sentia a vontade para isso. Enquanto eu digerir a confusa justaposição entre as negativas declaradas de Paulo e as afirmativas dos seus incentivos, aconteciam outros desdobramentos da relação propriamente dita com a Canção Nova a que eu retomo a partir de agora.

Desde essa série de cartas que trocamos eu e Paulo e os e-mails com respostas evasivas e anônimas vindos da Canção Nova, passando pelas fronteiras físicas dos prédios cercados por guaritas, grades e funcionários-seguranças; passando, ainda, pelas fronteiras invisíveis da Comunidade de Vida, que mostrava-sem-se-mostrar, acolhia-não acolhendo e, talvez, existisse-sem existir, até as tentativas de contato pessoal e comunicação direta com os membros da Comunidade de Vida, na ocasião de pesquisa para o doutorado, na ocasião de pesquisa para o mestrado e, anteriormente também, na primeira visita à Canção Nova em 1995, todas essas experiências estavam marcadas pela ambivalência entre ocultação/revelação, distanciamento/aproximação, e a sedução, imaginação e encantamento produzidos por eles.

\*

**Partilha, Transparência e Vida Fraternal****- continuação -**

Para haver uma comunidade de entendimento e sem conflitos, seria preciso conciliar a “partilha e a transparência” com a “vida fraterna”. A “vida fraterna” é um outro princípio de vida da Canção Nova contido no dom Canção Nova. Prevê que a Comunidade Canção Nova foi feita por Deus para ser uma família. Não qualquer tipo de família, mas uma família inspirada na “Sagrada Família” – Jesus, Maria e José -, entendida como a “verdadeira” família. “Cada casa e cada núcleo, portanto, será antes de tudo, uma família. Cada um acolherá seu irmão ou irmã com respeito, estima e compreensão, em atitude de diálogo aberto e familiar, de benevolência e de verdadeira amizade fraterna” (Comunidade Canção Nova, 2002:19). Os membros que compõe esse corpo são considerados irmãos de uma mesma família: a “família Canção Nova”: “Nós somos um povo, nós somos uma família. A ‘família Canção Nova’” (Margarida, 48 anos, administradora financeira, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, entrevistada em março de 2006). A “família Canção Nova” possui um “pai no Céu” – Deus –, um “pai na Terra” – padre Jonas Abib –, uma “mãe no céu” – Nossa Senhora -, uma “mãe na Terra” – Luzia Santiago<sup>73</sup> - e vários irmãos – os Canção Nova.

Desde o início nos chamávamos: Canção Nova, a Casa de Maria. O nome fala da natureza. Diz o que somos. Aponta a nossa origem. Nós tomamos ‘casa’ no sentido bíblico. Somos a descendência de Maria. Somos a raça de Maria. Somos da sua estirpe. Pertencemos a sua linhagem. Somos a casa de Maria (Comunidade Canção Nova, sd: 9).

Uma vez concebida como uma família aos moldes da família cristã, seria mais fácil o entendimento harmônico e sem conflito entre os membros, que são diferentes, mas, acima de tudo, possuem o mesmo dom. Essa harmonia só seria possível pelo

---

<sup>73</sup> “Ainda quanto à comunidade, eu digo que assumi a maternidade espiritual da comunidade, um desígnio de Deus também, um chamado para gerar filhos para Deus”(<http://www.cancaonova.com/portal/canais/mensagemdia/luzia/biografia.php>).

exercício do amor de cada membro para com os demais membros da comunidade, vistos como portadores do dom de Deus. Na “família Canção Nova”, a pessoa seria acolhida pelo fato de carregar, e, em última instância, ser, um dom de Deus. Esse representaria o lado positivo da pessoa. O lado “negativo, defeituoso, que é real e não negado, é acolhido como sombra, como pontos escuros, como enfermidades a serem curadas, como entulhos a serem retirados também com a ajuda do nosso amor-gratuidade” (Comunidade Canção Nova, 2002:31). [Viver juntos] nos faz realmente irmãos, faz cair barreiras, quebra as resistências, derruba as diferenças. Isso nos faz compreensivos, nos leva a não julgar, a nunca condenar, a nos entender em nossas reações, nossos medos, nossas resistências (Abib, 2000:106).

Isso não significava que o membro devesse “partilhar” “transparentemente” com quaisquer pessoas: “É claro, você não vai dar a conhecer a qualquer um. Nem deve. Aqui não se trata de qualquer um, mas de pessoas que foram criadas do mesmo dom, que foram criadas juntas para realizar uma missão conjunta para a Igreja e o mundo” (Comunidade Canção Nova, 2002:28).

\*

### **Não é “república”**

“Essa vida de Comunidade Canção Nova humaniza muito a gente. Eu não digo que é uma vida de república não. Porque, por exemplo, quando você vive numa república de maneira secular, cada um tem o seu fim. Vamos supor que eu e você vivêssemos numa república, você estudando antropologia e eu estudando filosofia. Às favas se sua família está sofrendo, se sua mãe está com depressão, se seu pai está com câncer. Eu quero estudar e chegar a minha finalidade e você, a sua. Eu não acredito que essa experiência de comunidade seja tão salutar como a nossa. Nós estamos reunidos por um ideal todos juntos, em vista de um ideal, nós temos um mote. Nosso ideal está pautado num ethos cristão. Jesus pede pra nós amarmos. Se eu te amo, eu não vou te dar um murro. Se eu te amo, eu te respeito, eu não vou invadir o seu espaço, eu não vou te assediar, não vou falar mal de você, não vou falar mal da sua cultura, eu não vou falar mal de sua mãe”

(Fernando, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatário, seminarista, entrevistado em Janeiro de 2006)

\*

2

### **A angustiante aproximação-não-aproximativa:**

#### **A virtualidade dos contatos-não-contactantes**

**- continuação -**

Após um mês de enviada a correspondência virtual à Beth da Assessoria de Imprensa, como ela não respondera, reencaminhei o mesmo e-mail, solicitando dela que informasse se havia recebido o e-mail. Alguns dias depois, retornou-me uma outra pessoa – Marta - que pediu gentilmente que encaminhasse novamente o e-mail porque não havia chegado a mensagem. Reencaminhei a mensagem, mas ela não me respondeu novamente. Depois de um tempo, algumas semanas, Marta me escreveu:

09 de novembro de 2005

Olá Eliane, de antemão quero me desculpar pela demora, tivemos alguns problemas com o outlook. Bem, teremos o maior prazer em lhe atender para este trabalho acadêmico. No entanto, preciso entender se o enfoque do mesmo será sobre os trabalhos desenvolvidos pela Canção Nova ou a vida da comunidade. Com esta definição poderei ver as pessoas mais indicadas para as entrevistas e marcarmos a data que melhor convir para todos.

Aguardo seu retorno,

Grande abraço

Marta

Assessoria de Imprensa

Fundação João Paulo II-Canção Nova

As palavras de Marta soaram em meus ouvidos como sinos angelicais. Era a primeira vez, desde o começo da pesquisa para o doutorado, que me sentia um pouco mais aliviada das tensões e indefinições causadas por obstáculos explícitos, ambivalências e obscuridades vindas da Canção Nova. Era a primeira vez que alguém respondia objetivamente à minha pergunta sobre como fazer para me aproximar da

Comunidade de Vida em Cachoeira Paulista e entrevistar seus membros, embora ainda ela não me dissesse como fazê-lo. Ela não dizia como, mas prometia. Vejamos: Marta demorara vários dias para me responder, como fizera todos os outros contatos cançãovistas anteriores; quem me respondera ainda não fora Beth, a quem, afinal, eu endereçara o meu e-mail; e o que ela dizia ainda não resolvia as questões colocadas por mim – por exemplo, não me convidava para ir até à Canção Nova para conversar pessoalmente com ela ou com Beth a respeito da pesquisa e/ou começar a fazer a pesquisa. Mas, apesar disso, ela explicava textualmente sua demora de resposta, respondia claramente e nos termos da minha pergunta e prometia organizar as entrevistas e marcar um encontro meu com os membros da Canção Nova. Não fiquei satisfeita com as palavras de Marta somente porque ela se mostrou concordante com a pesquisa, manifestando que teriam (ela e Beth? E, com elas, todos os cançãovistas?) “o maior prazer em me atender” para esse propósito, embora eu tenha ficado muito contente com isso. Fiquei satisfeita porque Marta não tangenciou a pergunta, como fizeram Marcela, a pessoa anônima e também Paulo. Caso Marta tivesse respondido negativamente, mas com clareza e sem ambigüidades, provavelmente eu não ficasse nada contente, mas ficaria satisfeita de ter sido entendida e ter sabido que fora entendida. O que me incomodava não era tanto a possibilidade da negativa, mas a ambivalência e a indefinição manifesta na simultânea não-afirmação e na não-negação daqueles cançãovistas, ou por Paulo quando o assunto era Canção Nova. Com os demais, anteriormente, tive a impressão de que não me haviam entendido porque respondiam o que eu não havia perguntado, apareciam, mas não deixavam rastros, afirmavam-negando e negavam-afirmando sua ajuda. Era dúbio. Não era manifesto. Ninguém dizia que não, mas também não dizia que sim.

Embora não soubesse se Marta era membro da Comunidade de Vida, ela se posicionara em nome da Canção Nova positivamente à minha pesquisa acadêmica, mesmo que ainda deixasse reticente como e quando seriam os desdobramentos. O que eu não sabia era se Marta respondera objetivamente a respeito de minha busca de contato porque eu já havia passado por uma triagem com Marcela e com a “pessoa anônima”, e/ou porque começava a aparecer, na minha relação com a Canção Nova, um outro padrão de comunicação que não vivenciara ainda, mas que também existia. Quem sabe todos aqueles estorvos acontecessem somente nessa etapa inicial e, a partir de agora, surgiriam outros tipos de relacionamento, quem sabe mais afinados com aquela imaginação de comunidade que a Canção Nova transmitia e eu esperara encontrar? De qualquer maneira, entusiasmei-me por obter uma resposta positiva à minha pesquisa vinda de Marta, que respondia por Beth, que era a pessoa mais “adequada” em me ajudar.

Por outro lado, Marta também pedia que eu lhe explicasse melhor o enfoque da minha pesquisa: se eu enfocaria a Comunidade de Vida ou os trabalhos de evangelização que ela realiza. Isso eu já havia explicado na correspondência enviada, mas minha explicação, para ela, como para os outros, não fora o suficiente. Escrevi outro e-mail confirmando meu desejo de estudar a Comunidade de Vida e dizendo, em outras palavras, tudo o mais que já havia dito, além de anexar um roteiro de entrevistas. Esse roteiro refletiria algumas das hipóteses indicadas no meu projeto de doutorado, por exemplo, a relação entre natureza, “espiritualidade” e região interiorana, que desdobravam a hipótese central do romantismo da Canção Nova, e serviria mais como um guia para me orientar nas conversas com os membros da Comunidade de Vida do que como um programa para ser cumprido integralmente.

10 de novembro de 2005

Cara Marta,

Agradeço a resposta e a gentileza do auxílio nesse trabalho. Bem, o estudo que proponho para a tese de doutorado enfocaria, sobretudo, a vida na comunidade. Gostaria de conhecer um pouco da história dos comunitários com a Canção Nova através de seus testemunhos, ou seja, saber como foi o processo de decisão para viverem em comunidade e dedicar-se à missão; como são suas experiências religiosas e práticas no convívio comunitário; as dificuldades da missão; etc. Mando em anexo um roteiro de entrevistas que formulei apenas para ser meu guia nas conversas que teria com os comunitários. Na verdade, a idéia é mais ouvir e registrar os testemunhos do que propriamente cumprir um roteiro fechado.

Sei que os comunitários dedicam seu trabalho missionário em vários e diferentes setores na comunidade. Na minha opinião, os setores que refletem melhor a comunidade são os setores de comunicação (TV, Rádio, música), vocacional, PHN, administrativo, pois reúnem pontos-chaves da vocação da Canção Nova que são a mídia, formação de missionários, a juventude e administração. Penso que se eu pudesse entrevistar pessoas de cada um desses setores seria o ideal, pois certamente também compreenderia mais amplamente a comunidade.

Entretanto, preciso também entender como a Canção Nova se estrutura. Ou seja, conhecer, de um modo geral, os trabalhos que desenvolve, seus objetivos e metas.

Enfim, considerando que a Canção Nova é simultaneamente uma comunidade de vida e uma missão - o que mostra claramente sua complexidade -, não vejo como dissociar totalmente uma instância (comunidade) da outra (trabalhos desenvolvidos). Elas parecem estar plenamente imbricadas. Acho que estudar a Canção Nova nessa complexidade é o exercício estimado. De todo modo, como estou em processo de conhecimento da comunidade, não entendo muito bem a diferença que fez em sua pergunta, ou seja, se enfocaria a vida da comunidade ou os trabalhos desenvolvidos por ela.

Mas posso dizer que o ideal seria que as pessoas indicadas para a conversa fossem aquelas que optaram por viver na comunidade e, de preferência, as leigas, visto que a presença expressiva de leigos nas Novas Comunidades Carismáticas é um dos seus traços mais importantes. Mas, fique à vontade para indicar as pessoas que achar melhor. O que for possível já será ótimo.

Muito obrigada novamente e espero seu retorno para agendarmos a visita.

Um abraço,

Eliane

Marta não me respondia mais. Minhas imaginações voltaram com toda força: seria uma desaprovação do meu roteiro de entrevistas? Estaria ela revendo o que, inicialmente, prometera? Teriam os membros da Canção Nova conhecido minha dissertação de mestrado e, não gostando do que eu escrevera, recusado a minha

pesquisa? E se Marta interrompesse a comunicação iniciada comigo? O que eu faria? Após dez dias, sem respostas, escrevi-lhe para perguntar se havia recebido a correspondência e sondar o que estava sucedendo, desta vez, nessa relação permanentemente turva com a Canção Nova.

21 de novembro de 2005

Marta,

Reencaminho o e-mail que lhe escrevi anteriormente, pois talvez não tenha chegado a você. Em anexo, está o roteiro de perguntas que elaborei para basear a conversa com os comunitários.

Aguardo retorno.

Um abraço,

Eliane

Uma semana depois de ter reencaminhado o e-mail, ela ainda não me havia respondido. Ao contrário do que pensei inicialmente, Marta, a seu modo, estava repetindo a comunicação ambivalente que eu tivera com Marcela, com a “pessoa anônima” e com Paulo anteriormente. Marta igualmente não dizia que “não”, mas também não dizia que sim. Deixava-me na metade do caminho, em estado de suspensão e de reticências, no “entre”, no “quase”, no “muito-perto-sempre-longe”. Em tudo o que ela prometia, nada se concluía: se ela garantia que me colocaria em contato com a Comunidade de Vida Canção Nova, porque isso não estava acontecendo ainda? Nada era transparente para mim: afinal, minha pesquisa agradava ou não a Canção Nova? Se agradava, porque ainda não conseguira começá-la? Se não agradava, porque me manter na espera e não resolver logo se posicionando em contrário a ela? Indiferente não era, porque havia respostas eventuais. Eu, já ansiosa com a extensão do tempo de negociação para começar a pesquisa na e da Comunidade de Vida, preocupada com a possibilidade de negação da pesquisa por parte dela, tensa e irritada com as repetidas

demoras de resposta e promessas ainda não cumpridas, comecei a expressar meu descontentamento e cansaço com todo esse processo.

29 de novembro de 2005

Cara Marta,

No começo do mês, encaminhei-lhe resposta relacionada a seu último e-mail que me solicitava especificação sobre com quem seriam as entrevistas para a tese, mas fiquei sem saber se recebeu. Sei que está se aproximando o “Hosana Brasil” e a Canção Nova deve estar inteiramente mobilizada na organização do evento. Estive no “Hosana Brasil” passado e entendo que, tendo em vista a grandiosidade do acontecimento, ele exige mesmo muitos preparativos. Talvez seja por isso que não respondeu ainda.

Espero que eu não esteja lhe incomodando com a minha pesquisa acadêmica. É que realmente não sei a quem recorrer para dar prosseguimento ao trabalho.

Continuo aguardando seu retorno.

Obrigada e um abraço,

Eliane

Marta me respondeu que tinha recebido sim o e-mail e repetiu o discurso ambivalente de costume: disse que eu não incomodava a Canção Nova com meu trabalho acadêmico. Pelo contrário, era um prazer para eles “ter uma profissional estudando o trabalho da Canção Nova”. Mas, acreditava que para minha visita e entrevistas, seria mais “prudente” marcarmos para janeiro do próximo ano que se aproximava, pois “tudo lá estava sendo movimentado para a edição do “Hosana Brasil” daquele ano. Em janeiro, garantiu-me que tudo ficava mais calmo. Ela verificaria quais membros estariam por lá, pois muitos saíam de férias. Ia ver e depois me dizia. Assegurou que muitas informações do meu questionário ela mesma me responderia por e-mail para adiantar meu trabalho e prometeu-me mandar esse material ainda naquele mês de dezembro. Não recebi as respostas ao questionário de perguntas que Marta prometera, nem qualquer outra informação sobre minha ida em janeiro à Canção Nova. O que recebi foi um outro e-mail, assinado por ela que dizia:

19 de dezembro de 2005

Caro colega acadêmico,

Envio este e-mail para saber como está o processo do Trabalho de Conclusão de Curso

sobre a Canção Nova: se já foi concluído, o que está faltando. Pretendo fazer um balanço a fim de melhor atendê-lo. Peço por gentileza que me responda o mais breve possível dados como:

Nome completo:

Telefone:

Em que cidade/estado mora:

Universidade:

Ano de conclusão:

Curso:

Tema do trabalho:

Formato do trabalho:

Qual a fase atual:

Aguardo um retorno pra apresentar esses dados à diretoria da Fundação e agilizar o atendimento para a conclusão de seu trabalho.

Grande abraço

Marta

Assessoria de Imprensa

Fundação João Paulo II-Canção Nova

Por que Marta me chamava de “caro colega acadêmico”? Seria esta uma carta-padrão que a Canção Nova encaminhava para todos aqueles acadêmicos que a estudavam? Por que ela me perguntava dados que eu já havia fornecido logo na primeira correspondência mesmo antes que ela me perguntasse? Respondi-lhe dizendo que estava lhe reencaminhando o primeiro e-mail que enviei à Assessoria de Imprensa da Canção Nova, remetido à Beth e respondido por ela posteriormente, onde já constavam as informações que me solicitava. Agora disse-lhe que acrescentava alguns dados como site e telefones do CPDA/UFRRJ e e-mail do meu orientador de tese, para qualquer contato que quisesse fazer; que também adicionava algumas informações a respeito do andamento do trabalho e, no final, ainda mandava novamente uma versão resumida dos dados que ela me requeria. Marta novamente não me respondeu. Da primeira carta à Marcela, amiga do meu amigo Rodrigo, até aqui havia passado cinco meses e, ainda não havia conseguido negociar uma visita à Canção Nova, para me apresentar pessoalmente e conversar sobre minha pesquisa com o responsável que fosse mais “adequado”. Por

que haveria tantas barreiras? Agora estava provado que os muros que existiam entre a Canção Nova e o que estava fora dela não eram feitos só de ferro e concreto, mas estavam menos visíveis. Por que Marta ainda não me convidara a ir à Canção Nova? Quando recebi sua primeira correspondência, há meses atrás, apostei que, através dela, meu relacionamento com a Canção Nova finalmente desabrocharia e, a partir dali, marcharia a passos largos. Imaginei que Marta, na condição de pessoa indicada pela pessoa “mais adequada a me ajudar na pesquisa” - Beth – e a Assessoria de Imprensa, como o setor igualmente mais apropriado para intermediar meu contato com os membros cançãovistas, objetivariam o que Marcela, a “pessoa anônima” e Paulo não haviam feito, no sentido de me introduzir na comunicação direta com os comunitários. Em considerando as mensagens sempre muito solícitas e receptivas à notícia de que minha tese abordaria a Comunidade de Vida Canção Nova, imaginei que não haveria ambivalências em nosso relacionamento. Mas havia. Marta, de maneira diferente, afirmava e negava minha aproximação com a Canção Nova: em todas as vezes que me respondia após longos intervalos, reiterava, em nome da Canção Nova, o prazer de ter-me como uma estudiosa da Canção Nova e prometia que providenciaria o começo das visitas, mas não me propunha nada objetivamente. Sua comunicação para comigo era uma dupla mensagem: “Você é sempre bem-vinda, mas não venha desta vez”. Mas, “a vez” oportuna nunca chegava.

Uma breve e sintética recapitulação iluminará o que penso que estava havendo entre mim e a Canção Nova. Na primeira visita à Canção Nova em 1995, experimentara um impedimento de pesquisa durante os Acampamentos de Oração por parte de membros da Comunidade de Vida Canção Nova. Concluí que a Canção Nova se relacionava com o mundo predominantemente pela oposição. Estava clara, neste contexto, a minha disposição à classificação e à definição, tanto que não vi as

ambivalências que veria mais tarde. Posteriormente, na ocasião do mestrado, durante as primeiras tentativas de aproximação com a Comunidade de Vida, sentira uma ambivalência entre ocultação e revelação irrompida na tentativa de relação direta com a Comunidade de Vida, mas não dera muita importância a ela, embora, por outro lado, a tenha observado nos Acampamentos de Oração. Relativizei o que havia concluído anteriormente sobre a predominância da relação de oposição da Canção Nova com o mundo e sugeri que, além da oposição que existia, também havia, na experiência religiosa cançãovista, uma ambivalência por oscilação entre ascetismo e misticismo. Mas, ainda desta vez, acabei afirmando que, embora fosse oscilante, havia uma predominância do misticismo sobre o ascetismo na Canção Nova. Como o misticismo, por causa do seu aspecto experiencial, era a configuração da ambivalência, e o ascetismo, por causa do seu aspecto regulador e institucional, era a configuração da oposição, logo concluí que a Canção Nova construía-se mais por ambivalências do que por oposições. Provavelmente essa associação que fiz dela com o misticismo, ou melhor, mais com o misticismo do que com o ascetismo, lhe causasse um grande aborrecimento. Pois, embora ritualizasse a ambivalência nos Acampamentos de Oração, afirmava sua posição institucionalmente baseada na oposição (o catolicismo como detentor da “verdade” cristã em oposição às “falsas verdades” de outras religiões cristãs ou não cristãs). De volta ao campo etnográfico, na nova fase de pesquisa para elaboração de tese de doutorado, que agora focaria a vida comunitária, experimentei novamente, como na primeira visita em 1995, uma grande fronteira, desta vez, de ferro e concreto, além daquela relacional, entre ela (“nós”, os “aqui de dentro”) e eu (“outro”, “os lá de fora”). Estive propensa a reafirmar a oposição da Canção Nova porque, pelo menos, imediatamente, a “tese” da ambivalência não se confirmara. Interpretei que a oposição central estava refletida na categoria “mundo”, cujo conteúdo significativo

opunha positivo e negativo, bem e mal, Deus e demônio, santidade e pecado, amigo e inimigo (definido ou não), Igreja Católica e “pseudo-religiões”, entre outras oposições. Percebi que, para uma visão de mundo baseada em oposições, a soma de algumas pessoas que compunham a minha pessoa, todas elas constituídas de ambivalência – a estrangeira, a antropóloga, aquela que comparou Nova Era com Canção Nova – poderia provocar, nos cançonovistas, um enorme desconforto, sobretudo pela desconfiança e ameaça de perigo iminente instaurada pela indeterminação da minha pessoa. Isso talvez colocasse em risco o prosseguimento da minha pesquisa. Entretanto, concomitante às oposições observadas nas categorias de “lá fora” (mundo) e “aqui dentro” (fora-do-mundo), num nível menos evidente, era possível notarmos novamente as ambivalências quando comparássemos o que e como a Canção Nova se mostrava de perto e como ela se mostrava de longe. Por último, até agora, os contatos virtuais expressavam ambivalências, indefinições, silêncios, anonimato. A Canção Nova oscilava entre oposições e ambivalências – e, às vezes, as justapunha - e eu oscilava - e justapunha - com ela. A ambivalência da Canção Nova não somente se manifestava pela oscilação, mas também pela coincidência. Algo como: ambivalência da Canção Nova = ambivalência por coincidência (“sim-não”) e ambivalência por oscilação (ora “sim” ora “não”). Por outro lado, a Canção Nova se manifestava também pela oposição (sim versus não). Portanto, numa síntese, diria que a Canção Nova era a combinação da “oposição” com a “ambivalência”. Ela assimilava tanto a “oposição” quanto a “ambivalência”, às vezes, oscilantemente, às vezes, concomitantemente. Em sua construção social, valia tanto a oscilação e a coincidência de pares de contrários (ora sim, ora não = ambivalência por oscilação; sim-não = ambivalência por coincidência) quanto a oposição estrito senso (“sim” versus “não” e “não” versus “sim”). O que estou dizendo é que, embora a Canção Nova anunciasse a oposição (ou o pecado ou a

santidade) como sendo a sua única relação desejada entre ela e o “mundo” – que é a representação do pecado - , era possível perceber na minha relação com ela, que estou dentre aqueles que estão “no mundo”, outros tipos de relação além da oposição e além da ambivalência por oscilação, já apontadas na dissertação de mestrado. Como exemplo, quero lembrar a música referida no começo desta tese, chamada “Ou santos ou nada”. Neste caso, vemos uma oposição estrito senso. Aplicando a ambivalência da Canção Nova nessa fórmula, diria que ela, ao mesmo tempo em que opõe “santos” a “nada”, forma, na sua relação com o “mundo”, compostos do estilo: “santos e nada” (ambivalência por coincidência) e “às vezes santos, às vezes nada” (ambivalência por oscilação). Para pensar a relação “sim-não” que travávamos eu e a Canção Nova, considero que seja interessante prosseguir com as teses de Gregory Bateson (1985a), mas, desta vez, inspirando-me na teoria do duplo-vínculo.

\*

### **Notas sobre o duplo-vínculo**

A teoria do duplo-vínculo originou-se na década de 1950 no âmbito dos estudos interdisciplinares do antropólogo Gregory Bateson sobre os processos da comunicação nas relações humanas (Velho, 2007: 123-124). Era do seu interesse conhecer o modo como as informações são decodificadas, estruturadas e organizadas pelos indivíduos em relação a um meio ambiente. Ele observava que existiam diversos níveis de abstração na comunicação e que as trocas de informações entre indivíduos podiam produzir um entrecruzamento de níveis capaz de gerar paradoxos. Bateson investigaria os efeitos que esses paradoxos exerciam sobre o comportamento dos indivíduos. No departamento de sociologia e antropologia da Universidade de Stanford, em Palo Alto (Califórnia), ele obtém financiamento para um trabalho de pesquisa intitulado "O estudo do papel dos paradoxos da abstração na comunicação", reúne uma equipe de jovens pesquisadores - John Weakland, engenheiro químico e antropólogo, Jay Haley, estudante de comunicação, William Fry, psiquiatra e depois Donald D. Jackson e toma como campo etnográfico um hospital psiquiátrico para ex-combatentes de guerra situado na região, onde já atuava como etnólogo desde 1949 (Velho, 2007; Pérez, 1996). O discurso de

pacientes com esquizofrenia acaba constituindo um foco primoroso sobre o qual poderiam experimentar suas hipóteses sobre os paradoxos da comunicação (Bateson, 1985b; Perez, 1996; Velho, 2007:124). Bateson e sua equipe observariam as formas de comunicação presentes nos intercâmbios familiares onde estava inserida pessoa esquizofrênica (Bateson, 1985b; Velho, 2007; Pérez, 1996). A conclusão primeira dessas investigações indicou que as mensagens paradoxais comunicadas freqüentemente por familiares da pessoa esquizofrênica contribuíam para a produção dessa enfermidade naquela, uma vez que a colocavam em situações em que ela não poderia distinguir o que se estava comunicando, deixando-a confusa sobre o como e o quê ela deveria responder para comunicar-se adequadamente (Bateson, 1985b; Pérez, 1996). Chamaram esse tipo de relação de duplo-vínculo:

Nossa hipótese é que se produzirá um colapso na capacidade para discriminar entre tipos lógicos diferentes cada vez que se apresente uma situação de duplo-vínculo. As características gerais desta situação são as seguintes: 1- quando o indivíduo está envolto numa relação intensa, quer dizer, uma relação na que sente que é vitalmente importante que discrimine acertadamente que classe de mensagem se está comunicando para responder a ele de forma adequada; 2 – e o indivíduo está atrapalhado em uma situação na qual as outras pessoas que intervêm na relação expressam duas ordens de mensagens e um deles nega o outro. 3- e o indivíduo é incapaz de comentar as mensagens que se expressam para corrigir sua discriminação da ordem de mensagem a qual há de responder, quer dizer, não pode formular uma enunciação metacomunicativa” (Bateson, Jackson, Heley y Weakland apud Perez, 1996:178).

Vale lembrar um caso clássico descrito por Bateson (apud Pérez, 1996): Um homem jovem, que havia se recuperado de um episódio esquizofrênico agudo, foi visitado no hospital por sua mãe. Ao vê-la, ficou feliz e, movido por um impulso, estendeu os braços e a abraçou. Ela ficou rígida imediatamente. Então o jovem retirou-lhe os braços e ela lhe perguntou: “Você não gosta mais de mim?”. Ele ruborizou-se e ela acrescentou: “Querido, não deveria se envergonhar tão facilmente e temer seus próprios sentimentos!”. O paciente não foi capaz de permanecer junto dela por nem mais um minuto, e, tão logo ela se foi, ele agrediu um dos enfermeiros e foi preso numa cela de confinamento” [tradução minha] (Bateson apud Pérez, 1996:135). Nesse episódio contado por Bateson, vemos que a mãe nega o afeto do filho quando enrijece (comunicação não verbal) ao seu abraço e não corresponde ao gesto do filho. Com a percepção da negação da manifestação corporal de afeto pela mãe, o filho reage afastando-se da mãe. Então, a mãe pergunta se ele não gosta mais dela, afirmando

verbalmente seu afeto, imediatamente após tê-lo negado, e negando o afeto que o filho já havia manifestado afeto a ela. Ao perguntar ao filho “Você não gosta mais de mim?” logo após da manifestação afetuosa do filho em relação a ela, a mãe está transmitindo a ele vários níveis de mensagem: 1- Ela merece ser querida; 2- Ele deveria querê-la. Se não a quer, não é um bom filho. Antes ele a queria, mas agora não é mais capaz de mostrar afeto; 3- O que antes havia manifestado ao abraçá-la não era afeto. Para afirmar o afeto, o paciente tem que negar todos ensinamentos culturais e os que sua mãe mesma lhe ensinou acerca do que é afeto e o que não é (Perez, 1996). Em situações desse tipo, o paciente vive o seguinte dilema: se ele deseja manter o vínculo com sua mãe, não deve mostrar-lhe afeto; entretanto, se ele não mostra, a perderá. O duplo-vínculo se produz justamente porque o paciente não é capaz de dizer a sua mãe que foi ela quem se mostrou insensível e que resistiu a ele. Ele receia perdê-la se o faz, sem dar-se conta de que ao fazê-lo a perde igualmente.

Duplo-vínculo é, pois, uma comunicação, verbal ou não verbal, que transmite um teor do tipo: “Nós amamos você, mas temos de castigá-lo porque, se não o fizermos, você irá se comportar mal, e não queremos que isso aconteça porque queremos continuar amando você”. Bateson descreve o duplo-vínculo como uma circunstância em que o paciente “não pode ganhar” (Bateson, 1985a; Velho, 2007: 123). Como se diz no dito popular, “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. O duplo-vínculo ocorre em circunstâncias nas quais o sujeito não tenha escapatória e que a situação-base se repete com tal frequência que termina se transformando em um agente condicionador. Em resumo, o duplo-vínculo se constitui quando, em meio a uma comunicação que envolve tipos lógicos diferentes e que motiva uma situação sem saída, um sujeito não consegue produzir uma metacomunicação, ou seja, não consegue refletir, comentar, questionar a comunicação paradoxal em que está envolvido (Pérez, 1996:75-82). O sufixo “meta” de metacomunicação significa reflexividade da comunicação (Pérez, 1996: 75-82). O esquizofrênico seria, portanto, aquele que esteve envolvido durante muito tempo da vida em relações de duplo-vínculo em que metáforas e literalidade se confundiam. De forma que ele não consegue mais distinguir entre mensagem metafórica e literal e trata toda mensagem como metafórica (Bateson, 1985b; Velho, 2007: 124). Ele aprendeu a aliviar a tensão estabelecida pelo paradoxo respondendo sempre com metáforas ou, quando isso não era possível, “incorporando” outras pessoas. Para Bateson, que pensa na comunicação como relação, o esquizofrênico seria uma vítima do processo paradoxal da

linguagem, mas, sujeito na perpetuação desse processo (Bateson, 1985b; Pérez, 1996; Velho, 2007:124). Em outras palavras, a pessoa esquizofrênica reagiria ao duplo-vínculo de maneira a favorecer a alienação de si própria e do contexto em que age. O autor propõe uma explicação da esquizofrenia relacionando-a com um fenômeno interpessoal: a doença mental não é mais analisada como decorrência de processos intrapsíquicos, mas como um problema surgido nas relações do sujeito com sua família (cf. Pérez, 1996). Embora tenha sido na psiquiatria que o conceito de duplo-vínculo foi mais aplicado e desenvolvido, ali ele foi também vulgarizado, sendo foco de críticas que, comumente, giraram em torno da leitura da pessoa esquizofrênica como vítima e de sua família como a causadora da doença (Pérez, 1996:101-102).

Enquanto a teoria do duplo-vínculo se fazia famosa no setting psiquiátrico como explicação da psicose, Bateson já havia tomado outros caminhos e optava por considerar o duplo-vínculo como um padrão epistemológico. O duplo-vínculo, numa concepção mais ampla, é, segundo Bateson, uma maneira de ver o mundo (Bateson, 1958a; Pérez, 1996:12). A tese que Bateson defenderá a partir da progressiva configuração da ecologia da mente é a de que, tendo o indivíduo aprendido a ver o mundo segundo padrões de duplo-vínculo, qualquer seqüência comunicativa se reinterpretará dentro dessas chaves. Em contextos relacionais do cotidiano, os sujeitos aprendem mensagens e também aprendem a aprender muitos níveis de mensagens sob as mais diversas condições. Bateson sugerirá que a perspectiva do duplo-vínculo permite não somente a explicação de condutas patológicas senão de uma ampla grama de comportamentos criativos que ele reconheceu sob o nome de síndromes transcontextuais (Bateson, 1985a; Pérez, 1996:78; Velho, 2007:124). A metáfora, o humor, a poesia, a brincadeira, a fantasia, no sacramento, a falsificação consciente ou inconsciente de sinais identificadores de modos, como o riso, as atitudes amistosas e a aprendizagem são situações que não podem ser entendidas por meio do raciocínio linear. Segundo o autor, os paradoxos da abstração são necessários para a evolução da comunicação:

Nossa tese central pode resumir-se com uma afirmação da necessidade dos paradoxos da abstração. Não somente é inconveniente sugerir que as pessoas podem ou devem obedecer a teoria dos tipos lógicos em suas comunicações. Sua incapacidade para fazê-lo não se deve ao descuido ou à ignorância. O que pensamos é que os paradoxos da

abstração têm que se fazer presentes em toda comunicação mais complexa como a dos sinais de humor, e que sem esses paradoxos a evolução da comunicação se deteria. A vida seria então um interminável intercâmbio de mensagens estilizadas, sem o alívio da alteração ou do humor [tradução minha] (Bateson apud Perez, 1996:78).

\*

**1**

### **Autoridade e Submissão**

O princípio da “autoridade e submissão” foi aparecendo como um dos constituintes do próprio dom Canção Nova na medida em que ele ia sendo descoberto por padre Jonas e pelos membros da Canção Nova. A condição de pessoas consagradas por Deus – criadas exclusivamente para servi-Lo – implicava que os Canção Nova fossem submissos a seu criador. Deus é a “verdadeira autoridade”, e os Canção Nova dispõem-se a viver, em relação a Deus e às autoridades que Deus nomear, a verdadeira submissão. “Autoridade” e “submissão”, dizem os Canção Nova, seriam sinônimos de “serviço” e “liberdade”, e não de “mando” e “sujeição”. A autoridade de Deus não seria igual à autoridade do “sistema do mundo”. A autoridade do “sistema do mundo” manda, a autoridade de Deus serve. A submissão a Deus também não seria igual à submissão ao “sistema do mundo”. O “sistema do mundo” submete, humilhando e privando o homem da sua liberdade, enquanto Deus submete por amor, para libertar o homem do egoísmo, do individualismo e da rebeldia. “Submissão e obediência é o antídoto para o veneno do individualismo e egoísmo que o pecado original deixou em nós (Comunidade Canção Nova, sd: 22). O pecado entrou no mundo porque, no início dos tempos, satanás foi rebelde e não quis se submeter à vontade de Deus, e sim satisfazer a sua própria vontade. A consequência disso é que a natureza humana pecadora não gosta de ficar sujeita a outros. Isso explica a divisão entre os homens no mundo. Submissão e obediência seriam remédios para o veneno do individualismo e egoísmo, que o pecado

original deixou nos homens. Deus estaria mostrando que a união entre todos só é possível quando se respeita autoridade e submissão. “O Espírito Santo está levando o homem cristão atual a uma verdadeira conscientização e prática do que seja autoridade e submissão. A autêntica libertação do homem consiste em ser submisso. Mesmo rangendo por dentro, mas submisso” (Comunidade Canção Nova, 2002:15-16).

Uma das dimensões do serviço a Deus é, portanto, ser/ter autoridade e ser submisso em relação a outro. Deus designa pessoas para serem representantes da Sua autoridade neste mundo. Portanto, a autoridade é um serviço prestado a Deus (Comunidade Canção Nova, 2002:16). Quem vive no “sistema de Deus”, se Deus o destina para autoridade, exercê-la-á como Deus e será submisso a Ele e a quem ele destinar a autoridade, como deve fazer toda a criatura de Deus.

Padre Jonas foi entendendo que o exercício do princípio da “autoridade e submissão” era um requisito imprescindível para a instauração da união na sociedade e em qualquer comunidade humana (Comunidade Canção Nova, 2002:15). Por isso, Deus constituiu pessoas para serem autoridades na Canção Nova. O próprio Deus se manifesta aos Canção Nova através dessas autoridades constituídas (Comunidade Canção Nova, 2002:16). Portanto, aceitar as pessoas constituídas por Deus e obedecer a elas é obedecer ao próprio Deus. Um meio seguro de fazer a vontade de Deus é a submissão, na medida em que Deus se manifesta pelas autoridades constituídas sobre os Canção Nova. Nas ordens dadas pelas autoridades constituídas, manifesta-se a vontade de Deus. Obedecendo às autoridades constituídas obedece-se a Deus e não a pessoas que detém essa autoridade.

Eu só posso ajudar a obra de Deus, cumprir Sua missão, se eu estiver unida a Deus, buscando [o caminho] no coração de Deus e na orientação vinda do fundador - padre Jonas Abib - e dos seus colaboradores diretos - os conselheiros da comunidade, as autoridades sobre mim constituídas. Eles me mostram o caminho, qual é o verdadeiro caminho. Por quê? Porque nós estamos buscando realizar a vontade de Deus (Marina,

40 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, casada, superintendente da Rádio Canção Nova, entrevistada em Fevereiro de 2006).

Dessa maneira, aquele que quer servir a Deus, querendo ou não, deve aceitar ser submisso a alguém constituído pelo próprio Deus. É ao próprio criador que se ama naquele que exerce autoridade. “Toda autoridade deve ser exercida dentro de uma liberdade. Quando a autoridade é exercida humanamente e com imposição, causa nas pessoas a obediência por medo ou por conveniência, não por submissão em amor” (Comunidade Canção Nova, 2002:16). “A autoridade vinda de Deus, mesmo que doa, ou mesmo que não seja vista como correta, deve ser obedecida, pois é algo a tratar com o Senhor, não com as pessoas” (Comunidade Canção Nova, 2002:17). “Estar submisso é estar como um escravo, sempre disponível, fazendo a vontade do seu Senhor” (Comunidade Canção Nova, 2002:17). “Ser submisso é estar em humilhação constante” (Comunidade Canção Nova, 2002:17).

Os Canção Nova dizem acompanhar uma hierarquia de autoridade e submissão: são submissos, em primeiro lugar, à autoridade de Deus-Pai-Filho-Espírito Santo, à Virgem Maria e aos espíritos celestes (anjos e santos); e, em seguida, são obedientes à Igreja nas pessoas do Papa e do Bispo. Dentro da Comunidade de Vida, há uma estratificação de autoridades. A maior autoridade na Canção Nova é Padre Jonas Abib, que é o Superior Geral e tem a missão de zelar pelo dom Canção Nova recebido de Deus: zelar pela “sua realização, crescimento e perpetuidade e, ao mesmo tempo, que não se desvie ou venha a se descaracterizar” (Comunidade Canção Nova, sd:23). Sua função é vitalícia por causa dessa missão. Após a morte ou renúncia do fundador, o superior será eleito por alguns dos membros da Comunidade por um período de seis anos e pode ser reeleito.

Abaixo do Superior Geral, está o Conselho Geral da Comunidade de Vida, que coopera no governo da Canção Nova (Comunidade Canção Nova, sd:24). O Superior

Geral é o presidente deste Conselho. O Conselho geral tem como função estudar as situações e problemas que ajudem ou dificultem a realização do dom Canção Nova. Cabe a ele, por exemplo, a criação ou supressão de núcleos ou frente de missão e a demissão de membros. São membros do Conselho Geral: o Conselheiro Assistente, o Conselheiro para a Formação, o Conselheiro para a Administração e os Conselheiros Regionais (Comunidade Canção Nova, sd: 25). O Conselho geral permanece no cargo por seis anos e pode ser reeleito (Comunidade Canção Nova, sd: 26).

Um responsável por cada núcleo (ou casa filial de missão) da Comunidade de Vida será designado pelo Superior Geral e pelo Conselho Geral. Ele, sendo submisso ao Superior Geral e ao seu Conselho, exercerá autoridade a nível local e todos os membros lhe prestarão obediência: “Somente aquele que aprende a obedecer será capaz de exercer autoridade. É de Deus que ele recebeu autoridade sobre os irmãos. Por isso o Responsável desempenhe seu serviço de autoridade fraterna, buscando e seguindo com docilidade as inspirações do Espírito Santo” (Comunidade Canção Nova, sd: 29).

Um formador para cada núcleo (ou casa filial de missão) da Comunidade de Vida será escolhido pelo Superior Geral e seu Conselho. O formador cuida da formação humana, da vocação específica, do estado de vida, da “espiritualidade”, do desabrochar no dom Canção Nova de cada Canção Nova. Para isso, “Tanto o formador procurará cada pessoa para um acompanhamento pessoal, como cada qual procurará o seu formador para conferir com ele sua caminhada e seu crescimento” (Comunidade Canção Nova, sd: 30). Na casa-sede da Comunidade de Vida em Cachoeira Paulista, cada casa (apartamento) da Comunidade de Vida tem um (a) formador (a). Semanalmente, esse formador prepara uma programação de “formação” (reunião) para os membros que estão sob sua orientação. Anualmente, todos os Canção Nova saem em retiro dirigido,

onde se estudam os “documentos do padre Jonas” e se revê a prática de vida em comunidade.

No núcleo, cada “casa” terá um coordenador e os casais em conjunto terão o seu casal coordenador, que, anualmente, serão escolhidos pelo Superior Geral e seu Conselho. Em cada casa, esse coordenador será chamado pelos demais membros de “irmão mais velho”, pois que sua autoridade servirá para coordenar as atividades do cotidiano em cada “casa”, dentro da “casa da Comunidade de Vida”: “Ele agenda, horários, escalas de serviços, disciplina dos irmãos. Ele zela pela vida de cada um; sua fidelidade às regras de vida, seu empenho nos trabalhos, sua participação nas atividades comunitárias, sua vida espiritual, sua saúde, suas necessidades materiais, suas dificuldades” (Comunidade Canção Nova, sd:30).

Todos os moradores são submissos ao coordenador, porque aqui, quando eu sou consagrado, eu não faço mais o que eu quero. Eu vivo dentro de um esquema. Eu faço o que Deus quer através das autoridades. Eu sou submisso, eu tenho que obedecer. Eu posso conversar, mas não questionar e desobedecer. Nunca murmurar, mas obedecer. Isso é voto, é princípio nosso (Fernando, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatário, seminarista, entrevistado em Janeiro de 2006).

O princípio de “autoridade e submissão” estabelece uma relação hierárquica entre os comunitários que devem obedecer a regras, diretrizes, recomendações e orientações determinadas por coordenadores, formadores, membros mais antigos e/ou fundadores, pelo padre Jonas Abib e pelo o que está previsto nos estatutos da Comunidade de Vida. Noutros termos, cada comunitário está sujeito a ponderações, avaliações, repreensões, aconselhamentos de outros comunitários que lhe são superiores. Próximo à “consagração para sempre” e a partir dela, os comunitários recebem a incumbência de administrar, acompanhar, governar os novatos. Considerando a escala de pertencimento do fiel na Comunidade, é possível afirmar que os pré-discípulos e discípulos, habitualmente, não possuem a função de coordenação e direção. Isto é, não sendo

membros de fato, mas aspirantes à Comunidade de Vida, somente recebem ordens de superiores. Os juniores, os consagrados temporários e os “consagrados para sempre” tanto desempenham autoridade quanto devem obediência a outras autoridades superiores. No âmbito doméstico, a autoridade imediata será o coordenador da casa ou o formador que, em termos gerais, orientarão, respectivamente, quanto à organização da vida dos comunitários na casa, especialmente com relação à delegação e supervisão de tarefas, e quanto à conduta moral, religiosa e comunitária; no âmbito do trabalho, o chefe do departamento definirá os afazeres relativos à missão a que o comunitário foi encarregado pelo Conselho da Comunidade. Em questões mais amplas relativas à Comunidade como um todo e ao andamento da vida missionária de cada comunitário em particular, os comunitários ficam subordinados a resoluções, normatizações, encaminhamentos gerais dos membros que compõem o Conselho Geral da Comunidade. Quaisquer intenções e ações que um comunitário pensar em realizar serão primeiramente submetidas à aprovação e permissão das autoridades imediatas presentes no contexto em que está inserido.

A questão da obediência, tudo hoje eu tenho que pedir. Se eu quero ir à casa de algum membro da comunidade, eu tenho que pedir. Antes, lá fora, eu era muito independente. Eu tinha meu dinheiro, e o que queria, eu comprava. Não tinha essas coisas de ter que pedir. (Eva, 21 anos, solteira, pré-discípula, entrevistada em 2006).

O Superior Geral, os membros do Conselho Geral, o responsável por cada um dos núcleos (casas filiais de missão), o formador da cada núcleo, o coordenador de cada casa comunitária e um representante eleito do segundo elo, de cada núcleo reúnem-se a cada seis anos e em caso de morte do Superior Geral ou extraordinariamente, toda vez que o exigir algum grave motivo, reconhecido pelo Superior Geral com o consentimento do seu Conselho. A reunião desse grupamento chama-se Capítulo Geral: “é o momento forte em que toda a Canção Nova, deixando-se guiar pelo Espírito Santo, procura

conhecer os desígnios de Deus para um determinado momento de sua história” (Comunidade Canção Nova, sd:27). Ao Capítulo Geral é dado “estabelecer leis para toda a Canção Nova, tratar das questões mais importantes, eleger o Superior Geral e os membros do Conselho Geral” (Comunidade Canção Nova, sd:27).

Pelo menos uma vez por ano, toda a Canção Nova se reúne em Assembléia de irmãos que é dirigida pelo Superior Geral e seu Conselho e tem a missão de revisar e reordenar a vida e a atividade da Canção Nova como um todo. Na Assembléia de irmãos, são colocadas as aspirações e propostas das pessoas, das casas, das várias frentes e setores de trabalho; é sugerido o remanejamento de pessoas, cargos e funções; propõem-se frentes ou setores de trabalho. O conteúdo que foi trabalhado na Assembléia é levado ao Superior Geral e seu Conselho para que decidam (Comunidade Canção Nova, sd:26). “Tudo isso para impulsionar o crescimento de todo o corpo Canção Nova, cada vez mais, na realização do Carisma e da missão que recebeu de Deus” (Comunidade Canção Nova, sd:26).

Eliane - Quem determina o lugar em que você vai atuar?

Fernando - As autoridades e, eu acredito, Deus através das autoridades. Isso é algo que faz parte dos nossos estatutos. A gente crê assim porque a gente evidencia isso: que é que faz Deus através das autoridades. (Fernando, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatário, seminarista, entrevistado em Janeiro de 2006).

Como a missão Canção Nova se realiza através de várias frentes de trabalho, nelas também acontece a autoridade e submissão. Cada setor de trabalho possui um chefe ou coordenador, que tem autoridade e responsabilidade neste setor sobre os que nele trabalham, os quais lhe prestam submissão e obediência “para que, no corpo único e ordenado, a parte da missão que lhe cabe, aí aconteça” (Comunidade Canção Nova, sd:31).

A relação de autoridade e submissão também é sentida na estrutura de ingresso do membro na Comunidade, trajetória de cada membro da Comunidade de Vida, do seu ingresso até a sua consagração definitiva. Todos aqueles que se sentem “chamados” por Deus a adotar a vida preconizada pela Canção Nova devem “fazer o caminho” vocacional. O “caminho vocacional” é ele próprio uma escalada: Trata-se de iniciar um período de, no mínimo, dois anos de acompanhamento, através de cartas e encontros pessoais com membros mais antigos da Comunidade de Vida, e participar de encontros grupais promovidos pela Canção Nova para todos os que estão fazendo caminho. Esse acompanhamento verificará a possibilidade de a pessoa ser legitimamente “Comunidade de Vida Canção Nova”. Padre Jonas Abib (2000) esclarece: “Apenas verificamos com muita responsabilidade se aqueles que vêm são realmente criados por Deus “Canção Nova” e por isso trazem em si o dom (Carisma) e missão (Abib, 2000, 105)”.

O princípio da autoridade e submissão, segundo os Canção Nova, não foi inventado pelos Canção Nova, nem buscado em livros, mas foi percebido por eles, porque irrompeu na vivência do cotidiano com o dom Canção Nova. Deus lhes teria dado esse princípio no dom Canção Nova para, “no esmeril diário dos relacionamentos” (Comunidade Canção Nova, 2002:51), os “burilar”, polir, aperfeiçoar, como a pedras preciosas, fazendo resplandecer neles a Sua face divina (Comunidade Canção Nova, 2002:51).

\*

**A angustiante aproximação-não-aproximativa:****A virtualidade dos contatos-não-contactantes****- continuação -**

Nesta tese, acompanhando Bateson na idéia de que o duplo-vínculo é um padrão epistemológico, ou seja, uma maneira de produzir conhecimento sobre o mundo, quero sugerir que a Comunidade de Vida Canção Nova, e as pessoas que falavam em nome dela, como Paulo e Marta, estruturavam suas relações comigo num padrão duplo-vinculante. Uma após outra situação, ela, ao mesmo tempo, mostrava e ocultava, aproximava e afastava, dizia e não dizia, estava presente e ausente, afirmava e negava. A simultaneidade dos opostos, formando paradoxos, conduziu-me, inclusive, a produzir palavras compostas para explicar o fenômeno que mostrava-não-se mostrando; não mostrava-mostrando-se; aproximava-não-se-aproximando; não se aproximava-aproximando-se; dizia-sem-dizer ou não dizia-dizendo; estava presente-ausente; afirmava-negando ou negava-afirmando. Os contatos eram não contactantes e a aproximação era não aproximada. Isso podia ser visto, em primeiro lugar, na incongruência entre mostrar os membros da Comunidade de Vida através mídia e nos Acampamentos de Oração e não falar nada ou pouco do convívio comunitário entre seus membros e não mostrar a “casa da Comunidade de Vida”; na incongruência entre discurso e imagem acolhedores, familiares e intimistas dos membros da Comunidade de Vida pela mídia e nos retiros de massa e a interposição de barreiras, grades, portões, funcionários-seguranças, câmeras para vigiar e impedir a entrada de pessoas que não fossem cançonovistas, funcionários ou convidados nos setores onde trabalham os membros da Canção Nova e na casa da Comunidade de Vida; na incongruência entre estar longe estando perto e estar perto estando longe. Em segundo lugar, nos paradoxos manifestos no curso da comunicação escrita, mediante e-mails e outros recursos

“internéticos”, em todo o período de tentativa com os Canção Nova. Quero recordar vários fragmentos de relação que manifestavam paradoxos da comunicação. As respostas de Marcela, da “pessoa anônima”, de Paulo, de Marta não respondiam as perguntas ou proposições que eu havia perguntado ou proposto, mas, respondiam o que eu não havia perguntado ou proposto, dando, contudo, a entender que eu tivesse perguntado ou proposto o que eles respondiam (era como se eu perguntasse A e eles respondessem B). A solicitação de explicações sobre mim e sobre a pesquisa, quando eu já havia explicado outras vezes anteriormente, deixava-me sem saber o que mais explicar se eu já havia explicado tudo o que tinha para explicar. Parecia que independente do que, da quantidade que e do método com que lhes explicasse, minhas explicações lhes seriam sempre insuficientes. Sempre faltariam. E, por outro lado, enquanto não houvesse esse entendimento, não haveria também a possibilidade do diálogo comigo. Formulando de outra forma, se eu não lhe explicasse, não haveria possibilidade de comunicação com ela, mas se eu lhes explicasse, estaria sempre lhes faltando explicações. Provavelmente enquanto eu tecesse explicações, manter-me-ia num ciclo vicioso de explicações-sem-entendimento ou de explicações-sempre-insuficientes. Era uma situação sem saída. Uma outra situação era o anonimato recorrente da “pessoa anônima” que, ao não se configurar como uma pessoa, me desqualificava como alguém com quem é relevante estabelecer relação pessoal. Também a falta e a demora de respostas aos meus e-mails por vários dos membros da Comunidade de Vida e outras pessoas que respondiam por ela, negavam a relevância da relação comigo. As saudações do tipo “seja-bem vinda”, “ficaremos felizes em ajudá-la” e as promessas de auxílio na pesquisa por Marta, conjugadas com suas faltas de respostas e o não cumprimento das promessas feitas negavam e afirmavam minha relação com ela pelo paradoxo.

Eu percebia que essa relação duplo-vinculante, que era agora sentida muito claramente, havia estado presente durante todo o processo de busca pela Comunidade de Vida Canção Nova, desde a visita de 1995. Ela acontecera no passado, acontecia no presente e era presumível que acontecesse nos próximos contextos de interação com os membros da Comunidade de Vida Canção Nova. Era “padrão” porque se repetia, situação após situação. Ainda não podia afirmar, mas, era muito provável que esse padrão de relação duplo-vinculante, assim como a “falta”, o segredo e a imaginação, não somente estruturasse a interação com sujeitos e instâncias “fora” da Canção Nova, mas também as próprias relações comunitárias entre membros da Comunidade de Vida.

Antes que rompesse o ano de 2006, decidi propor a Marta, uma data para visitar a Canção Nova durante um Acampamento de Oração:

06 de janeiro de 2006

Prezada Marta,

Escrevo-lhe para saber se recebeu o último e-mail que enviei, datado do dia 19/12, com meus dados pessoais e outras informações que me requereu.

Bem, estou indo à Cachoeira Paulista para o Acampamento de Cura e Libertação com o padre Léo no final do mês e pensei que poderia me apresentar e conversar com você pessoalmente. Como estou de férias, posso ficar na cidade por alguns dias e esperar sua disponibilidade. Ou mesmo conversar com alguém que possa me atender. O que acha?

Um abraço, Eliane

Ela manifestou, mais uma vez, o quanto seria bom me receber nesse evento, mas ressaltou que, se eu fosse a ele com a intenção de entrevistar os cançonovistas, certamente não conseguiria. Sugeri que eu deixasse para uma outra ocasião, durante a semana. Ela avisaria.

06 de janeiro de 2006

Olá Eliane, recebi seu e-mail sim... Muito obrigada.

Bem, será muito bom recebê-la. Durante o acampamento é legal você estar presente para sentir como acontece tudo por aqui, mas creio que para iniciarmos entrevistas e tal é melhor durante a semana....vou entrar em contato com os possíveis entrevistados para marcar....te dou um retorno o mais rápido possível...

Grande abraço, Marta

\*

**Sinais de cansaço****Diário de Campo - 31 de janeiro de 2006 – segunda-feira**

Nesta manhã, reli o último e-mail que Marta da Assessoria de imprensa me encaminhou em resposta ao meu, sobre ir à Canção Nova no Acampamento de Cura e Libertação de padre Léo, no dia 27-29/01/2006. Percebi sua abertura quando dizia que me sentisse bem-vinda, mas um fechamento quando dizia que talvez não desse pra agendar entrevistas para serem realizadas durante o retiro. Já vi que para conversar com os membros da Comunidade de Vida precisarei agendar. Não dá pra ser direto. Estive desanimada nesses últimos meses com a pesquisa. Hoje pensei que a visita é inevitável. Não sei se este pensamento é o que queria pensar. Acho que deveria ser mobilizada pelo encantamento, mas... Não tive ânimo de ir ao retiro de padre Léo para, novamente, não conseguir nada. Resolvi ligar para aquele telefone que vinha no e-mail de Marta. Consegui falar com ela pelo celular e desculpei-me de não ter ido ao Acampamento, mas que queria manter parte do combinado e ir à Canção Nova apenas para visitar. Eu disse a ela que não tinha problema se não desse pra fazer entrevistas ainda e que era mais pra me apresentar pessoalmente. Ela me perguntou quando eu iria e eu disse que iria no dia seguinte (terça-feira).

\*

2

**“Entrar para dentro”****Diário de campo – 01 de fevereiro de 2006 – terça-feira**

Acordei às cinco e meia da manhã para viajar no ônibus das 08:45 para Cachoeira Paulista. Arrumei uma peça de roupa para o caso de passar a noite lá. Queria estar preparada para a possibilidade de conseguir entrevistas naquele dia ou no dia seguinte. Estava ansiosa com a viagem. Não sabia o que encontraria e como me receberiam. Não

me senti bem na rodoviária antes de embarcar. Tive impressão de que ia desmaiar. Estava tensa. Quando cheguei em Resende, por volta das 11:40, liguei para Marta e confirmei que estava a caminho e que desembarcaria na Canção Nova por volta das 13:00. Ela me atendeu muito bem e disse que estaria a minha espera. Avisou-me que deixaria notificado em todas as portarias e guaritas sobre a minha chegada e que os funcionários-seguranças iriam me indicar onde era sua sala. Senti que havia ganhado uma “credencial” e isso me deixava mais apreensiva ainda: ultrapassaria as fronteiras de ferro e concreto que, há meses atrás e durante meses, haviam me banido, fisicamente e simbolicamente, da Canção Nova. Os portões, antes fechados, abrir-se-iam para minha entrada. Agora, eu alcançara uma permissão e passaria por eles. Era um ritual de passagem literal, além de simbólico, do “lado de fora” para o “lado de dentro” da Canção Nova.

Cheguei à Cachoeira Paulista. Peguei um táxi na rodoviária que me levou em direção ao prédio da Administração da Canção Nova. Perguntei à funcionária que fazia a segurança da portaria principal (a que eu acho que é a principal) onde poderia encontrar a Marta da Assessoria de Imprensa. Eu lhe adiantei que Marta havia avisado sobre minha chegada nas portarias e estava me esperando. A recepcionista conferiu se meu nome estava numa folha e me indicou o prédio ao lado da Administração. Perguntei, na primeira sala que achei, onde podia encontrar Marta. Indicaram-me um corredor apertadinho que daria numa porta de vidro e ali havia uma outra portaria com um recepcionista. Havia uma fila de funcionários recebendo tíquete refeição. O recepcionista, que os atendia, marcava num livro o recebimento do tíquete pelo funcionário. Perguntei ao recepcionista pela Marta da Assessoria de Imprensa e disse que ela me esperava. Então, ele me orientou para que eu entrasse na porta a frente.

A Assessoria de Imprensa é uma sessão jornalística, compartimentada em várias outras pequenas sessões, separadas por divisórias de vidro. Por toda parte, mesas e cadeiras em tons cinza e preto, computadores, esculturas de santos, anjos, Jesus e Nossa Senhora em cima das mesas, quadros com as mesmas pessoas sagradas na parede branca nas laterais e ao fundo. Bastões de lâmpadas fluorescentes iluminam todo o salão. Em cada sessão, uma televisão, presa na parede por um suporte, fica à vista de todos e reproduz permanentemente uma programação, ao vivo, da TV Canção Nova. Perguntei a um rapaz que passava onde podia encontrar a Marta e ele me indicou uma moça jovem sentada numa mesa daquelas. Então, fui em sua direção, nos cumprimentamos e ela foi logo me perguntando se eu já conhecia a Canção Nova. Contei-lhe, então, minha história pessoal com o catolicismo e minha longa história de estudo da Canção Nova.

Marta me explicou que não era membro da Comunidade de Vida, mas que Beth - sua chefe - era e estava, naquele momento em viagem para outro estado do país. Segundo Marta, Beth havia gostado da iniciativa de alguém pesquisar academicamente a Canção Nova. Disse que é uma preocupação da Assessoria de Imprensa a divulgação da comunidade, mas que muitos jornalistas deturpam as informações que lhes são concedidas. Percebi que Marta e Beth viam minha tese como uma forma de divulgar positivamente a Canção Nova. Por isso, expliquei a ela que a proposta de estudá-la não tinha motivação religiosa, mas sim científica. Meu estudo observaria a Comunidade Canção Nova através de uma perspectiva antropológica e sociológica e expliquei-lhe o que isso significava: antropologia e a sociologia refletem, analisam, procuram a explicação e a compreensão de todos e quaisquer dos variados fenômenos sociais, grupos e culturas, identificando suas regras, suas escolhas, suas concepções, suas crenças, suas continuidades e discontinuidades, suas maneiras de interpretar a vida e o mundo.

Marta me disse que estava entendendo exatamente o que eu estava dizendo e afirmou que a Comunidade de Vida se interessava por estudos como o meu. Por isso, confidenciou-me que tentaria conseguir algo que, desde a fundação da Canção Nova, há 25 anos, ninguém nunca alcançara: introduzir-me na casa onde moram os comunitários de vida para conviver uma temporada com eles. Mas, a fim de advertir-me da dificuldade dessa conquista, afirmou que “eles” eram muito “fechados”. Precisava, devagar, com jeitinho, convencê-los disso. Segundo ela, a “grande imprensa” e o jornalismo inescrupuloso costumavam difundir notícias mal intencionadas sobre o preceito da “sadia convivência” seguido pela Comunidade de Vida - o fato de homens e mulheres solteiros habitarem juntos no interior da mesma casa na Comunidade. A evitação dessas situações desagradáveis justificaria, para ela, a atitude de “fechamento”, de seleção de jornalistas e pesquisadores. Contou-me, então, que a Comunidade Canção Nova sediaria o próximo Encontro Internacional da Fraternidade das Novas Comunidades que em anos passados aconteceu em Portugal e na Itália. Explicou-me que se trata de um “encontro fechado”, restrito a um grupo seletivo, mas que tentaria me inscrever. Considerava importante que eu, como pesquisadora, soubesse o que acontece em “encontros fechados” e, por isso, se não acertasse minha inscrição no Encontro das Novas Comunidades, procuraria em algum outro encontro. Também, cogitou como nomes prováveis para as entrevistas da minha pesquisa os membros fundadores da Canção Nova, mas antecipou-me que, provavelmente, eles requereriam uma declaração institucional da Universidade sobre mim e minha pesquisa para conceder-me informações. Ressaltei a ela que nem almejava entrevistar os “grandes nomes” da Canção Nova, que me contentava com comunitários de vida comuns. Mas ela insistiu, dizendo que, com os membros “comuns”, era fácil, só chegar e conversar. Mas que, provavelmente, quando fosse entrevistar as pessoas do núcleo da Comunidade, iriam

querer uma declaração que provasse meu vínculo institucional com o CPDA/UFRJ. Eu prometi que providenciaria a declaração. Mostrei a ela a declaração de matrícula que tinha comigo. Ela viu e devolveu. Pediu que depois eu encaminhasse por e-mail a declaração do orientador sobre mim e a pesquisa. Prometi a ela que logo chegasse em casa, pediria a John<sup>74</sup> que mandasse a ela a declaração solicitada.

Marta me deu livros: um, escrito pelo administrador da Canção Nova - Eto - chamado “Administrar a própria vida” (2004) e outro, um tipo de “Book” com capa dura, com fotos dos fundadores e das construções da Comunidade. Perguntou-me sobre quais documentos institucionais da Canção Nova que eu queria ter acesso e eu lhe respondi que queria ler o Estatuto, algum documento onde a Canção Nova respalda a iniciativa comunitária.

Começou, então, a explicar como era a comunidade. Tocou o telefone e alguém solicitou sua presença em outro setor. Ela disse que “estava “atendendo”. “Estar atendendo” parece um termo usado para dizer que se está ocupado. Mas também acho que pra enfatizar que não é qualquer ocupação, mas um atendimento pessoal, importante. Mas houve insistência da outra parte. Então ela me explicou que precisava se ausentar por alguns minutos. Fiquei sentada em outra mesa, folheando os livros que me dera. Quando voltou, conversou baixo com uma moça que estava sentada numa outra mesa. Após trocarem algumas palavras, apresentou-me a moça – Denise - e disse que ela, a partir de então, ajudar-me-ia apresentando a Canção Nova e a algumas pessoas. Agradei à Marta a ajuda e me despedi dela.

Supus que a condição de funcionária concedeu à Marta uma significativa independência, distanciamento e uma ascendência sobre a Comunidade de Vida Canção Nova. Isso é claramente visto quando ela se refere aos comunitários de vida por “eles”,

---

<sup>74</sup> Trata-se do antropólogo e professor Dr. John Comerford, CPDA/UFRJ.

demarcando alteridade, ou quando fala a respeito de questões “secretas” e íntimas da Comunidade e intenciona intervir sobre elas para me ajudar na pesquisa. O segredo dá poder a quem o detém, refletiu Simmel (1939). A consciência de que o segredo pode ser quebrado provoca uma enorme sedução pela revelação em seu portador, que detém o poder da surpresa e de alterar o destino das coisas (Simmel, 1939:382). Mas, é importante sublinhar que Marta manifestava uma reverência notória à Comunidade Canção Nova e, de uma forma geral, parecia acreditar no caminho religioso defendido e praticado por essa. Marta, entretanto, jamais arranhando seu respeito àquela, revelou-me informações importantes acerca da Comunidade de Vida, por exemplo, o fato daquela nunca ter permitido o acesso de seu convívio comunitário ou a participação em certas reuniões e encontros a outros que não fossem os próprios membros consagrados à Comunidade ou afins, confirmando, assim, a atitude de “fechamento” da Comunidade, ainda que a explicação para isso fosse a defesa da própria Comunidade. Em síntese, Marta me segredou que, diante do resguardo da Canção Nova em não se revelar a qualquer um, ela desejava romper a barreira dessa ocultação, sendo a responsável por minha inserção no interior da Comunidade de Vida e dos “encontros fechados”.

\*

**1**

### **Trabalho santificado**

O trabalho missionário de salvação do mundo feito pelos Canção Nova seria entendido como uma experiência espiritual. O trabalho é santificado. Não é uma ação humana pra fazer dinheiro nem estabelecer uma relação de exploração, mas é veículo do desígnio de Deus. “Espiritualidade não é outra coisa que o nosso relacionamento com Deus” (Comunidade Canção Nova, 2002: 194). “Na Canção Nova, somos todos operários de Deus, nossa relação é de trabalho. Trabalhamos para Deus, trabalhamos

numa obra concreta de Deus: a Canção Nova” (Comunidade Canção Nova, 2002:192)”. Eles trabalhariam numa empresa cujo proprietário era Deus: “Nossa relação com Deus é uma relação entre operário e patrão” (Comunidade Canção Nova, 2002:192). “Deus conta conosco, precisa do nosso trabalho suado, para que esses objetivos sejam atingidos, para que esse agir se realize e a missão aconteça” (Comunidade Canção Nova, 2002:192). Os Canção Nova entrariam com a mão-de-obra e Deus garantiria a gestão, os profissionais, a infra-estruturas e todo e qualquer recurso material para que os Canção Nova executassem a Sua Obra. Deus seria o seu patrão e eles os Seus operários, a mão-de-obra de uma Obra divina.

Não resta dúvida de que somos filhos escolhidos e amados. (...) Somos amados sim, e por isso o Pai confiou em nós, colocou em nossas mãos toda uma empresa para evangelizar pela mídia. É grande a confiança, Deus tem investido alto e tem entregado tudo isso em nossas mãos. O sucesso ou o fracasso da empresa depende de nós, da nossa responsabilidade do nosso trabalho (Comunidade Canção Nova, 2002:193).

Nessa missão, cada um tem seu lugar específico e seu trabalho próprio. Deus, quando fez os Canção Nova, pensou na tarefa que cada um especificamente executaria para realizar a obra Canção Nova. “É no desempenho da tarefa de cada um que a missão para a qual o pai destinou a Canção Nova vai-se realizando. Desenvolver cada um a tarefa que lhe é própria é, portanto, essencial na realização da missão; sem isso a missão não acontece” (Comunidade Canção Nova, 2002:175). A missão acontece se cada Canção Nova ocupar, no aqui e no agora, o seu lugar e realizar o trabalho a que foi destinado por Deus. Mas como se sabe a tarefa que Deus destinou a cada um? A pessoa vai descobrindo com o passar do tempo: “O agir específico de cada um se evidencia e a pessoa o vai descobrindo e assumindo pouco a pouco” (Comunidade Canção Nova, 2002:175). Há aqueles que já encontraram o seu “agir específico” e o seu campo de ação. Os que ainda não sabem qual é o seu “agir específico” precisam assumir e realizar o que já descobriram do dom que está em si hoje e não ficar esperando esse se realizar

para agir, pois a obra de Deus, vinda através da missão, depende da sua ação. O próprio trabalho os conduzirá para a descoberta do seu “agir específico”:

O próprio empenho profissional os levará a ocupar os lugares que lhes cabem e a exercer os trabalhos que lhes são próprios. É no trabalho que irão testar as próprias capacidades e experienciar as próprias tendências, e assim encontrar a direção do seu agir, até alcançar o seu agir específico e o seu campo de ação (Comunidade Canção Nova, 2002:184).

Padre Jonas, por exemplo, pouco a pouco, foi compreendendo e assumindo que seu “agir específico” era ser um “comunicador” de Deus, um profeta. Ser “comunicador” ou profeta de Deus significava que ele transmitiria Deus, seria um canal de comunicação entre Deus e o mundo, seria o porta-voz de Deus e faria da comunicação pelos meios de comunicação social a sua profissão: “Estou aprendendo a ser comunicador, isto é, ser canal. Ser como uma mangueira, muito em Deus, inserido em Deus, cheio de Deus, para canalizá-lo para muitos outros” (Comunidade Canção Nova, 2002:74). Tal como acontecia no “interior” de cada Canção Nova, a obra Canção Nova como totalidade também possuía um “agir específico”. Padre Jonas Abib e os Canção Nova iam descobrindo pelos acontecimentos diários que seu “trabalho específico” estava ligado, sobretudo, aos meios de comunicação:

Quando a comunidade iniciante se perguntava “Qual nosso trabalho específico?” Deus respondia concretamente dando-nos os “instrumentos”: um gravador de rolo, um duplicador de cassetes, uma aparelhagem de som e nos encaminhava para realizarmos programas de rádio. Entendemos a respostas. Ela foi concreta. Deus nos queria usando os meios de comunicação para evangelizar (Comunidade Canção Nova, 2002:177).

A Canção Nova, além de ser uma Comunidade de Vida, é uma Comunidade de Trabalho, uma Comunidade de Pesca, uma Comunidade de missão. A Comunidade de Trabalho e todos os que nela estão também foram criados e reunidos por Deus especialmente para a comporem. Como acontece com a Comunidade de Vida, há aqueles que não chegaram ainda à comunidade de trabalho da Canção Nova, mas, no

tempo certo, chegarão. “Não escolhemos as pessoas ao lado de quem trabalhamos. Foi Deus quem as trouxe e as colocou ao nosso lado” (Comunidade Canção Nova, 2002:190). Os que não permanecem na Comunidade de Trabalho revelarão, com sua saída, que não foram trazidos por Deus: “A experiência nos mostra que aqueles que não foram trazidos por Deus, não permanecem. Os que permanecem é porque têm alguma ligação muito íntima conosco” (Comunidade Canção Nova, 2002:190). Padre Jonas e os Canção Nova perceberam que a qualidade das pessoas que conformavam a Comunidade de Trabalho Canção Nova refletia a ação espiritual de Deus para a realização da obra Canção Nova. Na Comunidade de Trabalho, havia aqueles que eram Canção Nova e ainda não haviam se descoberto. Deus os traria para que, trabalhando na missão, o dom aflorasse, eles se descobrissem e se encaminhassem para se reunir ao resto dos Canção Nova. Havia também aqueles que não eram Canção Nova, mas comungariam com o ideal de vida Canção Nova e, por causa disso, quereriam trabalhar na missão Canção Nova. Havia aqueles que, eram trazidos por Deus, mas somente para executar trabalhos que os Canção Nova não podiam executar.

Somos uma comunidade de missão, somos uma comunidade de pesca, na qual todos os trabalhos convergem para um mesmo objetivo: realizar a evangelização integral por meio da mídia (meios de comunicação de massa). Uma tarefa complexa e desafiante. Uma verdadeira aventura que só se pode realizar em equipe. Uma equipe muito bem estruturada e coesa (Comunidade Canção Nova, 2002:190).

\*

### **Deus é meu patrão**

“Dentro da Canção Nova, nosso fundador traz a realidade do trabalho santificado. Ou seja, eu moro em comunidade, eu trabalho numa obra de Deus, eu trabalho para Deus. Deus é meu patrão. O chefe do meu setor, o presidente da Fundação, padre Jonas, também trabalham pra Deus. No topo da pirâmide quem está é Deus. Se eu trabalho pra Deus, desenvolvendo atividades que vão favorecer a evangelização, o resgate de pessoas, meu trabalho ele já se traduz em oração. Se eu posso durante este trabalho intercalar com um momento de oração, isso é excelente. Mas a atividade que eu já estou

desenvolvendo é uma atividade oracional. Embora não esteja necessariamente parando pra rezar, eu estou rezando ao ritmo do meu trabalho, que é um trabalho que está voltado para Deus. É por isso que na Canção Nova se trabalha muito” (Francisco, 32 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, casado, Aconselhamento espiritual, entrevistado em janeiro de 2006).

\*

2

### **Encontros e desencontros com a “Comunidade de Vida”**

Denise também não era cançonovista, mas, através dela, outros universos da Canção Nova se abriram diante de mim, tanto do ponto-de-vista de estruturas físicas, para onde ela ia me conduzindo, quanto do ponto-de-vista da relação com os membros da Comunidade de Vida, a quem ela ia me apresentando. Para encontrarmos com os cançonovistas, ela não me levou até a casa da Comunidade de Vida, mas em diversas salas e escritórios dentro daqueles prédios guardados por funcionários-seguranças, guaritas e portões da Canção Nova, e também em outros departamentos de trabalho que são localizados também na Chácara de Santa Cruz, mas em pontos menos notáveis à primeira vista do público em geral. Esses setores pouco manifestos possuem balcões de recepção com um ou dois atendentes. Eles fazem a triagem de quem entra e de quem sai, mas não dispõem de recursos policiais como aqueles dois prédios que conheci na primeira ida à Canção Nova em 2005. Soube, então, por Denise que nesses dois prédios ficavam a Administração e o setor de Eventos da Fundação João Paulo II. Ela me explicou que os cançonovistas – a quem chamava de “a Comunidade de Vida” – trabalhavam na missão Canção Nova, que administra e opera o Sistema Canção Nova de Comunicação, e outros setores da Fundação João Paulo II como o Instituto Canção Nova (escola de ensino fundamental e médio) e o Posto Médico. O Sistema Canção Nova de Comunicação é chamado o complexo de telecomunicações formado pela Rádio Canção Nova, pela TV Canção Nova e pela Internet.

Denise me conduziu, durante o expediente de trabalho dos cançonovistas, a escritórios, departamentos e prédios como Recursos Humanos, Administração, Eventos, Casa 09 (Aconselhamento espiritual), Associação Pública de Fiéis, Instituto Canção Nova, Rádio Canção Nova, Casa de Maria, TV Canção Nova e Posto Médico. Em cada um desses setores, ela rapidamente me apresentava a membros da Comunidade de Vida, dizendo que eu era alguém que estava estudando a Canção Nova e queria conversar com “a Comunidade de Vida”. Em seguida, pausava e dava espaço para que eu me apresentasse. Os membros da Comunidade de Vida, sempre com sorriso no rosto, geralmente me saudavam com um “Seja bem-vinda” e “Deus abençoe seu trabalho”, mas, normalmente, imediatamente diziam, desculpando-se, que não podiam conversar comigo naquela hora porque estavam muito ocupados. Não pude deixar de me lembrar do coelho da história de Alice<sup>75</sup> que estava sempre atrasado. Como não sabia que os membros da Comunidade Canção Nova trabalhavam durante o dia numa espécie de empresa com expediente de oito horas diárias e imaginara que conversaria com eles no ambiente da “casa da Comunidade de Vida” precisei me adaptar a esse ritmo. Nas primeiras vezes, tentei explicar a cada um, com detalhes, quem eu era, de que instituição eu vinha e o que queria pesquisar. Mas, depois, diante de algumas manifestações de pressa e impaciência da parte deles – os quais apesar da pressa e da impaciência, sempre sustentavam o sorriso no rosto -, percebi que não podia me demorar muito na apresentação e passei a marcar logo uma hora para reencontrá-los e, então, proceder às conversas com um pouco mais de tempo e calma. Normalmente, marcava na semana seguinte da que eu os abordara, porque quase todos já tinham compromissos agendados para as próximas horas e dias. A maioria apenas agendava a entrevista e se despedia de mim. Decerto, o intermédio de Denise e a chancela da Assessoria de Imprensa eram o

---

<sup>75</sup> Refiro-me à história infantil “Alice no país das maravilhas” (2006). Nessa história, um dos personagens é um coelho que passa por Alice, dizendo sempre que está atrasado.

suficiente para que os cançonovistas me aceitassem, nesse momento, como uma espécie de categoria intermediária entre “amigo-conosco” e “estranho”. Eu não era absolutamente “estranha” porque eu havia conseguido me introduzir nos setores internos da Canção Nova e contatar pessoalmente os membros da Comunidade de Vida através de Denise em nome da Assessoria de Imprensa. Mas eu também não era exatamente um “amigo-conosco”, porque ter conseguido estar perto fisicamente dos comunitários cançonovistas não me fazia ser alguém que compartilhava do seu repertório de crenças, critério necessário para que me definissem como “amigo”.

Durante duas semanas, eu ia construindo uma tabela com nome, dia, horário e setor dos cançonovistas com quem havia marcado entrevistas. Havia cerca de dez entrevistas marcadas para as próximas semanas. Eu estava muito admirada e animada com a mudança radical do relacionamento entre eu e os membros da Comunidade de Vida Canção Nova, depois do encontro com Marta na Assessoria de Imprensa. Em pouco tempo, já havia me encontrado pessoalmente, ainda que rapidamente, com alguns deles, explicado sobre mim e minha pesquisa e agendado entrevistas. Não estava acreditando como que, há duas semanas atrás, estava tão absolutamente longe da Comunidade de Vida Canção Nova e agora estava entre seus membros, do lado de “dentro” daqueles portões e prédios.

Mas, nada me animara mais do que quando, depois de me apresentar a vários cançonovistas nos escritórios e departamentos, Denise me levou para conhecer, “por fora”, a casa da Comunidade de Vida. Ter-me levado, de pronto, para conhecer “por fora” a moradia dos membros da Comunidade de Vida me animara porque deduzi que logo eu a conheceria “por dentro” e, quem sabe, nela conviveria um período com seus membros quando não estivessem trabalhando na missão Canção Nova. A casa da Comunidade de Vida Canção Nova ficava atrás do Novo Rincão e tinha duas entradas:

uma, por cima do Novo Rincão, que é entrada de pedestres, e outra, por fora da Chácara de Santa Cruz, que é entrada de veículos. Denise escolheu a entrada por fora da Chácara de Santa Cruz. Saímos da Chácara de Santa Cruz pela sua entrada que dá acesso a veículos, onde havia também portões com guaritas e funcionários-segurança liberando ou impedindo a passagem de veículos para a Chácara. Descemos por uma rua, ainda sem asfalto, que fica atrás da Chácara e, após andarmos alguns minutos, chegamos à frente de outro portão com guarita. Denise se identificou e disse aos seguranças que iria mostrar-me “de longe” a “casa da Comunidade de Vida”. Então subimos alguns metros de uma rampa para veículos, quando Denise parou e apontou para um terreno que ficava acima e ao lado direito de onde estávamos. Ali havia um conjunto de alguns blocos de prédios com poucos andares de apartamentos e uma casa maior. Ela explicou que ali era a “casa da Comunidade de Vida”. A “casa da Comunidade de Vida” era um condomínio de apartamentos. Nos apartamentos, moravam os membros da Comunidade de Vida e na casa maior, os pré-discípulos. Moças e rapazes solteiros, consagrados da Comunidade de Vida, viviam no mesmo prédio, mas em apartamentos separados; os casados viviam sozinhos em apartamentos ou dividiam o mesmo apartamento com alguma moça ou rapaz solteiros. Já os pré-discípulos, moças e rapazes, viviam juntos na mesma casa por um ano e depois eram encaminhados para a casa de Queluz e Lavrinhas para o discipulado.

Eu estava exultante com o desenrolar das situações: ultrapassar barreiras físicas, falar diretamente com os cançonovistas e ver “por fora” a casa da Comunidade de Vida, para quem, há meses, estive tão absolutamente longe do contato direto com a Canção Nova e pensara que precisaria desistir do projeto de pesquisa proposto, era muito auspicioso. É certo que ainda não havia conseguido conversar propriamente com ninguém da Comunidade de Vida, nem conhecer a vida comunitária no âmbito da

Comunidade de Vida. Mas tudo indicava que isso estava bem perto de acontecer. Para aproveitar a “boa maré” e não perder nenhuma oportunidade dali em diante, resolvi manter um ritmo de viagens semanais para a sede da Canção Nova em Cachoeira Paulista, a fim de realizar as entrevistas e estreitar os laços com a Comunidade de Vida. Eu viajaria sempre no começo da semana, hospedar-me-ia na Pousada Sérgio Abib – a pousada da Canção Nova que fica na Chácara de Santa Cruz - e permaneceria na Canção Nova por três ou quatro dias. Assim faria durante quatro meses - de fevereiro de 2006 a junho de 2006, quando interromperia a pesquisa para preparar um material com os novos dados coletados para o exame de qualificação da tese que aconteceria no final do semestre.

Entretanto, novamente, as coisas não se desdobraram da maneira como eu imaginara, sobretudo, por três motivos: primeiro, as entrevistas marcadas com os membros da Comunidade de Vida Canção Nova, por diversas vezes, não aconteceram; segundo, quando aconteceram, ficaram estritamente circunscritas a um curto tempo que me era disponibilizado durante seu expediente de trabalho missionário, em geral, de meia a uma hora; terceiro, a promessa de Marta de me levar para conhecer e conviver com os comunitários dentro da Comunidade de Vida não se realizara e, por isso, meu trabalho antropológico se restringira a experimentar a dinâmica e a agitação de trabalho dos membros da Comunidade de Vida e de outros funcionários contratados pela Canção Nova no ambiente de escritório da Fundação João Paulo II e “fazer entrevistas” em meio a esse contexto sempre tumultuado de repartição de empresa, com telefones tocando e pessoas circulando. Vejamos mais detidamente como foi isso. Começarei narrando sobre o caso das entrevistas realizadas, quando contarei alguns episódios etnográficos desse contexto e traçarei um panorama do conteúdo que as entrevistas

abordaram, e a seguir explicarei o caso da restrição do contexto das entrevistas, para chegarmos ao caso das entrevistas não realizadas.

\*

**1**

### **A Providência Divina**

Deus fizera os Canção Nova para que fossem Suas propriedades particulares, pessoas consagradas, escolhidas, destinadas por Ele apenas para servi-Lo na missão de “formar homens novos para um mundo novo”. Conformer-se-iam como receptores vazios, veículos, instrumentos da graça de Deus entre os homens e para os homens. Ser vazio significava que nem a si mesmos, ou, principalmente a si mesmos, não se pertenceriam. Ser vazio significava recusar a ser proprietário de bens materiais, embora isso não implicasse deixar de usar bens materiais. Eles usariam sua vida e bens materiais, mas recusá-los-iam como suas propriedades. O uso de si mesmo e o uso de bens materiais, se fossem para satisfazer a sua vontade humana, denotariam escravidão à matéria e ao pecado, mas se fosse a serviço de Deus, significaria entrega à “espiritualidade”, à liberdade e à salvação (Comunidade Canção Nova, 2002). A condição dos Canção Nova como propriedades de Deus significava que esses foram feitos para serem exclusivos de Deus e para portar o dom Canção Nova, mas não porque não fossem pecadores. Eles lutavam contra a tendência da satisfação da vontade pessoal em detrimento da vontade de Deus que, segundo eles, estava dada no pecado original. O apego à vontade e à independência do indivíduo, ao controle da vida, à dependência da matéria era uma herança do pecado original que necessitava do empenho dos homens para sua superação progressiva.

Não se pertencer a si próprio requeria o abandono de desejos, planos futuros, relacionamentos, profissão, estudo. Era preciso desacreditar dos valores que os sistemas sociais em geral, sobretudo os modernos, dão aos bens materiais e ao homem. Esses são,

pelos Canção Nova, chamados de “sistema do mundo<sup>76</sup>”. O sistema do mundo é firmado no individualismo, no hedonismo, no egoísmo, na ganância, na mentira, na falsidade, na corrupção. Nele, o demônio, que é “príncipe deste mundo”, promove a infidelidade, o adultério, a prostituição, a “sexualidade livre” (Abib, 2000b:20). “Jesus chama o demônio de ‘príncipe deste mundo’. E o que é um príncipe? É alguém que governa, que tem um território sob seu domínio. O demônio não é o rei, mas é príncipe. Jesus nunca o chamaria assim se ele não fosse de fato” (Abib, 2003:26). É um sistema individualista baseado no egoísmo, na ambição. O sistema do mundo é a favor da pena de morte, da eutanásia, do sexo antes do casamento, do casamento entre homossexuais e do aborto (Abib, 2000b:44). É responsável pela miséria, pelo desemprego e pela crise financeira dos países (Abib, 2000b:11; 33). O sistema do mundo afirma que a segurança dos homens é promovida pela economia, pelo bem-estar social, pelo acúmulo de dinheiro e pela independência das pessoas: “Ele quer que cada um seja feliz por si e o outro que ‘se arrebente’; que o marido seja feliz, e para que ele seja feliz, precisa ter uma esposa em casa, a mãe de seus filhos, sua cozinheira, arrumadeira e, também ter amantes, viver de aventuras...” (Abib, 2000b:20). O sistema do mundo leva os homens a servirem “ao dinheiro, ao poder e ao instinto de viver a concupiscência dos olhos” (Abib, 2000b: 34). Estimula o possuir, o poder, o prazer e o parecer. O possuir é ter coisas e produz uma sede insaciável de poder. Por sua vez, esse leva a busca pelo prazer. “O tentador nos derruba no prazer da sexualidade. Nesse campo ele tem liberdade e age muito bem; sabe como tramar. E porque ele age assim? Para optarmos pelo seu sistema” (Abib, 2000b:35). No sistema do mundo, os homens agem em nome da vontade pessoal. O demônio, que é dono do sistema do mundo, teria conseguido contaminar os homens com a idéia de que a felicidade é a realização da vontade pessoal (Abib, 2000b:55). O

---

<sup>76</sup> É possível encontrarmos semelhanças entre a idéia de “Sistema do mundo” da Canção Nova e “mundo dos homens” de Santo Agostinho (1990), em A Cidade de Deus.

sistema do mundo ilude os homens de que eles são independentes, ao mesmo tempo em que os faz dependentes dos seus valores (Abib, 2000b: 25).

A Canção Nova pertence ao “sistema de Deus” e existe para viver sob a total dependência de Deus e, realizando somente a vontade divina, ensinar aos homens a também somente realizá-la. O “sistema de Deus” é sinônimo de Reino de Deus. Para nele viver, é preciso estar livre de si mesmo e das coisas que o sistema do mundo oferece. “O Senhor nos diz que o Reino dele é para os que têm no coração a coragem de se jogar nos braços do Pai, esperar e depender em tudo dele. Viver da Providência” (Abib, 2000b:24). No “sistema de Deus”, os homens retomam a dependência do seu criador. A abnegação de si mesmo, para aquele que carrega verdadeiramente o dom Canção Nova, não seria percebida como privação da liberdade individual, porque a realização da vontade de Deus é concebida como a realização de sua própria vontade ou da sua verdadeira vontade. A princípio, o Canção Nova não sabe que a vontade de Deus é a sua verdadeira vontade individual, porque ela habita nas profundezas de sua alma onde está oculto o dom Canção Nova. Com o tempo, ele vai descobrindo que convivem nela duas vontades: uma vontade da carne - humana, passageira, pecadora, egoísta - e uma vontade do espírito - divina eterna, santa. Uma vontade ilusória e uma vontade verdadeira.

Se estivessem mergulhados no fluxo eterno e presente da Providência Divina, onde jorra a vontade de Deus, não precisariam se preocupar com a subsistência de suas vidas, ou com a manutenção da missão de evangelização do mundo a que Deus os destinara, ou, ainda, com os rumos que tomaria a Canção Nova. Enquanto estivessem a serviço de Deus, nada lhes faltaria. “Então, se Deus está no controle de tudo, se Deus cuida de tudo, se Deus rege tudo, tudo está sob o governo e sob o domínio de Deus, no seu poder, na sua majestade, na sua glória” (Clarinha, 26 anos, membro da Comunidade

de Vida Canção Nova, celibatária, almojarifado, entrevistada em fevereiro de 2006). A missão dada por Deus dependeria do trabalho dos homens, mas nada do que os homens produzissem nesse trabalho seria seu. Era dado por Deus para ficar a sua disposição, enquanto fosse necessário. Objetos pessoais, peça de vestuário, livros, móveis, instrumentos, aparelhos e outros utensílios que lhes estariam, simplesmente, sob os seus cuidados, sem que fossem suas propriedades.

Como nada possuir se temos e precisamos de roupa, calçado, objetos pessoais, livros móveis, instrumentos, aparelhos e até carros? Veja bem, ninguém possuirá nada. Ninguém será dono de nada. Ninguém será proprietário. Se somos do Senhor e trabalhamos para o Senhor, Ele nos dá o necessário para o nosso uso (Comunidade Canção Nova, 2002: 125).

Deus deixara nas mãos dos membros da Canção Nova para que o administrassem, para que o empregassem a serviço da missão que Ele os destinara e não para que eles aproveitassem em próprio bel-prazer (Comunidade Canção Nova, 2002:12). Eles usariam esses bens, mas renunciam a agir como seus proprietários. “Cuidamos bem deles porque nos são necessários e por isso estão para o nosso uso. Mas abrimos mão de sua propriedade. Não somos o dono deles, somos apenas o usuário” (Comunidade Canção Nova, sd: 33).

\*

### **O “caixinha”**

A partir do ingresso na Comunidade de Vida, os Canção Nova devem depositar todo o dinheiro que tenham ou que ganhem numa caixa comum existente em cada “casa” (apartamento, casa, local de moradia) na “casa da Comunidade” (algum núcleo da Comunidade Canção Nova no Brasil ou no mundo), sem nada guardar para si. Os Canção Nova não receberão individualmente um salário, mas cada casa comunitária recebe uma quantia em dinheiro equivalente ao que cada membro que ali mora receberia como salário. Uma pessoa, designada por “caixinha”, é eleita, dentre os membros da casa, para administrar o dinheiro depositado nessa caixa comum. A subsistência diária da Comunidade de Vida e de cada membro é provida pelo dinheiro ajuntado nessa caixa. Ao final de cada mês, do saldo é retirado o dízimo para ser ofertado na missa,

“para permanecermos na bênção [de Deus]” (Comunidade Canção Nova, sd:33) e o restante é repartido a todos igualmente para atender as pequenas necessidades pessoais. Os Canção Nova não recebem salário pelo trabalho que realizam. Tudo o que recebem depois da entrada na Comunidade de Vida, não é mais sua propriedade particular, mas patrimônio ou propriedade da Comunidade. Se, por exemplo, alguém recebesse uma quantia em dinheiro da família ou um carro, ao recebê-los não seriam mais seus individualmente, mas da comunidade como um todo. Por outro lado, se um membro abandonasse para sempre a Comunidade de Vida, por qualquer motivo, não poderia esperar nada em troca pelo período de sua estada na Canção Nova. Ele recuperaria o pleno direito sobre seus bens, embora não pudesse exigir indenização ou reivindicar a autoria ou o fruto pelo que produzisse durante sua permanência na comunidade (Comunidade Canção Nova, sd:33)

\*

### **O Estatuto da Canção Nova dispõe sobre a posse de bens**

O estatuto da Comunidade Canção Nova dispõe que qualquer bem material que está sob os cuidados dos Canção Nova - roupas, calçados, objetos pessoais, instrumentos musicais, aparelhos, móveis, livros, carros - por não ser seu, estarão sob o controle do Conselho da Canção Nova, quem julgará e terá autoridade de “decisão sobre a maneira de se usar isso ou aquilo, para prestar o melhor serviço ora à pessoa, ora ao seu trabalho, ora à sua família, ora a toda a comunidade” (Comunidade Canção Nova, sd: 33). A função do Conselho Geral, neste caso, segundo os Canção Nova, é evitar que interesses pessoais e conflitos surjam pela cobiça da posse de bens materiais. Além da arbitragem do Conselho Geral, os Canção Nova são orientados a fazer uma cuidadosa revisão sobre tudo que possui e avaliar as coisas que cuida são ainda necessários. Caso não fossem ou deixassem de ser, seria preciso repassá-los, dar a outros que dele precisam realmente. Se realmente necessitamos, o Senhor dá para o nosso uso. Não é nosso. Mas está para o nosso uso enquanto seja necessário. A partir daí, não deverá ficar mais conosco. Estou retendo indevidamente. Não é meu e já não está mais em uso. Devo repassar. (Comunidade Canção Nova, 2002:125-126)

\*

## As entrevistas

As entrevistas aconteceram durante o expediente de trabalho dos comunitários cançonovistas na Fundação João Paulo II, dentro de suas salas de escritório. Eu chegava no horário combinado e, geralmente, esperava um tempo - que variava entre vinte a quarenta minutos - para ser atendida, porque a pessoa estava ocupada com algum trabalho ou atendendo alguma outra pessoa, ou simplesmente não estava em sua sala. Após um tempo de espera, a pessoa me chamava para entrar na sala em que trabalhava e me oferecia a cadeira na frente da sua mesa de trabalho para sentar-me, que normalmente tinha um computador, telefones e material de escritório. Ficávamos frente-a-frente. Era comum também a presença de outros funcionários em mesas laterais, que continuavam trabalhando no mesmo local, enquanto eu fazia a entrevista. No que se refere ao local onde as entrevistas foram feitas, as exceções foram as entrevistas com os seminaristas Ricardo, Fernando e Edgar, realizadas na sala onde assistiam aulas para sua formação filosófica ao sacerdócio, numa área do Instituto Canção Nova reservada para isso, e com Alfredo, realizada num dos bancos da Chácara de Santa Cruz. Da sala da Filosofia no Instituto Canção Nova, ouvia-se a algazarra de crianças brincando no pátio do Instituto Canção Nova (escola) durante seu recreio, coincidido com a hora em que eles podiam receber-me para que os entrevistasse. Nenhuma entrevista foi realizada dentro da casa da Comunidade de Vida e somente uma – a entrevista com Alfredo – fora realizada antes ou depois do expediente de trabalho cançonovista.

Eu me sentia sempre tensa e apreensiva em todos lugares e com todos que conhecia na Canção Nova porque, em primeiro lugar, pensava que precisava aproveitar bastante o tempo que eu teria com eles, já que talvez não tivesse mais a chance para esclarecer dúvidas sobre seu depoimento noutra ocasião; em segundo lugar, porque

esperava que, a qualquer momento, alguém me argüísse a propósito das análises da minha dissertação, e temia que, ao contar-lhes, isso prejudicasse a pesquisa. A experiência que tive com Paulo não animava minha franqueza de dizer prontamente sobre a dissertação que escrevera. Por comparação, se com Paulo, que é antropólogo e estudioso da RCC, a revelação suscitara uma reação de retração desfavorável ao desenvolvimento da pesquisa, com os cançonovistas presumia uma repercussão no mínimo semelhante. Decidi que omitiria aquilo que fosse necessário como forma de preservar a pesquisa. Adotei a máxima “omitir, mas não mentir”. Minha resolução por não mentir impregnava todas as situações de enorme ansiedade, pois se eu decidira que não diria tudo de pronto, também deliberara que não ocultaria nada caso perguntassem.

Eu começava a conversação explicando com mais detalhes quem eu era, de qual instituição acadêmica eu vinha e que tipo de estudo estava fazendo sobre a Canção Nova. Tendo me apresentado, esperava por alguma reação da pessoa que seria entrevistada. As reações variavam de pessoa para pessoa. Algumas delas, nesse momento, comunicavam-me quanto tempo estariam disponíveis a mim naquela entrevista. Esse tempo freqüentemente corria de meia a uma hora. Um caso exemplar disso foi o de Soninha - membro mais antigo da Comunidade de Vida - que me chamou para sua sala e, sem saudações, me disse simplesmente: “Você tem meia hora”. A meia hora que ela prometera para a entrevista se reduzira a pouco mais de quinze minutos, porque, a cada chamada telefônica que irrompia ou a cada solicitação de trabalho que surgia, ela pedia que eu desligasse o gravador e interrompesse a entrevista. Alguns dos “entrevistados” não me avisavam prontamente do tempo que me cabia, mas quando já se passava mais de meia hora de entrevista, começavam a rematar a conversa. Outras pessoas perguntavam-me se eu era católica e por que eu escolhera estudar a Canção Nova, e, desta vez, eu não evocara para o presente meu pertencimento católico do

passado como fizera com Paulo, mas enfatizava meu interesse acadêmico. Em geral, não me perguntavam mais nada especificamente sobre minha pesquisa, nem sobre minha trajetória acadêmica, nem sobre a antropologia. Houve quem entendesse que minha aproximação da Comunidade de Vida Canção Nova era um “chamado” de Deus, que eu ainda não sabia, mas que, aos poucos descobriria. Foi o caso de Francisco e de Sérgio.

\*

### **Francisco**

#### **(“Você pensa que é uma pesquisadora”)**

Na sala de Francisco, havia um canto em que ele recebia, para aconselhamento “espiritual”, funcionários contratados da Canção Nova e membros da Comunidade de Vida e Aliança. Crucifixo na parede, estátuas de Nossa Senhora e São Miguel Arcanjo. Uma poltrona e um pequeno sofá estão postos frente a frente para que, de um lado, se sente o aconselhador e, do outro, o aconselhado. Eu me acomodara, a convite de Francisco, na cadeira do aconselhado, embora não estivesse ali com esse propósito. Francisco, no lado oposto, mantinha os olhos meio caídos, mas sempre permanentemente fixos nos meus. Ele falava com uma voz mansa e baixa que pulsava em ritmo adormecedor. O horário também ajudava na sonolência: 8:20. Assim foi como marcamos no dia anterior, quando me apresentara e à pesquisa. Quando ele chegara em sua sala depois da missa das 7:00, eu já o esperava há vinte minutos.

Francisco segurava a Bíblia nas mãos e, para tudo o que falava, citava capítulos e versículos. Com 32 anos, era um ano mais jovem que eu, mas a relação que se estabeleceu entre ele e mim era aquela que um sábio (ele) estabelece com seu discípulo (eu). Ele falava como quem me ensinasse. Francisco não se abalara com o status de antropóloga, pesquisadora, entrevistadora, doutoranda, que possivelmente um entrevistado sentisse na relação comigo. Os quase dois metros de altura que possuía Francisco, perto do meu metro e meio, conspiravam para que me sentisse pequenininha diante dele e para que eu sentisse uma espécie de submissão hierárquica. Posteriormente, com o decorrer da pesquisa, eu ia entendendo que a relação que

Francisco construía comigo obedecia ao princípio de vida comunitária chamado “autoridade e submissão”.

Depois de uma hora e meia de conversa, um pouco entorpecida, fiz a ele a última pergunta: “Francisco, pra terminar, o que é viver da Providência Divina?” Disse-me ele que era viver com o necessário para realizar a vontade de Deus revelada no presente. Deus lhe daria tudo o que fosse necessário para o dia de hoje a fim de que se pudesse fazer a Sua vontade. Explicou-me que, embora os membros da Comunidade de Vida Canção Nova trabalhassem muito, não era “o suor de seu rosto” que os sustentava, mas Deus. Fazia 30 anos que a Canção Nova vivia assim e nunca lhes havia faltado nada que não lhes fosse necessário para realizar a missão, para desempenhar aquilo que Deus lhes confiara. Porque a Providência Divina é uma força que rege todas as coisas. Mesmo aqueles que não acreditavam nela, estavam sob a Sua regência. No normal, no corriqueiro, quem me faria acordar todos os dias, trabalhar todos os dias e ter disposição todos os dias? Quem, senão Deus na Sua Providência? Ele, eu, a Canção Nova e qualquer pessoa teríamos um trabalho porque a Providência de Deus nos deu um trabalho. Porque a única certeza que nós teríamos é a do hoje.

Então, Francisco, que já me aproximava da narração, me enlaça definitivamente nela. “Por exemplo, você está fazendo um trabalho, mas e, se por mistério de Deus, você vier a falecer hoje? Que isso não aconteça! Mas, e aí? Você tinha o hoje e o que você fez do seu hoje? Você viveu bem? O que você tem feito com o seu agora? Você tem amado as pessoas como elas precisam ser amadas? Acredito que você tem uma família, você tem mãe, você tem pai. Será que as pessoas que vivem com você têm se sentido amadas suficientemente por você? Será que você tem dito a essas pessoas que convivem com você, “Olha, pai, eu te amo, mãe, eu te amo, é importante vocês estarem comigo”? Você vai me dizer: “Pô, Francisco, faz tempo que eu não falo isso. Mas, quanto tempo mais você vai ter que fazer isso? E aí a gente vê pessoas em velórios e em enterros que voam no defunto e beijam e abraçam. Por que não fizeram isso quando a pessoa estava viva? Por que não fizeram isso no hoje? Entende? Teu nome...

- Eliane

- Eliane...Será que já pensou em ligar pra sua mãe hoje e dizer: “olha mãe, eu estou aqui na Canção Nova fazendo meu trabalho, eu amo a senhora, eu amo meu pai, manda um

beijo pra ele”. Entende? Porque eu tenho o hoje. Isso é viver da Providência: tenho que viver o agora, sabendo que eu tenho agora, amanhã, eu não tenho”.

Tudo o que Francisco tinha, podia não ter amanhã. Amanhã ele podia estar realizando um outro trabalho que não tinha idéia do que seria e, quando eu conclísse minha tese, talvez ele não estivesse no aconselhamento espiritual nem estivesse mais em Cachoeira Paulista. “Será que eu tenho o dia de amanhã? Viver da Providência é viver o hoje sabendo que eu estou nas mãos de Deus” – dizia-me ele.

No início da entrevista, Francisco me perguntou se eu era católica e porque escolhera estudar a Canção Nova. Contei-lhe que tivera formação católica na educação familiar e, em tempos passados, uma militância nos ditos movimentos “progressistas”, vinculados à Teologia da Libertação, mas que não freqüentava mais o catolicismo. Ainda, discorri a respeito da minha trajetória acadêmica de estudos sobre a Renovação Carismática Católica.

Enquanto lutava bravamente para me manter totalmente desperta e atenta ao que era oportuno perguntar conforme ele fosse respondendo às perguntas que eu havia perguntado, esqueci-me completamente que estava num setor designado pela Comunidade para o cuidado “espiritual” dessa comunidade católica vinculada à Renovação Carismática, que estrutura sua religiosidade em experiências “espirituais”. Mas, Francisco lembrar-me-ia disso ao final da entrevista. Enquanto agradecia a ele pelo seu depoimento, ele me olhava com “olhos clínicos”, fixos, atentos. Então, com voz baixa, compassada e tom de mistério, disse-me que sabia o verdadeiro motivo pelo qual eu estava ali na Canção Nova e porque escolhera estudá-la para escrever minha tese de doutorado. Segundo ele, eu caíra em cheio numa armadilha de Deus. A pesquisa científica era a “isca” usada por Deus pra me “fisgar”, pois Ele sabia que, de outra forma, não me convenceria a chegar até a Canção Nova para descobrir a minha missão. Francisco asseverou que eu ainda não tinha consciência disso, mas que, mesmo assim, estava atendendo um “chamado” de Deus sem eu saber ou querer. Lembrou-se de São Lucas que, segundo ele, era também um pesquisador, um estudioso, que serviu a Deus traduzindo as experiências da vida dos primeiros cristãos. Quem sabe eu não fosse como São Lucas? Quem sabe Deus não estivesse atuando através de mim para realizar um

desígnio? O Espírito Santo de Deus me impulsionava e me conduzia até à Comunidade de Vida. Deus seguramente queria alguma coisa comigo. Quem sabe não seria a consagração religiosa à Comunidade de Vida Canção Nova? Podia ser, também a uma outra Nova Comunidade Carismática. Ele mesmo havia passado por experiência semelhante de buscar sem saber que estava buscando ou acatar um desígnio sem saber que estava acatando quando, um dia, procurou os membros da Comunidade Canção Nova somente porque ficou curioso com a notícia de que viviam em comunidade e nunca mais os deixou.

Dito isso, convidou-me para rezar. “Vamos rezar, Eliane?”. Eu imaginei que “rezar” significava que nós rezaríamos “pai-nosso” e “ave-maria” ou alguma outra oração católica. Mas, não foi isso. Francisco levantou-se da cadeira em que estava em minha frente e colocou-se de pé atrás da cadeira em que eu estava sentada. Impôs uma de suas mãos sobre minha cabeça e a outra sobre meus ombros, e rezou à maneira carismática: orou “em línguas” intermitentemente por cerca de cinco minutos e recebeu algumas visões “espirituais” enquanto orava. Disse-me que Deus Ihe estava enviando a imagem de meu coração, muito pulsante, mas muito ferido, sangrando, cravejado de espinhos. Era um coração que havia sofrido intensamente de uma desilusão amorosa que me fizera perder o amor por mim mesma. Disse-me que, com essa desilusão, eu havia perdido o interesse de me arrumar e me enfeitar e que não me sentia bonita. Também via a imagem de que ninguém acreditava em mim e que por isso eu sentia que precisava provar ao mundo através da ciência. Deus, sim, me amava e acreditava em mim. Voltou a orar em línguas. Incentivou-me que me entregasse, que deixasse Deus tomar conta inteiramente de mim. Pressionou minha cabeça para trás como se quisesse me ajudar a “me entregar”<sup>77</sup>. Francisco talvez esperasse que, naquele momento, eu tivesse alguma “experiência espiritual”, o Batismo no Espírito Santo, por exemplo, mas nada aconteceu. Passados uns vinte minutos, Francisco tornou a olhar-me fixamente e

---

<sup>77</sup> Quero lembrar que Maués (2000) narrou uma experiência etnográfica semelhante a essa, em que fiéis carismáticos impunham-lhe as mãos e pressionavam sua cabeça com um leve empurrão para trás: “Percebi que elas estavam impondo as mãos sobre mim, de longe, e também orando. Num dado momento, a líder começou a orar em línguas, no que foi seguida pelas intercessoras. Com os olhos fechados, depois de um dia inteiro de trabalho, recebendo uma leve pressão das mãos daquela mulher para trás e ouvindo aquele som ritmado e monótono, fui tomado por um leve torpor, sentindo o que os carismáticos descrevem, em seus ‘testemunhos’, como uma ‘grande paz’; possivelmente essa experiência, sendo sentida por alguém ‘tocado’ pelo Movimento Carismático, poderia resultar no que se conhece como repouso no Espírito” (Maués, 2000:127).

aconselhou-me que, a partir dali, eu deixasse o Espírito Santo interferir diretamente nas perguntas da entrevista, que eu deixasse que Ele mudasse o rumo das minhas indagações quando estivesse entrevistando outros membros comunitários. Para Francisco, no fundo, não eram exatamente aquelas perguntas que eu queria fazer; eu não estaria em busca de dados para uma tese de antropologia da religião, mas de respostas espirituais para minha vida.

Embora fosse previsto que, em algum momento, eu vivesse uma experiência como essa, afinal, a Canção Nova é uma Comunidade de católicos carismáticos, confesso que não esperava por isso naquele dia. Minha ansiedade em conseguir o contato com os comunitários cançãovistas, as barreiras enfrentadas, a falta de tempo dos comunitários para me atender e as desmarcações de entrevistas, faziam-me concentrar na objetividade e no aproveitamento do encontro com o membro da Comunidade de Vida. Lembro-me de que saí da sala de Francisco meio tonta, e que, na entrevista que fiz a seguir com um outro membro da Comunidade de Vida, não consegui estar concentrada. Estava “aérea”.

\*

**1**

### **A Providência Divina**

**- continuação -**

Dia após dia, no suceder da sua história, Deus ia providenciando o desenvolvimento e a sobrevivência da Canção Nova e de cada Canção Nova e, na medida em que providenciava, ia-lhes provando que providenciaria sempre. Não era preciso temer. Deus estava atento, presente e carregava a Canção Nova nas mãos. Ele ia dando todos os recursos e suprimentos necessários à Comunidade de Vida Canção Nova para a descoberta e perpetuação de seu dom e cumprimento de sua missão neste mundo. “Nós temos toda uma história, no decorrer destes anos, que nos dá a garantia de que podemos confiar. O senhor é fiel! Esta é a nossa maneira de viver a pobreza. Pobreza realmente evangélica. Pobreza a toda prova” (Abib, 2000b: 32 ).

Dizem que houve um tempo, lá nos inícios da Canção Nova, em que a alimentação da Comunidade de Vida consistia em arroz, feijão e bolinho de arroz, feito com a sobra do dia anterior. Nesta época, estive na comunidade uma pessoa que, observando a pobreza de sua comida, sugeriu que eles usassem alimentação à base de soja porque seria mais nutritivo. Ela enviou as receitas para a comunidade, mas os Canção Nova não tinham a soja. Entretanto, dias depois, sem saber de nada, uma outra pessoa visitou a comunidade trazendo consigo uma saca de soja distribuída pela prefeitura da Cachoeira Paulista. Todos tiveram a certeza de que era Deus comprovando sua Providência no cotidiano da Canção Nova: “Quem levou a soja foi a Miriam, mas quem mandou foi Deus” (Abib, 2000:47).

Nessa mesma época, um rapaz que freqüentava com assiduidade a comunidade viu que, mesmo usando soja, a alimentação de que dispunham ainda era muito deficiente. Era necessário que comessem frutas. Mas padre Jonas respondeu que já era difícil ter arroz e feijão, quanto mais frutas. Mas o rapaz argumentou que, se eles acreditavam Deus providenciava arroz, feijão e soja, então deveriam acreditar que Ele também providenciaria fruta. Então, padre Jonas e os Canção Nova, em oração, pediram frutas a Deus e Ele os mandou tantas frutas que chegaram ao ponto de dar para vizinhos para que não estragassem. “O interessante é que não íamos atrás das frutas, as pessoas as levavam: era Deus que mandava” (Abib, 2000: 47).

Conta-se que, numa manhã, enquanto padre Jonas terminava de se vestir, as moças da comunidade foram lhe pedir emprestado a pasta de dente, pois a sua havia acabado. Durante o passar do dia, ficou sabendo que não só a pasta de dente, mas todos os produtos de higiene pessoal haviam acabado e eles não tinham dinheiro para comprá-los. Naquela noite, na procissão de ofertas de uma missa que ele celebrou, todos ficaram perplexos porque, ao invés de pão, vinho, uvas, os fiéis ofertaram uma cesta com pastas

de dente, sabonetes, xampus, etc. Como o costume era que o celebrante do dia levava as ofertas, ficou claro que “foram eles [os fiéis] quem levaram, mas foi Deus, nosso Pai, quem os inspirou para fazer aquilo! Foi Ele quem providenciou” (Abib, 2000:49). Os responsáveis pela preparação da oferta daquele dia não sabiam nada e explicaram que apenas quiseram fazer diferente e tiveram a idéia de ofertar produtos de higiene pessoal.

Uma vez, uma das integrantes da comunidade que estava incumbida de preparar o café da manhã percebeu que havia acabado o pó de café. Pensou que a saída era arranjar algumas plantas para fazer um chá. À noite, antes de dormir, ela foi até a capela e, em oração, apresentou a situação a Deus, agradeceu o chá que tomariam, mas pediu que Ele providenciasse café. De manhã, quando ela foi preparar o chá, encontrou cinco quilos de pó de café em cima da mesa da cozinha. Mais tarde souberam o que havia acontecido: um grupo de oração de uma cidade próxima recebera cinco quilos de uma torrefação. O grupo de oração acabara por volta das 23 (vinte e três) horas. Dois integrantes do grupo decidiram levar o café naquela mesma noite. Um deles trabalhava na Canção Nova e, por isso, possuía a chave da casa. Eles entraram, puseram o pó de café em cima da mesa e foram embora. “Foram Luiz Paulo e Orlando que trouxeram, quem deu foi a torrefação, mas quem providenciou o café para nós naquela manhã foi Deus” (Abib, 2000: 50-51).

\*

### **Sorvete**

Era um dia de muito calor no Rio de Janeiro. Margarida havia morado um longo tempo na casa de missão da Canção Nova em Londrina, mas, tendo sido transferida para a missão no Rio de Janeiro, sentira, de imediato, o impacto da temperatura ambiente do verão carioca. Quando acabava de almoçar, simplesmente comentou com outro missionário: “ai, que vontade de tomar um sorvete!”. Poucos minutos depois, uma pessoa bate na porta com um pote de sorvete para oferecer para a Comunidade de Vida. “Tocou a campainha e Luís foi abrir a porta. Ele deu o maior grito: o sorvete chegou

rápido!”. Como Eva, Margarida experimentara o mimo de Deus (Margarida, 48 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, administradora financeira, entrevistada em março de 2006)

\*

### **Fundação João Paulo II**

Desde os planos de Deus, dizem os Canção Nova, está fundada a Fundação João Paulo II. Ela é uma entidade sem fins lucrativos, administradora dos recursos captados em doações mensais de milhares de pessoas do Brasil e de outros países, fiéis e/ou simpatizantes, que são ouvintes, telespectadores e/ou freqüentadores da Canção Nova. A pessoa que doa torna-se sócio-contribuinte do Clube do Ouvinte. Clube do Ouvinte foi criado no início das atividades da Rádio Canção Nova com o objetivo de manter as programações da Rádio sem propagandas ou comerciais, e, por isso, independentes de qualquer dependência de patrocinadores. Hoje, o Clube do Ouvinte é o departamento responsável pela campanha de arrecadação de doações de fiéis que, diz-se, mantém o Sistema Canção Nova de Comunicação. O Sistema Canção Nova de Comunicação é um complexo formado pela Rádio Canção Nova, pela TV Canção Nova e pela Internet.

\*

### **Sabonete, papel higiênico e café**

Mesmo acreditando na Providência Divina, Sandra não perde a perplexidade diante da maneira sempre surpreendente como Deus se manifesta. Um caso desses foi o dia em que faltou café, papel higiênico e sabonete em sua casa na “casa da Comunidade de Vida”. A quantia fixa em dinheiro que cada casa recebe por mês para suprir a subsistência dos moradores, ainda não havia sido repassada, pois a campanha mensal de doação de dinheiro por fiéis não havia alcançado o necessário para pagar todas as despesas com a evangelização e com os funcionários da Fundação João Paulo II.

Naquele dia, ela foi normalmente para o Instituto Canção Nova<sup>78</sup> onde é diretora. Estava ali trabalhando quando chegou a mãe de um aluno da escola e lhe pediu que não ficasse ofendida com o que ia lhe contar. A moça disse que estava em sua casa e “sentiu” que precisava levar umas coisas para ela, mas, não sabia como reagiria ao receber aquelas

---

<sup>78</sup> O instituto Canção Nova oferece ensino infantil, fundamental e médio gratuito para 1000 crianças e jovens da cidade de Cachoeira Paulista e adjacências, além de filhos de membros da Comunidade de Vida e funcionários da Fundação João Paulo II.

coisas que ela sentiu que tinha que trazer. Sandra, achando estranho, lhe perguntou: “O que você trouxe para mim?” Então, a moça colocou em minha mesa dois sabonetes, um pacote de café e quatro rolos de papel higiênico. Sandra, assustada, quis saber por que ela havia trazido isso, ao que ela respondeu que não sabia o porquê, mas apenas sentiu um impulso de levá-las. Sandra viu a Providência Divina. Deus havia providenciado por meio daquela mulher aqueles itens, que eram extremamente necessários, até o repasse do fundo fixo que viria dali a três dias (Sandra, 27 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, pedagoga, Superintendente do Instituto Canção Nova, entrevistada em maio de 2006).

\*

### **Um vestido da cor dos olhos**

Ana seria madrinha de casamento de uma grande amiga da Comunidade de Vida, mas não tinha vestido para a ocasião. Naquele dia, ela rezou e pediu a Nossa Senhora, que é dita “mãe da Divina Providência”: “Nossa Senhora, eu preciso de um vestido bem bonito, eu quero estar nessa festa muito bonita, eu vou ser madrinha dessa menina, ela é minha amiga e eu queria que a senhora providenciasse isso”. Disse, ainda, a Nossa Senhora que queria que o vestido fosse verde ou azul para combinar com os seus olhos, que são verdes. Ela sentiu que foi ousada, mas manteve o pedido. Não falou sobre isso com ninguém. No mesmo dia, no final da missa de um Acampamento de Oração, uma pessoa, que até hoje ela não sabe quem é, deixou na portaria do estádio para retiros uma caixa bem grande. Dentro havia três vestidos: um branco, um verde e um azul. Dos três, o vestido verde foi o que coube certinho nela, justamente a cor que mais preferira. Ali, teve a certeza de que Deus cuidava dela nas pequenas coisas (Ana, 26 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatária, Departamento de Eventos, entrevistada em março de 2006)

\*

## **2**

### **As entrevistas**

**- continuação -**

Nas entrevistas, eu ficava submetida às determinações dos comunitários cançonovistas. Determinavam o dia, o local, o horário, quanto tempo de entrevista eu teria com eles; se a entrevista seria interrompida ou não por causa de um assunto de

trabalho ou quaisquer solicitações; se me concederiam ou não a entrevista marcada, quanto tempo eu esperaria até a sua volta ao setor ou para me chamarem a sua sala; se haveria outras pessoas na mesma sala acompanhando a entrevista; se a entrevista seria realizada em período do expediente de trabalho ou não. E, então, alguns tipos diferentes de relação entre mim e os entrevistados se estabeleciam, enrijecendo ou amolecendo a sua autoridade sobre mim. A pessoa podia mostrar-se formal e indiferente a minha tese e apenas responder às perguntas sem manifestar nenhum interesse na pesquisa ou na minha história acadêmica ou na antropologia. Esse foi o caso de Soninha descrito anteriormente. Mas, a maioria dos entrevistados expressava contentamento e entusiasmo com a notícia de que a Comunidade de Vida Canção Nova era assunto de tese de doutorado. Alguns membros até se envaideciam por participarem das entrevistas. Entendiam que uma tese de doutorado sobre a Comunidade de Vida seria útil de alguma maneira para a Canção Nova. Talvez a vislumbrassem como um trabalho de registro da e para a Canção Nova como instituição. Logo nos primeiros contatos pessoais que tive na Assessoria de Imprensa, Marta me dissera que Beth via com “bons olhos” a minha pesquisa porque era um trabalho acadêmico. Explicou-me que a Canção Nova era alvo de comentários difamatórios e que elas entendiam que um trabalho como o meu seria “sério”. Provavelmente Beth considerasse que uma tese de doutorado, ao tratar a Canção Nova como matéria de estudo, aproximaria esse fenômeno religioso da ciência e da universidade, instâncias consideradas com alto grau de credibilidade e seriedade pela sociedade moderna secular. O secularismo moderno é fortemente criticado pela Canção Nova, mas, apropriá-lo em algum nível – através da linguagem e do conhecimento acadêmico, por exemplo - era fundamental para fazer frente às críticas que vêm de diversas esferas sociais seculares contra a Canção Nova. Contaram-me vários membros da Canção Nova, estudantes de graduação, que era ou fora difícil sustentar sua fé em

meio ao ambiente cético e materialista da universidade. A universidade, sinônimo de laicidade e secularismo, é uma das instâncias do que chamam de “mundo”. Essa instância, embora faça parte “do mundo” e, na maioria das vezes, esteja a serviço do demônio para disseminar os seus valores imorais, contrários a Deus e à Igreja, é também valorizada como um instrumento usado por quem é de Deus para servir a Deus na salvação do mundo. A Canção Nova, uma vez ligada à universidade pela graduação e pela pós-graduação de alguns de seus membros, ou por ser tratada como estudo de outros pesquisadores, introduzir-se-ia no mundo secular para que, apoderada do conhecimento e linguagem acadêmica (“séria”), aprovada por esse mundo, pudesse criticá-lo com a mesma autoridade de quem o segue. Por isso, posso concluir que, pelo o que me disse Marta que lhe disse Beth, alguns dos comunitários cançonovistas que entrevistei pensavam, como Beth: que minha tese legitimaria a Comunidade Canção Nova no meio acadêmico, e através do mundo acadêmico, na sociedade. Nesses casos, a relação deles para comigo pareceria de reciprocidade como troca (Lévi-Strauss, 1982): eles conceder-me-iam a entrevista e, em troca, eu dar-lhes-ia um trabalho acadêmico, uma imagem de si mesma construída no âmbito acadêmico-científico, respeitado tanto por ela quanto pelo “mundo”.

Mas, foram mais curiosas as interpretações que afirmavam que Deus estava (escondido) “por trás da tese” e que, com certeza, algum objetivo Ele tinha com ela, embora eu ainda não soubesse disso. Era aí que, em torno de mim e da tese, formava-se uma aura de mistério que era reputada às manifestações imponderáveis de Deus. Segundo Pitt-Rivers, a graça, circunscrita ao domínio do extraordinário, supera o que é obrigatório, previsível e calculado. Isso explicaria sua associação com o sagrado. A essência da graça é a vontade de Deus. “Graça ignora qualidades morais e sociais. Ela é arbitrária como capricho divino” (Pitt-Rivers, 1992:241). Explicavam-me que “Deus

falava pelos fatos” e que a minha tese era um dos fatos através do qual os comunitários cançonovistas ouviam Deus falando. Eles não podiam imaginar que alguém um dia escreveria uma tese de doutorado sobre a Comunidade de Vida Canção Nova. Não haviam calculado ou previsto isso. Mas, agora os fatos, levando-me a eles, traziam à tona a vontade de Deus. Deus ocultava muito dos Seus planos divinos que tinha para eles, mas, aos poucos, ia revelando e eles iam descobrindo os desígnios de Deus através dos fatos do cotidiano. Entenderam, pois, que ter alguém estudando a Canção Nova era mais um dos sinais palpáveis de que Deus estava agindo na Canção Nova e na sociedade através da Canção Nova. Deus estava me “usando” como instrumento da sua obra. E, se sentindo envolvidos pelo fluxo da dádiva de Deus, dispunham-se em servi-  
La, servindo-me com seu depoimento. Deus os estaria “usando” para darem a Ele dando a mim. Esses não davam a mim, mas davam a Deus e ao mundo através de mim e de minha tese. Não davam a Deus através de mim para receberem de mim a minha tese, mas para que, através da sua doação a Deus, ajudassem-No, através de mim, a realizar Sua obra no mundo, mantendo-os como aqueles que são feitos para dar em nome de Deus, eternamente. E, na qualidade dos que possuem o dom divino para dar a Deus dando ao mundo, esperavam que Ele continuasse lhes dando a graça de serem doadores. Assim, a graça de Deus, os alimentaria como “pessoas-dom”. Essa leitura, menos racional e utilitarista, pareceria com aquela sentença de Lefort (1979): “Não se dá para receber, dá-se para que o outro dê” (Lefort, 1979:33). O “outro”, neste caso, era Deus através de mim e não eu, pessoalmente. Estavam, de alguma forma, “submissos” a mim porque, em última instância, eu e a minha tese representávamos a presença direta de Deus entre eles e no mundo. Emprego a palavra “submisso” propositalmente para fazer menção ao princípio de vida comunitária, chamado “autoridade e submissão” e dizer que, estando eu submersa na trama da sua cosmovisão, provavelmente, esses me

pensassem como uma autoridade por ser canal da graça divina. Nesses casos, à minha pessoa de pesquisadora era atribuída uma autoridade que não vinha somente ou primeiramente da academia ou da antropologia, mas de Deus. Ou melhor, Deus “usava” – submetia - a academia como canal de Sua graça e da Sua salvação. No limite, a tese era a materialização da presença de Deus na vida ordinária dos homens, e mais particularmente, da Canção Nova. Uma espécie de mágica nos envolvia nessa hora e, provisoriamente, via-me não somente na condição de “amigo-conosco”, mas na condição de “amigo-como-nós”. Era uma experiência temporária de *communitas* (Turner, 1974). Eu só não permanecia “amigo-como-nós” porque o encanto acabava quando acabava a entrevista, momento em que os cançonovistas permaneceriam no estado de “amigos-como-nós”, como são os “aqui de dentro”, e eu, na melhor das hipóteses, voltaria para o estado de “amigo-conosco”, mais provavelmente para um estado intermediário entre “amigo-conosco” e “estranho”. Pois, durante toda a relação com os cançonovistas, as fronteiras sobre quem eu era estavam permanentemente sendo (re) arranjadas, sempre havendo a possibilidade de eu voltar para os estados excludentes de inimigo ou estranho.

Dentre os que pensavam que Deus estava “por trás da minha tese” se encontrava Francisco. Mas, no caso dele, “estar por trás de minha tese” não significava, como para os demais, que a tese era o objeto de manifestação de Deus através de mim, mas sim que a tese era um pretexto de Deus para Ele manifestar-se em mim. Deus queria revelar-se para mim. Para Francisco, a tese não representava muito, nem pra ele pessoalmente, nem para a Canção Nova em geral, nem para o mundo, nem para Deus. O que importava era que ela serviria como caminho para que eu descobrisse uma mensagem de Deus pra mim pessoalmente, que estava latente tanto na minha escolha de estudar o tema quanto na minha iniciativa de chegar até os membros do núcleo da Comunidade de

Vida em Cachoeira Paulista. Desse episódio, vejo com nitidez a expressão da mística católico-carismática e cançãovista para quem Deus, na pessoa de Seu Espírito Santo, é condutor que movimenta e age independente da vontade dos homens, que está em toda parte, que se revela no presente de maneira imprevisível, misteriosa, oculta, mas que é sentido muito próximo e é co-participante da realidade ordinária (Oliveira, E., 2003). Portanto, para Francisco, eu fora “pega” pela ação misteriosa e invisível do Espírito Santo. Nesse sentido, como, para ele, o “objeto” da manifestação de Deus era eu e não a tese através de mim, então dedicava toda atenção em responder minhas perguntas, não para que os dados fossem os mais bem elaborados e completos possíveis, a fim de que eu os transcrevesse em minha tese e mostrasse ao mundo, servindo como canal da graça de Deus. Dedicava-se a mim para que eu tivesse uma experiência religiosa. Ele não me via como pesquisadora, mas como uma pessoa que pensa que é pesquisadora, pois tudo indica que é portadora de um desígnio de Deus, que somente ela poderá descobrir, mas que alguém como ele podia ajudar. Ou melhor, ele não podia, ele devia. Francisco sentia-se incumbido por Deus para isso. Não fora à toa que ele estava envolvido naquela situação comigo. Deus o colocara ali para me ajudar a descobrir minha missão. Francisco sabia de algo sobre mim que eu não sabia ainda: que havia uma força oculta a me guiar e com quem eu iria me deparar alguma hora. Era uma promessa, uma espera. Por isso, era Francisco quem, o tempo todo, me submetia a sua autoridade, embora fosse eu quem fizesse as perguntas. Ele era a manifestação da presença de Deus para mim. Ainda, a dádiva de Deus para mim encontrava um canal em Francisco. Ele era o portavoz de Deus: profeta. No limite, além de mensageiro de Deus, ele próprio, naquele momento, era mais: era a própria dádiva de Deus para mim.

É interessante aqui lembrarmos as ponderações historiográficas de Camille Tarot (2002) sobre o nascimento da graça na mensagem e na pessoa de Jesus Cristo, desde a

gênese de cristianismo. Em benefício do divino e do sagrado e em detrimento do religioso instituído, Jesus teria reivindicado uma afinidade com Deus a quem chamou de Pai e, assim, provocado, a um só tempo, a ruptura com a tradição judaica e a introdução da pessoa do mensageiro (Jesus) na mensagem (dom). “A consequência será a introdução do próprio Jesus na mensagem e, portanto, na troca entre os homens e Deus: ele não é somente o portador de uma mensagem (profeta), mas parte integrante da mensagem e, portanto, do dom” (Tarot, 2002:178). Em Jesus, doador e dom são uma só substância. A história de Jesus revelaria o modo como o princípio do dom engloba o doador e o conduz a transformar-se em dom, tal como Mauss (1974) havia propugnado em suas apreciações. Segundo Mauss, os próprios agentes permutadores acabariam transformados em troca, uma vez que ao dar, era a si mesmo que o doador oferecia, e que o donatário, obrigado a receber para dar, em contrapartida, dar-se-ia ao retribuir o dom. “A razão é que alguém se dá ao dar, e se ele se dá é porque sente a obrigação de dar-se a si, a seu bem, aos outros” (Mauss, 1974:56). A coisa dada era ativa, carregava consigo o espírito do doador (hau dos Maori). No caso de Jesus, seguindo a interpretação de Tarot (2002), sua mensagem confundir-se-ia com a sua pessoa.

Como mostrou Tarot (2002), a morte de Jesus Cristo (doação de si, da própria vida) funda no cristianismo a necessidade da dádiva constante e permanente de si aos “irmãos”, a exemplo de Jesus Cristo. Se Jesus Cristo com a entrega da própria vida (o bem máximo e sagrado) salvou a humanidade dos pecados, seus fiéis seguidores, se quiserem ser autênticos cristãos, devem doar-se também a si, doação que nunca superará a dádiva de Jesus, e, por isso, é interminável e sempre insuficiente. Francisco doava-se em nome de Deus para mim porque concebia que possuía o dom divino de ser um missionário da Canção Nova e suspeitava que eu também possuísse um dom

semelhante, quiçá, o mesmo dom. Nessa perspectiva, minha pessoa também seria, em última instância, uma dádiva de Deus.

Talvez, nessa interpretação, eu me aproximasse, mais do que nas outras, da categoria “amiga-como-nós” porque, como não estava claro qual o desígnio que Deus tinha para mim, havia a real possibilidade de eu ser uma cançonovista legítima como Francisco. Ele não sabia se era isso, mas conseguia enxergar um fluxo “espiritual” subterrâneo à realidade que estava me conduzindo para essa descoberta. Creio que Francisco, sabendo das barreiras interpostas entre “os de fora” e “os de dentro” da Comunidade Canção Nova, deduzisse que, se eu conseguia ultrapassá-las e estava agora ao lado deles do “lado de dentro”, era porque, não somente estava prestes a descobrir o que estava oculto no pensamento de Deus para mim como tudo indicava que, o quer que fosse, tinha alguma relação com a Canção Nova. Deus segredava, Francisco imaginava sobre qual era o segredo divino e eu, segundo ele, estava no caminho de descobrir.

Minha relação com Francisco continuava se desdobrando sob a aura do segredo e da imaginação. A falta de conhecimento mútuo entre mim e Francisco imputou mistério e tensão à nossa relação. Quem era eu e o que pretendia com essa pesquisa? - perguntava Francisco. Quem era ele, quem era a Canção Nova e o que ele sabia a meu respeito? - eu me perguntava. Nós nos suspeitávamos reciprocamente. Qual seria o meu segredo? Qual seria o segredo de Francisco? Francisco achou que havia qualquer coisa não dita nas minhas apresentações; que, por detrás das minhas palavras, havia uma “verdade verdadeira” escondida. Talvez, por isso me olhasse fixamente como quem quisesse enxergar minha alma, meus pensamentos, meus sentimentos. Meu segredo. Acompanhando a proposição de Simmel, penso que Francisco encontrou uma resposta para meu segredo, compatível com o trabalho de orientador “espiritual” a que se dedica,

aliviando, assim, a tensão da relação e permitindo o fluxo da interação: o meu segredo está inscrito no segredo de Deus. A nuvem espessa do mistério a respeito de mim e de meus estudos na Canção Nova se dissipou para Francisco quando o mistério foi entendido como mistério de Deus. A experiência da oração proposta por Francisco confirmou a explicação do mistério que me rondava pelo mistério divino, uma vez que o próprio Deus manifestou-se naquele presente, concedendo a Francisco o dom “espiritual” da visão e da profecia para ensinar-me que não me preocupasse em “provar”, mediante o conhecimento científico, nada a ninguém, pois Ele acreditava em mim. O apelo da visão “espiritual” de Francisco sobre meu coração “sangrando” e sofrido, palavras de significado fortes na cultura cristã ocidental, conspirava para me afetar emocionalmente. A oração em línguas, soando como um mantra, me deixou em estado de sonolência. A entrevista, embora de conteúdo extremamente rico, não me revelara tanto a propósito da Canção Nova, de Francisco e da minha relação com eles, quanto fez aquela experiência. O mistério sobre Francisco, pra mim, se dissipara quando me dei conta de que tudo o que analisara anteriormente, na dissertação de mestrado, era ratificado naquela experiência, especialmente no que dizia respeito à mística da Canção Nova. Ainda, minha “entrega” à experiência que Francisco me propôs injetou-me para dentro do “campo espiritual” que, segundo crê, embebe a realidade como um todo, mas que, na Canção Nova, se evidencia, possibilitando que a minha pessoa e o trabalho de pesquisa que desenvolvia fossem mais aceitos. A certeza de que eu e minha pesquisa estávamos regidas pelo mistério de Deus o tranqüilizou.

\*

## Sérgio

**(“Eu garanto que, até o final da sua pesquisa, você experimentará Deus”)**

Um outro caso como esse foi o de Sérgio. Sérgio trabalhava na Casa de Maria, na Chácara de Santa Cruz. Este setor oferece serviços “espirituais”, como, por exemplo, “aconselhamento espiritual” e grupo de oração, para ao público de fiéis que participam dos eventos na Canção Nova. Sérgio pertencia à Comunidade de Aliança Canção Nova, mas “fazia caminho” para a Comunidade de Vida. Procurei Sérgio para entrevistá-lo, conforme tínhamos combinado na semana anterior. Contudo, ele havia saído de férias e não me avisara para que eu adiasse a ida à Canção Nova e a entrevista com ele. Alguns meses depois, decidi insistir em procurá-lo para retomar a sua entrevista. Nessa época, eu já havia entrevistado vários comunitários cançonovistas e recolhido muitas informações sobre a organização e funcionamento da Comunidade de Vida Canção Nova. Por isso, o que comecei a fazer foi retirar do roteiro perguntas sobre informações mais gerais da Canção Nova e introduzir outras perguntas a partir das respostas anteriores com outros pesquisados. Como não havia conseguido estreitar o contato com os comunitários para além do contexto curto e conturbado das entrevistas, achei que deveria falar abertamente disso com eles, propondo alguma pergunta que retirasse o distanciamento entre nós e colocasse no centro da cena a nossa própria relação. Essa idéia, eu somente tivera quando da ocasião das últimas entrevistas.

A entrevista com Sérgio foi uma delas. Ao final da entrevista com ele, introduzi uma pergunta que abordava a relação pesquisadora/pesquisado que estávamos tendo por ocasião da entrevista e expus-lhe sobre a dificuldade que tive em contactar os membros da Comunidade de Vida, sobretudo, no início da pesquisa. Disse-lhe sobre minha suspeita de que havia um receio da Canção Nova de receber qualquer pessoa “de fora”. Ele, sem esperar por essa pergunta, acabou me revelando, com muito cuidado e meio reticente (talvez com dúvida se deveria me revelar ou não), que sabia de algo que eu não sabia sobre mim mesma e contou-me o segredo: tinha a convicção de que eu teria uma experiência de Deus até o final da minha pesquisa e dizia que aquela gravação dessa sua convicção seria a prova de que ele estava certo. E continuou revelando sobre o que pensava sobre mim, expondo-me o que, segundo ele, na verdade, havia acontecido no episódio da dificuldade do contato com a Canção Nova. Ele acreditava que, na verdade, não fora a Canção Nova quem ficou com medo de mim, mas eu que ficara com medo da

Canção Nova. Segundo ele, eu não conseguira facilmente o contato com os membros da Comunidade de Vida porque temera o que aconteceria comigo, em termos de experiência “espiritual”, na relação que tivesse com eles. Compreendi que o que ele me dizia era que eu estava fazendo uma espécie de caminho “espiritual” – lembremos que a expressão “fazer caminho” é usada pelos cançonovistas, para quem está iniciando a preparação para entrada na Comunidade de Vida - e que já havia passado por algumas etapas. Uma delas, fora superar o medo de estar entre os comunitários cançonovistas e me entregar às experiências “espirituais” que aconteciam permanentemente com eles, que acontecia em todo o lugar onde os membros da Canção Nova estavam e que, portanto, em estando com eles, sem dúvida, aconteceria comigo.

Eliane – O que você acha desse meu estudo? Por que eu estou fazendo esta pergunta? Porque quando eu iniciei a pesquisa, eu senti muita dificuldade de entrar em contato com os comunitários. Eu não entendia por que. Por que eu não consigo conversar com as pessoas? Não tinha telefone, e-mail. Depois de alguns meses é que eu comecei a fazer o contato. Aí eu percebi que havia um medo da Comunidade de Vida de não se abrir para qualquer pessoa, uma certa preocupação de proteção. Então resolvi perguntar se as pessoas da Comunidade têm as expectativas com isso. O que você entende por esse trabalho? Quando eu pedi para entrevistar você, o que você achou?

Sérgio – Eu não tenho muita resistência a isso não. Mas, eu diria assim pra você: que dentro deste trabalho seu, eu acho que é uma coisa linda, é uma coisa linda, eu curto. Mas conforme você mesma disse que você vai conversar com o Dunga<sup>79</sup> e talvez com outras pessoas. Eu acredito que o que você vai conversar com eles, o que eles vão passar para você, eu tenho certeza que...Olha bem, é entrevista e está sendo gravada, heim?! Eu acredito que o que você vai conversar com eles, o que eles vão passar para você, eu tenho certeza de que...se você já teve ou tem uma experiência com Deus. Não sei... Mas eu digo para você uma coisa: vamos dizer que você não teve ainda uma experiência com Deus profunda... Eu acredito, eu acredito que, até o final, você vai ter essa experiência. Isso aí eu posso garantir pra você. Tá? Isso aí eu posso garantir pra você. Por que isso? Por que eu estou falando com convicção isso pra você? É para você experimentar realmente aquilo que o Nosso Senhor sonhou. Entende? E tenho certeza que você vai ser beneficiada. Então, é onde que eu acho lindo – vamos falar em outros termos – de semear algo, mas de colher aquele fruto. Por isso, é que eu estou te falando que até o término de suas entrevistas com outras pessoas também, isso vai evoluir sua parte espiritual, sem sombra de dúvidas. Você disse do medo das pessoas da comunidade, mas eu também veria um outro lado da moeda. Um medo - não sei se é o primeiro trabalho seu - mas também daquilo que também ia acontecer com você. Não com relação à pessoa, mas mais com relação a essa parte espiritual.

Eliane – Mas, meu medo ou da comunidade?

---

<sup>79</sup> Dunga é um músico reconhecido na mídia católica e membro da Comunidade de Vida Canção Nova.

Sérgio – Não, seu medo...vamos dizer que você não conhece Jesus. Ou melhor, conhecer, você conhece. Mas eu diria assim, essa experiência [ênfase dele] com Jesus. Esse experimentar [ênfase dele] a Deus. É como se você perguntasse: “E como é que vai ser? E se alguém falar isso comigo, como é que vai ser? E de repente acontecer alguma coisa? E aí, como é que vai ser? Você entendeu?”

Eliane – Mas, você não há nada em meu trabalho que possa trazer algum benefício para a comunidade?

Sérgio - Eu não sei te dizer isso, porque eu não sei qual vai ser o fruto desta entrevista. Ou seja, o que, com isso, você pode fazer para a comunidade, de tudo aquilo que você está apurando, de tudo aquilo que a gente está partilhando com você. Não sei se daí você pode montar uma história e dentro dessa história beneficiar a comunidade, entendeu?

Sérgio não via como eu podia ajudar a Comunidade de Vida com a minha pesquisa, mas ele sabia que eu já estava sendo beneficiada “espiritualmente” por ouvir as entrevistas dos membros cançãovistas. Também ele, como Francisco, embora, respondesse às perguntas que eu propunha durante a entrevista, dando-me a entender que ele identificava em mim uma autoridade de pesquisadora da Canção Nova, revelava, ao final da entrevista, uma outra posição hierárquica: a autoridade era ele. Ele é quem sabia o que eu não sabia, ele é que podia me beneficiar, enquanto eu e minha pesquisa, ele não imaginava como podíamos beneficiar a Canção Nova. Sérgio e Francisco pensavam que, no contexto da entrevista e da pesquisa de um modo geral, somente eles podiam me dar. Não havia da parte deles qualquer expectativa de reciprocidade no sentido de “troca”, porque, para eles, a dádiva, que ali estava se operando através deles, era divina e gratuita. Davam-me por que era sua missão. Eles eram canais da graça e não esperavam receber de mim. Ou melhor, não estariam recebendo algo de mim em termos de dados de pesquisa ou de experiência humana que produzimos na interação de um com outro em nossa diversidade e diferença. Mas estariam recebendo algo de mim caso eu recebesse a dádiva divina canalizada por eles, que me levaria a ter uma experiência “espiritual” e os faria cumpridores da sua missão de “canais da graça” e amados de Deus por causa disso. Eles esperavam que Deus lhes desse para que eles dessem a mim. Para essa perspectiva, eu não poderia experimentar sem passar de “estrangeira” para “nativa”.

\*

**A eficácia sobrenatural da Canção Nova<sup>80</sup>**

“A eficácia sobrenatural está inerente à Canção Nova, Obra de Deus”  
(Comunidade Canção Nova, 2002:92).

Deus desperta padre Jonas para a realidade de que tanto o lugar onde está a Canção Nova quanto a obra Canção Nova são plenamente embebidos da eficácia sobrenatural. A realidade ordinária é ela própria uma realidade extraordinária. Semelhante aos sacramentos, Deus está presente e se manifesta de maneira imediata. Essa ação sobrenatural não está somente nas coisas e no “como” as coisas são feitas, mas está na realidade, que é um campo espiritual. “Não é simplesmente algo natural correspondente à ordem humana. Mas trata-se de algo acima da natureza! Parte do próprio Deus. Da Sua presença aí. Da sua ação aí exercida” (Comunidade Canção Nova, 2002:91). É como uma aura invisível, que envolve cada membro da Canção Nova, a Comunidade Canção Nova, as estruturas da Canção Nova, a missão Canção Nova, mas, sobretudo, que existe independente deles. “Inúmeras pessoas sentiram e testemunharam esse “clima” na Canção Nova. Os fatos comprovam: realmente Deus age acima do que fazemos” (Comunidade Canção Nova, 2002: 91). É um fluxo espiritual permanente que guia, inspira, cura, toca todas as pessoas que freqüentam os lugares onde a Canção Nova está. “Ela é como um oásis da presença de Deus no meio deste mundo, onde cada vez mais Deus está ausente e, por isso, ele se torna árido, asfixiante, destruidor, morte à vida de Deus nas pessoas” (Comunidade Canção Nova, 2002:92). A eficácia sobrenatural acompanha os Canção Nova por onde quer que eles vão, pois eles portam o dom Canção Nova. Eles são os portadores da graça de Deus, da presença e da ação de Deus. “Canção Nova, mais do que um lugar, é um povo, o ‘resto de um povo’, um ‘povo semente’ que, como a semente, deus quer espalhar pelo mundo” (Comunidade Canção

---

<sup>80</sup> Título original de um dos capítulos do livro Nossos Documentos (2002).

Nova, 2002:88). Embora Cachoeira Paulista seja considerada pelos Canção Nova a maior e mais importante frente de missão Canção Nova - o centro propulsor da missão Canção Nova, onde está situado o Complexo de Evangelização Canção Nova - todas as casas de missão Canção Nova espalhadas pelo Brasil e pelo mundo são concebidas como um retrato da vida e da missão de Cachoeira Paulista. “A Canção Nova é uma Arca da Aliança de Deus com o Seu povo. Nela, Ele guarda a Sua lei, a Sua graça. Somos os carregadores que a levamos, dentro de nós, para todos os lugares” (Comunidade Canção Nova, 2002: 93). Segundo padre Jonas e os Canção Nova, a eficácia sobrenatural da Canção Nova acontece em tudo o que os Canção Nova fazem:

Num simples telefonema, numa carta enviada. Ele espera nossa correspondência não simplesmente porque estamos nos meios de comunicação, mas porque, por meio do nosso “carisma” Canção Nova, Ele quer entrar concretamente em muitos lugares onde não tem oportunidade de entrar (Comunidade Canção Nova, 2002:94).

\*

### **Marina segue o Espírito**

Por detrás de tudo o que era a Canção Nova, dizia-me Marina, existia uma realidade sobrenatural. Era o Espírito de Deus quem conduzia cada pessoa e cada atividade de trabalho na Fundação João Paulo II. Embora ela fosse superintendente da Rádio Canção Nova e, portanto, ocupasse uma função de direção, não era ela quem dirigia a Rádio de fato, mas Deus. Ela precisava das orientações de Deus para dar orientações aos funcionários que lhe eram subordinados. Deus a colocara naquele lugar somente para realizar a Sua vontade e, por isso, Marina buscava estar afinada com Ela.

Mas, como se sabe qual é a vontade de Deus? - perguntei a Marina.

“Deus dá pistas, Deus mostra. Primeiro, nós temos a graça de ter o fundador e a revelação vem através dele. Ele é o fundador de uma obra de Deus que tem a inspiração da obra divina. Deus fala com ele. A gente chama isso de profetismo. Ele tem a revelação divina pra conduzir as coisas. Nós nos apoiamos nessa revelação e nos unimos a essa revelação pela força da fé e da oração. Aquilo que nos é dado, parte dessa revelação, é o impulso, a força, a clareza de conduzir as coisas”.

Ela me contava que, depois de padre Jonas, os membros do Conselho Geral da Comunidade de Vida, por força da sua antiguidade na comunidade e do seu

desenvolvimento espiritual, eram os mais suscetíveis a receber as revelações de Deus. Mas, enfatizou que qualquer Canção Nova recebe indicações, sinais, orientações de Deus para a condução de vida pessoal e que até podiam receber inspirações divinas sobre os rumos da Canção Nova como instituição, embora isso não fosse muito comum. Pois, como somente padre Jonas possui o dom Canção Nova por inteiro, era dada a ele a missão de canalizá-lo e traduzi-lo para a comunidade. Era exclusivamente Padre Jonas, portanto, quem possuía a prerrogativa de confirmar as profecias, inspirações, intuições de todos os demais Canção Nova, inclusive as dos membros do Conselho, sobretudo quando elas diziam respeito à orientações institucionais para a Canção Nova.

Com ela mesma, já acontecera de receber inspirações de Deus antes mesmo do anúncio da mesma inspiração por padre Jonas ou os membros do Conselho à Comunidade de Vida. Não que Deus revelara primeiro para ela, mas que a inspiração tida por ela acontecera concomitante e em sintonia à revelação de Deus àqueles, embora, no momento em que ela a vivesse, não sabia que eles haviam tido a mesma inspiração. Também não sabia que a inspiração divina que tivera era uma orientação para toda a comunidade e não somente a ela em particular. Isso aconteceu quando o formador espiritual da comunidade orientou aos Canção Nova, mediante inspiração de Deus, que começassem um novo caderno de estudo, seguindo determinada sistemática de reflexão e escrita. Marina já fazia, há vinte dias, exatamente como ele orientava naquele momento. "Quer dizer, Deus já estava fazendo aquilo acontecer comigo. Deus já havia proposto isso para os conselheiros da comunidade e eu não sabia. Deus propôs ao coração do Nelsinho Correa, diácono da Comunidade, o padre [Jonas] aprovou e a coisa aconteceu espiritualmente. Depois, eu descobri que outras pessoas estavam tendo essa iniciativa mesmo antes disso ter acontecido. Então, Deus inspira e aquilo se concretiza".

O exercício da "espiritualidade", disse Marina, é o que os torna sensíveis, perceptíveis, suscetíveis às revelações de Deus que sucedem por meio de dons espirituais ou que permeiam os acontecimentos da realidade cotidiana. A oração do terço diário, o estudo bíblico diário, a missa diária, a adoração ao Santíssimo diário, a confissão mensal e o jejum às quartas e sextas são chamadas "práticas de piedade" e constituem regras de vida que devem ser cumpridas pelos Canção Nova para o estímulo da "espiritualidade".

“Meu dia aqui é um dia de fé: eu começo o dia na missa, me abastecendo da eucaristia e da palavra de Deus. Depois da missa, eu faço meu estudo bíblico, para eu ter aquela palavra que vai conduzir meu dia, além da palavra que já veio na missa. No meu estudo bíblico, Deus fala de algo pessoal, me fala como igreja, me fala pessoalmente. Depois, chego aqui na Rádio e me junto com as mães da comunidade para termos nossos momentos de adoração e intercessão, onde Deus nos revela muitas coisas que, às vezes, a gente escreve para o padre Jonas e para o Eto. Porque, às vezes, Deus nos dá condições. Nós intercedemos por essa situação e recebemos uma palavra, uma imagem. Os dons [do Espírito Santo] vão revelando. Depois venho pro meu trabalho e trabalho o dia todo. À noite, eu chego em casa, faço as minhas orações pessoais, rezo mais um pouco e sinto Deus na minha vida presente. Sinto a condução de Deus”.

Na época em que conversei com Marina, ela contou-me, em tom de segredo, mas sem detalhes ou explicações, que a Fundação João Paulo II estava passando por um tempo muito difícil. Os Canção Nova sabiam que era um tempo de provação “espiritual”. Mas, o que ela podia fazer para manter a Rádio Canção Nova no caminho desejado por Deus? Como manter sintonia com a vontade de Deus durante esse tempo? Primeiro ponderou que qualquer decisão que tomasse deveria cumprir as decisões de Deus e não as suas decisões pessoais. Em outras palavras, para que ela tomasse decisões como superintendente da Rádio era preciso antes decidir não decidir nada para, estando livre de sua própria vontade, entender a decisão de Deus. Ou ainda, ela não deveria agir a partir dos seus julgamentos pessoais, antes de consultar a Deus. Ela resolveu que buscaria a sintonia com a vontade de Deus, fazendo, todos dias, adorações ao Santíssimo Sacramento, às três horas da manhã, numa capelinha perto da sua casa. Desde que começou a fazer as adorações, recebeu de Deus clareza nas decisões que precisava tomar e sentiu a legitimidade de Deus para agir. Percebeu que coisas travadas começaram a se destravar, e isso era um sinal de que a vontade de Deus voltara a se realizar.

Marina dizia que a vontade de Deus se corporificava no dia-a-dia, a partir de sinais concretos. Quando as coisas fluíam sem obstáculos, era sinal de que seguiam na direção da vontade de Deus. Se algumas portas se abriam ou se elas se fechavam, se surgiam oportunidades ou se não surgiam, era sinal de que se estava próximo ou afastado da vontade de Deus. Nessa dinâmica dos acontecimentos, os Canção Nova iam percebendo

a condução de Deus. Além disso, a realização da vontade de Deus, através de suas decisões na Rádio Canção Nova, podia ser confirmada pelas orientações que padre Jonas dava a toda a Comunidade. “Aquilo que é orientação [de padre Jonas] se encaixa naquilo que você já está vivendo. Há uma comunhão, uma sintonia profunda. A vivência da espiritualidade nos põe a todos no mesmo caminho. E, quando eu me afasto dessa espiritualidade, eu começo a me sentir fora de sintonia, as coisas dentro de mim começam a ranger. Eu não consigo dar tudo de mim. Então, essa “espiritualidade” me aproxima da vontade de Deus” (Marina, 40 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, casada, superintendente da Rádio Canção Nova, entrevistada em Fevereiro de 2006).

\*

### **O sobrenatural governa o Sistema Canção Nova de Comunicação**

Ricardo, que apresenta programas na Rádio e na TV Canção Nova, e Gabriela, que cuida da administração financeira da TV Canção Nova, acreditam que, para manter o Sistema Canção Nova de Comunicação, só mesmo acreditando em fenômeno sobrenatural.

“Viver da Providência Divina”, disse Ricardo, “é uma realidade sobrenatural. Nós vivemos, Eliane, nós evangelizamos 24 horas por dia, através dos meios de comunicação, TV, rádio, Internet, WebTV. Temos uma Fundação, temos carros, temos equipamento de TV, temos equipamento de última geração, ilhas digitais, ilhas analógicas, tudo isso. Mas, nós não temos nenhuma fonte de renda. Ninguém de nós trabalha [fora da Canção Nova], nós não temos propaganda comercial nenhuma na programação, nós vivemos somente da Providência Divina, não tem políticos que nos sustentam, vivemos somente da Providência Divina” (Ricardo, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatário, seminarista, entrevistado em janeiro de 2006).

“Nós nunca nos preocupamos com dinheiro”, disse Gabriela. “É um fator essencial, porém as pessoas acham que a gente se preocupa mais com dinheiro. Mas, para nós não. Para nós, a gente se preocupa mais com evangelização. Porém, essa evangelização nos custa muito caro. É uma fortuna na verdade. Hoje, nós precisamos de 500 mil reais por

mês para manter a TV, porque são muitas coisas, TV é tudo muito caro. Não estou dizendo que eles me dão esse dinheiro não, mas eu precisaria disso para fazer o negócio render, crescer e acontecer. Hoje a gente não tem condição de fazer isso. Mas, a gente faz o que a gente tem. Eu digo que a gente tira leite de pedra. Uma porção de outras TVs vem aqui e ficam impressionados. Como é que vocês conseguem fazer o que vocês fazem com o pouco que têm? Porque a gente tem pouco. É porque, na verdade, não é a gente que faz. É Deus. Porque todo esse negócio é obra d'Ele. Não é nossa. Então, Ele tem que dar um jeito” (Gabriela, 27 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, administradora financeira da TV Canção Nova, entrevistada em junho de 2006).

\*

## 2

### **As entrevistas**

#### **- continuação -**

Uma vez passado o primeiro momento de apresentação da pesquisa e de acolhimento das reações às minhas apresentações pela pessoa que seria entrevistada, eu expunha a ela o roteiro de perguntas que elaborara. Com ele, tinha a intenção de nortear meu interesse de conhecimento sobre a Comunidade de Vida Canção Nova. Queria, com isso, quebrar uma possível tensão que a posição de entrevistadora colocava à pessoa entrevistada, dizendo a ela, em outras palavras, que não se preocupasse que somente perguntaria sobre aquilo que já está público na Canção Nova, embora seja pouco dito: sobre a Comunidade de Vida. Ou, ainda, que não perguntaria se existiam e quais eram os segredos da Canção Nova, mas somente queria conhecer o que era a Comunidade de Vida. Eu adotava a ambivalência que experimentava com a Canção Nova, dizendo, em outros termos: “quero saber o que é público, mas não é”. Esse roteiro era aquele mesmo que apresentara à Marta da Assessoria de Imprensa. Eu não pretendia cumprir exatamente as perguntas que nele continham, mas queria tê-lo como um repertório de questões que me situassem, me lembrassem, não deixassem me perder em meio às reações e aos depoimentos dos membros da Comunidade de Vida Canção

Nova, no momento da entrevista. Isso era fundamental para que eu pudesse interagir a partir do que me diziam, sem perder de vista as questões de pesquisa. Contudo, considerando o tempo limitado de duração das entrevistas e a pequena probabilidade de que os já entrevistados quisessem conceder-me uma réplica a respeito do seu depoimento, minha interação nas entrevistas com os membros da Comunidade de Vida acabou se realizando, na maioria das vezes, pela escuta das respostas pré-formuladas. As respostas dos cançonovistas às minhas perguntas eram sempre muito exatas, desenvoltas e fluentes. A explicação para isso vinha nas próprias respostas: eles estavam acostumados a narrar a história da sua história com a Comunidade de Vida Canção Nova e explicar o que era a Comunidade Canção Nova. Eles chamavam isso de “dar testemunho de vida”. Eles “davam testemunho de vida” em palestras que ministravam, sobretudo, em encontros “fechados” para candidatos vocacionados à Comunidade de Vida.

Guardando a particularidade da história de vida de cada membro, algumas respostas repetiram conteúdos. O conteúdo das 15 (quinze) entrevistas feitas com os comunitários cançonovistas está amplamente disseminado em toda esta tese, mas considero importante destacar trechos delas que considereei muito significativos porque objetaram ou confirmaram minhas hipóteses de pesquisa contidas em determinadas perguntas do roteiro. Um entendimento fundamental e surpreendente, pra mim, sobre o que era a Comunidade de Vida Canção Nova e quem eram seus membros, irrompeu a partir das perguntas: “quais os motivos que levaram você a dedicar sua vida à Canção Nova?” e “Considera que a localização da comunidade numa região interiorana e, especialmente na região interiorana do Vale do Paraíba, onde também estão localizadas as cidades de Aparecida do Norte e Guaratinguetá, favorece o florescimento da espiritualidade carismática mais do que nas casas de missão da comunidade situadas nas

grandes cidades?” Nessas perguntas estavam refletidas algumas hipóteses: primeiro, que os membros da Comunidade de Vida Canção Nova haviam “escolhido” a vida comunitária e religiosa da Canção Nova; segundo, que eles haviam “escolhido” a vida em comunidade porque ela resgatava valores tradicionais, que incluem as concepções de família e a religião, considerados maculados pela sociedade moderna, a quem chama de “mundo”; terceiro, que haviam “escolhido” “resgatar valores tradicionais” pela via da “comunidade” e fixá-la propositalmente em região interiorana e perto da natureza; quarto, que a região interiorana e perto da natureza que “escolheram” era o Vale do Paraíba, onde também estão localizadas as cidades de Aparecida do Norte e Guaratinguetá, que são cidades conhecidas pela irrupção de fenômenos “espirituais”, como aparição de Nossa Senhora e os milagres de Frei Galvão, acontecidas numa e noutra, respectivamente; quinto, que haviam “escolhido” fundar a “Comunidade de Vida” na “região interiorana” e perto da “natureza” do “Vale da Paraíba” porque é o lugar da pureza em contraposição à impureza das grandes cidades; sexto, porque a soma desses elementos – uma vida tradicional e mais pura em comunidade, no interior e em contato com a natureza – propiciava a manifestação “espiritual” direta de Deus, mediante fenômenos sobrenaturais, produzindo o desenvolvimento da “espiritualidade” de seus membros; e sétimo, que, acreditam que, nesse lugar, eles alimentariam seus “espíritos” para, então, a partir dos mesmos princípios de comunidade, interior e natureza gerando espiritualidade, evangelizarem o “mundo”, de onde se retiraram. Ou seja, a salvação dos homens viria pela via comunitária e mística, e seu trabalho missionário ascético teria como objetivo testemunhar e propagar essa proposta. A conjugação das idéias de comunidade, interior, natureza e mística podiam formar uma hipótese sobre um romantismo da Canção Nova. Em minha dissertação de mestrado e

depois em meu projeto de doutorado, eu havia formulado uma espécie de classificação sociológica para explicar o que era a Canção Nova, que dizia:

Canção Nova é nome de um agrupamento comunitário formado por católicos carismáticos, dentre homens, mulheres, solteiros, casados, celibatários e sacerdotes, que decidiram abandonar seus projetos pessoais (emprego, estudo, relacionamentos afetivos, família, propriedades) para compartilharem o cotidiano em habitação comum, dedicando-se incondicionalmente à “vida no Espírito”: o abandono de si à ação imponderável e direta de Deus na condução da vida diária (misticismo) e a dedicação exclusiva à missão evangélica para salvação do mundo e cumprida pela difusão dos preceitos católico-doutrinários através de meios de comunicação próprios e em megaeventos organizados para fiéis não-comunitários (ascetismo) (Oliveira, E.; projeto de doutorado, 2004).

Reparemos que eu afirmo no texto supracitado que os cançonovistas “decidiram” viver a “vida no Espírito”. Para mim até então, a “vida no Espírito” dependia de uma decisão individual dos seus membros, que trocavam as ofertas da vida moderna secular por uma vida comunitária sustentada pela Providência Divina. Entretanto, quando eu fazia aos cançonovistas essa pergunta e mesmo em outras que estavam relacionadas a essa, os entrevistados diziam que não haviam “escolhido” a vida religiosa e comunitária da Canção Nova, mas que eles haviam nascido “Comunidade de Vida” e “Canção Nova”. Mesmo antes de iniciar o processo de entrevistas, eu havia percebido que, quando os membros da Comunidade de Vida eram referidos, ninguém os designava por “cançonovistas” ou por “comunitários”, termos que eu usava nos meus textos. Marta e Denise não diziam “fulano é da Comunidade de Vida”, mas diziam “fulano é Comunidade de Vida”. “Comunidade de Vida” não tinha a função de adjetivo, mas de substantivo. Quando as entrevistas começaram, todos os entrevistados também diziam “fulano é Comunidade de Vida” e, além disso, diziam “fulano é Canção Nova” e não “da Canção Nova”. Ou seja, usavam “Canção Nova” também não como um adjetivo, mas como um substantivo. Inicialmente, não entendi muito bem o porquê da substantivação da palavra Canção Nova quando se referiam a si mesmos e a outros

membros, até que alguns deles me explicaram que “Canção Nova” era uma categoria de ser, era um povo, um dom.

Ricardo -É dom de Deus.

Eliane – Mas, é um dom...

Ricardo -... é incluso na pessoa, é nato nela, entendeu? Ela não se torna Canção Nova. Como se diz aquela frase de Max Scheler, “o agir segue o ser”. Se eu sou Canção Nova, vou agir como Canção Nova e, nesses moldes e princípios, eu vou me realizar. É a satisfação do meu ser, pela minha ação. (Ricardo, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatário, seminarista, entrevistado em Janeiro de 2006).

“Canção Nova” são pessoas que possuem o dom divino de ser “Canção Nova”. Nem todos que desejam ser “Canção Nova”, serão “Canção Nova”, pois quem é “Canção Nova” já nasceu “Canção Nova” e não se tornou “Canção Nova”. Qualquer um pode ser e fazer como se fosse Canção Nova - esse sim será cançãoovista - mas, somente alguns são legitimamente “Canção Nova”. Por isso, a partir de agora, nesta história que conto sobre a história de pesquisa na Comunidade de Vida Canção Nova, passo a chamar seus membros de “Canção Nova” ao invés de “cançãoovistas”. Mas, é importante dizer que, na época e por um longo período ainda, eu não havia compreendido a diferença crucial entre os dois termos. Tanto assim que mantive, em textos acadêmicos até 2007<sup>81</sup>, o termo “cançãoovistas” para designar os Canção Nova. Lembrei-me de que, ao ler aquele livro de padre Jonas (2000), tive a impressão de que ele falava pela Comunidade de Vida Canção Nova como se todos os seus membros pensassem exatamente igual ao que ele transmitia e pensava. Era como se ela fosse uma comunidade em que o entendimento entre as partes era perfeito. Agora, eu podia confirmar que era isso mesmo que ele queria dizer: todos pensam, agem e sentem homogeneamente porque possuem a mesma essência de ser: são “Canção Nova”.

Eles não viveriam em comunidade em nome de um ideal comunitário para fazer frente aos valores da sociedade moderna. Ou seja, a vida em comunidade autônoma não

---

<sup>81</sup> Ver Oliveira, E. (2004;2006;2007)

era uma proposta de organização alternativa para o mundo que todos deveriam seguir para se salvar. A vida em comunidade era um dom. Não era para todos. Não foram eles que escolheram viver em comunidade, mas Deus os fez para isso. Esse estilo de vida serve para os Canção Nova porque Deus quis que eles vivessem em comunidade.

Eliane - Por que fundar uma comunidade? Qual a diferença em você se dedicar a uma comunidade ou você atuar, da mesma maneira, num grupo de oração?

Fernando - O que eu percebo é que foi, como o nosso fundador padre Jonas Abib diz, uma inspiração de Deus. Por exemplo, o padre Jonas Abib nunca pensou em ser fundador de uma comunidade. Mas, ele foi mesmo que seguindo a inspiração do Espírito Santo. Isso é uma realidade bem sobrenatural. É uma realidade não empírica, mas uma realidade de fé. À medida da sua entrega a Deus, da sua abertura ao transcendente, à espiritualidade, a sua vida de oração, foi seguindo as inspirações de Deus (Fernando, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatário, seminarista, entrevistado em janeiro de 2006).

Eliane - Você acha que o ideal era que todo cristão viesse um dia querer fazer essa opção, de repente ele ainda não descobriu?

Francisco - Não, eu acredito que o chamado a ser comunitário não implica necessariamente que a pessoa deixe a vida dela e aquilo que ela faz lá fora e venha morar na Canção Nova. Ela tem um “chamado” a viver comunitariamente. No nosso caso, nós sentimos que era para nós vivermos dessa maneira de viver em comunidade, deixando nossa família, deixando emprego, deixando o que fazíamos e vindo pra morar especificamente numa comunidade, mas nem todo mundo tem esse mesmo “chamado” (Francisco, 32 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, casado, coordenador do suporte espiritual, entrevistado em janeiro de 2006).

“Não se escolhe. Se é” – foi o que Alfredo me respondeu quando perguntei por que ele havia escolhido viver na Comunidade Canção Nova. “É uma coisa divina”, disse ele. “É uma coisa iluminada por Deus. Não é uma escolha pessoal. Alguém pode pensar: ‘eu quero ser bem sucedido, eu quero ser feliz, então eu vou para lá, porque esse estilo de vida tem tudo a ver comigo, porque eu sempre curti isso...’”. Alfredo acreditava que isso poderia funcionar em outros sistemas, mas não lá na Canção Nova. Se alguém chegasse com esse objetivo para a Canção Nova acabaria se sentindo desconfortado. Se ele chegara e permanecera na Comunidade Canção Nova era porque Deus o havia escolhido. Ele acreditava que acima de tudo era um convite de Deus:

“Você precisa estar atento a esse convite e perceber também a sua própria história. Porque esse Deus é um Deus que convida também na história. E, realmente, as coisas foram acontecendo, as escolhas foram sendo iluminadas pelo Espírito Santo” (Entrevista com Alfredo, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, músico e filósofo, fevereiro, 2007). Alfredo acabou vendo que esse caminho era o melhor para ele e que seria o melhor caminho para que ele fizesse a diferença na vida dos outros.

As respostas dos Canção Nova às perguntas que eu fazia eram marcadas pela emoção, pelo entusiasmo e pelo encantamento. Com brilho nos olhos, falavam da sua história pessoal com a Canção Nova com um romantismo semelhante a que eu lera no livro de padre Jonas Abib (2000). Inclusive, muitas das histórias contadas por ele naquele livro eram reproduzidas nesses discursos. Quando não eram exatamente as mesmas histórias em relação à Canção Nova, eram histórias que tinham a mesma estrutura narrativa do tipo: “Olhando hoje para minha história, percebo que Deus me conduzia através dos acontecimentos da vida para que eu chegasse à Canção Nova e descobrisse que minha missão é viver na Comunidade Canção Nova e trabalhar para a evangelização do mundo, através dos meios de comunicação. Nem sempre eu soube disso, mas fui descobrindo”.

Eliane – Então quer dizer que há pessoas que não sabem ainda que são Canção Nova?

Ricardo - Não sabem, e é uma descoberta e o belo é isso. É uma descoberta. Eu sou Canção Nova, mas eu me descubro nos princípios que já são natos dentro de nós, nós vamos nos realizando como Canção Nova. Quais são os princípios? Então, muitas pessoas vêm pra Canção Nova. Passam um tempo e depois voltam pra casa. Não é a Canção Nova que manda ir embora, mas sim a pessoa que não se vê encaixada nesses moldes. É “chamado” mesmo, é vocação (Ricardo, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatário, seminarista, entrevistado em Janeiro de 2006).

Como alguém descobre que é Canção Nova?

Marina - Deus fala coisas no coração da gente, dá sinais como esse que eu falei. Eu trabalhava pra Deus e sentia maior satisfação. Eu ia trabalhar quase a mesma coisa pras

coisas 'do mundo' e aquilo me dava um cansaço, não me satisfazia plenamente, não era algo que me preenchia. Eu fui vendo sinais. Você vai conversando sobre esses sinais e vai percebendo sua pertença a Deus. Eu fui percebendo que eu trazia o carisma Canção Nova (Marina, 40 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, casada, superintendente da Rádio Canção Nova, entrevistada em Fevereiro de 2006).

Embora não constitua pré-requisito que se seja católico e carismático no começo da trajetória de descobrir-se “interiormente” “Comunidade de Vida”, é imperativo que a adesão ao catolicismo e à Renovação Carismática aconteça para que se processe a descoberta. Ou seja, a suspeita de que há um “mistério” divino oculto em si mesmo, de que há uma “verdade espiritual” no seu “interior” que deve ser descoberta, só fica evidente após a filiação desse sujeito ao catolicismo e a um grupo de oração carismática. A desconfiança de que há algo no âmago de si para se descobrir leva-o a uma retrospectiva da vida a partir da qual busca sinais do “chamado” atuantes mesmo antes de sua adesão religiosa. É comum que a descoberta se desdobre concomitante a uma conversão do sujeito ao catolicismo ou, para os já pertencentes ao catolicismo, a um estreitamento dos laços institucionais católicos, que se traduz no engajamento do fiel num grupo ou pastoral paroquial e, sobretudo, num grupo de oração carismática. Lá ele será iniciado no ethos e na “espiritualidade” da Renovação Carismática, elementos fundantes das Comunidades de Vida.

Ricardo - Foi um longo caminho de discernimento e um caminho que aconteceu aos poucos também. Foi todo um caminho de descoberta. Eu tenho 23 anos, sempre fui cristão, mas, antes de ter uma experiência forte com Jesus, [eu era] um cristão só de aparência. Fui batizado, fui receber a crisma na época certa, recebi primeira comunhão, vivi toda essa dinâmica da catequese, mas eu não era assíduo, não entendia muito bem o cristianismo. O que aconteceu com 16 anos? Fui chamado pra fazer um encontro que se chama experiência de oração ou Querigma da RCC. Aí, em determinado momento, as pessoas do grupo de oração impuseram as mãos sobre mim e pediram a graça do Batismo no Espírito Santo, que é uma experiência muito concreta que a RCC vive e que a Canção Nova também vive. A partir daquele momento eu me senti muito amado por Deus. Parece que cinco mil quilos saíram de minhas costas e eu me encontrei com Jesus. Eu parei de fumar maconha, parei de cheirar cocaína, parei de passar droga, parei de fumar cigarro (Fernando, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatário, seminarista, entrevistado em Janeiro de 2006).

A mesma explicação dada sobre a “não-escolha” de padre Jonas Abib e dos membros da Comunidade Canção Nova pela vida comunitária acontecia para o caso do estabelecimento da sede da Comunidade de Vida numa cidade do interior e no Vale do Paraíba. Os entrevistados diziam-me que o lugar onde está localizada a Comunidade dos Canção Nova igualmente foi um desígnio de Deus. Deus criou pessoas e lugar para fundar a Comunidade Canção Nova. Portanto, não fora uma opção pessoal de padre Jonas Abib fundar a Comunidade Canção Nova numa cidade de interior, perto da natureza e no Vale do Paraíba. Deus foi revelando a padre Jonas quais eram os planos divinos para a Canção Nova e esses eram compostos pela soma dessas características. Os Canção Nova me diziam que o contato com a natureza e a vida do interior no Vale do Paraíba, sem dúvida, ajudava a desenvolver a sua “espiritualidade”, mas não era um pré-requisito para que a vivessem, já que o dom Canção Nova estava dentro deles e, no limite, eram eles. E, onde quer que estivessem, em cidades grandes, interioranas ou campestres, no Brasil ou em qualquer parte do mundo, eles viveriam o dom Canção Nova e a “espiritualidade” afloraria do mesmo jeito. A sede da Comunidade de Vida em Cachoeira Paulista era considerada por todos um território sagrado sim - o qual chamavam “Território Eucarístico” ou “pedaço do céu”: “Aqui na Canção Nova, nós falamos que aqui existe um solo eucarístico, aqui Jesus habita” (Gabriela, 27 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, administradora financeira da TV Canção Nova, entrevistada em junho de 2006). Entretanto, segundo eles, a Canção Nova não era um território sagrado porque estava localizada próxima da natureza e numa cidade do interior, mas porque era um lugar escolhido, planejado e construído por Deus, especialmente para os Canção Nova.

Eliane - Nessa perspectiva da “espiritualidade”, você acha que a localização da Canção Nova aqui no Vale do Paraíba favorece esse desenvolvimento “espiritual” mais do que na cidade? Será que aqui você tem mais oportunidade de se abrir pra essa

“espiritualidade” do que teria num grupo de oração lá no centro da cidade do Rio de Janeiro?

Francisco – Se a gente for olhar a bíblia, Deus sempre escolheu um lugar. Cachoeira Paulista não foi um lugar escolhido pelo padre Jonas. Foi um lugar que foi escolhido por Deus. Poderia ser qualquer outro lugar, podia ser no Rio de Janeiro, podia ser no Nordeste, podia ser no Centro-Oeste, no Amazonas... Deus escolheu Cachoeira Paulista. Não foi um planejamento nosso: vamos ver um lugar que seja mais favorável, que fique entre Rio e São Paulo. Não foi. Foi por escolha de Deus e não de homens. Deus escolheu que a Canção Nova estivesse aqui. O lugar é privilegiado? É! Por qual motivo? Única e exclusivamente por ter sido escolhido por Deus. E justamente porque Deus escolheu, aquele lugar se torna um lugar especial. Não pelas pessoas que ali estão, não por escolha daquelas pessoas, mas por escolha de Deus que escolheu manifestar naquele povo daquele jeito, naquela época, naquele lugar. A Canção Nova, muita gente costuma dizer, é um pedaço do céu? É um pedaço do céu! Porque aqui nós fazemos experiências de um Deus muito vivo, muito presente. O lugar é especial por escolha de Deus, não por escolha nossa. E não porque nós somos merecedores. Nós simplesmente somos gratos (Francisco, 32 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, casado, coordenador do suporte espiritual, entrevistado em janeiro de 2006).

Lembro-me de que fiquei muito decepcionada em ver escorrer entre meus dedos algumas formulações hipotéticas sobre a Comunidade de Vida Canção Nova escritas em meu projeto de doutorado. Entretanto, logo percebi que, embora a conexão entre comunidade, mística e natureza não fosse construída deliberadamente pelos Canção Nova, ela existia e era reputada ao mistério divino. Não houve quem não concordasse que, de fato, estar vivendo no Vale do Paraíba, na cidade interiorana de Cachoeira Paulista e numa comunidade favorecia sua “espiritualidade”, mas ressaltavam que a sobrenaturalidade estava na escolha de Deus por este lugar e não pelo lugar em si. Clarinha contou-me que, na sede da Canção Nova em Cachoeira Paulista, ela teve mais facilidade de se abrir para a “espiritualidade” do que na casa-filial da Canção Nova na capital de São Paulo onde morou. Disse-me que, em Cachoeira Paulista, sentia-se como numa “redoma de vidro”, protegida da malícia “do mundo” e cercada pelo que é de Deus, enquanto que, em São Paulo – um contexto muito mais “sedutor” e de “sexualidade desenfreada” - não se podia nem cumprimentar um homem na rua porque ele a assediaria. Mas isso não fazia que ela fosse menos “Canção Nova” em São Paulo

do que em Cachoeira Paulista (Clarinha, 26 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatária, almoxarifado, entrevistada em fevereiro de 2006).

Existia também uma hipótese sobre a vivência da mística no cotidiano da Comunidade de Vida Canção Nova na pergunta “Viveu alguma experiência que considerou ‘transcendental’ no tempo em que está na comunidade?”. Essa pergunta estava fundada nos meus estudos anteriores que observaram uma forte tendência mística da Canção Nova em Acampamentos de Oração e supuseram a continuidade e a intensificação dessas experiências no âmbito do cotidiano comunitário. Era importante, no meu entender, que, através do trabalho de campo no âmbito interno da Comunidade de Vida, eu verificasse a hipótese levantada na dissertação de mestrado sobre se havia continuidade ou não entre a experimentação religiosa dentro da Comunidade de Vida tal como existia fora. Mas, como minha pesquisa estava circunscrita às entrevistas nas condições já descritas, somente dava pra saber sobre isso pelos depoimentos.

Os entrevistados garantiram-me que permanentemente aconteciam fenômenos sobrenaturais na Canção Nova, ou melhor, que a Canção Nova era movida pelo sobrenatural. O seminarista Fernando explicou-me que, na verdade, não existia uma diferença entre a realidade ordinária e a extraordinária. A realidade ordinária era extraordinária. Deus agia, falava, mostrava através dos acontecimentos do cotidiano ordinário.

Eliane -Você já viveu alguma experiência sobrenatural, transcendental, que você não conseguiu explicar?

Fernando - Sem dúvida, aconteceu. Hoje cedo aconteceu. Nós temos adoração comunitária da comunidade, das seis às sete horas da manhã, e eu estava rezando, todos nós rezamos carismaticamente, usando os dons do Espírito Santo dentro do contexto da Renovação Carismática, falando em línguas, que é um carisma, que é dom do Espírito Santo. Existe um dom que chama “dom de palavra e de ciência”, ou seja, no momento em que você está rezando, o Espírito Santo, Deus te dá uma imagem, uma visão de uma determinada coisa. Aí, depois que a gente reza em línguas. É um momento que a gente silencia e cada um coloca em comum com a comunidade aquilo que foi a experiência que o Espírito te levou a ver imagem ou a sentir através de um sentimento. Hoje, eu

rezando, eu tive essa experiência de uma imagem determinada. Eu coloquei em comum a imagem que o senhor me deu e que representava pra comunidade ali uma determinada realidade. Outras pessoas falavam: “eu também senti isso, eu confirmo isso, eu também senti isso, vejo que Deus quer levar a gente pra isso”. Isso é uma experiência concreta que nós vivemos cotidianamente. Isso não é coisa fora do ordinário, extraordinário. É coisa ordinária na nossa vida. Nós vivemos isso cotidianamente Nós somos guiados por esse sopro do Espírito, principalmente o nosso fundador, pai padre Jonas Abib (Fernando, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatário, seminarista, entrevistado em janeiro de 2006).

Curas físicas e “espirituais” bem como muitos casos da manifestação da Providência Divina foram contados pela maioria dos entrevistados. Mas, houve quem narrasse experiências “espirituais” como visões de anjos e locução de Jesus e Nossa Senhora ao pé do ouvido (Steil, 2003; Mariz, 2003), casos que atualizavam aqueles a que havia assistido em Acampamentos de Oração, em que Jesus era dito falar aos fiéis alguma mensagem, tocá-los literalmente, caminhar por entre eles (Oliveira, E.; 2003). Selecionei os casos de Gabriela e Sandra.

\*

### **As vozes de Jesus e Nossa Senhora nos ouvidos de Gabriela**

Quando Gabriela tinha 19 anos, teve uma experiência sobrenatural com Deus. A sua irmã já havia tido uma experiência de Deus e querendo que ela também tivesse, mandou-a para a Canção Nova numa caravana para um Acampamento de Oração. Ela não tinha idéia do que era a Canção Nova. Ela sentiu como se tivesse “caído de pára-quadras” na Canção Nova. Nunca tinha ouvido falar de Renovação Carismática. Não sabia o que era oração em línguas e, não só não entendia nada, como achava aquilo tudo uma loucura. Ela achava muito estranho aqueles jovens pulando, cantando, missas que duravam três horas. “Eu era uma pessoa muito prepotente, orgulhosa, muito dona do meu nariz, morava sozinha, fazia o que eu queria da minha vida, namorava, estudava. Para muita gente, eu teria uma vida maravilhosa”. Mas ela não era feliz. Ela era uma pessoa que buscava alguma coisa que eu não sabia o que era. Já havia freqüentado várias igrejas evangélicas, mas nada daquilo “saciava seu coração” [termo dela], aquilo não “mexia com ela” [termo dela].

Ela escutou a pregação do Dunga e de um músico chamado Martinho Valverde e todo mundo chorava, menos ela: “...e eu não derramava uma lágrima, eu era uma pedra”. Aconteceu que, quando começou a missa após essa palestra, o padre Jonas Abib subiu no altar paramentado. Quando ela o viu foi a mesma coisa que tivesse visto o homem da sua vida: “Pensa assim, quando você ama muito uma pessoa - não sei se você já se apaixonou perdidamente - e você vê o homem da sua vida, aquele que você mais ama e seu coração dispara de uma tal forma que parece que você fica com as pernas moles, você fica sem ar”. Ela não o conhecia, nunca tinha ouvido falar no padre Jonas Abib. Perguntou a moça que estava ao seu lado: “quem é esse padre?” “Eu estava completamente passando mal, parecia que minha pressão estava baixando”. A moça lhe disse: “Aquele é o padre Jonas Abib, o fundador da comunidade Canção Nova”. Gabriela percebe que o fato de a moça ter mencionado a Comunidade de Vida não fora por acaso, mas já era um sinal de Deus para ela. “E naquele momento eu olhava para aquele homem e eu fiquei tomada por um amor, de uma coisa que eu não tinha explicação, eu fiquei hipnotizada nele, eu não consegui tirar os olhos dele”. Então, chegou a hora da leitura do Evangelho. Quando leram o Evangelho, o padre Jonas Abib começou a cantar uma música de Nossa Senhora.

Naquele momento, caiu um raio na minha cabeça. Eu tremia, meu corpo inteiro queimava. Eu me abracei assim e eu urrava de chorar. Não era um chorinho, entendeu? Não! Era grito. A menina que estava do meu lado devia pensar: “Ela deve estar com algum problema”. Eu chorava de soluçar, era um choro da alma. E aquele choro foi vindo, foi vindo, e Deus foi me mostrando. Sabe quando você vê um filme? Eu fui vendo Deus na minha história. Deus ia falando comigo como eu estou falando com você.

Eu escutava uma voz que falava no meu ouvido. E me dizia assim: olha, quando sua mãe morreu, quando você estava do lado do caixão dela, eu estava lá com você”. Eu ouvi isso. Coisas que eu nunca tinha dito para ninguém, ele [Jesus] foi falando. Eu não tinha uma “linguagem de Deus” porque eu não era de igreja. Ele foi falando, falando. E a frase que ficou no meu coração era: “Filha, você me procurava, agora você me encontrou. Agora você me encontrou, eu estou aqui”. Ele dizia isso para mim. E aquilo ia me consumindo meu coração e ele foi falando, falando, falando, falava várias coisas e mostrava. Foi um tempo rápido, foi o tempo da música. E eu comecei a orar em línguas. Eu não sabia o que era aquilo. E meu corpo inteiro queimava, meu rosto queimava, tudo queimava. Parecia que eu estava numa tocha de fogo. E não estava entendendo aquilo. Foi uma situação muito complicada. Por isso é que eu digo: é sobrenatural. Eu perdi completamente a vontade humana da situação. No final, quando estava já acabando a música, eu me vi numa das igrejas evangélicas que eu fui. E aí, a voz mudou. Não era mais a voz de homem, era voz de mulher. Nossa Senhora. Aí, ela me dizia assim: “Filha, sabe porque você entrava lá e não saía do mesmo jeito? Porque você não é órfã

de mãe. Eu estou aqui, porque lá eu não estava, mas aqui eu estou”. Aí ela disse para mim: “olha na sua camiseta”. Quando eu olhei, minha camiseta estava com o rosto de Nossa Senhora”.

É que, antes de ir à Canção Nova, sua madrinha aconselhou a ela que comprasse uma “camiseta de Deus”, uma bíblia e um terço, porque, no Acampamento de Oração, ela precisaria. Ela comprou uma camiseta que tinha um rosto de Nossa Senhora, mas ela não tinha reparado o que estava escrito nela.

Estava escrito assim: “Eis aí sua mãe. Ame-a”. Era o Evangelho do dia, tinha acabado de ler. Aquilo que eles leram, era o que estava escrito na camiseta. Então, eu sentei. Você não pergunta o que o padre Jonas Abib falou, porque eu não me lembro de uma palavra. Eu não sei até hoje o que ele falou na pregação. Mas a experiência foi tão profunda, foi tão encarnada que, quando chegou na hora da eucaristia... (eu não sabia que tinha que confessar pra comungar, não entendia nada). Na hora que o padre Jonas pegou a eucaristia, disse assim: “... porque isso não representa o corpo de Cristo”. Eu achava que era um pão. Ele disse: “Isto é o corpo de Cristo”. Só que, naquele momento, eu já estava batizada no Espírito Santo, era o Espírito Santo habitando em mim, porque aquilo tudo tinha acontecido. “Meu Deus é Jesus num pedaço de pão?” Virou uma dúvida, principalmente porque eu li muitos livros espíritas, eu fazia meditação, fazia um monte de loucuras que a gente está acostumada ver aí fora. Então, eu achava que tudo aquilo era uma contradição na minha cabeça. Porém, o sentimento e aquilo que eu tinha vivido naqueles segundos foi algo tão real para mim que eu acreditei. Ali consegui acreditar. Então, sempre que eu vou pregar, eu digo: ‘Gente, não adianta: eu posso morrer de dizer para você que Jesus ama você que você não vai acreditar.

Você precisa experimentar. Se você experimenta Deus na sua vida, aí as coisas acontecem. Se você não experimenta, você pode pregar seja o que for, não adianta. É a experiência que nos remete a algo mais. A partir dali, eu voltei para Londrina e as pessoas me paravam na rua e me perguntavam o que tinha acontecido comigo, porque minha fisionomia tinha mudado. E eu voltei decidida a não pecar mais. Eu terminei um namoro de um ano por causa disso - porque eu vivia na sexualidade desregrada com meu namorado - e, a partir dali, eu não queria mais pecar. Por quê? Porque eu fui santificada pelo Espírito Santo. Era um sentimento que eu tinha. Depois eu fui esclarecendo as coisas. Não foi a pregação que me converteu, não foi o fato de que eu vi que eu estava errada. Não! A Gabriela se converteu, mudou de vida a partir da experiência profunda que teve com Deus. E a partir dali, eu comecei a buscar desesperadamente a Deus. Porque eu o tinha encontrado e precisava conhecê-lo. Eu não conseguiria viver uma vida de castidade, santa, de busca a Deus, de viver uma vida sadia, de não me deixar levar pelo capitalismo, pelas coisas que envolvem tanto a gente lá fora se não fosse na Canção Nova. E aquilo foi despertando cada vez em mim o desejo de Canção Nova”.

Gabriela estava “cheia de graça” de Deus e sentiu que precisava purificar sua vida para manter-se “em estado de graça”. Pitt-Rivers (1992) ponderou que a graça é associada à

vontade de Deus por conectar-se com a o estado de pureza. Estar “em estado de graça” é estar imaculado, redimido (através da confissão) do estado de pecado a que a vontade humana conduz. Entre os carismáticos, a manutenção da graça de Deus em si está, intimamente, condicionada à prática assídua das normas prescritas pelos dogmas e doutrinas da Igreja, cujo cumprimento conferirá prestígio e honra ao seu executor e confirmará o merecimento de ser agraciado e por uma dádiva divina. Em outras palavras, embora a graça seja um dom imprevisível e gratuito de Deus, o fiel carismático poderá alcançá-la e mantê-la se compartilhar dos sacramentos (eucaristia, confissão, oração e penitência), se cumprir um conjunto de regras morais consideradas mais corretas para alcançar a pureza e santidade e se entregar à experiências “espirituais”. A existência de um “eu divino” seria fortalecida ou conscientizada após o arrebatamento de Gabriela por Deus-Espírito quando, ao ser “possuída”, também O “possuiu” em si mesmo. Ela conclui dizendo que, hoje, olhando para trás, ela entende que, tudo o que sentiu quando viu padre Jonas Abib naquele Acampamento de Oração podia ser explicado da seguinte forma: ela descobrira o dom Canção Nova dentro de si mesma. O mesmo dom que estava em padre Jonas Abib estava nela. Pois um Canção Nova reconhece outro Canção Nova: “A gente se conhece, se reconhece, mesmo sem saber, porque aquilo que está em mim, também está naquela outra pessoa” (Gabriela, 27 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, administradora financeira da TV Canção Nova, entrevistada em junho de 2006)

\*

### **“Tinha o meu anjo da guarda e tinha Nossa Senhora a meu lado”**

Sandra - As pessoas me perguntam: Mas como você escuta Deus? Eu digo: através dos fatos, através das situações, através das pessoas que Deus coloca em minha vida.

Olha, eu tive uma experiência. Pelo fato de eu vir de uma família que tem muitas raízes evangélicas, a minha experiência com o que diz respeito a anjo da guarda e Nossa Senhora era algo muito distante. Eu sempre me questionava, porque todo mundo tinha experiências muito profundas e eu não tinha. Eu escutava aqui na comunidade testemunhos de pessoas, mas, dentro de mim, não me preenchia. Mas, houve um momento na minha vida, no meu noviciado, que minha vó faleceu e eu me senti a pessoa mais traída por Deus. “Como pode? Eu vim para a comunidade, dou minha vida por Deus e o Senhor tira minha vó?!”. Naquele dia, eu briguei com Deus e eu fui para a capela chorar. Eu chorava muito e dizia para Deus que eu não estava entendendo.

Pra você entender é difícil. Mas, na capela, diante de Jesus, eu e Ele somente, eu sentia alguém se aproximar e ficar atrás de mim. Pensei que era minha mestra de discípulas que estava ali me observando e tal. E ficou aquela presença atrás de mim um bom

tempo. Aquilo foi me acalmando, acalmando, acalmando. Eu fiquei o tempo inteiro de cabeça baixa porque, até para olhar para o sacrário, para mim, era difícil. Eu senti aquela presença atrás de mim.

Quando eu levantei, que eu olhei para trás, era impressionante, porque o que tinha atrás de mim eram asas grandes que fechavam toda a capela. Então, eu estava debaixo de um anjo de asas abertas sobre mim e quem estava atrás de mim era a própria Nossa Senhora. Dentro de mim, eu dizia para Jesus: “Senhor, perdão. Eu não estava sozinha. E ele não tirou ninguém de mim. Essa experiência é muito forte. Algumas pessoas dizem: isso é loucura, é coisa da sua cabeça. Mas não! Eu estava brigando com Deus e ele me parou dizendo: “você não está só”. Tinha o meu anjo da guarda e tinha Nossa Senhora a meu lado. Eu me acalmei, quando a minha mestra de discípulas chegou, eu não estava mais chorando. Ela perguntou o que estava acontecendo e aí ela riu e falou assim: “Bem-vinda ao mundo sobrenatural. Deus é isso. Deus é presença. Não queira ser racional, porque a gente não explica a fé. A gente vive a fé” (Sandra, 27 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, Pedagoga, Superintendente do Instituto Canção Nova, entrevistada em maio de 2006).

\*

**1**

### **A sadia convivência entre homens e mulheres**

Padre Jonas recebeu uma inspiração de Deus para propor a jovens que deixassem seus empregos, família, relacionamentos, propriedades, dinheiro, morassem com ele numa comunidade, entregassem a condução de suas vidas ao Espírito de Deus e dedicassem exclusivamente ao trabalho de evangelização do mundo. Os que deram a resposta afirmativa a sua proposta eram rapazes e moças. Dos onze jovens que aderiram, três eram freiras, mas os demais eram leigos e solteiros. Padre Jonas e os primeiros Canção Nova recebiam que a justaposição entre os gêneros masculino e feminino num convívio íntimo de uma habitação comum pudesse dificultar o cumprimento dos preceitos da moral sexual previstos na doutrina da Igreja. Muitos expectadores da formação da Comunidade Canção Nova, na época, prognosticaram que em nove meses veriam “moças de nenê no colo” (Abib, 2000:58), sugerindo que o sexo não poderia ser contido numa moradia que reunisse de moças e rapazes, todos em idade procriativa.

Para uma comunidade que desejava o vínculo com o catolicismo, seria inconcebível a existência de relações interpessoais que não se guiassem por parâmetros aprovados pela Igreja. Um único acontecimento desse tipo sepultaria, desde o início, a esperança de, um dia, ser reconhecida canonicamente como uma expressão do catolicismo no mundo contemporâneo, ou, como ela reivindicava, uma inspiração de Deus para a Igreja Católica. Na sociedade moderna secular, a que a Canção Nova, e a Renovação Carismática Católica donde nasceu, chama de “sistema do mundo” ou somente “mundo”, a maioria das pessoas não cumpriria esses parâmetros católicos de relacionamento afetivo e sexual, considerados “santos” e “santificadores”. “No mundo” reinariam relações “doentias”, baseadas na malícia, no sensualismo, na infidelidade conjugal, na luxúria. Portanto, a Comunidade Canção Nova só poderia existir se ela representasse a contrapartida aos valores desse “mundo”.

Acontece que, embora fossem católicos e carismáticos, aqueles jovens que se interessaram em formar a Comunidade de Vida Canção Nova viviam, até então, imersos “no mundo” e não tinham nem experiência nem referência de uma vida comunitária nos padrões que aquela iniciativa de comunidade - leiga, mista e religiosa - se propunha. Não havia no Brasil outra experiência comunitária católica como essa a que imitar. Portanto, temeu-se permanente o risco do seu malogro no sentido da intenção da sadia convivência. Contudo, quando padre Jonas teve a idéia da Comunidade de Vida, intuiu que ela era uma inspiração de Deus para uma comunidade que tinha como um dos atributos capitais ser formada com homens e mulheres. Ele resolveu confiar naquela inspiração. Pensou se não era isso justamente o que Deus queria. Quem sabe Deus, juntando naquela comunidade homens e mulheres, leigos, celibatários e sacerdote, católicos e carismáticos, não desejasse exatamente inaugurar um modelo de convivência “sadia” para a comunidade humana, dentro e fora da Igreja? Quem sabe Deus não

quisesse que a Comunidade Canção Nova fosse como um modelo para o mundo no que se referia a experiência da castidade entre homens e mulheres, sobretudo na juventude? Quem sabe a Canção Nova não teria sido eleita por Deus para iniciar algo novo na história das comunidades e congregações religiosas dentro da Igreja, onde, tradicionalmente, homens e mulheres ficaram separados? Ele pensou: se Deus a queria com essas características, então Ele também já teria garantido as condições de realizá-la. Era preciso se entregar ao Espírito de Deus e confiar.

Padre Jonas olharia para a sua história e perceberia que o princípio da “sadia” convivência já atuava em sua vida, sem que ele soubesse, nos momentos anteriores à fundação da Canção Nova. Ele notaria que uma primeira indicação do desejo e da investida de Deus pela “sadia” convivência fora o surgimento de Luzia na sua vida (Abib, 2000:63). Ela era uma jovem que havia se aproximado dele nos catecumenatos e que, a partir de então, permanecera junto dele até a constituição da Canção Nova. Não fora ele quem buscara a sua ajuda. Estava claro para ele que Luzia havia sido colocada por Deus em sua vida para acompanhá-lo bem de perto na descoberta e na materialização do dom Canção Nova no mundo (Abib, 2000:63).

Mas, Luzia era moça e viúva e padre Jonas era padre. Padre Jonas sabia que, em outros tipos de comunidade em que não houvesse a inclinação para uma “sadia” convivência, a convivência estreita e íntima entre um homem e uma mulher culminaria em relacionamento afetivo-sexual entendido por ele como dissoluto. Entretanto, no caso em questão, eles eram diferentes, porque estavam envoltos e preenchidos pela disposição à “sadia convivência”. O dom Canção Nova, posto em sua essência e ao seu redor, conspiraria para a sadia convivência naturalmente. O próprio dom Canção Nova que fora dado a eles não permitiria uma outra relação que não fosse a “sadia convivência”. Quem fosse realmente feito por Deus com o dom Canção Nova não se

oporaria nem resistiria a essa condição. Deus, quando fez a Comunidade de Vida em realidade espiritual, infundiu nela o “espírito” da “sadia” convivência. Cada Canção Nova possuiria a vontade e a capacidade de viver a “sadia” convivência. Por isso, todo aquele que estivesse sintonizado com e receptivo ao dom Canção Nova, mesmo sem ainda sequer saber que existia um dom Canção Nova, fluentemente viveria a “sadia” convivência. E foi isso que aconteceu com padre Jonas e Luzia. Padre Jonas com o tempo foi percebendo que Deus havia querido a presença de uma mulher a seu lado na condução da comunidade para inaugurar no mundo uma maneira “sadia” de convivência entre homens e mulheres, baseada na castidade e no celibato, como era, segundo conta, a sua relação com Luzia.

Ele entendia que a “sadia convivência”, irrompida para os Canção Nova nos próprios fatos da realidade cotidiana, era um dos desígnios latentes no dom Canção Nova. Fora dado por Deus à Canção Nova para que ela, em vivendo esse princípio, provasse ao mundo que a intersecção de homens e mulheres no âmbito diário doméstico de uma comunidade, religiosa ou não, não culminaria necessariamente em relacionamento sexual fora do casamento ou em práticas sexuais não aprovadas pela Igreja como as homossexuais, por exemplo. E se numa comunidade religiosa era possível viver em “sadia convivência”, assim também seria possível vivê-la no âmbito laico da família e dos relacionamentos afetivos de um modo geral. Em outras palavras, uma formação comunitária composta por homens e mulheres compartilhando o mesmo espaço físico e fundamentada na inocência, na pureza, na castidade, na fidelidade, como propõem as teses da Canção Nova, faria dela, por vontade de Deus, um arauto dos ideais divinos para os homens ou “um sinal de Deus para o mundo”: “No mundo tão sexualizado em que vivemos, num mundo de malícia, homens e mulheres vivendo juntos em sadia convivência é um testemunho: é um sinal fora do comum” (Abib,

2000:59). A vida na Canção Nova em “sadia convivência” seria a contrapartida aos valores “do mundo”, uma vez que cultivaria valores classificados como promotores da “santidade”. “Deus quer provar que é possível viver a pureza, viver sem malícia e em sadia convivência, homens e mulheres” (Abib, 2000:60).

\*

### **Estados de Vida**

Na Comunidade de Vida Canção Nova, haveria casados, celibatários, sacerdotes e diáconos. O casamento, o celibato, o sacerdócio e o diaconato são chamados pelos Canção Nova de “estados de vida”. Até a “consagração para sempre”, todo membro deve descobrir para qual “estado de vida” Deus o criou. Aquele que ainda não definiu seu “estado de vida” para o casamento ou para o celibato, no caso de mulheres e homens, ou para o sacerdócio e o diaconato, no caso dos homens, é dito solteiro ou solteira. Os casados, seguindo normas de castidade baseadas na doutrina católica, podem ter relações sexuais e procriar. Caso queiram limitar o número de filhos devem adotar somente métodos naturais de contracepção.

Os casais da comunidade, porque assumiram uma vida consagrada, se comprometem a seguir fielmente a Doutrina da Igreja expressa principalmente nos documentos *Humanae Vitae* de Paulo VI e *Familiaris Consortio* de João Paulo II, contrapondo-se assim à mentalidade do mundo sobre a vida sexual e a transmissão da vida (Comunidade Canção Nova, sd:41).

Eles foram feitos por Deus para ser um modelo de família para a Igreja e para o mundo. “Deus nos dá hoje a graça de apresentar para a Igreja e a sociedade o modelo novo de casais consagrados e que se empenham em usar de todos os meios da natureza e da graça para fazer de sua família uma Família Consagrada” (Comunidade Canção Nova, sd:37). Aos demais, é proibida a prática de relações sexuais. A castidade é incentivada para os casados, solteiros e celibatários. “Os casados vivem a castidade matrimonial própria da santidade do matrimônio cristão. Ela se apresenta numa dupla dimensão: viver castamente a própria vida sexual e assumir fielmente a fidelidade conjugal (Comunidade Canção Nova, 2002:41). “Os jovens assumem viver uma serena e profunda castidade nos pensamentos, nos sentimentos e nas atitudes. Em se tratando de jovens em pleno despertar da sua sexualidade e de sua vida afetiva torna-se

importantíssimo o mútuo respeito (Comunidade Canção Nova, sd:41). “Os chamados ao celibato assumem viver a castidade perfeita” (Comunidade Canção Nova, sd:41).

Na época em que se é solteiro, o membro da comunidade começa a descoberta do seu “estado de vida”. O “estado de vida” de um Canção Nova já foi definido por Deus quando o fez. A pessoa só precisa descobri-lo e assumi-lo. Identificar qual o “estado de vida” certo para qual foi criado é fundamental para que a Comunidade aconteça como Deus assim a quis. “Com muita oração e discernimento, com empenho pessoal e ajuda de outros”, [aqueles que ainda não definiram o próprio “estado de vida”] “caminharão, ao encontro do estado de vida para o qual o Senhor já os destinou e que precisam encontrar e assumir” (Comunidade Canção Nova, sd:36). “O carisma e a missão só serão vividos plenamente e com a eficácia, no estado de vida para o qual Deus nos chamou. Viver na indefinição ou fora do próprio estado de vida é um grave prejuízo” (Comunidade Canção Nova, sd:36).

Nesse momento de definição do “estado de vida”, ele pode namorar alguém da Comunidade de Vida comumente. O namoro dentro da comunidade obedecerá a regras e será vigiado por membros da Comunidade de Vida responsáveis a acompanhar cada parte do casal. Pouco comum é o caso de membros namorarem uma pessoa de fora da Comunidade de Vida. Nesses casos excepcionais, a parte que não é membro da Comunidade de Vida, deve respeitar as regras de castidade e de fidelidade da Comunidade de Vida, e, para se casarem, ou o membro da Comunidade de Vida passa para a Comunidade de Aliança, ou a parte que não é da Comunidade de Vida “faz caminho” para a Comunidade de Vida, nela ingressando, ou o membro da Comunidade de Vida desiste da Comunidade de Vida e a abandona. Passados os sete ou oito anos de membro na Comunidade de Vida, se alguém, nunca namorou ninguém da comunidade, então é um sinal de que ele não possui a vocação para o casamento, devendo, portanto, concluir que foi criado por Deus para o celibato. “O celibato é um dom. A iniciativa é de Deus, que cria a pessoa para este estado de vida. Pelos sinais dos acontecimentos, a pessoa se descobre assim chamada por Deus. Dócil à descoberta feita, a pessoa assume com generosidade (Comunidade Canção Nova, sd:39).

\*

## **A saída de Laura**

Pouco tempo antes de “consagrar-se para sempre”, Laura quis afastar-se da Comunidade de Vida. O voto de consagração para sempre à Comunidade Canção Nova lhe pareceu extremamente “sufocante”. Ela não estava disposta a jurar não ter, “para sempre”, uma profissão que escolhesse ou nunca cursar uma faculdade. No momento em que decidiu “consagrar-se para sempre” precisaria também decidir, de uma vez por todas, seu “estado de vida”. “Estado de vida” é uma designação usada pelos Canção Nova para nomear que a pessoa é casada, celibatária ou sacerdote. Como Laura não namorara ninguém nos sete anos que esteve na Comunidade, estaria implícito que ela não tinha vocação para o casamento. Por isso, no ato de “consagração para sempre”, deveria fazer votos para o celibato. Ela se angustiou em ter que jurar “para sempre” pelo que não sabia se queria (Laura, 28 anos, contabilista, ex-membro da Comunidade de Vida Canção Nova, entrevistada em 2002).

\*

### **“Namoro à moda antiga”**

Os três anos de Juniorato tornam-se um marco na vida do comunitário porque é, entre outras coisas, o tempo considerado apropriado para refletir e decidir sobre o “estado de vida” que ele assumirá no universo da comunidade. Se durante o pré-discipulado e o discipulado o membro foca sua atenção no amadurecimento da descoberta do “carisma Canção Nova” no seu “interior” e, por isso, deixa em suspenso suas intenções com relação ao casamento, ao celibato ou ao sacerdócio, no Juniorato, ele é incentivado a ponderar a respeito. A paquera e o namoro heterossexuais são então permitidos entre comunitários, mas condicionados por regras, restrições e proibições. Os coordenadores da casa fazem a mediação entre o rapaz e a moça mutuamente interessados num envolvimento amoroso, acompanham o casal no “caminho para o namoro” e durante o namoro propriamente dito. O “caminho para o namoro” é uma temporada precedente ao namoro quando não é permitido ao casal se beijar ou se abraçar, nem ficar sozinho em qualquer situação. A orientação é que ambas as partes se conheçam mais profundamente mediante conversas e convívio em grupo para resolverem pelo namoro ou não. Todos os sentimentos e acontecimentos vividos entre eles devem ser relatados aos coordenadores que o acompanham. Depois de um ano, se, segundo a avaliação de cada pretendente e

de seus coordenadores, o casal manteve o sentimento recíproco e cumpriu corretamente as restrições exigidas, o namoro entre eles é autorizado, mas segue as orientações doutrinárias da Igreja sobre a interdição das práticas sexuais antes do casamento para a preservação da virgindade, adotando os limites estabelecidos pelas regras da Comunidade: beijar, andar de mãos dadas, abraçar “com moderação”. Uma comunitária explicou-me em entrevista que se, por exemplo, um rapaz está paquerando uma moça ou vice-versa, devem contar para o seu (sua) formador (a). Por sua vez, os formadores conversarão entre si para saber se o interesse é recíproco. Caso seja, o casal começa o “caminho para o namoro” e, posteriormente, inicia o namoro. Passado algum tempo de namoro, há o “caminho para o casamento”, tempo de preparação para o casamento. Comunitários cançonovistas dizem que o namoro na Canção Nova é “namoro à moda antiga”. Se na fase de Juniorato, o fiel não paquerar nem se interessar pelo namoro com ninguém, ele pode concluir que possui o “chamado” de Deus para o celibato ou para o sacerdócio.

\*

### **Marina e Otávio**

Marina era funcionária da rádio Canção Nova e namorava Otávio, um rapaz que era filho de membros da Comunidade de Vida, quando ela sentiu o “chamado” de Deus para a Comunidade de Vida. Os filhos de membros da Comunidade não são considerados membros da Comunidade de Vida. Até os 18 anos, podem residir com seus pais na Comunidade, mas, ao completarem essa idade, precisam escolher se querem continuar e tornarem-se comunitários consagrados ou deixar a Canção Nova. Se optarem por continuar, devem fazer caminho como qualquer iniciado à Comunidade de Vida Canção Nova:

Os filhos podem participar com liberdade, na forma que conseguem, de toda a vida e atividade próprias da Comunidade. Seu ingresso, porém como membro da Canção Nova só poderá acontecer por vocação reconhecida e só depois de completar dezoito anos de idade. Eles são livres também em não vir a pertencer à Canção Nova (Comunidade Canção Nova, sd:37).

Otávio ainda não sabia se ficaria ou não na Comunidade. Então, Marina, por regra da Comunidade precisou suspender o namoro iniciado antes de “fazer caminho”. Para dar continuidade ao seu namoro, só havia duas saídas: ou seu namorado ingressava no caminho para a Comunidade de Vida e juntava-se a ela, ou ela saía da Comunidade de

Vida para a Comunidade de Aliança, porque, segundo as normas da Comunidade, uma vez membro da Comunidade de Vida, não é permitido o namoro com pessoa de fora da mesma. A alternativa para isso, quando se quer ainda manter o vínculo com a Canção Nova, é associar-se à Comunidade de Aliança. A Comunidade de Aliança nasce da Comunidade de Vida: seus membros firmavam o compromisso de seguir todos e os mesmos princípios de vida da Comunidade de Vida, embora não morem na Comunidade de Vida e possam manter empregos, profissões e relacionamentos fora da Comunidade de Vida (Oliveira, E., 2003b). Quando ela estava lá há seis meses, o seu namorado resolveu então “fazer o caminho para a comunidade” e entrar no ano seguinte. Então, ficaram dois anos sem namorar pelo impedimento do processo de caminho dele e dela. Passado esse tempo, no momento do juniorato, puderam reatar o namoro e uns anos depois, se casaram (Marina, 40 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, casada, superintendente da Rádio Canção Nova, entrevistada em Fevereiro de 2006).

\*

### **Enquanto faz caminho, não se namora**

Durante os dois anos de “caminho”, os candidatos são orientados a interromper relacionamentos de namoro, bem como a não se envolverem em enlacs amorosos. Se eles pretendem entrar para a Comunidade de Vida não poderão carregar seus relacionamentos consigo. Caso venham a ingressar na comunidade, deverão deixá-los. No “caminho”, precisarão avaliar se preferem ficar com seus relacionamentos ou se querem filiar-se à Comunidade. Se a preferência pelo namoro for maior, então se crê que “o chamado” de Deus foi menor, que o pretendente se equivocou sobre ser “Canção Nova”. Uma vez dentro da Comunidade de Vida, não poderão manter relacionamentos afetivos com pessoas que estão fora da Comunidade.

(A) namorado(a) de um(a) candidato(a) também pode decidir “fazer caminho” intencionando dar continuidade no interior da Comunidade de Vida ao namoro interrompido. Entretanto, caso ingresse na Comunidade, também não poderá imediatamente atar o namoro interrompido. Deverá aprofundar primeiramente o discernimento quanto a sua vocação de ser “Canção Nova” e sobre o “estado de vida” a que se consagrará na Comunidade.

Na época de pré-discipulado, as regras da Comunidade de Vida orientam que os candidatos não se preocupem em definir “estado de vida”, ou seja, não conjeturem se apresentam “na sua essência” as vocações para o casamento, para o sacerdócio ou para o celibato. Isso implica o impedimento ao namoro e à paquera entre os candidatos e entre candidatos e membros, bem como a evitação da idéia em ser padre ou celibatário. Segundo os preceitos cançonovistas, antes de definir a vocação para algum desses “estados de vida”, é preciso definir se há a vocação para ser “Canção Nova”. Os pré-discípulos devem, então, seguir a orientação da Comunidade de não namorar ou paquerar durante o ano de pré-discipulado, interdição que se estende durante o ano de discipulado, que é a etapa seguinte rumo à consagração. Assim, os dois primeiros anos no seio da Comunidade de Vida, para usar os termos dos Canção Nova, “não são tempo para o namoro”.

\*

### **Deus dá o frio conforme o cobertor**

Até os seus 17 anos de idade, Fernando teve muitas namoradas, praticou sexo, usou drogas, ouviu rock’n roll. Deixou tudo isso quando conheceu a Renovação Carismática Católica e a Canção Nova. Sentiu um “chamado” de Deus para o sacerdócio, mas achou que não conseguiria sustentar seus votos de celibato se fosse colocado numa paróquia com um monte de mulheres o assediando. Por isso, descobriu que Deus o queria na Comunidade Canção Nova. Na Comunidade Canção Nova, tudo seria diferente porque todos os que lá estavam se entendiam mutuamente como irmãos. Ele conviveria com mulheres bonitas, mulheres jovens, que teriam tudo pra serem suas esposas, mas seriam mulheres que não teriam “segundas intenções” para com ele, “mulheres que não teriam aquela malícia secularizada, a malícia do mundo”. Seriam suas irmãs. Posteriormente, entendeu que, se a Canção Nova foi criada por Deus para os seus membros viverem em sadia convivência, então, Ele daria também os meios para que Canção Nova a vivesse. Fernando descobriu que Deus não o mandaria para o “Alaska se antes não lhe desse as blusas necessárias para ele suportar o frio” (Fernando, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatário, seminarista, entrevistado em janeiro de 2006).

\*

**As entrevistas****- continuação -**

Houve algumas vezes, durante o processo de realização de entrevistas, que os membros da Comunidade de Vida Canção Nova disseram-me que tinham percebido que o fluxo “espiritual” que circunda a Canção Nova - a qual eles chamavam de “eficácia sobrenatural” – havia englobado a relação de pesquisa que eu estabelecera com eles. Considero que, nesse nível de relação, eu estava mais próxima da experiência da pesquisadora e da antropóloga que “compreende com nativo sem ser nativo” que me propunha ter com os membros da Comunidade de Vida Canção Nova. Ou seja, esses foram casos em que os membros não me interpretavam dentro dos parâmetros “amiga-como-nós” e “amiga-conosco”, que envolviam o “chamado” de Deus à Canção Nova, o pertencimento ao catolicismo e a recusa do “mundo”, mas, deixando-me no lugar onde eu me dispunha ficar, queriam compartilhar comigo a experiência daquilo que eles eram e que eu não era e que nem queria ser, mas me dispunha a experimentar como meio de “conhecer”. Para esses, eu podia ser enquadrada numa espécie de status que fosse de “amigo” sem que, para isso, fosse concebida como católica e carismática. Talvez alguma subcategoria de “amigo-conosco”, como “amigo-conosco-do-mundo-secular”. Esses queriam identificar “fenômenos espirituais” e outros elementos contidos em sua cosmovisão religiosa acontecendo não somente na história passada de suas vidas ou somente da sua vida particular do presente, mas na nossa relação que se desdobrava no presente. Queriam que eu, como pesquisadora e antropóloga, independentemente de ser católica ou carismática, enxergasse e experimentasse da mesma forma que eles experimentavam como prova de que tudo o que diziam era verdade e eu era testemunha disso. Tal como Francisco, esses também achavam que eu, sem saber, havia sido “pega”

pela “rede” divina. Entretanto, havia uma diferença fundamental entre essas interpretações: era que, para esses últimos, o fato de eu ser “pega” pela “rede” divina não me fazia ser portadora de um desígnio de Deus ou, no limite, de ser “Canção Nova”. Eu não precisava ser nem católica nem Canção Nova para experimentar com eles a sobrenaturalidade da Canção Nova. A fronteira aqui era mais fluída: Deus não demarcava ninguém nem ocasião para se manifestar. Mas, o que mais me surpreendeu nessas experiências de englobamento com o sobrenatural era que o sobrenatural irrompia como milho de pipoca que estoura com o calor. De repente, no meio de um contexto de relação que estava tendo com alguém, a pessoa enxergava um sinal de Deus, acontecendo invisivelmente entre nós. Devia ser isso que queriam dizer com “Deus fala pelos fatos”. Era como se, concomitante à realidade ordinária que estávamos vivendo, uma outra realidade extraordinária se abrisse, como um portal, uma visão, uma experiência mística. Fazia todo o sentido o que Fernando me dissera: a realidade ordinária era extraordinária. Era como se, envoltos e perpassados por uma aura espiritual, nós estivéssemos, a todo o momento, sujeitos a pequenas experiências místicas. Como se o Espírito fosse um mar e todos nós, independentemente se somos católicos, estivéssemos “mergulhados no Espírito”. Como se a própria realidade – a “verdadeira realidade” ou a Realidade - fosse o Espírito de Deus. Portanto, a nossa realidade humana está sujeita à realidade divina. Por isso, qualquer coisa – um pensamento, uma ação, um sentimento - transparecia a manifestação imediata “espiritual” de Deus. Em minha dissertação de mestrado, eu havia observado, em Acampamentos de Oração, essa mesma maneira de experimentar o sagrado. Disse naquela ocasião que:

Quando a realidade ordinária estava “mergulhada no Espírito”, o fiel é quem passa a ser, por assim dizer, o “outro” na realidade dominada pelo Espírito Santo, totalmente permeada pelo sagrado. Enxergando com os olhos do sagrado, as realidades ficam indiferenciadas e embaraçadas. Ou seja, qualquer situação acontecida na realidade

ordinária pode ser reputada às manifestações do “sobrenatural” e, no limite, à comunicação ou à interpenetração das realidades ordinárias e extraordinárias. A mistura ou a inter-relação entre as realidades é capaz de criar a dificuldade em identificar onde termina uma e começa a outra. Elas acabam se confundindo. Embora não deixe de ser uma pessoa divina, Deus é, às vezes, sentido como sendo a própria realidade imanente (Oliveira, E.; 2003).

Inclusive, esse fora um dos elementos centrais observados na experiência religiosa da Canção Nova para a comparação com a “espiritualidade” Nova Era:

Quando o discurso do “mergulho no Espírito de Deus” considera que a realidade ordinária dos homens é atravessada pela realidade divina - o que resulta na comunicação e na integração das realidades ordinária e extraordinária – mostra-se aproximado das tendências holísticas e ecológicas características da Nova Era (Oliveira, E; 2003).

Para mim, era interessante observar a expressão de encantamento e admiração no momento exato em que o entrevistado “entendia” (descobria) o que estava acontecendo no meio de nós. Ele ficava atônito diante da inesperada experiência visionária, de uma percepção extra-sensorial, invisível, mas real, como se vivesse uma espécie de descoberta. O mistério divino estava em toda parte, penetrava as relações, enredava as situações mais banais do cotidiano, e dar-se conta do desvelamento da realidade, produzia um grande fascínio (Simmel, 1999). Havia coisas ocultas, segredadas por Deus, na realidade, nos acontecimentos, nos fatos. Deus revelava quando queria e os membros descobriam quando estivessem preparados. Simmel (1939) notou que, mediante segredo, um segundo mundo, ao lado do mundo conhecido, torna-se plausível, sendo o mundo conhecido inevitavelmente influenciado por aquele mundo desconhecido (Simmel,1939:378). Considerando esse caso, podemos dizer que, mediante o segredo reputado a Deus, um mundo “extraordinário”, misterioso, sobrenatural, imponderável e irruptivo coexistia junto do mundo “ordinário”. A descoberta de uma realidade que Deus antes mantinha ocultado deles ou a percepção de novas realidades antes não apreendidas revelava que eles haviam dado mais um passo no caminho da evolução “espiritual”. Em trabalho anterior (Oliveira, E.; 2003), havia

indicado essa experiência entre os membros da Comunidade de Vida, baseando-me em sua prática religiosa exposta publicamente em Acampamentos de Oração:

Segundo os carismáticos da Canção Nova, quanto mais sintonizado e abandonado à “movimentação de Deus” e quanto mais cultivada a santidade, mais a presença Dele e das realidades divinas não-ordinárias serão sentidas e percebidas. O crescimento espiritual provoca uma mudança na percepção da realidade ordinária. Como consequência, a realidade não-ordinária, crida ser habitada pelos seres celestiais reconhecidos pelo catolicismo, é apreendida através de visões, de audições, de sensações (Oliveira, E.; 2003).

Mas, dessa vez, diferente do que fora na ocasião das pesquisas para o mestrado, eu não estava somente vendo a irrupção do sagrado acontecer com os Canção Nova, como em Acampamentos de Oração, mas experimentava com eles. Era a irrupção da ação “espiritual” de Deus, traduzida a título de Providência Divina.

\*

### **O acaso não existe**

Dias antes da minha viagem para trabalho de campo na Canção Nova, naquela semana de março de 2006, resolvi confirmar as entrevistas com os membros da Comunidade de Vida, com quem eu agendara pessoalmente na semana anterior. Com isso, tentava evitar a decepção, o constrangimento e uma irritação que me sobrevinha quando, há dois meses recorrentemente, ia para o encontro no dia e na hora marcada pelos Canção Nova, mas não os achava no local combinado, porque haviam esquecido do encontro e marcado outro compromisso no lugar, ou os achava, mas, deles ouvia a explicação de que não poderiam manter a entrevista devido a alguma solicitação de trabalho.

Escrevi, então, um e-mail a Marina, que serviria de carta-padrão para todos os outros membros com quem agendara entrevistas naquela semana, com diferença apenas no dia e da hora do encontro:

Prezada Marina,

A fim de dar continuidade à pesquisa acadêmica sobre a Canção Nova, retorno à Comunidade na terça-feira para colher depoimentos e testemunhos, e fico até a quarta à tarde. Peço-lhe que confirme a entrevista que agendamos para o dia 07/03 (terça), às 15:00, na Rádio. Agradeço desde já pela atenção e aguardo retorno, Eliane

Somente Marina, através de sua secretária, foi quem respondeu ao meu e-mail. Ela me comunicava que precisava desmarcar o encontro que havíamos agendado porque participaria de uma reunião no mesmo dia e hora. Embora sua resposta não tivesse me deixado muito exultante, pois repetia justamente aquilo que eu receava, eu preferia saber antecipadamente da impossibilidade do encontro a viajar para lá e tomar conhecimento da impossibilidade somente quando lá estivesse para a entrevista. Assim, poderia refazer o planejamento de pesquisa, reajustando-a às impossibilidades ou contratempos surgidos no caminho. Embora eu soubesse que imprevistos acontecem e imprevistos só são imprevistos porque não são vistos previamente, eu percebia que, muitas vezes, o imprevisto não estava acontecendo no momento, ou próximo ao momento, que eu tomara conhecimento dele, mas já havia sido conhecido pelos membros da Canção Nova que dele não me avisavam previamente. A notícia de que Marina não me receberia e o fato de que nenhuma das demais pessoas, com quem eu agendara entrevistas, ter retornado ao meu e-mail não era um bom presságio. Apesar disso, mantive a viagem à Canção Nova.

Naquela terça-feira, às 13:30, cheguei à Canção Nova atenta para não me atrasar ao encontro com Sérgio marcado para as 14:00. Considerando as experiências anteriores, não muito bem-sucedidas com tentativas de entrevista, sabia que, qualquer atraso de minha parte, poderia comprometer a realização da entrevista. Fui procurá-lo no local combinado: a Casa de Maria. Na recepção da Casa de Maria, uma moça me avisara que Sérgio recebera férias da Comunidade e só retornaria no mês seguinte. Perguntei a ela se ele não havia deixado para mim algum recado, uma vez que havia agendado com ele, uma semana antes, a entrevista para aquele dia. Respondendo que não, perguntou se eu não queria escrever-lhe um recado, porque, caso ele aparecesse por lá durante as férias, entregar-lhe-ia meu bilhete. Assim, fiz. Escrevi-lhe um bilhete, deixando-lhe meus telefones de contato e e-mail para que pudéssemos remarcar a entrevista.

Sentei-me num dos bancos de concreto que ficam espalhados pela Chácara enquanto passava o meu desapontamento e pensava no que faria para ocupar o tempo até a próxima entrevista, que seria (esperava que fosse) às 16:30 horas. Não havia muito que fazer por lá antes disso. A Chácara estava deserta de pessoas e acontecimentos, não

havia atividades que eu pudesse observar-participando. Se Marina não tivesse desmarcado comigo, a entrevista com ela seria às 15:00.

Tive, então, a idéia de ir até a Assessoria de Imprensa para cumprimentar Marta e Denise que me auxiliavam na mediação com os “Canção Nova”. Elas eram minhas “credenciais”, atravessavam-me pelos portões e grades que, estando sozinha, não conseguiria ultrapassar, pois os seguranças nas guaritas não me permitiriam. Até elas era possível comunicar. Estava andando em direção à Assessoria de Imprensa quando me deparei com Denise que exclamou espantada: “Olha ela aí! Eu acabei de falar em você aqui pro pessoal! Você encontrou a Marina? Ela passou neste minuto por aqui e perguntou: ‘onde está a menina da tese?’. A reunião que ela teria pra agora, não haverá mais e ela disse pra você passar lá na sala dela pra fazer a entrevista”. Fui, então, à sala de Marina e contei-lhe a curiosa sucessão de acasos que acabaram retomando a entrevista com ela no dia e na hora anteriormente agendados, sem prejudicar as entrevistas seguintes. Marina, comovida e com sorriso nos lábios, disse-me que não foram acasos, mas que eu havia experimentado a Providência Divina. Deus agiu para que eu estivesse com ela naquele dia, pois, alguma mensagem ou algum aprendizado eu adquiriria escutando seu depoimento (Marina, 40 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, casada, superintendente da Rádio Canção Nova, entrevistada em Fevereiro de 2006).

\*

### **Deus protege a sadia convivência pela falta do café**

Ricardo ficou emocionado após recordar a descoberta do dom Canção Nova no “interior” de si mesmo. Ele também estava envaidecido pelo fato de ter seu depoimento colhido para uma pesquisa antropológica acerca da Canção Nova. Disse-me que ele estuda antropologia filosófica no Seminário para padre, em que é aluno, e que estava muito feliz de conhecer uma antropóloga. Após a entrevista, ele quis alongar a conversa. Convidou-me para tomar um café na cozinha que fica ao lado da sala de aula do Instituto de Filosofia, onde estivemos para a entrevista e onde ele assiste aulas semanais. Ricardo ia emendando, um pouco mais informalmente, o que me contara em entrevista enquanto abria a garrafa de café para encher a xícara que me serviria. Mas, logo percebeu que não havia mais café na garrafa. Um pouco envergonhado, desculpa-se e resolve me oferecer um suco. Abre a geladeira e vê que o suco havia acabado

também. Então, concluiu imediatamente: “Está vendo! Isso é Providência Divina! Providência Divina não é só quando Deus dá, mas também quando ele não dá. Pois, não providenciando o que esperamos que Ele providencie, ele está providenciando o que é pra ser providenciado. Por algum motivo, Deus providenciou para que não tivesse nada para te oferecer agora”. Ricardo interpretava que Deus providenciara, através da falta do café e do suco, que nossa conversa fosse interrompida ali e que, sem mais, nos despedíssemos. O que podia parecer mero acaso era entendido por Ricardo como uma espécie de recado de Deus: a falta de café sinalizava que a vontade de Deus era que nos separássemos logo depois da entrevista, embora a vontade pessoal de Ricardo fosse alongar a conversa. A falta de café não fora suficiente para que Ricardo “ouvisse” a voz de Deus naquela situação e percebesse a Sua vontade. Mas, quando faltou suco também, ele não teve dúvidas de que Deus queria lhe dizer alguma coisa e ele “entendeu” que estávamos envolvidos por uma ação espiritual. Era como se, ao oferecer suco, Ricardo estivesse teimando, insistindo na sua vontade pessoal em detrimento do que era a vontade de Deus, a qual, naquela ocasião, ele ainda não sabia, mas, a própria situação o fizera descobrir: se não havia nada para me oferecer, era porque não era para me oferecer nada, não havia porque ficarmos ali conversando se já havia cumprido cada um seu objetivo. Por isso, logo que entendeu, ele cumpriu a vontade de Deus, exclamando que eu estava testemunhando a ação invisível da Providência Divina e despediu-se de mim. Ricardo experimentou como um Canção Nova costuma experimentar: ler as comunicações de Deus nos acontecimentos corriqueiros do cotidiano.

Eu suporia que, sua condição de seminarista e o fato de que, na Canção Nova, homens e mulheres, com exceção dos casados, evitam ficar sozinhos durante muito tempo em conversas informais, preferindo estar sempre em grupo, para preservar o princípio da sadia convivência, talvez o motivo da Providência Divina tenha sido mesmo nos separar naquela ocasião. Durante a entrevista, quando explicou a sadia convivência, Ricardo trouxe-me eu e a situação da entrevista para o centro do exemplo: “O que é sadia convivência? É como eu estou aqui agora numa relação de sadia convivência com você, trancado numa sala, mas com um objetivo. O objetivo é o quê? É me dar nessa entrevista e você, de receber. Isso é o novo, é o belo da Canção Nova que a gente precisa oferecer pro mundo” (Entrevista com Ricardo, 23 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, seminarista, celibatário).

\*

## 1

### **Preparando homens novos para a segunda vinda de Jesus**

A Canção Nova está voltada para “formação de homens novos para um mundo novo”, porque acredita que Jesus está voltando à Terra e, nesse dia, Ele separará os que foram e os que não foram cumpridores dos seus ensinamentos, mantendo somente os primeiros a seu lado. Somente aqueles que forem “novos” viverão o reinado de Jesus na Terra quando ele chegar. Serão “novos” aqueles que cumprirem os princípios e regras de vida dados no dom Canção Nova. Padre Jonas crê que a Canção Nova foi feita por Deus para ser um exemplo – mesmo que esteja ainda em construção, mas já é existente - de como, no mínimo, deverá ser o “mundo novo” quando Jesus vier (Abib, 2000b:57). A missão da Canção Nova, baseada nos princípios de vida comunitária, é disseminar o “novo” que ela é em meio ao “velho” do mundo moderno. A restauração moral e “espiritual” do homem moderno, considerado “velho,” é buscado pela propagação dos princípios e regras de vida comunitários. O “mundo novo”, através do seu testemunho e de sua evangelização a partir de parâmetros do que é “velho” e do que é “novo”, já está em construção pela ação humana na sociedade. Portanto, o lema “Formar homens novos para um mundo novo” reflete a crença no advento do final dos tempos e a chegada de Jesus entre os homens (Abib, 2003).

\*

## 2

### **As entrevistas**

**- continuação -**

Mas, não foram todas as vezes que as entrevistas marcadas aconteceram. Houve vezes em que procurei membros da Comunidade de Vida no dia, hora e local marcado para uma entrevista agendada com uma semana de antecedência e eles, tendo esquecido do combinado, não estavam no local marcado, ou estavam no local marcado, mas, por

causa do esquecimento, acabaram se envolvendo com outros afazeres e não podiam mais me atender. Os que não estavam no local e hora marcados e não apareceram para a entrevista, não deixaram nenhum recado com os colegas do setor, avisando que atrasariam para a entrevista ou que não viriam para o meu encontro. Por sua vez, os colegas com quem trabalhavam também nunca tinham idéia sobre o seu paradeiro. Nesses casos, eu não sabia se eu a esperava ou se desistia. Nas primeiras vezes, eu esperei a pessoa chegar, mas, como, em repetidas vezes, a pessoa não chegara, arbitrei que, a partir de então, esperaria por até quarenta minutos, já sabendo que nada garantia que ela chegasse ou que, se chegasse, que me atendesse. Uma enorme angústia e ansiedade me tomavam. O que estaria acontecendo? Será que resolveram não mais me conceder entrevistas? Será que interromperiam o contato comigo? Quando a pessoa atrasava, eu já ficava apreensiva, imaginando que ela não chegaria e que tudo voltaria como fora há meses atrás. Esse era o fantasma que mais temia: se voltasse a viver a comunicação-não comunicativa absoluta que havia vivido com a Canção Nova não poderia manter o estudo sobre a Comunidade de Vida. Pelo menos agora eu estava bem mais perto dos comunitários Canção Nova, embora a comunicação com eles se restringisse ao curto tempo das entrevistas e às limitantes condições ambientais – de trabalho - em que elas foram feitas.

Mais comum era o caso do membro comunitário a quem entrevistaria ser solicitado para compromissos de última hora e também não poder mais me atender conforme o combinado. Houve quem, durante a entrevista, ao ser solicitado para resolver algum assunto de trabalho, se retirasse para não mais voltar para a entrevista. No começo, fiquei confusa e frustrada, sem saber o que dizer e o que fazer porque não esperava por situações desses tipos. Entretanto, elas começaram a acontecer freqüentemente. Tentava remarcar um novo dia para a entrevista não acontecida, mas

nem sempre conseguia um reencontro. Mandava e-mails, mas a pessoa não respondia. O que me chamava mais atenção nesses episódios era a impessoalidade e a indiferença com que os membros da Comunidade de Vida tratavam o ocorrido: não se explicavam, nem me avisavam com antecedência se já sabiam que não poderiam me atender. Simplesmente notificavam que não me atenderiam quando eu os procurava, mantendo sempre o sorriso e atitude prazenteira: não podiam me atender mais conforme haviam combinado, mas que eu “ficasse à vontade” e “fosse bem-vinda”. Era como se considerassem que para mim já estivesse implícito que minha entrevista com eles não era mais importante que o trabalho na missão Canção Nova de evangelização do mundo e que, por isso, não me deviam qualquer satisfação. Se fosse isso, podia dizer que, nessas ocasiões, eu não estava incluída na categoria daqueles que são “do mundo” e precisam da evangelização da Canção Nova. Eu não era “inimigo”, de quem era preciso se proteger; nem era “amigo-como-nós”, que está “aqui dentro” e com quem se divide objetivos comuns; nem era um “estranho”, com quem é preciso se precaver. Se considerássemos que eu havia conseguido atravessar as barreiras que dividiam “amigos” e “inimigos” e, agora, estava do lado de “dentro” das cercas e muros da Canção Nova, perto corporalmente dos membros da Comunidade de Vida, talvez disséssemos que eu parecia com um “amigo-conosco”. Entretanto, não creio que fosse exatamente isso. Era uma outra categoria de pessoa: alguém que existe, não é nosso inimigo, não é nosso amigo, não é estranho, mas que (e talvez, por isso) não tem muita importância para “nós”. Eu podia agora identificá-los circulando pela Chácara de Santa Cruz ou dentro de seu ambiente de trabalho e, aqueles com quem eu “travara conhecimento”, podiam identificar-me nesses mesmos ambientes, circulando entre eles. Mas estávamos ainda longe de um contato pessoal e, na minha opinião, era muito difícil de ele acontecer durante seu expediente de trabalho nas condições que descrevi. A aproximação

permanecia não-aproximada entre eu e os membros da Comunidade de Vida Canção Nova.

Freqüentemente, eu solicitava a Denise que me acompanhasse e me introduzisse nos diversos setores da Canção Nova porque receava de ser impedida de entrar por alguma portaria ou guarita. Também lhe solicitava que continuasse me apresentando a outros membros da Comunidade de Vida, a fim de que eu substituísse, por novos entrevistados, aqueles a quem não conseguira entrevistar e que perseverasse na tentativa de estreitamento dos laços com os Canção Nova. Denise começou a ficar aborrecida com tantas solicitações. Ela não entendia porque eu precisava dela para entrar nos prédios que havia seguranças e me apresentar aos Canção Nova que não me conheciam. E, logo, passou essa função para outra pessoa da Assessoria de Imprensa que era sua subordinada. A essa altura, eu já tinha perdido o contato com Marta, que estava sempre muito ocupada e quase sempre não se encontrava no salão da Assessoria de Imprensa. Quando eu a encontrava, dizia-lhe que precisava conversar com ela sobre a pesquisa e ela, sempre muito receptiva, respondia-me, como de costume, que seria um prazer, mas que, nas próximas semanas, ela estaria às voltas com compromissos importantes e que marcássemos mais pra diante. Não conseguia mais resgatar com ela aquelas idéias e promessas que ela mesma levantara: de estar no convívio da “casa da Comunidade de Vida”, conhecer as casas do noviciado em Queluz e Lavrinhas, agendar entrevistas com os fundadores, inclusive com padre Jonas Abib, ler os estatutos e documentos da Comunidade de Vida Canção Nova e participar de “encontros fechados” como o Encontro das Fraternidades das Novas Comunidades que seria nesse ano. Com os Canção Nova, não era possível tratar isso, já que não eram eles pessoalmente que podiam autorizar a minha entrada na “casa Comunidade de Vida”. Havia autoridades, pessoas a quem eles eram submissos, que detinham o poder dessa autorização. Essa

autorização também não era dada pela Assessoria de Imprensa, mas vinha através dela, pelas pessoas de Marta e Beth. Por falar em Beth - quem era a responsável pelo setor de “comunicação” da Assessoria de Imprensa e membro da Comunidade de Vida Canção Nova -, ela não havia ainda voltado da viagem que fizera, de forma que eu não a conhecia e não pudeira conversar com ela nem a respeito da minha pesquisa, nem sobre minha entrada e estada na “casa da Comunidade de Vida” ou em outros contextos de sociabilidade dos Canção Nova que não fossem os de trabalho.

Considerando que as atividades públicas diurnas e vespertinas organizadas pela Canção Nova ocorrem, normalmente, em fins-de-semana de Acampamentos de Oração e que meu contato com os Canção Nova ficara circunscrito aos contextos de entrevistas em suas salas de escritório, quando eu acabava de entrevistá-los durante a semana, invariavelmente, não havia mais nada em que participar com eles. A não ser que fosse para assistir, como platéia, nos estúdios de rádio e televisão que ficam na Chácara de Santa Cruz, uma gravação de um programa ao vivo, protagonizado pelos membros da Comunidade de Vida. Por isso, comumente, ao terminar uma entrevista, sentava-me num banco de concreto da Chácara de Santa Cruz e, sem mais, esperava chegar a hora da próxima entrevista. E ficávamos ali, dividindo o espaço, eu e as estruturas de ferro e concreto, vazias, mais a paisagem esverdeada dos vales lá no fundo no horizonte. Às vezes, passavam pessoas por mim. Eram funcionários contratados e membros da Comunidade de Vida que atravessavam a Chácara para chegar num outro setor qualquer. Podia ser também algum fiel carismático que chegava à Canção Nova às quartas-feiras, para assistir a missa de cura e libertação do padre Edmilson Lopes, ou às quintas-feiras, para a manhã de Adoração ao Santíssimo Sacramento, ou qualquer dia para assistir a gravações de programas de rádio e televisão na Chácara de Santa Cruz. Fora de escritórios, eu podia ver os Canção Nova em missas, na Adoração ao

Santíssimo Sacramento e nesses programas de TV que sucedem na Canção Nova, ocasiões em que não eram possíveis conversas pessoais. Ou seja, se não quisesse encontrá-los para conversas pessoais no seu expediente de trabalho, não os encontraria mais em nenhuma outra ocasião.

Em meio a esse cenário de aproximação-não aproximada que até aqui descrevi, não me via mais como uma antropóloga, mas como uma entrevistadora em série. Novamente, como nas primeiras vezes em que fui à Canção Nova em dias de semana, eu me senti muito sozinha. O que eu estava fazendo ali? “Com que esperança?” Com que fim?” (Da Mata, 1978) - choraria o blues antropológico de que fala Da Mata, repetindo as perguntas feitas por outros antropólogos em situação de trabalho de campo (Da Mata, 1978; Levi-Strauss, 1956). O meu blues, de tristeza e de saudade, lamentaria mais ou menos assim: apesar dos contatos mais aproximados com os Canção Nova terem se dado somente nessas ocasiões de entrevistas, eu não projetara estudar a Comunidade de Vida a partir de entrevistas, quanto menos realizando entrevistas durante seu expediente de trabalho. O que realmente projetara fora um trabalho de campo aos moldes antropológicos clássicos, onde experimentaria, temporariamente, a convivência cotidiana na Comunidade de Vida e com seus membros. Com os e-mails que lhes mandava, desejava apenas estabelecer um contato mais formal e objetivo que antecipasse o contato pessoal e direto com os membros da Comunidade de Vida para, então, proceder à pesquisa de campo.

Quando eu completara quinze entrevistas com os Canção Nova, já fazia cinco meses que ciclicamente, de semana a semana, viajava a Cachoeira Paulista para mergulhar na pesquisa na e sobre a Canção Nova e voltava ao Rio de Janeiro, onde moro, para mergulhar na vivência das comunidades seculares que integro, e dali viajava para mergulhar na pesquisa na e sobre a Canção Nova. Quero dizer que, ritmicamente,

alternava-me em espaços os quais identificava como “meus” e como “do outro”. Não que eu não cogitasse sobre a Canção Nova, enquanto estava imersa nas comunidades a que me vinculo, ou não que não cogitasse sobre as comunidades a que me vinculo enquanto pesquisava a Canção Nova. Posto de outro modo, eu não era só pesquisadora quando pesquisava na e sobre a Comunidade Canção Nova, nem só “nativo” nas comunidades a que me associo quando nelas submergia para vivê-las. Embora fossem espacialmente separados, esses universos – aqueles a que estou ligada e aqueles a que a Canção Nova pertence - tornaram-se fortemente simultâneos e embaralhavam – e se embaralhavam nas – minhas reflexões. E as realidades, tanto opostas quanto coincidentes, que surgiam dentro de cada um desses universos e também quando eles eram confrontados entre si, somados às tensões, sobressaltos e, às vezes, aborrecimentos advindos da interação entre eu e os Canção Nova (deles para comigo e de mim para com eles), deixaram-me confusa, exausta e ansiosa por uma “volta” à vida como ela era antes dessa experiência. E lembraria a lembrança de Da Matta (1978) sobre o que disse Lévi-Strauss:

Por um singular paradoxo, diz Lévi-Strauss, em lugar de me abrir a um novo universo, minha vida aventureira antes me restituía o antigo, enquanto aquele que eu pretendia se dissolvia entre os meus dedos. Quanto mais os homens e as paisagens, a cuja conquista eu partira, perdiam, ao possuí-los, a significação que eu deles esperava, mais essas imagens decepcionantes ainda que presentes eram substituídas por outras postas em reserva por meu passado e às quais eu não dera nenhum valor quando ainda pertenciam à realidade que me rodeava (Da Matta, 1978:30).

Obviamente que esse desejo era mais uma quimera do que uma possibilidade, uma vez que os vestígios da relação que tive com a Comunidade Canção Nova e com contextos de realidade que se ligavam a ela direta ou indiretamente coexistiam em mim com as marcas da relação que, há tempos, eu estabelecera com outros contextos, como o mundo acadêmico, por exemplo. Mas, no que se refere à pesquisa, entendi que o melhor que eu podia fazer era não insistir mais na aproximação com a Comunidade de Vida –

em termos de pessoas e estrutura física - e me contentar com o que já havia adquirido de informações sobre a Comunidade de Vida Canção Nova nas entrevistas e do contato que fora possível com seus membros até ali, dando por terminado o trabalho de campo. Essa resolução e um material contendo novos dados extraídos de sete das quinze entrevistas realizadas com os Canção Nova, eu levaria para meu exame de qualificação de tese, que só adveio no início de setembro de 2006.

\*

## 1

### **Final dos tempos não é final do mundo**

Segundo padre Jonas Abib (2003) e os Canção Nova<sup>82</sup>, o Espírito, através de sinais e revelações, estaria esclarecendo que o “final dos tempos” e o “final do mundo” são realidades diferentes (Abib, 2003: 82). O “final do mundo” refere-se à consumação de todas as coisas, quando a Terra será destruída e somente restará o céu e o inferno. Mas, antes do “final do mundo”, a Terra passará pelo “final dos tempos”, que é o término do tempo e do mundo dos homens, e o advento do mundo de Deus na Terra, quando Jesus reinará na Terra por mil anos<sup>83</sup>.

É isso que Jesus virá fazer! Por amor da sua casa e por amor de seus filhos, o Senhor vem não para destruir, mas para purificar e estabelecer nesta terra o seu Reino. Vem com o Senhor! Você está entendendo? É isso que Ele fará agora. Não se trata de fim do mundo. Ele virá para estabelecer aqui, nesta terra, o seu reino como pedimos sempre no Pai-Nosso (Abib, 2003:87).

No dia em que Jesus retornar para reinar na Terra, haverá o Juízo Final: Ele julgará os vivos e os mortos, escolhendo para viver em Seu Reino somente aqueles que lhe foram fiéis. A essa hora, o demônio, que chegara antes d’Ele para tentar vencê-Lo

---

<sup>82</sup> Refiro-me aos relatos em entrevistas dos Canção Nova sobre o final dos tempos.

<sup>83</sup> Padre Jonas Abib (2003) diz que mil anos é uma metáfora do livro do Apocalipse para explicar que o reinado de Jesus na Terra será por um longo tempo: “O que é o milênio? É um longo tempo: uma era da história humana. Esta grande era não será de três anos, nem de trinta, nem de trezentos anos. A bíblia fala de mil anos. Portanto, um tempo muito longo!” (Abib, 2003:85).

em quantidade de súditos, já fizera com que um grande número de homens se tornasse infiel a Jesus e fiel a ele. Os homens que não estiverem ou estiveram do lado de Jesus serão precipitados no inferno com o demônio.

[O demônio] sabe que um dia o Senhor voltará e ele será expulso, será devolvido ao abismo, e o Senhor Jesus virá e renovará esta terra e esta humanidade. Nós teremos, aqui uma terra sem Satanás e sem os seus espíritos malignos, sem os anjos rebeldes (Abib, 2003: 119).

Os mortos que, em vida, foram fiéis a Deus, ressuscitarão. “Infelizmente, aqueles que não estiverem em Cristo e não permanecerem n’Ele, os que O negarem, se opuserem a Ele, os que não estiverem no Reino de Deus, mas no reino das trevas, e forem súditos do maligno, não ressuscitarão” (Abib, 2003:84). Os vivos que forem fiéis a Deus continuarão na Terra, que, então, será o Reino de Deus. O demônio ficará preso no inferno por mil anos e a Terra, agora livre de todo o mal, será plena em harmonia, amor, verdade, justiça e abundância. O Reino de Deus será o retorno da vida humana no paraíso terrestre, que fora perdido com a queda de Adão. O Reino de Deus será a materialização (corporificação) da história de Deus que acontecera durante toda a história dos homens somente em plano invisível. No Reino de Deus, o mundo espiritual descenderá à Terra e os homens experimentarão o céu. Portanto, o mundo material dos homens não será destruído, mas transformado. “É o início dos tempos da restauração universal”, da renovação de todas as coisas” (Abib, 2003: 87). Não haverá mais a distinção entre natural e sobrenatural. A limitação da matéria será superada e os homens terão as mesmas faculdades espirituais que os anjos e espíritos celestes. “Nós seremos transformados. Nosso corpo será ressuscitado e glorioso, como o de Jesus e o de Maria” (Abib, 2003:113). (...) não haverá mais morte, doença, dor, sofrimento ou lágrimas. Não seremos mais vítimas do pecado. Tudo mudará! (Abib, 2003: 126-127). A mistura entre céu e Terra fará com que tanto um quanto o outro seja novo. “Não sabemos quando, mas temos certeza de que isso vai acontecer, e os sinais dos tempos mostram que está

próximo! Também não se conhece a maneira como serão transformados este mundo e os nossos corpos, mas serão renovados (Abib, 2003:114).

Passado mil anos desse Reino, o demônio estará livre novamente e aí sim acontecerá o “final do mundo”, quando, a Terra será destruída e só sobrarão céu e inferno. Os que estiveram com Jesus Cristo no Seu Reino terrestre irão para o céu, enquanto que os que estiveram com o demônio no inferno, permanecerão no inferno. Não haverá outra chance para os que estiveram no inferno com o demônio durante esses mil anos, pois o Julgamento Final já foi feito. Segundo padre Jonas Abib, muitos teólogos cristãos interpretaram que Jesus apenas retornaria à Terra, para o Juízo Final, no fim do mundo. Para eles, o “final dos tempos”, de que fala a bíblia, seria o mesmo que o “final do mundo”. Mas, essa confusão teria sido produzida porque Jesus tardou a voltar. A demora da segunda vinda de Jesus os teria feito esquecer a promessa de que Ele voltaria para reinar neste mundo e não somente no céu, quando o mundo acabasse. Essa confusão fará com que, infelizmente, muitos cristãos e muitas pessoas da Igreja sejam surpreendidas pela segunda vinda de Jesus. “Digo sem receio: somos poucos pregando sobre a Sua vinda, e temos pregado muito pouco. Se pregamos mais é porque, infelizmente, os outros não o estão fazendo. Muitos cristãos vão ser surpreendidos como aconteceu no tempo de Noé. Infelizmente” (Abib, 2003:99).

Entretanto, padre Jonas (2003) explica que a crença da Canção Nova no milênio não é o mesmo que “milenarismo”. Os “movimentos milenaristas”, como outros que houve no Brasil e no mundo, foram errados porque possuíam uma interpretação exagerada e fanática. Mas, os erros cometidos no passado não os fazem negar a existência de um milênio como uma verdade de fé revelada na Sagrada Escritura e, segundo ele, claramente presente no Catecismo da Igreja Católica. Os sinais dos tempos

que o papa João Paulo II teria mencionado em seus escritos seriam os sinais do “final dos tempos”.

Quando as pessoas dizem que para o fim do mundo falta muito tempo, elas têm razão. Sim, para o fim do mundo falta muito tempo. Para a vinda do Senhor, porém, não falta muito! Todos os sinais dos tempos estão mostrando que sua segunda vinda está cada vez mais próxima. Vem, senhor Jesus! (Abib, 2003, 91).

\*

2

### **Mais pesquisas?**

#### **Notas sobre o exame de qualificação de tese**

O chão se abriu sob os meus pés e um frio na barriga me acometeu quando ouvi Marcelo<sup>84</sup> e Silvana<sup>85</sup>, no exame de qualificação da tese, insistirem em que eu retornasse à Canção Nova para continuar a pesquisa. Até aquele dia, quando eu era o foco de suas argüições, havia passado pelo menos um ano que, na travessia pelo doutorado, dedicava-me às buscas, quase sempre inglórias, pela pesquisa da Comunidade de Vida Canção Nova. No material de cem páginas que lhes apresentei, um pequeno texto contava os labirintos, os percalços e os constrangimentos, os silêncios, as pausas e as fronteiras, os desencontros, as suspeitas e as lacunas que encontrei enquanto tentava e não conseguia contactar, conversar e, quem sabe, experimentar a convivência no seio da Comunidade de Vida e, também depois que parcialmente o conseguira. A idéia de segredo simmeliana (1999) inspirara-me a refletir a aura de ocultação/revelação a todo tempo presentes na relação que estabelecemos reciprocamente, eu e a Canção Nova. A escolha de Simmel indicaria de antemão que meu interesse pelo “segredo”, como uma categoria analítica “boa para pensar” o processo de pesquisa, não dizia respeito a uma suspeita, com alma policial, de que a Canção Nova escondia um segredo e, por isso,

---

<sup>84</sup> Trata-se do antropólogo Dr. Marcelo Ayres Camurça, UFJF.

<sup>85</sup> Trata-se da socióloga Dr<sup>a</sup> Silvana de Paula, CPDA/UFRRJ.

evitava a minha aproximação ao seu núcleo comunitário. Também não dizia respeito a uma confissão de que era eu quem escondia um segredo dela e por isso temia que ela o descobrisse. O ponto não era se tínhamos um segredo ou não. Mas dizia respeito à observação de que elementos constituintes do segredo, como desconfianças, receios e imaginação, eram ingredientes importantes na produção de relações sociais como a que construímos reciprocamente naquele momento. Essas reflexões não representavam nem vinte por cento dos dados de pesquisa ajuntados naquela escritura preparada para a qualificação, dentre análises de entrevistas realizadas com membros da Comunidade de Vida e observações de campo. Entretanto, foram aquelas, sem sombra de dúvida, as que mais haviam mobilizado Marcelo e Silvana, acompanhando a reação de outros com quem o havia compartilhado anteriormente. O material da qualificação refletia minha decisão de aceitar que a tese fosse escrita com base no conteúdo das entrevistas e experiências de campo até ali. Ao abrir esse material com o pequeno texto sobre a relação de segredo com a Canção Nova e, em seguida, ocupar a maior parte da escritura com novos dados, estava dizendo, em outras palavras, que, diante do cenário encontrado, desfavorável à pesquisa que projetara, eu havia resolvido trabalhar os dados que conseguira, reconhecendo, também neles, legitimidade empírica. Poderia dizer que o texto que abria o material da qualificação era um lamento – um Anthropological blues - pelo que eu desejara, mas não acontecera e sinalizava uma despedida desse desejo, enquanto que o restante da escritura era a conformação, o esforço de ajustamento, de remodelagem do projeto que culminaria na tese. Em outras palavras, não queria voltar ao campo. Mas, Marcelo e Silvana pareciam não se conformar. Talvez não acreditassem que tudo o que eu contava fosse possível. Recearam que eu não tivesse me empenhado o suficiente para alargar as possibilidades de pesquisa e preferiam entender que esses eram resultados ainda incipientes. Esperavam que uma atitude realmente incisiva que

ainda não tivera pudesse trazer às claras o que não estava manifesto na Comunidade de Vida Canção Nova. Penso que talvez eu não tenha lhes transmitido a dimensão real das persistentes tentativas de pesquisa até ali, embora certamente lhes tenha comunicado minha sensação de frustração e cansaço.

Curioso, contudo, era notar como que, para além da Canção Nova ou da instância da religião, a fragrância inebriante que exalava do tema do segredo não poupava nem mesmo aqueles que sabem apreendê-lo como uma categoria analítica - como fazemos nós sociólogos e antropólogos -, prerrogativa que supostamente os faria resistir à cegueira de seus encantos. Eu, que me incluía confessadamente naquele texto como alguém rendida às amarras do segredo, agora via Marcelo e Silvana, meio cambaleantes entre o entendimento sociológico do segredo à sombra de Simmel e o fascínio do segredo surgido com minha narração, a qual provocara a imaginação sobre o que não era dito ou manifesto pela Canção Nova. Era óbvio para mim que eles estavam surpresos e seduzidos pelo segredo, embora reputassem motivos menos confessos para sua afetação: segundo eles, era o estilo literário daquele primeiro texto produzido por mim que os contagiara e não o próprio segredo como matéria.

O ponto alto desse arrebatamento pelo segredo foi a proposta de Marcelo de que eu iniciasse o “caminho vocacional” para ingresso na Comunidade de Vida a fim de conseguir o acesso que, talvez, jamais conseguisse de outra maneira, por exemplo, apresentando-me somente como antropóloga. Ele propusera isso em reação ao que eu declarara ao fim daquele pequeno texto sobre os dissabores da pesquisa: que aquele próprio texto que eu escrevera, em formato e conteúdo, era uma prova cabal das armadilhas do segredo, na medida em que, naquele, eu, a todo o momento, confessava. Marcelo entendera que o que eu confessava era o meu interesse de tornar-me Canção Nova. Ele faria a mesma interpretação que alguns Canção Nova fizeram, suspeitando

que se eu esperava experimentar-com ela era porque queria sê-la. Ele deduzira que esse era o meu segredo. E, se assim fosse, ele sugeria apostar num posicionamento de pesquisa mais declaradamente “nativo” para que, mergulhando nas entranhas da Canção Nova, trouxesse de lá, quem sabe, coisas do segredo dela. Disse a Marcelo que eu não queria ser Canção Nova e, neste caso, não admitia fazer-me passar como interessada para conseguir portas abertas para pesquisa. Iria até onde a Comunidade Canção Nova me permitisse. Expliquei-lhe: se havia um conteúdo secreto que eu confessava, esse seria que eu também me relacionava a partir da forma sociológica do segredo. O que confessara não era que eu guardava um segredo, mas que o segredo me guardava, era da “natureza” social e, eu como sujeito social, estava falando com a linguagem do segredo. Ele entendeu, mas, ainda não conformado, contra-argumentou que talvez a Comunidade Canção Nova ainda permitisse um pouco mais. E lembrou-me das promessas feitas por Marta de me inserir na “casa da Comunidade de Vida”, de agendar para mim entrevistas com os fundadores da Canção Nova, de levar-me para conhecer as duas casas de formação de discípulos nas cidades de Queluz e Lavrinhas, de introduzir-me em “encontros fechados”, de disponibilizar-me os documentos e estatutos da Comunidade de Vida. Ele, com a concordância de Silvana, tivera a impressão de que eu embarcara no discurso da “falta” e não prestara a atenção no que tinha de “presença” na relação com os Canção Nova. Sobre as promessas de Marta, eu tinha que concordar com eles que, desde que foram feitas, nunca mais consegui reavê-las com Marta pelos motivos já amplamente descritos nesta tese. Talvez devesse insistir um pouco mais. Mas com relação a um suposto discurso que enfatizou a “falta” e não a “presença”, eu não podia concordar com eles por dois motivos: primeiro porque, como dissera, naquela escritura da qualificação, oitenta por cento do trabalho eram “presenças”, eram dados novos e análises de dados que coletara em entrevistas com os Canção Nova; e segundo porque,

as “faltas” na Canção Nova existiram realmente, foram muito palpáveis para mim, não eram ilusões de ótica, nem eu estava exagerando. Não enfatizei as “faltas” porque quisesse abandonar a busca pelas “presenças” na pesquisa. As “faltas” me eram evidentes justamente porque havia insistido muito. A questão era que eu queria deixar de experimentar a “falta” – ou não correr mais o risco de continuar experimentando-a. Queria era ocupar-me na tese com as “presenças” já adquiridas. Mas, admito que, se não tivesse ouvido a opinião de Marcelo e de Silvana e não voltasse ao campo, como fiz depois disso, não teria entendido a importância da “falta” para a Canção Nova. Antecipando algumas de minhas interpretações conclusivas, diria que a “falta” é estruturante na cosmovisão da Comunidade de Vida Canção Nova e que, por isso, ela não pode ser superada. As “presenças” que há na Canção Nova são produzidas pelas “ausências” que primeiro nela se estabelecem. Ela é uma “presença” instaurada pelo vazio, pelo vácuo. A Comunidade Canção Nova, segundo penso, se constrói a partir de relações baseadas nas reticências, no “quase”, no “ainda não”, no meio, no silêncio, no mistério, no segredo e na imaginação. É essa condição intermediária que garante que ela esteja, concomitantemente, lá e cá, dentro e fora, de ser o “novo” e o “velho”, de estar, ao mesmo tempo, pública e não pública na mídia e em Acampamentos de Oração, de ficar próxima e distante de mim no contato face-a-face, de dizer aos visitantes “Sejam bem-vindos” e colocar grades, guaritas, funcionários-seguranças, câmeras de proteção em torno de toda a comunidade, entre outras coisas. Os elementos que sustentam essa interpretação já apareciam, com clareza, na escritura da qualificação e estão fartamente presentes nesta tese, embora ainda não estivessem arrematados naquele espaço ou já estejam neste espaço. Esperarei para costurá-los quando, mais adiante, contar os episódios sucedidos naquela que chamarei de “segunda fase da pesquisa”. Dizendo isso, aproveito para dizer que, embora discordasse de Marcelo e Silvana sobre minha ênfase

na “falta” e estivesse realmente cansada desse campo, concordei que talvez a Comunidade Canção Nova me permitisse um pouco mais e defini que faria mais alguns meses de tentativas de aproximação com os Canção Nova.

\*

## 1

### **O tempo do Espírito Santo**

Isso vai acontecer! E nossa geração assistirá a tudo. Mas por que nossa geração? Porque estamos vendo o maior sinal de que a vinda do Senhor está próxima: nestes últimos trinta anos, Deus está derramando na face da Terra o Seu Espírito (Abib, 2003: 96).

O primeiro, maior e principal sinal de que o “final dos tempos” está acontecendo, segundo padre Jonas Abib (2003) e os Canção Nova, seria a irrupção da realidade sobrenatural no mundo ordinário dos homens mediante o “derramamento do Espírito Santo”. O “derramamento do Espírito Santo” é outro nome para “batismo no Espírito Santo” e diz respeito ao recebimento de dons carismáticos que abrem canais diretos de comunicação com Deus e provocam uma mudança na percepção da realidade.

Segundo padre Jonas Abib, o fenômeno do “derramamento do Espírito” ocorreria desde 1967 na Igreja Católica com o surgimento da Renovação Carismática e representaria a efusão espiritual mais abrangente e intensa desde Pentecostes:

Nunca aconteceu um derramamento tão grande do Espírito santo como o que estamos presenciando hoje. Em Pentecostes houve o grande derramamento, isso é indiscutível. Mas hoje o Senhor está derramando o seu Espírito em toda a face da Terra. Não há uma nação, um país ou um lugar sequer deste mundo, nos vários continentes, em que Ele não esteja sendo derramado. Pessoas de todas as raças, línguas, idades, estão recebendo essa graça. São adultos, velhinhos jovens, crianças...são ricos e pobres, sábios e ignorantes, bons e também os maus (Abib, 2003:96).

A fundação da Canção Nova e o seu crescimento, bem como o estabelecimento de outras Novas Comunidades Carismáticas, estariam inseridos no contexto do “tempo do Espírito Santo”, pois que ela, considerando-se obra movida pela intervenção imediata do Espírito Santo, acredita que é um canal privilegiado para atuação da misericórdia

divina na salvação dos homens e do mundo. Sente-se “chamada” por Deus a ser exemplo do “novo mundo” que virá com o retorno de Jesus, o que não significa que os que a ela pertencem sejam perfeitos - ressalta. Mas sim que os princípios por ela professados, somados à sincera vontade de genuinamente praticá-los, são suficientes para promover o desenvolvimento espiritual e a santidade, elementos avaliados como “novos” e, por isso, apontados como constituintes elementares do “mundo novo”. (Abib, 2003:96).

A missão dos Canção Nova é fomentar a preparação dos homens para o advento de Jesus porque haverá o Julgamento Final, a separação entre escolhidos e não escolhidos para entrar no “Reino” (Abib, 2000b:57). A condição para alguém entrar no “mundo verdadeiramente novo” de Deus equivalerá a sair do “mundo velho” – ou somente “do mundo” - onde impera o pecado e o demônio<sup>86</sup> (Abib, 2003: 24-25). A restauração moral é consequência da restauração “espiritual” advinda com o derramamento do Espírito Santo, na medida em que suscitará o empenho para o abandono do “velho” em direção do “novo”. A restauração “espiritual” é resultado da restauração moral, porque quanto mais “renovado”, mais desenvolvido “espiritualmente” se fica. Antes do advento de Jesus, virá o tempo da enganação do demônio - a ofensiva do anticristo aos homens através das seduções e ilusões “do mundo”.

\*

---

<sup>86</sup> O demônio, segundo a literatura a respeito da batalha espiritual no pentecostalismo e na Renovação Carismática, é identificado como o mal onipresente que está nas origens de todos os acontecimentos pessoais e sociais e que prejudica a ordem do cotidiano através da violência, do desemprego, da injustiça, das doenças, do alcoolismo, das brigas, dos desentendimentos familiares, etc (Birman, 1997; Carranza, 2000). No Brasil, alguns autores, inclusive, sugeriram que o apelo à magia e a “demonização” seria realizado especialmente por fiéis de classes populares, excluídos economicamente do mundo moderno e racionalizado, a fim de explicar, mediante um discurso sobrenatural, as causas da injustiça social (Oro, 1996). Essa interpretação, muito criticada por autores como Mariz (1999), conclui pela alienação do indivíduo que, reputando a fatores do imponderável e do sobrenatural, se exime de intervenção transformadora no mundo, embora, segundo a mesma interpretação, ele não teria condições racionais para chegar a essa saída.

## Em busca de outros caminhos de pesquisa

Diante das restrições e desencontros que vinha experimentando com a Comunidade de Vida Canção Nova, resolvi enxergar a trajetória de pesquisa dividida em duas, com uma fronteira demarcando o final de uma primeira fase - que fora de setembro de 2005 a Julho de 2006 - e começo de uma segunda fase – que iniciaria em setembro de 2006 e iria até quando decidisse interromper o trabalho de campo -, em que tentaria negociar uma aproximação-aproximada com os membros da Comunidade de Vida em oportunidades que não fossem somente através de entrevistas e/ou durante seu expediente de trabalho, além do acesso aos documentos e estatutos da Comunidade de Vida, a entrevista com os fundadores da Comunidade, inclusive com o padre Jonas Abib, e a participação no 12<sup>a</sup> Congresso Mundial das Novas Comunidades Carismáticas, que seria realizado em novembro próximo. Nessa segunda fase, ainda, começaria a empreender formas indiretas de pesquisa da Comunidade de Vida, tentando me aproximar de ex-comunitários, candidatos vocacionados – jovens que estão em meio ao processo de seleção para admissão na Comunidade de Vida -, familiares de vocacionados, membros da Comunidade de Aliança e moradores de Cachoeira Paulista. Além disso, decidira que, a partir dali, na interação com toda essa gama de sujeitos, expor-me-ia mais francamente nas concepções de mundo que possuo, tanto naquilo em que acredito como antropóloga, quanto no que acredito como resto em todas as “pessoas”<sup>87</sup> que sou como sujeito social. Uma das ações dessa minha “nova” disposição seria contar aos membros da Canção Nova, que conhecera ou que viria a conhecer, sobre as minhas dificuldades de aproximação com a Comunidade de Vida, por qualquer meio de comunicação, seja pessoal ou virtual, e lhes perguntar diretamente por que era

---

<sup>87</sup> Cf. Mauss, 1974.

assim. Desta vez, eu estabeleceria a metacomunicação da relação duplo-vinculante que estava vivendo com a Canção Nova (Bateson, 1958a; 1958b). Por um lado, eu questionaria os paradoxos da comunicação que sentia na relação com a Canção Nova, demonstrando meu incômodo de está-los vivendo; por outro, expor-me-ia, permitindo que ela também questionasse e demonstrasse seu incômodo na relação que eu fazia com ela. Já que o duplo-vínculo era estruturante na relação com a Canção Nova, então, era preciso fazer com que ela fosse uma experiência “positiva” de duplo-vínculo, que, ao invés de me fazer sentir sem saída, me levasse a descobrir saídas. A relação terapêutica e a comunicação do mestre zen budista com os seus discípulos através dos koans - espécie de enigmas insolúveis utilizadas para conduzir um discípulo ao entendimento de questão - são exemplos que Bateson (1985a) indicou como relações “positivas” de duplo-vínculo. Em terapêuticas, as pessoas atingidas pelo duplo-vínculo são levadas a fazer a metacomunicação e encontram saída para situações que, a princípio, pareciam sem saída. Ou seja, ao receber a comunicação do terapeuta, a pessoa-alvo é estimulada a intervir sobre ela, a questioná-la, buscando entendimento e clareza. Num koan zen budista o mestre pode estabelecer um duplo-vínculo dizendo: “Se você disser que esta varinha que tenho na mão é real, eu lhe baterei com ela; se você disser o contrário, eu também lhe baterei; se você não disser nada, eu lhe baterei da mesma forma” (Bateson apud Pérez, 1996; 153-154). Uma metacomunicação numa situação como essa aconteceria se o discípulo buscasse uma saída tirando a vara da mão do mestre, por exemplo (Bateson apud Pérez, 1996; 153-154). Com relação à Canção Nova, portanto, eu buscaria agora refletir sobre a comunicação minha para com ela e dela para comigo. Na primeira fase da pesquisa, eu havia sido mais temerosa da reprovação dela à minha pesquisa e, por isso, evitara perguntar qualquer coisa ou ponderar a respeito de temas que, possivelmente, lhe causassem incômodo e desconfiança de mim para que não

fechassem as pequenas brechas abertas e, então, comprometessem definitivamente a realização da pesquisa. Mas, agora, percebendo que meu comedimento não favorecera a abertura e a expansão das conversações com os Canção Nova, pensei que me expondo, sem mais temores, tanto no que cogitava o estudo que fazia quanto em minhas impressões sobre como estava sendo minha relação com eles, ao invés de ter o campo ainda mais fechado, quem sabe ele se abrisse. Não estava certa dessa lógica, mas arriscaria, porque não conseguiria o entusiasmo para voltar a campo e encontrar mais desencontro e solidão a não ser que deixasse de lado as ocultações que ainda restavam em mim – sobre a dissertação e sobre o que sentira na relação com eles até ali - e me posicionasse diante dos Canção Nova. Estando em interação permanente no espaço da Canção Nova por vários meses e cansada das tentativas, firmei que, para mim, as dezenas de outras vezes que havia explicado a pesquisa e ensejado negociações eram o suficiente para lhes propor novas circunstâncias de pesquisa.

Iniciei, ao mesmo tempo, um conjunto de ações, que incluíam o contato com Beth - que estava de volta à Cachoeira Paulista, após viagem para uma missão em outro estado - e o contato com vocacionados, ex-Canção Novas e moradores de Cachoeira Paulista. Será necessário, por isso, intercalar, a partir de agora, a narração das ações de pesquisa.

\*

1

### **O tempo da enganação: O movimento Nova Era e a Nova Ordem Mundial<sup>88</sup>**

Um grupo seletivo de pessoas acompanha, circunspecto, a palestra de padre Jonas Abib batizada de “Nova Era”. Ele afirma que Deus tem mostrado os sinais do “final dos

---

<sup>88</sup> Versões muito parecidas da interpretação exposta neste item podem ser encontradas tanto entre outros grupos e comunidades carismáticas quando entre grupos evangélicos, sobretudo, pentecostais, e adeptos do movimento Nova Era.

tempos”. Tudo o que é dito na Carta de São Paulo aos Tessalonicenses e no Apocalipse de São João já está acontecendo no presente: antes do retorno de Jesus, vem o “filho da perdição”, o “adversário”, “aquele que se levanta contra tudo o que é divino e sagrado” - o anticristo - com a intenção de ocupar o lugar de Deus. O anticristo, sabendo da proximidade da vinda de Jesus e em disputa com Ele, tentará arrebatar, no pouco tempo que lhe resta, o maior número de adeptos para o reino das trevas, usando para isso, todo o seu poder sedutor e enganador. “Estamos em tempo de guerra! Há muita confusão no mundo. Controvérsias na própria Igreja de Deus. A razão disso tudo é: o inimigo sabe que seu tempo está acabando e que Jesus se aproxima a passos largos (Abib, 2000b:84)

Portanto, os sinais para a iminência da volta de Jesus são as ações do demônio no mundo. Uma dessas ações do anticristo é o surgimento do chamado movimento Nova Era. O anticristo, criando o movimento Nova Era, quer enganar os homens, convencendo-os de que as propostas espirituais do movimento Nova Era são “novas”, “originais”, mais evoluídas que o cristianismo. O movimento Nova Era, sob o comando “espiritual” do demônio, teria se apropriado do termo “nova Era” de propósito para produzir a ilusão de uma novidade religiosa que superaria a Igreja Católica e a Jesus Cristo. Orientados pela astrologia, os novaeristas acreditariam que o signo de aquário está regendo um novo tempo e um mestre cósmico, que não é Jesus Cristo, surgirá. Jesus Cristo fora concebido como o mestre da Era de Peixes e como um “ser iluminado”, mas não como filho de Deus:

Sendo composta de várias religiões e considerando que todas as religiões são caminhos para Deus, o movimento Nova Era proporia a unificação religiosa e ameaçaria, assim, a crença em Jesus Cristo como único salvador e a igreja católica como aquela que detém a verdade de Jesus Cristo.

Seu objetivo [do demônio], porém, mesmo que de início não o manifeste, será acabar com a Igreja, com o cristianismo, por meio de uma religião em que tudo seja válido; em que todas as religiões: budismo, confucionismo, espiritismo e, de modo especial, as mais sofisticadas trazidas pela Nova Era, serão aceitas num grande sincretismo. Só não terá vez o cristianismo, a Igreja verdadeira, a fé cristã (Abib, 2003:112).

Padre Jonas sustenta que, além disso, a idéia de uma “nova Era” - na acepção de “novos tempos” – não foi criada pelo movimento Nova Era, mas é de origem cristã. Para os cristãos, ela quereria dizer “o novo céu e a nova terra”, que se concretizará com a segunda vinda de Jesus no final dos tempos, após a destruição do anticristo. Ou seja, se seria verdade que Deus prepara uma “nova Era” (novos tempos) para o mundo, o anticristo, que é mentiroso e enganador, tenta convencer os homens de que a promessa de Deus está sendo cumprida com o nascimento do movimento Nova Era. Mas, como Jesus Cristo é a única encarnação de Deus, o “novo” cristo é falso. Padre Jonas reconhece que o discurso Nova Era é “sedutor”, “interessante” e “muito esperto”. Chama-a de “uma historinha muito bem bolada”. Aludindo à parábola do joio e do trigo<sup>89</sup>, acusa a Nova Era de ser o joio (o mal, a enganação, o anticristo) em meio ao trigo (o bem, a verdade, Jesus) (Abib, Fita VHS, palestra: “Nova Era”, 1993).

Com isso, podemos dizer que, segundo padre Jonas, a Nova Era se passaria quase como uma imitação das idéias do cristianismo, uma ilusão, uma falsificação das verdades cristãs. Jesus Cristo teria anunciado o surgimento de uma Nova Era, mas não é o movimento Nova Era, o qual, através do demônio, estaria usando algumas idéias cristãs para enganar os homens e fazerem-nos rejeitar o cristianismo institucionalizado. Reapropriando e reinterpretando o cristianismo para compor uma religiosidade constituída por outras tradições culturais, como religiões mediúnicas ou orientais, por exemplo, o movimento Nova Era estaria negando a interpretação da Igreja que concebe Jesus Cristo como única verdade. A desinstitucionalização da religião, o seu

---

<sup>89</sup> Ver texto bíblico Mt. 13,24-30

desprendimento da instituição e a relativização e integração das crenças seriam interpretados como o poder demoníaco desintegrador do cristianismo e do catolicismo como a exclusiva verdade. Padre Jonas interpreta que o perigo do movimento Nova Era é aceitá-lo como a grande novidade religiosa, considerando o cristianismo como velho e ultrapassado. A igreja e o cristianismo seriam acusados pela Nova Era de intolerância, de discriminação. Ela dirá que o cristianismo trouxe um sentimento de culpa aos homens com a noção de pecado, especialmente em relação ao sexo (Abib, 2003:112).

Mas, além de unificar a religião, o anticristo assumirá um único governo mundial, unificará as nações e irá submetê-las ao seu domínio. Assim, o processo político e econômico da Nova Ordem Mundial, que estabeleceu moeda única e de um único governo mundial, bem como o fenômeno da globalização cultural-político-econômica e a fórmula do projeto social da modernidade, que diz respeito, entre outras coisas, à garantia de prosperidade econômica, de assistência pública em saúde, de expansão da educação, de investimento no mercado de trabalho, de segurança nacional, etc (Soares, 1999:224-225) seriam sinais incontestáveis de que o demônio está no domínio do mundo, de que o “final dos tempos” está se processando e de que Jesus se aproxima. “Falemos a verdade: o que hoje chamamos de globalização é um sistema radicalmente egoísta. Repito: a solução é sair deste sistema!” (Abib, 2000b:14). Em outras palavras, o demônio está à frente da modernidade, que é contrário do “sistema de Deus”. Portanto, quem quiser estar do lado de Deus, é preciso se retirar dela.

O anticristo imperará como “lobo em pele de cordeiro”, travestido de “novo”, de “mundo novo”. Ele oferecerá a solução para os problemas sociais, paz e segurança. O governo do anticristo explicará que o que gera fome em alguns lugares e abundância em outros é a má distribuição. Portanto, ele conduzirá as economias do mundo, dividirá os alimentos, distribuirá as riquezas, garantirá emprego e salário para todos. Os adeptos da

Nova Era, guiados pelo falso cristo, dirão que, no projeto do “novo messias”, todos terão trabalho, salário e, com isso, a solução dos problemas. O anticristo tem um projeto para garantir saúde para todos, direito a estudo universitário de ricos e pobres, não só as crianças, mas também os jovens, todos poderão exercer a profissão de acordo com o estudo que tiverem. O cristo da Nova Era acabará com a violência.

Contudo, isso fará parte da enganação, pois a condição para usufruir desse estado de coisas é submeter-se ao controle do anticristo. O governo do anticristo fará uma marca no corpo de todas as pessoas - um código de barras - para controlá-los. “Chegará um tempo em que só terá acesso à economia, à saúde, à educação e ao trabalho quem se cadastrar; quem receber a marca na mão ou na testa, como está no livro do Apocalipse” (Abib, 2000:42). Assim, ninguém necessitará de identidade, já que nesse código de barras estarão inclusas todas as informações pessoais. Não haverá necessidade de circulação de dinheiro, pois haverá um banco único, onde as contas serão controladas via cartão de crédito. Só poderão ter conta em banco as pessoas que possuírem código de barras. Haverá, também, um imposto único, uma central de controle de alimentos. Caso alguém não queira se submeter ao governo do anticristo, recusando-se em ser marcado e controlado, não terá acesso a sua subsistência, além de ser perseguido. À altura do que foi o nazismo, a perseguição focalizará os cristãos e os judeus, aqueles que acreditam no Messias. Um governo será passível de desconfiança se prometer e garantir o bem-estar social:

Nós queremos paz, nós queremos prosperidade, nós queremos justiça, nós queremos igualdade de condições para todos os homens, mas com o Cristo que vem do alto e não com o líder mundial. Porque quem cair nas políticas de hoje, dos PTs da vida, vai cair facilmente no grande PT deste mundo, que vai querer colocar um governo universal, vai querer dar pão para todo mundo, saúde, transporte, mas com os meios dele. Tá dando pra entender? (...) Não vai cair nas historinhas dos PTs da vida, acreditando que a salvação virá com este ou aquele político (Abib, Fita VHS, palestra: “Nova Era”, 1993).

Um possível sucesso do tipo-ideal do projeto social moderno - quando um governo estiver garantindo concretamente os direitos sociais a todos - então não restará dúvidas de que é o anticristo que está por detrás disso. Isso porque a prosperidade não vem dos homens, de um governante, mas da Providência de Deus. A tentação é ceder ao sistema do demônio para não perder garantias e conforto. Por isso, não só será necessário rejeitar o mundo de bem-estar social oferecido pelo anticristo, como também treinar a simplicidade, a privação e a pobreza, mediante a vivência sob a total dependência da Providência Divina em Comunidades Católicas “alternativas” ao sistema – as Novas Comunidades Carismáticas. É preciso acostumar-se a “viver da Providência Divina” para não depender das ofertas do anticristo no futuro. Como fazem os Canção Nova, as pessoas precisariam abandonar coisas materiais – bens e pessoas - e a si mesmo – idéias próprias, pontos de vista, opiniões pessoais e buscar uma vida austera, simples, pobre. É preciso investir a vida, a saúde, o tempo, o dinheiro na preparação dos homens para a vinda de Jesus e de Seu Reino. Propõe, inclusive, que não se guarde dinheiro em bancos e se aplique direto em Comunidades de Vida:

Gente, é por isso que o Senhor tem nos ensinado, neste tempo, a viver da Providência. Porque chegará a época em que nos será retirado tudo e dentro do sistema nós não conseguiremos sobreviver. Nós só conseguiremos viver de outra forma. Daí a necessidade das comunidades, da pobreza, da simplicidade, de estarmos resolvidos de deixar todo o supérfluo e viver só do necessário. Para quê guardar dinheiro? Para os anticristos? Nosso dinheiro e nossos bens devem ser empregados em coisas de Deus. Onde você quer colocar o seu dinheiro? Nos bancos do anticristo ou em celeiros que irão frutificar para os seus irmãos? Quem investir no reino agora, vai ter também o reino como recompensa (Abib, Fita VHS, palestra: “Nova Era”, 1993).

As Novas Comunidades Carismáticas, como a Canção Nova, treinariam os homens para a chegada de um tempo de perseguição e privação do governo da Nova Era. Vivendo da Providência Divina, os homens retomariam a dependência de Deus e abandonariam a dependência do demônio, que os faz independentes, egoístas e individualistas. Deus prepara os homens fazendo como que dependam totalmente Dele.

Segundo padre Jonas Abib, a Canção Nova estaria, há trinta e poucos anos, sendo instrumento de Deus para treinar os homens para viverem da Providência Divina em contraposição às previdências do sistema do mundo que prometem segurança:

Responsabilizo-me porque sei que Deus prepara a Canção Nova para prepararmos você. É para isso que existem nossas casas espalhadas pelo Brasil, a Rádio e a TV Canção Nova, acampamentos de oração, nossos CDs, vídeos, cassetes e livro. Tudo isso porque precisamos nos preparar para depender unicamente de Deus. E por quê? Porque, quando vier o anticristo, seremos apertados por todos os lados. Mas, tenha certeza: Deus, que proveu, que não deixou faltar nada para a Canção Nova durante todos os anos de sua existência, não vai deixar faltar nada para você e os seus (Abib, 2000b:57).

Deus faz com que a Canção Nova dependesse unicamente Dele. Nossos aparelhos, câmeras, parabólicas, antenas transmissoras, os bancos de madeira, arquibancadas, o rincão, nossas casas, as construções em andamento, o terreno em que moramos: em tudo dependemos unicamente de Deus (Abib, 2000b:56).

Diante desse quadro funesto sobre as poderosas forças “espirituais” do anticristo que atuam na sociedade contemporânea, para os Canção Nova é urgente que os homens peçam a misericórdia de Deus, rompam com o sistema do mundo, arrependam-se dos seus pecados e convertam-se ao “sistema de Deus”. “É como se tivéssemos dois territórios: o de Deus e o do demônio. Se você não está com Deus, saia desse território, desse reino onde está! Converta-se! Pule, pule de cabeça! Se for preciso, dê um salto mortal, mas caia no reino de Deus. E permaneça nele (Abib, 2003:23). O demônio hoje está comandando o mundo com todas as suas forças, mas Jesus está vindo para tirá-lo do trono. Jesus vai precipitar o demônio no inferno e ele tentará levar junto com ele muitos homens. “Nós estamos, agora, numa batalha decisiva. Ou ficamos de um lado, lutamos e damos tudo nesse lado, ou, fatalmente, caímos para o outro lado. Se você se encontra no meio-termo, já está inclinado para lá” (Abib, ) “O Senhor haverá de reunir seus escolhidos: os que perseverarem até o fim. Espalhados por toda parte da terra, lado a lado com aqueles que vão negar o Senhor, estarão os firmes, estaremos nós. Aquelles que não voltarão atrás” (Abib, 2000: 107).

\*

**Beth**

A primeira coisa que fiz foi encaminhar um e-mail para Beth dizendo que iniciaria uma “segunda fase da pesquisa” na Canção Nova e gostaria de agendar uma conversa com ela. E, então, vejo tudo (re) começando do mesmo jeito que fora no começo da pesquisa: ausência ou demora de respostas, respostas feitas por outra pessoa e não pelo destinatário da correspondência, meias-respostas ou respostas evasivas, saudações, entusiasmo e felicitações, reticências e silêncios. Beth não me responde; quem me responde é Cláudia, uma outra secretária da Assessoria de Imprensa, dizendo que ficaram felizes com a notícia de que eu estaria voltando à sede da Canção Nova, em Cachoeira Paulista para continuar com a pesquisa e perguntava se eu queria falar somente com Beth ou se ela mesma não poderia resolver minhas demandas de pesquisa. Cláudia, em outras palavras, estava me dizendo que Beth não poderia me atender de novo ou me avisando que talvez eu tivesse mais demoras e silêncios da parte de Beth. Em resposta à Cláudia, com cópia a Beth, insisti que precisava encontrar-me com Beth, por causa da natureza da conversa que queria ter com ela. Queria resgatar as promessas que Marta havia feito em seu nome. Queria negociar o prosseguimento e o alargamento da pesquisa com a pessoa responsável pelo setor responsável que autoriza um tipo de pesquisa como a minha.

Oito dias depois, sem respostas de nenhuma das duas ao meu e-mail de réplica, reencaminhei a Beth o e-mail que encaminhara à Cláudia e a ela. Então, enfim, Beth responde perguntando quando eu estava indo para a Canção Nova, se eu possuía o recurso “internético” do Messenger (MSN) e disponibiliza o seu registro para que eu o acessasse. Isso era diferente - portanto, significativo - em termos do padrão de relacionamento dos Canção Nova para comigo, que não haviam me dado, até ali, muitas opções de comunicação. Eu não era usuária do recurso do MSN, mas, diante disso,

imediatamente me cadastrei a fim de aproveitar o tipo de relacionamento proposto. O contato ainda não fora pessoal, mas Beth abriu-se para um “contato virtual mais estreito”, se assim é possível dizer. Disse-lhe:

28 de setembro de 2006

Oi Beth,

Olha, estarei por aí dos dias 16 a 20. Gostaria muito de conversar contigo até pra ver como dar continuidade a essa pesquisa e ver quais as possibilidades de alargar as formas de observação antropológica da comunidade. Tenho MSN sim: (...). Podemos ir conversando até lá. Até pensei termos essa conversa por MSN, mas como vou mesmo à Cachoeira Paulista, acho mais legal pessoalmente.

Um grande abraço,

Eliane

Naquele mesmo dia, nos falamos rapidamente por MSN e marcamos um encontro pessoal. Beth era numa pessoa-chave da área de comunicação social da Canção Nova. Ela estava sempre atenta a captar notícias interessantes que trouxessem registro, publicidade, propaganda e garantissem a boa reputação da Canção Nova. Acho que ela vislumbrou dessa maneira a minha tese – pelo menos, do início do trabalho de campo até um pouco antes de que eu o desse por encerrado, em 2007, quando passou a evitar nitidamente todo tipo de comunicação e contato comigo. Foi Beth quem diretamente me auxiliou no que eu defini por “segunda fase da pesquisa”, iniciada em setembro de 2006, quando pretendi ultrapassar os contatos formais e limitados, obtidos com entrevistas aos Canção Nova, e insistir na metodologia de pesquisa, inicialmente projetada, de convívio com a Comunidade de Vida. Quando tomei conhecimento de Beth em 2006, ela chefiava um setor chamado “Comunicação” na Assessoria de Imprensa da Fundação João Paulo II, mas, agora estava trabalhando como gerente de marketing na Administração da Fundação João Paulo II. Esse setor se localiza no prédio da Administração da Fundação João Paulo II. Esse prédio é um daqueles dois com que me deparei no início do trabalho de campo e que descrevi anteriormente nesta tese: é cercado por portões e guarita com um segurança que só permite a entrada daqueles que

são credenciados. Os credenciados são funcionários contratados pela Canção Nova e funcionários-membros da Comunidade de Vida Canção Nova. O segurança eventualmente libera a passagem daqueles que não são credenciados para passarem por uma outra triagem: um balcão de recepção que fica a poucos metros após atravessarmos o portão e a guarita. Nesse balcão, uma atendente escuta a demanda do visitante e, se for o caso, pede que ele aguarde enquanto ela entra em contato por telefone com o setor ou pessoa responsável por aquela demanda. No lado esquerdo ao balcão, há portas de acesso a mais escritórios, separados por divisórias de vidro, contendo mesas, cadeiras, computadores, livros, pastas, e uma sala de espera com poltronas e televisões que emitem a programação ao vivo da TV Canção Nova. Ao lado direito do balcão, há portas que conduzem a outros escritórios que administram a infra-estrutura da Canção Nova, bem como uma escada e um elevador que conduzem a outros escritórios no andar superior, onde funcionam setores que administram a estratégia de comunicação e gestão da Canção Nova. Eu já havia estado no prédio da administração acompanhada por Denise na “primeira fase da pesquisa” para me conduzir a alguns membros da Canção Nova que ali trabalhavam e agendar com eles entrevistas. Se essas entrevistas nunca aconteceram, pelo menos ter atravessado com Denise aqueles portões por algumas vezes, ajudou a, pelo menos, me tornar conhecida pelo segurança, o qual permitia que ele liberasse o portão. Passado o portão, restava agora somente o balcão. Era menos constrangedor.

Foi nesse lugar, visível e sensivelmente guardado, que consegui, finalmente, após um ano de pesquisa, conversar pessoalmente com Beth sobre o caráter de meu estudo e sobre as expectativas que ainda tinha de alargar as estreitas oportunidades de pesquisa havidas até então. A tensão que antecipou essa conversa com Beth não fora menor do que todas as vezes que fui conversar com Marta sobre a pesquisa na Assessoria de

Imprensa ou que fui entrevistar algum Canção Nova. Dessa vez, inclusive, a apreensão era particular, porque não podia prever como Beth reagiria às reivindicações.

Mas, para minha surpresa, Beth concordou prontamente com elas. Não somente me convidou para o Congresso Mundial das Novas Comunidades Carismáticas como me propôs que eu ficasse junto com ela nos bastidores do encontro, em cima do palco, “para que eu visse como as coisas acontecem” em dias de Acampamentos e de grandes eventos. Ela colocaria meu nome na lista de convidados. Veria a possibilidade de me hospedar em sua casa (apartamento) na “casa da Comunidade de Vida” durante esse evento, o que, segundo ela, seria uma oportunidade para que eu conhecesse como é por lá. Também me perguntou, sem que eu antes mencionasse, se eu não gostaria de visitar as casas da Canção Nova que ficam nas cidades de Lavrinhas e Queluz, onde os discípulos, em regime fechado de um ano, moram e recebem formação intensiva dos documentos e estatutos da Canção Nova, antes de serem lotados pelo Conselho Geral da Canção Nova em casas-filiais de missão pelo Brasil e pelo mundo. Ainda, Beth me perguntou quem eu havia entrevistado e, conforme eu ia enumerando os nomes, ela balançava a cabeça sinalizando negativamente para, em seguida, dizer-me: “Não, essas pessoas não foram as mais apropriadas. Você tem que entrevistar gente de mídia, que fala muito, com desembaraço”. Queria dizer que havia pessoas mais acostumadas do que outras a construir e reproduzir discursivamente a imagem da Canção Nova. E pediu que eu anotasse alguns nomes de pessoas que ela considerava adequadas para falar-me da Canção Nova. Eram pessoas ilustres a que chamou “gente de mídia”<sup>90</sup>: Dunga, músico; Felipe Aquino, um escritor de livros que versam sobre história, doutrina e dogmática da igreja; Diácono Nelsinho, formador geral da Comunidade Canção Nova; Simone, advogada da Canção Nova; padre José, membro do Conselho Geral e teólogo;

---

<sup>90</sup> Mantere os nomes reais daqueles com quem não consegui realizar entrevistas ou conversas, pessoais ou por *e-mail*. Todos os demais nomes são codinomes.

e Alfredo, músico, escritor e filósofo, também renomado na mídia católica. Com Simone, padre José e Alfredo, acabei fazendo algum contato por outros caminhos e não pelo plano de agendamento de entrevistas que Beth traçara naquele dia comigo. Com os demais, nunca houve encontro para entrevistas. Por último, Beth disse que o único problema de entrevistar os fundadores da Comunidade Canção Nova era a muita ocupação deles: estavam sempre viajando ou com agenda cheia de compromissos. Com o padre Jonas Abib, disse que seria mais difícil ainda. Mas, de repente, durante o Congresso das Novas Comunidades, num intervalo entre uma atividade e outra, talvez padre Jonas estivesse desocupado e, quem sabe, ele me atendesse. Precisávamos só prestar atenção para aproveitar as oportunidades. Ela mesma me chamaria pra conversar com ele. Dizendo isso, Beth levantou-se da mesa de reuniões onde estávamos, foi até a sua mesa de trabalho, que estava localizada ao lado de outras cinco ou seis outras mesas de trabalho de outros membros, pegou dois livros e, entregando-os a mim, disse: “Esses são os nossos documentos e estatutos. Depois eu vou dar um exemplar de cada pra você. Por enquanto, fica com os meus e vai lendo. É bom que você os tenha lido antes de conversar com o padre Jonas. Mas, pelo amor de Deus, tenha cuidado com eles que eles são minha vida”. Esses livros não são publicados e sua leitura é restrita aos membros da Comunidade de Vida Canção Nova. Adotavam o título que cabia a sua função: “Nossos Documentos” (2002) e “Nossos Estatutos” (sd).

Para quem esperava mais retraimento da Canção Nova, a atitude de Beth foi admirável. Mesmo sabendo que, com exceção dos livros, tudo aquilo ainda era apenas uma promessa, fiquei absolutamente confusa: como a Canção Nova podia ser tão reclusa um dia e tão aberta noutro? Quando, após sucessivas atitudes de negação, meus ânimos esperavam pela intensificação da negação, vinha uma atitude de afirmação extrema. Algo como uma compensação schismogênica de Bateson (1958). Não fora a

primeira vez que tive essa sensação de paradoxo. O padrão da relação era: ora confiança, ora desconfiança; ora confiança-desconfiança; ora fechamento, ora abertura, ora fechamento-abertura, ora tempo, ora falta-de-tempo; ora tempo-falta-de-tempo. Embora fossem pares de opostos, não eram tratados como elementos de paradoxos. Em determinadas ocasiões, dava para notar a mudança do lado de uma ambivalência, como essa em que vivi com Beth: numa situação, silêncio, falta, distância, indiferença; noutra situação, diálogo, abundância, aproximação. Ressalto, novamente, que o “pólo da prosperidade” – diálogo, abundância, aproximação, receptividade – situava-se sempre no âmbito da promessa.

Mas, houve, ao lado disso, situações em que o silêncio e o diálogo, a falta e abundância, a distância e a proximidade, a indiferença e receptividade coincidiam, de uma só vez, na mesma mensagem. Como estamos falando de Beth, quero recordar a dupla mensagem ocorrida no dia em que a vi e falei informalmente com ela pela primeira vez, ainda na primeira fase da pesquisa. Ela acabara de chegar da casa-filial da missão da Canção Nova em Brasília, onde esteve por motivos pessoais e de trabalho. Durante sua ausência, Marta é quem administrava o departamento de Comunicação da Assessoria de Imprensa e fora com ela e com sua secretária – Denise - que eu me relacionei no começo da pesquisa. Quando soube que Beth estava na Canção Nova, achei que seria conveniente me apresentar e a pesquisa. Beth era a chefe do departamento de Comunicação e, a essa altura, eu já sabia o que isso significava para alguém que não pertencia à Comunidade, nem era conhecido por ela, mas que desejava se aproximar dela: a Assessoria de Imprensa consiste no setor a quem o Conselho Geral da Comunidade, composto pelos fundadores e membros mais antigos, encarregara de fazer a triagem e intermediação entre o mundo “de dentro” da Canção Nova com o

mundo “de fora” dela. Julguei que era importante me expor a ela e dizer-lhe pessoalmente a respeito da pesquisa, a fim de preservar a própria pesquisa.

Fui até a Assessoria de Imprensa. Do percurso entre a porta de entrada do salão da Assessoria de Imprensa e a sessão de Comunicação onde Beth se encontrava, uma sucessão de impressões e de afetações se iniciou entre mim e ela. Assim que entrei nesse recinto, de longe avistei Beth e Denise, uma ao lado da outra, conversando. Logo que Denise me avistou, olhou para Beth e disse-lhe algo. Beth levantou a cabeça, voltou os olhos para mim que estava indo em sua direção, torceu o rosto com uma nítida expressão de aborrecimento, impaciência e irritação, deixando-me claro que minha presença não era conveniente naquele lugar e naquele momento. Envergonhada que fiquei, desejei o chão se abrisse para que eu me escondesse, ou de que aquela situação fosse somente um sonho ruim. Pensei em dar a meia-volta, mas era tarde demais. Já estava muito próxima a elas. Cumprimentei-as e, desejando não atrapalhar mais do que parecia que estava, apresentei-me rapidamente à Beth e tentei marcar uma conversa com ela para o próximo dia. Beth, que mantinha o cenho franzido e quase sisudo enquanto me escutava, me disse: “Vamos conversar sim. Volte amanhã depois da missa das 8:00. Seja bem-vinda e que Deus abençoe sua tese”. Saí de lá transtornada pela sobreposição de mensagens opostas que houve naquela curta interação. Afinal, eu e meu trabalho éramos bem-vindos ou “mal-vindos”? O mais curioso é que, como esse, eu podia enumerar outros casos em que saí confusa sobre o que estava sendo comunicado.

No dia seguinte, às 8:00 da manhã, fui novamente à Assessoria de Imprensa conforme combinara com Beth. Ela não estava. Um rapaz ofereceu uma cadeira para que eu sentasse e disse-me que esperasse porque certamente ela já estava chegando. Agora eu estava na posição inversa do dia anterior, sentada na sessão de “Comunicação”, olhando pra porta de entrada da Assessoria de Imprensa, observando

quem entrava. Denise estava vindo com uma outra funcionária e, de repente, a cena do dia passado se repetiu: ela me viu, olhou pra colega que caminhava ao seu lado e falou alguma coisa para ela, sua colega olhou pra mim e manifestou um semblante de aborrecimento. Elas se aproximaram, cumprimentaram-me, sentaram-se em suas cadeiras de trabalho. E, a partir de então, ignoraram-me: olhavam fixos para seus computadores e, quando desviavam a atenção dele, conversavam entre si, passavam os olhos através de mim como se eu não estivesse ali presente em sua frente. Novamente, entendi que eu era um incômodo. Esperei por Beth por meia hora e, não suportando mais essa situação ambivalente de “silêncio-falado” e “distanciamento-aproximado” delas em relação a mim, fui embora dali com vontade de não mais voltar à Canção Nova, deixando com Denise o recado que noutra hora mandava um e-mail ou ligava para agendar com Beth outro encontro. Depois desse episódio, eu só encontraria com Beth novamente na conversa que inauguraria a “segunda fase da pesquisa” na Canção Nova, quando era possível notar uma grande solicitude em sua relação para comigo.

\*

## O tempo da misericórdia de Deus

O tempo do “final dos tempos” é, então, tempo de conversão, ocasião de preparo do homem e do mundo “velhos” para o começo de um “mundo novo”. O “novo” será experimentado por quem renunciar “o mundo” e buscar viver sob os princípios da santidade. É possível afirmar que os parâmetros de correção moral e “espiritual”, defendidos pelos Canção Nova, estão condensados nos mesmos seis princípios que organizam a sua própria vida comunitária<sup>91</sup> e que, segundo padre Jonas Abib, ajudam-nos a passarem juntos pelo processo de restauração “espiritual” que simultaneamente apregoam para “o mundo”: “Estamos todos num processo doloroso de restauração. Estamos numa batalha ‘interior’: o velho e o novo, o pecado e a graça lutam dentro de nós (Abib, 2000: 107)”. A restauração moral é consequência da restauração “espiritual” advinda com o derramamento do Espírito Santo, na medida em que suscitará o empenho para o abandono do “velho” em direção do “novo”. A restauração “espiritual” é resultado da restauração moral, porque quanto mais “renovado”, mais desenvolvido “espiritualmente” se fica.

Veja, sempre pensamos numa conversão moral. Mas é muito mais! É como se tivéssemos dois territórios: o de Deus e o do Demônio. Se você não está com Deus, saia desse território, desse reino onde está! Converta-se! Pule, pule de cabeça! Se for preciso, dê um salto mortal, mas caia no reino de Deus. E permaneça nele (Abib, 2003:23).

No tempo da misericórdia de Deus no “final dos tempos”, a Canção Nova propagará, mediante os meios de comunicação, os princípios e regras normatizadores da vida na comunidade com o propósito de preparar pessoas para que sejam dignas do “céu e terra novos”. Ela se apresentará como uma amostra, um reflexo real e presente do

---

<sup>91</sup> Os princípios e regras de vida comunitária são: o masculino e o feminino vivendo em sã convivência, a vida sob a dependência da Providência Divina, a vida fraterna, o trabalho santificado, autoridade e submissão e partilha e transparência (Comunidade Canção Nova, 2002).

“novo” prometido para o futuro e recuperado do passado, porque o “novo de Deus” não tem tempo: sempre é, desde a criação do mundo.

\*

2

### **Orkut**

A única coisa que pensava era que precisava descobrir maneiras diferentes de abordar os Canção Nova em Cachoeira Paulista, mas não podia ficar dependente disso somente. John, meu orientador de tese, sugeriu que eu tentasse observar as “bordas” da Comunidade de Vida. Mas, o que havia em suas bordas? Eram, principalmente, os jovens que passavam por um período de seleção para entrar na Comunidade de Vida - chamados “vocacionados” - e os moradores da cidade de Cachoeira Paulista, que estavam fisicamente nas bordas da Canção Nova. Com relação aos moradores da cidade de Cachoeira Paulista, se não seria fácil contactá-los, pelo menos eu sabia onde eles estavam. Mas, e os vocacionados? Como faria para alcançá-los? Além dos vocacionados e moradores, podia também aceitar o conselho de Marcelo e Silvana de procurar os ex-Canção Nova, pesquisando nos grupos de oração ou com padres que eu conhecia. Esta foi minha primeira atitude. Recomeçaria ali um novo período de envio de e-mails e telefonemas a pessoas que eram fiéis carismáticos atuantes em grupos de oração e padres que eu conhecia. Numa primeira sondagem, como nenhum desses sabia de algum caso nem tinha outros contatos com algum ex-membro da Canção Nova, vocacionados ou moradores de Cachoeira Paulista, precisava pensar num outro plano de ação para encontrá-los.

Foi quando tive a idéia de me associar na comunidade virtual Orkut. Deduzi que, certamente, haveria alguma “comunidade virtual” a respeito da Canção Nova e da cidade de Cachoeira Paulista com quem poderia me relacionar e fazer contatos. A julgar pela experiência anterior da aproximação com os Canção Nova, que aconteceu primeiro

virtualmente e não pessoalmente, apostei que o uso da tecnologia e dos recursos (pós) modernos de comunicação virtual e distanciados ajudar-me-iam, paradoxalmente, a me aproximar das “bordas” da Comunidade de Vida Canção Nova. “Acertei na mosca”. Lá não somente havia algumas comunidades de vocacionados à Canção Nova e de moradores da Cachoeira Paulista, como havia uma comunidade chamada “Ex-Canção Nova: Saí da Canção Nova”. Ela anunciava: “Este espaço é pra quem um dia pertenceu a comunidade fundada por Padre Jonas Abib e que por qualquer motivo tenha saído da mesma. A idéia é unir velhos amigos”. Havia nela dois membros. Anotei seus e-mails e preferi lhes mandar uma correspondência do que deixar um recado na página do Orkut:

19 de setembro de 2006

Caros Geraldo<sup>92</sup> e Luciano<sup>93</sup>,

Sou antropóloga da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e escrevo uma tese de doutorado sobre a Comunidade de Vida Canção Nova. Já colhi vários testemunhos de membros da Comunidade de Vida e darei continuidade à pesquisa em Cachoeira Paulista nos próximos meses. Quem intermediou meus contatos com a Comunidade de Vida foi a Assessoria da Imprensa nas pessoas de Beth e Marta. Entretanto, procuro testemunhos de pessoas que já moraram na Canção Nova por algum tempo. Por isso, entro em contato com vocês. Encontrei no Orkut a comunidade “ex-Canção Nova, saí da Canção Nova”, donde extraí seus e-mails. Gostaria muito de conversar com vocês e registrar na minha tese seus testemunhos sobre a experiência de vida que tiveram na Canção Nova. Considero que é imprescindível saber das diversas experiências para que possa alcançar uma compreensão mais ampla sobre a proposta comunitária da Canção Nova. Isso inclui os Comunidade de Vida, os Comunidade de Aliança e também os ex-Comunidade de Vida ou de Aliança. Também, gostaria de saber se podem me apresentar a outros que também já tiveram uma experiência de vida por lá.

Agradeço a atenção e aguardo o retorno,  
Eliane

[Aqui coloquei telefones para contato pessoal, endereço, referência acadêmica, endereço e telefones do CPDA e e-mail do orientador de tese].

No dia seguinte do envio deste e-mail, entrei na página pessoal do Orkut de Geraldo, quem era dono e mediador dessa comunidade, e vi que Geraldo havia apagado

---

<sup>92</sup> Geraldo é nome fictício. Toda vez que esse nome for mencionado será em referência a essa pessoa.

<sup>93</sup> Luciano é nome fictício.

todos os seus recados que, um dia antes, estavam públicos para quem o acessasse. Ele deixara no lugar apenas uma mensagem:

Geraldo - O FBI, a CIA e o serviço secreto estão na minha cola. Por aqui passam informações ultra-confidenciais. Estas jamais podem cair em mãos erradas. É uma questão não apenas de segurança nacional, o futuro da humanidade depende do sigilo dessas informações.

O tamanho da coincidência entre os dois acontecimentos – o de eu ter mandado um e-mail a Geraldo sobre minha pesquisa a respeito da Canção Nova e o de ele, no dia seguinte, ter apagado seus registros e colocado aquela mensagem - me fez concluir prontamente que aquilo havia sido uma reação direta ao meu e-mail de busca aos ex-Canção Nova. Ou era isso ou eu estava sofrendo de “mania de perseguição” por causa das doses de ocultação que experimentara com os Canção Nova. A mensagem de Geraldo era uma forma bem humorada de dizer que ele não desejava falar da Canção Nova para mim. Ele não falaria nem deixaria nenhum registro em sua página do Orkut – alguns que talvez revelassem a razão de sua saída da Comunidade de Vida Canção Nova. Ele também avisava diretamente a seus amigos cadastrados e indiretamente a mim que ocultar-se-ia, que responderia a quem ele interessasse e, em seguida, apagaría seus registros. A essa altura, eu estava me sentindo uma espiã. Mais uma vez, o segredo e a imaginação – reparemos que a palavra “secreto” está em seu texto - bem como as fronteiras entre amigo e inimigo estavam no jogo de relações constituídas ao redor da Canção Nova. A virtualidade “internética”, que, por si só, em teoria, traz a distância, o anonimato e a obscuridade, desta vez, diferentemente do que fora com os Canção Nova, conspirara a meu desfavor. Pelos termos que Geraldo usara em sua mensagem – o serviço secreto do FBI e CIA -, pela sua opção categórica de esconder registros a olhos vistos, além de não responder ao meu e-mail, fez-me deduzir que ele não me imaginava

como amiga, mas como inimiga. Eu não era estranha para ele, já que nem arriscar o contato comigo para tirar a dúvida. De que Geraldo tinha receio?

Alguns dias depois, quem me responde é Luciano. Luciano não estava com medo de mim nem da pesquisa. Ao contrário, se mostrou muito interessado e entusiasmado:

21 de setembro de 2007

Oi Eliane, fui pré-noviço da Canção Nova nos primeiros meses de 2001. Hoje estou fazendo pós-graduação em história.

Acho super interessante que se pesquise sobre a Canção Nova. Digo isso como ex-membro mais também enquanto profissional de história. Portanto, me coloco ao seu inteiro dispor, com alegria, e por que não dizer com muito entusiasmo.

Atenciosamente  
Luciano

P.S. Aguardo retorno

Animei-me com a resposta de Luciano. Agradei-lhe pela sua boa vontade em ajudar na pesquisa e disse-lhe que me sentia “em casa” em conversar com ele, uma vez que ele também estava inserido nas instâncias acadêmicas e certamente conhecesse os processos e a importância da pesquisa como forma de conhecimento, além do que ambos compartilhamos a idéia de que é, no mínimo, interessante pesquisas sobre a Canção Nova. Expliquei-lhe sobre meu projeto de tese e a que “pé” andava minha pesquisa. Conte-lhe que não me fora permitido até então conhecer o convívio comunitário dos Canção Nova, mas que ainda estava negociando essa oportunidade com a Assessoria de Imprensa. Dispus-me entrevistá-lo mesmo que tivesse que viajar pra encontrá-lo, tendo em vista que havia sido muito difícil de localizar um ex-Canção Nova. Pelo Orkut, não tinha identificado em que estado ele morava. E, por último, perguntei a ele se conhecia qualquer pessoa dentro da Canção Nova ou mesmo alguma pessoa que teve algum contato com a comunidade. Disponibilizei-lhe meus telefones e me despedi, agradecendo.

Luciano me escreve uma réplica, começando a dizer o que tinha para me contar sobre a Canção Nova, mas não conta. Só anuncia. Deixa em suspense. Promete me surpreender com as “histórias de amor e ódio” que viveu com ela e diz que tem boas contribuições para mim. Assim, dizendo-sem dizer, alimenta minha imaginação e minha ansiedade em fazer uma entrevista com ele:

24 de setembro de 2006

Então, Eliane,

Estou estudando metodologia do ensino de história. Sou mineiro, moro pertinho de Belo Horizonte. Fiz “caminho vocacional” de um ano na Canção Nova. Em 2001, fui acolhido na “Casa de Nazaré”, casa do pré-noviciado onde estive por apenas quatro meses, mais foi a experiência mais marcante da minha vida. Tão marcante que hoje, passados cinco anos, não fico um dia sequer sem parar para pensar em tudo o que vivi neste tempo. São frequentes as vezes em que sonho que estou em Cachoeira e coisa deste tipo... Até hoje, falar da Canção Nova mexe muito comigo. Tenho muita coisa pra falar da comunidade: relações de amor e ódio. Fiz muitos amigos por lá, mas não mantenho contato com eles.

Se você quiser, veja aí a melhor maneira para que agente possa conversar. Acredito que tenho boas contribuições para ti.

Abraços  
[Luciano]

Sugeri a Luciano que eu fizesse uma entrevista com ele on-line por Messenger (MSN). Cheguei a ter com ele uma conversa rápida por esse meio, mas, sem perceber que podia aproveitar melhor a conversa rápida e espontânea que ele estava disposto a ter comigo, insisti que marcássemos um dia para que eu, portando de perguntas propostas num roteiro e de um gravador, o encontrasse on-line e conversássemos. Encaminhei-lhe, então, o mesmo roteiro de perguntas que elaborei para entrevistar os membros da Comunidade de Vida apenas com a diferença de que inseri algumas novas perguntas a respeito da sua particularidade de ex-Canção Nova: “Conte um pouco como foi sua decisão de interromper o pré-noviciado na comunidade. O que levou você a decidir isso?”, “Como foi o processo de sua saída da Comunidade?”, “Você conhece outros

casos de pessoas que, como você, também saíram da Comunidade? Quais os motivos mais frequentes?”, “E hoje, passados alguns anos de sua saída, como você vê a Comunidade? O que ela representa pra você?”. Quis mandar-lhe o roteiro previamente a fim de demonstrar-lhe minha seriedade através de uma transparência na comunicação. Era como se eu lhe dissesse: “Confia em mim. Meu trabalho é científico. Não vou difamar a Canção Nova. Tanto que estou lhe mostrando o meu roteiro de entrevista. Eu só vou lhe fazer estas perguntas”. O que aconteceu foi que, depois que encaminhei o roteiro da entrevista, Luciano simplesmente parou de responder aos meus e-mails e nem estava mais acessível no MSN para mim. Desaparecera como Geraldo. O que acontecera? O que ele rezeira? O que ele imaginara sobre mim que me evitava? Deduzi que as perguntas propostas no roteiro – que, para mim, eram “só” perguntas – pesaram na decisão de Luciano em não mais me dirigir a palavra. Não creio que tivesse dúvidas da minha inserção acadêmica. As referências e os contatos que eu lhe dera para que tirasse qualquer dúvida sobre a minha existência e sobre a pesquisa podiam lhe servir para comprovar isso, se quisesse. Mas, talvez lhe perturbasse a idéia de como eu usaria na tese a sua “relação de amor e ódio” com a Canção Nova, que ele próprio anunciara. Ou talvez ele não quisesse mais se lembrar dessa relação que ainda “mexia muito” com ele. Ou ainda, talvez o fato de que a internet nos tornava distantes e próximos, desconhecidos e conhecidos, o tivesse amedrontado pela ambigüidade da situação e pela insegurança promovida por ela. Provavelmente tudo isso junto e, certamente, mais outras coisas que não consigo imaginar. Tudo eram hipóteses, porque nunca soubera o que houve. Luciano me deixara no meio do caminho com fragmentos de uma narração que anunciava um segredo da sua relação com a Canção Nova. Estava prestes a revelá-lo, mas, ao final, ocultara definitivamente. Ele criara uma tensão, um suspense, mantivera-me na expectativa, assumira o estilo “eu sei de uma coisa que você não

sabe”, como disse Simmel (1999), e sumira, deixando-me, mais uma vez, com o mistério e plena de imaginações.

Não sabendo mais como acessar esses ex-Canção Nova, resolvi deixá-los de lado e investir na busca dos candidatos vocacionados à Canção Nova, usando o mesmo recurso do Orkut. Visitando as comunidades orkutianas chamadas “Candidatos à Canção Nova” e “Vocação Canção Nova”, três coisas me chamaram a atenção: primeiro, descobri que existiam ex-vocacionados, isto é, candidatos não aceitos a ingressarem na Comunidade de Vida; segundo, que havia uma relação de amor e frustração - talvez até “ódio”, para usar a expressão referida por Luciano - dos vocacionados e ex-vocacionados, respectivamente, com a Canção Nova; e terceiro que a reclamação da ambivalência entre a distância e a intimidade, a ausência e a quase-presença, o silêncio e a manifestação, a ocultação e a revelação que eu fazia, podia ser ouvida também dos vocacionados.

Dentre os ex-vocacionados, havia aqueles que eram “ex” tanto porque desistiram do “caminho vocacional” ou porque foram dispensados do processo em algum momento da seleção. Entre esses últimos, era evidente e corrente a frustração de não terem sido escolhidos. Como, por exemplo, manifesta esse recado de Fábio:

Paz amigos!

Eu sou o Fábio do RJ e tenho 21 anos.

Comecei o “caminho vocacional” e sempre tive a certeza no coração de que a Canção Nova é a comunidade a qual Deus me destinou. Fiz quatro encontros, fora o redão e depois recebi o grau de pertença "Amigo".

Foi tão doloroso que até hoje não me conformo e mantenho minha esperança na frase do 4º encontro: "Na Canção Nova tudo é definido, mas nada é definitivo".

Deus me criou Canção Nova e espero sua onipotência se manifestar em minha vocação.

Peço a oração de todos, ok?

Deus abençoe a vocação de todos!!!

Fábio, após ter cumprido quase todas as etapas do seu “caminho vocacional”, não se conformava de ter recebido da Canção Nova uma carta de recusa para continuar

nessa trajetória rumo à vida na Comunidade de Vida. Ele tinha certeza de que era “Canção Nova”, mas mesmo que quisesse e sentisse que sua vocação era viver na Comunidade de Vida Canção Nova, quem definiria isso eram os Canção Nova, quem detinham os critérios de admissão e o dom de discernir se a pessoa era ou não Canção Nova. A permanência nesse “caminho vocacional” podia ser interrompida pelos candidatos, mas sua continuidade naquele não dependia somente deles. Estava submetida à avaliação dos Canção Nova. Os vocacionados passam ou não progressivamente através de fronteiras que eram demarcadas pelos Canção Nova. Paradoxalmente, a palavra que os Canção Nova usavam para comunicar aos candidatos à Comunidade de Vida que foram dispensados daquela seleção era “Amigo”. “Amigo” - palavra que, comumente, denota positividade - significava reprovação, negação, eliminação. Considerando as categorias que usei em outras partes deste texto para identificar as fronteiras entre “os de fora” e “os de dentro” da Canção Nova, diria que, neste caso dos vocacionados, o que ela chamava de “amigo” seria o que chamei de “amigo-mas-não-como-nós” ou “amigos-conosco”. Ou seja, um candidato à Comunidade de Vida que recebesse como resposta “Amigo” estava sendo informado que nunca seria “amigo-como-nós” porque não nascera “Canção Nova”, mas poderia ser “amigo-conosco”. Não seria “Canção Nova”, mas podia ser “cançãoovista”. Fábio não queria ser somente cançãoovista. Ele estava certo de que era um legítimo “Canção Nova”. Ele tinha esperanças de que essa deliberação seria revista, afirmando que, “na Canção Nova, tudo era definido, mas nada era definitivo”. Encontrei alguns recados no Orkut com manifestações de frustração e esperança semelhante à de Fábio. Simão, o mediador de uma dessas comunidades, criara um fórum de debates naquela página orkutiana lançando a seguinte pergunta: “Você já ‘fez caminho’ para a Comunidade? Relate aqui suas vitórias, derrotas, frustrações e conquistas durante o ‘caminho

vocacional' que você fez". Ele incluía o seu próprio depoimento, demonstrando que ficara magoado com o tratamento "frio" e "sem calor humano" dos Canção Nova usado para lhe comunicar que havia sido dispensado da seleção:

Simão - Renata, a Paz! Moro em Vassouras, estado do Rio de Janeiro. Tentei fazer caminho na casa de Cachoeira Paulista-SP. Foi bastante difícil pra mim, pois não esperava um "não". Me chocou muito. Não pelo "não" em si, mas pela forma com que o "não" foi me comunicado. Foi através de e-mail, uma carta fria e sem calor humano. Eu fui a Cachoeira Paulista para fazer uma entrevista, fiz e me mandaram uma carta de resposta. Na carta dizia que eu não possuo o carisma da Comunidade. Na verdade, eu nem cheguei a participar de nenhum encontro de formação. Deus abençoe.

Conversei também rapidamente com Simão por MSN. Perguntei-lhe como fora sua experiência com a Canção Nova e ele me disse que não tivera uma boa impressão da Comunidade de Vida, que tinha mais críticas do que elogios e não concordava com a resolução dela em afastá-lo do "caminho". Repetiu que não esperava pela "frieza" no tratamento dos Canção Nova com ele, já que, normalmente, parecem ser tão amorosos e acolhedores. Outros vocacionados consolavam os que não haviam sido escolhidos como Canção Nova, como, por exemplo, foram as cartas de Carlos e Rogério:

Carlos - Paz e bem!!! Se você começou o "caminho vocacional", mas recebeu a carta de "Amigo", não fique triste nem magoado. Afinal somos todos Canção Nova!!!

Rogério - O meu grau de pertença também foi esse. Na verdade, eu sofri e acho que sofro até hoje. Mas, bola pra frente. Deus sabe de todas as coisas. Bola pra frente, meus irmãos. Deus abençoe.

Havia também candidatos que, após participarem de alguns encontros, receberam dos Canção Nova uns tipos de respostas que não era uma recusa, mas também não era uma admissão. Eram as respostas "Caminho longo" e "Espera". Quem recebesse alguma dessas duas respostas continuaria no processo de "caminho", mas não ingressaria na Comunidade de Vida após os dois anos previstos de "caminho vocacional". "Caminho longo" e "Espere" - já dizia na própria expressão - seria um tipo

de “caminho vocacional” mais demorado. Normalmente, esses candidatos eram concebidos pelos Canção Nova como pessoas com fortes “tendências” de serem legítimos “Canção Nova”, mas, pela sua avaliação, precisavam de um tempo para amadurecer alguma questão ou resolver quaisquer pendências antes de ingressarem na Comunidade de Vida, com, por exemplo, concluir um curso universitário que havia começado.

Rosângela - Oi pessoal!!! A paz pra vocês. Quero partilhar com vocês sobre o meu caminho. Recebi “Caminho Longo” e estou muito feliz porque vou poder terminar a faculdade tranqüila!! Conto com a oração de vocês. Estou rezando por nós. Abraços.

Valter - Comecei o caminho em 1999 e recebi um "Espere". Dei um tempo devido aos vários trabalhos em minha paróquia e agora estou tentando voltar. Estou aguardando a resposta da equipe vocacional.

Melissa - Bem meu nome é Melissa, sou de Resende – RJ, mas atualmente estou morando em Cascavel-PR. Não faço caminho. Quer dizer fazia, levei um espere e já tem três anos que estou neste “Espere”. Hoje tenho muitas dúvidas se eu quero voltar ou se é minha vocação, ou também porque amo demais a Canção Nova penso que é vocação. Peço que rezem por mim. Paz e Bem.

Outros candidatos não gostaram de receber a resposta de “Caminho Longo” e “Espere”, pois sabiam que teriam de esperar pelo tempo que os Canção Nova definissem como adequado para finalizarem o processo de “caminho” ou esperar as pendências da vida serem resolvidas para continuar o processo. Esperar significava sustentar o desejo. Por isso, alguns desistiam de esperar. A desistência daqueles que tivessem sido postos em estado de “espera” no processo seletivo à Comunidade de Vida definiria que a pessoa nunca fora Canção Nova realmente. Contudo, aqueles que persistissem ou que, após a desistência, voltassem a insistir no “caminho”, então poderiam ser legítimos Canção Nova, como o caso de Beatriz e Raimunda:

Beatriz - Olá... Paz e bem! Me chamo Beatriz, fiz caminho em 2000, recebi um “Caminho Longo” e desisti. Mas, quando Deus chama, não há como fugir... Retornei o caminho há dois anos e estou indo fazer o penúltimo encontro em Cachoeira em setembro. Sou de Salgueiro-PE e faço caminho na casa Canção Nova de Gravatá. Um forte abraço e rezemos um pelo outro. Deus nos abençoe!.

Raimunda - Eu comecei em 2003. Fazia formações e me encantei com o modo de vida da Canção Nova. Fiz entrevista mandei carta, mas a casa de missão acabou saindo daqui de Fortaleza e aí eu parei. Quando foi em 2004, eu escrevi pra Natal, onde nasci e tenho padrinhos e amigos. Mas a carta me chamando pro redão chegou tarde. Eu tinha 15 dias pra arrumar dinheiro pra ir pro encontro. Neste mesmo ano, a casa de missão voltou à fortaleza. Eu pude fazer o redão em fevereiro de 2005. Mas, por motivos de trabalho, não pude continuar. Quando foi em outubro de 2005, a minha formadora me aceitou a novamente fazer o caminho. Quando foi um dia depois do encontro, eu fui despedida. Estou na Graça, vivendo o meu ser Canção Nova como posso. Por mais motivos que o capiroto [demônio] nos dá para não seguirmos em frente, Deus nos dá mais força!!!! E é n'Ele que está minha segurança! Deus os abençoe e que vocês nunca desistam do caminho! Deus os espera!

Eram comuns nessas comunidades orkutianas as declarações de amor dos vocacionados à Canção Nova, do tipo:

Tony - Meu nome é Tony, tenho 20 anos, moro em Vitória/ES, e faço caminho por Campos/RJ. Já servi algumas vezes nos acampamentos. É muito bom, porque você conhece o pessoal da comunidade, e pra terminar, estou muito feliz de estar na caminhada! Beijos. Fiquem com Deus.

Bruno - Oi, meu nome é Bruno, estou indo para meu segundo ano e não vejo a hora dos encontros desse ano chegar. Primeiro, porque estou muito contente com o caminho e me sinto pleno na vontade de Deus na minha vida. E, segundo, porque quero ver a galera do ano passado com os quais já me comunico frequentemente, pois já nos sentimos irmãos de comunidade e também para conhecer essa galera nova. Tenho certeza que termos muito que partilhar. Abraços e que Deus abençoe o caminho de todos nós.

Os recados dos candidatos falavam também das demoras de respostas dos Canção Nova às suas cartas e da sua ansiedade pela espera dessas respostas, que são respondidas num prazo indefinido.

Natália - Olá pessoal!!! Mandei minha primeira carta contando sobre a minha vida. Gostaria de saber quanto tempo demora para vir a resposta e se já na primeira carta eles dizem sim ou não a você. Muito obrigada pela ajuda. Que Deus abençoe todos vocês!

Airton - Galera, entrei em contato por e-mail com a equipe vocacional. Eles respondem por e-mail ou será que é só por carta mesmo? Já estive em caminho com a equipe de São Paulo. O e-mail que eu enviei foi o que eu achei no site da Canção Nova. Deus os abençoe. Aguardo resposta!

Vitória - Minha irmã seria melhor você enviar uma carta. Depois de uma duas ou três semanas eles te respondem. Ou você pode ligar na Canção Nova e falar direto com o vocacional. Mas, provavelmente, eles vão pedir para que você envie a carta. Paz e Bem!

Maria Luiza - Muitas vezes ficamos aflitos por não recebermos a carta, mas isso passa. A todos, que Deus e Nossa Senhora iluminem a vocação de todos!

A riqueza de conteúdo dos recados orkutianos de candidatos vocacionados à Comunidade de Vida Canção Nova era uma amostra do quanto podia ser interessante para a pesquisa que eu conseguisse um contato com eles. Tendo em vista que, anualmente, surgem jovens candidatos à Comunidade de Vida em todos os estados do Brasil e do mundo e que minhas condições financeiras de bolsista não permitiriam viajar para encontrá-los pessoalmente e entrevistá-los, investiria, primeiramente, na comunicação via MSN para ter seus depoimentos. Selecionei uma amostra de vinte nomes que encontrara no Orkut, escrevi-lhes um recado e/ou enderecei o mesmo recado por e-mail aos que tinham deixado seu endereço à disposição no seu cadastro orkutiano. O recado era o mesmo daquele que mandei para Luciano e Geraldo com algumas adequações.

As respostas foram imediatas. Dos vinte para quem enviei correspondência virtual, nove pessoas responderam ao meu e-mail, tendo a maioria demonstrado grande interesse e entusiasmo em participar da pesquisa. Entretanto, quase todos diziam que não dispunham recurso “internético” do MSN para efetuar o nosso encontro conforme eu propunha. O jeito que achei para manter o contato já estabelecido foi aproveitar o questionário de perguntas que eu havia feito para Luciano, organizá-lo, desta vez, em blocos temáticos de perguntas e distribuí-lo via e-mail, pedindo que respondessem por escrito. As perguntas buscavam conhecer a trajetória religiosa do vocacionado, a opinião da sua família no que se refere à sua decisão de consagrar-se à Canção Nova; o que ele achava da idéia de abandonar estudos, relacionamentos, família, profissão para ingressar na Canção Nova; o que a Canção Nova e o padre Jonas Abib significavam para ele; e, por último, qual a mensagem principal que, para ele, a Canção Nova

transmitia. Embora a quantidade de perguntas propostas fosse grande – o que poderia inviabilizar a participação das pessoas contatadas - minha intenção não era tanto pesquisar o processo de “caminho vocacional” pelo conteúdo dos questionários em si, mas, em virtude da relação que eu estabelecesse com os vocacionados, conseguir encontrar-me com eles pessoalmente e entrevistá-los com mais tempo de interação, durante algum evento que participassem na sede da Comunidade Canção Nova em Cachoeira Paulista ou em algum estado mais perto do Rio de Janeiro. Depois do que passara com os Canção Nova, achei que não seria conveniente, logo na primeira aproximação com os vocacionados, sondar quem fosse à Cachoeira Paulista e propor um encontro pessoal para uma entrevista aos que fossem. Era necessário, primeiro, construir alguma relação com eles. Eu achava que essa aproximação com os vocacionados também favoreceria a aquisição de novos contatos, sobretudo com ex-comunitários, de quem eu não conseguira ainda nenhum depoimento. Por esse ponto-de-vista, independentemente de quantos fossem respondidos, minha expectativa era que os questionários servissem mais como ponte para um momento seguinte. Mas, como veremos, essa idéia não teve sucesso: apenas 01 (uma) vocacionada aceitou conversar pessoalmente comigo na sede da Canção Nova em Cachoeira Paulista e os ex-comunitários indicados pelos vocacionados se negaram a narrar para mim sobre sua experiência na Comunidade de Vida Canção Nova.

Afora os poucos que se comprometeram em responder o questionário e, posteriormente, mandaram-no por e-mail, houve quem nunca respondesse aos meus e-mails, ou inicialmente manifestasse interesse em respondê-lo para, em seguida, mudar de idéia e se recusar a respondê-lo, ou ainda, quem condicionasse respondê-lo mediante maiores explicações sobre a tese e/ou sobre quem eu era, de onde eu vinha e o que pretendia com essa pesquisa. Os que se recusaram a participar da pesquisa ou os que

colocaram condições para participar dela explicaram-me abertamente que assim o faziam porque haviam contado a respeito de mim e de minha pesquisa para os membros da Comunidade de Vida Canção Nova que os acompanhavam no “caminho vocacional” para saber deles se deviam ou não me responder. A opinião dos seus acompanhadores era contraditória: ou definitivamente não autorizavam o depoimento do vocacionado a mim sobre o seu processo de “caminho” ou afirmavam que não havia problemas de eles responderem às minhas perguntas desde que eu lhes oferecesse garantias do vínculo com a instituição universitária. Vejamos os casos de Samantha e Amanda:

28 de outubro de 2006

Eliane,

Desculpe ter que te pedir o que eu vou pedir, mas eu estive perguntando a um dos consagrados da Canção Nova se eu deveria responder esse questionário e ele me disse que eu até poderia, mas antes ele pediu para te pedir uma prova concreta desse trabalho seu antes que eu responda. Me mande e eu responderei com muito prazer. Até gostei das perguntas!!!Paz e Bem!!

Samantha

01 de novembro de 2006

Boa tarde Eliane

Bom faço caminho para Canção Nova sim, e um dos princípios que vivo, fazendo o caminho, e além do caminho acredito que na vida, é: se você é obediente na vida, se você é obediente a seus superiores, em tudo Deus o abençoará.

EFÉSIOS 6,<sup>5</sup> Escravos, obedeci aos vossos senhores deste mundo com respeito e tremor, de coração sincero, como a Cristo, <sup>6</sup> não para servir aos olhos, como quem busca agradar aos homens, mas como escravos de Cristo, que se apressam em fazer a vontade de Deus. <sup>7</sup> Servi de boa vontade, como se estivésseis servindo ao Senhor, e não a homens.

Por crer nessa Palavra, que é vida, sou obediente aos meus superiores. Então, ao receber o seu questionário, o enviei a minha acompanhadora para ver o que ela achava de eu responder ou não o seu questionário. E a resposta dela foi muito clara:

"Não acho viável você responder esse questionário. Se essa pessoa tem interesse em conhecer melhor a Canção Nova e fazer sua tese, tem que procurar algum membro da Canção Nova".

Então, se quiser espalhar esse questionário para os candidatos, favor levar ao conhecimento da equipe vocacional da Canção Nova, que ela mesma enviará aos seus candidatos, com prudência. Me perdoe, mas por obediência a minha acompanhadora, eu não poderei responder o seu questionário.

Abraços Fraternos,  
Amanda

O princípio de vida “autoridade e submissão”, seguido pela Comunidade Canção Nova, era acionado por Samantha e Amanda, que ainda “faziam caminho” vocacional para a Comunidade de Vida. Esse princípio seria, na relação comigo, como um parâmetro para sua decisão de conceder-me ou não seus depoimentos. Ou seja, sua decisão em comunicar-se comigo e contar-me sobre sua escolha e experiência de “caminho vocacional” estava submetida à autorização dos membros da Comunidade de Vida a que deviam obediência e que trabalhavam no setor “vocacional”. O membro consagrado com quem Samantha conversou a respeito de minha pesquisa aconselhou-a que me investigasse melhor antes de dar-me suas respostas. Seguindo sua orientação, Samantha ainda estava disposta a receber a mim e a minha pesquisa, caso ela se convencesse de que minha procedência acadêmica era verídica. Já a acompanhadora de Amanda – cuja opinião Amanda transcrevera no e-mail que mandara a mim - não achara “viável” que ela respondesse o questionário e ainda levantava a suspeita de que eu e minha pesquisa não éramos muito confiáveis, uma vez que, segundo ela, eu estaria procurando primeiro os vocacionados e não os Canção Nova. O desconhecimento da acompanhadora de Amanda sobre minha pesquisa me surpreendeu não somente porque já havia pelo menos um ano que estabelecera contato virtual e físico com os Canção Nova, intermediado pela Assessoria de Imprensa, mas também porque, nas primeiras tentativas de contato com os Canção Nova, eu havia remetido algumas cartas ao setor “vocacional”, pedindo ajuda no processo de pesquisa e eles haviam me encaminhado para a Assessoria de Imprensa. Agora eram pessoas desse mesmo setor que manifestavam completo desconhecimento da minha existência como antropóloga entre eles e da minha pesquisa. Amanda me respondia que, assim como ela estava submissa a

sua acompanhadora, eu também deveria estar submissa ao setor “vocacional” caso quisesse conversar com os vocacionados. Segundo ela, eu deveria primeiro submeter o meu questionário ao conhecimento do setor “vocacional” para que, se ele me autorizasse a fazer a pesquisa com os vocacionados, me indicasse as pessoas certas a quem procurar. Ela achava assim mais “prudente”. O desconhecimento da pesquisa e a atualização de relações com os Canção Nova e em torno dos Canção Nova baseadas na desconfiança, no obscurantismo e no silêncio, requeriam-me, permanentemente, explicações e referências sobre mim e sobre a pesquisa, mesmo depois de, inúmeras vezes, já ter explicado detalhadamente a esse respeito, pessoalmente, verbalmente, virtualmente e textualmente a vários membros da Comunidade de Vida e indicado referências acadêmicas, religiosas e pessoais. A recorrência obstinada desse tipo de relacionamento dos Canção Nova para comigo era reproduzido por Amanda e Samantha, que eram candidatas vocacionadas à Canção Nova. A meu ver, certamente Amanda e Samantha ecoavam com tanta desenvoltura essa atitude desconfiada e inquietadora da Canção Nova porque também já deviam ter passado ou estavam passando por esse tipo de relação com ela.

A relação primeiramente estabelecida da Comunidade Canção Nova com os vocacionados era igualmente de prevenção, inquirição e avaliação, o que fortalecia a idéia de que, a princípio, todos os que estavam “fora” da Comunidade de Vida Canção Nova e tentavam uma aproximação estreita com ela são “do mundo”, são inimigos e estranhos, até que se prove o contrário. Ou melhor, uma fronteira rigorosa era erigida, sobretudo, diante daqueles que desejavam a aproximação-aproximada com ela, que queriam se avizinhar de seus membros para conviver com eles. Contudo, no caso dos vocacionados, instaurava-se uma ambivalência entre não serem reconhecidos como Canção Nova – por isso, deviam ser mantidos longe da Comunidade de Vida -, mas

guardarem a possibilidade de serem legítimos “Canção Nova” - por isso, deviam ser levados para perto dela. Eles eram uma incógnita e a incógnita que eram produzia imaginações sobre o que eram, para o bem ou para o mal. Eram fronteiras criadas pela imaginação sobre o mistério e o segredo de quem eram aqueles. Em outras palavras, eles podiam até ser legítimos Canção Nova, mas, como nem eles nem os Canção Nova sabiam disso imediatamente, inicialmente seriam recebidos como qualquer um que chega “do mundo” e que é, até que prove o contrário, inimigo ou estranho, devendo, por isso, serem mantidos à distância para avaliações. As primeiras avaliações serviriam para retirar o vocacionado da penumbra da estranheza e da inimizade e abrangê-los como, pelo menos, “amigos-conosco”. Entretanto, o fato de eles buscarem a Canção Nova porque sentiam um desejo “interior” de serem membros da Comunidade de Vida fazia deles pessoas potencialmente “amigos-como-nós” (“Canção Nova”), devendo ser aproximados da Comunidade de Vida. Isso significava que eles precisariam estreitar os contatos e aproximar-se fisicamente da Comunidade de Vida, convivendo no âmbito da “casa da Comunidade de Vida” com os Canção Nova. Significava poder se encontrar e conversar com padre Jonas Abib, sem obstáculos e mistérios. Significava conhecer tudo o que acontece internamente no cotidiano da Comunidade de Vida. Significava se envolver, desde já, no trabalho missionário junto dos Canção Nova, servindo como voluntário nos Acampamentos de Oração e eventos de massa. Entretanto, ao mesmo tempo, como o “ser” Canção Nova era um segredo de Deus ocultado dos e nos vocacionados e dos próprios Canção Nova, ambos precisavam descobrir se o que Deus esconde deles é o “ser” Canção Nova. Ele está prestes a revelar, através dos fatos ordinários e de fenômenos “espirituais”, o segredo que Ele tem para ela. Talvez ela não seja Canção Nova, mas precise aprender com os Canção Nova no período de “caminho”. O período de “caminho” seria a porta para essa descoberta. Em resumo, ser

vocacionado é estar perto mantendo distância dos Canção Nova ou estar distante mantendo-se perto deles.

Se eu não buscava pertencer à Comunidade de Vida, desejava desfrutar exatamente do mesmo direito que os vocacionados: de aproximar-me da Comunidade de Vida e conviver com os Canção Nova em sua vida comunitária, para além do seu expediente de trabalho. É certo que os vocacionados queriam estreitar laços com a Comunidade Canção Nova para descobrir ou confirmar seu pertencimento a ela, enquanto que eu queria experimentar ser Canção Nova, mas como forma de produzir conhecimento antropológico. Entretanto, resguardando as devidas diferenças entre o objetivo religioso dos vocacionados e meu objetivo antropológico, nós cumpríamos várias etapas e “provações” na relação com os Canção Nova e éramos sempre uma incógnita ou um segredo para ela.

A primeira etapa que cumpríamos consistia em sair da condição de inimigo e estranho, provando que éramos confiáveis, que éramos alguém com quem se pode manter o contato, virtual e físico. No caso dos vocacionados, isso significava provar, através de cartas de apresentação e de referências de personalidades eclesiais, como o padre e o líder do grupo de oração carismática, entre outros, que eles eram católicos e carismáticos praticantes. No meu caso, isso significava provar, através de cartas de apresentação institucional e do meu orientador de tese, além de referências de pessoas que eu conhecia dentro e fora da Canção Nova ligadas à Igreja, e de explicações textuais e verbais minhas, que eu e a pesquisa éramos dignas de confiança. A segunda etapa consistia no cumprimento ou sujeição, firme e perseverante, intencional ou não-intencionalmente, aos princípios de vida comunitária que estruturam a forma dos Canção Nova agirem no mundo. Como era isso para os vocacionados? Eles precisavam provar a sadia convivência: ou seja, interromper relacionamentos descumpridores das

regras morais sexuais previstas na doutrina católica (como a prática da relação sexual antes do casamento), mas também suspender relacionamentos afetivos cumpridores das regras doutrinárias da igreja enquanto estivessem no processo de seleção à Canção Nova. Eles precisavam provar que viviam o “trabalho santificado”: ou seja, durante a fase do “caminho”, servir, com alegria e interesse, como voluntário nos trabalhos da Canção Nova solicitados pelos membros da Comunidade de Vida, geralmente, na infraestrutura dos Acampamentos de Oração e eventos de massa; entender, naturalmente, que a distância, as faltas de respostas, a pressa e as ausências dos Canção Nova na relação virtual e face-a-face com os vocacionados era devido a seu urgente trabalho missionário de salvação dos homens e do mundo. Eles precisavam provar que viviam da Providência Divina: ou seja, deixar planos pessoais, estudos, propriedades, família, expectativas futuras; observar nos acontecimentos do cotidiano a ação sobrenatural de Deus que provê. Eles deveriam provar que viviam a partilha e transparência: ou seja, quem, demonstrando confiança irrestrita a todos os Canção Nova, sobretudo ao membro da Comunidade de Vida que o acompanha, partilhar (revelar) com ele todos os seus, medos, inseguranças, concepções, dificuldades, certezas, que estavam mantidos em segredo; não duvidar que os Canção Nova igualmente partilham, transparentemente, com ele e com o mundo, suas concepções, sua vida e ações. Eles deveriam provar que viviam a autoridade e submissão: ou seja, sempre procurar seus acompanhadores para dirimir dúvidas a cerca do que devem ou não fazer, pensar ou sentir, além de obedecer fielmente às suas deliberações e aceitar suas advertências. Eles deveriam provar que viviam a vida fraterna: ou seja, evidenciar aos Canção Nova que a confiança que depositou neles se deve ao fato de que se sente, com eles, uma família; doar-se com vínculo fraternal ao trabalho de evangelização; manter relacionamentos afetivos fraternais, ou seja, ver a todos como irmãos; dispor-se a dividir o que materialmente e

“espiritualmente” têm e de receber o que o não têm em nome da família Canção Nova e da fraternidade no mundo; enxergar que os Canção Nova são irmãos “espirituais”; reconhecer e se submeter à autoridade dos Canção Nova, vendo-os não como dominadores, mas como “irmãos mais velhos” que são mais amadurecidos “espiritualmente”, experientes na vida e firmes nos princípios de vida comunitária, e, por isso, são habilitados como autoridade.

Mas, eu, como antropóloga, também cumpria os princípios de vida comunitária dos Canção Nova? Responderei essa pergunta contando mais um trecho do episódio da primeira conversa que tive com Beth na “segunda fase da pesquisa”. Foi nessa conversa que lhe perguntei, francamente, pela primeira vez, por que era tão difícil acessar os Canção Nova. Contei-lhe sobre os obstáculos que encontrei em comunicar-me e em conseguir o contato face-a-face com os Canção Nova e sobre minhas impressões a respeito do retraimento da Canção Nova a quem procurara. Beth me explicou que o que eu sentira era apenas o que era pra ser. “É assim mesmo” – disse-me ela: “quem pretende chegar até a Comunidade de Vida tem que ‘fazer por onde’, tem que ‘correr atrás’, ‘tem que persistir’”. Quem quisesse verdadeiramente encontrar-se com os Canção Nova insistiria e, se fosse da vontade de Deus, conseguiria. Sua explicação recordou-me, de imediato, o percurso de “caminho” passado pelos candidatos vocacionados à Canção Nova. Adotando a leitura dos Canção Nova, eu podia dizer que, olhando para a trajetória de pesquisa e comparando com a trajetória dos candidatos que fazem “caminho para a Canção Nova”, era como se toda a minha trajetória de pesquisa fosse uma espécie de “caminho (antropológico) para a Canção Nova”. Eu passara por várias etapas e “provações”. Os Canção Nova me testavam. E essa passagem, através da qual eu passara, ainda não havia chegado ao fim. Ela era um percurso permanente, inacabável. O desconhecimento de como estabelecer comunicação com os Canção

Nova, a conquista dos contatos virtuais, a expectativa por suas respostas em virtude da sua demora em respondê-las, o não recebimento de suas respostas, o recebimento de suas quase-respostas, a ultrapassagem das suas barreiras físicas, o encontro face-a-face com os Canção Nova, as esperas pelo atendimento dos Canção Nova, as ausências dos Canção Nova, todas essas eram experiências que ambos, eu e os vocacionados, tivéramos de forma parecida. E, se conseguimos os contatos, a ultrapassagem de algumas barreiras, o encontro face-a-face era porque, de um jeito ou de outro, gostando ou não, deliberada ou não deliberadamente, estávamos “caminhando” corretamente, respeitando as regras e o fluxo da cosmovisão dos Canção Nova. Essa interpretação aconteceu-me como uma “descoberta” nos termos da Canção Nova. Era como se eu tivesse “entendido” (descoberto) que, embora eu achasse que ainda estava distante dos Canção Nova e, por isso, sempre buscasse o “con-tato” com eles, na verdade, eu estava vivendo uma relação estreita com ela. Ela se relacionava comigo através da “falta”, pela ausência, pela distância. Pela “falta”, ela era abundante. Pela ausência, ela estava muito presente. Pela distância, ela estava bem perto de mim. Eu estava cumprindo o princípio da autoridade e submissão, do trabalho santificado, da partilha e transparência, da Providência Divina, da sadia convivência, da vida fraterna dos Canção Nova quando, sem reclamações ou estranhamentos manifestos, “submetia-me” aos atrasos, às ausências, aos silêncios, às distâncias, às quase-presenças, às ambivalências, aos esquecimentos das entrevistas; quando não manifestava dúvidas ou questionamentos a respeito da irrupção do sobrenatural nos acontecimentos; quando “submetia-me” às inúmeras requisições de explicações dos Canção Nova sobre mim e minha pesquisa; quando aceitava os contatos pessoais restritos ao contexto de entrevistas realizadas durante um curto tempo em horário e ambiente de expediente de trabalho; também quando perseverava na busca de remarcação de entrevistas com membros da

Comunidade de Vida que não cumpriram o combinado anteriormente; quando permanecia buscando os contatos virtuais com os Canção Nova e insistia nas viagens para a Canção Nova, na procura pela aproximação-aproximada com os Canção Nova; quando decidi voltar ao campo para uma segunda fase de pesquisa; também quando contava (“partilhava transparentemente”) quem eu era, o que eu pesquisara, o que pesquisaria, o que era antropologia, quais eram as comunidades em que eu participava, quais eram minhas referências acadêmicas e religiosas; também quando entendia o distanciamento dos rapazes quem entrevistei que queriam resguardar a sadia convivência e a vida fraterna. Não sabia como e quando havia acontecido, mas parecia que eu havia achado e entrado no fluxo da cosmovisão da Canção Nova. Se, de fato, o que eu mais queria era ser englobada pelo “espírito” dos Canção Nova para conhecê-los, não esperava que isso acontecesse de maneira imprevisível. Não podia ser mais exato: fora imprevisível e surpreendente para mim como era imprevisível e surpreendente para os Canção Nova. Senti-me como tivesse sido “pega de surpresa” pela Canção Nova. Eu estava provando a experiência da “descoberta” tal como os Canção Nova, que são sujeitos que estão sujeitos ao imprevisível e ao inusitado, e que, de repente, descobrem a partir dos fatos. Fazendo uma leitura do caso pela ótica da cosmovisão cançãonovista em geral e lembrando o que Francisco e Sérgio profetizaram a meu respeito quando afirmaram que havia coisas que eu não sabia, mas eu “estava fazendo sem saber que fazia”, seria possível dizer que eu vivenciava agora o que é ser Canção Nova, não sendo. Se para ser Canção Nova era preciso cumprir aqueles princípios de vida, quem os cumprisse, experimentaria o que é ser Canção Nova, mesmo não o sendo. Esse era o meu caso. Recordemos que, para Francisco e Sérgio, eu estaria sendo conduzida pelo fluxo sobrenatural que atuava na Canção Nova, além de que estava seguindo o impulso de um dom espiritual que morava no meu “interior” e que me trouxera para a Canção

Nova por algum motivo que nem eles nem eu sabíamos. O que eles tinham certeza era que havia um motivo. O fato de eu “estar fazendo sem saber que fazia” intensificou, pelo menos em Francisco, a suspeita de que eu fosse uma legítima Canção Nova, pois a minha inconsciência da atuação desta força “espiritual” em mim e a naturalidade com que eu a vivenciava revelava o quão entregue, íntima e sintonizada eu estava com ela. Estar “mergulhado no Espírito” sem saber - estar entregue à condução do Espírito - é uma das características da cosmovisão religiosa dos Canção Nova, que concebe que ninguém se torna Canção Nova, mas se é essencialmente, se nasce Canção Nova. Não creio que Beth e os outros Canção Nova unanimemente achassem o mesmo que achavam Francisco e Sérgio sobre eu ser potencialmente “Canção Nova” ou carregar um “chamado” de Deus, mas, sem dúvida, eles concordariam que a força sobrenatural que há na Canção Nova havia agora englobado também a mim. Estaria eu experimentando o que experimentavam os membros da Comunidade de Vida Canção Nova?

Depois de ter “descoberto” a interpretação de que eu estava englobada pelo “espírito” dos Canção Nova, comecei a enxergar outros indícios disso, inclusive como também fazem os Canção Nova. O depoimento de Alexandre, um vocacionado à Canção Nova para quem havia enviado o questionário, fora um que me fizera “descobrir” que eu “estava no fluxo” da Canção Nova. Semelhante à atitude desconfiada, reprovadora e inquiridora de Amanda e Samantha, ele lera o questionário e me indagara se eu era “Canção Nova”, pois, segundo ele, as perguntas que eu propusera eram idênticas com as que os Canção Nova formulavam aos candidatos para que também respondessem por escrito. Como eu lhe dissera que não era Canção Nova, Alexandre disse-me que contaria à sua acompanhadora. Ele estava surpreso com o fato de eu não ser “Canção Nova” e ter falado, no questionário, na linguagem e com a forma

de pensar dos Canção Nova. Pediu-me que eu entrasse em contato por e-mail com a sua acompanhadora que ela queria conversar comigo. Prometi a ele que procuraria a pessoa indicada no dia seguinte. Mas, essa ficara tão desconfiada sobre mim que não quis esperar meu contato e, quinze minutos depois, mandou-me um e-mail dizendo: “Olá Eliane, meu nome é Rosana, sou amiga do Alexandre. Ele me disse do seu trabalho de faculdade sobre a comunidade e gostaria de saber mais. Pode me falar. Deus Abençoe, Rosana”. Em resposta à Rosana, a Alexandre, à Samantha e à Amanda resolvi escrever uma carta padrão, que usaria, dali pra diante, com todos os vocacionados para quem enviasse correspondência ou para quem reagisse com desconhecimento e desconfiança ao meu trabalho. Minhas cartas iam ficando cada vez maiores, cheias de explicações e referências. Eu somava fragmentos de uma e outra até formar uma carta com conteúdo claro e objetivo, mas muito extensa. Nesta, referi à instituição que eu me vinculava academicamente e o que propunha meu projeto de tese; indiquei quais eram os princípios antropológicos e as hipóteses que havia levantado no estudo da Canção Nova; contei como foi minha trajetória acadêmica em estudos da RCC até ali; apontei os nomes dos membros da Comunidade de Vida Canção Nova que já havia entrevistado e a referência da autorização da Assessoria de Imprensa da Canção Nova à minha pesquisa; informei para quais sujeitos sociais estava aplicando questionários por e-mail, o que eu queria saber deles e o que faria com os depoimentos colhidos; enfatizei que manteria todos os nomes em anonimato; disponibilizei todos meus contatos pessoais e os do CPDA/UFRRJ, além de anexar a carta enviada por meu orientador me apresentando formalmente à Assessoria de Imprensa, no início das pesquisas.

Alexandre e sua acompanhadora Rosana não me responderam mais. Já Samantha mudou seu tratamento para comigo de “inimigo” ou “estranho” para “amigo”: adicionou-me como “amiga” no Orkut, mandou-me dois e-mails se desculpando pela

desconfiança que tivera em relação a mim e por me solicitar comprovações da pesquisa. Explicou que fizera isso por causa da “perversidade do mundo de hoje em dia”. Respondeu prontamente o questionário, sugeriu um melhoramento do questionário com a adoção de novas perguntas que trariam o aprofundamento sobre o período de vocacionado e dispôs-se a repassar e-mail de outros candidatos - seus amigos - que não haviam recebido meu questionário. Por que me incluía em sua mala direta de “amigos”, eu recebia diariamente por e-mail, como recebiam seus amigos, arquivos de imagens com mensagens religiosas. Vejamos suas respostas:

28 de outubro de 2006

Oi, obrigada por ter tirado as minhas dúvidas. Vou responder o questionário amanhã e mando pra você. Desculpe se eu te constrangi. Não leve a mal o meu amigo consagrado. Ele só quis me prevenir antes de me expor, porque, hoje, do jeito que está o mundo, a gente tem que ver isso, beijos. Vou responder e te mando.  
Paz e Bem. Samantha

29 de outubro de 2006

Olá, respondi ao questionário e amanhã mesmo ou depois te mando as respostas. Ah, gostaria de saber, antes de escrever as mensagens, se você quer uma coisa mais aprofundada sobre o “caminho” para a Canção Nova ou mais só o essencial. Porque se for aprofundada, depois vou sugerir o acréscimo de algumas perguntas. Gostaria também de saber se você tem o desejo de saber como era a vida dos candidatos (no caso eu) antes e depois de conhecer a Canção Nova e o que Deus fez na nossa vida. Gostaria de perguntar a você, também, se tem o desejo que eu te passe os e-mails de outros para que possam responder também, porque, na minha turma de candidatos, só eu estou respondendo o questionário. E pedir desculpas também porque pedi uma prova a você. Mas, hoje mesmo, eu estava conversando com um consagrado e ele me disse que esse trabalho seu é sério. Mas, você entende como está o mundo hoje né?. Beijos, Paz e Bem. Responda logo!!  
Samantha

Amanda, por sua vez, insistiu na idéia de eu procurar o setor “vocacional” da Canção Nova e deixar que seus membros divulgassem meu questionário para quem eles achassem melhor.

06 de novembro de 2006

Oi Eliane,

Uma idéia boa que eu te dou é que você mande a sua tese para a Lídia do “vocacional” e peça a ela para estar enviando aos vocacionados, pois, que eu saiba ela, não sabe da sua tese. Por isso te dou essa idéia. E-mail da equipe vocacional: (...). Tenho certeza que ela te ajudará em sua tese e ainda por cima você terá resposta de grande parte das pessoas que fazem “caminho vocacional”.

Que Deus te abençoe.

Amanda

Posso dizer que, para mim e, ao que tudo indicava, para os vocacionados, esse processo que demandava infinitas e repetidas explicações e provações, somado à coincidência de comportamentos opostos de afastamento e aproximação, de frieza no trato pessoal e “calor humano”, de rejeição e acolhimento, de desconfiança e confiança, de segredo e transparência por parte dos Canção Nova, era cansativo, confuso, desgastante e, muitas vezes, ofensivo, na medida em que estávamos, na maioria das vezes, no lugar do estranho, do inimigo- a priori, daquele em quem não se pode confiar, daquele que esconde e que pode estar a serviço do mal.

A pesquisa entre os vocacionados se estendeu por três meses: de final de outubro de 2006 a começo de janeiro de 2007. Além dos 20 (vinte) questionários encaminhados no começo da pesquisa, enviei mais 18 (dezoito) no decorrer desse tempo, mas, ao final, somente três pessoas mandaram respostas às perguntas formuladas – Roberta (Bahia), Samantha (MG) e Helena (MG) - e somente com uma delas – Sofia (SP) - consegui marcar um encontro e entrevistá-la pessoalmente. As respostas dadas nos questionários eram muito sucintas, mas elas possuíam muitos pontos comuns: as três eram mulheres; jovens entre 17 a 22 anos; nascidas em família católica; não haviam pertencido a outras religiões, tendo praticado sempre o catolicismo; tiveram a experiência do “chamado” vocacional no âmbito de encontros, retiros, grupos organizados pela Renovação Carismática Católica; haviam iniciado o “caminho vocacional” para a Comunidade de Vida Canção Nova há cerca de 01 (um) ano; identificavam-se com os princípios de vida

da Canção Nova e sentiam uma vontade de servir somente a Deus. Os blocos de perguntas que abordavam o tema da família e o tema dos planos pessoais foram os que as vocacionadas mais se alongaram. Duas delas afirmaram que sua família não aprovara sua escolha de se consagrar à Comunidade de Vida Canção Nova.

Roberta – [Meus pais] não gostaram nem um pouco. Houve uma certa revolta do meu pai e irmãos, porque eles acham que os fiz jogar dinheiro fora com estudos (faculdade e inglês), já que eu não teria um retorno financeiro. Eles pensam que é uma ilusão minha, e dizem que eu posso servir a Deus na minha paróquia, sem ter que sair de casa e abandonar tudo. O que eles pensam também é que é uma opção minha, e não que seja uma escolha de Deus. Somente a minha mãe me apoiou.

Samantha - Tenho encontrado alguma resistência de meus pais e irmãs, pelo fato de não terem conhecimento de como funciona a Canção Nova, a comunidade de vida e o “caminho vocacional”. Porém, tios e avós me apóiam.

Helena - Minha mãe sempre dizia que sua filhinha era para Deus e, por isso, ela tem me dado a maior força, ajudando-me em tudo. Meu pai, mesmo não sendo muito presente, também me apóia e, assim como minha mãe, me diz: “Não tenha medo de voltar se isso não for o que você quer de verdade”. Meus irmãos e meus avós também concordam mesmo porque já temos em nossa família uma tia, que é freira missionária na África. Ela me entende e também me apóia em dar minha vida pela evangelização.

Roberta observa que não fora ela quem escolheu sair de casa para servir a Canção Nova, mas fora Deus. Não era ela quem queria deixar faculdade e todo o investimento em estudos para investir em algo que não vai dar a ela retorno financeiro. Quem queria era Deus. Roberta, Samantha e Roberta diziam que não era fácil para elas nem para sua família a idéia de viverem afastados uns dos outros e de abandonarem os estudos. Mas, eram unânimes em afirmar que queriam deixar de fazer as suas vontades, mas a vontade de Deus:

Roberta – Não é fácil para nenhum dos lados. Ninguém, na realidade, quer viver longe das pessoas que ama. Eles não querem, dizem que eu vou me afastar deles, que não vou participar dos momentos importantes e difíceis que vierem. Para mim, caso eu entre, será a maior e a mais dura de todas as renúncias que implica a aceitação do meu chamado. Já terminei a faculdade e vou dar continuidade aos meus estudos até quando Deus me permitir. Não deixa de ser um desconforto, porque você abre mão de seus planos e até mesmo da expectativa que sua família faz sobre você. Mas o que me incentiva em ignorá-los é saber que os planos de Deus são os melhores para mim, mesmo que eu não entenda. Se a sabedoria dele é infinita, quem sou eu para discutir

meu futuro com Ele? O mundo chama isso de loucura, mas é uma questão de confiança e, acima de tudo, é uma questão de fé.

Samantha - Desde que conheci a Deus, o que importa é fazer a vontade Dele, mesmo que tenha que me afastar das pessoas que amo. Meus pais acham que eu não tenho maturidade suficiente para ir pra Canção Nova. Mas essa opinião é por medo de me perder, porque eu sou a caçula da família.

Helena - Afastar de minha família não é nada fácil para mim. Afinal, eles são as coisas mais importantes para mim. Porém, este é o meu sonho em Deus, sem contar que darei minha vida pela evangelização e somente os que amam a Deus sobre todas as coisas serão felizes e alcançarão a vida eterna.

As moças, embora tenham afirmado que as respostas dos Canção às suas correspondências chegaram com, no mínimo de um mês, não reclamavam disso. Samantha recebeu sua resposta três meses depois. Nas perguntas sobre o que a Canção Nova significava para elas e qual a mensagem que a Canção Nova estaria transmitindo em sua missão pelos meios de comunicação social, Roberta e Helena afirmam que a Canção Nova teria como missão preparar a humanidade para a segunda vinda de Cristo que é iminente. O tema da segunda vinda de Cristo e do final dos tempos, retomado pelas vocacionadas espontaneamente, era, segundo elas, considerado central para a compreensão da identidade e da missão da Comunidade Canção Nova. Entre os membros da Comunidade de Vida que eu entrevistara até ali, esse assunto não surgira nem espontaneamente nem eu perguntara sobre ele. A resposta das duas vocacionadas me incentivava a explorar um pouco mais esse tema no encontro com os Canção Nova na “segunda fase da pesquisa”.

Roberta - É difícil responder. Mas sei que ela é uma grande obra de Deus, escolhida para converter muitos corações e preparar o povo de Deus para a segunda vinda de Jesus. Para anunciar que Jesus é o Senhor e precisamos permanecer n’Ele, e nos preparar para a Sua vinda.

Helena - Que é possível sermos santos, sermos de Deus porque Jesus voltará e que, por isso, precisamos estar preparados. Pois não sabemos em que dia Jesus virá. Só sabemos que este dia está próximo: Homens Novos para um mundo novo.

Sobre o que representava padre Jonas Abib para elas, Helena, Roberta e Samantha, responderam em coro que ele era um profeta e um pai:

Roberta - Para mim, o padre Jonas é um profeta dos nossos tempos, um homem santo que vive o que prega. Como aspirante da comunidade, o tenho também como um pai.

Samantha - Um grande profeta, um grande instrumento nas mãos de Deus e um verdadeiro pai espiritual.

Helena - Eu amo muito padre Jonas. Ele é não só um fundador ou um homem de Deus. Ele é para mim um pai que ensina sua filhinha a ser mais santa e a levar a santidade ao mundo. Ou santos ou nada. Ensina-me que é possível criar homens novos para um mundo novo.

Quanto aos princípios da sadia convivência, da Providência Divina e da autoridade e submissão, como suas respostas foram muito parecidas, transcrevo a resposta de uma delas para cada item.

Roberta - Para mim, [o princípio da sadia convivência] é um dos princípios que enche os meus olhos. É maravilhoso saber que ainda é possível viver homens e mulheres, como irmãos, no respeito e no amor fraterno, no meio de um mundo que ensina exatamente o contrário, através dos “Big Brothers” da vida, que deturpam o valor dos relacionamentos.

Samantha - Os primeiros cristãos não tinham nada, ao mesmo tempo em que tinham tudo em comum. A meu ver viver da Divina Providência é demonstrar que Deus zela por seu povo, que Ele cuida daqueles que lhe amam. Tudo vem de Deus e tudo para Ele volta.

Helena – [o principio da autoridade e submissão]É importante afinal desde bem pequeninos aprendemos que devemos respeitar uma ordem, uma lei para o nosso bem. E esse principio, numa comunidade de vida, é de suma importância para que o que é sagrado não vire bagunça e para que a comunidade não perca sua essência.

\*

2

## **12ª Congresso Mundial das Novas Comunidades Carismáticas**

Estava próximo o 12ª Congresso Mundial das Novas Comunidades Carismáticas que seria realizado entre 01 a 05 de novembro de 2006 na sede da Canção Nova. Nesses

dias, estariam presentes na Canção Nova representantes de Novas Comunidades do Brasil e do mundo, além de jornalistas, celebridades da Renovação Carismática e um representante do Vaticano enviado pelo Papa Bento VI. Esse evento constituiria uma forma de, em dando visibilidade midiática ao movimento das Novas Comunidades, servir como um impulso ao reconhecimento das Novas Comunidades pelo Código Canônico e pela CNBB.

\*

### **Canção Nova, as Novas Comunidades Carismáticas e o reconhecimento canônico**

A Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil – entidade presidida por padre Jonas Abib que orienta as novas comunidades no Brasil – não tem o registro exato do total de Novas Comunidades no país porque, segundo ela, muitas não estão registradas. Entretanto, seus membros afirmam que há mais de 400 novas comunidades hoje no Brasil.

O documento de Exortação Apostólica Pós-Sinodal chamado *Vita Consecrata*, do Papa João Paulo II, costuma ser reputado por membros das Novas Comunidades Carismáticas como o reconhecimento do Vaticano desse novo movimento católico comunitário. Entretanto, sua existência ainda não está prevista no Código de Direito Canônico da Igreja. A Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, que dispõe sobre a vida consagrada e a sua missão na igreja e no mundo vivida pelas ordens, congregações religiosas, sociedades de vida apostólica e institutos seculares, usa a expressão “novas comunidades” ou “novas Fundações” para se referir aos movimentos comunitários de vida consagrada que, como “sinais dos tempos”, estariam brotando, sendo inspirados e impulsionados pela ação do Espírito Santo para os desafios do mundo de hoje, e que apresentariam características originais às comunidades e congregações católicas tradicionais (*Vita Consecrata*, 1996, parágrafo 62). O documento indica como uma dessas características o fato de se tratarem de agrupamentos compostos de homens e mulheres, de clérigos e leigos, de casados e solteiros, e da sua tendência à vida comunitária, à pobreza e à oração (*Vita Consecrata*, 1996, parágrafo 62). Entretanto, mostra-se preocupado com as conseqüências desse tipo “novo” de comunidade dentro da Igreja, quando afirma, a seguir, a necessidade de discernimento cauteloso na

aprovação de propostas comunitárias com esse perfil (Vita Consecrata, 1996, parágrafo, 62).

Segundo esse documento, para o reconhecimento canônico dessas novas comunidades, seria necessária a criação de uma “Comissão para as questões referentes às novas formas de vida consagrada”, a quem competiria o estabelecimento de critérios de autenticidade de novas comunidades e o seu reconhecimento oficial (Vita Consecrata, 1996, parágrafo, 62).

Em 2006, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), através da Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé, publicou o subsídio chamado “Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades”, onde identifica, pela primeira vez em documento, a existência das novas comunidades no Brasil. O texto revela a simpatia dos membros da Comissão Episcopal às novas comunidades, que as vêem como um sinal de revitalização pastoral e missionária da Igreja Católica na evangelização da sociedade “pluralista, secularizada e globalizada” (CNBB, subsídios doutrinários, 2006:07). Entretanto, o documento também aponta para alguns problemas e desafios trazidos com o advento dessas comunidades. Um primeiro ponto é que as novas comunidades devem estar submissas à diocese onde se situam, mas, por não ficarem localizadas em terreno de uma paróquia, tendem a se autonomizar dela, podendo, com isso, apartar-se das orientações diocesanas e da integração com a igreja local. Isso seria notado tanto na falta da interação das atividades pastorais desenvolvidas por ambas, quanto na tendência à falta de prestação de contas à diocese do dinheiro que elas recebem de doações de fiéis para a sua sustentação (CNBB, subsídios doutrinários, 2006:24-25). Além disso, essas novas comunidades, porque estariam atentas à “conversão, a experiência pessoal de fé, valorizando a subjetividade e os sentimentos” (CNBB, subsídios doutrinários, 2006:25), correriam o risco de “espiritualismo e sentimentalismo” (CNBB, subsídios doutrinários, 2006:25).

\*

**12ª Congresso Mundial das Novas Comunidades Carismáticas****- continuação -**

Eu concordava com o que me dissera Beth na última conversa pessoal que tivemos: o Congresso das Novas Comunidades seria uma grande oportunidade de pesquisa para mim, uma vez que eu estudava uma Nova Comunidade Carismática. Mas, se, sem dúvida, seria muito interessante conhecer personalidades e as diversidades de modos de organização de outras Comunidades de Vida do Brasil e do mundo, na minha opinião, em termos de pesquisa da Canção Nova, a grande oportunidade deste evento seria o fato de ele ser realizado na sede da Canção Nova e do que isso me proporcionaria em termos de proximidade com outras instâncias da Comunidade de Vida. Conforme prometera Beth, ela providenciaria para que, nesse evento, eu tivesse acesso aos bastidores do evento e ficasse em cima do palco com convidados ilustres e com os Canção Nova que trabalhassem no evento. Além disso, também ela veria se era possível que eu me hospedasse em sua casa (apartamento) na “casa da Comunidade de Vida”.

Mas, nas vésperas do Congresso, como Beth não me dissera nada espontaneamente sobre hospedar-me em sua casa, fiquei acanhada de lhe pedir. Procurei reservar um lugar para me hospedar em Cachoeira Paulista, mas, a essa hora, não havia mais vagas nos quartos coletivos que a Pousada Sérgio Abib e outras pousadas, que ficam na cidade de Cachoeira Paulista, dispõem. Em virtude desse Encontro, as dependências de todas que procurei nas redondezas estavam lotadas. Diante desse fato, decidi sondar com Beth se havia alguma possibilidade de eu me hospedar em sua “casa na Comunidade de Vida”. Ela me responde uma semana depois, três dias antes do Congresso, que infelizmente não seria possível acolher-me em sua “casa” daquela vez,

mas que ela já havia conseguido me encaixar num dos quartos da Pousada Sérgio Abib. Consolou-me dizendo que não faltaria oportunidade para que eu conhecesse a “casa da Comunidade de Vida”. Um dia antes do Congresso, mandei à Beth um recado por MSN confirmando minha ida ao Congresso, e perguntando por quem eu devia procurar quando chegasse à Pousada Sérgio Abib. Mas, Beth retoma a proposta inicial e me comunica que eu ficaria em sua “casa” na “casa da Comunidade de Vida”.

\*

**2**

### **Primeiro dia**

Quando cheguei ao prédio da Administração da Fundação João Paulo II para encontrar-me com Beth faltavam poucos minutos para duas horas da tarde. Como, desta vez, não havia ninguém na recepção, liguei para Beth a fim de avisar que eu havia chegado e para saber como faria para ir à “casa da Comunidade de Vida” deixar minha bagagem - uma mochila pesada com roupas e pertences pessoais necessários para usar durante os cinco dias de retiro. Ela pediu que eu subisse até sua sala. Beth me recebeu com a saudação de costume – “Seja Bem-Vinda” e “Deus a abençoe” – e me comunicou que, naquele dia, somente voltaria para sua casa às cinco horas da tarde. Disse-me que deixasse minha mochila ali mesmo num canto qualquer e sugeriu que eu me acomodasse em sua sala - neste caso, disponibilizar-me-ia um computador caso eu quisesse escrever alguma coisa - ou que ficasse passeando pela Chácara de Santa Cruz, aproveitando para conversar com as várias pessoas de outras comunidades que estavam chegando para o Congresso naquela tarde. Ela me disse que, dali a pouco, o presidente da Fraternidade Internacional das Novas Comunidades – Mateo Calisi – chegaria em sua sala e recomendou que eu esperasse um pouco para ter esse contato com ele. Avisou-me que eu ficasse atenta que, se tivesse uma oportunidade, ela me apresentaria a ele e eu poderia até entrevistá-lo. De fato, em poucos minutos, Mateo Calisi entrou na

sala de Beth acompanhado de um pastor anglicano americano que viera para o Congresso a convite da Canção Nova. Nessa hora, Beth e todos os funcionários que trabalhavam com Beth na mesma sala se voltaram para ele, a fim de conversarem sobre os ajustes das programações do evento. Isso durou cerca de quarenta minutos. Durante esse tempo, eu apenas observava. Eles conversavam em inglês e italiano. Estavam todos muito tensos e agitados. Beth falava no celular, digitava textos no computador e conversava com alguém ao seu lado, tudo ao mesmo tempo. Não só não fora possível intrometer-me naquelas suas conversações de trabalho, como não fora possível ficar naquele contexto de agitação de trabalho sem oferecer alguma ajuda. Mas, Beth não aceitou que eu a ajudasse, dizendo-me que eu era convidada. Ao contrário de alguns membros da Comunidade de Vida Canção Nova como Francisco e Sérgio, que provavelmente interpretassem a minha oferta de ajuda como mais um sinal de que havia em mim um “chamado” de Deus à Canção Nova - uma vez que o trabalho é um dos seus princípios centrais -, Beth mantivera a fronteira entre nós: eu podia até ser uma “amiga-conosco”, mas ela nunca insinuara que acreditava que eu fosse uma “amiga-como-nós”. Eu ficara ali observando os Canção Nova em ambiente de trabalho, até resolver passear pela Chácara de Santa Cruz como Beth sugerira.

Na Chácara de Santa Cruz, sentei no meio fio da rua principal que corta ao meio toda a extensão do terreno e a divide em duas grandes áreas: para cima, as construções antigas da Canção Nova, para baixo, as construções novas. Dali assistia ao trabalho de visitantes que armavam tendas de plástico para exposição da Comunidade de Vida a que pertenciam. Estava sentindo-me sozinha novamente. Desta vez, não porque na Chácara de Santa Cruz não houvesse gente, mas porque as “gentes” que ali havia não eram aquelas com quem eu me propusera conhecer. Eu não fora ao Congresso das Novas Comunidades para observar e interagir com membros de outras Comunidades de Vida,

mas, com os membros da Canção Nova. Entretanto, Beth só me dera duas opções: ou eu ficava com os Canção Nova no seu escritório, vendo todos trabalharem, ou ficava na Chácara de Santa Cruz, observando os membros de Comunidades de Vida que eu não pesquisava. Entre os dois, eu preferia ficar na Chácara de Santa Cruz até que Beth saísse do trabalho às cinco da tarde. Eu até me aproximei para conversar com algumas pessoas de uma dessas Novas Comunidades, mas sem muito interesse, porque não queria perder o foco dos Canção Nova e, na verdade, ainda esperava que, finalmente, haveria de me encontrar com eles em ocasiões em que não estivessem trabalhando na Fundação João Paulo II. Eu pensara que, nessa “segunda fase da pesquisa”, conseguiria estar mais próxima dos Canção Nova, mas, como das outras vezes, estava ali tão próxima quanto estava longe deles.

Quando marcaram cinco horas da tarde, voltei à sala de Beth no Prédio da Administração. Beth estava ainda às voltas com o trabalho, juntamente com mais um funcionário que era o seu chefe de setor, enquanto que os demais iam se despedindo do expediente. Beth me comunicou que ainda precisava resolver algumas pendências e dali a pouco voltaríamos pra casa. Devolvi a ela os livros “Nossos Documentos” e “Nossos Estatutos” que me emprestara, mas disse-lhe que não os havia lido ainda. Ela, então, mais uma vez, dissera que eu ficasse com eles até que me desse cópias dos mesmos. Enquanto esperava por Beth, atualizava a escrita em meu diário de campo sobre os acontecimentos daquele dia.

Cerca de uma hora e meia depois, Beth chamou-me para sairmos. De porte de minha mochila de viagem, apenas segui Beth. Eu estava dependente dela para ter guarida, uma vez que não havia outro lugar onde me hospedar àquela altura. Já anoitecera e agora caminhávamos pelas ruas da cidade de Cachoeira Paulista que ficam na circunscrição da Chácara de Santa Cruz. A Chácara de Santa Cruz fica no alto de

Cachoeira Paulista, de forma que, dessa localização, para chegarmos ao centro da cidade, é preciso descer ladeiras. Descemos ladeiras íngremes, feitas com blocos de paralelepípedos, em direção ao centro da cidade. Com o peso da mochila nas costas, eu ia me equilibrando na bota-de-salto-plataforma que calçava. Eu não sabia exatamente para onde estávamos indo, mas imaginei que fosse para a “casa da Comunidade de Vida”, conforme ela dissera anteriormente. Beth estava ainda muito irrequieta. Enquanto caminhávamos a passos céleres, ela fazia ligações pelo celular, tratando, em geral, de assuntos de trabalho. Quando acabou com as ligações, pedi que me contasse a respeito de como era a relação da Canção Nova com a cidade de Cachoeira Paulista. Então ela me dissera que a Canção Nova tinha poucas relações com a cidade porque era auto-sustentável. Eles – os Canção Nova - tinham tudo o que precisavam na Chácara: bancos 24 horas, comida, padaria, eles não compravam roupas e sapatos. Portanto, não careciam de descer à cidade para utilizar os seus serviços. Beth se referira à cidade considerando somente o aspecto dos serviços que ela oferece, mas não incluía em sua análise os moradores. Como a relação da Canção Nova com os homens do mundo “lá de fora” é feita pela evangelização, perguntei-lhe, então, se a Canção Nova tinha algum tipo de trabalho de evangelização em conjunto com as paróquias da cidade. Com isso, queria que Beth me dissesse como era o relacionamento da Canção Nova com os moradores da cidade, mesmo que essa relação fosse somente pelo campo da religião. Beth disse que a Canção Nova não fazia nenhum trabalho em conjunto com as paróquias porque ela não trabalhava para evangelizar as bases, mas as massas através da mídia. Diante da divisão estabelecida por Beth entre paróquias e Canção Nova, perguntei-lhe se essa autonomia da Canção Nova não afastava a Canção Nova da Igreja. Nessa hora, a conversa estancou porque chegamos. Não na “casa da Comunidade de Vida”, mas num pequeno salão de cabeleireiro que ficava no meio de uma dessas

ladeiras. Beth quis alisar o cabelo, aprontando-se esteticamente para a abertura do Congresso Mundial das Novas Comunidades que seria dali à uma hora.

\*

### **No cabeleireiro**

A cabeleireira estava atendendo a uma outra moça e disse-lhe que ainda demoraria uns dez a quinze minutos. Beth sentou-se numa pequena poltrona que ficava logo na entrada do salão e eu sentei-me ao seu lado. Foi então que me advertiu que se eu quisesse fazer uma entrevista com ela, era melhor que aproveitasse aquele momento enquanto aguardava para ser atendida, porque não garantia que eu tivesse outra oportunidade depois. O barulho estridente do secador de cabelos e das conversas entre as mulheres que estavam no local, aliados ao som da chuva torrencial que, subitamente, começara a cair lá fora conspirava por tornar o ambiente ainda mais impróprio do que, evidentemente, já era para se realizar uma entrevista. Mas, Beth não me deixara alternativas. Era isso ou ela não garantia. O que ela queria me dizer era que ela não podia nem devia planejar nada porque ela vivia à mercê (submetida ao) do fluxo “espiritual” que movimentava a Canção Nova. Ou eu aprendia a me movimentar com e como eles nesse fluxo ou nunca teria o “con-tato” com eles. Aprender a me movimentar no fluxo do Espírito significava estar submetida aos fatos, deixar que eles me carregassem e não querer dominá-los à minha vontade.

Saquei o gravador da bolsa e comecei as perguntas. A fim de assegurar que a voz de Beth, em meio àqueles ruídos diversos, fosse audível posteriormente quando transcrevesse a fita cassete, solicitei que ela segurasse o gravador para que o microfone ficasse bem perto de sua boca. Pedi a ela simplesmente que repetisse o que acabava de me contar pelo caminho. Mas, desta vez, ela narrou com ambivalências, ora afirmando a não-interação da Canção Nova com a cidade da Cachoeira Paulista ora afirmando a interação. As informações concedidas por Beth traziam novidades, confirmavam uma série de hipóteses que a dissertação de mestrado e o projeto de doutorado sublinhara, sobretudo a ação “espiritual” impregnada nos fatos, movimentando das ações subjetivas e institucionais da Canção Nova (mergulho no Espírito), e o investimento da Canção Nova para alcançar a sua auto-sustentabilidade econômica em relação à sociedade capitalista com vistas à preparação para o final dos tempos. Essa era a primeira vez que

um membro da Comunidade de Vida Canção Nova dizia, sem que eu perguntasse, sobre o final dos tempos. Além disso, Beth trazia também dados novos para mim: a Canção Nova investia em agricultura e pecuária. Possuía fazendas. Mas, naquilo que Beth narrara, o mais interessante fora a sua opinião sobre o que pensavam os moradores de Cachoeira Paulista sobre a Canção Nova. Segundo Beth, que identificava uma fronteira interposta entre a Canção Nova e a cidade fora dela, era o preconceito e a baixa escolaridade dos moradores da cidade que erigia essa fronteira. Eles, a seu ver, não sabiam aproveitar os benefícios em termos de infra-estrutura e serviços que a Canção Nova trazia para Cachoeira Paulista. De acordo com essa interpretação, era a Canção Nova quem ameaçava Cachoeira Paulista e não o inverso. Abaixo, reproduzo na íntegra o curto diálogo que tive com Beth no salão de cabeleireiro. Faço assim porque considero importante sublinhar as ambivalências presentes, bem como ressaltar uma mudança na forma de minha interação com um membro da Canção Nova.

Beth - A cidade...existe dois pontos. A Canção Nova não tem uma integração com a cidade e a cidade não tem uma integração com a Canção Nova. Quando eu cheguei, já existia toda essa distância. Isso é porque a Canção Nova está toda focada nos meios de comunicação e nos eventos. O carisma da Canção Nova não é fazer esse trabalho de base nas paróquias, mas sim de estar envolvida nas mídias. Mas, hoje a Canção Nova já vê a necessidade desta ligação. Ela tem um projeto para 2007 de fazer todo esse trabalho de visitar as pessoas, de fazer encontros na cidade, de ir nas paróquias, de dar assistência. Porém, há 10 anos atrás a Canção Nova já viu essa necessidade de realizar as obras sociais, como o posto médico, que nasceu não só para atender visitantes. Ele não é só dali [da Comunidade Canção Nova], é do mundo, e as pessoas não entendem isso.

No Instituto Canção Nova, 90% dos atendidos é população carente de Cachoeira Paulista. Até para poder matricular, há todo um requerimento que tem que ser preenchido para configurar que a pessoa é carente. Então, a Canção Nova também se preocupa com a cidade, de investir nessas obras sociais. Promover essa integração. Hoje está se fazendo cursos profissionalizantes com adolescentes, uma ação muito louvável que a Canção Nova tem feito, há dois anos, através da guarda mirim da cidade. A promotora queria acabar com a guarda mirim e, numa reunião, a Canção Nova na pessoa do Eto, disse que ela assumia todos os adolescentes porque eles eram o futuro da

cidade. Os escoteiros passaram tudo para a responsabilidade da Fundação João Paulo II, que hoje dá treinamento, cursos profissionalizantes, e estão inserindo no mercado de trabalho e dando uma profissionalização para esses adolescentes na cidade. Então, há várias ações que são feitas para essa integração.

Eliane - Mas, você me disse, há pouco, que não era o ideal...

Beth - Não, não é o ideal. Eu falo por mim. Eu não tenho nenhum vínculo com o centro da cidade, né? Eu não participo das missas na paróquia, eu não vou ao mercado, eu sou auto-sustentável onde eu moro. Eu não preciso descer na cidade para sanar minhas necessidades. Então, isso interfere diretamente no meu relacionamento [com ela]. Isso, eu verifico que só acontece na matriz [na casa da Canção Nova em Cachoeira Paulista], mas nas [casas] filiais é diferente. Porque, nas [casas] filiais, nós estamos totalmente inseridos nas paróquias, tem uma vida social...Mas, na matriz, como tem tudo lá em cima, então não precisamos.

Eliane - Mas, isso justificaria a falta de comunicação? Até porque como você falou antes a proposta principal da Canção Nova é a comunicação...

Beth - É a comunicação e a integração com a cidade. Existe uma vez por ano em um dos nossos retiros, que fazemos antes do nosso compromisso. Uma ação concreta é feita: visitar um asilo, uma creche ou alguma coisa assim. Mas, isso é uma vez em um ano. O projeto é que isso, no próximo ano, seja dinamizado para que haja uma maior integração com esse projeto que está sendo executado. Mas, atualmente existe muito essa falta de comunicação, tanto da cidade com a Canção Nova, como da Canção Nova com a cidade.

Eliane - E a cidade?

Beth - A cidade... - é uma opinião particular minha - eu vejo que a cidade vê a Canção como uma ameaça. Em que sentido? Como ela [a Canção Nova] monopoliza tudo, ela tem o controle de grande parte das ações e de tudo, principalmente da parte de comércio, mercado de trabalho, de tudo, de ser a maior empresa da cidade. Isso se torna uma ameaça. Eles não vêem como uma parceria, entendeu? E, como ela [a Canção Nova] está em cima, está num local totalmente reservado, [os moradores da cidade] dizem: “a poderosa está em cima e não desce”. Então, existe todo esse preconceito, que

foi formando durante todos esses 30 anos de existência. Hoje, essa integração está se fazendo com pequenas ações. Porém, isso é uma mudança de cultura da própria cidade que é muito pequena, não é? A formação das pessoas é muito pequena, são uma população muito simples. Então, até essa mudança, essa conscientização é uma coisa bem delicada.

Eliane -E aquela perspectiva de futuro que a Canção Nova tem e que você me falava há pouco?

Beth - Então, hoje existe todo esse investimento de agricultura e pecuária. Todo esse investimento é pra quê? Pra sanar as necessidades da Fundação João Paulo II e também tem uma ligação com aquilo que o fundador prega, que é o final dos tempos. [Ele prega] que nós vamos viver fora de todo o sistema existente e que tudo isso é uma preparação para que tudo esteja estruturado quando esse tempo chegar. Isso pode ser daqui a cinco anos, como a dez, como a 30, como a 50, como 100. Porém, a Canção Nova vive nesta expectativa e os membros também vivem nessa expectativa. Toda essa implantação de agricultura e pecuária não tem uma preocupação somente com o lucro. Tem uma missão, pensando nessa expectativa do fim dos tempos, de que um dia nós vamos sobreviver somente daquilo que nós produzimos.

A Canção Nova foi feita em Cachoeira Paulista. O Eto, que é o administrador, ele sempre fala: “Por que o senhor escolheu um lugar sempre difícil, padre Jonas?” Os produtos do DAVI são difíceis de chegar, tanto aqui quanto na casa da pessoa que compra. Tudo é muito mais complicado. Porém, existe também uma visão espiritual dos fatos. Jesus tinha que ter nascido em Jerusalém, que é o centro, que é onde está tudo. Mas, Jesus não nasceu em Jerusalém, ele nasceu em Belém. A mesma coisa aconteceu com a Canção Nova. Ela quis vir para um lugar escolhido. Padre Jonas acredita nisso: que aqui foi um lugar escolhido por Deus. E como isso aconteceu? Pelos fatos! Na Canção Nova, tudo é pelos fatos. Existe a profecia do padre Jonas. Quando há 30 anos atrás o padre Jonas viu esse lugar, ele sempre imaginou isso. Mas ele não podia saber que ia acontecer de uma forma tão rápida e tão grande, a ponto de receber um representante importante do Papa aqui, como será hoje no Congresso das Novas Comunidades. Há 30 anos atrás ele não imaginaria que um representante do papa viria aqui, que teria gente de várias línguas, falando várias línguas. Ele profetizou isso, ele

sempre profetizou isso, mas ele não podia saber que seria de uma forma tão rápida. Tudo é acontecido pelos fatos. O padre Jonas não tem planos. O padre Jonas jogou uma medalhinha e ali ele pediu o terreno [da fazenda de Areias], e aos poucos, foi-se providenciando dinheiro, foi-se providenciando que os missionários fossem a campo vender os produtos e poder pagar as dívidas. Então, tudo foi, pelos fatos, proporcionando, estruturando. Não só ali onde é a sede, mas todas as estruturas que está em seu redor também, como as fazendas, como a TV, que é no centro da cidade, casas de missionários que hoje está na cidade. E esse objetivo é para quê? Para haver mesmo essa integração com a cidade. (a cabeleireira acabou a cliente e espera por Beth. Desliguei o gravador).

Houve outras coisas que Beth havia me contado enquanto seguíamos para o cabeleireiro, mas não houve tempo de pedir que ela repetisse para que eu gravasse. Disse-me que muito poucos moradores da cidade de Cachoeira Paulista - praticamente somente os funcionários - freqüentam a Canção Nova; que a criação de gado que faz a Canção Nova não fornece carne para a Comunidade de Vida, mas somente para a Fundação e, portanto, as pessoas da Comunidade de Vida têm que comprar sua própria comida; que toda a Canção Nova ficou triste com a derrota de Geraldo Alckmin nas últimas eleições para presidente da República; que, na Canção Nova, dois membros da Comunidade de Vida se candidataram a vereador e foram eleitos<sup>94</sup>.

Enquanto era atendida pela cabeleireira, Beth resolveu telefonar para um membro da Comunidade de Vida pelo celular. Sua voz alta competia com os gritos do secador de cabelos que já estava ligado ao redor de sua cabeça. Ela pedia a pessoa do outro lado da linha que viesse nos buscar de carro e nos levar à missa de abertura do Congresso Mundial das Novas Comunidades que seria dali a cerca de quarenta minutos. A chuva continuava caindo a cântaros. A pessoa que Beth chamou chegou em poucos minutos

---

<sup>94</sup> Ver nota 52.

depois. Era um dos músicos ilustres da Comunidade de Vida Canção Nova. Entramos em seu carro rumo ao Novo Rincão.

Chegamos quase oito horas da noite. Beth subiu a rampa que dá acesso ao lado esquerdo do palco e eu a acompanhei. Passamos, nessa subida, por funcionários-seguranças postos ali para controlar quem acessa o palco. Beth logo se envolveu com algum trabalho e deixou-me sozinha. Eu estava em cima do palco-altar do Novo Rincão. Lembrei-me que, nas pesquisas anteriores, o palco havia sido a principal fronteira entre mim e os Canção Nova, em virtude da abordagem de pesquisa que observou os Acampamentos de Oração. Aliás, devido a sua característica midiática, o palco, juntamente com as telas de rádio e TV, eram as fronteiras gerais entre “os de fora” e “os de dentro” da Canção Nova. Minha relação com a Canção Nova, tal como a relação daqueles que, a princípio, estão “lá fora” no “mundo” e buscam se aproximar da Canção Nova, se refletia na relação palco e platéia.

De cima do palco, eu podia agora também experimentar as dimensões geométricas do estádio por um outro prisma. Para o lado e para frente, tudo era de proporção gigantesca. Abaixo do palco, a platéia de fiéis, o estádio, as cadeiras brancas enfileiradas ao centro, arquibancadas laterais. Há pouca gente. Em cima do palco, o altar, ao centro, o grupo de músicos à minha frente e à esquerda, uma mesa de controle de som, o camarote lateral esquerdo para convidados ilustres, no lado oposto, o camarote lateral direito. Membros da Comunidade de Vida circulam com agitação pelo palco e atrás do palco. Cantores de um coral se posicionam na beirada do palco. Eu estou ao lado das cortinas, na linha que separa a frente do palco dos bastidores. Uma fronteira: o que se esconde da platéia e o que se mostra a ela. Deixo minha mochila de viagem num canto, enquanto não começa a missa, e vou conhecer o que há nos bastidores.

Na altura do centro do palco, atrás das cortinas, há uma porta larga donde sobem escadas. Dessas, saem outras escadas, que descem para um salão de recepção de convidados ou que sobem dando acesso a banheiros e a outras salas onde há gente trabalhando. Descendo para o salão de recepção de convidados, vêem-se também escadas que acessam um nível abaixo do palco. No acesso desta escada está um funcionário-segurança. A descida por ela é restrita. Nem todas as pessoas que já estão nos bastidores do palco podem ir lá embaixo. Percebo que existe uma outra fronteira dentro da fronteira, que é o palco. Posteriormente, Beth me contou que existe embaixo do palco um estacionamento por onde entra o carro que conduz padre Jonas Abib ao Novo Rincão. É por isso que não o vemos sair ou entrar do estádio: ele entra de carro por uma passagem no subsolo do palco. Do lado de fora do Novo Rincão, entretanto, não vemos nenhuma garagem ou rampa de acesso ao subsolo. No subsolo, é também onde ficam os camarins. Esse local, eu não pude conhecer.

Por volta de 21:30, terminou a missa, mas não fomos logo para a “casa da Comunidade de Vida”. Beth ainda trabalhava. Eu esperava sentada nos degraus da arquibancada direita porque percebera que todos os membros da Comunidade de Vida que eu conhecia estavam subindo por ela. Deduzi que a entrada para a “casa da Comunidade de Vida” devia ser por ali. Dali a pouco, Beth me chama para subir para a casa da Comunidade de Vida. Subimos, então, os degraus da arquibancada direita e seguimos em frente e à esquerda. A alguns metros saindo do Novo Rincão, podia-se ver um portão com guarita e sentinela que guardava um condomínio de apartamentos, aquele mesmo que Denise havia me mostrado de longe. Lá estava “a casa da Comunidade de Vida”. Havia estacionamento para carros e área de lazer para crianças. Entramos num dos prédios de apartamentos do condomínio.

Subimos, por escadas, até o terceiro andar. Em cada andar, havia quatro portas, duas de cada lado do corredor, que eu deduzi serem apartamentos. Beth abriu uma dessas portas sem a chave. Os Canção Nova não usam chaves para abrirem seus apartamentos. Na entrada do apartamento, ao lado direito, havia uma cozinha e, à frente, a sala. Dois sofás, uma mesa com quatro cadeiras, televisão. A sala estava cheia de gente. Beth me apresentou como alguém que está estudando a Canção Nova para fazer uma tese de doutorado. Todos me saudaram com um “seja bem-vinda” caloroso. Entre eles, havia dois homens e o resto eram mulheres. Com exceção de uma mulher que beirava os seus cinqüenta anos, todos eram ainda muito jovens, com idades na faixa dos vinte a trinta anos. Beth chamou-me para apresentar a outras moças que estavam em seus quartos. Os quartos ficavam ao longo de um corredor, o qual iniciava com um banheiro social do lado direito. Do lado esquerdo nesse corredor, havia dois quartos, um ao lado do outro, e no final do corredor outro quarto, que era suíte. Cada quarto tinha duas beliches, um armário e uma cômoda.

Depois das apresentações, Beth levou-me até seu quarto e me disse que cederia a sua cama para que eu dormisse durante aqueles dias e que ela dormiria noutro quarto. Agradei e arrumei as minhas coisas e me preparei para dormir porque estava fatigada. Mas, logo pensei que não podia perder a oportunidade de estar com aquelas pessoas, justamente quando eu conseguira. Voltei à sala. Agora, percebendo melhor o que estava acontecendo na casa, entendi que ali havia, além dos moradores daquele apartamento, convidados e membros da Comunidade de Vida que moravam em outros apartamentos e estavam ali em visita. Os dois homens presentes não moravam naquele apartamento, que era ocupado somente por mulheres. Beth me explicou que todos esperavam a entrega de pizzas que chegariam para o jantar.

A fim de me integrar com os Canção Nova, sentei-me, então, num dos sofás e, subitamente, vi a relação de pesquisa entre mim e os Canção Nova se inverter com dois deles que vieram, prazenteiros, me argüir. Um era Alfredo e outra era Sabrina. Alfredo morava em outro apartamento, mas estava ali porque sua namorada, Ciça, morava naquele e ela o convidara para compartilhar da pizza com os demais. Alfredo se apresentou para mim como filósofo e escritor. Era um jovem apresentador de programa na TV Canção Nova na época. Ele se comoveu imediatamente quando soube que eu estudava a Canção Nova e os Canção Nova. Ele, que estava terminando sua graduação em comunicação social, quis saber da minha trajetória acadêmica, das questões de pesquisa que eu traçara e da antropologia. Estava entusiasmado e envaidecido pelo fato de ser assunto de pesquisa. Nessa noite, contei-lhe que estudava a Renovação Carismática Católica desde a graduação e que, meu primeiro estudo fora sobre o discurso musicado daquele movimento. E, então, ele se interessou mais ainda, porque era músico. Ele me contava sobre a monografia de final de graduação que ele estava elaborando sobre a relação entre educação, televisão e Canção Nova, quando a pizza chegou e suspendemos a conversa para lancharmos. Após o lanche, Sabrina também se aproxima de mim e quer tirar a dúvida se meu trabalho é de mestrado ou doutorado. Também fica entusiasmada com a notícia de um estudo sobre a Canção Nova e conta-me que é advogada, está terminando sua graduação em teologia e pretende fazer um mestrado na mesma área. Ela é responsável pelo setor que cuida dos assuntos jurídicos da Canção Nova. Sabrina começa a juntar os pratos e talheres para levar para a cozinha e lavar, e eu a ajudo. Eu me ofereço para lavar os pratos e talheres, mas Sabrina aceita que eu os seque. Na companhia de Sabrina, secando os pratos e talheres na cozinha de uma das casas da “casa da Comunidade de Vida”, sinto que estou mergulhada num estado de *communitas*. Sou “amiga-conosco” dos Canção Nova agora. Nesse estado,

sinto-me “em casa” para também me expor. Conto a Sabrina todas as dificuldades que tive para conseguir encontrar-me com os Canção Nova e pergunto a ela porque havia sido assim. Sabrina me responde com outra pergunta: “Você convidaria uma pessoa estranha para entrar em sua casa”? E continua ela: “Nós somos uma família. Não podemos confiar nossa intimidade a qualquer pessoa, você não concorda?”. Sabrina, subliminarmente, me desafia como antropóloga: “Coloque-se no nosso lugar que somos seu “outro”. De fato, ela tinha razão: eu não convidaria alguém que considerasse “estranho” para entrar em minha casa. A diferença estava na espécie de pessoa que eu e os Canção Nova éramos: eu, um indivíduo, uma pesquisadora, eles uma instituição, uma televisão, uma rádio, uma Comunidade. Por causa do tipo de missão de evangelização do mundo que, através da mídia e dos eventos de massa, reproduzia a imagem de acolhimento e intimidade, a Canção Nova era “casa” não somente para os membros da Comunidade de Vida, mas para todos aqueles a quem ela dirigia sua evangelização. A Canção Nova era uma instituição que, pelo poder da mídia, publicizava o acolhimento e a intimidade dos Canção Nova, causando, em todos os que estão de “fora” dela, a sensação de estar “dentro”, de estar “em casa”. “De longe”, em cima do palco, nas telas da televisão, nas ondas do rádio, não parecia que alguém para ela, a princípio, fosse estranho, a não ser os seus inimigos declarados. Entretanto, “de perto”, todos os “de fora” a princípio, éramos estranhos. Mas, não consegui dizer isso a Sabrina porque Beth interrompera nossa conversa para avisar-me que, no dia seguinte, a missa das seis e meia da manhã - que há todos os dias na capela localizada dentro da área da “casa da Comunidade de Vida” - seria celebrada pelo bispo representante do Vaticano. Ela disse que estaria ocupada o dia inteiro com o evento e não poderíamos nos ver, mas que eu ficasse à vontade. Que ela havia colocado meu nome na lista de convidados na portaria do Novo Rincão. Que eu ficasse preparada porque haveria uma entrevista coletiva com

o presidente da Fraternidade das Novas Comunidades Carismáticas e, também, que eu ficasse atenta, porque, a qualquer momento, ela poderia me chamar para entrevistar o padre Jonas Abib em alguma brecha do evento. Enquanto Beth me falava, Sabrina nos havia deixado e entrara em seu quarto. Não a veria mais naquele dia. Os outros convidados se despediam das moradoras da casa e todos se retiravam para dormir.

\*

2

## **Segundo dia**

### **Manhã**

Cinco e meia da manhã. Na sala, Beth, Ciça e outras moças já estão acordadas. Umás acordaram antes para tomar banho e deixar vago o banheiro para as outras. Em poucos, minutos todas já estão prontas: cabelos alisados, roupas da moda e sapatos-de-salto-alto. Na sala, elas fazem maquiagem umas nas outras. Beth, que não namorava ninguém naquele momento, observa: “Quero ficar bem bonita. Quem sabe, hoje eu não encontro o meu ‘José’?”. Fomos, então, à capela que está situada no condomínio da “casa da Comunidade de Vida”, mas fora dos prédios, num outro terreno ao lado. Há um portãozinho, vigiado também por um funcionário-segurança, que dá acesso a uma escadaria feita de pedra largas que descem a um enorme jardim florido e gramado. Lá ao longe, quando acaba a descida do terreno, vê-se uma casa. Disseram-me que era onde morava padre Jonas Abib com Luzia Santiago e Eto. Ao final da escadaria de pedras está a capela. É pequena e não há lugar para todos os que estão ali reunidos sentarem para assistir a missa. Eu fico parada na entrada da capela para não ocupar os assentos dos membros da Comunidade de Vida. Mas, Luzia Santiago me pega pelo braço e me faz entrar e sentar numa das cadeiras. Após a missa com o representante do Papa, segui com Rafaela - uma das moças que mora com Beth - para o Novo Rincão. No caminho, Rafaela perguntou-me se eu não a estava reconhecendo da televisão. Eu respondi

negativamente. Ela disse: “Ah, deve ser por causa do boné que eu uso na televisão. Eu sou aquela que faz a campanha do Coração Solidário”. E colocando um boné, perguntou: lembrou-se agora?”. Para Rafaela, era claro que eu a conhecia da televisão. Diante da sua insistência, fiquei sem jeito de negar mais uma vez aquilo que lhe parecia óbvio e disse-lhe que agora sim me lembrara. Então, ela concluiu: “Está vendo, por isso é que eu não gosto desse boné. Ele me deixa com cara de menina e eu quero ser mais mulher”. Rafaela estava descontente porque sentia que sua imagem veiculada na mídia a infantilizava. Ela queria ser “mulher” e não “menina”.

Desta vez, entramos no Novo Rincão por detrás, onde existe uma rampa de acesso ao salão de recepção de convidados. Na porta do salão, uma moça conferia os nomes dos convidados numa lista impressa em computador. Rafaela despediu-se de mim. Eu me dirigi ao camarote direito onde ficavam os convidados para o evento. À minha frente, abaixo do camarote, na altura do palco, havia gabinetes onde estavam especialistas que faziam tradução simultânea para o inglês, francês, espanhol e italiano. No palco, bem próximo a mim, vejo padre Jonas Abib, guardado por dois seguranças. Ele está sentado ao lado de convidados ilustres numa das cadeiras postas no palco. Músicos-apresentadores do evento, membros da Comunidade de Vida Canção Nova estavam cantando e tocando músicas para receber, com animação, a platéia de fiéis - membros de Novas Comunidades nacionais e internacionais - que ia se aglomerando lá embaixo nas arquibancadas e nas cadeiras centrais do Novo Rincão.

Ao longe, nas rampas de acesso ao estádio, pessoas vinham descendo para adentrar esse recinto. Homens, mulheres e crianças, adultos, jovens e idosos. Estavam usando os mais diversos estilos de roupas e adereços religiosos. A composição mais comum era a camiseta estampada com o logotipo da Comunidade de Vida ou do grupo de oração a que pertenciam e um crucifixo no peito. Mas havia também aqueles cujo

vestuário era bem mais singular: grupos grandes e pequenos, compostos somente por homens, somente por mulheres ou mistos, caminhando sempre juntos, vestiam túnicas pretas, brancas, marrons, cinzas, beges ou multicores - como a de um grupo cuja túnica misturava o vermelho e o preto. As túnicas podiam ser rasgadas, com tecido esgarçado e desalinhados, simulando trapos de mendigos - como um dos grupos que seguiam uma orientação franciscana - ou inteiras, com corte e costura tradicional. Uns grupos amarravam suas túnicas na cintura, outros, deixavam-nas soltas. Os que as amarravam na cintura, usavam cordas feitas de tecido, de barbante ou de sisal, ou usavam, no lugar da corda, um imenso rosário de Nossa Senhora. Podíamos ver também pessoas que dependuravam enormes terços de Nossa Senhora no dorso, de forma que ficassem transversais ao corpo. Quanto aos crucifixos, o material de que eram feitos, o seu tamanho e a extensão da corrente ou do cordão que os sustentava no pescoço desses fiéis eram variados: de madeira, de metal ou de resina; grandes, médios e pequenos; suspensos por grossas ou finas correntes de metal ou cordões de algodão, perto do pescoço, ou na altura do peito, ou um pouco abaixo do abdômen. Às vezes, o crucifixo era trocado por uma medalha redonda ou em forma de cruz, pendurada no pescoço ou presa com um alfinete no peito. A maioria dos que vestiam túnicas calçava sandálias do estilo franciscano. Mas, havia um grupo de pessoas – aqueles que vestiam túnicas rasgadas - que andavam descalços e, além disso, tinham o cabelo raspado.

Cada um desses grupos representava uma Comunidade de Vida. Algumas dessas comunidades eram maiores e mais conhecidas - como a Comunidade Shalom/CE, Toca de Assis -; outras menores e menos conhecidas - como Comunidade Mar a Dentro/MG; Comunidade Maria Mãe de Deus/SP; Comunidade Vida Nova/ES; Missão Pelicano/SP; Kerigma, MG. Assim que me sentei na primeira fileira do camarote, tirei o gravador da bolsa e coloquei nele uma fita cassete, preparando-me para a gravação de palestras que

membros de Novas Comunidades Carismáticas faziam por toda a manhã até a hora do almoço. Uma senhora que estava sentada no meu lado direito, acompanhando tudo o que eu fazia, perguntou-me de qual Nova Comunidade eu era. Quando eu lhe expliquei que era antropóloga, que escreveria uma tese de doutorado sobre a Canção Nova, que já havia entrevistado vários membros e que estava hospedada na “casa da Comunidade de Vida”, ela ficou muito animada e apresentou-se a mim como irmã Esmeralda, membro da Comunidade de Vida Canção Nova desde a fundação da Comunidade. Pediu que eu gravasse seu depoimento. E, então, vejo pela segunda vez na mesma semana um membro da Comunidade Canção Nova falar, sem que eu perguntasse, sobre a iminência do final dos tempos e sobre a realização da profecia de padre Jonas Abib de que, um dia, pessoas de várias nacionalidades reunir-se-iam na Canção Nova. Segundo irmã Esmeralda, o dia (ou um dos dias) era o Congresso Mundial das Novas Comunidades. Ou seja, chegara o dia da realização da profecia. Conhecendo a profecia do padre Jonas Abib, era previsto, segundo ela, que jornalistas, estudiosos como eu e membros de outras Novas Comunidades internacionais requeressem os depoimentos dos Canção Nova, que, por sua vez, deveriam estar prontos para “testemunharem”. A Comunidade Canção Nova, dizia ela, fora criada para [preparar os homens para] o final dos tempos e que os sinais do final dos tempos estão claros:

A finalidade da Comunidade Canção Nova, ela foi oriunda para o final dos tempos. Não é para o final do mundo, mas para o final dos tempos. E, tendo assim, em mente a volta de Jesus. É o que padre Jonas prega e que nós acreditamos. É a volta de Jesus. Preparando a volta de Jesus. E preparando a volta de Jesus, correndo para salvar o maior número de pessoas possível. Nós estamos vivendo num mundo paganizado, adoentado, onde os princípios das trevas estão operando. Onde estão aí as filosofias, a Nova Era, que está para triunfar. A União Européia, a união das empresas mundiais, moeda única, eles querem uma religião única, um governo único. E o primeiro pensamento deles é banir o cristianismo. Porque o cristianismo é algo que atrapalha o marxismo. Toda a vida eles não conseguiram vencer o cristianismo. Então o cristianismo é um obstáculo para as outras seitas. Então o que eles querem é banir, tirar, apagar o nome de Jesus Cristo. Eles falam que Jesus é um profeta que passou. Então, a Canção Nova é a boca de João Batista. Como João Batista gritou no meio do deserto: ‘Preparai os caminhos do Senhor’, para esses tempos a Canção Nova está também nos microfones, além dos

microfones, em terra, que é o que eu faço, levando, gritando, recuperando as pessoas, principalmente aquelas que estão oprimidas pelas filosofias orientais, filosofias hindus, por esses sincretismos que eu acabei de falar agora que é a nível mundial (Irmã Esmeralda, 60 anos, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatária, missionária, entrevistada em novembro de 2006).

\*

### **Santo Agostinho**

Uma leitura cristã-católica do “final dos tempos”, que mostra ambivalência e simultaneidade na noção de “tempo”, nos remete às teses neoplatônicas de Santo Agostinho, especialmente nas obras “A cidade de Deus” (1990) e “Confissões” (1980). Para Agostinho (1980;1990), é a simultaneidade e não a continuidade ou a mensurabilidade que definem o tempo. O tempo agostiniano se desdobra em dois: o “tempo dos homens” – transitório, visível, finito - e o “tempo de Deus” - constante, invisível, permanente, eterno. O “tempo de Deus” é o “Tempo” com maiúscula e no singular, aquele que compreende todos os “tempos”, enquanto que o “tempo dos homens” é o tempo em minúscula e no plural – “tempos” -, aquele que representa a transitoriedade, multiplicidade e diversidade. Este duplo aspecto do tempo é tratado na obra “A Cidade de Deus”, quando o autor demonstra a existência simultânea das duas cidades – a terrestre, onde o tempo é efêmero, e a celestial, onde o tempo é interminável. A conjunção do humano e do divino em Cristo - o dogma da encarnação de Deus -, ou a mundanidade e a historicidade do salvador do mundo, são valorizadas na medida em que perspectivam a construção de um outro mundo – a cidade de Deus - e não na perspectiva de uma concessão ao mundo ontológica e socialmente constituído – a cidade dos homens, o qual é rejeitado a priori. Da mesma forma que os cristãos “podiam tornar o barro perigoso e humilhante de seus corpos em um templo de Deus sem abdicar da materialidade que o compõe, podiam fundar uma outra cidade que estivesse inundada pelo Espírito Santo sem negar sua historicidade” (Duarte, 1995:90).

Também na obra “Confissões”, quando afirma que o tempo é o presente do passado (a memória), o presente do presente (que já pertence ao passado de tão rápido que corre o tempo) e presente do futuro (a esperança) (Agostinho, 1980: XI, 20, 26). Para Agostinho, passado e futuro se manifestam no presente, o que faz com que o presente não tenha duração. O presente é o canal por onde circula o passado e o futuro: ele é a memória do passado e a esperança do futuro. Presente, passado e futuro se encontram,

embora o passado já não mais exista e o futuro ainda não tenha vindo. O espírito do homem mede os tempos, efetuando, pela antecipação, uma distensão em direção ao futuro e, pela memória, uma dilatação em direção ao passado (Agostinho, 1980:228).

A concepção agostiniana de que o presente é a memória do passado possui uma característica do retorno que o assemelha com o tempo mítico: a ida à “terra prometida” é o retorno ao paraíso terrestre; o entendimento de Deus é a lembrança das verdades eternas que já estavam no interior dos homens antes dessa lembrança. Seguindo as idéias neoplatônicas, para Agostinho, os homens, um dia, tiveram, naturalmente, um entendimento dessas verdades, mas o pecado os apartou delas. Apesar disso, essas verdades ainda estão dadas no interior dos homens, mas eles agora precisarão descobri-las, lembrar-se delas. Para alcançá-las, será preciso fazer um movimento de volta, na medida em que, se são eternas, o que é hoje e o que será amanhã é o mesmo que foi ontem. O ontem - que no caso do cristianismo, é a vida no paraíso terrestre e a encarnação de Jesus - norteia os homens para o que é hoje – a sua peregrinação pelo mundo de pecado, alguns lutando contra o pecado, à espera de um mundo sem pecado – e o que será no futuro – a segunda vinda de Jesus para (re) estabelecer na terra o Reino de Deus, o paraíso perdido (Agostinho, 1980).

\*

### **Tempo cíclico, tempo mítico**

O modelo do presente e do futuro para o tempo cíclico é o passado imemorial, aquele que é mais passado do que todos os passados, aquele que está no princípio original, na origem da origem, que é imutável e impermeável às mudanças, a idade feliz da origem das origens, onde reina a harmonia entre o céu e a terra, a era da concórdia entre o homem e a natureza, e entre o homem e os homens, a Idade do Ouro, o paraíso terrestre (Paz, 1984:26). O modelo intemporal não está depois, mas antes, não no fim dos tempos, mas no começo do começo dos tempos. Nesses contextos, a vida social não é concebida como a sucessão de transformações num tempo irreversível da história, mas consiste na repetição rítmica-ritual do passado intemporal que, permanentemente, começa e termina. O presente se baseia no passado como um arquétipo inabalável. Entretanto, paradoxalmente, o passado é um eterno presente. Ou melhor, o modelo temporal tradicional é uma “presentificação” do passado. “Passado”, nesse sentido, não significa “o que passou uma vez”, mas “o que está passando sempre”. O passado

arquetípico escapa ao acidente e à contingência. O passado é uma idade vindoura. O passado é um tempo que reaparece e que nos espera no final de cada ciclo. O fim do ciclo é a restauração do passado original e o começo da sua inevitável degradação. Desta forma, o futuro é o fim dos tempos e o seu recomeço; é a degradação do passado arquetípico e é a sua ressurreição. “Dissolve as contradições entre o que se passou ontem e o que se passa agora, suprime as diferenças e faz com que triunfem a regularidade e a identidade” (Paz, 1984:26).

\*

### **São Tomás de Aquino**

Embora São Tomás de Aquino compartilhe com Santo Agostinho (1980;1990) no que se refere a imutabilidade e eternidade de Deus, em *Compêndio de Teologia* (1973) ele expõe sua crença na relação entre tempo e movimento presumida por Aristóteles, defendendo a sucessão temporal do “antes” e do “depois”. O tempo só existiu quando Deus determinou. Por isso, o tempo tomista é o esforço de coincidir a eternidade de Deus à história dos homens. Desdobra-se em três: tempo dos corpos e fenômenos terrestres que é seqüência com começo e fim definidos, a eternidade cuja prerrogativa é de Deus e o tempo dos anjos, dos corpos celestes e das idéias que tem começo, mas não fim.

\*

### **Canção Nova, o tempo e o final dos tempos**

Podemos dizer que uma combinação entre a interpretação agostiniana e a interpretação tomista sobre o tempo está, em muito, refletida na concepção dos Canção Nova sobre o “final dos tempos”, atualizando a influência que o pensamento desses autores exerceu na instituição católica em particular (Comblin, 1968). A retomada desses dois autores ajuda particularmente no entendimento do ideal e do compromisso missionário da Canção Nova, assumidos como dons de Deus: ela é uma comunidade existente e atuante na história dos dias de hoje (presente), concebida por Deus antes de todos os tempos (passado), com o propósito de preparar os homens para a passagem pelo “final dos tempos” e para o começo do “novo tempo/mundo” que virá no amanhã, o mesmo “novo” que também existiu no passado e fora trazido pela memória ao presente e ali já era operado na Canção Nova com a esperança de se concretizar plenamente no futuro. O “final dos tempos”, segundo a Canção Nova, é, ao mesmo tempo, o dia do retorno de

Jesus e o período decorrido até a Sua vinda. Quando o “final dos tempos” toma o primeiro significado, ele é um tempo futuro, mas quando adquire a segunda acepção, ele é um tempo que abrange passado, presente e futuro. Nessa última definição, “final dos tempos” é um processo que já começou, está em andamento e ainda prosseguirá até que Jesus venha. Mais se parece com um espaço onde se desdobram os acontecimentos sociais e históricos. E também o inverso: é a irrupção de determinados acontecimentos sociais onde o espaço e o tempo são feitos. Numa conclusão semelhante sobre o “tempo e espaço estrutural” de Evans-Pritchard no seu estudo da sociedade Nuer (1974), diríamos que não é a sucessão dos anos, dos dias ou das horas que indica a iminência ou a chegada do “final dos tempos” – pois o tempo exato dele só Deus sabe – mas os tipos de relações sociais, dos acontecimentos políticos, econômicos, culturais e religiosos que estão atuantes na sociedade contemporânea. São os “sinais dos tempos” que apontarão o “final dos tempos”.

\*

2

## **Segundo dia**

### **Tarde**

- “Eliane?!” O que você está fazendo aí? Eu estou subindo pra casa. Quer vir comigo?”

Era a Ciça quem me chamava. Eu estou no “Velho Rincão” – Rincão do Meu Senhor. Já vi esse lugar superlotado com cerca de 15 mil pessoas. Agora estava vazio. Nestes dias, está servindo para que a multidão de fiéis se abrigue da chuva e faça seu lanche ou refeição sentada nas centenas de cadeiras brancas de plástico enfileiradas ao centro. Ou então, para descansar da “peregrinação” pela enorme área da Canção Nova que é franqueada ao acesso público. Esse é o meu caso. Estou descansando das andanças que fiz pela Chácara de Santa Cruz. Desde as cinco e meia da manhã estou acordada. Atravessei a Chácara várias vezes, subindo e descendo, carregando uma pasta cheia de fitas cassetes virgens, gravador de geração anterior ao mp3, alguns livros comprados no Shopping DAVI, caderno de campo. No final do dia, eram quilos. Observei, entrevistei, participei. São cinco da tarde e ainda não terminaram os eventos.

Haverá ainda uma missa e a Noite de Adoração ao Santíssimo Sacramento, que está marcada para começar às nove. Estou exausta. Quero voltar para a “casa da Comunidade de Vida” onde estou hospedada, mas não sabia até agora como eu faria para entrar lá novamente. É que esta área da Canção Nova onde vivem os membros da comunidade é restrita aos comunitários. Os convidados somente passam pelo portão, guarita e sentinela que se interpõem entre a Chácara Santa Cruz e o condomínio da Comunidade de Vida se estiverem acompanhados de algum Canção Nova. Eu já havia me conformado de esperar o término de todas as atividades do dia – que seria, no mínimo, lá para as onze horas da noite - para procurar novamente por Beth no palco do Novo Rincão e esperar que ela me conduzisse para casa. Mas, para adotar uma explicação dos Canção Nova, a Providência Divina mandou Ciça ao meu socorro.

Na mesa redonda que fica na sala do apartamento em que fiquei hospedada, o lanche da tarde estava posto e agora eu era o centro das atenções de Ciça, Alfredo e Sabrina que estavam em casa. Queriam me “pesquisar” e me ouvir. Eu explicava a eles o que significava etnografia e trabalho de campo. Em Sabrina, essa explicação não pareceu soar bem. Ela percebera que eu estaria pesquisando a minha relação com os Canção Nova e não somente questões mais gerais a respeito da Canção Nova. Perguntou-me, irônica: “Então, quer dizer que você está nos pesquisando agora?” Ela se incomodara claramente com uma visão antropológica que considera a interação entre pesquisador e pesquisado como matéria de análise. Nesse momento, vejo que uma nuvem espessa de desconfiança se instala ao redor da minha relação com ela: é a volta da aura do segredo. Então, a pergunta que esperei apreensiva durante toda a pesquisa precipitou-se: “Qual foi o assunto de sua dissertação de mestrado?”. Eu esperava que isso acontecesse algum dia e o dia chegara. Fiquei tensa, mas queria me expor. Comecei dizendo-lhe que havia identificado semelhanças entre a prática religiosa da Canção

Nova e outras cosmovisões religiosas. Sabrina, que é teóloga, pondera: “Você quer dizer que comparou com outras religiosidades cristãs...”. Sua afirmação contundente me fez tremer porque sabia que, para os Canção Nova, era óbvio que não poderia existir qualquer semelhança da Canção Nova com religiosidades não cristãs. Engasguei e não tive ainda coragem de dizer sobre a relação estabelecida com a cosmovisão Nova Era. Respondo a Sabrina que encontrei relação de semelhança de Canção Nova não somente com religiosidades cristãs, mas também religiosidades não cristãs, como as orientais. Digo-lhes que tinha interesse pelos estudos que refletiam o diálogo inter-religioso porque, para além da antropologia, era nisso que eu pessoalmente acreditava. Sabrina objeta: “Você sabe que diálogo inter-religioso não é o mesmo que diálogo ecumênico? Respondo afirmativamente, que sabia perfeitamente da diferença. Ela parecia desapontada e muito desconfiada. Levantou-se e saiu da mesa. Após essa conversa, nas ocasiões em que ainda me encontrei com ela durante o dia e no dia seguinte, Sabrina não era mais a mesma comigo.

Na mesa, entretanto, ficaram Ciça e Alfredo. Com o passar do tempo, chegaram as outras oito moradoras daquele apartamento que também paravam para lancha, mas não se demoravam na conversa. Elas estavam se preparando pra sair novamente – para a Noite de Adoração ao Santíssimo Sacramento - e eu me preparando pra ficar e dormir. Se a experiência antropológica de ser-não-sendo Canção Nova é cansativa e meio esquisita para mim, o que dirá para os Canção Nova. Eles não entendem que, para os antropólogos, experimentar-ser não é, necessariamente, tornar-se. Por isso, já esperava que, no mínimo, estranhassem se eu não comparecesse na Noite de Adoração ao Santíssimo.

-Quer descer comigo, Eliane?

Rafaela ia descendo para o Novo Rincão. A ela respondi que não iria porque estava exausta. Minha explicação não só não a comoveu como pareceu totalmente inoportuna. Era como se para ela fosse óbvio que eu fosse. Tanto assim que ela insistiu, enfatizando cada palavra demoradamente:

- Você não vai? [Eu entendi assim: como assim você não vai? Estamos todos exaustos, mas não podemos perder o que vai acontecer lá].

Se, para mim, neste ou em qualquer caso, estar exausta é um bom motivo para ficar em casa e dormir, certamente, pelo menos naquele caso, não era para ela. Adoração ao Santíssimo Sacramento é uma celebração católica em que a hóstia consagrada é exposta para adoração dos fiéis. Crê-se que a hóstia consagrada é o próprio Jesus Cristo, sem metáforas. Nos eventos da Renovação Carismática, é muito comum que o Santíssimo Sacramento seja adorado de perto pelos fiéis: o padre desce do altar e “passeia” entre eles com o ostensório em punho. Reformulando, Jesus Cristo “passeia” entre os fiéis no ostensório conduzido pelo padre. Os fiéis mostram carteiras de trabalho, fotografias de entes queridos, objetos religiosos, muletas, pedindo a Jesus, em linguagem direta e visual, emprego, cura física e espiritual. Posso entender então porque, para os Canção Nova, nada justifica deixar de ver e adorar Jesus, o filho de Deus, maior ícone sagrado desta igreja. Conhecendo a dimensão, fico sem jeito de ter que responder novamente: - Não, não vou.

Ciça também não foi. Reclamava que, nas últimas semanas, havia trabalhado mais de doze horas por dia e estava muito cansada. Resolvera ficar em casa e dormir mais cedo. Não sei se Alfredo participaria do evento. Sei que eles continuavam me argüindo, agora só sobre antropologia. Alfredo quis saber se eu, durante o percurso de pesquisa entre os Canção Nova, não havia “sentido nada”. O que queria saber era se eu não tivera uma experiência religiosa por estar em contato com a Canção Nova. Alfredo não

entendia como era possível experimentar a Canção Nova sem converter-se a ela. Respondi-lhe que havia sentido sim, mas nada diferente do que já havia sentido em trabalhos de campo em outras religiosidades ou rituais que pesquisara, por exemplo, o Santo Daime, a Umbanda, o budismo. Ele não gostou da comparação, mas ele estava fascinado com meu estudo e dizia-me que queria ler minha dissertação. Prometi que lhe mandaria uma cópia por e-mail posteriormente. Certa hora, disse que os deixaria porque iria dormir e me dirigi ao quarto. Pensei que os dois aproveitariam minha ausência para ficar na sala namorando e conversando, mas, dali a cinco minutos, Ciça entra no quarto para dormir também. Provavelmente, separaram-se para proteger a sadia convivência.

\*

**2**

### **Terceiro dia**

#### **Manhã**

Acordei no dia seguinte às sete horas da manhã. Já não é cedo para comunidade de vida. Ali se acorda normalmente entre cinco e cinco e meia. A mesa do café está posta. Algumas moças já assistiram à missa das 6:30 e estão se “vestindo” para o terceiro dia de encontro: cabelos alisados, maquiagem no rosto, roupas da moda e sapatos-de-salto-alto.

Comentavam que, durante a Adoração, um grupo executou no altar-palco uma dança judaica ao redor do ostensório – onde fica depositada a hóstia consagrada – e que vários membros da comunidade, contagiando-se, dançaram juntos. Sabrina dizia que havia sido uma cerimônia ecumênica, frisando na palavra ecumênica, como quem lembrasse a conversa do dia anterior e ressaltasse que ecumênica não significava inter-religiosa.

Conforme todas iam saindo para o Novo Rincão, eu pensava se ficava mais um dia no Congresso das Novas Comunidades ou se voltava para o Rio. Estava dividida porque

havia conseguido finalmente o que, desde o começo, almejava como ideal etnográfico – experimentar a convivência na casa de da Comunidade de Vida Canção Nova. Ao mesmo tempo, doía só de pensar que viveria mais um dia nesse ritmo dos Canção Nova durante o Congresso que, começava às cinco horas da manhã e terminava mesmo muito tarde da noite. A questão era que, nesses dias, embora eu estivesse mais próxima dos Canção Nova como nunca estivera antes ainda assim permanecia distante deles: de manhã, encontrávamos, de passagem, no café; durante o dia, perdia-os de vista, pois estavam em seus setores de trabalho; e à noite, os momentos de interação e conversas foram curtos, ou porque todos estavam de passagem para outros eventos do Congresso ou porque todos se retiravam para dormir. Por causa da ainda pequena interação concreta com os Canção Nova, minha disposição de trabalho, durante o Congresso, estava sendo consumida com o evento em si e com outras Comunidades de Vida. Não digo que não fosse interessante, mas não era meu objetivo. Meu foco de atenção e de trabalho seguia o foco de atenção que os Canção Nova também tinham. Mais uma vez, percebi que, de certa maneira, estava experimentando com eles ser Canção Nova, mas sem estar com eles. Era como se ser Canção Nova implicasse a ausência, a distância, a falta. Estar com eles era estar sem eles.

A julgar pelo que vira durante o Congresso das Novas Comunidades, a convivência dos Canção Nova na “casa da Comunidade de Vida” não acontecia da maneira que eu imaginara, uma vez que, a maior parte do tempo, eles não ficavam em casa, mas em seus escritórios ou em eventos, trabalhando. Como uma família moderna, cujos membros trabalham durante todo o dia e, muitas vezes, só se vêem à noite, assim parecia a Comunidade de Vida Canção Nova. Podia ser que fosse dessa maneira somente durante eventos massivos como aquele Congresso. Não podia saber ao certo, pois era a primeira vez que estava com eles em sua “casa”. Considerando, contudo, que

os Acampamentos de Oração são um dos trabalhos de evangelização centrais na Canção Nova, que são eventos massivos e que têm uma frequência quinzenal, era provável que aquele ritmo não fosse eventual, mas estruturante da Canção Nova. O curioso, em termos de pesquisa, era constatar que a proximidade com os Canção Nova em sua casa não nos aproximara de fato ainda. Era como se fossem fluídos, como se escorregassem. Estavam ali, bem perto, mas não estavam. Como havia conhecido muitos dos Canção Nova nesses dias e eles me conhecido um pouco mais também, decidi que partiria de volta para o Rio, mas que manteria o contato com eles para um retorno posterior à casa da Comunidade de Vida, em dias fora de grandes eventos. Despedi-me de todos com a promessa de regresso.

\*

**1**

### **Canção Nova em 2006 – Dados Gerais e imagens**

Chácara de Santa Cruz é a enorme área de 414.698,69 m<sup>2</sup> situada na sede da Comunidade Canção Nova em Cachoeira Paulista/SP, que é aberta à visitação pública. Nela, estão fixadas estruturas físicas construídas para receberem os freqüentadores dos Acampamentos de Oração e de outros eventos promovidos pela Comunidade de Vida. Esse agrupamento de estruturas na Chácara de Santa Cruz é também chamado de “Complexo de Evangelização” e está subdividido em muitas partes: o Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes, também chamado de Novo Rincão, e o Rincão do Meu Senhor - ginásios para retiros de massa -; a Rádio Canção Nova; a Central de Jornalismo Canção Nova; o Auditório São Paulo, espaço em Congressos, Seminários e Encontros da Canção Nova e de grupos externos; um Posto Médico Padre Pio, para atendimento dos membros comunitários, da população adjacente à comunidade e dos freqüentadores de eventos na comunidade; o Instituto Canção Nova (uma escola que oferece ensino fundamental e médio para crianças e jovens, tanto filhos

de membros da Comunidade de Vida quanto moradores da cidade de Cachoeira Paulista ou cidades vizinhas); a Casa de Maria (lugar para confissão e reza do terço); o Capelão São José e a Capela Sagrada Família; o Clube do Ouvinte (lugar onde se faz assinatura de sócios da Canção Nova e onde se recebe doações); a área de “intercessão e aconselhamento espiritual” (lugar onde padres ou membros da Comunidade de Vida e Aliança Canção Nova ministram conselhos e cura durante os eventos realizados na Canção Nova); o shopping DAVI – Departamento de Audiovisuais (shopping onde são vendidos materiais audiovisuais; Pousada Sérgio Abib (pousada para abrigar participantes dos eventos); Campings masculino, feminino e familiar; lanchonetes e refeitório. Na Chácara de Santa Cruz, também está situado o condomínio de apartamentos onde moram os membros da Comunidade de Vida Canção Nova, mas essa área não pode ser visitada pelo público em geral.

Área total:	414.698,69 m <sup>2</sup>
Área Construída	54.000 m <sup>2</sup>
Área de Camping:	8.000 m <sup>2</sup>
Área do Posto Médico:	500 m <sup>2</sup>
Área do Shopping:	600 m <sup>2</sup>
Área do Estacionamento:	52.500 m <sup>2</sup>
Capacidade do Novo Rincão	60.000 a 100.000 pessoas
Capacidade do Rincão do Meu Senhor:	7.000 pessoas
Números de banheiros:	400 banheiros
Cozinha:	10.000 refeições/dia
Pousada:	680 pessoas
Refeitório:	800 pessoas

\*

2

### **Entre a volta do Congresso e o retorno derradeiro**

Muita coisa houve na minha relação com os Canção Nova no período entre minha partida da Comunidade de Vida em novembro de 2006 e meu retorno em janeiro de 2007. Busquei o contato por e-mail com Sabrina, Alfredo, Beth e outros Canção Nova que eu havia conhecido, tentando uma reaproximação. À Beth, perguntei quando poderia estar novamente na “casa da Comunidade de Vida” e ela me respondeu que, infelizmente, no momento não seria possível e não sabia quando seria. Aos demais, queria entrevistá-los e encaminhei-lhes o roteiro. Dentre os Canção Nova para quem eu mandei correspondência, Sabrina e Alfredo foram os únicos que me responderam. Sabrina replicou que infelizmente não podia atender-me por problemas de foro íntimo, além do que considerava as questões que eu propunha em meu roteiro muito complexas e, para respondê-las com qualidade, demandaria tempo de que não dispunha no momento. Por último, dizia que, pela natureza do trabalho missionário em que estava envolvida na Canção Nova – assessoria jurídica -, precisava verificar com as autoridades a que era submetida se podia conceder-me uma entrevista com as questões que eu lhe apontara. Segundo ela, esse era um procedimento de praxe. Pedi que ela me escrevesse quando estivesse disponível e quando já tivesse uma resposta da decisão das autoridades. Mas, Sabrina não mais me respondeu.

Alfredo aceitou a entrevista, mas, pediu que marcássemos mais pra diante, porque também estava atarefado naqueles dias. Enquanto isso, eu e ele nos correspondemos por e-mail e MSN. Alfredo fora o primeiro e único Canção Nova a querer ler a minha dissertação de mestrado. Encaminhei-lhe, então, uma cópia por e-mail. Nós nos expusemos, um ao outro, em nossas concepções de mundo e travamos um debate

frutuoso, com ponderações de ambos os lados, às vezes, concordantes e às vezes, discordantes. O assunto era a minha dissertação de mestrado e a antropologia. Minhas cartas, sempre muito extensas, tinham um tom defensivo da antropologia e das escolhas analíticas da Canção Nova que havia feito e ainda faria. As dele, me provocavam, propondo-me a relativização do próprio relativismo antropológico, deixando-me tonta com outros re-pensamentos além daqueles tantos que eu mesma já me fazia pela natureza do ofício antropológico. Entretanto, essas conversações duraram um breve tempo. Foram interrompidas por Alfredo que, numa última correspondência, disse-me:

29 de dezembro de 2006

Eliane,

(...)

Há apenas uma ressalva: como não possuo conhecimento acadêmico e vou como um cego á cata de alguém que me cure, atrás de uma luz sobre algo desconhecido que pode estar à minha frente ou dentro de mim mesmo, não gostaria que nada que conversássemos fosse conteúdo de trabalho acadêmico. A não ser é claro, se marcarmos uma entrevista para seu trabalho. O que penso ser totalmente válido. Essas outras questões, ficaria muito grato se você pudesse me orientar, sem citar o que conversamos em trabalhos escritos. Salvo, autorização. O que não será difícil...(risos).

Obrigado.

Alfredo

Ele aceitara que eu o entrevistasse, mas pedia que não revelasse o que ele dissera nas cartas que trocamos, argumentando que não conhecia a antropologia e que não queria expor isso a outras pessoas. Entretanto, na minha opinião, não havia nada no que Alfredo dissera que não valorizasse o intelectual que era. Muito pelo contrário. Ele fora o único Canção Nova que dialogara comigo na condição do que eu era – antropóloga - mesmo não conhecendo a antropologia. Era como se ele, por um momento, apesar das diferenças de visão de mundo que tínhamos, também tivesse me concebido como “nativo” e tivesse querido, como eu quisera com os Canção Nova, mergulhar no universo de um antropólogo mesmo sem sê-lo. Ele não era antropólogo

nem eu Canção Nova, mas pudemos nos comunicar e estávamos nos entendendo intelectualmente, mesmo que discordássemos. Acredito que a interrupção do diálogo estabelecido se dera, sobretudo, por dois motivos: primeiro, porque se cansou das minhas longas correspondências de defesas sobre a forma de conhecimento antropológico; segundo, porque receou sobre mim quando lhe disse que pretendia construir uma etnografia sobre a Canção Nova em que os atores envolvidos – eu, os Canção Nova e a academia - estivessem em cena. Ele temera que eu usasse seu depoimento de maneira inescrupulosa, desejando prejudicar a imagem da Canção Nova. Se não pude confirmar a primeira suposição, a segunda foi confirmada por ele mesmo quando retornei à Canção Nova pela última vez.

\*

2

### **O retorno derradeiro**

Em janeiro de 2007 retornei à Canção Nova porque consegui agendar com Alfredo por MSN a realização de uma entrevista com ele. Quando eu lá cheguei, entretanto, confirmei o que já vinha percebendo nos últimos e-mails encaminhados aos Canção Nova: eles estavam francamente evitando o contato comigo. Primeiro foi Beth que, quando me viu andando pela Chácara próxima a ela, disfarçou e mudou de direção, numa manifestação incontestável de evitação e negação. Essa atitude era estranha para quem hospedara a mim em sua “casa” no Congresso das Novas Comunidades Carismáticas. Por que ela me evitava? Será que foram negativas as avaliações dos Canção Nova sobre a interação que eu tivera com eles durante o Congresso? Será que minhas defesas da antropologia e do diálogo inter-religioso nas cartas a Alfredo e em conversa com Sabrina, bem como o conteúdo de minha dissertação de mestrado, que certamente Alfredo lhes contara, haviam lhes desagradado? Nunca soube. Nos dias de Congresso e nas conversas com Alfredo por e-mail, eu vivera temporariamente em

estado de *communitas* (Turner, 1974) entre os Canção Nova. Fora um tempo de exposição e de avaliação que, tanto para mim quanto para eles, definiria um novo estado (estrutura). Para mim, servira para que eu me expusesse como sujeito social, expusesse a antropologia e a comunidade acadêmica, e me definisse como alguém que crê no diálogo cultural, apesar das diferenças. Para eles, considerando as atitudes de Beth de evitação da minha pessoa, servira para que eles me investigassem, analisassem e definissem como alguém que não se podia confiar.

Essa reação de Beth constrangeu-me e, por instantes, pensei em não insistir em falar com ela. Entretanto, precisava lhe devolver os livros que me emprestara há dois meses. Fui, então, a sua procura no prédio da Administração. Os portões, comumente fechados, estavam abertos. Quando ia passando por eles, o funcionário-segurança me impediu. Isso nunca havia acontecido depois que consegui a autorização da Assessoria de Imprensa para entrevistar membros da Comunidade de Vida nos mais diversos setores. Além disso, havia atravessado outras vezes os portões daquele prédio para encontrar-me com Beth. Ou seja, os funcionários-seguranças já me conheciam. Após o portão, ainda havia uma recepção, mas o funcionário-segurança não permitiu que eu passasse pelos portões e chegasse até a recepção. Perguntou-me o que eu desejava e eu lhe disse que precisava falar com Beth porque tinha que entregar a ela os seus livros. O funcionário-segurança telefonou para Beth e disse que eu estava na portaria do prédio. Beth, ao contrário do que fizera das outras vezes, não pediu que eu subisse para me encontrar com ela em sua sala, mas disse que eu esperasse na portaria que ela desceria para me receber. Esperei por vinte minutos e Beth não desceu. Aproveitei que vinha entrando no prédio uma outra moça, também membro da Comunidade de Vida, com quem Beth trabalhava e pedi-lhe que entregasse os livros a Beth. Voltei à Chácara de Santa Cruz para procurar Alfredo.

Ciça e Alfredo estavam vindo em minha direção e, quando me viram, mudaram de rumo como Beth fizera. Mas, no caso deles, eu insisti no encontro, pois, afinal havia marcado com Alfredo para entrevistá-lo, ou melhor, viajara à Canção Nova especialmente para esse fim. Sem mais as saudações “seja bem-vinda” de costume, Ciça olhava-me com o semblante cerrado, enquanto Alfredo me dizia que o procurasse no final da tarde no estúdio de televisão. No horário acertado, fui ao estúdio e percebi que Alfredo demorava a sair. Quando saiu, veio até a mim e disse-me que não poderia dar-me a entrevista combinada porque eu teria que primeiro explicar sobre a pesquisa e pedir autorização à Assessoria de Imprensa e que, para isso, eu precisaria esperar mais um dia. Ele justificava o descumprimento do combinado com o fato de ser músico e apresentador de televisão, freqüentemente exposto na mídia, que precisava preservar a sua imagem, na qual a imagem da Canção Nova estava agregada. Dizia que esse era um procedimento de praxe que a Comunidade Canção Nova tomava com todos os jornalistas e estudiosos que querem conversar com seus membros. Com isso, objetivava se proteger de possíveis difamações que prejudicassem a imagem da Canção Nova. Perplexa, ao ouvir isso de Alfredo, um filme passou pela minha mente, trazendo à memória todo o histórico de silêncio, distanciamento, desconfiança que vivera com a Canção Nova durante o trabalho de campo. Parecia que eu voltara à estaca zero. Alfredo solicitava que eu fizesse exatamente o que havia feito há quase um ano e meio atrás e vinha fazendo no decorrer de toda a pesquisa: procurar a Assessoria de Imprensa, pedir autorização, apresentar-me, apresentar a pesquisa, esperar, explicar. A Assessoria de Imprensa, na ocasião, me autorizara e me conduzira até os membros da Comunidade de Vida e eu me “submetera” sempre somente ao que ela me indicara. No percurso de pesquisa, eu não somente havia entrevistado vários Canção Nova como, dentre esses, vários eram pessoas que expunham sua imagem na mídia e nunca houvera qualquer

objeção. Ao contrário, Marta e Denise, responsáveis pela Assessoria de Imprensa quando iniciei a pesquisa em 2005, indicaram-me algumas pessoas com aquele perfil, e Beth, na “segunda fase da pesquisa”, insistira que eu devia entrevistar “gente de mídia”, sugerindo, inclusive, o nome de Alfredo. Somado a isso, havia o fato de nós termos, virtualmente, agendado, para aquele dia, a entrevista na Canção Nova, e de eu ter tido o cuidado de confirmar com ele antes de viajar se poderíamos nos encontrar. Por último, porém, para mim, o mais importante: nós havíamos construído um debate intelectual e amistoso por um mês e agora ele, desconfiado de mim, me negava. Vi essa cena reproduzir o mesmo tipo de relação baseada na desconfiança, na ambivalência do dito e do não-dito da Canção Nova e não quis mais não reagir a ela, ou, para uma linguagem cançãoovista, “submeter-me”, uma vez que eu não era Canção Nova. Foi aí que brigamos. Perguntei-lhe o que estava havendo. Por que eu precisava explicar tudo novamente sobre mim e sobre a pesquisa quando já havia explicado inúmeras vezes com todos os detalhes e se já estava entre os Canção Nova há uma ano e meio? Disse-lhe que não fazia sentido pedir novamente autorização à Assessoria de Imprensa, uma vez que havia pedido logo que começara a pesquisa e que fora ela quem me acompanhara durante todo o processo. Alfredo acusou-me de estar “armada” e aí eu fiquei mais irritada ainda. Era um duplo-vínculo. Eu só estava ali porque ele havia confirmado a entrevista há um dia e agora ele negava como se nada tivesse combinado comigo e eu fosse uma completa estranha para ele. Por que ele afirmava e negava? Por que ele não me explicara antes sobre essas “determinações”? Por que me tratava como se não me conhecesse? Disse-lhe que não teria viajado para lá se soubesse que não poderia entrevistá-lo. Alfredo, percebendo minha indignação, telefonou para a atual responsável pela Assessoria de Imprensa – Fátima – e pediu-lhe que me recebesse para conversar sobre a pesquisa e pedir autorização para entrevistá-lo. Era final da tarde e

Fátima não estava mais na Assessoria de Imprensa. Fomos até a sua “casa” na “casa da Comunidade de Vida”.

Chegando lá, ela me recebeu com acolhimento e, justamente com Alfredo, me ouviu narrar sobre minha trajetória acadêmica, defender a seriedade do meu trabalho, além de ressaltar o diálogo proveitoso que mantive com Alfredo por e-mail e a importância que via em entrevistá-lo. Tendo me ouvido, Fátima disse que autorizaria minha entrevista com o Alfredo somente porque eu começara esse trabalho antes de sua gestão na Assessoria de Imprensa. Ela asseverou que a Canção Nova não mais permitiria estudos sobre a Comunidade de Vida porque quer preservar sua privacidade. Fátima observou: “Não é que a Canção Nova seja uma sociedade secreta, mas nós não queremos falar de coisas que nos são muito íntimas”. Contou, então, que havia estado ali um outro antropólogo que apresentou à Assessoria de Imprensa um roteiro com mais de oitenta perguntas que abordavam toda a intimidade dos Canção Nova, pois perguntavam coisas que eles não podiam responder. Nessa hora, Alfredo disse a Fátima: “Ele é amigo dela”. Trata-se de um rapaz que me procurara alguns anos atrás porque propusera um projeto de dissertação de mestrado para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sobre a Canção Nova e soubera que eu estudara a Canção Nova anteriormente. No contexto desse encontro de afinidades acadêmicas, descobrimos outras afinidades e ficamos amigos. Durante um longo tempo, compartilhamos experiências de pesquisa e numa dessas trocas, ele me contara que os responsáveis pela Assessoria de Imprensa haviam lhe negado a autorização para fazer entrevistas com os membros da Comunidade de Vida, após lerem um roteiro de perguntas que ele lhes apresentara. Esses responsáveis lhe comunicaram que a Canção Nova não mais permitiria pesquisas sobre a Comunidade de Vida e que, se ele quisesse, autorizavam-no estudar a TV Canção Nova e a Fundação João Paulo II. Ele ficara extremamente

angustiado. Ele sabia que não conseguir a autorização da Assessoria de Imprensa era grave em termos de ter contato com os Canção Nova. Pois, para entrevistá-los, precisaria de uma credencial simbólica para entrar nos setores em que, durante o dia, trabalham os membros da Comunidade de Vida. Sem a autorização da Assessoria de Imprensa, ele não possuiria essa credencial. E, mesmo que conseguisse “burlar” os funcionários-seguranças, as guaritas, portarias e recepções, que se interpõem entre o público geral e esses setores, não obteria o depoimento deles a respeito da Comunidade de Vida, pois eles só dão entrevistas com a autorização da Assessoria de Imprensa, a quem são submissos. Isso sem contar que estava completamente descartada a chance de encontrá-los e conviver com eles na “casa” da Comunidade de Vida.

O pesquisador mostrou-me o roteiro da perguntas que apresentou a Assessoria de Imprensa. Nele, estavam enumeradas oitenta e seis questões, quase todas com uma ou mais sub-questões, somando, então, bem mais que a quantidade de questões manifesta por ele. Num parágrafo inicial, ele explicava que estavam ali todas as indagações que lhe interessava fazer aos Canção Nova, mas que as perguntas seriam escolhidas conforme o tipo de pessoa entrevistada. Ou seja, teria querido dizer que não aplicaria com cada pessoa as oitenta e seis perguntas, mas selecionaria algumas dentre aquelas. Mas, a meu ver, e creio que também para os Canção Nova, isso não ficara claro. O que ficara mais ressaltado era sua ânsia por respostas. Tanto assim que ele continuava o parágrafo dizendo que, a partir daquelas perguntas, outras questões poderiam ser elaboradas no decorrer das entrevistas. Dava a impressão de que ele queria que os Canção Nova revelassem a ele o que era a Canção Nova somente por aquele questionário. Suas perguntas, ainda, abordavam, de forma muito direta e franca, assuntos que são tabus para a Canção Nova, como, por exemplo, o princípio da sadia convivência, que raramente são abordados por seus membros e, quando são,

normalmente são tratados genericamente, não revelando os pormenores requeridos expressamente pelo pesquisador. Ou seja, aquilo que a Canção Nova desejava guardar e somente revelar progressivamente àqueles que, como eles, passavam por um longo caminho de descoberta do dom Canção Nova e se entregam ao espírito dos princípios de vida da Canção Nova, aquele pesquisador, que não era Canção Nova e acabara de chegar entre eles, queria revelado logo. Considerando o que Fátima me dizia sobre ele, não tenho dúvidas de que, para os Canção Nova, as questões de pesquisa formuladas por ele pareceram-lhes invasivas. Para quem considera a submissão como um princípio de vida, a atitude dele era, no mínimo, insolente. A rapidez com que quis obter as respostas dos Canção Nova, bem como a natureza e a maneira das perguntas formuladas garantiu aos Canção Nova defini-lo, imediatamente, como alguém que se deve manter afastado da Comunidade de Vida. Para os Canção Nova, em relação à Comunidade de Vida, ele estaria mais próximo da categoria inimigo, embora, em relação à Fundação João Paulo II e à TV Canção Nova, ele se posicionasse como o estrangeiro de Simmel (2002), que, pela objetividade e pelo distanciamento, poderia oferecer à Canção Nova um diagnóstico sobre sua imagem que ela mesma não via. Penso que o que aconteceu com meu colega repete o tipo de relação baseada no segredo e na imaginação que a Canção Nova constrói para fora e para dentro dela. Ele, querendo construir uma relação com a Canção Nova baseada na transparência, na franqueza e desejando a revelação da Canção Nova – elementos também constituintes do fenômeno social do segredo - não entendeu que a condição da Canção Nova ser Canção Nova é nunca se revelar completamente, ou quase se revelar. Sua existência depende da oscilação e da coincidência entre a ocultação e a revelação, além da oposição entre as duas. As fronteiras evidentes erigidas diante daquele pesquisador logo no começo de sua tentativa de contato direto com os Canção Nova e no final do meu contato direto com os Canção Nova falavam,

certamente, sobre a elaboração dos Canção Nova sobre o que eu e meu colega antropólogo lhes transmitimos da antropologia, do trabalho de campo e universidade, e, no que diz respeito a mim, particularmente, sobre o que escrevi em minha dissertação de mestrado.

A entrevista com Alfredo foi realizada naquele mesmo dia e o conteúdo do seu depoimento sobre a Comunidade de Vida Canção Nova está disseminado por toda esta tese. Voltei ao Rio e, depois desse episódio, nunca mais me comuniquei com Alfredo e Beth nem eles comigo. Meses depois, soube por intermédio de meu colega pesquisador que Alfredo havia sido expulso da Comunidade de Vida por motivo polêmico. A pessoa que contara a ele fora Sofia - a vocacionada à Canção Nova que eu entrevistara anteriormente. Segundo ela, os Canção Nova descobriram que Alfredo, que namorava Ciça, mantinha um relacionamento afetivo com uma outra pessoa fora da Comunidade de Vida. Alfredo teria segredado dos membros da Comunidade um tipo de escolha considerada censurável por dois motivos: primeiro, porque ele era comprometido com uma moça dentro da Comunidade, relacionamento que só existe porque está inserido numa trajetória de preparação para o casamento e que já exige fidelidade; segundo, porque, num relacionamento acontecido fora da Comunidade, não se sabe se as regras da moral sexual, defendidas e cumpridas em relacionamentos dentro da Comunidade, serão respeitadas na mesma medida. O fato de Alfredo, que era uma pessoa ilustre na Comunidade, ter segredado sobre seu relacionamento extra-namoro, deixou naqueles que descobriram seu segredo o forte sentimento de traição aos princípios comunitários e a suspeita de que segredara porque não cumpria a castidade prevista pelas regras da Comunidade e doutrina da Igreja<sup>95</sup>. Ele, que há seis anos estava na Comunidade, teve todos os livros que escrevera sobre evangelização de jovens recolhidos da livraria da

---

<sup>95</sup> Para uma discussão sobre segredo, religião e subjetividade, ver Edlaine Gomes e Marcelo Natividade (2005).

Canção Nova e todas as referências a sua pessoa apagadas do site da Canção Nova. Era como ele nunca tivesse existido.

Não pude confirmar se o motivo da expulsão de Alfredo fora realmente aquele que Sofia contara, pois, disseram-me alguns Canção Nova em entrevista que, quando acontece um caso como esse, o Conselho Geral da Canção Nova, quem decide pela expulsão, segreda de todos, inclusive dos próprios Canção Nova, as razões da decisão. Mas, independente do motivo que fora, não pude deixar de pensar novamente nos termos weberianos da seita. Segundo Weber (1982), na seita, o fiel deve estar permanentemente vigilante no exercício e publicização de suas qualidades morais, pois certamente a congregação também estará vigilante, observando atenta o comportamento do fiel e conferindo se suas atitudes estão de acordo com os valores religiosa e moralmente estimados. Qualquer falha na conduta prevista, regulamentada e considerada correta, representará a perda do prestígio do fiel, o que levará, por sua vez, a conseqüências desfavoráveis no âmbito das relações sociais, podendo culminar até na expulsão do membro pela congregação religiosa. A pré-condição para a existência de seitas é não se ter provas cabais, definitivas, de conduta. Caso contrário, a seita sofreria uma burocratização, tornando-se igreja. A “provação” e a “aprovação” dos fiéis na seita são procedimentos contínuos (Weber, 1982:364). Alfredo foi desaprovado pela Comunidade de Vida porque, segundo os critérios morais da comunidade, provou - para ela e, provavelmente, com a sua anuência - que não era adepto. Como a Canção Nova considera que todos os Canção Nova legítimos já nasceram “Canção Nova”, Alfredo não somente fora expulso porque descumpriu os preceitos seguidos pela Comunidade, mas porque, o seu descumprimento a esses preceitos provou a todos que ele nunca fora “Canção Nova”. Para os legítimos Canção Nova, ficou provado que ele e todos os membros da Comunidade de Vida se enganaram sobre ele ser “Canção Nova”. Como

perdi toda a comunicação com Alfredo, não soube como ele sentiu a desaprovação da Comunidade Canção Nova sobre sua vocação à Canção Nova e se ele também aprovou essa desaprovação.

Em janeiro, fevereiro e março de 2007, realizei a pesquisa entre moradores de Cachoeira Paulista, entrevistando dez pessoas, dentre eles, o padre de uma das paróquias da cidade. Nesta tese, escolhi por não abordar analiticamente essa experiência etnográfica e narrá-la noutra oportunidade. Por hora, basta dizer que, em termos gerais, o diagnóstico de Beth sobre os moradores da cidade se confirma em alguns pontos: os que entrevistei, inclusive o padre, somente dois disseram que participavam eventualmente de missas na Canção Nova, mas ninguém freqüentava Acampamentos de Oração; todos afirmavam que os moradores da cidade também não costumavam a freqüentar a Canção Nova, principalmente, com fins religiosos; freqüentemente falam da Canção Nova como uma empresa e como uma cidade moderna e autônoma dentro da cidade de Cachoeira Paulista, e não como um centro religioso; a Canção Nova, segundo alguns, embora fosse uma empresa, não empregava tanta gente da cidade quanto anunciava e, mesmo assim, os empregos que oferecia se destinavam àqueles que possuíam pouca escolaridade, deixando para contratar, em outras cidades, especialistas que possuíam nível superior; três, falaram da Canção Nova com simpatia e sete tinham antipatia por ela. Esses últimos, falaram sobre ela com tom de denúncia, indicando que ela realizava negócios escusos para manter seu fausto. Os que tinham simpatia por ela enfatizavam os benefícios que ela trouxera em termos de oferta de empregos para os moradores cidade na Fundação João Paulo II e geração de empregos em torno dos eventos que promove. Todos os dez disseram sobre os acordos e brigas da Canção Nova com políticos locais, como com o atual prefeito. Alguns, ligados à atividade hoteleira da cidade, disseram que os Acampamentos de Oração e eventos que há na Canção Nova só

garantem lucro por hospedagem nos hotéis e pousadas que ficam no topo da cidade, no entorno imediato da Chácara de Santa Cruz, enquanto que aqueles que ficam no centro da cidade, em sua região baixa, não são contemplados com esse benefício. Isso se dá porque para ir do centro da cidade à Chácara de Santa Cruz é necessário subir muitas ladeiras íngremes, e os fiéis preferem ficar em lugares mais perto da Chácara. Uma pessoa que é dona de hotel na cidade, disse-me que é muito freqüente ouvir seus hóspedes reclamarem da pouca receptividade dos Canção Nova no contato pessoal, se comparado com a oferecida na mídia. A pesquisa entre moradores da cidade de Cachoeira Paulista demarca o término do trabalho etnográfico a respeito da Comunidade de Vida Canção Nova.

\*

## **Considerações finais**

Durante um ano e meio de trabalho de campo para elaboração desta tese de doutorado, em vários períodos, procurei e encontrei, sempre com obstáculos e limitações, os membros da Comunidade de Vida Canção Nova. Em abril de 2005, procurei-os pessoalmente em dias de semana na Chácara de Santa Cruz e, não os identificando, deparei-me com portões, guaritas, recepções e funcionários-segurança. Em seguida, de outubro de 2005 a janeiro de 2006, procurei-os virtualmente pelos recursos da internet e encontrei respostas reticentes e ambivalentes, anonimato, silêncios, pausas, demoras, promessas nunca cumpridas. Depois, de janeiro a julho de 2006, voltei a procurá-los pessoalmente e, desta vez, encontrei-me com quinze membros para entrevistas curtas no ambiente do seu expediente de trabalho. Outras vezes, não os encontrei porque não compareceram ao encontro combinado. Posteriormente, em agosto de 2006, procurei-os virtual e pessoalmente e, então, recebi o que considero as duas coisas mais significativas de toda a pesquisa, que foram, primeiro, o empréstimo dos livros “Nossos Documentos” e “Nossos Estatutos”, livros de uso privado da Comunidade de Vida, e segundo, o convite para ficar hospedada dentro da casa da Comunidade de Vida durante o 12<sup>a</sup> Congresso Mundial das Novas Comunidades Carismáticas. Entretanto, mesmo nesses dias em que estive mais perto dos Canção Nova como nunca antes, convivi sem conviver com eles em sua casa, pois era época de um grande evento e uma das missões dos Canção Nova é trabalhar na organização de grandes eventos. Embora eu “habitasse” na mesma casa com eles, somente estivemos juntos por poucas horas no final daqueles dias. Por último, de novembro de 2006 a janeiro de 2007, procurei-os para tentar prosseguir com a convivência entre eles na casa da Comunidade de Vida, em dias em que não houvesse eventos. Essa havia sido a metodologia de pesquisa que projetara inicialmente. Mas, a partir dali, não houve somente silêncios e pausas:

voltaram as negações e, agora, elas foram também verbais e não somente não-verbais como os portões e guaritas do começo. Os Canção Nova escorregavam. Com eles, vivi uma relação em que estavam justapostas oposições - manifestadas pela ausência, pela distância, pelo silêncio, pela desconfiança, pela rejeição, pela falta, pelas barreiras físicas – e ambivalências - manifestadas pela presença e ausência, proximidade e distância, amigo e inimigo (ou estranho), amigo-mas-não-como-nós e amigo-conosco, comunicação e silêncio, afeto e rejeição, abundância e falta, recepções e barreiras físicas.

Para mim, a oposição e a ambivalência mais central na relação que tive com os Canção Nova foi aquela que envolveu o segredo (ocultação) e o segredo-revelação. Procurei refletir, como Simmel (1999) sobre o segredo e como Crapanzano (2005) sobre a imaginação porque esses autores os tomaram como categorias sociológica e antropológica, respectivamente, fundamentais para se pensar a construção social da realidade. Com eles concordei, em primeiro lugar, que as relações baseadas no segredo e na imaginação são produtoras de todo e qualquer tipo de relação social. No contexto da pesquisa sobre a Comunidade de Vida Canção Nova, por exemplo, elas apareceram na interação entre mim e os diversos sujeitos envolvidos, de mim para com eles, deles para comigo e deles entre si. Em segundo lugar, apostei na idéia de que, embora a relação de segredo e imaginação existisse na relação entre todos esses sujeitos, havia um eixo em torno do qual nos relacionávamos reciprocamente por segredo e imaginação: a Canção Nova. Quando o assunto era “Canção Nova”, segredávamos, revelávamos, imaginávamos. Conjecturei, pois, que o segredo e a imaginação podiam ocupar um lugar fundamental na forma “Canção Nova” de experimentar o mundo.

A hipótese da importância do segredo e da imaginação para a construção da Canção Nova se confirmou para mim, quando li a cópia do livro que Beth me emprestara, chamado “Nossos Documentos”. A natureza fabulosa da narrativa de padre Jonas Abib, seu autor, me levou a refletir, também em termos fabulosos, sobre o que ele narrava, sobre o que eu havia escutado dos Canção Nova em entrevistas e sobre o que havia vivido com eles no campo etnográfico. De forma que minha primeira leitura desse livro foi mais ou menos assim:

No princípio dos tempos, no mesmo ato criador de todas as coisas, Deus compôs uma sinfonia chamada “Canção Nova” e uma orquestra de músicos de nome igual, na qual ele seria o maestro. Ele as fizera em “espírito” para que, um dia, na história dos homens, se tornem “corpo”. Quando chegou o dia, Deus fez com que os músicos da orquestra “espiritual” Canção Nova assumissem formas humanas e os colocou no centro de um palco de teatro para darem início àquela sinfonia sagrada. Eram os Canção Nova.

Na Orquestra Canção Nova, cada músico tocaria um instrumento diferente e uma parte da partitura sinfônica. Toda a vez que a orquestra tocasse, as notas musicais da Sinfonia Canção Nova ressoariam ensinamentos “espirituais” e doutrinários da Igreja Católica, o cenário principal em que sinfonia e orquestra estavam inscritas. Deus falaria para a orquestra e para os demais homens do mundo dos homens pela música. Deus era a Música.

Mas, havia um pormenor: embora Deus-maestro houvesse concluído em “espírito” a Sinfonia Canção Nova - cada nota, cada acorde, cada ritmo, cada pausa -, ele decidira que não entregaria a partitura da sinfonia e seus ensinamentos de uma só vez a sua orquestra. Ele a distribuiria parte por parte, progressivamente. Ele daria aos músicos só a porção da sinfonia que fosse o suficiente para completar um período inteiro de execuções musicais. Mas, havia um pormenor: ninguém sabia quanto era cada período desse, quando o período começaria e quando acabaria. O maestro segredava dos músicos a periodicidade com que iria lhes entregar as próximas partes da Sinfonia

Canção Nova. Podia ser a qualquer segundo, minuto, hora, dia, ano. Não se sabia. De tempos em tempos, o maestro chegava sorrateiro ao palco do teatro e, antes que os músicos acabassem de tocar o pedaço da sinfonia que Ele lhes dera no período anterior, distribuía a eles novas partes da partitura daquela sinfonia. De modo que ninguém conhecia previamente como seria sua participação na sinfonia, nem como era a sinfonia toda, nem quando ela terminaria, nem quando receberia novas partes da sinfonia. Não podiam prever nada sobre o que tocariam. O maestro escondia a sinfonia inteira dentro do seu próprio coração e não a revelava a ninguém. Somente ele mesmo a conhecia. Ele anunciava a sinfonia a sua orquestra, mas nunca a revelava completamente. Ele ia anunciando. Revelava-não revelando. Ele ia nutrindo a orquestra com a expectativa, com a promessa, com o horizonte da Sinfonia Canção Nova, mas fazia da revelação um processo inacabado. Sobre a distribuição imprevisível das partituras e sobre o movimento de revelação-ocultação de Deus, nenhum dos músicos sabia desde o início. Contudo, conforme iam vivendo, eles iam entendendo o movimento de Deus.

Mas, havia um pormenor: se, por um lado, o maestro ocultava dos músicos a versão completa da Sinfonia Canção Nova, por outro, guardava no coração deles uma cópia da parte da partitura sinfônica que lhes cabia. A parte da sinfonia que competia a cada músico, com ensinamentos de Deus para cada um e com sua participação particular na orquestra, estava dentro de si mesmo. Sobre a existência da parte da sinfonia guardada no coração de cada um, nenhum dos músicos sabia desde o início. Eles foram descobrindo conforme eles iam aprendendo com o próprio movimento de revelação-ocultação de Deus na sinfonia. Mas, havia um pormenor: embora uma parte da partitura estivesse dentro deles, não adiantava tentar apanhá-la por si mesmos. Ela estava no seu coração, mas a chave do seu coração estava sob o poder do maestro e não havia outra cópia. Ela estava muito perto, mas não podiam alcançá-la. Para tomarem contato com as suas partes da sinfonia, dependiam de que o maestro abrisse o seu coração para que eles as ouvissem e as tocassem. Pouco a pouco, eles foram entendendo que a distribuição da partitura pelo maestro, na verdade, não viria de fora pra dentro deles, mas de dentro deles pra fora. Deus lhes daria as partituras abrindo o coração de cada músico, deixando sair, um pouquinho de cada vez, a partitura que habitava dentro dele. O maestro abriria e fecharia o coração de cada pessoa, permitindo passar parte da música e dos ensinamentos divinos que haviam lá dentro e, ao mesmo tempo, retendo o

restante. Mas, havia um pormenor: o maestro não avisaria quando abriria os seus corações. Eles precisavam prestar bastante atenção em cada nota e em cada acorde que tocavam porque, de um deles, brotaria a nova parte da sinfonia. Conforme tocavam a sinfonia, iam descobrindo, nas partes da sinfonia que tocavam, as novas partes da sinfonia, e assim sucessivamente.

Os músicos foram descobrindo que, para que Deus voltasse a revelar a eles novas partes da sinfonia, dependia que eles cumprissem os ensinamentos “espirituais” e doutrinários dados pelo maestro. Para abrir novamente os seus corações, o maestro esperava que os músicos tivessem aprendido corretamente a parte sinfônica que lhes dera anteriormente. Quanto aos ensinamentos “espirituais”, eles aprenderiam durante a própria execução da sinfonia, que era atravessada, penetrada e conduzida por uma correnteza “espiritual” regida pelo maestro. Quanto aos ensinamentos “doutrinários”, eles deveriam cumprir o que estava prescrito na doutrina da Igreja Católica.

A Orquestra Canção Nova foi descobrindo, passo a passo, que Deus comunicaria-não comunicando a Sinfonia Canção Nova a ela. A Sinfonia Canção Nova estaria sempre a meio caminho. Embora já estivesse completa em nível “espiritual”, no nível material, ela não se completara. Até quando, não sabiam. Pois, sobre isso, Deus-maestro também lhes segredava. Ele dava-mas-não-dava a Sinfonia Canção Nova para sua orquestra. Ele quase dava a partitura de cada um. Igualmente, ele quase não dava. Nem revelava tudo, nem ocultava tudo. A Sinfonia Canção Nova era uma promessa que ia se cumprindo enquanto não se cumpria. E, também o inverso: não ia se cumprindo enquanto (quase) se cumpria. Ela era presença e ausência, estava perto e longe. Conforme os músicos tocavam seus instrumentos e suas partituras, iam entendendo como era a sinfonia que estavam tocando. O entendimento se prolongava e nunca se consumava. Eles tinham que abandonar a curiosidade de saber sobre a parte da sinfonia que lhe cabia e apenas obedecer à regência do maestro. A ocultação-revelação da sinfonia e das partituras pelo maestro à sua orquestra exigia que os músicos confiassem inteiramente no maestro, pois as partituras do seu coração estavam nas mãos dele. Deveriam confiar que a sinfonia, que lhes dera a própria vida, continuaria sendo tocada permanentemente e que todos receberiam suas partes continuamente. Embora não conhecessem o trecho que tocariam a seguir, sabiam que, quando já estivessem acabando de tocar esse trecho, o

maestro entregar-lhes-ia novos trechos dela. O maestro chegaria em “espírito”. Ninguém o veria (ausência), mas todos “sentiriam sua presença”. Ele mostrar-se-ia sem-se-mostrar. Saber da existência da Sinfonia Canção Nova, ter contato com parte dela a todo o momento e nunca alcançá-la totalmente ia criando suspense e imaginação, ao mesmo tempo em que os fazia continuar caminhando, sem chegar. Os Canção Nova viviam num estado de “ainda não”. Com o movimento de revelação/ocultação da Sinfonia Canção Nova, Deus ia mantendo os Canção Nova a caminho, em busca de descobri-la.

Não obstante o maestro entregasse por partes a partitura que cabia a cada músico, ele precisava manter a música tocando, dia após dia, porque a fizera para que tocasse. Em outras palavras, o fato de que o maestro distribuísse sempre parcialmente as partituras da sinfonia não significava que ele não quisesse executá-la inteira ou não quisesse que ela tivesse um ritmo de continuidade. Ele queria executar a sinfonia inteira e de forma contínua. Mas, simultaneamente, mantê-la oculta de sua orquestra. Para manter, ao mesmo tempo, o segredo da música e a sua continuidade, Ele não podia entregar as partituras antes de terminar a parte que estava sendo executada. Nem depois. Ele precisaria entregá-las no momento exato em que a parte anterior fosse acabar. Assim, Deus-maestro ia emendando as partes da sinfonia “Canção Nova”, revelando-a paulatina e parcialmente, mantendo-a tocando, mas, ao mesmo tempo, ocultando cada parte e ela toda de sua orquestra. Ele apareceria (sem aparecer) sempre “entre” uma parte e outra da sinfonia. Ele iria revelar-se (não-se-revelando) sempre em “cima da hora”. Deus-maestro sempre estaria, ao mesmo tempo, totalmente presente – porque tinha que acompanhar cada nota da execução e saber quando estaria na hora de enviar novas partituras - e totalmente ausente – porque não podia revelar-se-não-se-revelando antes da parte anterior da música acabar, já que tinha que preservar o seu segredo. Se por acaso houvesse uma pausa entre uma parte e outra da sinfonia não era porque o maestro houvesse atrasado a entrega das partituras, mas porque elas eram as pausas que a sinfonia continha. Sobre a existência dessas pausas, os músicos não sabiam previamente, mas descobriam na hora em que elas aconteciam. Como ninguém conhecia totalmente seu papel naquela sinfonia, também não poderiam ensaiá-la antes.

Deus era o autor e maestro “espiritual” da sinfonia “Canção Nova”. Mas, sua orquestra era humana. Ele sabia que, sendo os músicos humanos, muitas vezes, não enxergariam seus comandos musicais “espirituais” e a sinfonia correria o risco de não ser executada ou de ser interrompida. Ele precisava de um colaborador, alguém que, sendo humano, fizesse a ponte de comunicação entre ele e os músicos da orquestra. Ele precisava de um maestro “humano”. Deus designara padre Jonas Abib como porta-voz “humano” (profeta) da Sinfonia “Canção Nova”. Padre Jonas Abib serviria a Deus-maestro como fundador da Orquestra Canção Nova na história dos homens. Embora Deus-maestro não revelasse previamente a nenhum dos músicos e nem ao maestro “humano” toda a sinfonia “Canção Nova”, havia um pormenor: assim como mantinha a sinfonia “Canção Nova” guardada no seu coração divino, ele também a guardara inteira no coração de padre Jonas Abib. A diferença era que padre Jonas Abib, como qualquer Canção Nova, não tinha a chave do seu coração. Ele tinha todo o segredo de Deus sobre a Sinfonia Canção Nova dentro de si – segredo sobre si mesmo, sobre cada um dos Canção Nova e sobre a Orquestra Canção Nova - mas não tinha acesso livre a ele. Padre Jonas Abib possuía-não possuindo a Sinfonia Canção Nova. Ela lhe estava muito perto e muito longe. E não adiantava tentar alcançá-la por si mesmo porque não conseguiria. A chave do seu coração estava com o maestro. Mas, tinha um pormenor: como ele era o “maestro humano” da sinfonia, era ele quem sabia antes de toda orquestra o que seria tocado em seguida. Deus-maestro confiava a ele a regência material da orquestra. Era ele quem a descobriria antes de todos da orquestra. Ele, regendo a parte da sinfonia que havia descoberto, desencadeava uma sucessão de descobertas sobre a parte da sinfonia que havia em cada um. Pois a parte da sinfonia que padre Jonas ia descobrindo ecoava também dentro deles. Bastava Deus-maestro revelar a sinfonia para que Padre Jonas Abib começasse a regê-la e, simultaneamente, toda a orquestra tocasse.

Como não é de hoje que a Sinfonia Canção Nova começou a ser executada no plano material, há muitas partes dela que os Canção Nova já descobriram. Em geral, descobriram que precisariam descobrir permanentemente porque, sobre a Sinfonia Canção Nova, sempre faltaria, embora, ao mesmo tempo, esteja tudo pronto; que o que eles eram pessoalmente, o que era a sinfonia e o que era a orquestra existia para Deus, mas faltava para eles; que tudo estava incompleto, embora fosse completo. Com o tempo, eles foram descobrindo que os músicos da Orquestra Canção Nova não estavam

ainda todos reunidos. Ainda estavam chegando. Deus os fez para chegarem em tempos diferentes do desdobramento da Sinfonia Canção Nova. A Orquestra Canção Nova estava acabada e não acabada. Embora estivesse muito perto deles, estava muito longe. Ela existia, mas não se mostrava.

Eles também foram descobrindo que embora cada Canção Nova recebesse uma parte da partitura sinfônica, havia nas partituras de todos eles seis acordes iguais, que seria seu distintivo, sua “marca de nascença”: autoridade e submissão, partilha e transparência, a sadia convivência, viver sob a dependência da Providência Divina, o trabalho santificado e a vida fraterna. Toda a orquestra foi descobrindo, ainda, que o palco em que é tocada a Sinfonia Canção Nova já existe em “espírito” e é composto com muitos cenários, lugares e paisagens, que vão sendo descobertos e montados, conforme vão sendo revelados por Deus-maestro. Deus os revela aos poucos. Ele quase os revela e quase os oculta. Nem oculta tudo, nem revela. Alguns desses cenários já foram revelados: a Igreja Católica, a Renovação Carismática Católica, as Novas Comunidades Carismáticas, os meios de comunicação social, os Acampamentos de Oração, a Chácara de Santa Cruz, todas as arquiteturas, Cachoeira Paulista, Vale do Paraíba, São Paulo, outras cidades, estados e países. Em termos de estrutura arquitetônica, Deus-maestro, por exemplo, nos últimos anos, revelou em profecia ao administrador da comunidade que a Canção Nova construísse um enorme templo, financiado com as doações de bens pessoais, em ouro, de fiéis e simpatizantes da Canção Nova. Chama-se Centro de Evangelização Dom Hipólito de Moraes ou Novo Rincão. Essa obra estaria prevista nos planos de Deus para a Canção Nova, mas não era prevista pelos Canção Nova.

Contudo, dentre todas as coisas que a Orquestra Canção Nova descobrira, havia as três mais importantes. A primeira era que a Sinfonia Canção Nova fora feita por Deus especialmente para que a Orquestra Canção Nova a tocasse e a ouvisse, e para que a platéia de homens e mulheres no teatro da história dos homens somente a ouvisse. Mas, havia um pormenor: umas partes da sinfonia não podiam ser tocadas para a platéia porque foram feitas pelo criador-maestro somente para que a orquestra as ouvisse. Não adiantava a platéia querer saber mais do que era mostrado pelos músicos da orquestra sobre a Sinfonia Canção Nova, porque, em primeiro lugar, nem mesmo eles sabiam como ela era, e, em segundo lugar, porque a parte da sinfonia que eles já sabiam e não

mostravam, fora feita para não se mostrada. O que Deus fazia com a orquestra, a orquestra fazia com a platéia: Deus anunciava a sinfonia, mas não revelava aos músicos, os quais, por sua vez, a anunciavam à platéia, mas não a revelavam. Nem revelavam tudo, nem ocultavam tudo. Revelavam-sem revelar. A platéia, se quisesse ouvir a Sinfonia Canção Nova, precisaria submeter-se ao ritmo de revelação do maestro e das descobertas dos músicos, aprendendo a ir descobrindo tal como os músicos iam descobrindo. A platéia precisaria, igualmente como os músicos, se deixar conduzir pela correnteza “espiritual” regida pelo maestro. Assim, os homens e mulheres do “mundo” iriam descobrindo a sinfonia conforme os músicos da orquestra fossem-na descobrindo e a tocassem.

A segunda coisa mais importante que os Canção Nova descobriram foi que o criador-maestro não criara a Sinfonia Canção Nova simplesmente para que ela fosse tocada e ouvida pela sua orquestra e ouvida pela platéia no teatro do mundo dos homens. Ele tinha um objetivo com isso: desejava que tanto os músicos quanto os homens e mulheres da platéia chamada “mundo” se transformassem ao ouvirem os ensinamentos divinos emitidos pelas melodias, harmonias e arranjos da sinfonia. “No mundo”, estavam homens e mulheres que, em sua grande maioria, há muito tempo, ouvem as músicas regidas pelo demônio e não por Deus. As músicas do demônio, apesar de serem aparentemente “novas”, eram, na verdade, “velhas” porque defendiam o sexo antes do casamento, o homossexualismo, o uso de métodos contraceptivos, o aborto, o divórcio, o secularismo, o pluralismo, o relativismo, a diversidade religiosa, guerras, injustiça, individualismo, consumismo. Em compensação, as músicas regidas por Deus tocavam o “novo” verdadeiramente “novo”: a santidade, a castidade, o exclusivismo religioso, a família aos moldes católicos, a “Vida”. Deus queria que a platéia ouvisse uma “nova” música em oposição à música “velha” regida pelo demônio. E por isso compôs a Sinfonia Canção Nova. Escutando a música “nova”, os homens e mulheres ficariam “novos”. Os músicos da Orquestra Canção Nova, porque ouvem e tocam a música de Deus todos os segundos da vida e porque possuem o dom de Deus para executá-la, estarão menos propensos às seduções melódicas do demônio. Por isso, quando precisarem de transformação, esta tenderá a ser de natureza diferente daquela que precisam os homens e as mulheres da platéia, os quais precisam de uma transformação radical.

A terceira coisa mais importante que os Canção Nova descobriram foi que o Deus-maestro, com tudo isso, tinha dois horizontes: primeiro, o dia em que ele voltaria à história dos homens, encarnado na pessoa de seu filho, Jesus Cristo (segunda vinda de Cristo), para a inauguração do Reino da Música, e, segundo, o dia em que ele acabaria de revelar a Sinfonia Canção Nova. Os dois horizontes acontecerão no mesmo dia. Nesse dia, homens e mulheres que tiverem preparado seus ouvidos com a Sinfonia Canção Nova, estarão aptos para viverem num novo mundo em que tudo é música. Nesse dia, terá acabado o tempo dos silêncios, das faltas, do “quase”, das pausas, das ausências, dos segredos, dos gerúndios das permanentes descobertas, da imaginação, do velho, do não-ser, da não-Vida, e se instalará o tempo onde tudo é som, comunicação, presença, entendimento, completude, “novo”, Ser e Vida. Nesse dia, os tempos se acabarão e outros tempos começarão. Final de tempos “velhos”. Começo de tempos “novos”. Os tempos que começarão serão tão “novos” quanto foram “novos” o tempo do princípio dos tempos, quando Deus e suas criaturas viviam em harmonia e felicidade no paraíso terrestre, que foi perdido pelo pecado dos homens. Nesse dia, tudo voltará como era antes, no princípio. Então, todos dirão, todos em uníssono:

No princípio era a Música,  
E a Música estava com Deus,  
E a Música era Deus.  
Ela estava no princípio com Deus<sup>96</sup>

Todos os Canção Nova sabem que ainda não chegou esse dia, ao mesmo tempo em que sabem que a Sinfonia e Orquestra Canção Nova foram criadas por Deus para se manifestar no palco da história dos homens no final dos tempos – período indefinido que vai mais ou menos da fundação da orquestra até o dia da chegada do maestro. Eles também sabem que o maestro está chegando. Há sinais disso: o demônio tem tocado músicas infernais muito altas, tentando abafar a música celestial para que os homens não a ouçam. A Orquestra Canção Nova e a Sinfonia Canção Nova durarão até o último dia do final dos tempos, a partir do qual começarão tempos “novos”. A Orquestra Canção Nova foi criada exclusivamente para executar a Sinfonia Canção Nova. Seu destino é descobrir o que são, já sabendo que, quando descobrirem inteiramente o que são, tudo terá chegado ao final. Eles serão Canção Nova até esse dia, pois sua missão

---

<sup>96</sup> Cf Evangelho de São João 1, 1-2 (Bíblia Sagrada)

acaba quando acaba a necessidade de preparação dos homens para a vinda da Música. Eles foram criados por Deus como passagem, como caminho. Eles são “meio”, “entre”, “quase”: a “falta”. Sempre “ainda não”, a Canção Nova é uma Sinfonia inacabada.

O livro “Nossos Documentos” não discorria nos termos exatos desses narrados acima. Os termos exatos estão expostos em toda a história 1 que atravessou esta tese. Entretanto, assim que o acabei de ler, vi que havia no seu enredo uma perspectiva holista, orgânica, teatral, orquestral, escatológica. Além disso, a linguagem mítica, circular e fabulosa (Eliade, 1985), marcante no texto, provocou-me a idéia de que estava diante de uma espécie de história sagrada, mito ou cosmologia, aliás como a comunitária Verinha<sup>97</sup>, que escreve a apresentação do livro: “São como a Sagrada Escritura” (Comunidade Canção Nova, 2002, p. 8). Não vou entrar no mérito das discussões sobre essas categorias, principalmente a respeito da categoria “mito”, sobre a qual a literatura antropológica discorreu vastamente, tendo Lévi-Strauss como um dos expoentes (Lévi-Strauss, 1967). Contudo, insisto em mantê-las no texto, usando-as entre aspas, porque quero traduzir minhas impressões de leitura, as quais, como mostrarei a seguir, estiveram calcadas na lembrança de histórias míticas conhecidas. Não foi por acaso que tendi a reconstituir a história fabulosa do dom Canção Nova com uma outra história fabulosa: a Sinfonia Canção Nova - além do que era explícita a relação entre a expressão Canção Nova e a música.

A história do dom Canção Nova - ou a Sinfonia Canção Nova - contava uma “história sagrada” de meias-presenças, faltas, promessas, esperas, passagens, travessias, idas e vindas, segredos. Deus segredava aos Canção Nova que segredavam ao mundo. A Orquestra Canção Nova (Comunidade de Vida) caminhava em direção ao passado e ao

---

<sup>97</sup> Verinha é membro da Comunidade de Vida Canção Nova desde a sua fundação.

futuro ao mesmo tempo: buscava a si mesma, que somente estará completa no futuro, mas, para isso, precisa voltar ao passado, onde já existe completa; estava pronta e prometida por Deus, mas nunca chega até ela, porque, para chegar, ela precisa regressar. Para caminhar para frente, ela tem que descobrir o que foi atrás, no princípio dos tempos. Era como se caminhasse sem sair do lugar, ou melhor, como se seguisse pra frente recuando, num movimento contínuo e sistêmico. Como se ela fosse, estruturalmente, um vai-não-vai ou um não-vai indo ou um vai-voltando. Esse movimento circular fez-me lembrar dos mitos gregos em que o personagem, por um castigo dos deuses, era posto em uma situação em que está preste a alcançar um objetivo, mas quando vai tocá-lo, ele escorrega de suas mãos. Estou pensando, por exemplo, no mito de Tântalo, homem que foi mergulhado até o pescoço num riacho e quando abaixava a cabeça tentando saciar a sede, a água desaparecia, ou quando tentava agarrar o ramo de frutas que pendia sobre sua cabeça, um golpe repentino de vento arremessava o alimento para longe. Outro exemplo é o mito de Sísifo, homem que foi condenado a repetir sempre a mesma tarefa de subir uma montanha empurrando uma enorme pedra, só para vê-la rolar para baixo novamente. Era uma fatalidade inacabada, em movimento. Para Tântalo, a promessa de saciar a fome e a sede estava sempre a um palmo de distância, ela era quase alcançada, mas nunca se realizava. Para Sísifo, a promessa de concluir a tarefa de levar a pedra até o topo da montanha, quase acontecia, mas nunca definitivamente. Era a ambivalência entre anúncio e falta, contida no castigo dos deuses, que mantinha Tântalo e Sísifo tentando alcançar seu objetivo, mesmo que ele lhes escapasse.

Lembrei-me primeiro dos mitos gregos, mas, não precisava ter ido tão longe. Poderia antes ter me lembrado do mito judaico-cristão da queda de Adão. Adão, depois que

pecou, foi condenado por Deus a ganhar “o pão com o suor de seu rosto” e foi expulso do paraíso onde reinava o entendimento, a abundância e a inocência. Ele carregaria para sempre a marca do seu erro (pecado) original e também o desejo de retornar ao paraíso. A Sinfonia Canção Nova não me lembrou primeiramente o mito da queda de Adão, certamente, porque, diferentemente dos mitos gregos, esse mito produzirá um desdobramento no contexto do cristianismo, onde a Canção Nova está inscrita, que quebrará a situação sem saída a que Deus condenara os homens. Muito tempo depois da queda de Adão, o criador, que é misericordioso, envia um “novo Adão” - Jesus Cristo, seu filho - para salvar os homens do pecado. A primeira vinda de Jesus Cristo não retira dos homens o seu pecado original nem lhes devolve ainda o paraíso terrestre, mas lhe dá a promessa, de que, um dia, ele voltará pela segunda vez para resgatar aqueles que, mesmo sendo pecadores, cumpriram seus mandamentos. Nesse dia, o paraíso perdido será resgatado. Quando li a Sinfonia Canção Nova, primeiro identifiquei nela uma característica circular como a dos mitos gregos ou como o mito da queda de Adão antes da encarnação de Jesus. Em seguida, atentando para o fato de que ela era um movimento católico, identifiquei que, junto da circularidade de sua história, havia a linearidade da história cristã e, em seu enredo, o repertório religioso e doutrinário seguido pelo cristianismo-católico. Era como se a Sinfonia Canção Nova existisse simultânea e internamente ao mito judaico-cristão do Gênesis (mito de origem) e ao cristão do Apocalipse (mito de futuro), contudo fosse uma história independente. Era como se, cruzando a história sagrada cristã, houvesse uma “história sagrada” da Canção Nova. Ou melhor, como se a Canção Nova fosse uma história dentro da história sagrada cristã. A Sinfonia Canção Nova era uma história linear e circular ao mesmo tempo. Ela era um retorno a si mesma para frente. Era um misto do tempo agostiniano, que é o eterno presente (Agostinho, 1990) – e do tempo histórico tomista, que é o “antes” e o

“depois”. Formulando em outras palavras: a Canção Nova, como cristã-católica, acompanhava o cristianismo no caminho incessante para o desfecho do final dos tempos com a volta de Cristo. Mas, nesse caminho, vivia uma “história sagrada” particular, que fora feita por Deus para sobreviver somente durante a passagem para a volta de Cristo. Embora ela também tivesse como horizonte o desfecho de sua história particular - dia em que ela descobrir-se-á totalmente -, sua missão era ser a passagem até ele. Para fazer essa passagem até ele, ela precisava andar para trás, procurar a sua “verdade interior”, o seu “Ser” “Canção Nova”, o seu “novo” no passado, na lembrança de quando foi feita por Deus. Ela era um “Ser”, um “dom”, uma “essência”, a “Vida”, mas não sabia o “Ser” que era, nem o “dom” que era, nem a “essência” que era, nem a “Vida” que era. Para realizar sua missão no mundo dos homens, precisava descobrir o que ela sempre fora no mundo “espiritual”. Quero, aqui, observar que, embora eu não tenha prosseguido com as análises da Canção Nova considerando, especificamente, o legado do romantismo alemão na cultura ocidental, não posso deixar de identificar na Sinfonia Canção Nova a insistência de algumas características românticas centrais: a “verdade do self”, o fluxo, a Vida. Os Canção Nova são a busca incessante (fluxo) da “verdade interior” da sua “história sagrada” – a Sinfonia Canção Nova (Vida), que mora no coração (self) do Deus-maestro e de padre Jonas Abib -, a “verdade interior” da Orquestra Canção Nova e a “verdade interior” de si mesmo como membro da Orquestra Canção Nova.

A Sinfonia Canção Nova não é uma descoberta, mas um caminho de revelações e descobertas. A Orquestra Canção Nova experimentaria o mundo em gerúndio: seguiria caminhando, descobrindo, entendendo, conforme Deus fosse revelando. Ela não alcançaria, mas iria alcançando. Enquanto ela buscasse descobrir como realizar o dom

Canção Nova neste mundo, iria descobrindo que, sobre ele, sempre ainda falta descobrir. Ela viveria entre o anúncio e a falta. O gerúndio sinalizaria o anúncio e a falta, pois ir descobrindo significaria que há alguma coisa para ser descoberta, que há coisas que já foram descobertas, mas que ainda falta. E, além disso, sinalizaria que é somente voltando (lembrando) que se vai para a frente. O anúncio e falta fazem com que os Canção Nova se mantenham na busca de alcançar a sua sinfonia (dom). O que ela é, está logo ali, mas está muito longe. Ou, ao contrário, parece que o caminho se distende ou o horizonte se afasta conforme ela caminha, como se caminhasse no sertão (Crapanzano, 2005). Como se ela fosse um sertão. Ela vive numa travessia para o desvendamento de si mesma, mas o trajeto é ermo. Em menção ao seu programa de seleção de membros que, diz-se, “fazem caminho para a Comunidade de Vida Canção Nova”, diria, não somente esses, mas todos os Canção Nova fazem caminho para a Comunidade de Vida Canção Nova, além de fazerem caminho para a segunda vinda de Jesus. Todos os músicos da Orquestra Canção Nova “fazem caminho” para a Sinfonia Canção Nova. A Orquestra Canção Nova vive “entre” a vida “do mundo” e a “Vida no Espírito”, “entre” o “velho” e o “novo”, entre o paraíso perdido e a segunda vinda de Jesus, tal como faz todo o cristianismo, embora ela possua um dom singular nessa história, ou talvez seja uma história particular transversal àquela. Seu destino é ir descobrindo para somente descobrir completamente sobre si no dia em que não mais importará saber o que se é, porque, no lugar da Sinfonia Canção Nova, haverá o Reino da Música. Eles, no final, chegarão ao começo da sua história. No término da Sinfonia Canção Nova, serão “novos” como foram feitos por Deus no princípio dos tempos. E sendo “novos”, poderão viver no mundo “novo” de Jesus Cristo. Como os Canção Nova descobriram que foram feitos para prepararem os homens para a volta de Jesus Cristo e identificam no mundo contemporâneo os sinais de que esse dia está próximo, a

promessa da Sinfonia Canção Nova acabar deixa a todos na situação limite entre “estar prestes a acabar” e “não acabou ainda”.

Considero, hoje, a Canção Nova como uma fronteira nos termos de Crapanzano (2005): como horizonte que se desdobra da realidade do aqui e agora para o tempo do imaginário. O que ela é se localiza num além e num aquém das fronteiras do aqui e do agora, é o lugar do vazio, do suspense, da promessa, do mistério, do desejo e do medo, do prazer e da dor, de paz e de ansiedade, da possibilidade. Ela está no “entre”, no “quase”, no “ainda não”. Não está mais aqui, mas também não está ainda lá. Ela está num estado liminar, fronteiro, sempre a metade do caminho. Ela desliza. Os Canção Nova se organizam “entre” oposições e ambivalências. Essa organização, que se compõe pela coincidência de ausências e presenças, está dada na Sinfonia Canção Nova, que Deus escreveu especialmente para eles, e se reflete nas relações que eles engendram entre si e com o mundo. Se Deus com os Canção Nova manifesta-se sempre em gerúndio e através da ambivalência revelação-ocultação, e, como o que eles vão-- sendo depende das revelações de Deus, ela viverá em gerúndio, reproduzindo a revelação-ocultação na sua relação entre si e com o mundo. Em algum momento durante o trabalho etnográfico, eu entendi que, para conseguir seu contato (sua presença), eu precisava “deslizar” com ela, acompanhar seu ritmo, “submeter-me” a seu movimento. Eles se faziam presentes pela ausência. Sua ausência falava de seu modo de ser presente. Por isso, nela havia relações de duplo-vínculo e eram centrais relações baseadas no segredo/revelação e imaginação. Até “descobrir” isso, reivindiquei a presença dos Canção Nova onde ela não estava, e observei a falta deles sem perceber quando a falta era presença. Desejei experimentar com eles o que era ser “Canção Nova” sem sê-lo, mas foi difícil para mim compartilhar desse não-lugar junto com eles.

Fora dúbio e confuso para mim, embora fosse perfeitamente coincidente para eles. E, meu não-entendimento ou minha não-aceitação dessa coincidência, deve, por sua vez, tê-los importunado.

Uma das coisas que o mergulho na ambivalência possibilita a Canção Nova é a negociação com o “mundo”, que ela condena como “velho”, como mais vulnerável às ações do demônio e como “pecador”. Essa situação intermediária causa, simultaneamente, tensões, medos e possibilidades, flexibilizações de fronteiras porque, se não se sabe totalmente o que é a Sinfonia Canção Nova, o que é “a Vida” e o que é o “novo”, as fronteiras entre a “Vida” e a não-vida, entre o “novo” e o “velho”, entre Sinfonia Canção Nova e música “do mundo”, ficam permanentemente abertas. Como resolver a passagem entre o “novo” de Deus e o “velho” “do mundo” é o seu dom, seu desafio e sua possibilidade de existência. Esta etnografia mostrou inúmeros casos em que vivi relações de fronteira com a Canção Nova. Mas gostaria de fechar essa tese com dois exemplos que não foram tratados no percurso.

A identificação da sociedade capitalista moderna e de suas obras, grosso modo, como o “velho” - ou, no limite, com o império do demônio - não faz com que a Canção Nova as rejeite de modo algum. Ao contrário, ela os adota. Ela dirá que se trata de transformar “velho” em “novo” e, assim sendo, o “velho renovado” não só é permitido como recomendado. Inclusive no âmbito da política. Dentre outros casos, a comunidade, nas últimas eleições para Presidente da República circulou carta<sup>98</sup>, por mala direta, na qual seu fundador indicava a votação no candidato que “comunga dos ideais na Canção Nova, há um longo tempo”; “que é católico praticante, convicto de suas obrigações

---

<sup>98</sup> Carta *A você que quer um Brasil melhor*, 2006. Disponível em: <http://www.ascr.com.br/noticias/noticia2006009.asp>. Acesso em 22/10/2006. Publicado em 20/10/2006.

cristãs”; “é uma pessoa que evolui sempre na direção do bem: é simples, é ético, é trabalhador” e “que tem proximidade com a nossa comunidade, desde o início, o que nos é motivo de orgulho”: Geraldo Alckmin (Abib, 2006). O candidato recomendado – portanto pertencente à “nova” política – é aquele que compartilha dos ideais da Canção Nova; que cumpre as obrigações cristãs (frequenta missas e os sacramentos da Igreja), é ético (aqui, parece uma referência aos escândalos de corrupção vividos pelo governo do PT em 2006) e tem proximidade com a Canção Nova (mantém uma relação de intimidade com a comunidade, cumprindo o princípio de vida fraterna e integrando a “família Canção Nova”). Ou seja, embora sendo político, profissão normalmente reputada de forma genérica ao que é “velho”, a Canção Nova aproxima o candidato apoiado dos parâmetros do “homem novo”, que têm como medida os princípios morais e religiosos seguidos pela Canção Nova. Além disso, podemos dizer que, ao indicar publicamente um candidato específico à presidência da República, está assumindo um engajamento político (velho) em nome da missão evangélica prevista na Sinfonia Canção Nova (“eterno novo”). Preparar para o “final dos tempos”, no caso da política, seria ensinar os homens a reconhecerem o que há de “novo verdadeiro” na “velha” política (seguindo o exemplo, o “novo” seria o candidato Alckmin) e o que há de “velho” naquela que se diz nova política, mas é falsamente “nova” e, portanto, “do mundo” (seguindo o exemplo, seria o candidato do PT).

Na mesma direção, outro exemplo é a relação da comunidade com a produção de bens materiais de cunho religioso e com a promoção de shows com estilo semelhante aos encontrados da sociedade secular atual, apesar do seu enfoque religioso. Tanto a propósito da comercialização de bens materiais quanto sobre a promoção de shows, ambos com feições modernas, a Comunidade Canção Nova explica que, embora a forma

seja a mesma daquelas “do mundo”, o conteúdo é diferente. Reconhece que a forma que “o mundo” usa é “nova”, mas o conteúdo é “velho”. É preciso, então, infundir a eterna “novidade de Deus” naquilo que, “no mundo”, é passageiramente “novo” na forma, mas invariavelmente “velho” no conteúdo. Uma comunitária em entrevista dizia que o objetivo da Canção Nova é, sobretudo, atingir os não-evangelizados, especialmente os jovens que estão à mercê do “secularismo assediador” e são “dopados” pelas novidades “do mundo”. É preciso criar produtos de evangelização tão atraentes como os “do mundo”, sem que isso signifique ser “do mundo” (Clarinha, membro da Comunidade de Vida Canção Nova, celibatária, entrevistada em 2006). Novamente, o caminho pelo “final dos tempos”, rumo ao “mundo novo” trazido com a volta de Jesus, é o aprendizado das fronteiras entre o novo e o velho: o que há de “velho” naquilo que se diz novo num show “do mundo”, o que há de “novo” (eterno, pertencente a Deus) presente no “velho” do show “do mundo”. No encontro do “novo” com o “velho”, ambos se transformam, embora o “eternamente novo” da Canção Nova se mantenha.

O “Nossos Documentos” (2002) são revelações de Deus para os Canção Nova intuídas por padre Jonas Abib, que o escreveu enquanto ia descobrindo e possivelmente continuará escrevendo conforme for descobrindo. E porque são revelações que estão em curso, ele é um livro aberto. Olhando por essa perspectiva, o destino desta tese é estar sendo ultrapassada desde que começou a ser escrita, não somente porque ficaram muitos recortes de estudo e análise por fazer sobre o fenômeno Canção Nova, mas também porque, a esta hora, os Canção Nova já descobriram novas partes da sua sinfonia.

\*

## Referências bibliográficas

ABIB, Jonas. Céus Novos e Terra Nova. São Paulo: Canção Nova, 2003.

\_\_\_\_\_. Canção Nova: Uma obra de Deus: Nossa história, identidade e missão. São Paulo, SP: Canção Nova, 2000.

\_\_\_\_\_. Considerai como crescem os lírios. São Paulo: Canção Nova, 2000b.

\_\_\_\_\_. “Coração de Jesus, fonte de toda consolação”. Revista Canção Nova, 2004, Ano IV, nº 42, p. 04.

\_\_\_\_\_. Carta A você que quer um Brasil melhor, 2006. Disponível em: <http://www.ascr.com.br/noticias/noticia2006009.asp>. Acesso em 22/10/2006. Publicado em 20/10/2006.

AGOSTINHO, Santo. A Cidade de Deus. Petrópolis: Vozes, 1990.

\_\_\_\_\_. Confissões. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

AMARAL, Leila. “As implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade”. *Religião e Sociedade*, 17 (1-2) : 54-74. Rio de Janeiro: ISER, 1996.

\_\_\_\_\_. “Nova Era: um movimento de caminhos cruzados”. Nova Era: um desafio para os cristãos. São Paulo, SP: Paulinas, 1994.

\_\_\_\_\_. Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

AQUINO, São Tomás de. *Compêndio de Teologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BATESON, Gregory. *Pasos hacia una ecología de la mente*. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1985a.

\_\_\_\_\_; JACKSON, D.D.; HALEY, J. AND WEAKLAND, J.H.: "Toward a Theory of Schizophrenia", en *Double Bind. The Foundation of the Communicational Approach to the Family*. New York: Grunne & Stratton, 1985b.

\_\_\_\_\_. *Naven: a survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view*. Stanford: Stanford University, 1958.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo. Atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BENEDETTI, Luiz. (1988), Templo, Praça, Coração: a articulação do campo religioso católico. Tese de Doutorado em Sociologia, USP, São Paulo.

BERGER. & Luckmann, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BIRMAN, Patrícia. “Males e malefícios no discurso neopentecostal”. O mal a brasileira. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

BOFF, Leonardo. Nova Era: A Civilização Planetária. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. Ecologia, mundialização, espiritualidade, Ática: São Paulo, 1993.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. “TV Católica Canção Nova: Providência e Compromisso X Mercado e Consumismo”. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro - RJ, v. 24, n. 1, p. 113-123, 2004.

BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade. O homem e a mulher e a Renúncia Sexual no Início do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1990.

BRUSEKE, Franz Josef. “Romantismo, Mística e Escatologia Política”. *LUA NOVA*, n.62, 2004, pp. 21-44, 2004.

CAMPBELL, Colin. “A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio”. *Religião e Sociedade*, 18 (1), pp.5-22. Rio de Janeiro: ISEER 1997.

\_\_\_\_\_, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAMURÇA, Marcelo. “A Nova Era diante do cristianismo histórico: interlocutor ou objeto de estudo”? *Atualidade em debate*, caderno 50. Rio de Janeiro: IBRADES, 1997.

\_\_\_\_\_. “Sombras na Catedral: a influência New Age na Igreja Católica e o holismo da Teologia de Leonardo Boff e Frei Betto”, *Numem, Revista de Estudo e Pesquisa da religião*. Vol. 1, nº 1, p. 82-125. Juiz de Fora: NEPREL/UFJF, 1998

\_\_\_\_\_. Renovação Carismática Católica: entre a tradição e a modernidade: Minicurso na UFJF, 1999.

CAPRA, Fritjof. O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Curtrix, 1983.

CARNEIRO, Sandra Sá. “Trajetórias espirituais enquanto projeto na modernidade”. Trabalho apresentado na VII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, 1998.

CARRANZA, Brenda. Renovação carismática: origens, mudanças e tendências. Aparecida do Norte, SP: Editora Santuário, 2000.

CARROL, Lewis. Alice no país das maravilhas. São Paulo: Scipione, 2006.

COMUNIDADE CANÇÃO NOVA. Nossos Documentos, São Paulo: Ed. Canção Nova, 2002.

COMUNIDADE CANÇÃO NOVA. Nossos Estatutos, São Paulo: Ed. Canção Nova, sd.

COMBLIN, Josef. O provisório e o definitivo. São Paulo: Herder, 1968.

CRAPANZANO, Vicent. Horizontes Imaginativos e o aquém e o além. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, V. 48 N° 1, 2005.

CSORDAS, Thomas. Language, Charisma, and Creativity: The ritual life of a religious movement. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1997.

DA MATTA. “O ofício do etnógrafo ou como ter” anthropological blues” A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

D’ANDREA, Anthony. O Self Perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais. São Paulo: Loyola, 2000.

DOUGLAS, Mary. “Poderes e Perigos”. Pureza e Perigo. Lisboa: Ed. 70, 1990.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. “A pulsão romântica nas ciências humanas no ocidente”. RBCS, São Paulo: Anpocs, vol. 19, n°. 55, p. 5-18, 2004.

DUARTE, L. F. D; JABOR, J. M.; GOMES, E. ; LUNA, N.. “Família, reprodução e ethos religioso: uma pesquisa qualitativa no Rio de Janeiro”. VIII Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2005.

\_\_\_\_\_ ; GIUMBELLI, E. “As concepções cristã e moderna da Pessoa: paradoxos de uma continuidade”. Anuário Antropológico, Brasília, v. 93, 1995.

\_\_\_\_\_. “O culto do Eu no Templo da Razão”. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, nº41, 1983.

DUMONT, Louis. O individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. Introdução; capítulos I e II; Conclusão, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. A divisão social do trabalho. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_ & MAUSS, M. “Algumas formas primitivas de classificação”, Ensaio de Sociologia, São Paulo: Editora perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_ DURKHEIM, Émile. “O individualismo e os intelectuais”. A ciência social e a ação. Lisboa: Livraria Bertrand, 1975.

ELIADE, Mircea. O mito do eterno retorno, Lisboa: Edições 70, 1985.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Cadernos de Campo, São Paulo, ano 14, n. 13, 155-161, 2005.

FERREIRA Jonatas. “Da vida ao Tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno”, RBCS, São Paulo: Anpocs, vol.15, nº.44, p. 103-117, 2000.

FREI BETTO. A Obra do Artista. Editora Ática, São Paulo, 1995

FREI BETTO & BOFF, Leonardo. Mística e espiritualidade. 4a ed., Rio de Janeiro: Rocco (1999)

FRESTON, Paul. A Igreja Universal do Reino de Deus. Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1975.

Goldman, Márcio. “Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos”. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Revista de Antropologia. vol.46 no.2 São Paulo, 2003.

GOMES, Edlaine de Campos; NATIVIDADE, M. T. Para além da família e da religião: segredo e exercício da sexualidade. Religião & Sociedade, v. 26, p. 41-58, 2006.

GUINSBURG, J. (org.). O romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HEBRARD, Monique. Os Carismáticos. Porto, Portugal, Editorial Perpétuo Socorro, 1992.

HEELAS, Paul- “A Nova Era no contexto cultural: pré-moderno, moderno e pós-moderno”. Religião e Sociedade, v. 17, nº 1-2. Pentecostes e Nova Era: fronteiras, passagens. Rio de Janeiro: ISER, 1996.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. “Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?” Religião e Sociedade, vol. 18, nº 1, Rio de Janeiro: CER/ISER, 1997.

\_\_\_\_\_. «Le pèlerin et le converti ». La religion em mouvement. Paris: Flammarion, 1999.

LEFORT, Claude. 1979. "A troca e a luta dos homens". In: As formas da história: ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1956. Tristes Trópicos. São Paulo: Anhembi.

LÉVI-STRAUSS, C. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis, Vozes, 1982.

LÖWY, M. Revolta e melancolia. O romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1995.

MACHADO, Maria das Dores. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: Autores Associados/ Anpocs, 1996.

\_\_\_\_\_ & MARIZ, Cecília. “Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais”. In: Comunicações do ISER, nº 45, Rio de Janeiro, 1994

\_\_\_\_\_ & MARIZ, Cecília. “Mudanças recentes no campo religioso brasileiro”. Revista Antropológica: UFF, 1998.

MAFRA, Clara. Na posse da palavra: religião, conversão religiosa e liberdade pessoal em dois contextos sociais. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – MN/UFRJ, 1999.

MANSFIELD, Patti. Como um novo pentecostes. Rio de Janeiro: Louva-Deus, 1995.

MARIZ, Cecília . “Comunidades de Vida no Espírito: Um novo modelo de Família?”. VIII Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2005.

\_\_\_\_\_. “Rainha dos Anjos: A aparição de Maria em Itaipu, Niterói”. In: STEIL, Carlos A., MARIZ, Cecília L. & REESINK, Mísia L. (2003) (organizadores) Maria entre os vivos: Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2003).

\_\_\_\_\_. “A Teologia da Batalha Espiritual: Uma revisão bibliográfica”, Rio de Janeiro: BIB, p. 33-48, 1999.

\_\_\_\_\_. “A Rede Vida: o catolicismo na TV”. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, v. 7, n. 20, p. 41-55, 1998.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Bailando com o Senhor: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais)”. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 9-40, 2003.

\_\_\_\_\_. “Algumas técnicas corporais na Renovação Carismática Católica”. Ciencias Sociales Y Religión, Porto Alegre: ano 2, nº 2, 2000.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva”. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Edusp, 1974a.

\_\_\_\_\_. “A noção de Pessoa e a noção do Eu”. In: Antropologia e sociologia. 1974b.

MIRANDA, Júlia. Carisma, Sociedade e Política: Novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia Política, 1999.

NETO, Edgar Rodrigues Barbosa. A Nostalgia da Origem: O grupo de Oração da Renovação Carismática Católica, Pelotas, RS. Monografia apresentada na UFRS, 1997.

NOVAES, Regina Reyes. De Corpo e Alma - Catolicismo, Classes Sociais e Conflitos no Campo. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1987.

OLIVEIRA, Eliane Martins de. “Canção Nova, homens novos, mundo novo: entre o velho dos tempos de hoje e o novo do fim dos tempos”. In: XIII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2007, Recife, PE.

\_\_\_\_\_. “Comunidade Secreta? Labirintos na Comunidade Canção Nova”, In: 25º Reunião Brasileira de Antropologia, 2006, Goiânia.

\_\_\_\_\_. “‘O mergulho no Espírito de Deus’: interfaces entre o catolicismo carismático e a Nova Era”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 24, nº 1, p. 85-112, 2004.

\_\_\_\_\_. *Comunidade de Vida no Espírito. Um estudo sobre o ideal comunitário-religioso da Comunidade Carismática Canção Nova. Projeto de doutorado, CPDA/UFRRJ, 2004.*

\_\_\_\_\_. *O mergulho no Espírito de Deus: diálogos (im) possíveis entre a Nova Era e a Renovação Carismática Católica na Comunidade de Vida no Espírito Canção Nova. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, UERJ, Rio de Janeiro, 2003.*

\_\_\_\_\_. *Músicas que tocam corações: uma abordagem sobre o discurso musicado da Renovação Carismática Católica. Monografia. Rio de Janeiro:UERJ, 1999.*

OLIVEIRA, Pedro R. “Movimentos Carismáticos na América Latina”. *Cadernos do ISER*, nº 5. Rio de Janeiro: ISER, 1975.

\_\_\_\_\_; Boff, Leonardo; Libânio, João Batista; Bettencourt, Estevão. *Renovação Carismática Católica: uma análise sociológica. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.*

ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica. Petrópolis: Vozes, 1996*

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.*

PEREIRA, Edílson. *O Espírito da Comunidade: Passagens entre o mundo e o sagrado na Canção Nova. Dissertação de mestrado, IFCS/UFRRJ: Rio de Janeiro, 2008.*

PÉREZ, María José Lucerga. *La perspectiva interactiva y el concepto de metacomunicación en la obra batesoniana: el discurso publicitario juvenil como ejemplo de doble vínculo. Tese de doutorado, Universidad de Murcia, Espanha, 1996.*

PESSOA, Fernando. *O Guardador de Rebanhos e outros poemas. Editora Cultrix, 1997*

PITT-RIVERS, Julian. “El lugar de la gracia en la antropología”. Pitt-Rivers, J. & Peristiany, J.G (eds). *Honor y gracia. Madrid, Alianza ed(1992).*

POLANYI, Karl. “O moinho satânico”. In: *A Grande Transformação. Rio de Janeiro, Campus, 2000.*

PRANDI, Reginaldo. Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 1997.

RAHM, Haroldo & Lamego, Maria J. R. Sereis Batizados no Espírito. São Paulo, Edições Loyola, 1972.

REDFIELD, Robert. "The Little Community as a Whole". The Little Community and Peasant Society and Culture. Chicago: The University of Chicago Press. 1965

SANCHIS, Pierre. "Catolicismo, entre Tradição e Modernidades". Comunicações do ISER, Rio de Janeiro, n.44, 1993.

SALLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e Relações Sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. Estudios sobre teoria social. Buenos Aires: Amorrortu, 1974.

SILVEIRA, Emerson Sena. Tradição e modernidade na Renovação Carismática Católica: um estudo dos rituais, subjetividades e mito de origem. Dissertação de mestrado, UFJF, 2000.

SIMMEL, Georg. Sobre la individualidad y las formas sociales: escritos escogidos /Georg Simmel; introducción y edición por Donald N. Levine. Buenos Aires : Universidad Nacional de Quilmes Ediciones, 2002.

\_\_\_\_\_. "O segredo". Tradução Simone Carneiro Maldonado. Revista Política e Trabalho. Programa de Pós-Graduação em Sociologia: Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa, <http://www.geocities.com/ptreview/15-simmel.html>, 1999.

\_\_\_\_\_. "A Metrópole e a Vida Mental". VELHO, Otávio G (org.) O Fenômeno Urbano. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.

\_\_\_\_\_. "El Secreto y la Sociedad Secreta". In: Sociología. Estudios sobre las Formas de Socialización. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1939.

SOARES, Luiz Eduardo. A duplicidade da cultura brasileira. In: SOUZA (org.) O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília: UNB, 1999.

STEIL, Carlos. As aparições marianas na história recente do catolicismo. In: Carlos Alberto Steil; Cecília Loreto Mariz; Mísia Lins Reesink. (Org.). Maria entre os vivos. Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 19-36, 2003.

\_\_\_\_\_. A igreja dos Pobres: da secularização à mística. *Religião e Sociedade*, 19 (2): 61-76. Rio de Janeiro: ISER, 1998.

TAROT, Camille. “Pistas para uma história do nascimento da dádiva”. A dádiva entre os modernos: Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidad y asociación. El comunismo y el socialismo como formas de vida social*. Barcelona: Ed. Peninsula, 1979.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, Petrópolis: Vozes, 1974.

VELHO, Otávio. Epistrophê: Do Duplo Vínculo às Antinomias e de Volta. *Revista de Estudos da Religião*, PUC:São Paulo, pp. 123-144, 2007.

[www.pucsp.br/rever/rv3\\_2007/i\\_velho.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2007/i_velho.pdf)

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O nativo relativo”, *Mana*, Nº 8 (1), p. 113-148, 2002.

WEBER, Max. *Economia y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

\_\_\_\_\_. “As seitas protestantes e o espírito do capitalismo”. *Ensaio de Sociologia*, 5ª edição, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, Rio de Janeiro, 1982

\_\_\_\_\_. “Rejeições religiosas do mundo e suas direções”. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982.

\_\_\_\_\_. “A psicologia social das religiões mundiais”. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982.

\_\_\_\_\_. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

WHITROW, G. J. 1993. *O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

## **DOCUMENTOS**

Evangelii Nuntiandi. Documento de Exortação Apostólica. Papa Paulo VI, 1976.  
[http://www.vatican.va/latest/latest\\_po.htm](http://www.vatican.va/latest/latest_po.htm)

Familiaris Consortio. Documento de Exortação Apostólica. Papa João Paulo II, 1981.  
[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_19811122\\_familiaris-consortio\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio_po.html)

Humanae Vitae. Carta Encíclica. Papa Paulo VI, 1968

[http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_25071968\\_humanae-vitae\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae_po.html)

Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades. Subsídios Doutriniais da CNBB, Paulinas: São Paulo, 2006

Lúmen Gentium. Documento Constituição Dogmática. Papa Paulo VI, 1975

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)

Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática, CNBB, nº 53, São Paulo, Editora Paulinas, 1994.

Vita Consecrata. Documento de Exortação Apostólica. Papa João Paulo II. Vaticano, 1996.

## **MÚSICAS**

SÁ, Ricardo. Ou santos ou nada. Louvemos o Senhor. Campinas: Editora Associação do Senhor Jesus, 2003.

## **SITES**

[www.focolares.org.br](http://www.focolares.org.br)

<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=240422>, em 31/08/07.

<http://www.cancaonova.com/portal/canais/mensagemdia/luzia/biografia.php>

[http://www.fazenda.org.br/quemsomos\\_historico.php](http://www.fazenda.org.br/quemsomos_historico.php)

[www.novascomunidades.org.br/](http://www.novascomunidades.org.br/)

[www.orkut.com.br](http://www.orkut.com.br)

[http://www.politicabr.com.br/index.asp?ref=noticias\\_ver&id=873](http://www.politicabr.com.br/index.asp?ref=noticias_ver&id=873)